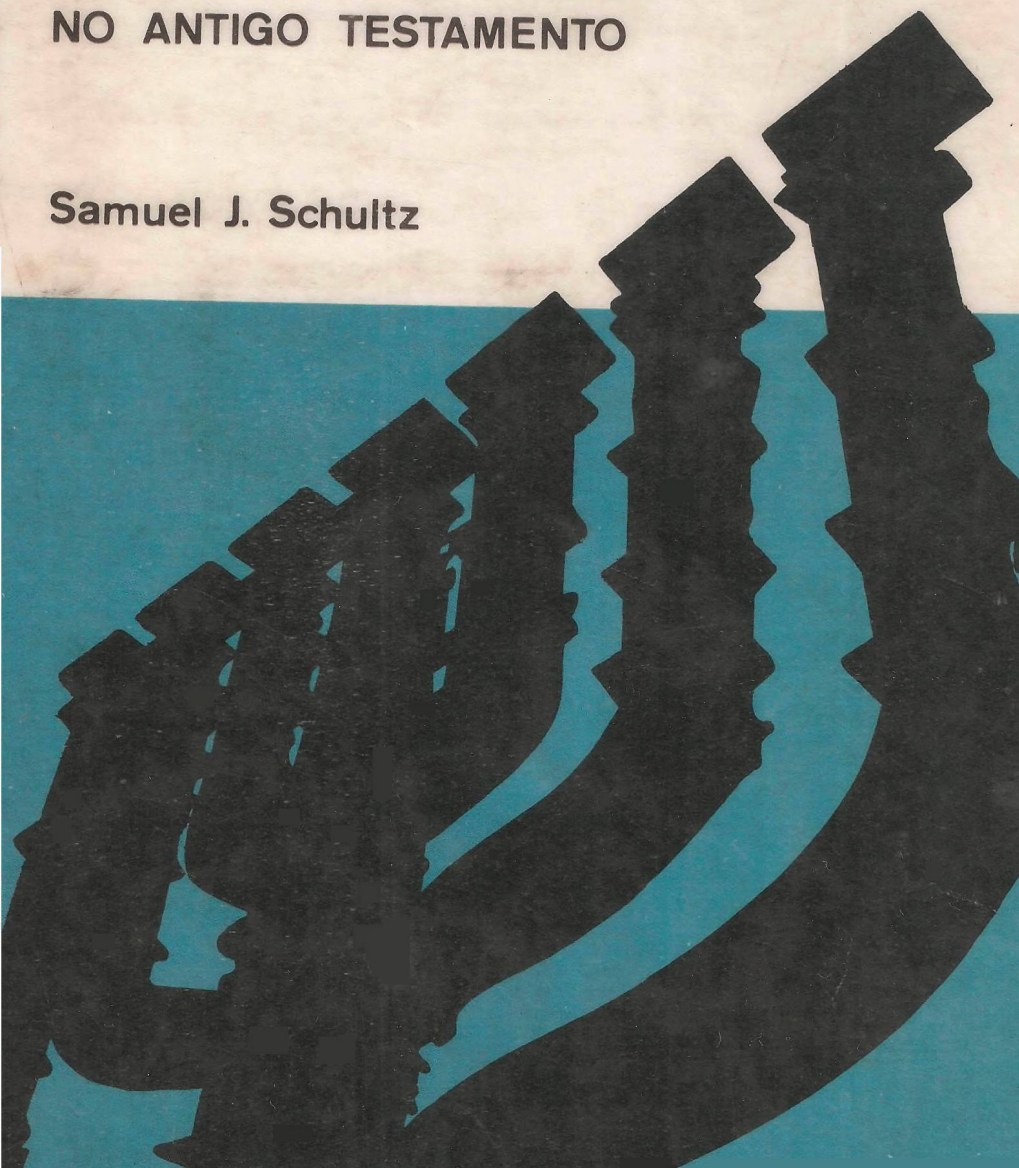


# a história de Israel

NO ANTIGO TESTAMENTO

Samuel J. Schultz



***A HISTÓRIA  
DE  
ISRAEL  
NO  
ANTIGO TESTAMENTO***

**Dedicado a minha esposa, EYLA JUNE**



**Mazinho Rodrigues!**  
*Um Instrumento Escolhido... At 9.15.*

**Samuel J. Schultz**

***A HISTÓRIA  
DE  
ISRAEL  
NO  
ANTIGO TESTAMENTO***

***SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA  
Caixa Postal 21486, São Paulo – SP CEP 04698***



**TÍTULO ORIGINAL:**

**THE OLD TESTAMENT SPEAKS**

Edição em Inglês

Copyright (c) 1960, 1970 por Samuel J. Schultz

Publicado por Harper e Row, Publishers, New York 16, New York

**TRADUÇÃO:**

João Marques Bentes

Edição em Português:

Copyright (c) 1977, Outreach, Inc

Direitos para a língua portuguesa adquiridos e reservados pela:

**OUTREACH, INC**

P. O. Box 1000

Grand Rapids, Michigan 49501

Primeira Edição: 1977

Reimpressão: 1980

Reimpressão: 1984

**DISTRIBUIÇÃO:**

**SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA**

Caixa Postal 21486, São Paulo – SP CEP 04698

Impresso nas oficinas da  
Associação Religiosa  
Imprensa da Fé  
C.P. 18918  
São Paulo - Brasil

## Conteúdo

PREFÁCIO	xi	
INTRODUÇÃO — O ANTIGO TESTAMENTO		1
Origem e Conteúdo	1	
Transmissão do Texto Hebraico	2	
As Versões	3	
Significado	4	
I. PERÍODO DOS COMEÇOS		11
A Narrativa da Criação	13	
A Queda do Homem e Suas Conseqüências		14
O dilúvio: Juízo de Deus Contra o Homem		15
O Novo Começo do Homem	16	
II. A ERA PATRIARCAL		19
O Mundo dos Patriarcas	19	
<i>Mesopotâmia • Egito • Canaã</i>		
Geografia	26	
A Narrativa Bíblica	29	
<i>Abraão • Isaque e Jacó • José</i>		
III. EMANCIPAÇÃO DE ISRAEL		43
Eventos Contemporâneos	43	
<i>O Novo Reino</i>		
Religião no Egito	45	
Data do Êxodo	46	
Narrativa Bíblica	48	
<i>Opressão sob Faraó • A Preparação de um Líder • Conflito com Faraó • A Páscoa • A Rota para o Monte Sinai</i>		
IV. A RELIGIÃO DE ISRAEL		55
O Pacto	57	
<i>O Decálogo</i>		

## VI

Preceitos para uma Vida Santa	58
O Santuário	59
O Sacerdócio	61
As Oferendas	63
<i>Holocaustos • Ofertas pacíficas • Ofertas pelo pecado • Ofertas pela transgressão • Ofertas de manjares</i>	
Festas e Estações Determinadas	66
<i>Sábado • Lua nova e festa das trombetas • Ano sabático • Ano de Jubileu • Festas Anuais • Páscoa e festa dos pães asmos; festa das semanas; festa dos tabernáculos; dia da expiação</i>	

## V. PREPARAÇÃO PARA A NACIONALIDADE 73

Organização de Israel	73
Peregrinações pelo Deserto	76
Instruções para a Entrada em Canaã	80
Retrospecto e Antecipação	82

## VI. A OCUPAÇÃO DE CANAÃ 87

Memórias de Canaã	87
Era de Conquistas	90
<i>Entrada em Canaã • A conquista • Divisão de Canaã</i>	
Quando Governavam os Juizes	100
<i>Juízes e nações opressoras • Condições religiosas, políticas e sociais</i>	

## VII. TEMPOS DE TRANSIÇÃO 113

Nações Vizinhas	113
Sob a Liderança de Eli e Samuel	116
O Primeiro Rei de Israel	120

## VIII. UNIÃO DE ISRAEL SOB DAVI E SALOMÃO 125

União e Expansão Davídicas	125
<i>O rei de Judá • Jerusalém — capital da nação • Prosperidade e supremacia • Pecado na família real • Retrospecto e Perspectivas para o futuro</i>	
A era Áurea de Salomão	138
<i>Estabelecimento no trono • Organização do reino • Construção do templo • Dedicção do templo • Extensos projetos de construção • Negócios, comércio e rendimentos • A apostasia e suas conseqüências</i>	

## IX. O REINO DIVIDIDO 151

Cronologia	152
Datas Importantes	154

	Narrativa Bíblica	15	
	Eventos Simultâneos	158	
	<i>O reino da Síria • O grande império assírio</i>		
X.	A SECESSÃO NORTISTA	165	
	A Família Real de Jeroboão	165	
	A Dinastia de Baasa	167	
	Os Governantes da Casa de Onri	167	
XI.	OS LEGALISTAS DO SUL	177	
	O Reino de Reoboão	177	
	Abias Continua a Idolatria	178	
	Asa Inicia a Reforma	179	
	Josafá — Administrador Piedoso	180	
	Jeorão Reverte à Idolatria	183	
	Acazias Promove o Baalismo	183	
XII.	REVOLUÇÃO, RECUPERAÇÃO E RUÍNA	185	
	A Dinastia de Jeú	185	
	<i>Jeoacaz • Jeoás • Jeroboão II • Zacarias</i>		
	Os Últimos Reis	188	
	<i>Salum • Menaém • Pecaías • Peca • Oséias</i>		
XIII.	JUDÁ SOBREVIVE ANTE O IMPERIALISMO ASSÍRIO	193	
	Atalia — Um Reinado de Terror	193	
	Joás — Reforma e Relapso	194	
	Amazias — Vitória e Derrota	195	
	Uzias ou Azarias — Prosperidade	196	
	Jotão — Política Anti-Assíria	199	
	Acaz — Administração Pró-Assíria	199	
	Ezequias — Um Rei Justo	200	
	Manassés — Idolatria e Reforma	205	
	Amom — Apostasia	207	
XIV.	O DESVANECIMENTO DAS ESPERANÇAS DOS REIS DAVIDICOS	209	
	Era de Otimismo sob Josias	209	
	Supremacia Babilônica	213	
	<i>Joacaz • Jeoaquim • Joaquim • Zedequias</i>		
XV.	OS JUDEUS ENTRE AS NAÇÕES	219	
	Babilônia — 626 — 539 a. C.	220	
	<i>Nabopolassar • Nabucodonosor • Evil-Merodaque • Neri-glissar • Nabonido</i>		

# VIII

Pérsia — 539 — 400 a. C.	228
<i>Ciro o Grande • Cambises • Dario I • Xerxes I • Artaxerxes I</i>	
Condições do Exílio e Esperanças Proféticas	235

XVI.	A BOA MÃO DE DEUS	241
	Jerusalém é Restabelecida	241
	<i>Retorno da Babilônia • Instalação em Jerusalém • O novo templo</i>	
	A História de Ester	247
	<i>Judeus na corte persa • Ameaça contra o povo judeu • O triunfo dos judeus</i>	
	Esdras, o Reformador	251
	<i>Retorno de Esdras • A Reforma em Jerusalém</i>	
	Neemias, o Governador	254
	<i>Comissionado por Artaxerxes • Sua missão em Jerusalém • Reformas sob Esdras • Programa e normas políticas de Neemias</i>	
XVII.	A INTERPRETAÇÃO DA VIDA	265
	Jó — O Problema do Sofrimento	265
	Salmos — A Hinologia de Israel	271
	Provérbios — Uma Antologia de Israel	273
	Eclesiastes — Uma Investigação da Vida	277
	Cantares de Salomão	280
XVIII.	ISAÍAS E SUA MENSAGEM	285
	Com o Profeta em Jerusalém	285
	Os Escritos de Isaías	288
	Análise de seu Livro	289
XIX.	JEREMIAS — HOMEM DE RESISTÊNCIA	309
	Um Ministério de Quarenta Anos	309
	O Livro de Jeremias	313
	Lamentações	326
XX.	EZEQUIEL — O A GALAIA DE ISRAEL	329
	Um Profeta Entre os Exilados	329
	O Livro de Ezequiel	333
XXI.	DANIEL — ESTADISTA E PROFETA	349
	Durante o Reinado de Nabucodonosor	350
	A era de Nabonido-Belsazar	353
	Nos Tempos Medo-Persas	356

XXII.	EM TEMPOS DE PROSPERIDADE	361
	Jonas — A Missão em Nínive	362
	Amós — Boiadeiro e Profeta	365
	Oséias — O Mensageiro do Amor de Deus	368
XXIII.	ADVERTÊNCIAS A JUDÁ	375
	Joel — O Crucial dia do Senhor	375
	Miquéias — Um Reformador em Tempos Turbulentos	377
	Sofonias — O dia de ira e de Bênção	381
XXIV.	NAÇÕES ESTRANGEIRAS NA PROFECIA	385
	Obadias — O Orgulho de Edom	385
	Naum — A Sorte de Nínive	386
	Habacuque — O uso que Deus fez dos Caldeus	388
XXV.	PARA ALÉM DO EXÍLIO	391
	Os Tempos de Reconstrução de Jerusalém	391
	Ageu — Promotor do Programa de Construção	392
	Zacarias — Israel no Palco do Mundo	394
	Malaquias — Advertência Profética Final	399
	ÍNDICE DAS PASSAGENS BÍBLICAS	401
	ÍNDICE DOS MAPAS	405
	ÍNDICE DE NOMES E ASSUNTOS	407

**GRÁFICOS**

I. A Civilização nos Tempos Patriarcais	20
II. O Calendário Anual	56
III. Estabelecimento de Israel em Canaã	86
IV. Reis e Profetas — Reino Dividido	150
V. Tempos de Exílio	218
VI. Os Tempos de Isaías	284
VII. Os Tempos de Jeremias	308
VIII. A Cronologia de Ezequiel	330

**MAPAS**

O Mundo dos Patriarcas	21
A Rota do Êxodo	51
A Conquista de Canaã	95
A Divisão das Tribos	99
A Era de Transição	115
O Império de Davi	127
O Reino Dividido, Cerca de 860 a. C.	164
O Império Assírio, Cerca de 700 a. C.	203
O Reino de Josias, Cerca de 625 a. C.	208
O Império Babilônico, Cerca de 600 a. C.	221
O Império Persa, Cerca de 500 a. C.	229
A Palestina Pós-exílica, Cerca de 450 a. C.	243

## PREFÁCIO

A Bíblia está viva hoje. O mesmo Deus que falou e agiu no passado confronta os homens desta geração com a Palavra escrita, segundo está preservada no Antigo Testamento. O conhecimento que temos das culturas antigas, onde esse registro se originou, aumentou muito mediante as descobertas arqueológicas e a expansão dos limites da erudição bíblica. A preparação desta pesquisa, cujo fito é familiarizar o estudante universitário e o leitor leigo com a literatura e a história do Antigo Testamento, foi motivada por mais de uma década de experiências em salas de aula. Neste volume esforço-me por oferecer um esboço de todo o Antigo Testamento à luz de recentes descobertas.

Em meus primeiros estudos universitários recebi do falecido dr. Robert H. Pfeiffer, na Universidade de Harvard, bem como dos drs. Allan A. MacRae e R. Laird Harris, no Faith Theological Seminary, conhecimento bem amplo da interpretação do Antigo Testamento. Devo a esses homens a compreensão crítica dos problemas básicos com que se defronta o erudito do Antigo Testamento. Consciente do conflito existente no pensamento religioso contemporâneo acerca da autoridade das Escrituras, foi elaborado o ponto de vista bíblico sobre a revelação e a autoridade como base para uma devida compreensão do Antigo Testamento (veja a Introdução). Visto que esta análise se fundamenta na forma literária do Antigo Testamento, conforme nos tem sido transmitida, as questões de autoria são analisadas apenas ocasionalmente e os fatos pertinentes à crítica literária são mencionados só de passagem.

Oferecemos diagramas que ajudam o leitor a fazer uma integração cronológica dos eventos do Antigo Testamento. As datas relativas aos períodos mais antigos continuam sujeitos a uma reavaliação. Qualquer data antes da época de Davi deve ser considerada como uma aproximação. Quanto ao reino davídico, segui o esquema cronológico de Edwin H. Thiele. Posto que os nomes dos reis de Judá e de Israel constituem um problema para o leitor médio, apresentei as variantes usadas nesse livro, às páginas 155-157.

O objetivo dos mapas é ajudar o leitor a compreender melhor os fatores geográficos, no que afetarem a história da época. As fronteiras frequentemente mudavam. As cidades eram destruídas e reconstruídas de acordo com a sorte dos reinos que ascendiam e caíam.

É com prazer que reconheço minha dívida de gratidão ao dr. Gwight Wayne Young, da Universidade de Brandeis, por ter lido este manuscrito em sua inteireza e por haver oferecido críticas construtivas do princípio ao



fim. Também desejo expressar minha apreciação ao dr. Burton Goddard e a William Lane da Faculdade Teológica Gordon, bem como ao dr. John Graybill, da Faculdade Bíblica Barrington, que leram as primeiras versões. Devo agradecimentos especiais a meu amigo. George F. Bennett, cujo interesse e conselhos foram uma fonte contínua de encorajamento.

Desejo exprimir agradecimentos à administração do Wheaton College por ter-me permitido ausentar-me a fim de completar o manuscrito, à Associação de alunos do Wheaton College pela subvenção para a pesquisa, e à Igreja Batista de South Shore, de Hingham, Massachusetts, por ter proporcionado os recursos necessários à pesquisa e à redação. Estou agradecido pelo interesse e encorajamento demonstrados por meus colegas do Departamento de Bíblia e Filosofia do Wheaton College, sobretudo ao dr. Kenneth S. Kantzer, que assumiu as responsabilidades de direção durante minha ausência.

A Elaine Noon estou grato pelo extremo cuidado com que datilografou o manuscrito inteiro. Igualmente pela ajuda prestada pelos bibliotecários das bibliotecas Andover-Harvard e Zion Research. Reconheço a dívida para com Carl Lindgren, da Scripture Press, pelos mapas que há neste volume.

Acima de tudo, este projeto não se teria concretizado sem a cooperação voluntária de minha família. Minha esposa, Eyla June, leu e releu cada palavra, tendo oferecido críticas valiosas, ao passo que Linda e David aceitaram bondosamente as mudanças que este empreendimento impôs à vida de nossa família.

S.J.S.

Wheaton College,  
Wheaton, Illinois  
Janeiro de 1960

# Introdução: O Antigo Testamento

O interesse pelo Antigo Testamento é universal. Milhões de pessoas examinam suas páginas para descobrir os primórdios do judaísmo, do cristianismo ou do islamismo. Inúmeros outros são atraídos por sua excelência literária. Eruditos estudam diligentemente o Antigo Testamento quanto à contribuição arqueológica, histórica, geográfica e lingüística que ele faz em direção de uma compreensão melhor da cultura do Oriente Próximo anterior à era cristã.

O lugar Ocupado pelo Antigo Testamento na literatura mundial é singular. Nenhum livro - antigo ou moderno - tem exercido tão grande atração por todo o mundo, sido transmitido com tão extremo cuidado, e recebido distribuição tão grande. Aclamado por estadista e criados, por eruditos e iletrados, por ricos e pobres, o Antigo Testamento chega até nós como um livro vivo. Fala pungentemente a cada geração.

## Origem e Conteúdo

Do ponto de vista literário, os trinta e nove livros que constituem o Antigo Testamento e que os protestantes aceitam podem ser divididos em três grupos. Os primeiros dezessete - de Gênesis a Ester, inclusive - apresentam a narrativa do desenvolvimento histórico de Israel até o final do século V a. C. Outras nações só participam do quadro naquilo que se vinculam à história de Israel. A narrativa histórica se interrompe bem antes dos dias de Cristo, de tal modo que há um intervalo de quatro séculos entre o Antigo e o Novo Testamentos. A literatura apócrifa, adotada pela Igreja Católica, se desenvolveu durante esse período, mas jamais foi reconhecida pelos judeus como parte de seus livros sagrados, ou seja, o "cânion".

Cinco livros - Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares de Salomão - são classificados como literatura de sabedoria e poesia. Sendo bastante genéricos em sua natureza, não estão intimamente relacionados a quaisquer incidentes particulares da história de Israel. Quando muito, somente uns poucos salmos podem ser associados a eventos nos livros históricos.

Os dezessete livros restantes registram as mensagens dos profetas, os quais surgiram de tempos em tempos para declarar a Palavra de Deus. O pano de fundo geral e, com freqüência, os detalhes específicos que aparecem nos livros históricos, servem de chave para a interpretação correta dessas mensagens proféticas. Por outro lado, as afirmações dos profetas contribuem para a compreensão da história de Israel.

A disposição dos livros do Antigo Testamento tem dependido do desenvolvimento histórico. Na moderna Bíblia hebraica os cinco livros da Lei são seguidos por oito livros intitulados "os Profetas" - Josué, Juizes, I e II Samuel, I e II

Reis, Isaías, Jeremias, Ezequiel e os Doze (os profetas Menores). Os onze últimos livros são chamados de “Escritos” ou Hagiógrafos - Salmos, Jó, Provérbios, Rute, Cantares de Salomão, Eclesiastes, Lamentações, Ester, Daniel, Esdras - Neemias e I e II Crônicas. A seqüência dos livros variou por diversos séculos após o Antigo Testamento ter-se completado. O emprego do códice, isto é, da disposição dos livros, introduzido durante o segundo século da era cristã, exigiu uma ordem definida de arranjo. Enquanto foram conservados em rolos separados, a ordem dos livros não se revestia de importância primária. Mas, à medida que o códice substituiu os rolos, seqüências padronizadas gradualmente se tornam usuais, tais como as que encontramos em nossas Bíblias em hebraico e em inglês.

De acordo com evidências internas, o Antigo Testamento foi escrito durante um período de aproximadamente mil anos (cerca de 1400 a 400 a. C.), por pelo menos trinta autores diferentes. A autoria de certo número de livros é desconhecida. O idioma original da maior parte do Antigo Testamento é o hebraico, um ramo da grande família de línguas semitas, que incluem o fenício, o assírio, o babilônico, o árabe e outros idiomas. Até os tempos de exílio o hebraico continuava sendo a língua falada na Palestina. Com o passar do tempo, o aramaico se tornou a língua franca do Crescente Fértil, pelo que porções de Esdras (4:8 - 6:18; 7:12-26), de Jeremias (10:11) e de Daniel (2:4 - 7:28) foram escritas nesse idioma.

### **Transmissão do Texto Hebraico**

O pergaminho, preparado com peles de animais, foi o material mais frequentemente empregado na escrita do Antigo Testamento hebraico. Devido à sua durabilidade, os judeus continuaram a usá-lo através dos períodos grego e romano, embora o papiro fosse mais abundante e mais comercialmente aceitável, como material padrão para a escrita. Um rolo médio de pergaminho media cerca de nove metros de comprimento e aproximadamente vinte e cinco centímetros de largura. Uma peculiaridade dos textos antigos é que no estado original só as consoantes eram grafadas, e que a escrita aparecia em uma linha contínua, com pouquíssima separação entre as palavras. No início da era cristã os escribas judeus mostravam-se profundamente cônscios da necessidade de transmitir com exatidão o texto hebraico. Os especialistas particulares devotados a essa tarefa, em séculos subseqüentes vieram a ser conhecidos como massoretas. Copiavam os textos com grande cuidado, chegando ocasionalmente a numerar versículos, palavras e letras de cada livro.<sup>1</sup> A maior contribuição deles foi a inserção dos símbolos vocálicos no texto, como auxílio para a leitura.

Até 1488, quando a primeira Bíblia em hebraico foi impressa, em Soncino, Itália, cada cópia era escrita à mão. Embora tivessem surgido cópias particulares, tanto em pergaminho como em forma de livro (códice), os textos usados nas sinagogas usualmente se restringiam a textos de pergaminho, sendo copiados com extremo cuidado.

Até o descobrimento dos Papiros do Mar Morto, os mais antigos manuscritos hebraicos em existência datam de cerca de 900 d.C. Nos rolos da comunidade de Qumran, que foi dispersa pouco antes da destruição de Jerusalém, em 70 d.C., fi-

<sup>1</sup>Visto que a divisão em versículos apareceu no texto hebraico no século X d.C., a divisão em versículos, no Antigo Testamento, aparentemente foi feita pelos massoretas. A nossa divisão em capítulos começou com o bispo Stephen Langton, no século XIII (falecido em 1228).

gura cada livro do Antigo Testamento, com exceção de Ester. As evidências extraídas dessas descobertas recentes têm confirmado o ponto de vista de que o texto hebraico preservado pelos massoretas foi transmitido sem alterações sérias desde o primeiro século a. C.

## As Versões<sup>2</sup>

A Septuaginta (LXX), tradução do Antigo Testamento para o grego, começou a circular no Egito nos dias de Ptolomeu Filadelfo (285-246 a.C.). Entre os judeus de fala grega houve uma procura de cópias do Antigo Testamento, para uso pessoal e nas sinagogas, traduzidas para a língua franca da área do Mediterrâneo Oriental. É bem provável que uma cópia tenha sido depositada na famosa biblioteca de Alexandria.

Essa versão não só era usada pelos judeus de fala grega, como também foi adotada pela igreja cristã. Com toda a probabilidade Paulo e outros apóstolos usaram o Antigo Testamento em grego quando insistiram na reivindicação de que Jesus era o Messias (veja At 17:2-4). Nessa época o Novo Testamento foi escrito em grego, tornando-se parte das Escrituras aceitas pelos cristãos. Alegando que a tradução grega do Antigo Testamento era inexata e estava afetada pelas crenças cristãs, os judeus aderiram tenazmente ao texto no seu idioma original. Esse texto hebraico, conforme já observamos foi criteriosamente transmitido pelos escribas e massoretas judeus em séculos subseqüentes.

Em virtude desses acontecimentos, a igreja cristã tornou-se a guardiã da versão grega. À parte de eruditos famosos como Orígenes e Jerônimo, poucos cristãos davam qualquer valor ao Antigo Testamento em seu idioma original, até ao tempo da Renascença. Várias traduções para o grego, entretanto, foram postas em circulação entre os cristãos.

Durante o segundo século entrou em uso o formato de códice - nossa moderna forma de livro, com páginas arranjadas para a encadernação. O papiro era o principal material de escrita em todo o mundo mediterrâneo. Substituindo os rolos de pergaminho, que tinham sido o meio de transmissão do texto hebraico, os códices em papiro tornaram-se o padrão para as cópias das Escrituras em grego. Até o quarto século o papiro foi substituído pelo pergaminho. As mais antigas cópias da Septuaginta atualmente existentes retrocedem até a primeira metade do século IV d.C. Recentemente, alguns papiros, sobretudo da coleção Chester Beatty, proveram-nos porções da Septuaginta que são anteriores aos códices em pergaminho mencionados acima.

Surgiu a necessidade de outra tradução quando o latim tomou o lugar do grego como língua comum e oficial do mundo mediterrâneo. Embora uma versão Velha Latina da Septuaginta tenha circulado antes na África, foi através dos esforços eruditos de Jerônimo que apareceu uma tradução latina do Antigo Testamento hebraico, já perto do fim do século IV d.C. Durante o milênio seguinte, essa versão, mais conhecida pelo nome de Vulgata, foi a edição mais popular do Antigo Testamento. Até hoje a Vulgata, com a adição dos livros apócrifos, que haviam sido rejeitados por Jerônimo., continua sendo a tradução oficial da Igreja Católica Romana.

<sup>2</sup>Quanto à narração de como as Escrituras chegaram até nós, veja Sir Frederick Kenyon, *Our Bible and Ancient Manuscripts*, revisado por A. W. Adams (Nova York: Harper & Brothers, 1958).

A Renascença exerceu influência decisiva sobre a transmissão e circulação das Escrituras. O reavivamento da erudição não apenas estimulou a multiplicação de cópias da Vulgata, como também despertou um novo interesse pelo estudo dos idiomas originais da Bíblia. Um novo ímpeto ocorreu devido à queda de Constantinopla, o que forçou a fuga de numerosos eruditos gregos para a Europa Ocidental. Aliado a esse renovado interesse pelo grego e pelo hebraico, houve o desejo profundo de colocar a Bíblia à disposição dos leigos. Como resultado disso, surgiram traduções no vernáculo. Antedatando a obra monumental de Martinho Lutero, a Bíblia em alemão que apareceu em 1522, houve versões em alemão, francês, italiano e inglês. De importância capital na Inglaterra houve a tradução de Wycliffe, já perto do fim do século XIV. Confinada a bíblias manuscritas, a disponibilidade dessa antiga versão inglesa era bem limitada. Com a invenção da imprensa no século seguinte, raiou uma nova era para a circulação das Escrituras.

William Tyndale é reconhecido como o verdadeiro pai da Bíblia inglesa. Por volta de 1525, ano de nascimento da Bíblia impressa em inglês, sua tradução começou a aparecer. Diferentemente de Wycliffe, que traduziu a Bíblia do latim, Tyndale voltou-se para os idiomas originais em sua versão das Escrituras. Em 1536, quando sua tarefa ainda não estava terminada, Tyndale foi condenado à morte. Em seus últimos momentos, cercado pelas chamas, proferiu sua última oração: “Senhor, abre os olhos do rei da Inglaterra”.

A súbita precipitação dos acontecimentos logo foi uma defesa de Tyndale e de sua obra. Em 1537 foi publicada a Bíblia de Matthew, que incorporava a tradução de Tyndale, suplementada pela versão de Coverdale (1535). Sob as ordens de Cromwell foi distribuída a Grande Bíblia (1541) em cada templo da Inglaterra. Embora essa Bíblia se destinasse primariamente ao uso nas igrejas, algumas cópias foram postas à disposição de indivíduos para estudo pessoal. Tal como sua congênera, a Bíblia de Genebra entrou em circulação em 1560, para tornar-se a Bíblia do lar. Por meio século foi a mais popular Bíblia inglesa para leituras privadas. Em 1568 a Grande Bíblia foi revisada, tendo sido impressa como a Bíblia do Bispo, para ser usada oficialmente nas igrejas inglesas.

A Versão Autorizada da Bíblia inglesa foi publicada no ano de 1611. Acumulando o trabalho de eruditos do grego e do hebraico, que visavam produzir a melhor tradução possível das Escrituras, essa “Versão do Rei Tiago” (King James Version) obteve lugar incontestável no mundo de fala inglesa, em meados do século XVII. Revisões dignas de nota apareceram desde então, como a English Revised Version, 1881 - 1885; a American Standard Version, 1901; a Revised Standard Version, 1952; e a Berkeley Version in Modern English, 1959.<sup>3</sup>

### **Significado**

O Antigo Testamento chega até nós simplesmente como uma narrativa de história ou cultura seculares? Reveste-se de valor meramente como a literatura nacional dos judeus? O próprio Antigo Testamento se propõe a ser mais do que o registro histórico da nação judaica. Para judeus e cristãos igualmente, trata-se da história sagrada que desvenda a revelação que Deus faz de si mesmo ao homem. Ali se conta não só o que Deus realizou no passado, mas também o plano divino para o futuro da humanidade.

<sup>3</sup>The Berkeley Version in Modern English (Grand Rapids; Zondervan Publishing House, 1959).

Através das bênçãos e infortúnios de Israel, Deus, o criador do universo e do homem, determinou o curso a ser tomado pelo seu povo escolhido no cenário internacional das culturas antigas. Deus não é apenas o Deus de Israel, mas também o governante supremo que controla as atividades de todas as nações. Em consequência, o Antigo Testamento de fato registra eventos naturais, mas entrelaçadas nessa história figuram as atividades sobrenaturais de Deus. Essa característica distintiva do Antigo Testamento - o desvendamento de Deus nos eventos históricos e nas mensagens - o eleva acima do nível da literatura e história seculares. O Antigo Testamento só pode ser entendido em seu sentido mais amplo como história sagrada. Para que se tenha uma compreensão total de seu conteúdo, é necessário reconhecer que os fatores naturais e os sobrenaturais são essenciais em toda a Bíblia.

Singular como história sagrada, o Antigo Testamento reivindica para si o reconhecimento de ser as Sagradas Escrituras. Assim consideravam-no os judeus, a quem esses escritos foram confiados, bem como os cristãos (veja Rm 3:2). Tendo chegado a nós mediante a agência natural de autores humanos, o produto escrito final recebeu o selo divino da aprovação. Por certo, o Espírito de Deus se utilizou da atenção, da investigação, da memória, da imaginação, da lógica - de todas as faculdades dos escritores do Antigo Testamento. Em contraste com os meios mecânicos, a orientação de Deus se manifestou através do livre exercício das capacidades históricas, literárias e teológicas de cada autor. O registro escrito, aceito por judeus e cristãos, constituiu um produto inerrante divino-humano em sua escrita original. Como tal, continha a verdade para a raça humana inteira.

Essa foi a atitude de Jesus Cristo e dos apóstolos. Jesus, o Deus-homem, aceitava a autoridade de toda a coletânea literária conhecida como Antigo Testamento, tendo usado livremente essas Escrituras como base de apelo em seu ensino (cf. Jo 10:34; Mt 22:29, 43-45; Lc 16:17 e 24:35). Outro tanto fizeram os apóstolos no período inicial da Igreja Cristã (2 Tm 3:16; 2 Pe 1:20-21). Registrado em forma escrita pelo homem, sob orientação divina, o Antigo Testamento foi aceito como inteiramente fidedigno.

Em nossos dias e igualmente essencial permitir que o Antigo Testamento seja reconhecido autoridade final, tal como sucedia no período neotestamentário com judeus e cristãos.<sup>4</sup> Como registro razoavelmente fidedigno - permitindo-se a margem a erros de transmissão, que necessitam de consideração cuidadosa mediante o emprego científico de corretos princípios de crítica textual - o Antigo Testamento fala com autoridade usando a linguagem do leigo de dois ou três milênios atrás. O que ali é anunciado é declarado verazmente - seja empregando a linguagem figurada ou literal, seja abordando questões éticas ou o mundo natural da ciência. As palavras dos escritores bíblicos - devidamente interpretadas em seu contexto total e em seu sentido natural, de conformidade com o uso comum de sua época - ensinam a verdade sem mescla de erro. Assim sendo, que o Antigo Testamento fale ao leitor.

Este volume oferece uma investigação do Antigo Testamento em sua inteire-

<sup>4</sup>Veja a discussão da perspectiva bíblica da revelação, da inspiração e da autoridade, por eruditos que reconhecem que as Escrituras Sagradas são a Palavra de Deus aos homens, revelada a e através de Seus profetas e apóstolos, em *The Bible - The Living Word of Revelation*, compilado por M. C. Tenney, (Grand Rapids: Zondervan, 1968). Veja também artigos publicados no *Journal da Evangelical Theological Society*.

za. Visto que a arqueologia, a história e outros campos de estudo estão relacionados ao conteúdo do Antigo Testamento, que essas ciências possam ser meios para obtenção de uma compreensão melhor da mensagem da Bíblia. Mas somente à medida que o leitor permite que a Bíblia fale por si mesma é que este livro alcançará seu propósito.

### LEITURAS SELECIONADAS

Baillie, John. **The Idea of Revelation in Recent Thought**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1956.

Bright, J. **The Authority of the Old Testament**. Nashville: Abingdon Press, 1967.

Gaussem, L. Theopneustia. **The Plenary Inspiration of the Holy Scriptures** (tradução de David Scott, revisada por B. W. Car, com prefácio de C. H. Spurgeon). Londres, 1888.

Geisler, N. L., e Nix, W. E. **A General Introduction to the Bible**. Chicago: Moody Press, 1968.

Goldenhuyts, J. Norval. **Supreme Authority**. Londres: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953.

Guilleband, H. **Moral Difficulties in the Bible**. Londres: Inter-Varsity Press, 1949.

Harris, R. Laird. **The Inspiration and Canonicity of the Bible**. Grand Rapids; Zondervan Publishing House, 1957.

Harrison, R. K. **Introduction to the Old Testament**. Grand Rapids: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1969.

Henry, Carl H. E. **Revelation and the Bible**. Filadélfia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1958.

Kenyon, Sir. Frederick. **Our Bible and the Ancient Manuscripts**. Nova Iorque: Harper & Brothers, 1958.

Kitchen, Kenneth A. **Ancient Orient and Old Testament**. Chicago: Inter-Varsity Press, 1966.

Levie, Jean. **The Bible, Word of God in Words of Men**. Londres: Geoffrey Chapman, 1961.

Lightner, R. P. **Neo-evangelicalism**. Findlay, Ohio: Dunham Press, 1961.

Mascall, E. L. **Christian Theology and Natural Science**. Nova Iorque: Ronald Press, 1956.

\_\_\_\_\_ **Words and Images**. Nova Iorque: Ronald Press, 1957.

McDonald, H. D. **Ideas of Revelation, an Historical Study, A. D. 1700 to A. D. 1860**. Nova Iorque: St. Martin's Press, 1959.

\_\_\_\_\_ **Theories of Revelation, An Historical Study, 1860-1960**. Londres:

G. Allen and Unwin, 1963.

Packer, James I. **Fundamentalism and the Word of God**. Londres: Inter-Varsity Press, 1958.

\_\_\_\_\_ **God Speaks to Man**. Filadélfia: Westminster Press, 1966

Preus, Robert. **The Inspiration of Scripture**. Edinburgo: Oliver & Boyd, 1955

Ramm, Bernard. **Pattern of Authority**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1957 (Pathway Book).

\_\_\_\_\_ **Special Revelation and the Word of God**. Grand Rapids: Wm. B.

Eerdmans Publishing Co., 1962.

Reid, J. K. S. **The Authority of Scripture**. Nova Iorque: Harper & Brothers, s.d.

- Runia Klaas. **Karl Barth's Doctrine of the Holy Scriptures.** Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1962.
- Schultz, Samuel J. **The Prophets Speak.** Nova Iorque: Harper & Row, 1968.
- Stonehouse, N. B., e Woolley, Paul (EE.) **The Infallible Word: um simpósio,** Filadélfia: Presbyterian Guardian Publishing Corporation, 1946.
- Tasker, R. V. G. **Our Lord's Use of the Old Testament.** Londres: Westminster Chapel, 1953.
- Tenney, Merrill C. (E.) **The Bible - The Living Word of Revelation.** Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1968.
- Vos, Howard F. (E.). **Can I Trust My Bible?** Chicago: Moody Press, 1968.
- Walvoord, John W. (E.). **Inspiration and Interpretation.** Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1957.
- Warfield, B. B. **The Inspiration and Authority of the Bible.** Nova Iorque: Oxford University Press, 1927.
- Young, E. J. **Thy Word is Truth.** Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1957.



***A HISTÓRIA  
DE  
ISRAEL  
NO  
ANTIGO TESTAMENTO***

# Capítulo I

## O Período dos Começos

As inquirições concernentes à origem da vida e das coisas sempre tiveram lugar no pensamento do homem. A descoberta do passado, tal como aquela oferecida pelos Papiros do Mar Morto, não apenas desafia o erudito mas também fascina o leigo.

O Antigo Testamento oferece resposta para a pergunta do homem quanto ao passado. Desdobrados nos primeiros onze capítulos do Gênesis estão os fatos essenciais atinentes à criação deste universo e do homem. No registro escrito das relações entre Deus e o homem, esses capítulos retrocedem a um passado além daquele que tem sido definitivamente estabelecido ou corroborado pelas investigações históricas. Com razoável segurança, não obstante, os evangélicos aceitam inequivocamente essa porção da Bíblia como a “primeira” (e a única autêntica) narrativa da criação do universo por Deus.<sup>1</sup>

Os capítulos iniciais do “cânon” são básicos para a revelação inteira que se desdobra no Antigo e no Novo Testamentos. Por toda a Bíblia há referências<sup>2</sup> à criação e à história primitiva da humanidade, retratadas nesses capítulos introdutórios.

Como interpretaremos esse relato do começo do homem e do seu mundo? Trata-se de um mito, de uma alegoria, de uma contraditória combinação de documentos, ou de uma simples idéia humana da origem das coisas? Outros escritores bíblicos reconhecem-no como uma narração direta das atividades de Deus na criação da terra, dos céus e do homem. Mas o leitor moderno deve evitar extrair um sentido não explícito na narrativa, ou interpretá-la em termos científicos, ou ainda supor que ela é um tesouro de informações acerca de ramos de ciência recentemente desenvolvidos. Ao interpretar esta secção da Bíblia - ou qualquer outro texto, no que diz respeito ao assunto - é importante

<sup>1</sup>Quanto a uma discussão dos “primeiros” na história escrita, veja S.N. Kramer, **From the Tablets of Sumer** (India Hills, Colo: The Falcon’s Wing Press, 1956), 293 págs. A maior parte dos eventos em Gn 1-11 precede a civilização suméria, onde apareceu a escrita, perto do fim do 4.º milênio a.C.

<sup>2</sup>Cf. Is 40-50; Rm 5:14; 1 Co 15:45; 1 Tm 2:13,14 e outros.

aceitá-la segundo os seus próprios termos. Sem dúvida o autor empregou normalmente símbolos, alegorias, figuras de linguagem, poesia e/ou outros recursos literários. Para ele aparentemente tudo constituía um registro unificado dos primórdios das coisas, conforme elas se lhe fizeram conhecidas por Deus, através dos meios humanos e divinos.

O espaço de tempo coberto por esse período de começos é em parte alguma indicado nas Escrituras. Se o ponto terminal — a época de Abraão — é relacionado à primeira metade do segundo milênio, os demais eventos dessa era não podem ser datados com precisão. As tentativas de interpretar as referências genealógicas como uma cronologia completa e exata não parecem razoáveis à luz da história secular. Embora a narrativa geralmente siga uma seqüência cronológica, o autor de Gênesis sob hipótese nenhuma sugere alguma data para a criação.

Os detalhes geográficos desse período também nos são desconhecidos. É improvável que cheguem a ser jamais identificadas as localizações exatas do Éden e de alguns rios e países mencionados. Não são indicadas quaisquer mudanças geográficas ocorridas com a expulsão do homem do Éden e com o dilúvio. Com toda a probabilidade isso está fora dos limites da investigação humana.

Ao ler os primeiros onze capítulos do Antigo Testamento pode-se pensar em perguntas que restam ser respondidas na narrativa. Essas inquirições merecem estudos posteriores. Mais importante, contudo, é a consideração daquilo que é asseverado; porquanto o material provê o alicerce e o pano-de-fundo para a maior e mais completa revelação de Deus, enquanto esta é desdobrada progressivamente nos capítulos subsequentes.

A primeira porção do Gênesis se encaixa bem nas subdivisões seguintes:

I . A narrativa da criação	1:1-2:25
A. O universo e seu conteúdo	1:1-2:3
B. O homem e seu habitat	2:4-25
II. A queda do homem e suas conseqüências	3:1-6:10
A. Desobediência e expulsão do homem	3:1-24
B. Caim e Abel	4:1-24
C. A geração de Adão	4:25 - 6:10
III. O dilúvio: Juízo divino contra o homem	6:11 - 8:19
A. A Preparação para o dilúvio	6:11-22
B. O dilúvio	7:1 - 8:19
IV. O novo começo do homem	8:20 - 11:32
A. O pacto com Noé	8:20 - 9:19
B. Noé e seus filhos	9:20 - 10:32
C. A torre de Babel	11:1-9
D. Sem e seus descendentes	11:10-32

<sup>3</sup>As estimativas sobre a idade do universo variam tanto que é impossível sugerir uma data aceitável. Einstein sugeriu dez bilhões de anos como a idade da terra. As computações acerca da idade das galáxias de estrelas variam de dois a dez bilhões de anos. (Cf. *Modern Science and Christian Faith* Wheaton, III.: Van Kampen Press, 1948, pág. 30). Quanto ao cômputo dos passados 50.000 anos pelo método do "carbono 14", veja W. F. Libby, *Radiocarbon Dating* (2ª ed.; University of Chicago Press, 1955). Cf. também R. Laird Harris, *Inspiration and Canonicity of the Bible* (Grand Rapids: Zondervan, 1957), n° 24, pág. 285.

## A Narrativa da Criação — 1:1-2:25

“No princípio” são palavras que introduzem os desenvolvimentos que se preparavam no universo para a criação do homem. É questão de interpretação se essa data indefinida se refere à criação original<sup>3</sup> ou ao ato divino inicial que preparou o mundo para o homem<sup>4</sup>. Em qualquer dos casos o narrador começa com Deus como o criador, nesta breve cláusula ou parágrafo de introdução (1:1-2), para explicar a existência do homem e do universo.

Seqüência e progressão assinalam a era da criação e da organização (1:3 — 2:3). Em um período determinado como de seis dias prevaleceu a ordem no universo, em relação à terra.<sup>5</sup> No primeiro dia foram ordenadas a luz e as trevas, para proverem períodos diurnos e noturnos. No segundo dia o firmamento foi separado para ser a expansão da atmosfera da terra. Em seguida ocorreu a separação entre terras e águas, de modo que apareceu a vegetação no devido tempo. No quarto dia começaram a funcionar as luminárias dos céus em seus respectivos lugares, a fim de determinarem a extensão as estações, os anos e os dias da terra. O quinto dia trouxe à existência, criaturas vivas que ocupassem as massas de água abaixo e os espaços celestiais acima. O sexto dia foi o clímax nessa série de eventos criativos.<sup>6</sup> Os animais terrestres e o homem receberam a determinação de ocuparem a terra. Este último foi distinguido daqueles, tendo-lhe sido confiada a responsabilidade de exercer domínio sobre toda a vida animal. A vegetação foi a provisão divina para servir de mantimento. No sétimo dia Deus terminou seus atos criativos, tendo-o santificado como um período de descanso.

O homem é de pronto distinguido como a mais importante dentre todas as criações de Deus (veja 2:4b-25).<sup>7</sup> Criado à imagem de Deus, ele se torna o ponto focal de interesse, à medida que prossegue a narrativa. Maiores detalhes são dados aqui a respeito de sua criação. Deus formou o homem do pó da terra e soprou em seu interior o hálito da vida, tornando-o um ser vivo. Ao homem foi confiada não só a responsabilidade de cuidar dos animais, mas também recebeu a comissão de dar-lhes nomes. A distinção entre o homem e os animais se torna ainda mais evidente no fato que o homem não encontrou companhia satisfatória enquanto Deus não criou Eva para ser sua ajudadora. Para habitat do homem, Deus preparou o jardim do Éden. Encarregado de cuidar desse jardim, ao homem foi franqueado o pleno aprazimento de todas as coi-

<sup>4</sup>A construção hebraica, em Gn 1:1, é um substantivo no construto com uma forma verbal finita. Notemos a tradução literal: “No princípio quando Deus estava criando o céu e a terra... quando o Espírito de Deus pairava por sobre a face das águas, Deus disse: Haja luz”. Cf. **The Soncino Chumash**; ed por A. Cohen (2ª ed.; Hindhead, Surrey; The Soncino Press, 1950), pág. 1. Cf. William Sanford LaSor, “Notes on Gn. 1.1 — 2.3”, **Gordon Review**, II, n° 1 (1956), 26-32.

<sup>5</sup>Não é declarada a duração desses dias de criação. Alguns sugerem dias de vinte e quatro horas, com base em Gn 1:14; Êx 20:11 e outras referências. Esses dois dias podem ter sido eras longuíssimas, porquanto “dia” é vocábulo usado com esse sentido em Gn 2:4. Cf. Agostinho, **Confissões**, livros XI, XII e XIII, e J. Oliver Buswell, “The Length of Creative Days” (material não publicado, Wheaton College, Wheaton, Ill.) Tarde e manhã, pois, teriam sido usados em sentido figurado. No que tange a um sumário ver Bernard Ramm, **The Christian View of Science and Scripture** (Grand Rapids: Eerdmans, 1955), págs. 171-229. Essa narrativa não prevê informes que determinem conclusivamente a duração desse período dos dias da criação.

<sup>6</sup>Usando as genealogias de Gn 5 e 11 para calcular o tempo, o bispo Ussher (1654), datou a criação do homem em 4004 a. C. Essa data é insustentável, visto que as genealogias não expõem uma cronologia completa. Cf. W. H. Green, **The Unity of Genesis** (Nova Iorque: Charles Scribner’s Sons, 1910), págs. 49-50.

<sup>7</sup>Quanto à interpretação de Gn 1:1 — 2:4a e 2:4b-25, como dois documentos distintos, veja a **Interpreter’s Bible** nessas referências.

sas que foram abundantemente providas por Deus. Houve somente uma restrição — o homem não deveria comer da árvore do conhecimento do bem e do mal.

### **A Queda do Homem e suas Conseqüências — 3:1 - 6:10**

Supremamente crucial no relacionamento do homem com Deus é a drástica alteração que foi precipitada pela desobediência (3:1 - 24). Por ser o evento mais trágico da história da raça humana, ela é um tema várias vezes reiterado na Bíblia.

Defronte de uma serpente que falava, Eva começou a duvidar da proibição divina e desobedeceu deliberadamente.<sup>8</sup> Adão, por sua vez, cedeu à persuasão de Eva. Imediatamente tiveram consciência de que haviam sido enganados pela serpente e de que tinham desobedecido a Deus. Com aventais de folhas de figueira tentaram ocultar sua vergonha. Face a face com o Senhor Deus, ambos os indivíduos envolvidos nessa transgressão foram solenemente julgados. A serpente foi amaldiçoada mais do que todos os outros animais (3:14). Inimizade seria a relação perpétua entre a semente da serpente, que representava mais que o simples réptil de nossos dias, e a semente da mulher.<sup>9</sup> Em consideração a Adão e Eva Deus antecedeu o Juízo com a misericórdia, assegurando ao homem a vitória final por meio da semente da mulher (3:15).<sup>10</sup> Mas à mulher foram determinadas tristezas no parto, e o homem foi sujeitado às conseqüências de uma terra amaldiçoada. Deus proveu peles de animais para lhes servirem de vestes, o que envolveu o abate de animais, em favor do homem pecaminoso. Côncios do conhecimento do bem e do mal, Adão e Eva foram imediatamente expulsos do jardim do Éden, para que não viessem também a participar da árvore da vida, o que os faria viver para sempre. Banido do habitat bendito, o homem teve de enfrentar as conseqüências da maldição armado apenas com a promessa de alívio eventual, mediante a semente da mulher, que lhe suavizaria a sorte.

Dentre os filhos nascidos a Adão e Eva, só três são mencionados por nome. As experiências de Caim e Abel revelam as condições do homem em seu estado alterado. Ambos adoravam a Deus trazendo oferendas. Se o sacrifício animal de Abel foi aceito, a oferta de legumes de Caim foi rejeitada. Irado com isso, Caim assassinou seu irmão. Visto que já havia sido advertido por Deus, Caim exibiu uma atitude de desobediência deliberada e se tornou o primeiro homicida. Não é irracional concluirmos que essa mesma atitude prevalecia quando ele trouxe a sua oferta, a qual Deus rejeitou.

A civilização de Caim e seus descendentes se reflete em uma genealogia que sem dúvida representa um longo período de tempo (4:17-24). O próprio Caim fundou uma cidade. A comunidade urbana na antiguidade, naturalmente, era muito dada à criação de rebanhos de gado vacum e ovino. As artes se desenvolveram na forma da invenção e produção de instrumentos musicais. Juntamente com o emprego do ferro e do bronze surgiu a ciência da metalurgia. Essa cultura avançada aparentemente deu ao povo um falso senso de segu-

<sup>8</sup>Note-se que a única outra instância da Bíblia onde um animal falou foi quando Deus usou o asno de Balaão (Nm22:28).

<sup>9</sup>Cf. a interpretação neo testamentária em Jo 8:44; Rm 16:20; 2 Co 11:3, Ap 12:9; 20:2 etc.

<sup>10</sup>Note-se a esperança que se alicerça sobre essa promessa, em Gn 4:1,25; 5:29, e as promessas messiânicas por todo o Antigo Testamento.

rança. Isso se refletiu na atitude de zombaria e jactância de Lameque, o primeiro polígamo. Ele se ufanava do uso de armas superiores para destruição de vidas. Conspicuamente ausente, em contraste, estava qualquer reconhecimento de Deus, da parte da progênie de Caim.

Após a perda de Abel e seu desapontamento com Caim, que se fizera homicida, nossos primeiros pais expressaram nova esperança ante o nascimento de Sete (4:25 ss.). Foi nos dias do filho de Sete, Enos, que os homens começaram a voltar-se para Deus. Com a passagem de numerosas gerações e de muitos séculos, um outro sinal de piedoso interesse foi exemplificado no homem chamado Enoque. Esse notável personagem não experimentou a morte física; sua vida de comunhão com Deus terminou com seu arrebatamento. Com o nascimento de Noé, reviveu mais uma vez a esperança. Lameque, descendente de Sete, antecipou que através desse filho a humanidade seria aliviada da maldição sobre a qual vinha sofrendo desde que o homem fora expulso do Éden.

Nos dias de Noé a impiedade crescente da civilização atingiu um ponto crítico. Deus, que criara o homem e seu habitat, estava desapontado ante a cultura prevalente. Casamentos mistos entre os filhos de Deus e as filhas dos homens desagradavam a Deus.<sup>11</sup> A corrupção, a iniquidade e a violência aumentaram de tal maneira que todos os planos e esquemas do homem se caracterizavam pela maldade. A atitude de pesar, da parte de Deus, por haver criado o gênero humano, se tornou evidente no plano de retirar do homem o Seu espírito.<sup>12</sup> Um período de cento e vinte anos de advertência antecedeu o juízo iminente contra a raça humana. Só Noé achou favor aos olhos do Senhor. Impoluto e reto, ele manteve um relacionamento aceitável com Deus.

### **O Dilúvio: Juízo de Deus contra o Homem — 6:11 — 8:19**

Noé era homem obediente. Quando lhe foi ordenado que construísse a arca, ele seguiu as instruções recebidas (6:11-22). As dimensões da arca até hoje representam as proporções básicas usadas nos modernos estaleiros. Não sendo uma embarcação destinada à velocidade, a arca foi construída para acomodar toda a vida que seria poupada durante a crise de julgamento do mundo. Amplo espaço foi provido para Noé, sua esposa, seus três filhos e suas respectivas esposas, para uma representação de todo gênero básico de vida animal e de pássaros, juntamente com mantimentos para todos.<sup>13</sup>

Por cerca de um ano Noé ficou confinado na arca, enquanto o mundo era açoitado pelo juízo divino.<sup>14</sup> O propósito divino de destruir a raça humana pecaminosa se cumpriu. Quer tenha sido local ou mundial é de importância se-

<sup>11</sup>“Filhos de Deus” pode aludir a seres angelicais ou à linhagem de Sete. Quanto a esta última interpretação, “filhas dos homens” seria alusão à linhagem de Caim. veja Albertus Pieters, *Notes on Genesis* (Grand Rapids: Eerdmans, 1943), págs. 113-116. Esses casamentos mistos, sem importar o que fossem, desagradaram a Deus.

<sup>12</sup>Quanto ao termo hebraico que em Gn 6:3 é traduzido por “instar” (AV e ASV), “habitar” (RSV), “permanecer” (Berkeley), “governar” (LXX, Vulgata e Siríaca) e “agir” (Edição Revista e Atualizada no Brasil), veja o artigo de E. A. Speiser, “YDWN, Gn 6:3”, *Journal of Biblical Literature*, LXXV (1956), 126-129, que traduz essa palavra como “expiar, responder por, proteger, escudar”. Cf. também E. F. Kevan “Gênesis” *O Novo Comentário da Bíblia*, F. Davidson, (E.) (São Paulo: 1976, Edições Vida Nova), pág. 90.

<sup>13</sup>Tomando o côvado como cerca de 46 cm, a arca teria cerca de 137 x 22,5 m x 13,5 m, em que os três dados representariam comprimento, largura e altura, respectivamente. Três cobertas dariam margem a uma deslocação de aproximadamente 40 a 50 mil toneladas.

<sup>14</sup>Quanto a uma cronologia desse ano, ver E. F. Kevan, *op. cit.*, pág. 92.

cundária ante o fato que o dilúvio foi bastante amplo para incluir a humanidade inteira. Chuvas incessantes e águas vindas de fontes subterrâneas elevaram o nível das águas acima dos mais elevados cumes dos montes. No devido tempo a água baixou de nível. A arca veio repousar sobre o monte Ararate. Recebendo ordem para deixar a arca, o homem enfrentou uma nova oportunidade em um mundo renovado.<sup>15</sup>

### O Novo Começo do Homem — 8:20 — 11:32

Terminado o dilúvio, a civilização começou com oferendas sacrificiais. Em resposta, Deus estabeleceu um pacto com Noé e os seus descendentes. Nunca mais seria toda a vida destruída por um dilúvio. O arco-íris, no firmamento, serviria de sinal perpétuo do pacto eterno de Deus. Abençoando a Noé, Deus o comissionou para que populasse e possuísse a terra inteira. Animais devidamente abatidos, bem como legumes, foram determinados para servir de alimentação. Entretanto, o homem foi estritamente declarado responsável diante de Deus — em cuja imagem fora criado — pelo derramamento de sangue humano.

Voltando-se para a atividade agrária, Noé plantou uma vinha. Por ter abusado do vinho intoxicador, ele faltou com a modéstia, ao que Cão, e provavelmente seu filho, Canaã, reagiram com desrespeito. Esse incidente tornou-se motivo para as declarações paternas de maldição e bênção que fez Noé (9:20-28). O veredito de Noé foi profético em seu escopo. Ele antecipou a atitude pecaminosa de Cão, refletida na linhagem de Canaã, um dos quatro filhos de Cão.<sup>16</sup> Séculos mais tarde, os ímpios cananeus foram sujeitados a um severo julgamento, quando da ocupação de suas terras pelos israelitas. Sem e Jafé, os outros filhos de Noé, receberam a bênção de seu pai.

Por ser uma unidade racial e lingüística, a raça humana permaneceu em uma localização por período indefinido (11:1-9). Na planície de Sinear se atiraram a extraordinário projeto de construção. A edificação da torre de Babel representava orgulho no empreendimento humano, bem como um desafio à ordem divina de ser populada a terra. Deus, que tinha continuamente interessado pelo homem desde a sua criação, não haveria de ignorá-lo agora. Aparentemente a torre não foi destruída, mas Deus pôs fim àquele empreendimento mediante a confusão das línguas. Isso resultou na dispersão voluntária da raça humana.

A distribuição geográfica dos descendentes de Noé é dada na forma de breve sumário (10:1-32). Essa genealogia, que cobre uma longa era, meramente sugere áreas para onde migraram as diversas famílias. Jafé e seus filhos se estabeleceram nas vizinhanças dos mares Negro e Cáspio, estendendo-se daí para o oeste, até à Espanha (10:2-5). Mui provavelmente os gregos, os povos indo-germânicos e outros grupos relacionados descendem de Jafé.

<sup>15</sup>A data marcada por Ussher para o dilúvio foi 2348 a. C. S. R. Driver, em seu comentário sobre Gênesis (1904) alegava 2501 a. C. como a data bíblica do dilúvio. A luz de uma contínua civilização no Egito, desde cerca de 3.000 a. C. essas datas são insustentáveis. Também não recebem apoio de uma criteriosa exegese bíblica. O dilúvio pode ter ocorrido antes do ano 10.000 a. C. Quanto a cronologias relativas, ver R. W. Erich, *Chronologies in the Old World Archaeology* (University of Chicago Press), 1965. Quanto a uma contínua cultura indígena nas Américas, ver R. M. Underhill, *Red Man's America* (Chicago, 1935), págs. 8-9.

<sup>16</sup>H. C. Leupold, *Exposition of Genesis* (Grand Rapids: Baker, 1950), vol. I, págs. 349-352.

Três dos filhos de Cão desceram e entraram na África (10:6-14). Subseqüentemente, espalharam-se para o norte, pela terra de Sinear e pela Assíria, edificando cidades como Ninive, Calá, Babel, Acade e outras. Canaã, o quarto filho de Cão, se estabeleceu às margens do mar Mediterrâneo, desde Sidom até Gaza, e daí para o oriente. Embora fossem camitas em sua origem étnica, os cananeus usavam um idioma bastante similar às línguas semitas.

Sem e seus descendentes ocuparam a área ao norte do golfo Pérsico (10:21-31). Elão, Assur, Arã e outros nomes locativos estavam associados aos semitas. Após o ano 2000 a. C., cidades como Mari e Naor tornaram-se centros liderantes da cultura semita.

Concluindo o período de primórdios, o escopo de desenvolvimentos é estreitado para abarcar só os semitas (11:10-32). Por meio de quadros genealógicos que envolvem dez gerações, o registro sagrado finalmente enfoca Terá, que emigrou de Ur para Harã. O clímax se dá quando da apresentação de Abrão, mais tarde conhecido como Abraão (Gn 17:5), em quem se concentra o início de uma nação escolhida — a nação de Israel, a qual ocupa o centro de interesse por todo o restante do Antigo Testamento.<sup>17</sup>

### LEITURAS SELECIONADAS

American Scientific Affiliation Symposium. **Modern Science and Christian Faith**. Wheaton Ill.: Van Kampen, 1950, 300 págs.

Cassuto, U. **A Commentary on the Book of Genesis**. Jerusalém: Magnes Press, 1961.

Clark, R. E. D. **Darwin, Before and After**. Chicago: Moody Press, 1967.

Heidel, Alexander. **The Babylonian Genesis**. University of Chicago Press, 1942.

\_\_\_\_\_ **The Gilgamesh Epic and Old Testament Parallels**. Chicago: University of Chicago Press, 1946.

Kidner, F. D. **Genesis** (Tyndale, O. T. Commentary). Chicago: Inter-Varsity Press, 1968.

Leupold, H. C. **Exposition of Genesis**. Grand Rapids: Baker Book House, 1949.

Lewis, J. P. **A Study of the Interpretation of Noah and the Flood in Jewish and Christian Literature**. Leiden: E. J. Brill, 1968.

Mixter, Russell L. (E.) **Evolution and Christian Thought Today**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959.

Nelson Byron. **Before Abraham: Prehistoric Man in Biblical Light**. Mineápolis: Augsburg Publishing House, 1948.

<sup>17</sup>Em parte alguma a Bíblia indica quanto tempo se passou em Gn 1-11. Em conseqüência, isso ainda é um problema investigado. Byron Nelson frisa que sem importar o quanto o homem venha a aproximar-se da data do começo da raça humana, isso continuará dentro do escopo da narrativa bíblica. Quanto a esse "ponto de vista ilimitado", veja seu livro, **Before Abraham: Prehistoric Man in Biblical Light** (Mineápolis: Augsburg Publishing House, 1948). Quanto a uma discussão recente sobre a cronologia do antigo Oriente Próximo, veja R. K. Harrison, **Introduction to the Old Testament** (Grand Rapids: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1969), págs. 145-198.



- Pieters, Albertus. **Notes on Genesis**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1943.
- Ramm, Bernard. **The Christian View of Science and Scripture**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1955.
- Rohrbach, Hans. **Naturwissenschaft und Gotteserkenntnis**. Mannheim: Evg. Akademie, 1965.
- Smith, A. E. Wilder. **Man's Origin, Man's Destiny** (A Critical Survey of the Principles of Evolution and Christianity). Wheaton, Ill.: Harold Shaw Publishers, 1968.
- Speiser, E. A. **Genesis**. The Anchor Bible. Garden City, Nova Iorque: Doubleday, 1964.
- Whitcomb, J. C., Jr. e Morris, H. M. **The Genesis Flood**. Filadélfia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1961.
- Whitelow, Rev. Thomas. **Genesis**. The Pulpit Commentary. Rev. Canon H. D. Spence e Rev. Joseph S. Exell (eds.). Nova Iorque: Anson D. F. Randolph & Company, 8ª edição inglesa.

## Capítulo II

### A Era Patriarcal

O mundo dos patriarcas tem sido o ponto focal de intensos estudos, nas décadas recentes. Novas descobertas têm iluminado as narrativas bíblicas, provendo um amplo conhecimento das culturas contemporâneas no Oriente Próximo.

Geograficamente, o mundo dos patriarcas é identificado como o Crescente Fértil.<sup>1</sup> Estendendo-se para o norte, desde o golfo Pérsico, ao longo das bacias do Tigre e do Eufrates, e então voltando-se para o sudoeste, através de Canaã até ao fértil vale do rio Nilo, essa área foi o berço das civilizações pré-históricas. Quando os patriarcas entram em cena, no segundo milênio a. C., as outras culturas mesopotâmica e egípcia já se vangloriavam de um passado milenar. Tendo Canaã por centro geográfico para os primórdios de uma nova nação, a narrativa do Gênesis se inter-relaciona com as circunvizinhanças das duas antigas civilizações, a começar com Abraão na Mesopotâmia e terminando com José no Egito (Gn 12-50).

#### **O Mundo dos Patriarcas**

O desabrochar da história coincide com o desenvolvimento da escrita, no Egito e na Mesopotâmia (cerca de 3500 - 3000 a. C.). As descobertas arqueológicas nos têm conferido discernimento quanto às culturas que prevaleceram durante o terceiro milênio a. C. O período de 4000 - 3300 a. C., ou a era calcolítica, usualmente é reputado como uma civilização pré-alfabetizada, que pouco produziu na forma de matéria escrita. Cidades estratificadas daqueles tempos indicam a existência de uma sociedade organizada. Conseqüentemente, o quarto milênio a. C. que revela as primeiras ereções de grandes edificações, assinala os limites da história, nos termos do historiador. O que se sabe sobre as civilizações anteriores é, com freqüência, designado como pré-história.

#### *Mesopotâmia*

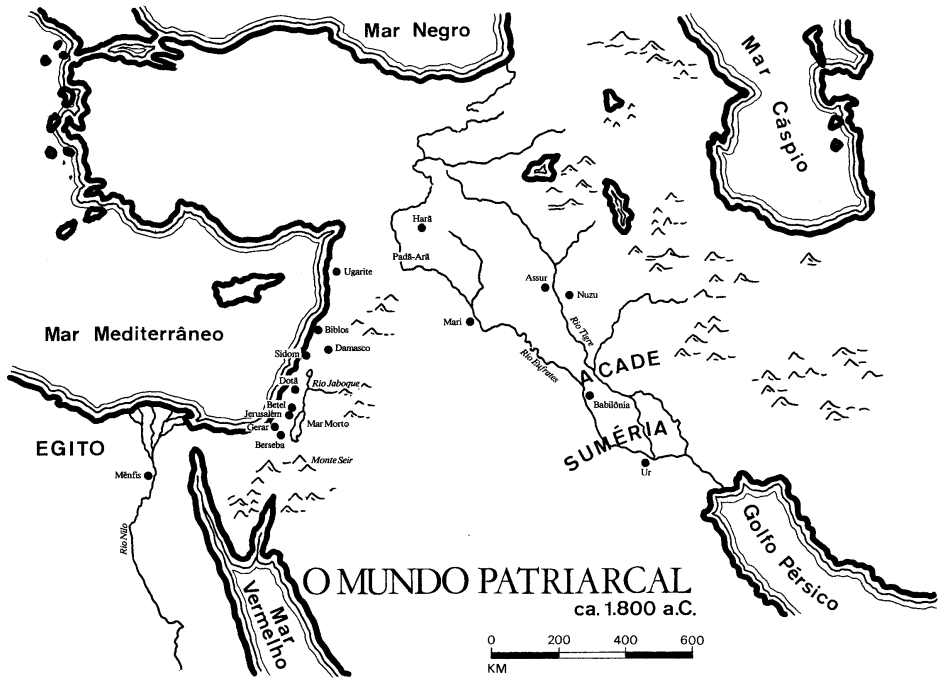
Os sumérios, um povo não-semítico, controlaram a região do Eufrates inferior, ou Suméria, durante o período Dinástico Antigo, cerca de 2800 - 2400

<sup>1</sup>Para uma pesquisa geográfica, veja J. McKee Adams, **Biblical Backgrounds** (8ª impressão; Nashville: Broadman Press, 1934).

## Gráfico I Civilizações nos Tempos Patriarcais \*

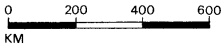
Egito — Vale do Nilo	Palestina e Síria	Vale do Tigre-Eufrates Ásia Menor
<p>Pré-históricas — antes de 3200</p> <p>Período antigo — 3200 — 2800 Egito unido sob Dinastias I e II</p> <p>Reino antigo — 2800 — 2250 Dinastias IV—VI — grandes pirâmides textos religiosos</p> <p>Declínio e recuperação — 2250 — 2000 Dinastias VII—X Dinastia XI — poder centralizado em Tebas</p> <p>Reino Médio — 200 — 1780 Dinastia XII</p> <p>— poderoso governo central com governo em Mênfis e no Faium Literatura clássica (Dinastias X-XII)</p> <p>Declínio e Ocupação — 1780—1546 Dinastias XIII—XIV — obscuridade Dinastias XV—XVI</p> <p>— invasores hicsos ocupam o Egito com cavalos e carros de guerra</p> <p>Dinastia XVII</p> <p>— Hicsos expulsos pelos reis tebanos</p> <p>Novo Reino — 1546 — 1085 Dinastias XVIII—XX (Era de Amarna — 1400—1350)</p>	<p>2100 a. C.</p> <p>Patriarcas em Canaã</p> <p>1700 a. C.</p> <p>Israelitas no Egito</p>	<p>Cultura suméria — 2800 — 2400</p> <p>— primeira literatura da Ásia — sepulcros reais — poder estende-se ao mar Mediterrâneo</p> <p>Supremacia acadiana — 2300 — 2160</p> <p>— Sargão, o grande rei — invasão dos gutas — cerca de 2080</p> <p>Terceira Dinastia de Ur — 2070 — 1950 — pressão hurriana vinda do norte</p> <p>Primeira dinastia babilônica — 1800 — 1500 (Amorreus e semitas ocidentais, 1750)</p> <p>— rei Zinri-Lim em Mari (Samsi-Adade I, em Ninive)</p> <p>Hamurabi — o maior rei — 1700</p> <p>Declínio de Babilônia</p> <p>a. Antigo império hitita — 1600—1500 b. Reino mitani — 1500—1370 c. Novo império hitita — 1375—1200 d. Surgimento da Assíria — 1350—1200</p>

\* Todas as datas desta era devem ser reputadas apenas aproximações.



# O MUNDO PATRIARCAL

ca. 1.800 a.C.



a. C. Esses sumérios nos doaram a primeira literatura da Ásia. No mundo da escrita cuneiforme o sumério era a língua clássica, tendo florescido em forma escrita por todo o tempo das culturas babilônica e assíria, até cerca do primeiro século d. C., embora tenha sido abandonado como idioma falado em cerca de 1800 a.C. A origem da escrita suméria continua envolta em obscuridade. Pode ter sido tomada por empréstimo de um povo anteriormente alfabetizado, a respeito de quem não se dispõe de quaisquer textos discerníveis.<sup>2</sup>

A avançada cultura suméria da Primeira Dinastia de Ur, a última fase do período Dinástico Antigo, foi descoberta em um cemitério escavado por C. Leonard Wooley.<sup>3</sup> Os ataúdes de madeira do povo comum, onde foram achados alimentos, bebidas, armas, instrumentos, colares, caixas de pingentes e braceletes sugerem-nos a idéia de que esses povos antecipavam haver vida após a morte. Os túmulos reais estavam atulhados de provisões para a vida posterior, pois incluíam instrumentos musicais, jóias, vestes, carroções e mesmo escravos, que aparentemente bebiam calmamente da droga particular que lhes era dada e em seguida se deitavam para dormir. No túmulo do rei Abargi foram encontradas sessenta e cinco vítimas. Evidentemente era considerado religiosamente essencial o sacrifício de seres humanos, durante o sepultamento de personagens sagradas, como reis e rainhas, na esperança de que isso lhes garantisse que teriam escravos no após-vida.

No campo da metalurgia, bem como nas artes de ourivesaria e de lapidação, os sumérios não ocupavam segundo lugar para ninguém, na antigüidade. Registros comerciais, preservados em tabletes de argila, revelam análises detalhadas de sua vida econômica. Um painel de madeira (de 56 cm x 23 cm), achado em um dos túmulos, pinta cenas de tempos de paz e de guerra. Já eram utilizados carros que transportavam arremessadores de dardos nas batalhas. As falanges, que foram tão eficazmente usadas por Alexandre o Grande, muitos séculos depois, já eram conhecidas pelos sumérios. Os princípios básicos de construção, utilizados pelos arquitetos modernos, lhes eram familiares. Bem sucedida na agricultura e próspera no comércio variiegado, a civilização suméria atingiu um avançado estágio de cultura (cerca de 2400 a. C.), o que, sem dúvida, se desenvolveu durante um período de vários séculos. Seu último grande monarca, Lugal-zagisi, ampliou o domínio sumeriano para o ocidente até o mar Mediterrâneo.

Entrementes, um povo semita, conhecido como acadianos, fundou a cidade de Agade ou Acade, ao norte de Ur às margens do rio Eufrates. Começando com Sargão, essa dinastia semita se apoderou dos sumérios, e assim se manteve na supremacia durante cerca de dois séculos. Depois de derrubar Lugal-zagisi, Sargão nomeou sua própria filha como sumo-sacerdotisa de Ur, em reconhecimento ao deus-lua Nānar. Dessa maneira ele estendeu seus domínios por toda a Babilônia, de modo que Finegan refere-se a ele como “o mais poderoso monarca” que jamais governou a Mesopotâmia.<sup>4</sup> Seus domínios estenderam-se até a Ásia Menor.

<sup>2</sup>Cf. Samuel N. Kramer, *From Tablets of Sumer* (Indian Hills, Colo.: The Falcon's Wing Press, 1956).

<sup>3</sup>Leonard Wooley, *Ur of the Chaldees* (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1930), págs. 45-68; *Ur Excavations II The Royal Cemetery*, pág. 42.

<sup>4</sup>Jack Finegan, *Light from the Ancient Past* (Princeton University Press, 1946), págs. 38-40.

Que os acadianos não tinham qualquer hostilidade cultural parece ser refletido no fato que adotaram a cultura dos sumérios. A escrita destes foi adaptada para servir à língua babilônico-semita. Tabletes desenterrados em Gasur, que posteriormente veio a ser conhecido como Nuzu, ao tempo dos hurrianos, os mesmos que são chamados horeus na Bíblia, indicam que esse período Acadiano Antigo foi uma fase de prosperidade, durante o qual, por todo o império, foi usado comercialmente o plano de pagamento por prestações. Um mapa de argila, encontrado entre os registros, é o mais antigo mapa que o homem conhece.<sup>5</sup>

Sob Narã-Sin, neto de Sargão, o domínio acadiano atingiu o seu zênite. Sua estela de vitória pode ser vista no Louvre de Paris. Dá testemunho de sua bem sucedida campanha nos montes Zagros. A supremacia desse grande reino semita foi declinando sob governantes subseqüentes.

A invasão guta, vinda do norte (cerca de 2080 a. C.), pôs fim ao domínio da dinastia acadiana. Embora pouco se saiba acerca desses invasores caucasianos, eles ocuparam a Babilônia durante aproximadamente um século. Um líder de Ereqe, na Suméria, derrubou o domínio guta, pavimentando o caminho para o reavivamento da cultura suméria, a qual floresceu mais notavelmente sob a Terceira Dinastia de Ur. O fundador dessa dinastia, Ur Namu, erigiu grande zigurate em Ur. Tijolo após tijolo, escavado dessa imensa estrutura (de 60 m x 45 m na base, e com a altura de mais de 24 m), traz inscrito o nome do rei Ur Namu, com o título de "rei da Suméria e de Acade". Ali eram adorados, durante a era áurea de Ur, Nanar, o deus-lua, e sua consorte, Nin-Gal, a deusa-lua.

Após um século de supremacia ruiu essa dinastia neo-sumeriana, e a terra da Suméria reverteu ao antigo sistema de cidades-estados. Isso supriu aos amorreus, ou semitas ocidentais, que gradualmente se tinham infiltrado Mesopotâmia a dentro, a oportunidade de obterem a ascendência. Virtualmente a Mesopotâmia inteira foi de pronto absorvida pelos semitas. Zinri-Lim, cuja capital era Mari, às margens do Eufrates, ampliou sua área de influência (cerca de 1750 a. C.) desde o médio Eufrates até o interior da terra de Canaã, tornando-se o governante do mais importante estado de então. O magnífico palácio de Mari tinha quase trezentas salas, e se espalhava por um terreno de quinze acres; entre os escombros os arqueólogos recuperaram cerca de vinte mil tabletes com escrita cuneiforme. Esses documentos em argila, que revelam os interesses comerciais e políticos dos líderes amorreus, retratam uma eficiente administração naquele império tão extenso.

Em cerca de 1.700 a. C., Hamurabi, que ampliara a pequena aldeia de Babilônia para tornar-se um grande centro comercial, pôde conquistar Mari, como seus extensos domínios.<sup>6</sup> Não somente dominou ele o Eufrates superior, mas também subjugou o reino de Samsi-Adade I, cuja capital era Assur, no rio Tigre. Marduque, o deus supremo da Babilônia, obteve reconhecimento proe-

<sup>5</sup> Quanto a narrativas sobre a vida em Nuzu, veja Edward Chiera, *They Wrote on Clay* (8ª impressão; University of Chicago Press, 1956)

<sup>6</sup> Quanto à data de Hamurabi, veja Finegan, *op. cit.*, pág. 47. Quanto a uma discussão mais recente, veja M. B. Rowton, "The Date of Hammurabi", *Journal of Near Eastern Studies*, XVII, n° 2 (abril de 1958), 97-111.

minente no império. A mais significativa das realizações de Hamurabi foi seu código legal, descoberto em Susa, em 1901, onde também fora apossado pelos elamitas, ao cair o reino de Hamurabi. Visto que antigos costumes sumérios haviam sido incorporados nessas leis, é provável que elas representem a cultura que prevalecia na Mesopotâmia durante os tempos patriarcais. Muitas das cartas de Hamurabi, dentre as que têm sido achadas, indicam que ele foi um governante eficiente, expedindo ordens com clareza e dando atenção a detalhes. A Primeira Dinastia da Babilônia (cerca de 1800 - 1500 a. C.) esteve em seu ponto culminante sob Hamurabi. Seus sucessores foram cedendo gradualmente aos cassitas invasores, os quais conquistaram a Babilônia em cerca de 1500 a. C.

### *Egito*

Quando Abraão chegou ao Egito, esse país podia ufanar-se de uma cultura com mais de mil anos de antiguidade. O começo da história egípcia usualmente retrocede até ao rei Menés (cerca de 3000 a. C.), o qual uniu dois reinos — um no delta e outro no vale do rio Nilo.<sup>7</sup> Os governantes das duas primeiras dinastias tiveram sua capital no Alto Egito, perto de Tebas.<sup>8</sup> Os túmulos reais, escavados em Abidos têm produzido vasos de pedra, jóias, vasos de cobre e outros objetos enterrados junto com os monarcas, o que refletia um alto nível de civilização durante esse antigo período. Essa foi a primeira era de comércio internacional nos tempos históricos.

A era clássica da civilização egípcia, conhecida como período do Reino Antigo (cerca de 2700 - 2200 a. C) e que compreendeu as Dinastias III - IV, testemunhou certo número de notáveis realizações. Imensas pirâmides, maravilhas dos séculos seguintes, provêem amplo testemunho sobre a avançada cultura daqueles primeiros governantes. A Pirâmide de Degraus, em Sacara, a mais antiga estrutura grande feita de pedras, foi erigida como mausoléu real por Inhotepe, um arquiteto que também ficou famoso como sacerdote, autor de provérbios e mágico. A Grande Pirâmide de Gizé elevava-se a 147 m de altura, sobre uma base de treze acres. A gigantesca Esfinge, que representa o rei Cafre, da Quarta Dinastia, é outra obra que jamais foi duplicada. Os “textos de Pirâmides”, inscritos durante as dinastias quinta e sexta, sobre as paredes de câmaras e salões, indicam que os egípcios, na sua adoração ao sol, antecipavam uma vida posterior. Os provérbios de Ptaotepe, que serviu como grão-vizir sob um Faraó da Dinastia Quinta, são dignos de atenção por seus conselhos práticos.<sup>9</sup>

As cinco dinastias seguintes que governaram o Egito (cerca de 2200 - 2000 a. C) surgiram durante um período de decadência. O governo centralizado decresceu. A capital foi mudada de Mênfis para Heracleópolis. A literatura clássica desse período reflete um governo fraco e em mudança. Perto do fim

<sup>7</sup>O nome hebraico dado ao Egito é Mizraim, que subentende dois reinos com sua terminação dual.

<sup>8</sup>Maneto, sacerdote no Egito sob Ptolomeu Filadelfo, cerca de 285 - 246, fez um estudo e uma análise da história egípcia. Ele divide a história egípcia em trinta dinastias, o que é preservado nos escritos de Josefo (95 d.C.), Sexto Júlio Africano (cerca de 221 d. C.) e Eusébio. Quanto a uma lista completa dessas dinastias, ver Steindorff e Seele, *When Egypt Ruled the East* (ed. rev.; University of Chicago Press, 1957), págs. 274-275.

<sup>9</sup>Quanto à história do Egito, antes de 1600 a. C., veja W. a. C. Hayes, *The Scepter of Egypt*, parte I (Nova Iorque: Harper & Brothers, 1953).

desse período a Décima Primeira Dinastia, sob os agressivos Intefes e Mentuotepes, edificou um estado forte em Tebas.

O Reino Médio (cerca de 2000 - 1780 a. C.) assinala o reaparecimento de um poderoso governo centralizado. Embora nativa de Tebas, a Décima Segunda Dinastia estabeleceu sua capital perto de Mênfis. As riquezas do Egito foram encarecidas por um projeto de irrigação que abriu o fértil vale do Faium à agricultura. As atividades de construção prosseguiram em passo acelerado em Carnaque, perto de Tebas e noutros lugares do país. Além de promoverem as operações em minas de cobre na península do Sinai, os governantes também construíram um canal ligando o rio Nilo ao mar Vermelho; isso os capacitou a manter melhores relações comerciais com a costa da Somália, na África Oriental. Ao sul, a Núbia foi anexada até à terceira catarata do Nilo, e uma colônia comercial fortificada foi mantida ali. Objetos egípcios encontrados por arqueólogos na Síria-Palestina e em Creta confirmam o vigoroso intercâmbio entre os egípcios e a esfera do Mediterrâneo Oriental.

Se o Reino Antigo é lembrado por sua originalidade e gênio artístico, o Reino Médio fez sua contribuição na literatura clássica. Escolas palacianas treinavam oficiais que sabiam ler e escrever, durante os prósperos reinados dos Amenemetes e Senuseres da Décima Segunda Dinastia. Embora as massas vivessem na pobreza, era possível que o indivíduo médio, naquela época de feudalismo, entrasse no serviço do governo através da educação, do treinamento e de habilidades especiais. Textos de instrução, inscritos nos ataúdes de pessoas não pertencentes à realeza, indicam que agora um número muito maior de pessoas desfrutava da expectativa do após-vida. “O conto de Sinue” é o melhor exemplo literário do antigo Egito para finalidades de entretenimento. “O Canto do Harpista”, outra obra-prima proveniente do Reino Médio, exorta os homens a gozarem dos prazeres da vida.<sup>10</sup>

Dois séculos de desintegração, declínio e invasão se seguiram ao Reino Médio; em consequência disso, esse período é bastante obscuro para os historiadores. As débeis Décima Terceira e Décima Quarta Dinastias deram ocasião à invasão dos hicsos, ou povo amorreu. Esses ousados intrusos, que provavelmente vinham da Ásia Menor, dominaram os egípcios por meio dos carros puxados a cavalo e de seus arcos compostos, ambos os quais armamentos eram desconhecidos pelas tropas egípcias. Os hicsos fundaram Avaris, no delta do Nilo, como sua capital. Entretanto, aos egípcios foi permitido terem um simulacro de autoridade em Tebas. Pouco depois de 1600 a. C. os governantes tebanos se tornaram suficientemente poderosos para expulsar esse poder estrangeiro e para fundar a Décima Oitava Dinastia, o que deu início ao período do Novo Reino.

### *Canaã*

O nome “Canaã se aplica às terras que jazem entre Gaza, no sul, e Hamate, no norte, ao longo das costas orientais do mar Mediterrâneo (ver Gn 10:15-19).

<sup>10</sup>Quanto à tradução, veja James B. Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament* (Princeton University Press, 1955), pág. 467.



Os gregos, em seu intercâmbio com Canaã, durante o primeiro milênio a. C., chamavam seus habitantes de fenícios, nome esse que provavelmente teve origem no termo grego que significa “púrpura”, que designava a cor carmesim de um corante de têxteis criado em Canaã. Desde o século XV a. C. o nome “Canaã” vinha sendo aplicado, de modo geral, à província egípcia da Síria, ou, pelo menos às costas fenícias, o centro da indústria da púrpura.<sup>11</sup> Conseqüentemente, as palavras “cananeu” e “fenício” têm a mesma origem cultural, geográfica e histórica. Mais tarde essa área veio a ser conhecida como Síria e Palestina. A designação “Palestina” teve sua origem no nome “Filístia”.

Com a migração de Abraão para Canaã, essa terra se torna o centro das atenções nos desenvolvimentos históricos e geográficos dos tempos bíblicos. Estando estrategicamente localizada entre os dois grandes centros que abrigavam as mais antigas civilizações, Canaã servia de ponte natural que vinculava o Egito à Mesopotâmia. Em resultado disso, não é de surpreender que fosse mista a população da região.<sup>12</sup> Cidades de Canaã, como Jericó, Dotã e outras, já vinham sendo ocupadas desde séculos antes dos tempos patriarcais.<sup>13</sup> Devido ao primeiro grande movimento semita (de amorreus) para a Mesopotâmia, parece provável que os amorreus lançaram povoados por toda a Palestina. Durante o Reino Médio, os egípcios estenderam seus interesses políticos e comerciais tão para o norte como a Síria.<sup>14</sup> Muito antes de 1500 a. C. gente de Caftor se estabeleceu na planície marítima.<sup>15</sup> Não menos importantes entre os invasores eram os hititas, que penetraram em Canaã vindos do norte e que figuravam como cidadãos bem estabelecidos quando Abraão adquiriu a cova de Macpela (veja Gn 23). Os refains, um povo até recentemente obscuro, exceto quanto às referências bíblicas, foram há pouco identificados na literatura ugarítica.<sup>16</sup> Pouco se sabe acerca de outros habitantes que figuram na narrativa do Gênesis. A designação “cananeu” mui provavelmente abarcava a confusa mescla de povos que ocupava a região na era dos patriarcas.

## Geografia<sup>17</sup>

Estendendo-se por 250 km de comprimento desde Berseba, ao norte, até Dã, a Palestina tem uma área de 9654 km quadrados, entre o mar Mediterrâneo e o rio Jordão. A largura média é de 64 km, com um máximo de 87 km desde

<sup>11</sup>Cf. Merrill F. Unger, *Israel and the Aramaeans of Damascus* (Londres: James Clarke & Co., 1957), pág. 19).

<sup>12</sup>Cf. Gn 12:6; 13:13; 15:16; 19—21; 21:34; 23:3 e outros. Ali se notam os cananeus, amorreus, queueus, que-nezeus, jebuseus, filisteus e outros.

<sup>13</sup>Dotã começou cerca de 3000 a. C. Cf. Joseph P. Free, “The First Season of Excavation at Dothan”, *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, nº 131, outubro de 1953, págs. 16-20. Quanto à data de Jericó antes do sexto ou sétimo milênios a. C., veja Kathleen M. Kenyon, *Digging up Jericho* (Londres: Ernest Benn, 1957), págs. 51-76.

<sup>14</sup>Sinue, um oficial egípcio durante o Reino Médio, reflete contactos com negociantes egípcios e residentes na Palestina. Quanto a uma tradução desse popular clássico egípcio por John A. Wilson, veja James B. Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, op. cit., págs. 18-22.

<sup>15</sup>Cyrus H. Gordon, *The World of the Old Testament* (Garden City: Doubleday & Co., 1958), págs. 121-122. Esses povos não-semíticos também incluíam os filisteus.

<sup>16</sup>*Ibid.*, págs. 97-98.

<sup>17</sup>Quanto a um excelente estudo sobre geografia histórica, veja Dennis Baly, *The Geography of the Bible* (Nova Iorque: Harper & Brothers, 1957). Cf. também George Adam Smith, *The Historical Geography of the Holy Land* (25ª edição; Londres: Hodder & Stoughton, 1931) e G. Ernest Wright e Floyd V. Filson, *The Westminster Historical Atlas to the Bible* (Filadélfia: Westminster Press, 1956), págs. 15-20, e J. McKee Adams, op. cit.

Gaza até o mar Morto, estreitando-se para 45 km no mar da Galiléia. Com a adição de 6436 km quadrados, a leste do Jordão, área essa com frequência denominada Transjordânia, essa região envolve cerca de 16.090 km quadrados, isto é, ligeiramente maior que o estado brasileiro de Sergipe.

Além de ocupar localização central e estratégica em relação aos centros da civilização e a grandes noções de tempos vetero-testamentários, a Palestina também possui uma topografia variegada, que exerceu significativo efeito sobre os acontecimentos históricos. Por causa de sua localização, a Palestina estava sujeita a invasões, quando sua neutralidade usualmente se curvava ante o poder mais forte. Os acontecimentos freqüentemente se originavam em fatores topográficos.

Para efeito de análise de suas características físicas, a Palestina pode ser dividida em quatro áreas principais: a planície marítima, a região montanhosa, o vale do Jordão e o platô oriental.

A planície marítima consiste da área costeira do mar Mediterrâneo. A linha da costa é imprópria para instalações portuárias; em conseqüência, o comércio como um todo era canalizado para Tiro e Sidom, ao norte. Nem mesmo Gaza, que foi um dos maiores centros comerciais da Palestina antiga, localizada a cinco quilômetros do Mediterrâneo, tinha quaisquer instalações portuárias permanentes. Essa rica região, ao longo da faixa marítima, pode ser facilmente dividida em três áreas: a planície de Aco, ou Acre, que se prolongava para o norte desde o sopé do monte Carmelo por cerca de 32 km, com uma largura que variava de pouco mais de três até dezesseis quilômetros. Ao sul do Monte Carmelo fica a planície de Sarom, com aproximadamente 80 km de extensão, com uma largura máxima de 19,5 km de largura. A planície da Filístia começa a oito quilômetros ao norte de Jope, espalhando-se por 112 km para o sul e alargando-se por quarenta quilômetros na direção de Berseba.

A região montanhosa, localizada entre o vale do Jordão e a planície marítima, é a mais importante secção da Palestina. As três áreas principais — a Galiléia, a Samaria e a Judéia — têm uma elevação aproximada que varia entre 600 a 1200 m acima do nível do mar. A Galiléia se prolonga para o sul a partir do rio Leontes, imediatamente a leste da Fenícia e da planície de Acre. Provê um solo fértil para o cultivo de uvas, azeitonas, castanhas e outras culturas, além de ter áreas pastoris. Um dos mais produtivos e pitorescos vales de cultivo agrícola da Palestina separa as colinas da Galiléia das da Samaria. Conhecido como vale de Jezreel, ou Esdrelom, essa região é vitalmente importante devido à sua localização estratégica, desde os tempos bíblicos até aos nossos próprios dias. A sueste do monte Carmelo, essa planície fértil se estende por cerca de 64 km até ao monte Moré, de onde se divide em dois vales e prossegue até o rio Jordão. Nos tempos do Antigo Testamento, os hebreus faziam distinção entre as regiões oriental e ocidental, conhecidas respectivamente como vales de Jezreel e de Esdrelom. A cidade de Jazreel, cerca de 24 km distante do Jordão, assinalava a entrada para esse famoso vale. A secção ocidental também era conhecida como planície de Megido, pois o famoso passo nas montanhas de Megido era de importância crucial para os invasores. Essa planície fértil pode ser vista da colina de Moré, no vale de Jezreel, tendo o monte Carmelo a oci-

dente, o monte Tabor ao norte e o monte Gilboa ao sul. O centro geográfico da Palestina, a região montanhosa de Samaria, se eleva abruptamente, começando pelo monte Gilboa, e continuando para o sul até Betel. As colinas e vales interrompidos dessa elevação fértil ofereciam um paraíso aos criadores de gado, bem como aos agricultores. Siquém, Dotã, Betel e outras cidades dessa área eram freqüentadas pelos patriarcas. As terras altas da Judéia se estendiam para o sul desde Betel por cerca de 97 km até Berseba, com uma elevação de cerca de 760 m de altura em Jerusalém, atingindo um ponto culminante de mais de 920 m perto de Hebrom. Começando nas vizinhanças de Berseba, as colinas da Judéia se espriam pelas colinas ondulantes do grande deserto que com freqüência é denominado Neguebe, ou Terras do Sul, onde Cades-Barnéia assinala sua extremidade sul. Para leste das colinas da Judéia fica a região erma que é apropriadamente chamada “Deserto da Judéia”. Para oeste dessa bacia hidrográfica da Judéia fica a Sefelá, conhecida como terras baixas. Nessa área — estrategicamente importante para a defesa e economicamente valiosa como área de fazendas — estavam localizadas cidades fortificadas como Laquis, Debir e Libna.

O vale do Jordão representa uma das áreas mais fascinantes do mundo. Além dele, a cerca de 65 km ao norte do mar da Galiléia, eleva-se o monte Hermom, com uma altitude de 2.800 m. Para o sul o vale do Jordão atinge sua porção mais baixa no mar Morto, a cerca de 389 m abaixo do nível do mar. Quatro riachos — um da planície ocidental e três do monte Hermom — se combinam para formar o rio Jordão, cerca de 16 km ao norte do lago Hulé. Do lago Hulé,<sup>18</sup> que era de cerca de seis quilômetros e meio de comprimento e que tinha cerca de 2,10 m acima do nível do mar, descia o rio Jordão, em um curso de 32 km, para 209 m abaixo do nível do mar, despejando-se no mar da Galiléia. Esse acúmulo de água, com aproximadamente 24 km de extensão, também era conhecido como mar de Quínerete, nos dias do Antigo Testamento. Por uma distância de quase noventa e sete quilômetros, com uma largura média entre 27 e 30 m, o rio Jordão zigzagueava para o sul através de um curso de 320 km até ao mar Morto, descendo quase cem metros mais. A área do vale, que na realidade é uma grande valeta entre duas cadeias montanhosas, algumas vezes é chamado Gor. Começando com uma largura de seis quilômetros e meio, no mar da Galiléia, alarga-se para pouco mais de onze quilômetros em Betsã, e estreitando-se para uma largura de pouco mais de três quilômetros, antes de expandir-se para vinte e dois quilômetros e meio em Jericó, já a oito quilômetros do mar Morto. Nos tempos bíblicos, esse lago era chamado “Mar Salgado”, porquanto suas águas contêm uma taxa de 25 por cento de sal. Mui provavelmente, o vale de Sidim, na extremidade sul do mar de 74 km de extensão, era a localização de Sodoma e Gomorra, nos dias de Abraão.<sup>19</sup> Ao sul do mar Morto espraia-se a região estéril e desolada conhecida como Arabá. Na distância de 105 km até Petra, esse deserto se eleva para mais de 600 m. acima do mar, descendo novamente para o nível do mar, oitenta quilômetros adiante, no golfo de Ácaba.

O platô oriental geralmente pode ser dividido em quatro áreas principais:

<sup>18</sup>Recentemente drenou-se o lago Hulé, que foi recuperado para usos agrícolas.

<sup>19</sup>Ver Nelson Glueck, *The Other Side of the Jordan* (New Haven: American Society of Oriental Research, 1940), pág. 114

Basã, Gileade, Amom e Moabe. Basã, com seu solo rico, se prolonga para o sul do monte Hermom até o rio Jarmuque, com uma largura de setenta e dois quilômetros e uma elevação de cerca de seiscentos metros acima do nível do mar. Abaixo disso fica a bem conhecida área de Gileade, com seu rio principal, o Jaboque. Estendendo-se para o nordeste do mar Morto até às nascentes do Jaboque fica o território de Amom. Diretamente a leste do Mar Morto e ao sul do rio Arnon fica Moabe, cujos domínios se prolongaram mais para o norte em diversas vezes.

### A Narrativa Bíblica — Gn 12-50

A erudição moderna concorda em atribuir aos patriarcas um lugar na história do Crescente Fértil, na primeira metade do segundo milênio a. C. A assertiva de que a narrativa bíblica consiste tão-somente de lendas fabricadas tem sido substituída pelo respeito geral pela qualidade histórica de Gn 12-50.<sup>20</sup> Grandemente responsável por essa mudança revolucionária foi a descoberta e publicação dos tabletes de Nuzu (ou Nuzi), além de outras informações arqueológicas que vieram à luz desde 1925. Embora nenhuma evidência concreta seja disponível e que nos permita identificar quaisquer nomes ou eventos específicos com base em fontes externas com aqueles mencionados na narrativa do Gênesis, é fácil reconhecer que o meio ambiente cultural é o mesmo em ambos os casos. A única evidência em prol da existência de Abraão procede da narrativa hebraica, mas muitos eruditos do Antigo Testamento reconhecem agora o seu devido lugar nos primórdios da história dos hebreus.<sup>21</sup>

A cronologia relativa aos patriarcas continua um ponto debatido. Dentro desse período geral, a data advogada para Abraão varia do século XXI ao século XV a. C. Visto que as cronologias relativas a esse período estão em estado de fluxo, convém dar atenção a vários pontos de vista quando se fixam as datas sobre os patriarcas.

Com bases em certas notas cronológicas que são dadas nas Escrituras, a entrada de Abraão em Canaã pode ser calculada como algo que teve lugar em 2091 a. C. Isso dá margem para 215 anos para a vida dos patriarcas em Canaã, 430 anos para a servidão no Egito, e para uma data recuada para o êxodo do Egito (1447 a. C.)<sup>22</sup> A correlação entre os eventos seculares e os bíblicos, baseada nessa cronologia, tem sido sujeitada a revisões. A teoria que identifica

<sup>20</sup>J. Wellhausen, *Prolegomena to the History of Israel* (3ª ed.; Edinburgo), pág. 331. Segundo a teoria de Graf-Wellhausen, Abraão, Isaque e Jacó não existiram como indivíduos históricos, mas foram personagens, criados por gênios literários entre 950 e 400 a. C. Moisés pode ter sido um indivíduo histórico, com quem começou a história de Israel. Cf. Robert H. Pfeiffer, *Introduction to the Old Testament* (Nova Iorque, Harper & Brothers, 1941), Elmer W. K. Mould, *Essentials of Bible History* (Nova Iorque: Ronald Press Co., 1951), pág. 92, expõe os registros patriarcais como narrativas tribais que contêm "bem pouca história", segundo a terminologia moderna. Segundo Mould, somente as tribos de Raquel entraram no Egito e mais tarde entraram na Palestina, unindo-se às tribos que nunca tinham migrado para o Egito. W. F. Albright, *From Stone Age to Christianity* (2ª ed., Baltimore: Johns Hopkins Press, 1940), atribui maior reconhecimento aos primórdios de Israel com os patriarcas.

<sup>21</sup>H. H. Rowley, "Recent Discoveries and the Patriarchal Age", em *The Servant of the Lord and other Essays on the Old Testament* (Londres: Lutterworth Press, 1952), págs. 269-305. Cf. também W. F. Albright, *The Biblical Period* (Pittsburgh, 1950), pág. 6: "Mas como um todo o quadro em Gênesis é histórico, não havendo motivos para dúvidas de exatidão geral dos detalhes biográficos e dos quadros de personalidade que fazem os patriarcas se tornarem figuras existentes".

<sup>22</sup>Quanto a um cálculo representativo das referências e da interpretação bíblica, ver Merrill F. Unger, *Archeology and the Old Testament* (Grand Rapids: Zondervan, 1954), págs. 105-107.

Anrafel (veja Gn 14) como Hamurabi, requer uma reinterpretação dos informes bíblicos juntamente com a aceitação de uma cronologia babilônica mais baixa.<sup>23</sup>

Embora Gordon tenha sugerido uma data posterior, parece que a Era Patriarcal se ajusta melhor com o período aproximado de cerca de 2000 — 1750 a. C., de acordo com Kenneth A. Kitchen.<sup>24</sup> Ele frisa que grandes acontecimentos e a história externa, como a densidade da população, os nomes dos reis orientais (cf. Gn 14), e o sistema de alianças mesopotâmicas são características dessa era. Os nomes pessoais dos patriarcas combinam bem com os nomes dos documentos mesopotâmicos e egípcios desse período. Também era durante essa época que o Neguebe era ocupado em certas estações do ano.

Uma data razoável para a migração de Abraão para Canaã é a primeira metade do século XIX a. C. Em face das cronologias recém-ajustadas para o Crescente Fértil, essa data parece permitir uma melhor correlação entre os eventos seculares e os eventos bíblicos. Isso poria em paralelo a entrada de Jacó e José no Egito com o período dos hicsos, levando os tempos de Abraão, Isaque e Jacó em associação mais próxima com a era de Hamurabi e com a cultura refletida nos documentos de Nuzi e Mari. Os documentos de Mari revelam a situação política na Mesopotâmia em cerca de 1750 — 1700 a. C. Sem se importar se os tabletes de Nuzi refletem as instituições sociais existentes entre os hurrianos (os horeus da Bíblia), em torno de 1500 a. C., reconhece-se que alguns desses costumes provavelmente prevaleciam na cultura da porção norte da Mesopotâmia, desde tão cedo quanto 2000 a. C. A presença de uma colônia hitita nos dias de Abraão também ressalta uma data depois de 1900 a. C. (veja Gn 23).<sup>25</sup> Embora nem todo problema seja solucionado se for postulada uma data no século XIX a. C. para Abraão, esse ponto de vista parece ter mais pontos a seu favor.

Com base nas principais personagens, as narrativas da época patriarcal podem ser convenientemente divididas como segue: Abraão = Gn 12:1 — 25:18; Isaque e Jacó = Gn 25:19 — 36:43; José = Gn 37:1 — 50:26.

#### *Abraão (Gn 12:1 — 25:18)*

I. Abraão estabelecido em Canaã	12:1 — 14:24
Transição de Harã a Siquém, Betel e as terras do sul	12:1-9
Peregrinação no Egito	12:10-20
Separação entre Abraão e Ló	13:1-13
A terra prometida	13:14-18

<sup>23</sup>A nova baixa cronologia data a época de Hamurabi em cerca de 1700 a. C., ao invés de cerca de 2100 a. C. Cf. a nota de rodapé 6.

<sup>24</sup>Gordon, *op. cit.*, págs. 113-133, data o nascimento de Abraão na última porção do século XX a. C. Embora Gordon reconhecesse que o grande volume do material do Gênesis possa ser averiguado como digno de confiança, ele supõe que muitos dos números que representam anos nas narrativas hebraicas sobre os seus primórdios são esquemáticos, não devendo ser levados em conta literalmente. Quanto a uma extensa bibliografia sobre a data da era patriarcal, veja K. Kitchen, *Ancient Orient and Old Testament*. Chicago: Inter-Varsity Press, 1966, pág. 41.

<sup>25</sup>G. Ernest Wright, *Biblical Archaeology* (Filadélfia: Westminster Press, 1957), pág. 50. Cf. Albright, *op. cit.*, págs. 3-6

Ló é resgatado	14:1-16
Abraão é abençoado por Melquisedeque	14:17-24
II. Abraão espera o filho prometido	15:1 — 22:24
O filho prometido	15:1-21
Nascimento de Ismael	16:1-16
Renovação da promessa — o pacto e seu sinal	17:1-27
Abraão, o intercessor — Ló é resgatado	18:1 — 19:38
Abraão livrado de Abimeleque	20:1-18
Nasce Isaque — expulsão de Ismael	21:1-21
Abraão habita em Berseba	21:22-34
O pacto é confirmado pela obediência	22:1-24
III. Abraão provê para sua posteridade	23:1 — 25:18
Abraão adquire uma sepultura	23:1-20
A noiva para o filho prometido	24:1-67
Isaque é designado herdeiro — morte de Abraão	25:1-18

A Mesopotâmia, a terra entre os dois rios, era a terra natal de Abraão (veja Gn 12:6; 24:10 e At 7:2). Localizada às margens do Balique, um tributário do rio Eufrates, Harã constituía o centro da cultura onde ele vivia com seus parentes. Nomes da gente de Abraão — Terá, Naor, Pelegue, Serugue, além de outros — são confirmados nos documentos de Mari e dos assírios como nomes de cidades daquela área.<sup>26</sup> Em obediência à ordem divina de deixar sua terra natal e sua parentela, Abraão deixou Harã a fim de fixar nova residência na terra de Canaã.

Abraão vivera em Ur dos caldeus antes de ter vindo para Harã (ver Gn 11:28-31). A identificação mais geralmente aceita de Ur é a moderna Tell el-Muqayyar, que está localizada a catorze quilômetros e meio a oeste de Nirsiriyeh, no rio Eufrates, no sul do Iraque. Alguma consideração tem sido dada a indicações geográficas, contemporâneas da época de Abraão, a uma cidade chamada Ur, localizada no norte da Mesopotâmia.<sup>27</sup> O sítio de Ur no sul (Uri) foi escavado em 1922-34 conjuntamente pelo Museu Britânico e pelo Museu da Universidade de Filadélfia, sob a direção de Sir Leonard Woolley. Ele seguiu a história de Ur desde o quarto milênio a. C. até 300 a. C., quando essa cidade foi abandonada. Nesse local foram achadas as ruínas de um zigurate que fora construído pelo próspero monarca sumério Ur Namu, que reinou pouco antes de 2000 a. C. Essa cidade continuou sendo a grande capital da Terceira Dinastia de Ur. O deus-lua Namar, que era adorado em Ur, também era a principal divindade em Harã.<sup>28</sup>

A vida de Abraão se presta a um estudo feito de vários ângulos. Geograficamente, pode-se acompanhar seus movimentos, a começar pela cidade de Harã, altamente civilizada. Deixando a sua parentela, mas acompanhado

<sup>26</sup>Essas terras também eram conhecidas como Padã-Arã, motivo pelo qual foi aplicado o nome de “arameus” a Abraão e seus parentes. Cf. Gn 25:20; 28:5; 31:20,24 e Dt 26:5. Além disso, Labão falava o aramaico. Cf. Gn 31:47

<sup>27</sup>Gordon, *op. cit.*, pág. 132. Cf. também as citações de Nuzu em uma tese não publicada de Loren Fisher, da Universidade Brandeis, *Nuzu Geographical Names*.

<sup>28</sup>G. E. Wright, *op. cit.*, pág. 41, observa: “Seja como for, podemos dizer com segurança que Harã era o lar com o qual os patriarcas estiveram mais intimamente ligados, havendo pouca evidência de qualquer influência sobre suas tradições da parte do sul da Mesopotâmia”.

por Ló, seu sobrinho, ele viajou por cerca de 650 km para a terra de Canaã, onde fez alto em Siquém, a cerca de 50 km ao norte de Jerusalém. Em adição a uma excursão pelo Egito, o que foi necessário devido à fome, Abraão fez paradas em lugares bem conhecidos como Betel, Hebrom, Gerar e Berseba. Sodoma e Gomorra, as cidades da planície, para onde Ló migrou, ficavam diretamente a leste das terras do sul ou Neguebe, onde Abraão se instalou.

Referências frequentes indicam que Abraão era homem de considerável riqueza e prestígio. Longe de ser um nômade vagabundo, no sentido beduíno, ele demonstrou ter atividades mercantis. Embora a avaliação de suas possessões seja modestamente sumariada em uma única declaração — “Levou Abrão consigo... todos os bens que haviam adquirido, e as pessoas que lhe cresceram em Harã” (Gn 12:5) — é bem provável que suas riquezas fossem representadas por uma grande caravana, quando ele migrou para a Palestina. Uma força de 318 servos, subsequentemente usada para livrar a Ló (veja Gn 14:14) e uma caravana de dez camelos (veja Gn 24:10) indicam apenas uma porção dos recursos materiais de Abraão.<sup>29</sup> Os servos eram adquiridos por meio de compra, presentes ou direito de nascimento (veja Gn 16:1; 17:23, 27 e 20:14). Numerosos rebanhos de gado vacum e ovino, prata e ouro, além de servos que cuidassem de suas grandes possessões, indicam que Abraão era homem de grandes posses. Os chefes tribais da palestina reconheciam em Abraão um príncipe com quem estabeleceram alianças e firmaram tratados (veja Gn 14:13; 21:22 e 23:6).

Do ponto de vista das instituições sociais, a narrativa do Gênesis sobre Abraão forma um estudo fascinante. Os planos de Abraão para que Eliezer fosse o herdeiro de suas possessões, porquanto não tinha filhos (veja Gn 15:2), refletem as leis de Nuzu, que determinavam que um casal sem filhos poderia adotar como filho um servo fiel, o qual teria plenos direitos legais e seria recompensado com a herança, em troca do cuidado constante e de um sepultamento condigno, quando da morte daqueles. Os costumes maritais provenientes de Nuzu, bem como o código de Hamurabi, estabeleciam que se a esposa de um homem não lhe desse filhos, então um filho de uma criada poderia ser reconhecido como herdeiro legal. O relacionamento de Hagar com Abraão e Sara tipifica os costumes que prevaleciam na Mesopotâmia. A preocupação de Abraão pelo bem estar de Hagar também pode ser explicado pelo fato que, legalmente, uma criada que desse um filho a um homem não podia ser vendida como escrava.

O estudo devocional da vida de Abraão também produz dividendos. A sêxtupla promessa feita ao patriarca tem implicações de longo alcance na história. A promessa divina de que ele se tornaria uma grande nação se concretiza nos desenvolvimentos subsequentes do Antigo Testamento. “Eu te abençoarei” logo se tornou uma realidade em sua experiência pessoal. O nome de Abraão foi “engrandecido” não somente como pai dos israelitas e islamitas, mas também como o grande exemplo de fé para os crentes cristãos, nos escritos neotestamentários das epístolas aos Romanos, aos Gálatas, aos Hebreus e de Tiago. Em adição, a atitude da humanidade para com Abraão e seus descendentes teria ligação direta com as bênçãos ou maldições divinas acerca da humanida-

<sup>29</sup>Gordon, *op. cit.*, pág. 124

de; isso assegurou para Abraão uma posição singular nos desígnios providenciais para a raça humana. Realmente, a promessa de que Abraão seria uma bênção foi literalmente cumprida durante sua vida, bem como em tempos subsequentes. Finalmente, a promessa de que seriam abençoadas todas as famílias da terra se desdobra em escopo mundial, quando Mateus inicia seu relato sobre a vida de Jesus Cristo, ao declarar ser ele “filho de Abraão”.

O pacto desempenhou importante papel na experiência de Abraão. Notemos as sucessivas revelações de Deus, depois da promessa inicial à qual Abraão respondeu obedientemente. À medida em que Deus foi ampliando essa promessa, Abraão foi exercendo fé, o que lhe era lançado na conta como justiça (veja Gn 15). Nesse pacto, a terra de Canaã foi especificamente prometida à descendência de Abraão. Com a promessa de um filho, a circuncisão se tornou o sinal do pacto (veja Gn 17). Esse pacto-promessa foi finalmente selado quando do ato de obediência de Abraão, ao mostrar ele sua disposição em sacrificar seu filho único, Isaque (veja Gn 22).

A religião de Abraão forma um tema vital nas narrativas sobre os patriarcas. Vindo de um ambiente politeísta, onde o deus-lua Nanar era reconhecido como principal divindade da cultura babilônica, Abraão chegou em Canaã. Que sua família servia a outros deuses é claramente afirmado em Js 24:2. Em Canaã, em meio a uma circunvizinhança pagã, a marca de Abraão foi que ele “erigiu um altar ao Senhor”. Depois que resgatou a Ló e ao rei de Sodoma, ele repeliu uma recompensa oferecida, reconhecendo ser totalmente devotado a Deus, “criador dos céus e da terra”. A comunhão íntima e o companheirismo que havia entre Deus e Abraão é algo belamente retratado no décimo oitavo capítulo, onde ele intercede em favor de Sodoma e Gomorra. Talvez seja com base em Is 41:8 e Tg 2:23 que a tradução da Septuaginta tenha inserido as palavras “meu amigo”, em Gn 18:17. Através dos séculos, desde então, o portão sul de Jerusalém, que conduz a Hebrom e Berseba, tem sido intitulado de “portão da amizade”, em memória a esse relacionamento entre Deus e Abraão.

Isaque, o filho prometido, foi herdeiro de tudo quanto Abraão possuía. Outros filhos de Abraão, como Ismael, de quem descendem os árabes, e Midiã, pai dos midianitas, receberam presentes, ao se despedirem da terra de Canaã, deixando esse território para Isaque. Antes de sua morte, Abraão proveu para seu filho Isaque uma esposa, Rebeca. Abraão também comprou a caverna de Macpela,<sup>30</sup> que se tornou lugar de sepultamento para Abraão, Isaque, Jacó e suas respectivas esposas.

#### *Isaque e Jacó (Gn 25:19 — 36:43)*

I. A família de Isaque	25:19-34
Rebeca, mãe dos gêmeos	25:19-26
Esaú e Jacó trocam de primogenitura	25:27-34

<sup>30</sup>A compra que Abraão fez, adquirindo um terreno (veja Gn. 23) reflete uma lei hitita. Efrom insistiu em vender o campo todo, pelo que Abraão se tornou responsável pelos impostos e por outras taxas, que Abraão queria evitar adquirindo apenas a caverna. Cf. J. F. Lehmann, *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, nº 129 (1953), págs. 15-18. Cf. Gordon, *op. cit.*, págs. 124, e Wright, *op. cit.*, pág. 51.



II. Isaque se estabelece em Canaã	26:1-33
O pacto é firmado com Isaque	26:1-5
Dificuldades com Abimeleque	26:6-22
A bênção divina para Isaque	26:23-33
III. A bênção patriarcal	26:34-28:9
Isaque favorece a Esaú	26:34-27:4
A bênção é furtada - consequências imediatas	27:5 - 28:9
IV. Aventuras de Jacó com Labão	28:10 - 32:2
O sonho em Betel	28:10-22
Família e riquezas	29:1 - 30:43
Separam-se Jacó e Labão	31:3 - 32:3
V. Jacó retorna a Canaã	32:3 - 35:21
Esaú e Jacó se reconciliam	32:3 - 33:17
Dificuldades em Siquém	33:18 - 34:31
Adoração em Betel	35:1-15
Raquel é sepultada em Belém	35:16-21
VI. Descendentes de Isaque	35:22 - 36:43
Os filhos de Jacó	35:22-26
Sepultamento de Isaque	35:27-29
Esaú e seu clã em Edom	36:1-43

O caráter de Isaque, retratado no livro de Gênesis, é um tanto obscurecido pelas vidas movimentadas tanto de seu pai quanto de seu filho. Depois da notícia da morte de Abraão, o leitor é imediatamente apresentado a Jacó, o qual emerge como o elo da sucessão patriarcal. Talvez muitas das experiências de Isaque fossem similares às de Abraão, pelo que relativamente pouco da narrativa é devotado ao primeiro.

Embora Isaque tivesse herdado as riquezas de seu pai e tivesse prosseguido no mesmo padrão de vida, é interessante observar que ele se ocupou da agricultura, perto de Gerar (veja Gn 26:12). De certa feita, Abraão estivera em Gerar, no território filisteu, mas passava a maior parte de seu tempo nas cercanias de Hebrom. Quando Isaque começou a cultivar o solo, colheu safras que produziram a cem por um. Esse sucesso incomum no plantio excitou a inveja dos filisteus, em Gerar, pelo que Isaque viu ser mister mudar-se para Berseba, a fim de poder manter relações pacíficas.

A presença dos filisteus em Canaã, durante o período patriarcal, tem sido reputado como um anacronismo. A colônia de caftorins em Canaã, por volta de 1200 a. C., representou uma migração tardia do Povo Marítimo que já fizera anteriores estabelecimentos, durante um prolongado período. Os filisteus, pois, se tinham estabelecido em menores números muito antes de 1500 a.C. Com o tempo eles se amalgamaram com outros habitantes da terra de Canaã, mas o nome “Palestina” (Filístia) continua a prestar testemunho da presença deles em Canaã. A cerâmica dos caftorins, por toda a porção sul e central da Palestina, além das alusões literárias, testemunham acerca da superioridade dos filisteus nas artes e ofícios. Nos dias de Saul eles monopolizavam o trabalho em metais na Palestina.<sup>31</sup>

<sup>31</sup>Gordon, *op. cit.*, págs. 121-123.

De comportamento belicoso, Jacó emergiu como herdeiro do pacto. De acordo com os costumes de Nuzu ele negociou com Esaú, para adquirir os direitos de herança. Sua capacidade de barganhar se tornou de pronto evidente quando obteve os direitos da primogenitura, pelo preço irrisório de um prato de lentilhas. O irreal senso de valores de Esaú pode ter-se devido à fadiga temporária e à exaustão, após uma infrutífera expedição de caça. Em adição a isso, Jacó obteve a bênção final de Isaque, mediante truques e engodos instigados por sua mãe, Rebeca. A significação dessa aquisição pode ser melhor compreendida quando se faz confronto com as leis contemporâneas, que tornavam essas bênçãos orais obrigatoriamente legais. Digno de atenção, entretanto, é o fato de que a narrativa bíblica salienta o lugar da liderança acima das bênçãos materiais.

Temendo o provável casamento de Jacó com mulheres hetéias, como também a vingança de Esaú, Rebeca traçou um plano para enviar seu filho favorito a Padã-Arã. Na viagem, Jacó reage a um sonho, tido em Betel, com a promessa condicional de servir a Deus e com o compromisso tentativo de dar-Lhe os dízimos de seus rendimentos. Tendo recebido acolhida cordial na terra de seus antepassados, Jacó entra em acordo com Labão, o irmão de Rebeca. De conformidade com os costumes de Nuzu, isso pode ter sido mais que um simples contrato de trabalho com vistas a casamento. Aparentemente Labão não tinha filhos nessa época, pelo que Jacó foi feito seu herdeiro legal. Típico da época foi o fato de que Labão presenteou cada uma de suas filhas, Lia e Raquel, com uma criada. Posteriormente, a esposa de Labão lhe deu filhos, pelo que Jacó não era mais o herdeiro principal. Essa mudança nos acontecimentos não agradou a Jacó; ele queria partir, mas foi dissuadido disso por meio de um novo contrato, que lhe abriu caminho para obter riquezas através dos rebanhos de ovelhas de Labão. No decurso do tempo Jacó prosperou, a despeito dos reajustes no contrato impostos por Labão, por causa do que sofrem tensão as relações entre sogro e genro.

Encorajado por Deus a voltar à terra de seus pais, Jacó reuniu todas as suas posses e partiu em momento oportuno, quando Labão estava distante, em missão de tosquia das ovelhas. Três dias depois Labão soube do rumo tomado por Jacó, e saiu em feroz perseguição. Após sete dias o alcançou, na região montanhosa de Gileade. Labão estava profundamente perturbado ante o desaparecimento de seus deuses domésticos. O terafim que Raquel ocultou com êxito, enquanto Labão rebuscava por todas as possessões de Jacó, talvez tivesse um significado mais legal do que religioso aos olhos de Labão.<sup>32</sup> De acordo com as leis de Nuzu, um genro que possuísse os deuses domésticos podia reivindicar em tribunal a herança da família. Desse modo, Raquel buscava obter alguma vantagem para seu marido, ao furtar os ídolos. Mas Labão anulou qualquer benefício dessa ordem mediante um pacto que firmou com Jacó antes de se separarem.

Continuando na direção de Canaã, Jacó antecipava o temível encontro com Esaú. O temor o assaltou, embora cada crise houvesse terminado em seu favor, no passado. No ponto de onde não mais podia recuar, Jacó enfrentou uma experiência crucial (veja Gn. 32:1-32). Tendo dividido todas as suas possessões às

<sup>32</sup>Labão fez a distinção entre os deuses de Naor e o Deus de Abraão (veja Gn 31:29-30). Se Jacó era mono-teísta, Labão era politeísta.

margens do rio Jaboque, ao preparar-se para enfrentar Esaú, ele se voltou para Deus em oração. Humildemente reconheceu que era indigno de todas as bênçãos que Deus lhe havia conferido. Porém, diante do perigo, ele solicitou livramento. Durante a solidão da noite, lutou contra um certo homem. Nessa estranha experiência, que ele reconheceu como um encontro divino, o seu nome foi mudado de “Jacó” para “Israel”. Dali por diante, Jacó não seria mais o enganador; pelo contrário, ficou sujeito ao ludíbrio e às tristezas, da parte de seus próprios filhos.

Quando Esaú chegou, Jacó se prostrou por sete vezes — outro costume antigo, mencionado nos documentos de Amarna e Ugarite — e foi perdoado por seu irmão. Declinando cortezmente da generosa ajuda oferecida por Esaú, Jacó prosseguiu lentamente para Sucote, enquanto Esaú voltou a Seir.

Na rota para Hebrom, Jacó acampou em Siquém, Betel e Belém. Embora houvesse comprado alguma terra em Siquém, o escândalo e a perfídia de Levi e Simeão tornaram impraticável a sua permanência na região (34:1-31). Esse incidente, bem como o ato ofensivo de Rúben (veja Gn 35:22), exerceram efeito sobre as bênçãos finais de Jacó para seus filhos (veja Gn 49).

Quando foi instruído por Deus para mudar-se para Betel, Jacó preparou-se para seu retorno a esse local sagrado, removendo a idolatria de sua casa. Em Betel ele erigiu um altar. Ali Deus renovou seu pacto, dando a certeza que não só uma nação, mas um conjunto de nações e reis emanaria de Israel (veja Gn 35:9-15).

Ao longo da caminhada para o sul, faleceu Raquel, ao dar nascimento a Benjamim. Ela foi sepultada nas vizinhanças de Belém, em um lugar de nome Efrata. Viajando para mais além, com seus filhos e possessões, finalmente Jacó chegou em Hebrom, terra de seu pai, Isaque. Quando Isaque morreu, Esaú retornou de Seir a fim de juntar-se a Jacó no sepultamento do seu pai.

Os edomitas evidentemente tiveram uma história ilustre. Pouco se sabe sobre eles fora dessa narrativa sumária (veja Gn 36:1-43), que indica que eles tiveram vários reis, antes mesmo que qualquer rei tivesse reinado em Israel. Dessa maneira, a narrativa do Gênesis expõe de modo final a linhagem colateral, antes de reiniciar a narrativa patriarcal.

#### *José (Gn 37:1 — 50:26)*

I. José, o filho favorito	37:1-36
Odiado por seus irmãos	37:1-24
Vendido para o Egito	37:25-36
II. Judá e Tamar	38:1-30
III. José - escravo e governante	39:1 - 41:57
José entregue à prisão	39:1-20
Interpretando sonhos	39:21 - 41:36
Segundo em autoridade após Faraó	41:37-57
IV. José e seus irmãos	42:1 - 45:28
Primeira viagem - Simeão	

mantido como refém	42:1-38
Segunda viagem inclui Benjamin - José se identifica	43:1 - 45:28
V. A família de José se estabelece no Egito	46:1 - 50:26
Gósen é doada aos israelitas	46:1 - 47:28
As bênçãos patriarcais	47:29 - 49:27
Sepultamento de Jacó em Canaã	49:28 - 50:14
Esperança de José quanto a Israel	50:15-26

Em uma das mais dramáticas narrativas na literatura mundial, as experiências de José entrelaçaram a vida patriarcal com o Egito. Se os contatos anteriores haviam sido primariamente com o meio ambiente mesopotâmico, a transição para o Egito resultou numa mescla de costumes derivados desses dois centros máximos da civilização. Nesse relato, notamos a continuidade das influências prévias, a adaptação ao meio ambiente egípcio e, acima de tudo, a orientação controladora de Deus, na sorte fascinante de José e seu povo.

José, filho de Raquel, era o orgulho e a alegria de Jacó. Para mostrar seu favoritismo, Jacó o enfeitou com uma túnica que aparentemente era sinal distintivo de um chefe tribal.<sup>33</sup> Seus irmãos, que já se ressentiam dos maus relatórios de José a respeito deles, foram incitados por isso a um ódio mais profundo. A questão chegou a um ponto crítico quando José lhes contou dois sonhos que previam sua exaltação pessoal.<sup>34</sup> Os irmãos mais velhos deram vazão a seus sentimentos ao se desvencilharem de José ao surgir a primeira oportunidade.

Enviado por seu pai a Siquém, José não pôde achar seus irmãos senão quando chegou a Dotã, aproximadamente 130 km ao norte de Hebrom.<sup>35</sup> Após terem-no sujeitado ao ridículo e a maus tratos, seus irmãos venderam-no a traficantes midianitas e ismaelitas, que subsequentelemente se desfizeram dele vendendo-o a Potifar, como escravo, no Egito. Diante da túnica manchada de sangue, que pertencia a José, Jacó lamentou a perda de seu filho favorito, crendo que ele fora despedaçado pelas feras (veja Gn 37:1-36).

O leitor é deixado em estado de suspense, acerca do bem estar de José, devido ao episódio que envolveu Judá e Tamar (veja Gn 38:1-30). Esse relato tem significação histórica, porquanto fornece o pano de fundo genealógico da linhagem davídica (veja Gn 38:29; Rt 4:18-22 e Mt 1:1). Outrossim, apesar da conduta

<sup>33</sup>“Túnica de muitas cores”, segundo a Septuaginta e o Targum de Jônatan, ou uma túnica que chegava aos tornozelos. Quanto a uma pintura no túmulo de Bene Hassan, que mostra chefes tribais semitas, que apareceram no Egito, em cerca de 1900 a.C., com túnicas multicoloridas, veja J. B. Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts in Pictures* (Princeton University Press, 1954), fig. 3.

<sup>34</sup>Embora a dualidade de sonhos fosse típica na literatura antiga do Oriente Próximo, isso adicionou um sentido divino à vida de José.

<sup>35</sup>Até hoje os pastores levam seus rebanhos do sul da Palestina à fonte de Dotã, segundo J. P. Free, que tem escavado Dotã desde 1953. Na falda superior do monte, os níveis terceiro e quarto representam cidades da Era do Bronze Média (2000 - 1600 a. C.), que datam do período de José e dos primeiros patriarcas. O nível inferior retrocede até 3000 a. C. Cf. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, nºs 135 a 139. Durante a estação de 1959, o nível superior, que ficava apenas 15 cm abaixo da superfície, indicou uma reconstrução efetuada após a destruição feita pelos assírios, em 722 a. C. (Cf. 2 Rs 17:5,6). Uma segunda camada pode ser a da restauração feita após a invasão assíria, em 733 a. C., ao passo que uma terceira camada sugere uma devastação anterior, provavelmente obra dos sírios. Cf. *BASOR* de dezembro de 1959.

não exemplar de Judá, foi mantida a prática do casamento levirato. A exigência imposta por Judá, de que Tamar fosse morta na fogueira devido à prostituição talvez reflita um costume introduzido em Canaã por indo-europeus como os hititas e os filisteus. Fontes ugaríticas e mesopotâmicas confirmam o uso de três artigos para mostrar a identificação pessoal. Tamar provou a culpa de Judá, por estar grávida, ao exibir o sinete, o cinto e o cajado dele. Visto que a lei dos hititas permitia que um sogro cumprisse as obrigações do casamento levirato, casando-se com uma nora viúva, Tamar não estava sujeita à punição sob a legislação local, por ter enganado a Judá a fim de neutralizar o plano de Judá que pretendia ignorar os direitos matrimoniais dela. Na legislação mosaica havia provisão para o casamento levirato (veja Dt 25).<sup>36</sup>

O pano-de-fundo das experiências de José nas terras de Nilo tem sido comprovado como autêntico em muitos detalhes (veja Gn 39-50). Ocorrem nomes e títulos egípcios, como seria de esperar. Potifar é designado “capitão da guarda” ou “chefe dos executores”, que era o nome da guarda pessoal do rei. Asenate (um nome próprio egípcio), filha de um sacerdote de Om (Heliópolis), tornou-se esposa de José. Importantes oficiais da corte egípcia são devidamente identificados como “copeiro-mor” e “padeiro-mor”. Também há reflexos dos costumes egípcios. Sendo Semita, José tinha barba, mas para comparecer diante de Faraó ele teve a barba raspada, de conformidade com os costumes do Egito. A túnica de linho fino, o colar de ouro e o anel de sinete adornavam José, à moda tipicamente egípcia, quando ele assumiu autoridade administrativa sob Faraó. “Inclinai-vos” é tradução de provável vocábulo egípcio que quer dizer “prestai atenção”, o que foi ordenado a todos os egípcios quando da inauguração de José em seu ofício (veja Gn 41:43). O embalsamamento de Jacó e a mumificação de José também seguiram padrões egípcios no cuidado com os mortos.

Os paralelos na vida de José e na literatura egípcia também são dignos de nota. A transição por que passou José, de escravo a governante, tem semelhanças com o clássico egípcio. “O Aldeão Eloquente”. Os sete anos gordos de abundância, nos sonhos de Faraó, trazem similaridade com uma antiga tradição egípcia.<sup>37</sup>

Por todos esses anos de adversidade, sofrimento e sucesso fica evidenciada perfeitamente o relacionamento divino-humano. Tentado pela esposa de Potifar, José não cedeu. Ele não quis pecar contra Deus (veja Gn 39:9). Na prisão, José confessou abertamente que a interpretação dos sonhos pertencia a Deus (veja Gn 40:8). Quando se apresentou diante de Faraó, José reconheceu que Deus se utiliza de sonhos para revelar o futuro (veja Gn 31:25-36). Até ao dar nome a seu filho, Manassés, reconheceu que Deus era o originador de sua promoção e de seu livramento da aflição (veja Gn 41:51). Ele também levava Deus em conta quando de sua interpretação da história: ao revelar a sua identidade a seus irmãos, humildemente ele deu crédito a Deus por havê-lo conduzido ao Egito. De forma alguma ele os chamou à responsabilidade por terem-no vendido como escravo (veja Gn 45:4-15). Após o falecimento de Jacó, José assegurou uma vez mais a seus irmãos de que não se vingaria. Deus havia determinado os eventos da história com vistas ao bem de todos (veja Gn 50:15-21).

<sup>36</sup>Quanto a maiores discussões veja Cyrus H. Gordon, *op. cit.*, págs. 136-137. Também o seu artigo “Indo-European and Hebrew Epic”, *Eretz-Israel*, V (1958), 10-15.

<sup>37</sup>Quanto à tradução feita por John A. Wilson, veja J. B. Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, págs. 31-32.

O fato que José magnificou a Deus, em meio a muitas vicissitudes, foi recompensado por sua própria exaltação. Na casa de Potifar ele se mostrou tão digno de confiança e tão eficiente que foi promovido ao cargo de superintendente. Lançado na prisão por falsas acusações, logo José foi agraciado com responsabilidades de supervisão, que ele usava sabiamente para ajudar a seus colegas de prisão. Por intermédio do copeiro-mor, que durante dois anos não relembrou a ajuda que lhe fora prestada, subitamente José foi conduzido à presença de Faraó, para interpretar os sonhos do monarca. Isso ocorreu em ocasião realmente oportuna — o governante egípcio precisava de um homem dotado da sabedoria que José demonstrou possuir. Na qualidade de principal administrador, José não somente guiou o Egito através dos anos cruciais de abundância e de escassez, mas também foi instrumento da salvação de seus próprios familiares. A posição e o prestígio de José possibilitaram-lhe separar a terra de Gósen para ser ocupada pelos israelitas, quando estes migraram para o Egito. Isso lhes foi sumamente vantajoso, por causa de suas atividades pastoris.

As bênçãos proferidas por Jacó formam uma conclusão apropriada para a era patriarcal, na narrativa do Gênesis. No leito de morte ele proferiu sua vontade final e seu testamento. Embora ele se achasse no Egito, essa bênção é reflexo de um costume de sua terra originária da Mesopotâmia, onde as declarações orais eram reconhecidas como válidas, quando contestadas em tribunal. De acordo com as promessas divinas, feitas aos patriotas, as bênçãos proferidas por Jacó, expressas em forma poética, tiveram significação profética.

### LEITURAS SELECIONADAS

- Aharoni, Y., e AviYona, M. **The Macmillan Bible Atlas**. Nova Iorque: The Macmillan Company, 1967.
- Albright, William F. **Archaeology of Palestine**. Baltimore: Penguin Books, 1960.
- \_\_\_\_\_ **From Stone Age to Christianity**. Garden City, Nova Iorque: Doubleday Anchor Books, 1957.
- \_\_\_\_\_ **The Biblical Period from Abraham to Erza**. Nova Iorque: Harper Torchbook, 1963.
- Anati, Emmanuel. **Palestine Before the Hebrews, A History from the Earliest Arrival of Man to the Conquest of Canaan**. Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1963.
- Baly, Denis. **The Geography of the Bible**. Nova Iorque: Harper & Row, 1957.
- \_\_\_\_\_ **Palestine and the Bible**. Londres: Lutterworth Press, 1960.
- \_\_\_\_\_ **Geographical Companion to the Bible**. Nova Iorque: Mc Graw-Hill, 1963.
- Barton, G. A. **Archaeology and the Bible**. American Sunday School Union, 1937.
- Beek, M. A. **Atlas of Mesopotamia**. Nova Iorque: Thomas Nelson & Sons, 1962.
- Burrows, M. **What Mean These Stones?** New Haven: Yale, Meridian, 1957.
- Chiera, E. **They Wrote on Clay**. Chicago: University of Chicago Press, 1956.
- Dalman, Gustaf. **Sacred Sites and Ways**. Trad. por P.P. Levertoff. Nova Iorque: The Macmillan Company, 1935.

- Finegan, Jack. **Light from the Ancient Past**. 2<sup>a</sup> ed. Princeton University Press, 1959.
- Frankfort, H. **The Birth of Civilization in the Near East**. Garden City, Nova Iorque: Doubleday, 1950.
- Free, Joseph P. **Archaeology and Bible History**. 5<sup>a</sup> ed. rev. Wheaton, III.: Scripture Press, 1956.
- Freedman, D. N. e Campbell, E. F. (EE). **The Biblical Archaeologist Reader**. Garden City, Nova Iorque: Doubleday Anchor Books, vol. I, 1961, vol. II, 1964
- Glueck, Nelson. **The Other Side of Jordan**. New Haven: ASOR, 1940.
- \_\_\_\_\_ **Rivers in the Desert**. Nova Iorque: Farrar, Straus & Cudahy, 1959.
- \_\_\_\_\_ **The River Jordan**. Filadélfia: Westminster Press, 1946.
- Gordon, Cyrus H. **The World of the Old Testament**. Garden City, Nova Iorque: Doubleday, 1958.
- Grollenberg, L. H. **Atlas of the Bible**. Nova Iorque: Thomas Nelson & Sons, 1956.
- Jacobsen, T. **The Sumerian King List**. Chicago: University of Chicago Press, s.d.
- Kenyon, Kathleen. **Archaeology in the Holy Land**. Nova Iorque: Frederick A. Praeger, 1960.
- Kramer, Samuel Noah. **From the Tablets of Sumer**. Indian Hills, Cols.: The Falcon's Wing Press, 1956.
- \_\_\_\_\_ **History Begins at Sumer**. Garden City, Nova Iorque: Doubleday Anchor Books, 1959.
- \_\_\_\_\_ **The Sumerians**. Chicago: University of Chicago Press, 1964.
- Lloyd, S. **Early Anatolia**. Harmondsworth, Inglaterra: Penguin Books, 1956.
- Oppenheim, A. Leo. **Ancient Mesopotamia**. Chicago: University of Chicago Press, 1964.
- \_\_\_\_\_ **Letters from Mesopotamia**. Chicago: University of Chicago Press, 1967.
- Pallis, Svend Aage. **The Antiquity of Iraq (A handbook of Assyriology)**. Copenhagen: Ejnar Munksgaard, 1956.
- Payne, J. Barton. **An Outline of Hebrew History**. Grand Rapids: Baker Book House, 1954.
- Pfeiffer, Charles F. **Bible Atlas**. Grand Rapids: Baker Book House, 1961.
- \_\_\_\_\_ (ed). **The Biblical World: A Dictionary of Biblical Archaeology**. Grand Rapids: Baker Book House, 1966.
- \_\_\_\_\_ **The Patriarchal Age**. Grand Rapids: Baker Book House, 1961.
- \_\_\_\_\_ , e Vos. Howard F. **The Wycliffe Historical Geography of the Bible**. Chicago: Moody Press, 1967.
- Schwantes, S. J. **A Short History of the Ancient Near East**. Grand Rapids: Baker Book House, 1965.

- Smith, George A. **The Historical Geography of the Holy Land**. 25<sup>a</sup> ed. Londres: Hodder & Stoughton, 1931.
- Thomas, D. W. (E.) **Archaeology and Old Testament Study**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1957.
- Thompson, J. A. **Archaeology and the Old Testament**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1960.
- Unger, Merrill F. **Archaeology and the Old Testament**. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1954.
- Wiseman, D. J. **Illustrations from Biblical Archaeology**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1958.
- Woolley, C.L. **Ur of the Chaldees**. Londres: Ernest Benn, 1930.
- Wright, G. E. **Biblical Archaeology**. Edição revisada. Filadélfia: Westminster Press, 1962.
- \_\_\_\_\_ **Biblical Archaeology**. Filadélfia: Westminster Press, 1957.
- Yadin, Y. **The Art of Warfare in Biblical Lands**. Nova Iorque: Mc Graw-Hill, 1963.
- \_\_\_\_\_ **Everyday Life in Bible Times**. National Geographic Society, 1967.



## Capítulo III

### A Emancipação de Israel

Séculos de silêncio se passam, da morte de José ao raiar da consciência nacional, sob Moisés. A história sagrada, entretanto, assume novas e excitantes dimensões com a transição singular dos israelitas, que subiram das algemas escravagistas dos Faraós para a situação de uma nação independente, como povo escolhido por Deus. Em menos de uma geração eles foram alvo de uma miraculosa libertação, que os tirou das mãos do mais poderoso imperador da época, recebendo uma revelação divina que os tornou cônscios de serem o povo da aliança com Deus, tendo-lhes sido conferido um código de leis que os preparou para ocuparem a terra prometida aos patriarcas. Não é de surpreender que essa admirável experiência fosse recontada e revivida anualmente, quando da observância da Páscoa. Por repetidas vezes os profetas e salmistas evocaram o livramento de Israel do poder do Egito como o mais significativo milagre da sua história.

Tão significativa foi essa emancipação e tão vital foi esse desenvolvimento entre Deus e Israel, para gerações futuras, que quatro quintos do Pentateuco, ou mais de um sexto de todo o Antigo Testamento estão devotados a esse breve período da história de Israel. Para além dos anos de opressão egípcia, o que recebeu breve consideração nos capítulos de introdução, as ocorrências desses quatro livros - Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio - são confinadas a menos de cinco décadas. Um sumário do material é dado no esboço abaixo:

Do Egito ao Monte Sinai	Êx 1 - 18
Acampamento ao pé do Monte Sinai	Êx 19 - Nm 10
Vagueações pelo deserto	Nm 10 - 21
Acampamentos antes de Canaã	Nm 22 - Dt 34

#### **Eventos Contemporâneos**

Entre os eruditos que aceitam a historicidade da servidão de Israel aos egípcios, não há qualquer desacordo de que o êxodo teve lugar durante o período do Novo Reino. Visto que os capítulos de encerramento do Gênesis já tinham

narrado a migração de Israel para a terra de Gósen, os eventos contemporâneos no Egito se revestem de primacial importância.

### *O Novo Reino (1546 - 1085 a. C.)*

Três dinastias reinaram no Egito, durante esse período. Sob os três primeiros governantes da Décima Oitava Dinastia, Amenotepe I e Tutmés I e II (cerca de 1550 - 1500 a. C.), o Egito se tornou bem firmado com um império. Embora Tutmés III tenha sido monarca de 1504 a 1450 a. C., ele foi ofuscado, durante os primeiros vinte e um anos de seu reinado pela rainha Hatsepute, que era quem realmente controlava as rédeas de governo. Devido à poderosa e brilhante liderança por ela exercida, ela foi reconhecida como rainha pelo Baixo e pelo Alto Egito. Não menos entre seus impressionantes projetos de construção houve um templo de pedra calcária branca. Esse necrotério foi erigido com terraços munidos de colunas, tendo por fundo o imponente penhasco de Deir el-Bahri. Um dos dois grandes obeliscos que ela erigiu (e que contém 180 m<sup>3</sup> de granito e alcança quase trinta metros de altura) continua de pé em Carnaque.

Tutmés III, cujas ambições haviam sido refreadas por muitos anos, obteve a posse indisputada da coroa, quando do falecimento de Hatsepute. Ele estabeleceu um poder absoluto no Egito ao mostrar ser o maior líder militar da história egípcia. No decurso de dezoito campanhas ele expandiu o controle de seu governo até ao rio Eufrates, fazendo seus exércitos marcharem através da Palestina ou velejarem pelo mar Mediterrâneo até às costas da Fenícia. Na qualidade de homem de armas e de edificador de um império, com frequência ele é equiparado a Alexandre o Grande e a Napoleão. Posto que essas campanhas eram levadas a efeito durante o verão, usualmente ele promovia projetos de construção em larga escala durante o inverno, embelezando e ampliando o grande templo de Carnaque, que fora erigido em honra a Amon, durante o Reino Médio. Obeliscos erigidos por ele podem ser vistos hoje em dia em Londres, Nova Iorque, no Laterano e em Constantinopla.

Tutmés III foi sucedido por Amenotepe II (1450 - 1425 a. C.), que foi um grande esportista, por Tutmés IV (1425 - 1417 a. C.), o qual mandou esculpir a esfinge e se casou com uma princesa mitana, e por Amenotepe III (1417 - 1379 a. C.). Amenotepe IV, ou Aquenaton (1379 - 1362 a. C.) tornou-se melhor conhecido por haver causado uma revolução na religião. É provável que os Faraós estivessem ficando inquietos ante a força crescente do sacerdócio de Amon, em Tebas. Tutmés IV já havia atribuído sua ascendência real ao antigo deus-sol, Ré, e não a Amon, mas Amenotepe IV ainda foi mais radical, ao tentar realmente negar o poder opressivo dos sacerdotes tebanos. Ele defendia a adoração a Aton, que era simbolizado pelo disco solar. Tendo erigido um templo em Tebas, para seu novo deus, quando ainda era co-regente com seu pai, ele se proclamou o sumo-sacerdote de Aton. Não satisfeito por ter erigido templos em várias cidades espalhadas por todo o seu império, ele selecionou o novo local de Amarna para servir de recinto guardião de seu deus. Dessa capital, localizada a cerca de meio caminho entre Tebas e Mênfis, ele determinou a adoração a Aton como religião oficial. Não demorou muito para que ele exortasse a todos os seus súditos que servissem exclusivamente a essa divindade. Tão devotado mostrou-se ele a Aton que ele e seus adeptos se fizeram surdos aos apelos que rogavam ajuda, vindos

de vários quadrantes do império. Os arquivos de Amarna, descobertos em 1887, dão testemunho disso.<sup>1</sup> Quando Aquenaton faleceu, foi abandonada a capital recém-fundada. Seu genro, Tutancamon, só obteve o trono em troca da renúncia a Aton, tendo restaurado a uma posição privilegiada o anterior deus tebano. O túmulo de Tutancamon, descoberto em 1922, proveu evidências abundantes da devoção do monarca a Amon. Com o reinado de curta duração de Ai, chegou ao fim a Décima Oitava Dinastia, em 1348 a. C.

Os dois maiores monarcas da dinastia seguinte, que perdurou até 1200 a. C., foram Seti I (1318 - 1304 a. C.) e Ramsés II (1304 - 1237 a. C.). O primeiro começou a reconquistar o império asiático, que fora perdido durante os dias de Aquenaton, tendo igualmente mudado a capital para o delta oriental. O segundo deu prosseguimento a essa tentativa de reconquistar a Síria, mas eventualmente assinou um tratado de paz com o monarca hitita, o qual selou esse acordo dando sua filha em casamento a Ramsés II. Esse é o mais antigo pacto de não-agressão entre nações de que se tem conhecimento até hoje. Em adição a amplos projetos de construção, em Tebas ou nas proximidades, Ramsés II também ornamentou Tânis, a capital do delta, que os governantes hicsos haviam usado séculos antes.

Durante o restante das dinastias Décima Nona e Vigésima, os líderes egípcios lutaram para conservar o seu reino. Na proporção em que o poder central declinava, o sacerdócio local de Amon foi obtendo forças suficientes para estabelecer a Vigésima Primeira Dinastia, em cerca de 1085 a. C., e o Egito jamais se recuperou o bastante do declínio resultando para recuperar a sua posição de potência mundial.

## A Religião do Egito<sup>2</sup>

O Egito era uma terra de muitos deuses. Visto que as divindades locais eram a base da religião, os deuses egípcios tornaram-se extremamente numerosos. Deuses da natureza eram comumente representados por animais e pássaros. Eventualmente, divindades cósmicas, que eram personificadas pelas forças da natureza foram elevadas acima dos deuses locais, passando a ser teoricamente reputadas divindades nacionais ou universais. Essas tornaram-se tão numerosas que chegaram a ser agrupadas em famílias de tríades ou mesmo de nove figuras.

Os templos, igualmente, eram numerosos por todo o Egito. Com a provisão de um lar ou templo para cada deus, surgiu o sacerdócio, as oferendas, as festividades, os ritos e as cerimônias de adoração. Em troca dessas acomodações, o povo considerava que seus deuses eram seus benfeitores. A fertilidade do solo e dos animais, a vitória ou a derrota, as inundações do vale do Nilo, e, de fato, todo o fator que afeta o bem-estar desta vida era atribuído a alguma divindade.

A proeminência nacional atribuída a qualquer deus em particular era intimamente relacionada à política. O deus-falcão, Horus, subiu da categoria de deus local para a de deus oficial quando o rei Menés uniu o Baixo e o Alto Egito, no

<sup>1</sup>A maior parte dessas cartas foi escrita em acadiano por escribas cananeus da Palestina, da Fenícia e do sul da Síria, dirigida a Amenotepe III e a Aquenaton. Quanto à tradução de alguns desses textos em escrita cuneiforme, por W. F. Albright, veja Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, págs. 483-490.

<sup>2</sup>Cf. W. C. Hayes, *The Scepter of Egypt*; vol. I (Nova Iorque: Harper & Brothers, 1952), cap. VI, "The Religion and Funerary Beliefs in Ancient Egypt", pág. 75-83.

despertar da história egípcia. Quando a Quinta Dinastia patrocinava o deus-sol de Heliópolis, Ré tornou-se o cabeça do panteão egípcio. A maior aproximação de um deus nacional no Egito foi o reconhecimento dado a Amon, durante os Reinos Médio e Novo. Os magníficos templos de Carnaque e Luxor, nas vizinhanças de Tebas, até hoje dão testemunho do patrocínio real conferido a essa divindade. Durante a Décima Oitava Dinastia o culto a Amon, com seu sacerdócio tebano, tornou-se tão forte que o desafio faraônico contra seu poder foi esmagado com sucesso, quando da morte de Aquenaton. Apesar da proeminência das divindades nacionais, em ocasião alguma elas foram adoradas com exclusividade pelas massas egípcias. Para um aldeão egípcio, a divindade local é que se revestia de toda a importância.

Os egípcios acreditavam numa vida após a morte. Um registro sem mácula neste mundo dava ao indivíduo o direito à imortalidade. Isso justifica os sepulcros reais que são representados nas pirâmides e outros túmulos, e onde eram depositadas provisões adequadas para a outra existência, como alimentos, bebidas e outros luxos da vida. Nos primeiros tempos, até mesmo servos eram mortos e postos ao lado do cadáver de seu senhor. À semelhança de Osíris, que era símbolo divino da imortalidade, os mortos egípcios seriam supostamente julgados perante um tribunal do sub-mundo, na esperança de que estariam moralmente preparados para a bênção da vida eterna.

A tolerância extrema que havia na religião egípcia explica a interminável adição e reconhecimento de tão numerosos deuses. Nenhum deles foi jamais eliminado. Visto que o estudioso moderno acha difícil fazer uma análise lógica dos multiplicados elementos desconexos dessa religião, é de duvidar que qualquer egípcio nato pudesse fazê-lo. A confusão é o resultado de toda tentativa em correlacionar o exército de divindades com os seus respectivos cultos e ritos. Também não podem ser racionalizadas as hostes de mitos e credências.

### **A Data do Êxodo**

Difícilmente ainda se duvida que Israel deixou a terra da servidão durante a última metade do segundo milênio a. C. Pouquíssimos eruditos datariam o êxodo fora de um limite de dois séculos e meio (1450 - 1200 a. C.) Visto que nenhuma referência ou incidente do livro de Êxodo pode ser definitivamente correlacionado à história egípcia, a determinação de uma data absoluta exige maiores investigações.

Concernente a uma data mais específica para a era mosaica, dois tipos de evidência dão margem a um exame cuidadoso: evidências arqueológicas e evidências bíblicas. Até o momento ninguém conseguiu prover resposta apropriada que obtivesse apoio unânime da parte dos eruditos do Antigo Testamento.

A queda de Jericó, que ocorreu dentro de um prazo de meio século depois do Êxodo continua sujeita a uma variação de data arqueológica de cerca de dois séculos (1400 - 1200 a. C.) Escavações recentes têm sujeitado a reexame antigos achados e conclusões. Garstang, que escavou Jericó (1930 - 1936), raciocinou que a invasão liderada por Josué seria melhor datada em cerca de 1400 a. C.<sup>3</sup> A

<sup>3</sup> John Garstang, **Joshua Judges** (Londres: Constable, 1931), pág. 146. Cf. também **The Story of Jericho** (nova ed. revisada; Londres: Marshall, Morgan, and Scott, 1948), págs. xiv, 126 - 127. Veja também J. P. Free, **Archaeology and Bible History** (5ª ed., revisada; Wheaton: Scripture Press Book Division, 1956), págs. 131-132, 137.

srta. Kathleen Kenyon assevera que as descobertas sobre as quais foram fundamentadas essas conclusões devem ser recuadas até à Idade do Bronze Antiga (terceiro milênio), e que virtualmente nada resta dos séculos durante os quais é datada a ocupação israelita (1500 - 1200 a. C.). Em conseqüência, ela afirma que as recentes escavações que ela fez (1952 - 1956) não lançam luz alguma sobre a destruição de Jericó por Josué. Se Garstang datava a cerâmica posterior proveniente da ocupação durante a Idade do Bronze não mais recuada em 1385 a. C., Kenyon prefere uma data posterior - cerca de 1350 - 1325 a. C.<sup>4</sup> Visto que isso representa a última ocupação da Idade do Bronze, ela data a destruição de Jericó, pelos israelitas, no terceiro quartel do XIV século a. C.<sup>5</sup> Albright, Vicent, de Vaux e Rowley favoreceram a última metade do século XIII a. C. para a queda de Jericó, sob Josué.<sup>6</sup>

Exames superficiais da cerâmica, na Arabá e na Transjordânia, têm indicado que os reinos moabita, amonita e edomita não foram estabelecidos antes do século XIII a. C.<sup>7</sup> Mas isso não tem sido confirmado por escavações extensas, pelo que a determinação de datas, com base na cerâmica dessa área, talvez ainda seja passível de ajustamentos cronológicos.<sup>8</sup> Comparativamente pouco se sabe sobre as condições de vida do povo que os israelitas encontraram a caminho de Canaã. Embora Glueck não tenha achado evidências de habitações na Transjordânia relativas ao período antes do século XIII a. C., é possível que as populações dali vivessem em tendas, caso em que não teriam deixado ruínas.<sup>9</sup>

A identificação de Pitom e Ramsés também não proveram evidências conclusivas que nos permitam datar a saída de Israel do Egito.<sup>10</sup> Essas cidades talvez tenham sido erigidas pelos israelitas, mas reedificadas e rebatizadas por Ramsés, durante seu período de governo. Conseqüentemente, as evidências arqueológicas, que no presente estão sujeitas a diferentes interpretações, não oferecem provas conclusivas para que se possa datar o Êxodo com precisão.

O registro bíblico provê informes limitados para que se firme uma data definida para o tempo da servidão de Israel ao Egito. Somente uma referência cronológica vinculada especificamente a era de Salomão<sup>11</sup> — que tem datas precisas — com o Êxodo. A suposição de que os 480 anos notados em 1 Reis 6.1 provêem uma base para que se fixem datas exatas, produz uma data para o

<sup>4</sup>Cf. G. Ernest Wright, **Biblical Archaeology** (Filadélfia: Westminster Press, 1957), págs. 78-80. Wright e Albright concluíram, independentemente, que a cerimônia mais recente, segunda a "era de Josué" postulada por Garstang, pode ser melhor datada na segunda metade do século XIV a. C. Ambos, entretanto, datam a queda de Jericó no século XIII a. C.

<sup>5</sup>Kathleen Kenyon, **Digging up Jericho** (Londres: Ernest Benn, 1957), págs. 262-263).

<sup>6</sup>Vicent e de Vaux sugerem 1250 - 1200 a. C. Quanto a uma pesquisa sobre esse problema, com uma conclusão que favorece essa data posterior, veja H. H. Rowley, **From Joseph to Joshua** (Londres: Oxford University Press, 1950).

<sup>7</sup>Nelson Glueck, **The Other Side of The Jordan** (New Haven, 1940), págs. 125 - 147.

<sup>8</sup>Tal foi também o caso com a cronologia da cerâmica relativa à Palestina. Cf. Free, **op. cit.**, pág. 99.

<sup>9</sup>Dwight Wayne Young da Universidade Brandeis frisa que tal foi também o caso com os midianitas, nos dias de Gideão, Juizes 6-7.

<sup>10</sup>Esse nome, Pi-Ramsés, passou a ser usado na Décima Nona Dinastia, para o local antes conhecido como Aváris. Da Vigésima Segunda Dinastia em diante, essa cidade passou a chamar-se Tânis. O uso, em Gn. 47:11 e Êx 1:11, talvez represente a modernização do nome geográfico no texto hebraico.

<sup>11</sup>Datas aceitáveis para o final do reinado de Salomão são agora confinadas a um período variável de dez anos. Datas representativas são: Albright, 922 a. C.; Thiele, 931 a. C.

Êxodo que se aproxima de 1450 a. C.<sup>12</sup> Embora outras referências<sup>13</sup> e o relato dos desenvolvimentos intermediários apontem para uma longa era entre a libertação da servidão egípcia e o período do reino em Israel, nenhuma das passagens bíblicas envolvidas garante datas exatas.

Mais numerosas são as observações bíblicas próximas do período que antecede ao Êxodo. Embora os problemas de interpretação continuem sem solução, elas nos dão a impressão de que os israelitas passaram vários séculos no Egito.<sup>14</sup> As referências genealógicas podem sugerir um período comparativamente curto para o tempo entre José e Moisés; mas o emprego das genealogias como base de aproximação de tempo ainda está sujeito a disputas.<sup>15</sup> Com freqüência as genealogias contêm longos hiatos que as tornam impróprias para a fixação de cronologias.<sup>16</sup> A multiplicação dos israelitas, de setenta para uma multidão imensa que ameaçava o domínio egípcio, por semelhante modo favorece um lapso de séculos durante os quais Israel residiu nas terras do Nilo.

As considerações bíblicas dão a entender cronologias mais longas antes e depois do Êxodo. Nessa base é razoável considerar cerca de 1450 a. C. como uma data para o Êxodo, dando margem para a migração de Jacó e seus filhos, na era quando os hicsos mantinham supremacia sobre o Egito.

### A narrativa Bíblica

O dramático livramento de Israel da servidão egípcia é vividamente retratado em Êx 1:1 - 19:2. Começando com uma breve alusão a José e aos infortúnios de Israel, os desenvolvimentos teatrais se centralizam em torno de Moisés, culminando com a emancipação de Israel. Essa narrativa se presta para as seguintes subdivisões:

I. Israel libertado da servidão	1:1 - 13:19
Condições no Egito	1:1 - 22
Moisés - nascimento, educação e chamada	2:1 - 4:31
A contenda com Faraó	5:1 - 11:10
A Páscoa	12:1 - 13:19
II. Do Egito ao Monte Sinai	13:20 - 19:2
Livramento divino	13:20 - 15:21
Na rota para o acampamento no Sinai	15:22 - 19:2

<sup>12</sup>Segundo Thiele, Salomão começou a erigir o templo em 967 a. C. A data do Êxodo, segundo esse cálculo, é 967 mais 480, ou cerca de 1447 a. C. Quanto a uma discussão sobre as diversas teorias, veja Rowley, *op. cit.*, págs. 74 - 98. Usando números arredondados, e admitindo que uma geração tem 25 anos, e não 40, Wright, *op. cit.*, págs. 83 - 84, reduz de 480 para cerca de 300 anos, datando o Êxodo em depois de 1300 a. C.

<sup>13</sup>Cf. Jz 11:26 e At 13:19; certamente este último é um total obtido com a adição de números redondos. O tempo dado a Moisés, Josué, os juizes, Saul e Davi aponta para um período mais longo do que o que é sugerido pela data posterior atribuída ao Êxodo.

<sup>14</sup>Cf. Êx 12:40,41 (o texto hebraico diz 430; a LXX diz 215), Gn 15:13 e Gl 3:17 mencionam 400 anos. Parece tratar-se de um número redondo, que deixa o escopo desse período em aberto. Esse período começou com Abraão, com o nascimento de Isaque ou com a migração de Jacó e seus filhos para o Egito? As tradições rabínicas datam os 400 anos a partir do nascimento de Isaque. Cf. **The Soncino Chumash**, ed. A. Cohen (Hindhead, Surrey: The Soncino Press, 1947), págs. 397.

<sup>15</sup>Cf. Rowley, *op. cit.*, págs. 71 ss. Veja sua discussão sobre Nm 26:59 e outras passagens.

<sup>16</sup>Por exemplo, em Mt 1, onde vários reis bem conhecidos são omitidos. Cf. também o estudo feito por W. H. Green, em **Bibliotheca Sacra**, abril de 1890.

### *A Opressão movida por Faraó*

Nos dias de José, os israelitas, que tinham interesses pastoris, receberam as áreas mais férteis do delta do Nilo. Os invasores hicsos, que também eram um povo pastoril, provavelmente se dispuseram favoravelmente em relação aos israelitas. Com a expulsão dos hicsos, os governantes egípcios adquiriram maior poder, e com o tempo deram início à opressão contra os israelitas. Um novo governante, não-familiarizado com José, não se interessava pessoalmente por Israel, mas introduziu regras cujo desígnio era aliviar seus temores de um levante israelita. Em resultado, o povo escolhido foi consignado a trabalho árduo, tendo de edificar cidades-tesouro como Pitom e Ramsés (Êx 1:11). Um edito real instruíu os egípcios a afogarem todas as crianças do sexo masculino assim que nascessem aos israelitas. Esse foi o plano de Faraó para contrabalançar as bênçãos de Deus sobre Israel, enquanto este povo se multiplicava e prosperava (veja Êx 1:15-22). Anos mais tarde, quando Moisés desafiou o poder faraônico, foi intensificada a opressão, negando-se aos escravos israelitas a palha que lhes era tão útil a sua produção de tijolos. (Veja Êx 5:1-21).

### *A Preparação de um Líder*

Moisés nasceu em tempos perigosos. Foi adotado pela filha de Faraó, tendo recebido as vantagens educacionais do mais excelente centro de civilização. Embora isso não seja mencionado no livro de Êxodo, Estêvão, ao dirigir a palavra ao Sinédrio, em Jerusalém, referiu-se a Moisés como quem fora instruído em toda a sabedoria do Egito (veja At 7:22). Grandes instalações educacionais da corte egípcia foram usadas, durante o período do Novo Reino, para treinar os herdeiros reais de príncipes tributários. Embora mantidos como reféns, para assegurar o recebimento de impostos, eram muito bem tratados naquela prisão principesca. Se falecia algum príncipe distante, um filho seu, que fora treinado na cultura egípcia, era nomeado para ocupar o trono vago, na esperança de que se mostraria leal vassalo de Faraó.<sup>17</sup> É altamente provável que Moisés tivesse recebido seu treinamento egípcio na companhia de herdeiros reais da Síria e de outras terras.

A valente tentativa de Moisés para ajudar seu povo terminou em fracasso. Temendo a vingança de Faraó, ele fugiu para a terra de Midiã, onde viveu durante os próximos quarenta anos. Ali foi favoravelmente recebido no lar de Reuel, sacerdote em Midiã, que também atendia pelo nome de Jetro.<sup>18</sup> No decurso do tempo Moisés se casou com a filha de Reuel, Zípora, tendo-se acomodado à vida de pastor no deserto de Midiã. Mediante a experiência obtida do pastoreio de rebanhos, na região que circunda o golfo de Ácaba, sem dúvida alguma Moisés adquiriu completo conhecimento daquele território. Sem ter consciência de sua relevância, ele recebeu excelente preparação para conduzir Israel através desse deserto, muitos anos depois.

A chamada de Moisés realmente foi significativa, à luz de seu passado e treinamento (veja Êx 3-4). Na corte de Faraó ele percebeu que teria de entrar em choque com as autoridades. Não foi sem razão que ele relutou em solicitar livramento para Israel. Deus assegurou a ajuda divina a Moisés, provendo-lhe três

<sup>17</sup>Steindorff e Seele, *When Egypt Ruled the East*, pág. 105.

<sup>18</sup>No hebraico a pronúncia é **Reuel** (veja Êx 2:18), e no grego é Reguel (veja Nm 10:29, na AV e na ASV). Noutros trechos de Êxodo ele é chamado Jetro. Cf. *The Bible Commentary*, na discussão sobre Nm 10:29.

milagres que o acreditassem diante dos israelitas: a vara que se transformava em serpente, a mão leprosa e a água transformada em sangue. Isso fornecia base razoável para os israelitas acreditarem que Moisés recebera comissão da parte do Deus dos patriarcas. Tendo-lhe sido assegurado que Arão seria o seu porta-voz, Moisés anuiu à chamada divina e retornou ao Egito.

### *A Contenda com Faraó*

Durante o período do Novo Reino o poder de Faraó não achava rival entre as nações contemporâneas. Ocasionalmente seus domínios se estendiam até o rio Eufrates. O aparecimento de Moisés na corte real, exigindo a soltura de seu povo de Israel foi um desafio ao poder de Faraó.

As pragas, que se sucederam durante um período relativamente curto, demonstraram o poder do Deus de Israel, não somente para Faraó e para os egípcios, mas também para os israelitas. A atitude de Faraó, desde o começo, foi de desafio, o que foi expresso na pergunta: “Quem é o Senhor para que lhe ouça eu a voz, e deixe ir a Israel?” (Êx 5:2). Quando defrontando com a oportunidade de anuir ante a vontade de Deus, Faraó resistiu, endurecendo o coração durante os acontecimentos.<sup>19</sup> Os três diferentes vocábulos hebraicos que aludem à atitude de Faraó — conforme é declarado por dez vezes em Êx 7:13 - 13-15 — denotam a intensificação de uma condição já existente. Deus permitiu que Faraó vivesse, tendo-o dotado da capacidade de resistir às propostas divinas (veja Êx 9:16). Desse modo, pois, Deus endureceu o coração dele, conforme é indicado nas duas alusões preditivas (veja Êx 4:21 e 7:23), bem como na narrativa (veja Êx 9:12 - 14:17). O propósito das pragas - o que é claramente revelado em Êx 9:16 - era o de mostrar o poder de Deus em favor de Israel. O governante do Egito foi desafiado por um poder sobrenatural.

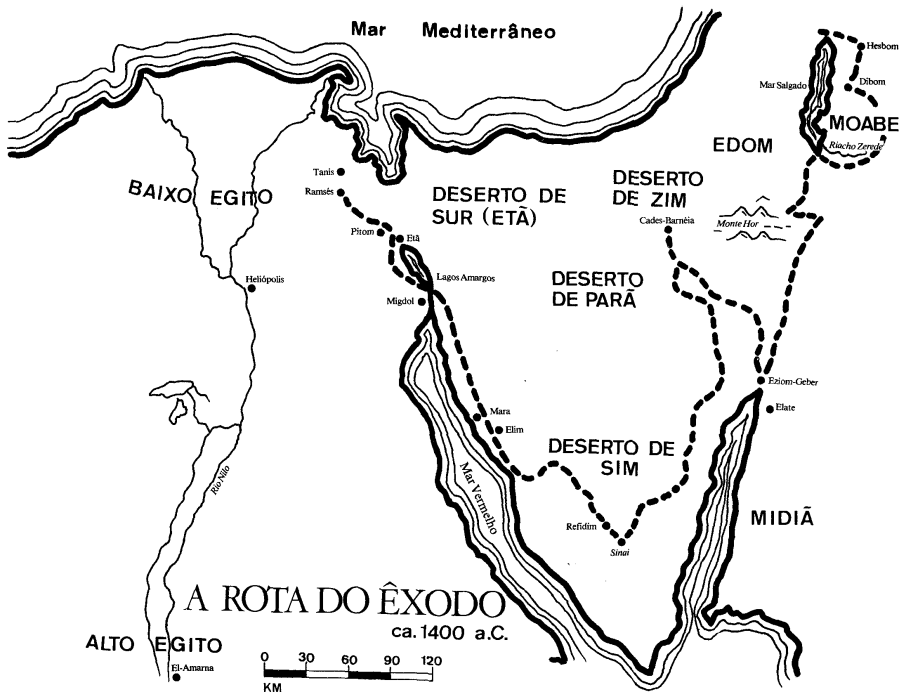
Quão profundamente os egípcios foram afetados por causa das pragas não é plenamente declarado. A última praga teve por finalidade impor Juízo contra todos os deuses do Egito (veja Êx 12:12). A incapacidade de Faraó e de sua gente para neutralizar essas pragas deve ter demonstrado aos egípcios a superioridade do Deus de Israel, em comparação com os deuses que eles adoravam. Isso levou alguns egípcios a reconhecerem o Deus de Israel (veja Êx 9:20).

Israel por semelhante modo, tomou consciência da intervenção divina. Tendo estado em servidão por várias gerações, os israelitas não haviam testemunhado qualquer demonstração do poder de Deus em seus dias. Cada praga sucessiva produziu uma maior manifestação do sobrenatural, de tal modo que ante a morte dos primogênitos, os israelitas percebessem que estavam sendo livrados por Alguém que é onipotente.

As pragas podem ser melhor explicadas como manifestações do poder de Deus por meio de fenômenos naturais. Não se deveriam excluir os elementos natural e sobrenatural, igualmente. Todas as pragas tinham elementos comumente conhecidos pelos egípcios, como as rãs, os insetos e a inundação do rio Nilo. Porém, a intensificação dessas coisas naturais, a predição exata da vinda e do desaparecimento das pragas, bem como a discriminação, mediante a qual os israeli-

<sup>19</sup>Cf. Free, *op. cit.*, págs. 93-94 quanto a outras discussões.





tas foram isentos de certas pragas, foram acontecimentos que têm levado os naturalistas a reconhecerem o sobrenatural.

### *A Páscoa*

Instruções específicas foram dadas aos israelitas, por Moisés, antes da execução da última praga (veja Êx 12:1 - 51). A morte dos primogênitos não afetou aqueles que atenderam às exigências divinas.

Um cordeiro ou cabrito de um ano e sem defeito foi selecionado no décimo dia do mês de Abibe. O animal foi morto no décimo quarto dia, quando caía a tardeinha, e seu sangue foi aplicado às vergas e ombreira da porta de entrada de cada casa. Completadas as preparações para a partida, os israelitas comeram a refeição da Páscoa, que consistiu de carne, pão sem fermento e ervas amargas. Deixaram imediatamente o Egito, após a morte do primogênito de cada lar egípcio.

Para Israel, a saída do Egito foi o maior evento dos tempos do Antigo Testamento. Quando Faraó tomou conhecimento de que o primogênito de cada lar egípcio fora morto, dispôs-se então a dar permissão para a saída dos israelitas. A observância da Páscoa servia de lembrete anual de que Deus os libertara da escravidão. O mês de Abibe, que mais tarde passou a ter o nome de Nisã, dali por diante assinalou o começo do ano religioso dos israelitas.

### *Na Rota para o Acampamento no Sinai*

A viagem de Israel para Canaã, através da península do Sinai, foi divinamente determinada. Não há que duvidar que a rota direta — um caminho bem percorrido e usado para propósitos militares e comerciais — tê-los-ia conduzido à terra prometida em quinze dias. No caso de uma multidão desorganizada de escravos recém-libertados, o desvio para o Sinai teve não apenas uma vantagem militar, mas também lhes proveu tempo e oportunidade para se organizarem.

O conhecimento crescente nos campos da arqueologia e da topografia tem dissipado dúvidas anteriores sobre a historicidade<sup>20</sup> desse percurso pelo sul, embora algumas identificações geográficas continuem incertas. Os significados imprecisos de locativos como Sucote, Etã, Pi-Hairote, Migdol e Baal-Zefom permitem várias teorias concernentes à rota exata.<sup>21</sup> Os Lagos Amargos talvez estivessem ligados ao golfo de Suez, pelo que esse canal pantanoso poderia ser o “mar de juncos” (Yam Suph).<sup>22</sup> Mui provavelmente os egípcios contavam com uma linha de fortificações mais ou menos idêntica ao canal de Suez, que os protegia de invasores asiáticos.

O ponto exato onde Israel atravessou as águas é de importância secundária em relação ao fato que essa massa de águas, além de haver afogado aos egípcios perseguidores, proveu uma barreira intransponível entre os israelitas e a terra do

<sup>20</sup>Albright frisa que o egiptologista Alan Gardiner, que rejeitava a historicidade da rota do êxodo, retirou suas objeções em 1933. Cf. *From Stone Age to Christianity*, pág. 194.

<sup>21</sup>Sucote significa “tendas”, sendo nome usado por mais de uma vez como locativo. Etã se refere a “muralha” ou “terrapleno”; Pi-Hairote significa “casa de pântano”; Migdol designa “forte”. Cf. L. H. Grollenberg, *Atlas of the Bible* (Nova Iorque: Nelson & Sons, 1956), pág. 48.

<sup>22</sup>M. F. Unger, *Archaeology and Old Testament*, págs. 137-138.

Egito. Um forte vento oriental dividiu as águas para que Israel passasse. Embora isso possa ter sido similar a fenômenos naturais,<sup>23</sup> o elemento tempo indica claramente uma intervenção sobrenatural em prol de Israel (veja Êx 14:21 ss.). A proteção divina também se evidenciou quando a coluna de nuvens impediu os egípcios de atacarem a Israel, antes que as águas se dividissem. Após esse livramento triunfal Israel teve razões para agradecer a Deus (veja Êx 15).

Uma viagem de três dias através do deserto de Sur levou Israel até Mara, onde águas amargas se tornaram potáveis. Avançando para o sul, os peregrinos se acamparam em Elim, onde desfrutaram do conforto de doze fontes de água e de setenta palmeiras. No deserto de Sim, Deus proveu miraculosamente o maná, que serviu de alimento diário ao povo até que entraram em Canaã. Também foram supridas codornizes em abundância, quando os israelitas anelaram pelas panelas de carne do Egito. Ocorreram três coisas significativas em Refidim: brotou água quando Moisés feriu a rocha com sua vara; os amalequitas foram repelidos pelo exército israelita sob Josué, quando da oração de Moisés; e Moisés delegou deveres administrativos aos anciãos, de acordo com o conselho de Jetro.<sup>24</sup>

Em menos de três meses os israelitas atingiram o monte Sinai (Horebe).<sup>25</sup> Ali eles se acamparam por aproximadamente um ano.

### LEITURAS SELECIONADAS

- Alfred, Cyril. **The Egyptians**. Londres: Thames and Hudson, 1961.  
 Breasted, James H. **A History of Egypt**. Nova Iorque: Scribner's 1954.  
 Edwards, E. S. **The Pyramids of Egypt**. Londres: Penguin Books, 1955.  
 Emery, Walter B. **Archaic Egypt**. Baltimore: Penguin Books, 1961.  
 Fairservis, Walter A., Jr. **The Ancient Kingdoms of the Nile**. Nova Iorque: New American Library, 1962.  
 Fakhry, Ahmed. **The Pyramids**. Chicago: University of Chicago Press, 1961.  
 Finegan, Jack. **Handbook of Biblical Chronology**. Princeton: University Press, 1964.

\_\_\_\_\_ **Let My People Go**. Nova Iorque: Harper & Row, 1963.

- Gardiner, Alan. **Egypt of the Pharaohs**. Oxford: Clarendon Press, 1961.  
 Hayes, William C. **The Scepter of Egypt**. Part I (From earliest times to the end of the Middle Kingdom). Nova Iorque: Harper & Brothers, 1953.

\_\_\_\_\_ **The Scepter of Egypt**. Part II (The Hycsos period and the New Kingdom, 1675 - 1080 B. C.) Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1959.

- Kees, Herman. **Ancient Egypt**. Chicago: University of Chicago Press, 1961.

<sup>23</sup>Quanto à referência a observações subsequentes acerca de acontecimentos similares, veja Free, *op. cit.*, 100-101.

<sup>24</sup>Quanto à disponibilidade de suprimentos de maná, codornizes e mesmo água extraída de uma rocha, na península do Sinai, veja G. E. Wright, **Biblical Archaeology**, págs. 64-65. O elemento de tempo e o suprimento abundante indicam provisões sobrenaturais para tão numeroso povo.

<sup>25</sup>Embora certo número de eruditos localizassem o monte Sinai em Midiã, a leste do golfo de Ácaba, o local tradicional, Jebel Musa, é considerado como a área de acampamento de Israel. No ápice da península do Sinai (um triângulo com 240 km de largura em sua fronteira norte, e que se prolonga para o sul por 420 km) as montanhas de granito se elevam até um pico com cerca de 2.400 m. Cf. Wright, *op. cit.*, págs. 62-64, e Grollenberg, *op. cit.*, pág. 48.

- Kitchen, Kenneth A. "Egito", págs. 462-484, e "Moisés", págs. 1060-1069, **O Novo Dicionário da Bíblia**, J. D. Douglas (E.) São Paulo: Edições Vida Nova, 1966.
- Moutet, Pierre. **Eternal Egypt**. Trad. por Doreen Weightman. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1964.
- \_\_\_\_\_ **Egypt and the Bible**. Trad. por L. Keylock. Filadélfia: Fortress Press, 1967.
- Pfeiffer, Charles F. **Egypt and the Exodus**. Grand Rapids: Baker Book House, 1964.
- Steindorff, George, e Seele, Keith C. **When Egypt Ruled the East**. Chicago: University of Chicago Press, 1957.
- Van Seters, John. **The Hyksos: A New Investigation**. New Haven: Yale University Press, 1966.
- Wilson, J. A. **The Culture of Ancient Egypt**. Chicago: University of Chicago Press, 1951.
- \_\_\_\_\_ **Signs and Wonders upon Pharaoh**. Chicago: University of Chicago Press, 1964.

# Capítulo IV

## A Religião de Israel

Israel se acampou propositalmente no monte Sinai. Em um prazo menor que um ano, o povo pactuado com Deus se tornou uma nação. O pacto se expandiu na forma do decálogo e de preceitos que visavam a uma vida santa, a construção do tabernáculo, a organização do sacerdócio, a instituição das oferendas e a observância de festividades e épocas — isso capacitou Israel a servir a Deus eficazmente (veja Êx 19:1 - Nm 10:10).

A religião de Israel era uma religião revelada. Durante séculos os israelitas sabiam que Deus estabelecera uma aliança com Abraão, Isaque e Jacó; mas não tinham consciência experimental de Seu poder e de Suas manifestações em favor deles. Deus nunca olvidou esse pacto de que livraria Israel da servidão e escravidão aos egípcios (veja Êx 6:2-9). Foi ali, no monte Sinai, que Deus se revelou a Israel.

A experiência de Israel e a revelação de Deus nesse acampamento são registradas em Êx 19 - Lv 27. As seguintes subdivisões podem servir de guia para maiores considerações:

I. O pacto de Deus com Israel	19:3 - 24:8
Preparação para o encontro com Deus	19:3-25
O decálogo	20:1-17
Ordenanças para Israel	20:18-23:33
Ratificação do pacto	24:1-8
II. O lugar de adoração	24:9 - 40:38
Preparação para a construção	24:10 - 31:18
Idolatria e julgamento	32:1 - 34:35
Ereção do tabernáculo	35:1 - 40:38
III. Instruções para uma vida santa	1:1 - 27:34
As oferendas	1:1 - 7:38
O sacerdócio	8:1 - 10:20
Leis da purificação	11:1 - 15:33

## Gráfico II O Calendário Anual

Ano Sagrado	Meses hebreus	Ano Civil	Equivalência moderna	Meses Babilônicos	Estação de plantio
1	Abibe (Nisã) 1—Lua Nova 14—Páscoa 15—Sábado — santa convocação 16—semana dos pães asms 21—santa convocação	7	Março/abril	Nisanu	últimas chuvas da primavera  começo da colheita da cevada
2	Iiar (Zive) 1—Lua Nova	8	Abril/maio	Aiaru	colheita da cevada
3	Sivã 1—Lua Nova 6—7—Festa das Semanas	9	Maiο/junho	Simanu	colheita do trigo
4	Tamuz 1—Lua Nova	10	Junho/julho	Duzu	
5	Abe 1—Lua Nova	11	Julho/agosto	Abu	figos e azeitonas amadureciam
6	Elul 1—Lua Nova	12	Agosto/set.	Ululu	vindima
7	Tisri (Etanim) 1—Lua Nova Dia de Ano Novo Festa das Trombetas 10—Dia da Expição  15—22—Festa dos Tabernáculos	1	Set./out.	Tasritu	últimas primeiras chuvas tempo de aragem
8	Hesvã 1—Lua Nova	2	Out./nov.	Arasumnu	plantio do trigo e da cevada
9	Quisleu 1—Lua Nova	3	Nov./dez.	Quislimu	
10	Tebete	4	Dez./jan.	Tebetü	
11	Shebate	5	Jan./fev.	Sabatu	
12	Adar	6	Fev./mar.	Adaru	florescem as amendoeiras

O dia da expiação	16:1 - 34
Os costumes pagãos são proibidos	17:1 - 18:30
Leis da santidade	19:1 - 22:33
Festividades e épocas	23:1 - 25:55
Condições das bênçãos de Deus	26:1 - 27:34

## O Pacto

Tendo estado em servidão, em um meio ambiente idólatra, agora Israel teria de ser um povo totalmente consagrado a Deus. Por meio de um ato sem precedentes na história, e que igualmente não foi duplicado desde então, aquele povo foi subitamente transformado do estado de servidão para o estado de nação independente. Ali no Sinai, com base nesse livramento, Deus estabeleceu com eles um pacto, para que fossem Sua nação santa.

Israel foi instruído a preparar-se por três dias, para que se firmasse esse pacto. Por meio de Moisés Deus revelou o decálogo, outros preceitos e instruções para observância das festividades sagradas. Sob a liderança de Arão, dois de seus filhos e setenta anciãos, o povo adorou a Deus com oferendas queimadas e pacíficas. Depois que Moisés leu o livro do pacto o povo respondeu aceitando as condições. A aspersão do sangue sobre o altar e sobre o povo selou o acordo. A Israel foi assegurado que seria conduzido à terra de Canaã no devido tempo. A condição do pacto era a obediência. Os membros individuais da nação poderiam perder seus direitos do pacto por meio da desobediência. Nas planícies de Moabe, Moisés liderou os israelitas numa pública renovação do pacto, antes de sua morte. (Veja Dt 29:1).

### O Decálogo

As dez palavras, ou dez mandamentos, constituem a introdução ao pacto. As enumerações mais comuns do decálogo, segundo o uso presente, são:

Maioria dos Protestantes e  
Igreja Católica Grega  
(Ordem de Josefo)

Luteranos e Igreja Católica  
Romana  
(Ordem de Agostinho)

1. Deuses estranhos,

1. Deuses estranhos e imagens,

Êx 20:2-3

Êx 20:2-6

2. Imagens, 20:4-6

2. Nome de Deus

3. Nome de Deus

3. Sábado

4. Sábado

4. País

5. País

5. Homicídio

6. Homicídio

6. Adulterio

7. Adulterio

7. Furto

8. Furto

8. Falso testemunho

<sup>1</sup>Quanto a úteis discussões sobre o Decálogo, a lei, o tabernáculo, o sacerdócio, as oferendas e as festividades e épocas veja o comentário sobre Êxodo e Levítico por Keil e Delitzsch.

9. Falso testemunho

10. Cobiça

9. Cobiçar a casa do próximo

10. Cobiçar a prosperidade ou a esposa do próximo.

Os judeus diferem de Josefo porque usavam Êx 20:2 como o primeiro mandamento, e os vv. 3-6 como o segundo. A divisão usada pelos judeus, desde os primeiros séculos do cristianismo, separa o v. 2 como primeiro mandamento, e combina os vv. 3-6 como o segundo. A enumeração de Agostinho diferia levemente da lista acima, pois o nono mandamento envolvia a cobiça pela mulher do próximo, ao passo que a prosperidade era agrupada sob o décimo mandamento, seguindo a ordem que há no livro de Deuteronômio.

Ao repartirem os Dez Mandamentos em duas tábuas os judeus, desde Filo até o presente, dividem-nos em dois grupos de cinco mandamentos cada. Visto que os primeiros cinco são quatro vezes maiores que os outros, essa divisão está sujeita a impugnação. Agostinho dividia três mandamentos para a primeira tábua e sete para a segunda, começando esta última com o mandamento para que se honrem os pais. Calvino e muitos outros, seguidores da enumeração de Josefo, usam a mesma dupla divisão, mas com quatro mandamentos na primeira tábua e seis na segunda. Essa dupla divisão, por Agostinho e Calvino, atribui todos os deveres para com Deus à primeira tábua. Quando Jesus reduziu os mandamentos a dois, em Mt 22:34-40, talvez ele tenha feito alusão a tal divisão.

A característica distintiva do decálogo é evidente nos primeiros dois mandamentos. No Egito se adorava a muitos deuses. As pragas tinham sido dirigidas contra os deuses egípcios. Os habitantes de Canaã também eram politeístas. Israel deveria ser distinto e singular, na qualidade de povo peculiar de Deus, caracterizado por uma devoção singular a Deus, e a Deus exclusivamente. Nem mesmo uma imagem ou semelhança de Deus era permissível. Conseqüentemente, a idolatria era uma das piores ofensas na religião de Israel.

Deus deu a Moisés a primeira cópia do decálogo, no monte Sinai. Moisés partiu essas tábuas de pedra, nas quais as dez palavras haviam sido escritas pelo dedo de Deus, quando ele notou que seu povo estava adorando a um bezerro fundido. Depois que Israel fora devidamente punido, mas salvo do aniquilamento através da oração intercessória de Moisés, Deus lhe ordenou que preparasse duas tábuas de pedra (veja Dt 10:2,4). Sobre essas Deus, uma vez mais, escreveu o decálogo. Posteriormente, essas tábuas foram depositadas na arca da aliança.

### **Preceitos para uma Vida Santa**

A expansão das leis morais e regulamentos adicionais para uma vida santa tiveram o objetivo de guiar os israelitas na sua conduta como povo santo de Deus (veja Êx 20-24 e Lv 11-26). A simples obediência a essas leis morais, civis e cerimoniais haveria de distingui-los das nações ao redor.

Essas leis dadas a Israel podem ser melhor entendidas à luz das culturas contemporâneas do Egito e de Canaã. Casamentos entre irmão e irmã, que eram comuns no Egito, foram proibidos. Regulamentos acerca da maternidade e do



parto não apenas lembravam-lhes que o homem é uma criatura pecaminosa, mas também que eles deveriam contrastar com as perversões sexuais, a prostituição e o sacrifício de crianças, associados aos ritos religiosos e às cerimônias dos cananeus. Leis e estatutos sobre a pureza dos alimentos e sobre o abate dos animais tiveram o propósito de impedir que os israelitas se moldassem a certos costumes egípcios associados a ritos idólatras. Era apropriado que os israelitas, que tinham vívidas memórias da escravidão, fossem instruídos a deixar respigas para os pobres, quando fizessem suas colheitas, providenciando o necessário para os inválidos, honrando aos indivíduos idosos e passando juízos justos constantes, em todos os seus relacionamentos. À proporção que um maior conhecimento, concernente ao meio ambiente religioso contemporâneo, no Egito e em Canaã, se nos tornar disponível, é provável que muitas das restrições impostas aos israelitas venham a parecer mais razoáveis para a mentalidade moderna.

As leis morais eram permanentes, mas muitas das regras civis e cerimoniais eram temporárias em sua natureza. O preceito que limitava o abate de animais para servirem de alimento, no santuário central, foi abrogado quando Israel entrou em Canaã (cf. Lv 17 e Dt 12:20-24).

## O Santuário

Até esse tempo o altar fora o lugar de sacrifício e adoração. Um dos sinais dos patriarcas era que eles erigiam altares por onde quer que fossem. Ali, no Sinai, Moisés erigiu um altar, com doze colunas que representavam as doze tribos, sobre as quais, jovens de Israel ofereciam sacrifícios para ratificação do pacto (veja Êx 24:4 ss.). Uma “tenda de encontro”, mencionada em Êx 33, foi erigida “fora do acampamento”. Isso serviu temporariamente não só de lugar de encontro para todo o Israel, mas também como o lugar da revelação divina. Já que ainda não fora organizado qualquer sacerdócio, Josué era o único ministro. Imediatamente após a confirmação do pacto, Israel foi comissionado a construir um tabernáculo, a fim de que Deus pudesse “habitar no meio deles” (Êx 25:8). Em contraste com os muitos templos existentes no Egito, Israel tinha apenas **um** santuário. Instruções detalhadas são dadas em Êx 25-40.

Bezalel, da tribo de Judá, foi nomeado principal superintendente, encarregado da construção. Trabalhando de perto com ele havia Aoliabe, da tribo de Dã. Esses homens foram especialmente dotados com o “Espírito de Deus”, e também com “...inteligência... conhecimento...” para supervisionarem a ereção do lugar de adoração (veja Êx 31, 35-36). Assessorando-os havia muitos homens que tinham sido divinamente motivados e dotados de habilidade para se desincumbirem de suas tarefas particulares. Ofertas voluntárias, doadas pelo povo, proveram mais do que suficiente para o material de edificação.

O ambiente fechado para o tabernáculo era comumente chamado átrio (veja Êx 27:9-18; 38:9-20). Com um perímetro de 300 côvados (138 m), esse recinto era assinalado por uma cortina de linho fino entretecido, pendurado sobre colunas de bronze com ganchos de prata. Essas colunas tinham 2,30 m de altura e estavam espaçadas entre si por 2,30 m. A única entrada, com 9,5 m de largura, ficava na extremidade oriental.

A metade oriental desse átrio era a praça dos adoradores. Ali os israelitas ofereciam suas oferendas, sobre o altar do sacrifício (veja Êx 27:1-8 e 38:1-7). Esse altar de cobre (com 2,30 m de lado e 1,40 m de altura), com chifres em cada canto, fora construído de madeira de acácia ou cetim, recoberta de cobre. O altar era portátil, equipado com varas e argolas. Para além do altar ficava o lavatório (veja Êx 30:17-21; 38:8; 40:30), que também fora feito de cobre. Ali os sacerdotes lavavam seus pés ao se prepararem para officiar ante o altar de sacrifício ou no interior do tabernáculo.

Na metade ocidental desse átrio ficava o tabernáculo propriamente dito. Com um comprimento de 13,8 m e 4,6 m de largura, era dividido em duas partes. A entrada única se abria para o oriente, dando entrada ao lugar santo (9,2 m de comprimento), onde os sacerdotes tinham acesso. Para além do véu ficava o santo dos santos (4,6 m x 4,6 m), onde ao sumo sacerdote era permitido entrar no Dia da Expição.

O próprio tabernáculo era feito com 48 tábuas (4,6 m de altura e 0,7 m), havendo vinte tábuas laterais e oito na extremidade ocidental. Feitas de madeira de acácia, recobertas de ouro (veja Êx 26:1-37; 36:20-38), essas tábuas eram mantidas juntas por meio de barras e sapatas de prata. O teto consistia de uma cortina de linho fino retorcido com as cores azul, púrpura e escarlata, bordada com querubins. A cobertura externa e principal era feita de pelos de cabra, que servia de proteção para a cortina de linho. Duas cobertas mais, uma feita de pele de carneiro e outra feita de pele de cabra, eram providas para proteger as duas primeiras. Duas cortinas do mesmo material que a primeira cobertura eram usadas para a extremidade oriental do tabernáculo e também para a entrada no santo dos santos. A construção exata do tabernáculo, entretanto, não pode ser determinada, porquanto não há detalhes suficientes no relato escriturístico.

Três móveis foram colocados no lugar santo: a mesa dos pães da proposição, no lado norte, o candelabro de ouro, no lado sul, e o altar de incenso, diante do véu que separava o lugar santo do santo dos santos (veja Êx 40:22-28).

A mesa dos pães da proposição era feita de madeira de acácia, recoberta de ouro, com uma borda que lhe circundava a parte superior. Havia uma argola presa a cada uma das quatro pernas, pelo que facilmente podia ser transportada por meio de varas (veja Êx 25:23-30 e 37:10-16). Pratos e travessas para incenso, além de frascos e bacia para derramar libações, eram colocados sobre essa mesa. Doze pães de massa sem fermento eram providos para essa mesa a cada sábado. Eram comidos pelos sacerdotes (veja Lv 24:5-9).

O candelabro de ouro fora feito de uma só peça de ouro puro, moldada a martelo (veja Êx 25:31-39 e 37:17-24). O formato e as dimensões do pedestal são incertos. Com uma haste central, que era especificamente chamada de candelabro, e com três ramos encurvados que saíam de cada lado, esse candelabro contava com sete lâmpadas. A ornamentação de cada um desses ramos consistia de três cálices, ao passo que a haste contava com quatro cálices. As espevitadeiras e bandejas também foram feitas de ouro puro. A cada tarde os sacerdotes enchiam essas lâmpadas com azeite, fornecido pelos israelitas, para que houvesse luz a noite inteira (veja Êx 27:20,21 e 30:7,8).

O altar de ouro, que era usado primariamente para se queimar incenso, ficava no lugar santo, diante da entrada para o santo dos santos. Feito de madeira de acácia recoberta de ouro, esse altar tinha 0,9 m de altura e tinha 0,45 m

de lado. Contava com uma borda de ouro ao redor da parte superior, com um chifre e uma argola em cada canto, de modo que pudesse ser convenientemente transportado por meio de varas (veja Êx 30:1 - 10,28,34-37). Toda manhã e toda tarde, quando os sacerdotes entravam para cuidar do candelabro, queimavam também incenso, usando fogo tirado do altar de cobre.

A arca da aliança ou do testemunho era o objeto mais sagrado que havia na religião de Israel. Esse era o objeto único, exclusivo, que tinha lugar no santo dos santos. Feita de madeira de acácia e recoberta por dentro e por fora com couro puro, essa caixa tinha 1,15 m de comprimento, ao passo que a profundidade e a largura eram igualmente de 0,70 m (veja Êx 25:10-22 e 37:1-9). Com argolas de ouro e varas em cada lado, os sacerdotes facilmente podiam transportá-la. A cobertura dessa caixa era chamada propiciatório. Dois querubins de ouro estavam de pé sobre a tampa, de frente um para o outro, enquanto suas asas sombreavam o centro do propiciatório. Essa cobertura com seus querubins era feita de uma única peça sólida de ouro. O propiciatório representava a presença de Deus. Diferente dos pagãos, em Israel não havia objeto material que representasse seu Deus, no espaço que havia entre os querubins. O decálogo claramente proibia qualquer imagem ou semelhança de Deus. Não obstante, o propiciatório era o lugar onde Deus e o homem se encontravam (veja Êx 30:6), onde Deus falava ao homem (veja Êx 25:22 e Nm 7:89), e onde o sumo sacerdote comparecia no Dia da Expição a fim de aspergir o sangue em prol da nação de Israel (veja Lv 16:14). Dentro da própria arca haviam sido postos o decálogo (veja Êx 25:21; 31:18 e Dt 10:3-5), um vaso com maná (veja Êx 16:32-34), e a vara de Arão que florescera (veja Nm 17:10). Antes de Israel ter entrado em Canaã, o livro da lei era posto ao lado da arca (veja Dt 31:26).

## O Sacerdócio

Antes dos tempos mosaicos, as oferendas usualmente eram apresentadas pelo chefe de uma família, que oficialmente representava seus familiares no reconhecimento e adoração a Deus. Excetuando a alusão a Melquisedeque como sacerdote, em Gn 14:18, o cargo oficial de sacerdote não é mencionado. Agora, todavia, que Israel fora remido do Egito, o ofício sacerdotal tornou-se significativamente importante.

Deus desejava que Israel fosse uma nação santa (veja Êx 19:6). Para uma ministração ordeira e uma adoração eficaz, Deus designou Arão para que servisse como sumo sacerdote durante as peregrinações de Israel pelo deserto. Assessoravam-no quatro filhos seus: Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar. Mais tarde, os dois primeiros foram mortos em juízo, por terem trazido fogo profano ao interior do tabernáculo (veja Lv 8:10 e Nm 10:2-4). Em virtude de terem escapado da morte no Egito, os primogênitos de cada família (israelita) pertenciam a Deus. Escolhidos como substitutos para cada filho mais velho de cada família, os levitas ajudavam aos sacerdotes em suas ministrações (veja Nm 3:5-13; 8:17). Desse modo, a nação inteira estava representada pelo ministério sacerdotal.

As funções dos sacerdotes eram variadas. Sua responsabilidade primária era a de serem mediadores entre Deus e o homem. Oficiando nas oferendas prescritas, eles lideravam o povo na obtenção da expiação pelo pecado (veja Êx 28:1-

-43 e Lv 16:1-34). O discernimento da vontade de Deus relativa ao povo era uma obrigação soleníssima (veja Nm 27:21 e Dt 33:8). Por serem guardiães da lei, também estavam comissionados a instruir aos leigos. O cuidado e a administração do tabernáculo também estava dentro de sua jurisdição. Em consequência, os levitas foram nomeados para que auxiliassem aos sacerdotes no cumprimento de muitas responsabilidades que lhe haviam sido determinadas.

A santidade dos sacerdotes se evidenciava nas exigências de uma vida santa como igualmente nos pré-requisitos para servirem (veja Lv 21:1 - 22:10). Exemplos em sua conduta, os sacerdotes estavam sob a obrigação de exercerem cuidados especiais nas questões matrimoniais e na disciplina doméstica. Apesar de que defeitos físicos berrassem-nos permanentemente do serviço sacerdotal, a impureza cerimonial, resultante da lepra, de algum fluxo do interior do corpo ou contactos proibidos desqualificavam-nos temporariamente de toda ministração. Os costumes pagãos, a profanação das coisas santas e a poluição — essas coisas tinham de ser evitadas pelos sacerdotes o tempo todo. No caso do sumo sacerdote, as restrições ainda eram mais severas (veja Lv 21:1-15).

A santidade peculiar aos sacerdotes também era indicada através das vestes que foram instruídos a usar. Feitas dos materiais mais seletos e com a melhor perícia, essas vestimentas adornavam os sacerdotes com beleza e dignidade. O sacerdote usava uma túnica, um cinto, uma capa e calções — tudo feito de linho fino (veja Êx 28:40-43 e 39:27-29). A túnica era uma peça longa, branca e sem costura, com mangas que quase atingiam os pés. O cinto, embora em parte alguma tenha sido descrito em particular, era usado por cima da túnica. De acordo com Êx 39:39, fios azuis, púrpura e escarlata eram bordados no linho branco do cinto com uma agulha, correspondendo aos materiais e às cores usados no véu e nas cortinas do tabernáculo. A mitra do sacerdote era um boné simples e bem ajustado. Por baixo da túnica, ele devia usar calções de linho, sempre que penetrasse no santuário (veja Êx 28:42).

O sumo sacerdote era distinguido por peças adicionais do vestuário, que consistiam de uma sobrepeliz, uma estola, um peitoral e uma mitra especial (veja Êx 28:4-39). A sobrepeliz, que descia do pescoço até abaixo dos joelhos era de cor azul e era muito simples, exceto que na sua fímbria eram alternadas romãs e campainhas, que ali foram fixadas. As romãs — nas cores azul, púrpura e escarlata — tinham propósitos ornamentais. As campainhas, feitas de ouro, tinham por finalidade transmitir à congregação, que esperava, todo movimento do sumo sacerdote, quando ele adentrasse o santo dos santos, no Dia da Expiação.

A estola era composta de duas peças de linho feitas com ouro, azul, púrpura e escarlata e unidas nos ombros com tiras. Na altura dos quadris, havia uma peça que se prolongava na forma de cinta, que mantinha as duas peças da estola no seu lugar. Sobre cada ombro do conjunto da estola do sumo sacerdote havia uma pedra preciosa onde tinham sido gravados os nomes das tribos, seis em cada pedra, na ordem do seu nascimento. A fim de que o cômputo fosse equivalente de ambos os lados, foi omitida a tribo dos levitas, porquanto eles ajudavam aos sacerdotes, ou então José tivesse tomado o lugar de Efraim e Manassés. Dessa maneira, o sumo sacerdote representava a nação inteira de Israel, em seu mi-

nistério de mediação. Adornando a estola havia duas bordas de ouro e duas pequenas correntes de ouro puro.

O peitoral, uma algibeira com 0,22 m em quadrado, era a peça mais luxuosa, magnificente e misteriosa do vestuário do sumo sacerdote. Correntes de ouro puro vinculavam-no às tiras do ombro da estola. A porção inferior era firmada à cinta com um laço azul. Doze pedras gravadas com os nomes das tribos estavam montadas em ouro, no peitoral, servindo de lembrete visível de que o sumo sacerdote representava a nação diante de Deus. O Urim e o Tumim, designativos esses que significam “luzes” e “perfeições”, estavam postos na algibeira do peitoral (veja Êx 28:30 e Lv 8:8). Pouco se sabe sobre a função dessas peças ou sobre o modo de proceder do sacerdote oficiante no caso delas; mas permanece de pé o fato importante — proviam elas um meio de discernir a vontade divina.

Igualmente significativa era a mitra ou turbante do sumo sacerdote. Cobrindo toda a testa e firmada à mitra, havia uma placa de ouro puro, onde estavam inscritas as palavras “Santidade ao Senhor”. Isso servia de memorial constante de que a santidade é a própria essência da natureza de Deus. Mediante as provisões expiatórias o sumo sacerdote apresentava seu povo consagrado a Deus. Por meio das vestes sagradas tanto o sumo sacerdote como os sacerdotes comuns manifestavam não somente a glória desse ministério de mediação entre Deus e Israel, mas também a beleza da adoração, com a mescla de suas vestimentas coloridas com o santuário.

Em elaborada cerimônia de consagração, os sacerdotes eram consagrados para seu ministério (veja Êx 29:1-37; 40:12-15 e Lv 8:1-36). Após se terem lavado em água, Arão e seus filhos foram vestidos das vestes sacerdotais e ungidos com azeite. Estando Moisés a officiar como mediador, um novilho foi oferecido como oferta pelo pecado, a fim de fazer expiação não só por Arão e seus filhos, mas também para purificação do altar de todos os pecados associados ao serviço deles. Isso foi seguido por um holocausto, onde um carneiro foi sacrificado de acordo com o rito usual. Outro carneiro foi então apresentado como oferta pacífica, em cerimônia especial. Moisés aplicou o sangue ao polegar direito, à orelha direita e ao artelho maior do pé direito de cada sacerdote. Em seguida ele tomou a gordura, a perna direita e três obreias o que, normalmente, era destinado ao sacerdote oficiante, apresentando essas coisas a Arão e seus filhos, que delas fizeram uma oferta movida, antes que fossem consumidas no altar. Após ter sido apresentado como oferta movida, o peito foi cozinhado e comido por Moisés e pelos sacerdotes. Antecedendo essa refeição sacrificial, Moisés aspergiu o azeite de unção e o sangue sobre os sacerdotes e suas vestes. Essa impressionante cerimônia consagratória foi repetida em cada um dos sete dias sucessivos, santificando os sacerdotes para que ministrassem no tabernáculo. Desse modo, a congregação inteira tornou-se cônica da santidade de Deus, quando o povo veio ante os sacerdotes, trazendo suas oferendas.

### **As Oferendas**

As leis sacrificiais e as instruções dadas no monte Sinai não subentendem a ausência de oferendas antes desse tempo. Quer os vários tipos de oferendas fossem claramente distinguidos e conhecidos pelos israelitas ou não, é tema que pode ser debatido; mas a prática de oferecer sacrifícios sem dúvida lhes era fami-

liar, conforme se vê nos registros acerca de Caim, Abel, Noé e os patriarcas. Quando apelou a Faraó para que libertasse Israel, Moisés antecipou a oferta de sacrifícios, e assim fez, após ter saído do Egito (veja Êx 5:1-3; 18:12 e 24:5).

Agora que Israel era uma nação livre, em relação ao pacto com Deus, foram-lhe outorgadas instruções específicas concernentes a vários tipos de oferendas. Trazendo essas oferendas segundo foram prescritas, os israelitas tinham a oportunidade de servir a Deus de maneira aceitável (veja Lv 1-7).

Quatro tipos de oferendas envolviam o derramamento de sangue: os holocaustos, as ofertas pacíficas, as ofertas pelo pecado e as ofertas pela culpa. Os animais reputados aceitáveis para sacrifício eram animais mansos e limpos, cuja carne era comestível, como ovelhas, cabras e vacas, machos ou fêmeas, velhos ou novos. Nos casos de pobreza extrema, permitia-se a substituição por pombos.

Regras gerais para a execução dos sacrifícios:

1. apresentação do animal diante do altar
2. imposição da mão sobre a vítima pelo ofertante
3. abate do animal
4. aspersão do sangue sobre o altar
5. sacrifício consumido no fogo

Quando era oferecido algum sacrifício pela nação, oficiava um sacerdote. Quando um indivíduo oferecia sacrifício por si mesmo, trazia o animal, impunha sobre ele a mão e o abatia. Em seguida, o sacerdote aspergia o sangue e queimava o animal. Aquele que fazia uma oferta dessas não podia comer dela, a menos que se tratasse de uma oferta pacífica. Quando várias oferendas eram feitas ao mesmo tempo, a oferta pelo pecado antecedia o holocausto e as ofertas pacíficas.

### *Holocaustos*

A característica distintiva dos holocaustos era o fato de que o animal sacrificado era totalmente consumido pelo fogo sobre o altar (veja Lv 1:5-17 e 6:8-13). Não estava excluída a expiação, porquanto esta fazia parte de todo sacrifício cruento. A completa consagração do ofertante a Deus era simbolizada pela consumição de todo o sacrifício. Talvez Paulo tivesse feito alusão a esse tipo de oferta em seu apelo em prol de uma completa consagração (veja Rm 12:1). A Israel foi ordenado que se mantivesse um holocausto contínuo, dia e noite, por intermédio de uma chama sobre o altar de cobre. Um cordeiro era oferecido toda manhã e toda tarde, o que relembra Israel de sua devoção a Deus (veja Êx 29:38-42 e Nm 28:3-8).

### *Oferendas Pacíficas*

As ofertas pacíficas eram totalmente voluntárias. A despeito da inclusão das idéias de representação e expiação, a característica primária dessa oferta era a oferta de uma refeição (veja Lv 3:1-17; 7:11-34; 19:5-8 e 22:21-25). Isso era símbolo de uma viva comunhão e companheirismo entre o homem e Deus. Familiares e amigos tinham permissão de unir-se ao ofertante, nessa refeição sacrificial (veja Dt 12:6, 7, 17, 18). Visto tratar-se de uma oferta voluntária, qualquer animal, excetuando aves, era aceito, sem importar idade ou sexo. Após o abate da vítima e a aspersão do sangue para fazer expiação pelo pecado, a gordu-

ra do animal era queimada sobre o altar. Por meio do rito de agitar as mãos do ofertante, que segurava a coxa e o peito do animal, o sacerdote oficiante dedicava essas porções a Deus. O restante da oferenda provia um banquete para o ofertante e para os seus convidados. Esse alegre companheirismo indicava o laço de amizade entre Deus e o homem.

Havia três modalidades de ofertas pacíficas. Elas variavam de acordo com os motivos do ofertante. Quando o sacrifício era feito como reconhecimento de bênçãos imerecidas ou inesperadas, era chamado de oferta de ação de graças. Se a oferenda fosse motivada pela expressão de amor a Deus, era intitulada oferta voluntária. Cada uma dessas oferendas era acompanhada por uma refeição sacrificial prescrita. A oferta de ação de graças durava um dia, ao passo que a outra se prolongava por dois dias, com a provisão de que qualquer coisa que sobrasse teria de ser consumido no fogo ao terceiro dia. Dessa maneira, os israelitas tinham o privilégio de desfrutar de modo prático de sua relação de pacto com Deus.

### *Ofertas pelo Pecado*

Os pecados de ignorância, cometidos inadvertidamente, exigiam oferta pelo pecado (veja Lv 4:1-35 e 6:24-30). A violação de mandamentos negativos, puníveis por extirpação, podia ser retificada por um sacrifício prescrito. Embora Deus tenha um único padrão de moralidade, a oferenda variava de acordo com a responsabilidade do indivíduo. Nenhum líder religioso ou civil era tão proeminente que seu pecado fosse tolerado, e nem havia qualquer indivíduo tão insignificante que seu pecado fosse ignorado. Havia gradação nas oferendas requeridas: um novilho para o sumo sacerdote ou para a congregação; um bode para qualquer líder; uma cabra ou ovelha para qualquer cidadão particular. O ritual também variava. No caso de um sacerdote ou da congregação, o sangue era aspergido por sete vezes perante a entrada do santo dos santos. Para um governante ou leigo, o sangue era aplicado sobre os chifres do altar. Visto tratar-se de uma oferenda de expiação, a parte culpada não tinha permissão de comer qualquer porção do animal. Conseqüentemente, esse sacrifício ou era consumido sobre o altar ou queimado no campo, havendo uma única exceção — o sacerdote recebia uma porção determinada quando oficiava em favor de algum líder ou leigo.

A oferta pelo pecado também era exigida para transgressões específicas, como a recusa de dar testemunho, a contaminação cerimonial e os juramentos inúteis (veja Lv 5:1-13). Embora esses pecados pudessem ser considerados intencionais, não representavam desafios calculados contra Deus e puníveis com a morte (veja Nm 15:27-31). Havia expiação em disponibilidade para qualquer pecado penitente, sem importar sua situação econômica. Se não pudesse oferecer uma ovelha ou cabra, poderia substituí-las por uma rola ou um pombinho. Em casos de pobreza extrema, até mesmo um punhado de farinha de trigo — o equivalente à ração alimentar de um dia — assegurava à parte culpada a sua aceitação diante de Deus. (Quanto a outros motivos que requeriam uma oferta pelo pecado, veja Lv 12:6-8; 14:19-31; 15:25-30 e Nm 6:10-14).

### *Ofertas pela Transgressão*

Os direitos legais de uma pessoa e suas propriedades, em situações que envol-

vessem Deus ou seus semelhantes humanos, eram claramente firmados nas exigências acerca das ofertas pela culpa (veja Lv 5:14-6:7 e 7:1-7). O fato de não reconhecer a Deus, deixando de trazer as primícias, os dízimos ou outras ofertas requeridas, exigiam não só a restituição, mas igualmente sacrifício. Em adição ao pagamento de seis quintos do que era devido, o ofensor também devia sacrificar um carneiro para que obtivesse o perdão. Esse sacrifício dispendioso tornava-o cômico do preço do pecado. Quando o erro fosse cometido contra o próximo, também era exigido aquele quinto acima do prejuízo para que houvesse retificação. Se não se pudesse fazer restituição à pessoa ofendida ou a um parente próximo, essas reparações eram pagas ao sacerdote (veja Nm 5:5-10). A infração contra os direitos de outra pessoa também representava uma ofensa contra Deus. Conseqüentemente, tornava-se mister um sacrifício.

### *Ofertas de Manjares<sup>2</sup>*

Essa é a única oferenda que não envolvia a vida de um animal, mas que consistia primariamente de produtos do solo, que representavam frutos do labor humano (veja Lv 2:1-16 e 6:14-23). Essa oferenda podia ser apresentada de três modos diferentes, sempre de mistura com azeite, incenso e sal, mas sem fermento ou mel. Se uma oferenda consistisse de primícias, então as espigas, que deveriam ser novas, teriam de ser assadas ao fogo. Após a moagem do grão, este podia ser apresentado ao sacerdote na forma de farinha de trigo, ou de pães asmos, ou de bolos ou de obréias preparadas ao forno. Parece que uma porção subordinada dessa oferenda era uma quantidade apropriada de vinho, para servir de libação (veja Êx 39:40; Lv 23.13 e Nm 15:5,10). Uma inferência justificada é que essa oferenda jamais era trazida sozinha. Ela era, primariamente, um acompanhamento dos holocaustos e ofertas pacíficas. Parece que ela era um suplemento necessário e apropriado dessas outras duas (veja Nm 15:1-13). Isso se dava também no caso dos holocaustos diários (veja Lv 6:14-23 e Nm 4:16). Quando era oferecida pelo sacerdote, em prol da congregação, era consumida a oferenda inteira. No caso de ofertas individuais o sacerdote oficiante apresentava somente um punhado ante o altar dos holocaustos, retendo o resto para o tabernáculo. Nem na oferenda propriamente dita e nem no ritual havia qualquer sugestão de que houvesse provisão para expiação pelo pecado. Mediante essa oferenda os israelitas apresentavam o fruto do seu labor, assim indicando a dedicação de seus presentes a Deus.

### **Festas e Estações Determinadas**

Por meio de festas e estações determinadas os israelitas eram constantemente lembrados de que eram povo santo de Deus. No pacto que Israel ratificou no monte Sinai, a observância fiel de períodos fixos fazia parte do compromisso assumido (veja Êx 20-24).

### *O Sábado*

A primeira, principal e mais freqüente observância era o sábado. Embora Gênesis mencione períodos de sete dias, o sábado é referido pela primeira vez no trecho de Êx 16:23-30. No decálogo (veja 20:8-11) os israelitas são advertidos a “lembrar o dia de sábado”, o que indica que esse não foi o início de sua obser-

<sup>2</sup>A oferta de manjares foi acima chamada de “oferta de uma refeição”, para dar idéia de sua natureza. Ela é denominada de vários outros modos, nas diversas traduções e versões nacionais e estrangeiras, como “oferta de cereais”, na RSV, “oferta de alimento”, na Berkeley Version, etc.



vância. Através do descanso ou cessação do trabalho, os israelitas eram lembrados do fato que Deus descansou de sua obra criadora no sétimo dia. A observância do sábado, pois, era memorial de que Deus redimira a Israel da servidão egípcia, tendo santificado ao povo para ser seu povo santo (veja Êx 31:13 e Dt 5:12-15). Tendo sido libertado da servidão e da escravatura, Israel foi capacitado a consagrar um dia por semana ao serviço de Deus, o que, sem dúvida alguma, fora impossível enquanto serviam a seus senhores egípcios. Os próprios servos dos israelitas eram incluídos nessa observância do sábado. Punições severas tinham sido prescritas para todo aquele que deliberadamente desconsiderasse o sábado (veja Êx 35:3 e Nm 15:32-36). Se o sacrifício diário em favor de Israel era um cordeiro, no sábado tinham de ser oferecidos dois cordeiros (veja Nm 28:9,19). Era igualmente nesse dia que se punham os doze pães sobre a mesa, no lugar santo (veja Lv 24:5-8).

### *Lua Nova e Festa das Trombetas*

Toques de trombeta proclamavam, oficialmente, o começo de um novo mês (veja Nm 10:10). A lua nova também era observada mediante holocaustos e sacrifícios pelo pecado, com as devidas provisões de ofertas de manjares e de libação (veja Nm 28:11-15). O sétimo mês, no qual havia o Dia da Expição e a Festa das Semanas, assinalava o clímax do ano religioso, ou fim do ano (veja Êx 34:22). No primeiro dia dessa semana, a lua nova era intitulada Festa das Trombetas, quando eram apresentadas oferendas adicionais (veja Lv 23:23-25 e Nm 29:1-6). E era esse, por igual modo, o começo do ano civil.

### *Ano Sabático*

Intimamente relacionado ao sábado, havia o ano sabático aplicável aos israelitas desde que entrassem na terra de Canaã (veja Êx 23:10-11 e Lv 25:1-7). Observando-o como um ano de descanso para o solo, os israelitas não semeavam seus campos e nem podavam suas videiras a cada sete anos. Tudo quanto colhessem naquele ano deveria ser igualmente compartilhado pelo proprietário, pelos servos, pelos estrangeiros e até pelos animais. Os credores eram instruídos a cancelar as dívidas dos pobres, assumidos durante os seis anos anteriores (veja Dt 15:1-11). Visto que os escravos eram alforriados a cada seis anos, provavelmente esse era também o ano da emancipação dos mesmos (veja Êx 21:2-6 e Dt 15:12-18). Desse modo os israelitas eram lembrados de que haviam sido libertos da servidão aos egípcios.

Havia instruções mosaicas que também faziam arranjos para a leitura da lei (veja Dt 31:10-31). Dessa maneira, o ano sabático se tornava significativo para os velhos e jovens, para senhores, tanto quanto para os servos.

### *Ano de Jubileu*

Após sete observâncias do ano sabático, vinha o ano de jubileu. Este era inaugurado quando eram tocadas as trombetas, no décimo dia de Tisri, o sétimo mês. De conformidade com as instruções baixadas em Lv 25:8-55, isso assinalava o ano de liberdade, quando a herança da família era restituída àqueles que tivessem tido o infortúnio de perdê-la, quando os escravos hebreus eram libertos e quando a terra ficava sem cultivo.

Os israelitas tinham o dever de reconhecer, na posse da terra, que Deus era o doador. Portanto, a terra devia ser guardada na família, passando de pais a filhos como uma herança. No caso de necessidade, somente o direito à produção da terra podia ser vendido. E posto que a cada cinquenta anos essa terra revertia ao proprietário original, o preço estava diretamente relacionado ao número de anos que restavam antes do ano de jubileu. A qualquer tempo, durante esse período, a terra poderia ser remida pelo proprietário ou por um parente próximo. As casas erigidas em cidades muradas, excetuando as cidades dos levitas, não estavam incluídas nas provisões do ano de jubileu.

Os escravos eram libertados nesse ano, sem importar por quanto tempo vinham servindo. Seis anos era o período máximo de servidão para qualquer escravo hebreu que não gozasse da opção de liberdade (veja Êx 21:11). Por conseguinte, não podia ele ser reduzido a um estado perpétuo de escravidão, embora ele se visse forçado a vender-se a outro senhor, como servo contratado, quando se visse financeiramente pressionado. E nem os próprios escravos não-hebreus podiam ser reputados como propriedade absoluta. A morte, resultante de crueldade por parte de um proprietário, impunha a este uma punição (veja Êx 21:20,21). No caso de maus tratos severos, um escravo podia reivindicar a sua liberdade (veja Êx 21:26,27). Por meio da soltura periódica de escravos hebreus e da demonstração de amor e gentileza para com os estrangeiros na sua terra (veja Lv 19:33,34), os israelitas eram lembrados de que antigamente haviam sido escravos no Egito.

Embora o ano de jubileu se seguisse ao ano sabático, aos israelitas não era permitido que cultivassem o solo durante esse período. Deus prometeu que receberiam safras tão abundantes no sexto ano que teriam o suficiente para o sétimo e o oitavo anos, que eram anos de descanso para a terra. Dessa maneira, pois, os israelitas eram lembrados de que a terra que possuíam, bem como as colheitas que recebiam, eram presentes da parte de Deus.

### *Festas Anuais*

As três festividades anuais que tinham de ser observadas, eram: (1) a Páscoa e a Festa dos Pães Asmos; (2) a Festa das Semanas, das Primícias ou da Segã; e (3) a Festa dos Tabernáculos ou Colheita. Tão significativas eram essas festividades que todos os israelitas do sexo masculino tinham obrigação de se fazerem presentes (veja Êx 23:14-17).

#### *A Páscoa e a Festa dos Pães Asmos*

Historicamente, a Páscoa foi observada pela primeira vez no Egito, quando as famílias de Israel foram isentadas da morte dos primogênitos, mediante o sacrifício do cordeiro pascal (veja Êx 12:1-13:10). O cordeiro era selecionado no décimo dia do mês de Abibe, e morto no décimo quarto dia. Durante os sete dias subsequentes só se podia consumir pão sem fermento. Esse mês de Abibe, que mais tarde tornou-se conhecido como mês de Nisã, foi designado “o começo dos meses”, ou seja, o princípio do ano religioso (veja Êx 12:2). A segunda Páscoa foi observada no décimo quarto dia do mês de Abibe, um ano depois que Israel saiu do Egito (veja Nm 9:1-5). Visto que nenhum homem incircunciso podia participar da Páscoa (veja Êx 12:48), os israelitas não observaram essa festivi-

dade durante o restante de suas peregrinações pelo deserto (veja Js 5:6). Foi somente depois que o povo entrou em Canaã, quarenta anos após terem partido do Egito, que foi observada a terceira Páscoa.

O propósito declarado da observância pascal era o de lembrar anualmente, aos israelitas, qual fora a miraculosa intervenção divina em favor deles (veja Êx 13:3,4; 34:18 e Dt 16:1). Ela assinalava a abertura do ano religioso.

O ritual da Páscoa sem dúvida alguma passou por algumas alterações, desde a observância original, quando Israel não contava com sacerdócio ou com tabernáculo. Os ritos de caráter temporário eram: o abate do cordeiro, pelo cabeça de cada família; a aspersão do sangue sobre a ombreira e as vergas da porta; e provavelmente a postura corporal em que participavam do cordeiro. Com a ereção do tabernáculo, Israel passou a ter um santuário central onde os homens deveriam congregar-se três vezes por ano, começando pelo período da Páscoa (veja Êx 23:17 e Dt 16:13). Os dias décimo quinto e vigésimo primeiro eram dias de convocação solene. Durante aquela semana toda os israelitas só podiam comer pão sem fermento. Visto que a Páscoa era o acontecimento principal da semana, aos peregrinos era permitido voltarem a seus lares na manhã seguinte a essa festa (veja Dt 16:7). Entremetidos, por toda a semana eram apresentadas oferendas diárias adicionais pela nação, que consistiam de dois novilhos, um carneiro e sete cordeiros como holocausto, juntamente com a prescrita oferta de manjares e com um bode como oferta pelo pecado (veja Nm 18:19-23 e Lv 23:8). Em adição a isso, os israelitas eram instruídos a trazer um molho das primícias à presença do Senhor (veja Lv 23:9-14). Acompanhando o ritual durante o qual o sacerdote movia o molho diante do Senhor, havia a apresentação de um holocausto que consistia de um cordeiro juntamente com uma oferta de manjares de farinha de trigo misturada com azeite e de uma libação de vinho. Nenhum grão deveria ser usado, proveniente da nova safra, enquanto não houvesse reconhecimento público de que essas bênçãos materiais tinham sido concedidas por Deus. Em conseqüência, durante a observância da semana da Páscoa, os israelitas não só tomavam consciência de seu livramento histórico das mãos egípcias, mas igualmente reconheciam que a bênção de Deus se fazia continuamente evidente através das provisões materiais.

Tão cheia de significado era a celebração da Páscoa que havia arranjos especiais para os que fossem incapazes de participar dela durante o tempo determinado, podendo observá-la um mês mais tarde (veja Nm 9:9-12). Qualquer pessoa que se recusasse a celebrar a Páscoa caía no ostracismo em Israel. Os próprios estrangeiros residentes em Israel eram bem acolhidos se quisessem participar dessa celebração anual (veja Nm 9:13,14).

Desse modo, a Páscoa era a mais significativa de todas as festividades e observâncias de Israel. Comemorava o maior de todos os milagres que o Senhor realizara em favor de Israel. Isso é indicado em muitas referências nos Salmos e nos livros proféticos. Embora a Páscoa fosse observada no tabernáculo, cada família era vividamente lembrada de sua significação ao comer do pão sem levedo. Nenhum israelita era justificado se dela não participasse. Isso servia de memorial anual de que Israel era a nação escolhida por Deus.

## Festa das Semanas

Enquanto a Páscoa e a Festa dos Pães Asmos eram observadas no começo da colheita da cevada, a Festa das Semanas tinha lugar cinquenta dias mais tarde, após a colheita do trigo (veja Dt 16:9).<sup>3</sup> Embora fosse ocasião importantíssima, essa festa era observada por um único dia. Nesse dia de descanso, uma oferta de manjares especial, que consistia de duas obréias sem fermento, era apresentada ao Senhor, para uso do tabernáculo, dando a entender que até o pão diário era provido por Deus (veja Lv 23:15-20). Os sacrifícios prescritos eram apresentados junto com essa oferta. Nessa oportunidade de júbilo, os israelitas não deveriam esquecer-se dos menos afortunados, deixando respigas no campo, para os pobres e os necessitados (veja Lv 23:22).

## Festa dos Tabernáculos

A festividade final do ano era a festa dos Tabernáculos<sup>4</sup> — um período de sete dias, durante os quais os israelitas habitavam em tendas (veja Êx 23:16; 34:22 e Lv 23:40,41). Essa festa não somente assinalava o fim da estação da colheita, mas, uma vez que os israelitas se estabeleceram na terra de Canaã, ela fazia-os lembrarem-se, anualmente, de suas peregrinações pelo deserto, quando então tinham vivido em tendas.

As festividades dessa semana achavam expressão nas maiores ofertas queimadas, ou holocaustos, que foram jamais apresentadas, sacrificando um total de setenta novilhos. Sendo oferecido treze novilhos no primeiro dia, que era de santa convocação, o número ia decrescendo diariamente de um em um. A cada dia era oferecido um holocausto adicional. Essa oferta consistia de catorze cordeiros e de dois carneiros, com ofertas de manjares e libações proporcionais. Uma solene convocação, no oitavo dia, levava à conclusão as atividades do ano religioso.

Cada sétimo ano era peculiarmente significativo na celebração da Festa dos Tabernáculos. Esse era o ano em que se lia publicamente a lei. Embora dos peregrinos se requeresse que se fizessem presentes na Páscoa ou na Festa das Semanas apenas por um dia, normalmente eles passavam a semana inteira na Festa dos Tabernáculos. Isso provia ampla oportunidade para a leitura da lei, de acordo com a determinação de Moisés (veja Dt 31:9-13).

## Dia da Expição

A mais solene ocasião do ano inteiro era o Dia da Expição (veja Lv 16:1-34; 23:26-32 e Nm 29:7-11). Esse dia era observado no décimo dia do mês de Tisri, havendo santa convocação e jejum. Nenhum trabalho era permitido nesse dia. Esse era o único jejum exigido pela lei de Moisés.

O principal propósito dessa observância era fazer expiação. Nessa cerimônia singular e elaborada foi feita propiciação por Arão e sua casa, pelo lugar santo, pela tenda da congregação, pelo altar dos holocaustos e pela congregação de Israel.

<sup>3</sup>Também conhecida como Festa das Primícias (veja Nm 28:26) ou festa da Segra (veja Êx 13:16). Com base no termo grego que significa “cinquenta”, era chamada Pentecoste nos dias do Novo Testamento.

<sup>4</sup>Também chamada Festa da Colheita (veja Êx 23:16; 34:22; Lv 23:39; Dt 16:13-15). Era observada no décimo quinto dia do mês de Tisri, quando se completavam as colheitas da azeitona, da uva e do trigo.

Somente o sumo sacerdote podia officiar naquele dia. Aos demais sacerdotes não era nem permitido entrarem no santuário, porquanto ficavam identificados com a congregação. Nessa ocasião, o sumo sacerdote deixava de lado suas vestimentas especiais e se vestia de linho branco. As oferendas prescritas para aquele dia, eram as seguintes: dois carneiros como holocaustos, que o sumo sacerdote oferecia por si mesmo e pela congregação, um novilho como oferta por seu próprio pecado, e dois bodes como oferta pelo pecado do povo.

Enquanto os dois bodes permaneciam de pé, diante do altar, o sumo sacerdote oferecia sua oferta pelo pecado, fazendo expiação por si mesmo. Sacrificando um dos bodes no altar, ele fazia expiação pela congregação. Em ambos os casos ele aplicava o sangue ao propiciatório. De forma similar ele santificava o santuário interno, o lugar santo e o altar dos holocaustos. Dessa maneira, as três divisões do tabernáculo eram devidamente purificadas no Dia da Expição pela nação. Impondo a mão sobre o bode vivo, o sumo sacerdote confessava os pecados da nação. Então o bode era levado ao deserto, para que os pecados da congregação fossem levados embora.<sup>5</sup>

Tendo confessado os pecados do povo, o sumo sacerdote retornava ao tabernáculo, a fim de purificar-se e vestir-se com suas vestimentas oficiais. Uma vez mais ele retornava ao altar do átrio exterior. Ali ele concluía o ritual do Dia da Expição com dois holocaustos, um por si mesmo e outro pela congregação de Israel.

As características distintivas da religião revelada de Israel formavam contraste com o meio ambiente religioso do Egito e de Canaã. Ao invés de muitos ídolos, competia-lhes adorar exclusivamente a Deus. Em lugar de multidões de santuários, os israelitas tinham um só santuário. Por meio das oferendas prescritas e de sacerdotes consagrados, havia provisão para o povo leigo aproximar-se de Deus sem temores. A lei guiava-os a um padrão de conduta que distinguia os israelitas como nação pactuada com Deus, fazendo contraste com as culturas pagãs circunvizinhas. Na proporção em que os israelitas punham em prática essa religião divinamente revelada, era-lhes assegurado o favor divino, conforme se expressa na fórmula sacerdotal para abençoar a congregação de Israel (veja Nm 6:24-26):

O Senhor te abençoe e te guarde;  
O Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti;  
O Senhor sobre ti levante o seu rosto, e te dê a paz.

### LEITURAS SELECIONADAS

- Albright, William F. **Archaeology and the Religion of Israel**. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1942.
- Allis, Oswald T. "Levítico", em **O Novo Comentário da Bíblia**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1976, págs. 155-184.
- Alt, Albrecht. **Essays on Old Testament History and Religion**. Trad. por R. A. Wilson. Garden City, Nova Iorque: Doubleday, 1967.

<sup>5</sup>A pessoa que conduzia esse bode ao deserto só tinha permissão de retornar ao acampamento depois de ter-se banhado e de ter lavado suas roupas.

- Bonar, Alexander. **Leviticus**. Nova Iorque, 1851. Reimpressão, Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1959.
- Cerny, J. **Ancient Egyptian Religion**. Londres: Hutchinson's University Library, 1952.
- Ferm, V. (E.) **Forgotten Religions**. Philosophical Library, 1950.
- Frankfort, H. **The Problem of Similarity in Ancient Near Eastern Religions**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1951.
- Kaufmann, Y. **The Religion of Israel**. Chicago: University of Chicago Press, 1960.
- Keil, C. F. e Delitzsch, Fr. **Commentary on the Old Testament**. Edinburgo, 1866. Reimpressão, Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949. Vol. II, págs. 88-486.
- Keillogs, S. H. **The Book of Leviticus**. Londres: Hodder & Stoughton, 1891.
- Raven, J. H. **The History of the Religion of Israel**. New Brunswick, Nova Jersey: N. B. Theological Seminary, 1933.
- Rowley, H. H. **Prophecy and Religion in Ancient China and Israel**. Nova Iorque: Harper & Row, 1956.

## Capítulo V

### Preparação para a Nacionalidade

Nas cercanias do monte Sinai Israel celebrou o primeiro aniversário de sua emancipação. Aproximadamente um mês mais tarde o povo levantou acampamento, na expectativa da ocupação imediata da terra prometida. Onze dias de marcha levaram-no a Cades, onde uma crise precipitou o veredito divino de que ficariam vagueando pelo deserto durante prolongado tempo. Foi somente trinta e oito anos depois que eles prosseguiram para as planícies de Moabe (veja Nm 33: 38), e dali para Canaã.

#### **Organização de Israel<sup>1</sup>**

Quando ainda estavam estacionados no monte Sinai, os israelitas receberam instruções detalhadas (veja Nm 1:1 - 10:10), muitas das quais estavam diretamente vinculadas às preparações para que continuassem a viagem para Canaã. Na Bíblia, esse material é apresentado em um arranjo lógico, e não cronológico, conforme se pode ver pelo esboço abaixo:

I. Numeração de Israel	1:1 - 4:49
O recenseamento militar	1:1-54
Designações no acampamento	2:1-34
Os levitas e seus deveres	3:1 - 4:49
II. Regulamentos do acampamento	5:1 - 6:21
Restrições contra práticas más	5:1-31
Os votos do nazireado	6:1-21
III. Vida religiosa de Israel	6:22 - 9:14
Instituição da adoração no tabernáculo	6:22 - 8:26
A segunda Páscoa	9:1-14
IV. Provisões para a orientação	9:15 - 10:10
Manifestações divinas	9:15-23
A responsabilidade humana	10:1-10

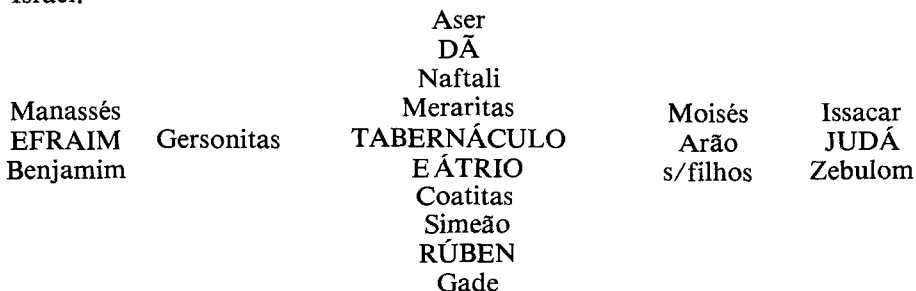
<sup>1</sup>Quanto a um excelente breve comentário sobre o livro de Números, veja A. A. MacRae, "Números", em **O Novo Comentário da Bíblia**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1976, pág. 185 - 221.

As instruções que figuram nos capítulos iniciais pertencem, sobretudo, a questões de organização. Mui provavelmente, o recenseamento datado no mês da partida de Israel do monte Sinai representa a tabulação da contagem feita anteriormente (veja Êx 30:11 ss. e 38:26). Se antes Moisés se interessava pela coleta de taxas para edificação do tabernáculo, agora ele foi instruído a determinar o número de homens em disponibilidade para o serviço militar. Excluindo mulheres, crianças e levitas, o cômputo ultrapassou 600.000. Quase quatro décadas mais tarde, quando a geração rebelde já perecera no deserto, as cifras foram aproximadamente as mesmas (veja Nm 26).

A passagem de tão numerosa multidão pelo deserto transcende a história ordinária.<sup>2</sup> Isso não somente exigiu um suprimento sobrenatural de provisões materiais, na forma de maná, codornizes e água, mas também se fez mister uma cuidadosa organização. Quer quando acampados ou em marcha, a lei e a ordem eram essenciais para o bem estar nacional de Israel.

Os levitas foram contados em separado. Substituindo os primogênitos de cada família, os levitas foram designados para servir sob a supervisão de Arão e seus filhos, os quais já haviam sido nomeados sacerdotes. Na qualidade de assessores dos sacerdotes arônicos, receberam eles diversas responsabilidades. Os levitas em idade madura, entre os trinta e os cinquenta anos, foram encarregados de tarefas especiais no próprio tabernáculo. O limite mais baixo de idade, que em Nm 8:23-26 é declarado como de vinte e cinco anos, pode ter sido decretado para prover um período de aprendizado de cinco anos.

O acampamento de Israel foi cuidadosamente planejado, onde o tabernáculo e seu átrio ocupavam o lugar central. Circundando o átrio havia lugares determinados para os levitas, ao passo que Moisés e os sacerdotes arônicos ficaram localizados na extremidade oriental, diante da entrada daquele. Para além dos levitas, havia quatro acampamentos encabeçados por Judá, Rúben, Efraim e Dã. Duas tribos adicionais foram determinadas para cada um desses quatro acampamentos. Na organização do acampamento há sinais de cuidado e eficiência, através das tarefas atribuídas às diversas famílias dos levitas: Arão e os seus filhos receberam a supervisão do tabernáculo e seu átrio, na inteireza dos mesmos; os gersonitas cuidavam das cortinas e coberturas; os coatitas estavam encarregados dos móveis; os meraritas foram responsabilizados pelas tábuas e colunas. O diagrama abaixo indica a posição de cada grupo no acampamento de Israel:



<sup>2</sup>Em recente estudo dos costumes contemporâneos e em exame das listas de recenseamento em Números, G. E. Mendenhall sugere que "elef", o termo hebraico usualmente traduzido como "mil", é designação de alguma subsecção de uma tribo". De conformidade com essa teoria, Israel tinha quase 600 unidades, fornecendo um exército de aproximadamente 5.500 homens. Cf. George E. Mendenhall, "The Census Lists of Numbers 1 and 26", *Journal of Biblical Literature*, LXXVII (março de 1958), 52-66.



Os problemas peculiares a um acampamento de nação tão numerosa exigiram regras especiais (veja Nm 5:1-31). Do ponto de vista higiênico e cerimonial, eram necessárias medidas de precaução para os leprosos e para outras pessoas enfermas, como também para os que cuidavam dos mortos. O furto requeria oferenda e restituição. A infidelidade marital estava sujeita a punição severa, após um teste incomum, que envolvia um milagre, ter revelado a parte culpada. Não havendo alusão subseqüente a tal modo de proceder, é razoável considerá-lo um método usado temporariamente, durante as peregrinações pelo deserto.

O voto do nazireado pode ter sido uma prática comum, que agora precisava ser regulamentado (veja Nm 6:1-21). Ao assumir tal voto, o indivíduo se consagrava voluntariamente a algum serviço incomum prestado a Deus. As obrigações dos nazireus eram em número de três: evitar o uso de produtos da videira, incluindo seu suco e suas passas; deixar que os cabelos crescessem, como sinal público de haver tomado voto; e abster-se de contacto com qualquer corpo morto. Severa penalidade era imposta quando tal voto era quebrado, mesmo quando ocorria não-intencionalmente. Por ser um compromisso voluntário, assumido por certo prazo, esse voto só podia chegar ao fim mediante uma cerimônia pública, quando da conclusão do período fixado.

Uma das mais impressionantes ocasiões, enquanto Israel esteve acampado no monte Sinai, foi o começo do segundo ano. Foi nessa oportunidade que o tabernáculo e todas as suas instalações foram erigidos e dedicados (veja Êx 40:1-33). Informações adicionais, sobre esse evento culminante, quando o tabernáculo se tornou o centro da vida religiosa de Israel, são registradas em Nm 6:22 - 9:14. Moisés, que oficiou quando da iniciação da adoração no tabernáculo, transmitiu aos sacerdotes e ao povo maiores orientações, da parte do Senhor, a respeito dos serviços religiosos deles. (cf. Nm 6:22; 7:89 e 8:5).

Os sacerdotes aprenderam uma fórmula pela qual abençoariam a congregação (veja Nm 6:22-27). Essa bem conhecida oração assegurava aos israelitas não só o cuidado e a proteção divinos, mas também prosperidade e bem-estar.

Quando o tabernáculo já havia sido plenamente dedicado, os líderes tribais apresentaram suas oferendas. Antecipando os problemas do transporte do tabernáculo, seis carroças cobertas e doze bois foram providos para esse propósito. Isso ficou ao encargo dos levitas. Para dedicação do altar, cada líder trouxe sacrifícios elaborados, que foram oferecidos durante doze dias sucessivos. Tão significativas foram essas dádivas e oferendas que são alistadas as ofertas de cada dia (veja Nm 7:10-88). Arão foi instruído a acender as lâmpadas do tabernáculo (veja Nm 8:1-4).

Os levitas foram publicamente apresentados e dedicados ao serviço de ajuda aos sacerdotes (veja Nm 8:5-26). Enquanto que Moisés oficiara sozinho, quando Arão e seus filhos foram santificados para o serviço sacerdotal, agora foi assessorado por Arão, quando dos ritos e cerimônias de instalação dos levitas.

A Páscoa, que marcou o primeiro aniversário da saída do Egito, foi observada durante o primeiro mês do segundo ano (veja Nm 9:1-14). O relato sobre essa festiva celebração é breve, mas ênfase especial sobre a exigência de que todos

deveriam dela participar, inclusive os forasteiros<sup>3</sup> que estivessem no acampamento. Foi feita provisão especial para aqueles que eram impedidos de participar por causa de contaminação, a fim de que pudessem participar da Páscoa no segundo mês. Visto que os israelitas não levantaram acampamento senão no décimo segundo dia, todos puderam participar da celebração da primeira Páscoa após o Êxodo.

Antes que Israel tivesse levantado acampamento e deixado o monte Sinai, houve provisão adequada para que fossem orientados na viagem para Canaã (veja Nm 9:15 - 10:10). Dedicado o tabernáculo, a presença de Deus foi visivelmente retratada na coluna de nuvem e fogo, que podia ser vista de dia e de noite. A mesma manifestação divina provera proteção e orientação quando o povo foi conduzido para fora do Egito (veja Êx 13:21, 22 e 14:19,20). Quando Israel se acampava, a nuvem pairava sobre o santo dos santos. Quando em viagem, a nuvem seguia adiante deles.

A contraparte da orientação divina era uma eficiente organização humana. O sinal dado pela nuvem era interpretado e executado pelos indivíduos responsáveis pela liderança. A Moisés foi ordenado que preparasse duas trombetas de prata. O som de uma só trombeta convocava os chefes das tribos ao tabernáculo. Quando ambas eram tocadas, havia convocação de assembléia pública para todo o povo. Um toque contínuo, de ambas as trombetas (“toque de alarma”), servia de sinal para que os vários acampamentos se preparassem para que avançassem em ordem pré-determinada. Dessa apropriada coordenação entre os elementos humanos e os divinos resultou que tão numerosa nação prosseguia de maneira ordeira deserto a dentro.

### Peregrinações pelo Deserto

Depois de se terem acampado no monte Sinai por quase um ano, os israelitas foram caminhando para o norte, na direção da terra prometida. Quase quatro décadas depois chegaram às margens orientais do rio Jordão. Comparativamente breve é a narrativa dessa viagem (veja Nm 10:11 - 22:1). Ela pode ser convenientemente considerada sob as subdivisões seguintes:

I. Do Monte Sinai a Cades	Nm 10:11 - 12:16
Ordem de procedimento	10:11-35
Murmurações e juízos	11:1 - 12:16
II. A crise em Cades	13:1 - 14:45
Os espias e seus relatórios	13:1-33
Rebelião e juízo	14:1-45
III. Os anos de peregrinação	15:1 - 19:22
Leis - futuras e presentes	15:1-41
A grande rebelião	16:1-50
Vindicação dos líderes nomeados	17:1 - 19:22

<sup>3</sup>Um forasteiro, em contraste com um residente temporário, conhecido como estrangeiro, era alguém que deixara seu próprio povo e buscara residência permanente entre outro grupo étnico (veja Êx 12:19; 20:10; Dt 5:14; 10:18; 14:29 e 23:8). Cf. Ludwig Kohler, *A Dictionary of the Hebrew Old Testament in English and German* (Grand Rapids: Eerdmans, 1951), vol. I, pág. 192.

IV. De Cades às planícies de Moabe	20:1 - 22:1
Morte de Miriã	20:1
Pecados de Moisés e Arão	20:2-13
Edom recusa passagem a Israel	20:14-21
Morte de Arão	20:22-29
Israel vinga-se da derrota imposta pelos cananeus	21:1-3
A serpente de bronze	21:4-9
Marcha em redor de Moabe	21:10-20
Derrota de Seom e Ogue	21:21-35
Chegada nas planícies de Moabe	22:1

Após onze dias, Israel chegou a Cades, no deserto de Parã (veja Dt 1:2). Marchando como unidade organizada, o acampamento de Judá liderava o caminho, seguido pelos gersonitas e meraritas, que estavam encarregados de transportar o tabernáculo. Em seguida, vinha o acampamento de Rúben. Seguindo-o havia os coaitas, que transportavam a arca e outras instalações do tabernáculo. Completando o cortejo vinham os acampamentos de Efraim e Dã. Além da orientação divina Moisés requisitou a ajuda de Hobabe,<sup>4</sup> cuja familiaridade com o deserto tornava-o qualificado para servir de escoteiro-guia no avanço de Israel. Evidentemente ele concordou em acompanhá-los, porquanto, posteriormente seus descendentes são vistos a residir em Canaã (veja Jz 1:16 e 4:11).

Durante o percurso, os israelitas se queixaram e se rebelaram. Premido e perplexo, Moisés apelou para Deus em oração. Na resposta, foi instruído a selecionar setenta anciãos, aos quais Deus preparou para compartilharem das responsabilidades de Moisés. Em acréscimo, Deus enviou forte vento que trouxe abundante suprimento de codornizes para os israelitas.<sup>5</sup> O povo, imoderado e indulgente, pôs-se a comê-las sem as cozinhar, de modo que a satisfação de sua concupiscência transformou-se em uma praga que provocou a morte de muitos. Esse lugar, mui apropriadamente, foi chamado de Quibrote-Taavá, que significa “sepulcros de concupiscência”.

A insatisfação e a inveja contaminaram os líderes. Até Arão e Miriã impugnam a posição de liderança de seu irmão.<sup>6</sup> Moisés foi vindicado quando Miriã foi acometida de lepra. Arão se arrependeu imediatamente, para nunca mais desafiar a autoridade de seu irmão, e, através da oração intercessória de Moisés, Miriã foi curada.

Do deserto de Parã, Moisés enviou doze espias à terra de Canaã. Quando voltaram, Israel se acampou em Cades, aproximadamente 65 km ao sul de Berseba, mas um tanto para oeste. Os espias deram conta, unânimes, tanto da excelência

<sup>4</sup>O termo hebraico, “hothen”, que usualmente é traduzido como sogro, também pode ser aplicado a um cunhado. Isso só pode ter-se tornado aplicável depois que Jetro (Reuel) morreu, quando Hobabe tornou-se o chefe da família. Cf. MacRae, *op. cit.*, págs. 198-199.

<sup>5</sup>Essas codornizes, um tipo de perdiz, migravam duas vezes por ano, e ocasionalmente são apanhadas em grande abundância nas costas e ilhas do mar Mediterrâneo.

<sup>6</sup>Essa operação foi disfarçada na oposição deles ao casamento de Moisés. É improvável que a queixa fosse contra Zípora, com quem Moisés se casara havia mais de quarenta anos. É provável que Zípora tenha falecido — sua morte não é narrada na Bíblia — e então Moisés se casou com uma mulher etiope.

da terra como da força potencial e ferocidade de seus habitantes. Porém no tocante à possibilidade de conquista, não concordaram entre si. Dez deles declararam ser impossível ocupar a terra, e despertaram o sentimento público para que se voltasse imediatamente ao Egito. Dois deles — Josué<sup>7</sup> e Calebe — asseveraram com confiança que a conquista era possível com a ajuda divina. O povo — relutante a crer que o Deus que tão recentemente os livrara do Egito haveria de capacitá-los a conquistar e ocupar a terra prometida — transformou-se em uma turba insolente, ameaçando apedrejar a Josué e Calebe. No seu desespero, chegaram mesmo a considerar a seleção de um novo líder.

Em juízo, Deus chegou a pensar no aniquilamento da rebelde nação de Israel. Quando Moisés tomou consciência disso, fez intercessão e obteve o perdão para seu povo. Não obstante, os dez espias infiéis morreram em uma praça, e toda a multidão, de vinte anos de idade para cima, excetuando Josué e Calebe, foi proibida de entrar em Canaã. Impelidos pela morte dos dez espias e pelo veredito de um prolongado período de peregrinações pelo deserto, eles confessaram seu pecado. Mas que o arrependimento deles não foi genuíno torna-se evidente ante sua tentativa rebelde de entrarem imediatamente na Palestina. Nessa tentativa, entretanto, foram derrotados pelos amalequitas e cananeus.

Enquanto os israelitas marcavam passo no deserto (veja Nm 15:1 - 20:13), morreu uma geração inteira deles. As leis que aparecem em Nm 15, talvez baixadas pouco depois desse veredito punitivo haver sido anunciado, mostram o contraste entre o juízo contra o pecado voluntário e a misericórdia para com os indivíduos penitentes que pecam por ignorância. Em adição, as instruções relativas aos sacrifícios efetuados na terra de Canaã provêm a esperança dada, à geração mais jovem, de que podiam esperar viver realmente na terra que lhes fora prometida.

A grande rebelião liderada por Coré, Datã e Abirão representa dois grupos amotinados, que se fortaleceram mutuamente com seu esforço de cooperação (veja Nm 16:1-50).<sup>8</sup> A liderança eclesiástica da família de Arão, à qual fora restrito o sacerdócio, foi desafiada por Coré e por seus apoiadores levitas. A autoridade política de Moisés foi impugnada por Datã e Abirão, que aspiravam a tal posição em virtude de descenderem de Rúben, o filho mais velho de Jacó.

No juízo divino, tanto Moisés quanto Arão foram vindicados. A terra se abriu a fim de engolir a Datã e Abirão, juntamente com seus familiares. Coré se evaporou juntamente com eles.<sup>9</sup> Antes de ter-se pacificado completamente essa rebelião, mais de catorze mil pessoas pereceram no acampamento de Israel.

Após a morte dos insurretos, Israel recebeu um miraculoso sinal, excluindo qualquer outro desejo de impugnar a autoridade de seus líderes (veja Nm 17:1-11).

<sup>7</sup>Na lista dos espias é destacado “Josué”, cujo nome anterior fora “Oséias”. Cf. Nm 13:8,16 e Dt 32:44. Josué já se distinguira como líder militar (veja Êx 17) e servo de Moisés (veja Nm 11:28).

<sup>8</sup>Quanto a uma análise detalhada, veja MacRae, *op. cit.*, págs. 206-208.

<sup>9</sup>A diferença de atitude desses dois grupos pode explicar o fato de que a família de Coré não pereceu com ele. Seus descendentes ocupam lugar de honra em tempos posteriores. Talvez Samuel só perca para Moisés como grande profeta. Hemã, um neto de Samuel, foi cantor notável durante o reinado de Davi. Certo número dos salmos é designado como “para os filhos de Coré”.

Entre doze varas, cada uma representando uma tribo, a vara de Levi produziu botões, flores e amêndoas. Além de confirmar Moisés e Arão em sua posição divinamente determinada, a inscrição do nome de Arão sobre essa vara designava-o especificamente como o sacerdote de Israel. A preservação dessa vara no tabernáculo serviu de evidência permanente acerca da vontade de Deus.

Para aliviar os temores do povo, quando se aproximavam do tabernáculo, as responsabilidades dos sacerdotes e levitas foram confirmadas e mais claramente delineadas (veja Nm 17:12 - 18:32). O sacerdócio foi limitado a Arão e sua família. Os levitas foram nomeados servos dos sacerdotes. Fez-se provisão para sua manutenção, através dos dízimos dados pelo povo. Os levitas, por sua vez, davam a décima parte de seu rendimento aos sacerdotes. Por essa razão, os levitas não foram incluídos como beneficiários na distribuição da terra, quando os israelitas se estabeleceram em Canaã.

A poluição resultante da praga e do sepultamento de tanta gente, numa só ocasião, exigiu uma cerimônia especial para purificar o acampamento (veja Nm 19:1-22). Eleazar, filho de Arão, foi o sacerdote oficiante. Esse rito, que relembrou de modo impressionante, aos israelitas, qual a natureza da morte (veja Nm 5:1-4), e que proveu proteção higiênica, foi decretado como um estatuto permanente.

As experiências dos israelitas, enquanto jornadeavam através de Eziom-Geber e Elate, para as planícies de Moabe, são sumariadas em Nm 20:1 - 22:1. Antes de partirem de Cades, faleceu Miriã. Quando o povo contendeu com Moisés devido à escassez de água, este foi instruído a ordenar à rocha para que desse água. Irado e impaciente, Moisés feriu a rocha, e jorrou água em abundância. Mas, devido à sua desobediência, foi-lhe negada entrada em Canaã.

De Cades Moisés enviou mensageiros ao rei de Edom, solicitando-lhe permissão de passarem através de sua terra, pelo caminho principal, chamado Estrada do Rei. Não somente esse pedido foi repellido, mas o exército edomita também foi enviado para guardar as fronteiras. Essa atitude hostil foi freqüentemente denunciada pelos profetas.<sup>10</sup>

Antes de Israel afastar-se das fronteiras edomitas morreu Arão no cume do monte Hor. Eleazar foi vestido com as vestes de seu pai e nomeado sumo sacerdote de Israel. Antes de prosseguir, Israel foi atacado por um rei cananeu, mas Deus concedeu a vitória àquele. Esse lugar foi chamado Hormá.

Percebendo que estavam caminhando para o sul, em derredor das terras de Edom, o povo se impacientou e se queixou contra Deus e contra Moisés. O castigo divino veio na forma do flagelo das serpentes, matando a muitos israelitas.<sup>11</sup> Penitente, o povo se voltou para Moisés, o qual providenciou alívio erigindo uma serpente de bronze. Todo aquele que fosse mordido por alguma serpente era curado com uma olhada na serpente de bronze. Jesus usou esse incidente como símbolo de sua morte na cruz, ficando aplicável o mesmo princípio — todo

<sup>10</sup>Cf. Is 34:1-17; Jr 49:7-22; Ez 25:12-14 e 35:1-15.

<sup>11</sup>Quanto a ocorrências modernas de flagelos similares, veja T. E. Lawrence, **The Seven Pillars of Wisdom**, págs. 269-270.

aquele que se voltasse para Ele não pereceria, mas teria vida eterna (veja Jo 3:14-16).

Israel se moveu na direção sul através de Elate e Ezium-Geber, contornando tando Edom quanto Moabe, e depois seguiu na direção norte, para o vale do rio Arnom. As três narrativas, dadas em Números (21 e 33) e Deuteronômio (2), aludem a diversas localidades que não podem ser identificadas em nossos dias. Israel foi proibido de lutar contra os moabitas e amonitas, descendentes de Ló. Entretanto, quando os dois governantes amorreus — Seom, rei de Hesbom, e Ogue, rei de Basã — se recusaram a permitir passagem a Israel, respondendo à solicitação com um exército, os israelitas derrotaram-nos e ocuparam suas terras ao norte do vale do Arnom. Ali, nas planícies de Moabe, tão recentemente conquistadas aos amorreus, os israelitas se acamparam.

### Instruções para a Entrada em Canaã

Enquanto estava acampado a nordeste do mar Morto, o povo de Israel recebeu instruções finais para a conquista e ocupação da terra prometida. Os cuidados providenciais de Israel, diante do vulto de Moabe, e a cuidadosa preparação dos israelitas, às vésperas de entrar em Canaã, estão registrados em Nm 22-36. Os vários aspectos dessa provisão podem ser observados no esboço abaixo:

I. Preservação do povo escolhido de Deus	22:2 - 25:18
Plano de Balaque de amaldiçoar Israel	22:2-40
Bênçãos proferidas por Balaão	22:41 - 24:24
Sedução e juízo	24:25 - 25:18
II. Preparação para a conquista	26:1 - 33:49
A nova geração	26:1-65
Problemas de herança	27:1-11
Um novo líder	27:12-23
Sacrifícios e votos	28:1 - 30:16
Vingança contra os midianitas	31:1-54
A Transjordânia é dividida	32:1-42
Revisão da jornada de Israel	33:1-49
III. Antecipação da ocupação	33:50 - 36:13
A terra a ser conquistada	33:50 - 34:15
Líderes nomeados para dividir a terra	34:16-29
Cidades levíticas e de refúgio	35:1-34
Regulamentos sobre heranças	36:1-13

Os planos sutis das moabitas contra a nação escolhida por Deus eram mais formidáveis do que a guerra franca (veja Nm 22:2 - 25:18). Aterrorizado, ante a derrota dos amorreus, Balaque, rei dos moabitas, traçou planos para a destruição de Israel. Cooperando com os anciãos de Midiã ele contratou o profeta Balaão, da Mesopotâmia, para que amaldiçoasse o povo israelita, acampado do outro lado do rio Arnom.

Balaão repeliu o primeiro convite, tendo sido explicitamente advertido a que não amaldiçoasse Israel. Os prêmios oferecidos aos augúrios, entretanto, eram tão atrativos que ele cedeu ante os apelos reiterados de Balaque. Nessa missão, que foi contrária à vontade divina claramente revelada, Balaão teve a chocante experiência de ser audivelmente repreendido pela sua jumenta. Desse modo, o profeta foi impressivamente lembrado de que se dirigia a Moabe para proferir exclusivamente a mensagem de Deus.<sup>12</sup>

Balaão proferiu fielmente a mensagem divina por quatro vezes. Sobre três montanhas diferentes, Balaque e seus príncipes prepararam oferendas, criando atmosfera para a maldição; mas de cada vez o profeta proferiu palavras de bênção. Profundamente desapontado, o rei moabita repreendeu a Balaão e lhe ordenou que cessasse. Embora Balaque não lhe tivesse dado recompensa para isso, Balaão proferiu uma quarta profecia, antes de afastar-se. Nessa profecia ele delineou claramente as futuras vitórias de Israel sobre Moabe, Edom e Amaleque.<sup>13</sup>

Balaque teve maior êxito em seu esquema seguinte contra Israel. Ao invés de retornar à sua morada na Mesopotâmia, Balaão permanece entre os midianitas e ofereceu um perverso conselho a Balaque (veja Nm 31:16). Os moabitas e midianitas seguiram tal conselho e seduziram a muitos israelitas para que comessem imoralidade e idolatria. Mediante a adoração de Baal-Peor, com ritos imorais, os participantes incorreram na ira divina. A fim de salvar um maior número de pessoas do juízo, os líderes israelitas culpados foram imediatamente enforcados. Finéias, filho de Eleazar, exibiu grande zelo ao contra-atacar aqueles que haviam precipitado essa praga, na qual milhares de pessoas morreram. Subseqüentemente, os descendentes de Finéias vieram a servir como sacerdotes em Israel. A ordem de punir aos midianitas, por causa de sua influência desmoralizante sobre Israel, foi executada sob a liderança de Moisés (veja Nm 31:1-54). Não menor entre as fatalidades ocorridas entre líderes notáveis estava Balaão, filho de Beor.

Terminada a crise, Moisés fez preparativos para condicionar seu povo para a conquista da terra de Canaã. O recenseamento feito sob a supervisão de Eleazar foi, em parte, a avaliação militar das forças de Israel (veja Nm 26:1-65). O cômputo total, na realidade, foi um tanto menor que a contagem feita cerca de quarenta anos antes. Josué foi nomeado e publicamente consagrado como o novo líder (veja Nm 27:12-23). A solução dada ao problema de herança, levantado pelas filhas de Zelofeade (veja Nm 27:1-11), indicou a vontade divina de que a terra prometida fosse mantida na forma de pequenas propriedades, que seriam passadas a herdeiros. Instruções adicionais também foram dadas, concernentes às oferendas regulares, às festividades e à observância de votos, depois que o povo se tivesse estabelecido na terra prometida (veja Nm 28:1 - 30:16).

<sup>12</sup>MacRae, *op cit.*, págs 214, sugere que Balaque deu uma festa para celebrar a vinda de Balaão, Nm 22:40. A palavra hebraica "Zabah", traduzida "sacrificou" em nossa versão portuguesa, poderia ser melhor traduzida por "matou", como em Dt 12:15,21; 1 Sm 28:24; 2 Cr 18:2 e Ez 34:3, ou "abateu", como em 1 Rs 1:9, 19, 25; 19:21 e 2 Rs 23:20.

<sup>13</sup>Agague, em Nm 24:7, talvez fosse um título geral dado aos reis amalequitas, tal como Faraó era o título usual dos monarcas egípcios.

Notando que as terras a leste do rio Jordão eram um excelente território de pastos, as tribos de Rúben e Gade solicitaram permissão para se fixarem ali permanentemente. A esse pedido ele anuiu com relutância. Para certificar-se de que a conquista de Canaã não seria prejudicada por falta de cooperação, no entanto, ele extraiu deles o compromisso de que dariam seu apoio. Esse compromisso verbal foi publicamente reiterado por duas vezes. A terra de Gileade foi então aquinhoadada a Rúben, Gade e à meia tribo de Manassés (veja Nm 32:1-42).

Moisés também preparou um registro escrito sobre as jornadas de Israel pelo deserto (veja Nm 33:2). Devido ao seu treinamento e experiência, parece razoável supor que ele conservou registros exatos sobre a movimentada trilha, desde o Egito até Canaã, para que fossem considerados pela posteridade (veja Nm 33:1-49).

Considerando o futuro, Moisés antecipou as necessidades dos israelitas quando entrassem em Canaã (veja Nm 33:50 - 36:13). Ele os admoestou a destruírem os habitantes idólatras e se apossarem de suas terras. Além de Josué e Eleazar, dez líderes tribais receberam a responsabilidade de dividir as terras entre as restantes nove tribos e meia. Nenhum dos príncipes, alistados em Nm 1, e nenhum de seus filhos, se achava nesse novo grupo. Em lugar de terras, quarenta e oito cidades de refúgio, localizadas por toda a terra de Canaã, foram designadas para os levitas. As cidades de refúgio, cuja finalidade era impedir o início de ódios entre famílias, são descritas por Moisés. Antes de sua morte, ele separou três cidades a leste do Jordão, com essa finalidade (veja Dt 4:41-43).<sup>14</sup> No capítulo final do livro de Números Moisés trata do problema das heranças, limitando as mulheres que herdassem terras a entrarem em matrimônio com membros de suas respectivas tribos.

## Retrospecto e Antecipação

Moisés estava cômico do fato de que seu ministério estava quase completo. Embora sem permissão de entrar na terra prometida, ele ambicionava as bênçãos divinas para os israelitas, as quais antecipavam o privilégio da conquista e da posse. Na qualidade de líder fiel, ele dirigiu vários discursos ao seu povo, admoestando-os a que se mostrassem leais a Deus. O livro de Deuteronômio, que consiste primariamente desses discursos de despedida da parte de Moisés, pode ser considerado de acordo com as seguintes subdivisões:

III. A história e sua significação	1:1 - 4:43
Revisão dos fracassos de Israel	1:1 - 3:29
Admoestação à obediência	4:1-40
Cidades de refúgio na Trans-jordânia	4:41-43
II. A lei e sua significação	4:44 - 28:68
O pacto e o decálogo	4:44 - 11:32
Leis para a vida em Canaã	12:1 - 26:19
Bênçãos e maldições	27:1 - 28:68

<sup>14</sup>Nm 35:9-34 dá a mais completa descrição das cidades de refúgio; há informações suplementares em Dt 19:1-13. Josué designou três cidades a oeste do rio Jordão, com esse propósito (veja Js 20:1-9).



III. Preparação final e despedida	29:1 - 34:12
Escolha de bênção ou maldição por Israel	29:1 - 30:20
Josué é comissionado	31:1-29
Cântico e bênção de Moisés	31:30 - 33:29
A morte de Moisés	34:1-12

Ninguém estava mais familiarizado com as experiências recentes de Israel do que Moisés. Quarenta anos se tinham passado desde que ele resistira corajosamente a Faraó e fizera sair com sucesso o povo escolhido de Deus para fora do Egito. Após a revelação singular de Deus no monte Sinai, a ratificação do pacto e quase um ano de preparação para a nacionalidade, Moisés antecipara conduzir sua nação ao interior da terra de Canaã. Ao invés de avançarem para a conquista e para a ocupação da terra prometida, os israelitas marcaram passo no deserto até que faleceu aquela geração rebelde e incrédula. Agora, pois, Moisés se dirigia à nova geração, que estava prestes a tomar posse da terra prometida aos patriarcas e seus descendentes.

Em seu primeiro discurso público, Moisés fez uma revisão histórica (veja Dt 1:6 - 4:40). Começando com o acampamento e a partida do monte Horebe, ele lembrou-os de que, mediante a incredulidade e a rebeldia, seus pais tinham perdido o direito de entrar na terra prometida, tendo morrido no deserto. E também lembrou-os das vitórias recentes sobre os amorreus e da divisão de suas terras entre algumas tribos que haviam prometido seu apoio, aos demais israelitas, na conquista das terras do outro lado do Jordão. Embora ele mesmo não tivesse tido o privilégio de continuar como líder do povo, assegurou a eles que Deus lhes proporcionaria a vitória, sob Josué.

Em face do que sucedera à geração anterior, Moisés advertiu a seu povo que evitassem cair no mesmo erro. As condições para obtenção do favor divino são: obediência à lei e devoção total a Deus. Se fossem desobedientes e se moldassem à conduta idólatra dos cananeus, só poderiam os israelitas esperar o cativeiro.

Moisés deu início ao seu segundo discurso, fazendo uma recapitulação da lei (veja Dt 4:44 ss.). Lembrou-lhes que Deus estabelecera com eles um pacto, e que estavam sob a obrigação de observar a lei, se quisessem manter esse relacionamento. Reiterou Moisés o Decálogo, básico para uma vida aceitável diante de Deus. Chamados para ser um povo santo e separado, só poderiam continuar a sê-lo através do amor genuíno a Deus e da obediência diária à Sua vontade, conforme o que fora expresso na revelação que lhes foi feita no monte Sinai. Moisés, por igual modo, advertiu-os contra os perigos do fracasso.

Antecipando sua residência em Canaã, Moisés instruiu-os a considerarem bem sua conduta, quando já estivessem firmados na terra (veja Dt 12:1 ss.) A idolatria teria de ser completamente extirpada, tal como os povos idólatras também. Os israelitas deveriam adorar a Deus somente nos locais divinamente apontados; e era-lhes vedado adorarem juntamente com os habitantes da terra. Alguns dos estatutos, como a restrição do abate de animais em um único local central (veja Lv 17:3-7), foram agora revisados e adaptados às novas condições. Para orientá-los em sua vida civil, social e doméstica Moisés estabeleceu regras e

ordenanças para que fossem encorajados e guiados. Ele fez breve revisão de muitas das leis que já haviam sido outorgadas, tendo elaborado numerosas instruções que os ajudariam a se moldarem aos requisitos de Deus. Por todos os seus discursos ele os exortou à obediência.

Finalmente, Moisés especificou certas bênçãos e maldições (veja Dt 27:1 - 30:20). Através da obediência é que Israel prosperaria, mas a desobediência atrairia contra eles a maldição do exílio e da servidão, do que recentemente o povo fora libertado. A fim de impressionar profundamente as mentes do povo com isso, Moisés instruiu-os para que lessem essas bênçãos e maldições, diante da congregação inteira, quando entrassem em Canaã.

Quando Moisés resignou da liderança, entregando-a a Josué, e deixou seu ministério de ensino nas mãos dos sacerdotes, entregou-lhes uma cópia da lei. Quanto estava contido nessa cópia, não é declarado. Estando familiarizado com os mutáveis desenvolvimentos da história de Israel, sem dúvida ele se preocupou em prover registros completos do importante levantamento de Israel, desde a escravidão até à posição de nação. É extremamente provável que tenha sido auxiliado por escribas.<sup>15</sup>

Tendo feito arranjos finais para a liderança contínua do seu povo, Moisés expressou louvores a Deus por Seus cuidados providenciais (veja Dt 32:1-43). Ele recontou o nascimento e a infância da nação. Devido sua ingratidão e apostasia, os israelitas haviam sido punidos, mas agora estavam graciosamente restaurados. A retidão e a misericórdia de Deus, exibidas no cuidado amoroso por seu povo escolhido, haviam prevalecido. Em uma oração profética e de louvor, Moisés delineou as bênçãos destinadas a cada tribo individual (veja Dt 33:1-29). Antes de sua morte, ele teve o privilégio de contemplar a terra prometida do alto do monte Nebo.

### LEITURAS SELECIONADAS

- Aalders, G. C. **A Short Introduction to the Pentateuch**. Londres: Tybdale, 1949.
- Allis, O. T. **God Spake By Moses**. Filadélfia: Presbyterian & Reformed Press, 1958.
- Archer, G. L. **Merece Confiança o Antigo Testamento** - São Paulo: Edições Vida Nova, 1974.
- Cassuto, U. **The Documentary Hypothesis**. Jerusalém: Magnes Press, 1961.
- Gottwald, N. A. **Light to the Nations**. Nova Iorque: Harper & Row, 1959.
- Greenstone, J. H. **Numbers**. Filadélfia: Jewish Publication Society, 1939.
- Kitchen, K. A. **Ancient Orient and Old Testament**. Chicago: Inter-Versity Press, 1966.
- Kline, M. **Treaty of the Great King**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1963.
- MacRae, A.A. "Números" em **O Novo Comentário da Bíblia** - São Paulo: Edições Vida Nova, págs. 185-221.

<sup>15</sup>Quanto a uma discussão sobre estudos vetero-testamentários sobre o Pentateuco e um razoável esboço da autoria mosaica do Pentateuco, veja R. R. Harrison, **Introduction to the Old Testament** (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1969), págs. 1-662.

- Manley, G. T. **The Book of the Law**. Londres: Tyndale House, 1957.
- Reider, J. **Deuteronomy**. Filadélfia: Jewish Publication Society, 1939.
- Rowley, H. H. **The Old Testament and Modern Study**. Oxford: Clarendon Press, 1961.
- Schultz, S. J. **The Prophets Speak**. Nova Iorque: Harper & Row, 1968.
- Unger, M. F. **Introductory Guide to the Old Testament**. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1952.
- Wright, G. (E.) **The Bible and the Ancient Near East**. Garden City, Nova Iorque: Doubleday, 1961.

## Gráfico III O Estabelecimento de Israel em Canaã

Egito *	Canaã	Outras Nações
1417 Amenotepe III	1406 <i>Josué como líder</i> Conquista Divisão Últimos dias	O avanço hitita no norte neutralizou a influência egípcia
1379 Amenotepe IV Aquenatom	1376 <i>Anciãos de Israel</i>	
1361 Tutancanon	1366 Opressão mesopotâmica	1366 Cusã-Risataim na Mesopotâmia
	1358 Otoniel — livramento e descanso por 40 anos	1358
1348 Haremhab		Eglom, rei de Moabe
1318 Setos I — expedições punitivas à Palestina	1318 Opressão por Moabe	
1304—1237 Ramsés II Merneptá e outros	1301 <i>Eúde</i> — livramento e paz por oitenta anos	1286 Batalha de Cades 1280 Pacto hitita-egípcio de não-agressão
1200— Ramsés III—XI	1221 Opressão pelos cananeus 1201 <i>Débora e Baraque</i> — Livramento e 40 anos de paz	1221 Reino cananeu (Hazor) — Rei de Jabim
	1161 Opressão pelos midianitas 1154 Gideom — livramento e 40 anos de paz 1114 Abimeleque — rei por três anos 1111—1105 Jefté — Em seis anos de governo põe fim à opressão Judicatura de Sansão durante cerca de vinte anos nesse período	1161 Os midianitas oprimem Israel; ocupam o vale de Jezreel 1128 Os amonitas avançam e oprimem o leste do Jordão 1105 Opressão filistéia 1100 Tiglate-Pileser I na Assíria
1085 21ª Dinastia 22ª Dinastia	1066 (?) Eli 1046 (?) Samuel 1026 (?) Saul 1011 Davi 971 Salomão 931 Divisão do Reino	1000 Assur-Rabi II na Assíria 969-936 Hirão na Fenícia
945 Sisaque		

\* Para as datas revisadas sobre os governadores egípcios, veja o artigo em "Cronologia" preparado pelo falecido William Christopher Hayes para a revisada *Cambridge Ancient History*, I, cap. VI. Esse artigo foi publicado pelos membros da Cambridge University Press em 1964 como uma Sinopse do Vol. I, cap. VI. Cf. também o artigo por M. B. Rowton "O Material da Ásia Ocidental e a Cronologia da 19ª Dinastia" no *Journal of Near Eastern Studies*, Vol. 25, n° 4, 1966, pp. 240-258.

## Capítulo VI

### **A Ocupação de Canaã**

Chegara o dia há muito esperado. Tendo morrido Moisés, Josué foi comissionado a conduzir a nação de Israel na conquista da Palestina. Séculos se tinham passado desde que aos patriarcas fora prometido que seus descendentes herdariam a terra de Canaã. Nesse ínterim, cada geração sucessiva das populações da Palestina fora influenciada por vários povos provenientes do Crescente Fértil. Motivados por interesses econômicos e militares, eles atravessavam a terra de Canaã de quando em vez.

#### **Memórias de Canaã**

No ápice dos sucessos militares, a poderosa Décima Segunda Dinastia (2000 - 1780 a. C.) rapidamente impusera o controle egípcio à Palestina, até ao norte quanto o rio Eufrates. Nas décadas seguintes, porém, o Egito não só foi declinando em poder, mas também foi ocupado pelos poderosos hicsos, que governavam aos egípcios em Avaris, no delta do Nilo. Pouco antes de 1550 a. C., todavia, chegou ao fim nas terras do Nilo a predominância dos hicsos.

O reino hitita tivera seus primórdios na Ásia Menor, desde o século XIX a. C. Chamados “filhos de Hete” no Antigo Testamento, os hititas são freqüentemente mencionados como ocupantes da terra de Canaã. Por volta de 1600 a. C. seu poder aumentara de tal modo na Ásia Menor que ampliaram seu domínio engolfando a Síria e chegando mesmo a destruir Babilônia, às margens do Eufrates, em cerca de 1550 a. C. Mas no século seguinte a expansão hitita foi refreada pelo surgimento de dois reinos.

Mais ou menos na época em que o povo hicsos invadia o Egito e em que a Babilônia florescia sob a Primeira Dinastia, melhor exemplificada por Hamurabi, emergia o novo reino de Mitani, nos platôs da Média. Esse povo indo-iraniano se compunha de dois grupos: a classe comum, denominada hurrianos, e a nobreza, ou classe dominante, intitulada arianos. Tendo vindo do território a leste de Harã, esse povo mitani foi ampliando constantemente o seu reino para o ocidente, de tal modo que, em cerca de 1500 a. C., haviam chegado às margens do

mar Mediterrâneo. O principal esporte do povo ariano eram as corridas de cavalos. Tratados escritos sobre o tema da criação e treinamento de cavalos foram descobertos neste século, em Bogazcói, onde haviam sido preservados pelos hititas que tinham dominado o povo mitani. Por volta de 1500 a. C., o poder mitani fez estacar o avanço dos hititas durante cerca de um século.

Os egípcios com freqüência faziam seus exércitos marcharem através de Canaã, a fim de desafiarem o poder mitani. Tutmés III lançou dezessete ou dezoito campanhas contra as regiões da Síria e mais além. Durante as primeiras tentativas de conquista na Ásia uma confederação síria, apoiada pelo rei de Cades (localizada às margens do rio Orontes), ofereceu resistência ao avanço egípcio. Mui provavelmente as terras da Síria — um país com cidades prósperas, planícies férteis, grandes riquezas minerais e outros recursos naturais, além de contar com vitais rotas comerciais que vinculavam entre si os florescentes vales do Nilo e do Eufrates — tinham estado sob a hegemonia mitani. Após a derrota dos sírios em Megido, o controle egípcio se estendeu até à Síria. Por breve período os mitanis pareceram fomentar Cades como estado tampão, mas eventualmente Tutmés III fez seus exércitos marcharem até o lado oposto do rio Eufrates, pondo fim temporário ao domínio mitani sobre a Síria. Quando faleceu Tutmés, virtualmente a Síria inteira estava sob o domínio egípcio.

Prosseguiu o atrito entre os poderes egípcio e mitani, durante os reinados de Amenotepe II (1450 - 1425 a. C.) e Tutmés IV (1425 - 1417 a. C.), de tal modo que a Síria vacilava em sua lealdade. Embora Sausatar, rei de Mitani, houvesse ampliado os seus domínios para oeste até Assur, e daí para além do rio Tigre, seu filho, Artatama, parece ter sido sujeitado a pressões exercidas pelo poder dos hititas. Essa ameaça pode ter levado Artatama I a firmar um acordo de paz com Tutmés IV. Sob as condições desse esquema, princesas mitanis se casaram com Faraós durante três reinados sucessivos. Por esse tempo, Damasco estava sob administração egípcia. As cartas de Amarna (cerca de 1400 a. C.) refletem as condições da Síria, indicando que havia relações diplomáticas e fraternais entre as famílias reais de Mitani e do Egito.

O poder hitita não demorou a crescer e a desafiar esse controle mitani-egípcio do Crescente Fértil. Sob o rei Supiluliumas (cerca de 1380 - 1346 a. C.) os hititas cruzaram o Eufrates até Vasucani, reduzindo Mitani a um estado tampão, entre o reino hitita e o crescente império assírio do vale do Tigre. Isso, naturalmente, eliminou Mitani como um fator político na Palestina. Apesar do reino mitani haver sido completamente absorvido pelos assírios (cerca de 1250 a. C.), os hurrianos, conhecidos como horeus no Antigo Testamento, continuavam em Canaã quando os israelitas ali entraram. Talvez os heveus fossem igualmente de origem mitani.

Com a eliminação da ameaça mitani os hititas lançaram vistas para o sul. Por cerca de um século os hititas, desde sua capital, em Bogazcói, e os egípcios competiram pelo controle da vacilante fronteira da Síria. Durante esse período Cades se tornou centro de um revivido reino amorreu. Mui provavelmente esse reino adotou uma política de expediente, mantendo relações de amizade com as potências mais fortes.

Quando Ramsés II (1304 - 1237 a. C.) subiu ao trono, os egípcios renovaram seus esforços para expulsar os hititas do norte da Palestina, a fim de recuperarem suas possessões asiáticas. Mutvatalis, o rei hitita, estava firmemente entrincheirado na cidade de Cades, apoiado por exércitos de cidades sírias, como também por Carquemis, Ugarite e outras cidades dessa área. Ramsés expandiu suas fronteiras até Beirute, às expensas dos fenícios, e então marchou subindo pelo rio Orontes, até Cades, defrontando-se com um inimigo que combateu contra os egípcios numa guerra de quase duas décadas. Essa batalha de Cades, que se feriu em 1286 a. C., esteve longe de ser decisiva para as forças egípcias. Após numerosas outras conquistas de cidades em Canaã e na Síria, Ramsés II e Hatusil, monarca hitita, firmaram um tratado, em 1280 a. C. — um notável pacto de não-agressão que há nas páginas da história. Cópias dessa famosa concordata têm sido encontradas na Babilônia, em Bogazcói e no Egito. Embora o tratado não mencionasse quaisquer fronteiras reais, mui provavelmente o estado amorreu formasse a influência neutralizadora entre os egípcios e os hititas.

Nos dias de Merneptá certos invasores vindos do norte, conhecidos como arianos, destruíram o império hitita e enfraqueceram os amorreus, destruindo Cades e outras cidades fortificadas. Embora o reino hitita se tenha desintegrado, os hititas são freqüentemente mencionados no Antigo Testamento. Ramsés III expeliu esses invasores vindos do norte em uma grande batalha terrestre e marítima, e uma vez mais unificou a Palestina sob o controle egípcio. Depois de Ramsés III foi declinando o poder egípcio, o que permitiu a infiltração dos arameus na área da Síria, a qual se tornou poderosa nação cerca de dois séculos mais tarde.

O povo de Canaã não foi organizado em fortes unidades políticas. Fatores geográficos, tanto quanto a pressão de nações circunvizinhas, no Crescente Fértil, que se utilizavam de Canaã como território tampão, explicam o fato de que os cananeus jamais formaram um império forte e integrado. Numerosas cidades - estados controlavam tanto território quanto possível, com a cidade bem fortificada de forma a resistir a possíveis ataques inimigos. Quando Canaã era atravessada por exércitos, essas cidades com freqüência evitavam ser atacadas mediante o pagamento de um tributo. Entretanto, quando algum povo vinha ocupar a terra, como Israel fez sob Josué, essas cidades-estados formavam ligas e se uniam para resistir ao invasor. Isso é bem ilustrado no livro de Josué.

A localização da Palestina dentro do Crescente Fértil, e a configuração geográfica da própria terra, com freqüência afetou seus desenvolvimentos culturais e políticos. Na planície aluvial dos rios Tigre e Eufrates, bem como no vale do Nilo, numerosas cidades-estados vassalas e pequenos principados ou distritos por mais de uma vez se uniram, formando uma só grande nação. Isso não era facilmente realizado na Síria-Palestina, porquanto a topografia não se moldava a tais amálgamas. Em resultado disso, Canaã se achava em condição mais débil, já que nenhuma das cidades-estados se equiparava em forças às tropas invasoras que vinham de reinos mais poderosos ao longo do Nilo ou do Eufrates. Ao mesmo tempo, Canaã era um prêmio cobiçado por essas nações mais fortes. Estando localizada entre os dois grandes centros da civilização, Canaã, com seus vales férteis, por muitas vezes esteve sujeita a invasões de potências maiores. Reinos minúsculos, sem forças suficientes para resistir a forças invasoras, achavam

ser expediente humilharem-se momentaneamente, pagando tributo a algum reino, como o Egito. Contudo, com freqüência, quando o invasor se retirava, os “presentes” eram interrompidos. Embora essas cidades-estados pudessem ser facilmente conquistadas, era difícil para os vitoriosos conservarem-nas como possessões permanentes.

A religião de Canaã era politeísta.<sup>1</sup> El era reputado como principal divindade cananéia. Simbolizado como um touro entre um rebanho de vacas, o povo se referia a ele como “pai touro”, considerando-o criador. Asera era a esposa de El. Nos dias de Elias, Jezabel patrocinava a quatrocentos profetas de Asera (veja 1 Rs 18:19). O rei Manassés erigiu a imagem dela no templo de Jerusalém (veja 2 Rs 21:7). O primeiro dentre os setenta deuses e deusas que eram tidos como prole de El e Asera era Hadade, mais comumente conhecido pelo nome de Baal, que quer dizer “Senhor”. Como monarca reinante dos deuses, ele controlaria os céus e a terra. Por ser deus da chuva e da tempestade, ele era o responsável pela vegetação e pela fertilidade. Anate, a deusa amante da guerra, era sua irmã e consorte. No século IX a. C., Astarte, deusa da estrela vespertina, era adorada como sua esposa. Mote, deus da morte, era o principal adversário de Baal. Iom, deus do mar, foi derrotado por Baal. Esses e muitos outros deuses são os primeiros a figurar no catálogo do panteão cananeu.

Visto que as divindades dos cananeus não teriam caráter moral, não é de surpreender que a moralidade daquele povo fosse extremamente baixa. A brutalidade e imoralidade que se destacam nas narrativas sobre esses deuses é algo muito pior que qualquer outra coisa vista no Oriente Próximo. E, posto que isso se refletia na sociedade cananéia, os cananeus, nos dias de Josué, praticavam sacrifícios de crianças, a prostituição sagrada e adoração à serpente com seus ritos e cerimônias religiosos. Naturalmente, a civilização deles se degenerou debaixo dessa influência desmoralizadora.

As Escrituras testificam sobre essa sórdida condição, mediante numerosas proibições que foram dadas como advertências aos israelitas.<sup>2</sup> Essa degradante influência religiosa já se evidenciava nos dias de Abraão (veja Gn 15:16 e 19:5). Séculos mais tarde, Moisés encarregou solenemente o seu povo de destruir os cananeus — não somente para puni-los por causa de sua iniquidade, mas também para impedir a contaminação do povo escolhido por Deus (veja Lv 18:24-28; 20:33; Dt 12:31 e 20:17,18).

## Era de Conquistas

A experiência e o treinamento haviam preparado Josué para a exaustiva tarefa de conquistar Canaã. Em Refidim, ele dirigiu o exército israelita na derrota imposta a Amaleque (veja Êx 17:8-16). Tendo sido espia, ele obtivera conhecimento em primeira mão sobre as condições vigentes na Palestina (veja Nm 13-14).

Sob a tutela de Moisés, Josué foi treinado para a liderança, tendo sido preparado para dirigir a conquista e a ocupação da terra prometida.

<sup>1</sup>Para maiores informações, veja G. E. Wright, *Biblical Archaeology*, págs. 98 - 119.

<sup>2</sup>Até 1930, a única fonte informativa secular sobre essas condições religiosas dos cananeus era Filo de Biblos, um erudito fenício que escreveu uma história dos fenícios e cananeus. Cf. Merrill F. Unger, *Archaeology and the Old Testament*, págs. 167 ss.



Tal como no caso da narrativa sobre as peregrinações no deserto, o registro das atividades de Josué é incompleto. Não se faz qualquer menção à conquista da área de Siquém, entre o monte Ebal e o monte Gerizim, mas foi ali que Josué reuniu o povo inteiro de Israel para ouvir a leitura da lei de Moisés (veja Js 8:30-35). Mui provavelmente, muitas outras áreas locais foram conquistadas e ocupadas, embora isso não seja aludido no livro de Josué. Durante o período da vida de Josué a terra de Canaã foi tomada pelos israelitas, mas de modo algum foram expulsos todos os seus habitantes. Dessa maneira, o livro de Josué precisava ser considerado como relato apenas parcial dos empreendimentos de Josué. Esse livro se presta para as seguintes subdivisões:

I. Entrada em Canaã	1:1 - 4:24
Josué assume a liderança	1:1-18
Dois espias enviados a Jericó	2:1-24
Travessia do Jordão	3:1-17
Memoriais	4:1-24
II. Derrota das forças opositoras	5:1 - 12:24
Preparação para a conquista	5:1-15
Campanha central - Jericó e Ai	6:1 - 8:35
Campanha do sul - liga dos amorreus	9:1 - 10:43
Campanha do norte - liga dos cananeus	11:1-15
Tabulação da conquista	11:16 - 12:24
III. Aquinhamento de Canaã	13:1 - 24:33
Plano da divisão	13:1 - 14:15
Aquinhamento tribal	15:1 - 19:51
Cidades de refúgio e dos levitas	20:1 - 21:45
Despedida e morte de Josué	22:1 - 24:33

O período de tempo determinado para a conquista e a divisão da terra de Canaã não é declarado. Supondo-se que Josué fosse da idade de Calebe, os eventos registrados no livro de Josué ocorreram durante um período de vinte e cinco a trinta anos.<sup>3</sup>

### *Entrada em Canaã*

Quando Josué assumiu a liderança de Israel, foi-lhe garantido todo o apoio das forças armadas dos rubenitas, gaditas e da meia tribo de Manassés, que se tinham estabelecido a leste do Jordão, na herança que lhes foi aquinhoadas antes do falecimento de Moisés. Parece bastante razoável supor que o compromisso de apoio, em Js 1:16-18, tenha sido a reação favorável da nação inteira de Israel, quando Josué expediu ordens para que os israelitas se preparassem para a travessia do Jordão. Dois espias foram então enviados a Jericó, a fim de espionarem a terra. Por meio de Raabe, que abrigara os espias, ficou-se sabendo que os habitantes de Canaã tinham consciência do Deus de Israel, o qual fazia intervenções sobrenaturais em prol de Israel. Depois de terem escapado por pouco, os dois homens regressaram, assegurando a Josué e a Israel de que o Senhor preparara o caminho com antecedência para a conquista vitoriosa (veja Js 2:1-24).

<sup>3</sup>Josué passou quarenta anos no deserto (veja Js 5:6). Faleceu com a idade de 110 anos (veja Js 24:29). Calebe tinha quarenta anos de idade quando Moisés enviou Josué e Calebe como espias (veja Js 14:7-10).

Como confirmação visível da promessa de que Deus estaria com Josué, tal como estivera como Moisés, e como certeza adicional da vitória na Palestina, Deus proveu a travessia miraculosa do rio Jordão. Isso constituiu base razoável para que cada israelita exercesse fé em Deus (veja Js 3:7-13). Enquanto os sacerdotes, que transportavam a arca, lideravam o caminho e se postavam no meio do leito do Jordão, os israelitas passaram para o outro lado em terra seca.

Como foram barradas as águas, para tornar possível tal passagem, não aparece no registro. Entretanto, certos fatos ali declarados são significativos para nossa consideração. O local da travessia é identificado como “defronte de Jericó”, o que seria, aproximadamente, oito quilômetros ao norte do mar Morto. As águas foram interrompidas ou cortadas em Adã, que atualmente é identificada com ed Damieh, localizada a 32 km do mar Morto, ou seja, cerca de 24 km de distância de onde Israel realmente fez a travessia.<sup>4</sup> O Jordão percorre um curso de 320 km, na distância de 96 km que medeia entre o mar da Galiléia e o mar Morto, descendo nesse percurso 180 m. Em Adã, há penhascos de pedra calcária ladeando as margens da corrente. Tão recentemente quanto o ano de 1927, parte de um penhasco, com 45 m de altura, caiu no Jordão, bloqueando as águas durante vinte e uma horas e meia. Sem importar se Deus causou isso para que Israel passasse, quer tenha feito outra coisa, não é esclarecido. Mas, visto que Deus empregou meios naturais para cumprir Sua Vontade noutras ocasiões (veja Êx 14:21), há a possibilidade de que um terremoto possa ter sido o meio usado para causar obstrução naquela ocasião.

Também se providenciou para que Israel não se olvidasse desse grande evento. Dois memoriais foram erigidos com essa finalidade. Sob a supervisão de Josué, doze pedras foram empilhadas para assinalar o local onde estiveram os sacerdotes de pé, com a arca da aliança, no meio do rio Jordão, enquanto a multidão de Israel atravessa o rio (veja Js 4:9). Em Gilgal foi erguido um novo marco de pedras (veja Js 4:3,8,20). Doze homens, representando as tribos de Israel transportaram doze pedras para Gilgal, para formação desse memorial, o qual lembraria às gerações vindouras a provisão miraculosa que se fizera em favor dos israelitas para que cruzassem o rio Jordão. Desse modo, os poderosos atos de Deus haveriam de ser lembrados entre os israelitas nos anos por vir.

### *A Conquista*

Acampado em Gilgal, o povo de Israel foi realistamente preparado para viver em Canaã, como nação escolhida por Deus. Durante quarenta anos, enquanto a geração incrédula morria no deserto, a circuncisão, que servia de sinal de relação de pacto (veja Gn 17:1-27), não fora observada. Por meio desse rito, a nova geração foi dolorosamente lembrada do pacto e da promessa de Deus de que os introduziria na terra que “fluía leite e mel”. A entrada na terra também foi assinalada pela observância da Páscoa e pela cessação da provisão do maná. O povo remido, doravante, consumiria os frutos da terra.

O próprio Josué fora preparado para a conquista, mediante uma experiência similar àquela que tivera Moisés, quando Deus o convocou (veja Êx 3). Median-

<sup>4</sup>Cf. J. Garstang, *Joshua Judges* (Londres: Constable, 1931), págs. 136-137.

te uma teofania, Deus insuflou em Josué a consciência de que a conquista da terra não dependia somente dele, mas que ele fora **divinamente** comissionado e dotado. Embora fosse o líder responsável por Israel, Josué era apenas um servo, sujeito ao comandante do exército do Senhor (veja Js 5:13-15).

A conquista de Jericó foi uma vitória que serviu de exemplo.<sup>5</sup> Israel não atacou a cidade de acordo com a estratégia militar regular, mas simplesmente seguiu as instruções dadas pelo Senhor. Uma vez por dia, durante seis dias, os israelitas marcharam ao redor da cidade. No sétimo dia, quando marcharam ao redor das muralhas por sete vezes, estas ruíram, e eles puderam entrar e tomar conta da cidade. Mas aos israelitas não foi permitido se apropriarem de qualquer parte dos despojos. Aquilo que não foi destruído - objetos metálicos - foi depositado no tesouro do Senhor. Excetuando Raabe e a casa de seu pai, os habitantes de Jericó foram extintos.

A miraculosa conquista de Jericó foi demonstração convincente, para os israelitas, de que seus inimigos poderiam ser dominados. Ai era o próximo alvo a ser conquistado. Seguindo o conselho de sua dupla de reconhecimento Josué enviou um exército de três mil homens, que sofreram severa derrota. Uma investigação regada por oração, feita por Josué e pelos anciãos, revelou o fato que Acã pecara durante a conquista de Jericó, ao apropriar-se de uma atrativa capa de origem mesopotâmica, além de alguma prata e ouro. Devido a seu deliberado ato de desafio contra a ordem do devotar todos os despojos ao Senhor. Acã e seus familiares foram apedrejados no vale de Acor.

Sendo-lhe garantido o sucesso, Josué renovou seus planos para conquistar Ai. De modo contrário ao procedimento anterior, os israelitas poderiam apossar-se do gado vivo e de outras propriedades transportáveis. As forças inimigas foram atraídas ao campo aberto, para que os trinta mil homens que haviam sido postados à noite por detrás da cidade, pudessem atacar Ai pela retaguarda, a fim de incendiá-la. Os defensores foram aniquilados, seu rei foi enforcado, e o sítio foi reduzido a escombros.

Wright identifica et Tell, localizada a cerca de dois quilômetros e meio a sudeste de Betel, como a localização de Ai. As escavações feitas nesse local indicam que et Tell floresceu como uma fortaleza cananéia em cerca de 3300 - 2400 a. C. Subseqüentemente, ela foi destruída e deixada em ruínas até cerca de 1000 a. C. Betel, no entanto, era cidade florescente durante esse tempo, e, de conformidade com Albright, que fez escavações ali em 1934, ela foi destruída durante o século XIII a. C. Posto que nada é dito no livro de Josué acerca da destruição dessa cidade, Wright sugere três explanações possíveis: (1) a narrativa sobre Ai é invenção posterior, para explicar as ruínas; (2) o povo de Betel usou Ai como um posto militar avançado; (3) a teoria de Albright de que a história de Betel foi posteriormente transferida para Ai. Wright supõe estar certa esta última teoria, aceitando a data posterior do êxodo e da conquista.<sup>6</sup>

Outros não têm tanta certeza sobre a identificação de et Tell e Ai. O padre H. Vincent sugere que os habitantes de Ai tinham ali apenas um pequeno posto

<sup>5</sup>Quanto à discussão sobre a data da queda de Jericó, veja o cap. III deste volume.

<sup>6</sup>Wright, *op. cit.*, págs. 80,81.

avançado militar, de tal maneira que nada permanece hoje capaz de prover evidências arqueológicas de sua existência nos dias de Josué. Unger postula a possibilidade de que o local verdadeiro de Ai talvez ainda possa vir a ser identificado nas circunvizinhanças de Betel.<sup>7</sup>

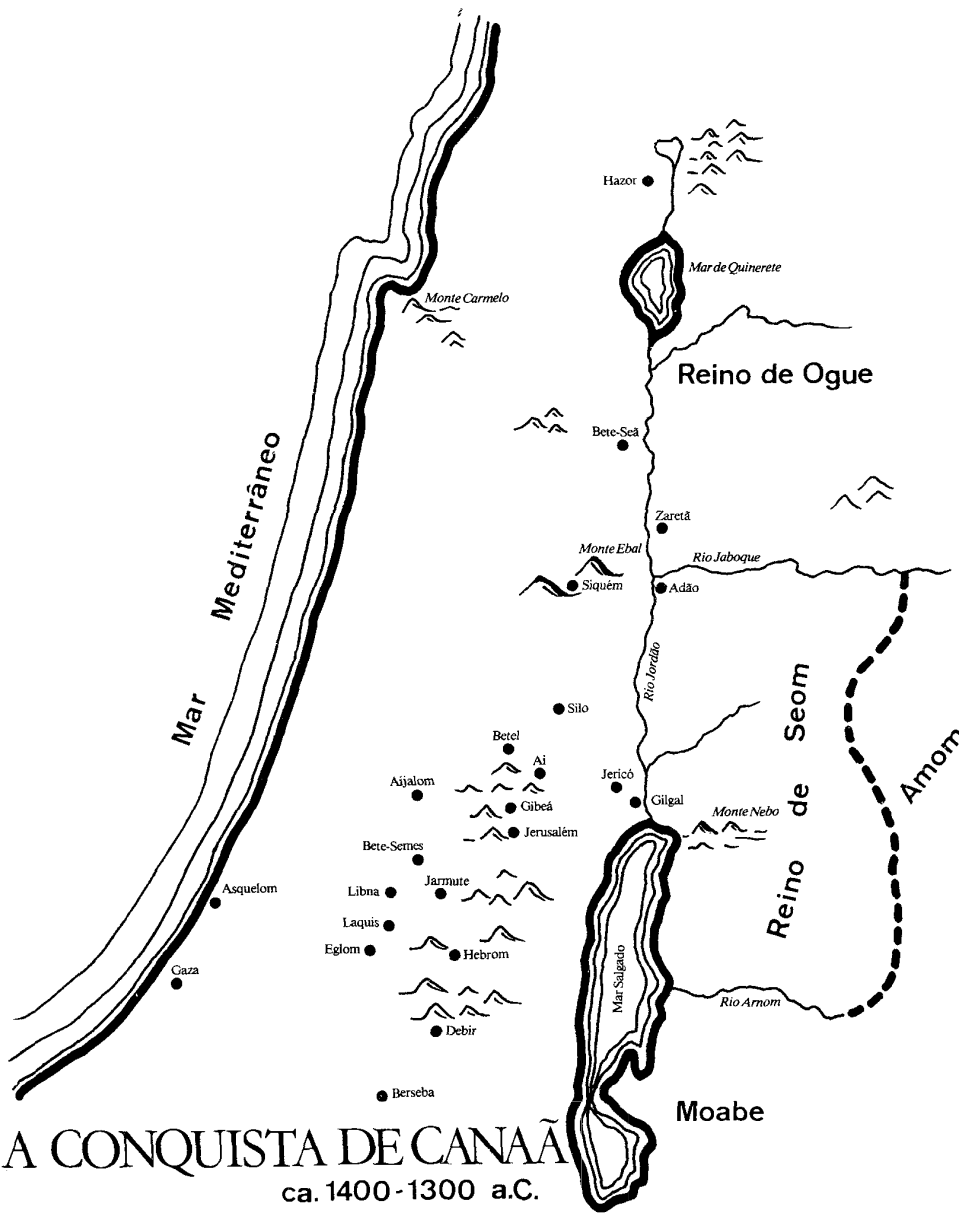
Embora nada seja definitivamente declarado acerca da conquista de Betel, essa cidade, que figura tão destacadamente nos tempos vetero-testamentários, desde os dias da entrada de Abraão em Canaã, é mencionada em Js 8:9,12,17. Uma inferência razoável é que os habitantes de Betel se tivessem envolvido nessa batalha de Ai. Nenhuma reivindicação é feita acerca da sua destruição, mas o rei de Betel é alistado como quem fora morto (veja Js 12:16). Os espias enviados a Ai transmitiram a impressão que Ai não era muito grande (veja Js 7:3). Posteriormente, quando Israel fez seu segundo ataque, tanto os habitantes de Ai como os de Betel evacuaram suas cidades a fim de perseguirem ao inimigo (veja Js 8:17). É provável que somente Ai tenha sido destruída nessa ocasião, e que Betel foi ocupada sem ser destruída. A conflagração do século XIII a. C. pode ser identificada com a narrativa que há em Js 1:22-26, subseqüente ao tempo de Josué.

Seguindo-se a essa grande vitória, os israelitas erigiram um altar no monte Ebal, a fim de apresentar suas oferendas ao Senhor, de acordo com o mandato de Moisés. Ali Josué preparou uma cópia da lei de Moisés. Estando o povo de Israel dividido, de modo que metade do povo se postou defronte do monte Ebal e a outra metade defronte do monte Gerisim, de face para a arca, a lei de Moisés foi lida aos ouvidos do povo (veja Js 8:30-35). Assim, pois, os israelitas foram solenemente lembrados de suas responsabilidades, quando estavam às vésperas de ocupar a terra prometida, a fim de que não se desviassem da rota que Deus determinara para eles.

Quando se espalharam por Canaã as notícias da conquista de Jericó e Ai, o povo de várias localidades organizou resistência contra a ocupação israelita (veja Js 9:1,2). Os habitantes de Gibeom, cidade localizada a doze quilômetros e meio ao norte de Jerusalém, traçaram astutamente um plano de engodo. Fingindo ter vindo de um país distante, o que era patenteado por suas roupas surradas e por seu alimento estragado, chegaram ao acampamento israelita de Gilgal, expressando seu temor do Deus de Israel, oferecendo-se para ser servos, se Jeová entrasse em aliança com eles. Visto não terem buscado orientação divina, os líderes de Israel foram vítimas da ficção, negociando um tratado de paz com os gibeonitas. Três dias mais tarde, porém, descobriu-se que Gibeom e três aldeias satélites eram próximas. Embora os israelitas houvessem murmurado contra seus líderes, o tratado não foi violado. Ao invés disso, os gibeonitas foram encarregados de suprir lenha e água para o acampamento israelita.

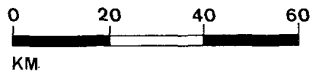
Gibeom era uma das grandes cidades da Palestina. Quando ela capitulou ante Israel, o rei de Jerusalém ficou profundamente alarmado. Em resposta a seu apelo, outros reis amorreus, de Hebrom, Jarmute, Laquis e Eglom, aliaram-se com ele, a fim de atacarem a cidade de Gibeom. Havendo firmado acordo com Israel, a cidade assediada imediatamente despachou mensageiros para que rogassem por ajuda daquele quadrante. Mediante a marcha de uma noite inteira, desde Gilgal, Josué apareceu inesperadamente em Gibeom, onde derrotou e

<sup>7</sup>Unger, *op. cit.*, pág. 162.



# A CONQUISTA DE CANAÃ

ca. 1400-1300 a.C.



Edom

pôs em fuga desordenada o inimigo, através do passo de Bete-Horom (também conhecido como vale de Aijalom), até Azeca e Maquedá.

A ajuda sobrenatural nessa batalha resultou em vitória esmagadora para os israelitas. Além do elemento de surpresa e do pânico lançado no campo inimigo, a saraiva que caiu fez maior número de vítimas entre os amorreus do que o tinham feito os soldados combatentes de Israel (veja Js 10:11). Outrossim, um longo dia foi outorgado aos israelitas quando perseguiram o inimigo. A ambigüidade da linguagem a respeito desse longo dia de José tem dado margem a diversas interpretações. A linguagem usada seria poética? Josué pedira mais luz do sol ou alívio do calor do dia?<sup>8</sup> Se se trata de linguagem poética, então ter-se-ia tratado de mero apelo, da parte de Josué, por ajuda e forças.<sup>9</sup> Em resultado, os israelitas foram de tal modo revigorados que o trabalho de um dia foi realizado em meio dia. Mas, se aceitarmos que houve prolongamento das horas do dia, esse foi um milagre em que o sol ou a lua e a terra estacaram.<sup>10</sup> Se o sol e a lua prosseguiram em seus cursos regulares, pode ter-se dado um milagre de refração ou uma miragem sobrenaturalmente dada, que prolongou a luz do dia, de tal modo que o sol e a lua pareciam fora de seus cursos regulares. Isso conferiu a Israel mais tempo para perseguir ao inimigo.<sup>11</sup> O apelo de Josué pelo auxílio divino pode ter sido um pedido de alívio do calor escaldante do sol, tendo ordenado que o sol ficasse silente ou mudo, isto é, deixasse de brilhar. Em resposta, Deus enviou a saraiva, que trouxe tanto o alívio do calor solar como a destruição para as hostes inimigas. Os soldados, sentindo-se refrigerados, fizeram a marcha de um dia em apenas meio dia, desde Gibeom a Maquedá, uma distância de quase 50 km,<sup>12</sup> e pareceu-lhes ter passado um dia inteiro, quando, na verdade, o dia ainda ia pela metade. Embora o relato do livro de Josué não nos forneça os detalhes de como isso sucedeu, é evidente que Deus interveio em favor de Israel, e a liga dos amorreus foi completamente derrotada.

Em Maquedá, os cinco reis da liga dos amorreus foram encurralados em uma caverna, tendo sido em seguida mortos por Josué. Com a conquista de Maquedá e Libna, estando esta última localizada na entrada do vale de Elá, onde Davi posteriormente feriu Golias, os reis dessas duas cidades, por igual modo, foram executados. Josué, então, assediou a bem fortificada cidade de Laquis (moderna Tell-ed-Duweir), e no segundo dia do assédio esse baluarte foi derrubado. Quando o rei de Gezer tentou socorrer Laquis, também perdeu ele com sua força; entretanto, nenhuma reivindicação é feita acerca da conquista de Gezer. Ato contínuo, Israel se lançou vitoriosamente na tomada de Eglom, que atualmente é

<sup>8</sup>Quanto a um sumário de vários pontos de vista, veja Bernard Ramm, *The Christian View of Science and Scripture* (Grand Rapids: Eerdmans, 1955), págs. 156-161.

<sup>9</sup>Quanto a uma discussão representativa, veja o artigo intitulado "Sol", em Davis, *Dicionário da Bíblia*; Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1973), págs. 569-570.

<sup>10</sup>Cf. R. A. Torrey, *Difficulties in the Bible* (1907), pág. 53; Josefo, *Antiquities of the Jews*, v. 1.17 e Eclesiástico 46.4.

<sup>11</sup>Cf. A. Rendle Short, *Modern Discovery and the Bible* (Londres: Intersociety Fellowship of Evangelical Unions, 1943), pág. 117, e Lowell Butler, "Mirages are Light Benders", *Journal of the American Scientific Affiliation*, dezembro de 1951.

<sup>12</sup>Cf. D. Maunder, "The Battle of Beth-Horon", *The International Standard Bible Encyclopedia*, 1, 446-449. Cf. também Robert Dick Wilson, "What does the 'the sun stood still' mean?" *Moody Monthly*, 21:67 (outubro de 1920), interpreta as palavras traduzidas por "detém-te" como se significassem "escurece-te", com base na astronomia babilônica. Hugh J. Blair, "Josué" em *O Novo Comentário da Bíblia*. São Paulo: Edições Vida Nova, pág. 265, sugere que Josué fez esse pedido de manhã, de tal modo que a saraiva prolongou a escuridão.

identificada com a moderna Tell el-Hesi. Dali as tropas atacaram para o sul, entrando na região montanhosa e assediando Hebrom, que não foi facilmente defendida. Então, dirigindo-se para o sudoeste, assaltaram e tomaram Debir, ou Quiriate-sefer. Embora as fortes cidades-estados de Gezer e Jerusalém não tivessem sido conquistadas, foram isoladas por meio dessa campanha, de tal maneira que toda a área sulista, de Gibeom a Cades-Barnéia e Gaza, ficou sob o controle de Israel, quando Josué reconduziu seus guerreiros afeitos às batalhas ao acampamento em Gilgal.

A conquista e ocupação da porção norte de Canaã é descrita de modo bem abreviado. A oposição foi organizada e liderada por Jabim, rei de Hazor, que tinha a seu dispor numerosos carros de guerra. Grande batalha teve lugar perto das águas de Merom, cujo resultado foi que a aliança cananéia foi totalmente derrotada por Josué. Os cavalos e os carros foram destruídos, e a cidade de Hazor foi incendiada até o chão. Não há qualquer menção sobre a destruição de outras cidades na Galiléia.

Hazor, identificada como Tell el-Quedah, estava estrategicamente localizada, a cerca de 24 km ao norte do mar da Galiléia e cerca de 8 km a oeste do rio Jordão. Em 1926 - 1928, John Garstang dirigiu uma escavação arqueológica nesse local. Mais recentemente, importantes escavações em Hazor foram dirigidas pelo dr. Yigael Yadin, em 1955 - 1958.<sup>13</sup> A própria acrópole consistia de vinte e cinco acres, com uma altura de 40 m, e aparentemente foi fundada no terceiro milênio a. C. Uma área mais baixa ao norte, que consiste de cento e cinquenta acres, foi ocupada durante o segundo milênio a. C., e talvez tivesse uma população de nada menos de 40 mil habitantes. Nos registros egípcios e babilônicos Hazor é freqüentemente mencionada, o que indica sua importância estratégica. A cidade mais baixa aparentemente foi construída durante a segunda metade do século XVIII a. C., ou seja, a época dos hicsos. Depois de Josué haver destruído esse poderoso centro o poder cananeu em Hazor deve ter sido restabelecido de modo suficiente para subjugar Israel, até que ele foi esmigalhado uma vez mais (veja Jz 4:2), após o que Hazor foi incorporada pela tribo de Naftali.

De forma sumária, o trecho de Js 11:16 - 12:24 relata a conquista de toda a terra de Canaã por parte de Israel. O território coberto pelas forças de ocupação se espalhou desde Cades-Barnéia, ou seja, nos extremos do Neguebe, até ao norte quanto o vale do Líbano, abaixo do monte Hermom. No lado oriental da fenda do Jordão, a área que previamente fora conquistada sob Moisés se estendia desde o monte Hermom, no norte, até o vale do rio Arnorn, a leste do mar Morto.

Trinta e um reis são alistados entre os derrotados por Josué. Havendo tantas cidades-estados, cada qual com seu próprio rei, em país tão pequeno, foi possível a Josué e aos israelitas derrotarem esses governantes locais em pequenas federações. Embora os reis tivessem sido derrotados, nem todas as cidades foram realmente capturadas ou ocupadas. Por intermédio dessa conquista Josué subjugou os habitantes até ao ponto em que, durante o período imediato de paz os israelitas puderam estabelecer-se na terra prometida.

<sup>13</sup>Cf. Yigael Yadin, "Excavations at Hazor, 1955-58", em *The Biblical Archaeologist Reader II* (Garden City, Nova Jersey: 1964), págs. 191-224.

## *A divisão de Canaã*

Apesar dos principais reis terem sido derrotados e que então prevaleceu um período de paz, restavam ainda muitas áreas não-ocupadas na terra (veja Js 13:1-7). Josué foi divinamente comissionado para dividir o território conquistado entre as nove tribos e meia. Rúben, Gade e metade da tribo de Manassés tinham recebido seus quinhões a leste do rio Jordão, sob Moisés e Eleazar (veja Js 13:8-33 e Nm 32).

Durante o período da conquista o acampamento de Israel ficava localizado em Gilgal, ligeiramente para nordeste de Jericó, perto do Jordão. Sob a supervisão de Josué e Eleazar foram distribuídos os quinhões de algumas das tribos, enquanto Israel ainda estava acampado ali. Calebe, que demonstrara fé incomum quarenta e cinco anos antes, quando os doze espias tinham sido enviados a Canaã (veja Nm 13-14), agora recebeu consideração especial, tendo-lhe sido dada como prêmio a cidade de Hebrom, para ser sua herança (veja Js 14:6-15). A tribo de Judá se apropriou da área entre o mar Morto e o mar Mediterrâneo, incluindo a cidade de Belém. Efraim e a outra metade da tribo de Manassés receberam a maior parte da área a oeste do rio Jordão, entre o mar da Galiléia e o mar Morto (veja Js 16:1-17:18).

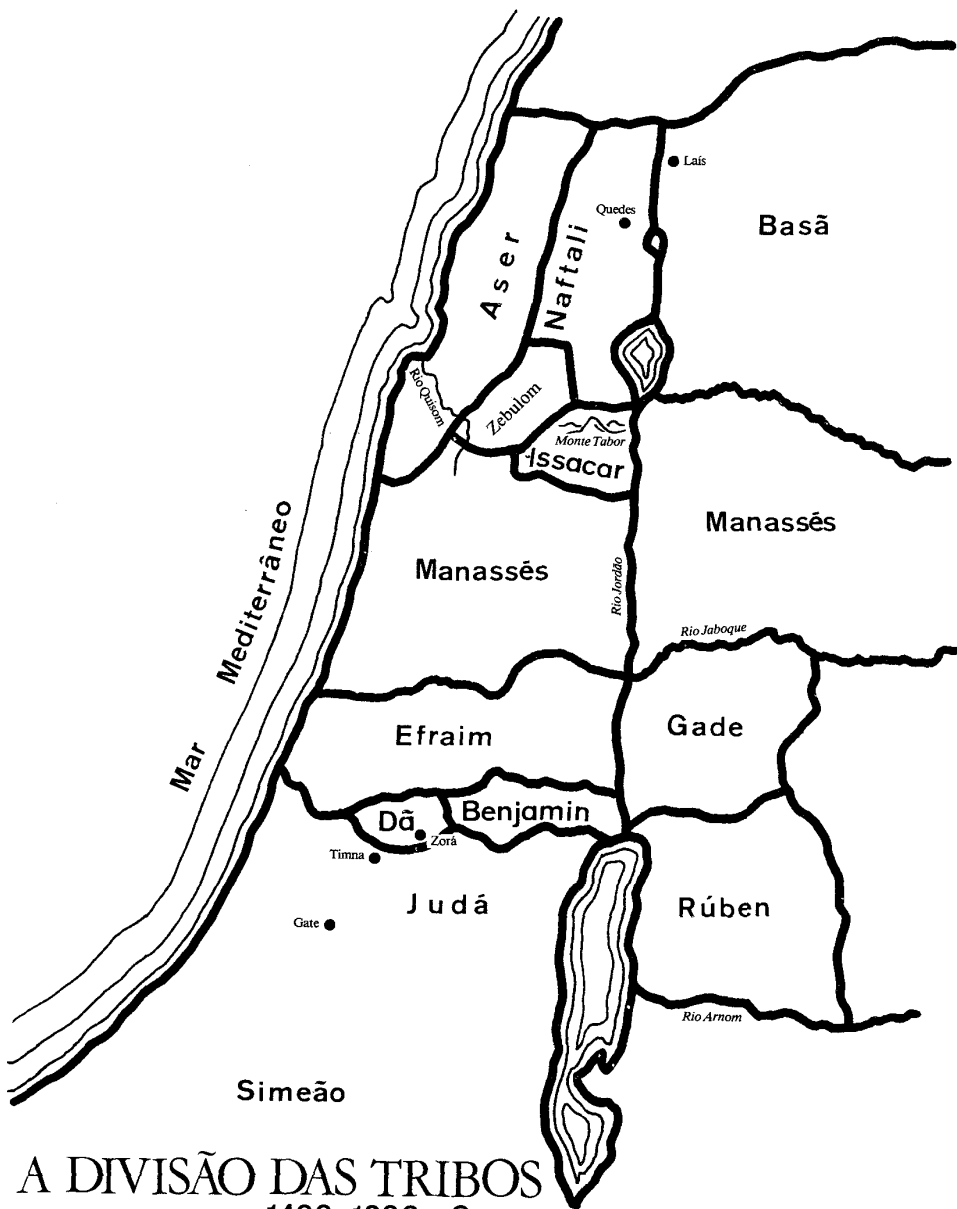
Silo foi estabelecida como centro religioso de Israel (veja Js 18:1). Foi ali que as demais tribos foram desafiadas a tomar posse de seus territórios respectivos. Enquanto a Simeão foi dada a região ao sul de Judá, as tribos de Benjamim e Dã receberam seu quinhão imediatamente ao norte de Judá. Ao norte de Manassés, começando com o vale de Megido e com o monte Carmelo, receberam suas possessões Issacar, Zebulom, Aser e Naftali.

Cidades de refúgio foram selecionadas por toda a extensão do país (veja Js 10:1-9). A oeste do Jordão essas cidades eram Cades, em Naftali, Siquém, em Efraim, e Hebrom em Judá. A leste do Jordão, em cada uma das áreas tribais, havia as cidades seguintes: Bezer, em Rúben, Ramote, em Gileade, dentro das fronteiras de Gade e Golã, em Basã, na área de Manassés. Para essas cidades qualquer indivíduo poderia fugir para estar livre de vinganças de sangue, no caso de ter-se tornado homicida involuntário.

A tribo de Levi não recebeu quinhão na forma de território, porquanto eram responsáveis pelos serviços religiosos por toda a nação. As diversas tribos foram encarregadas da obrigação de selecionarem cidades para os levitas. Terras de pasto, em redor de cada uma das quarenta e oito cidades, foram igualmente providas, pelo que os levitas podiam dar pasto a seu gado vacum e ovino.

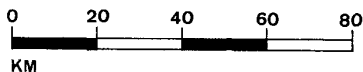
Elogiando o serviço fiel delas e admoestando-as a permanecer leais a Deus, Josué despediu as tribos transjordânicas que haviam servido junto com o resto da nação, sob suas ordens, para conquistar o território a oeste do Jordão. Quando retornaram à Transjordânia, erigiram um altar - ação essa que alarmou os israelitas que se tinham estabelecido na própria terra de Canaã. Finéias, filho do sumo sacerdote, foi enviado de Silo para avaliar a situação. Sua investigação assegurou-lhe que o altar na terra de Gileade servia ao propósito de manter a adoração apropriada a Deus.





# A DIVISÃO DAS TRIBOS

ca. 1400 - 1200 a.C.



Por quanto tempo ainda viveu Josué, após suas campanhas militares, não é esclarecido na Bíblia. Uma inferência, com base em Js 14:6-12, é que a conquista de Canaã foi realizada em um período de cerca de sete anos. Josué pode ter falecido pouco depois disso, ou pode ter continuado vivo durante uns vinte ou trinta anos no máximo. Antes de morrer, com a idade de cento e dez anos, reuniu o povo de Israel em Siquém e advertiu-os severamente para que temessem a Deus. Relembrou-lhes o fato de que Deus chamara a Abraão para que não servisse a ídolos e cumprira o pacto estabelecido com os patriarcas, introduzindo Israel na terra prometida. Um compromisso público foi feito, mediante o qual os líderes asseguraram a Josué de que serviriam ao Senhor. Após a morte de Josué Israel cumpriu essa promessa somente enquanto vivia a geração mais idosa.

### Quando Governavam os Juízes

Os eventos registrados no livro de Juízes são intimamente relacionados aos acontecimentos dos dias de Josué. Visto que os cananeus não haviam sido plenamente desalojados, e que a ocupação por Israel não se completara, condições similares continuaram por todo o período dos Juízes. Em consequência disso, prosseguiram as guerras, enquanto áreas ou cidades locais eram reocupadas no decurso do tempo. Referências diversas, como Jz 1:1; 2:6-10 e 20:26-28, parecem indicar que os acontecimentos dos livros de Josué e Juízes estão bem relacionados cronologicamente, e que talvez sejam até simultâneos.

É difícil precisar a cronologia desse período. O fato de que quarenta a cinquenta métodos diferentes têm sido sugeridos para explanar a era dos juízes indica quão grande é o problema. Os anos atribuídos a cada juiz, no relato bíblico, são os seguintes:

	(Anos)
Opressão mesopotâmica	8   3:8
Otniel — livramento e descanso	40   3:11
Opressão moabita	18   3:14
Eúde — livramento e descanso	80   3:30
Opressão cananéia — Jabim	20   4:3
Débora e Baraque — livramento e descanso	40   5:31
Opressão midianita	7   6:1
Gideão — livramento e descanso	40   8:28
Abimeleque — rei títere	3   9:22
Tola — período de judicatura	23   10:2
Jair — período de judicatura	22   10:3
Opressão amonita	18   10:8
Jefté — livramento e descanso	6   12:7
Ibsã — período de judicatura	7   12:9
Elom — período de judicatura	19   12:11
Abdom — período de judicatura	8   12:14
Opressão filistéia	40   13:1
Sansão — feitos e período de judicatura	<u>20</u>   15:20
Total	410 anos

Sem dúvida foi uma tabulação como essa que Paulo tinha em mente quando dividiu o período de Josué a Samuel, incluindo quarenta anos para o período de judicatura de Eli (veja At 13:20). Mesmo que aceitemos a data mais antiga para ocupação de Canaã sob Josué (cerca de 1400 a. C.), é impossível achar-se espaço para a seqüência cronológica sobre esses anos, porquanto Davi já estava plenamente firmado no trono de Israel por volta do ano 1000 a. C. Em Reis 6:1 há margem para um período de 480 anos, desde o tempo do Êxodo até ao quarto ano do reinado de Salomão. Mesmo que admitíssemos um mínimo de 20 anos cada para Eli, Samuel e Saul, 40 anos para Davi, 4 anos para Salomão, 40 anos de peregrinações pelo deserto, e um mínimo de 10 anos para Josué e os anciãos, um total de 154 anos teria de ser acrescentado a 410, perfazendo um grande total de 566 anos. A conclusão óbvia é que os períodos dados no livro de Josué não cabem todos dentro de uma seqüência cronológica.

Garstang explana essa era considerando Sangar, Tola, Jair, Ibsã, Elom e Abdom como juizes locais, cujos anos de judicatura foram síncronos com aqueles de outros períodos mencionados.<sup>14</sup> Omitindo-se esses da tabulação cronológica, o número total de anos entre o Êxodo e o quarto ano do reinado de Salomão se aproxima da cifra dos 480 anos. Em Jz 11:26, trezentos anos figuram como o tempo que se escoou desde a derrota dos amonitas, sob Moisés, até os dias de Jefté. Subtraindo-se os anos relativos a Josué e os anciãos, e adicionando-se vinte anos para Sansão, o tempo atribuído aos juizes, desde Otoniel até Sansão, se aproximaria dos trezentos anos (cerca de 1360 - 1060 a. C.).

A data mais próxima para a conquista sob Josué (1250 - 1225 a. C.) limita o período atribuído aos juizes, incluindo os dias de Eli, Samuel e Saul, a dois séculos ou menos. Nesse cômputo, os trechos de 1 Rs 6:1 e Jz 11:26 são reputados como inserções posteriores, não sendo passagens históricas fidedignas. Embora Garstang considere a referência em 1 Reis como uma inserção, ele lhe dá maior antiguidade e a aceita como autêntica. Essa cronologia mais curta exigiria a sincronização, igualmente, dos períodos de opressão e de descanso, durante os dias dos Juizes.

É óbvio que qualquer esquema cronológico proposto para essa era dos juizes é apenas uma solução sugerida. Os informes escriturísticos são insuficientes para que se estabeleça uma cronologia absoluta. Parece bastante certo que os autores dos livros de Josué e Juizes não tiveram o intuito de apresentar um relato que se encaixasse com exatidão dentro de uma cronologia completa relativa ao período. A fidelidade às tradições que figuram em 1 Rs 6:1 e Jz 11:26 requer a cronologia mais dilatada.

Israel não contava com qualquer capital política nos dias dos juizes. Silo, que fora estabelecida como centro religioso, nos dias de Josué (veja Js 18:1), continuou nessa categoria nos dias de Eli (veja 1 Sm 1:3). Visto que Israel não tinha rei (veja Jz 17:6; 18:1; 19:1 e 21:25), não havia localidade central de onde um juiz pudesse officiar. Esses juizes subiram à liderança conforme o exigiam as condições locais ou nacionais. A influência e reconhecimento de muitos deles, não há que duvidar, se limitava às suas comunidades ou tribos locais. Alguns de-

<sup>14</sup>J. Garstang, *op. cit.*, págs. 51-66.

les foram líderes militares, que livraram os israelitas de algum inimigo opressor, ao passo que outros dentre eles foram reconhecidos como magistrados, para os quais o povo olhava, esperando decisões legais e políticas. Não tendo governo central e nem capital, as tribos de Israel eram governadas irregularmente, sem sucessão imediata quando do falecimento de qualquer dos juízes. Visto que alguns dos juízes agiam em áreas locais restritas, também é razoável pensarmos que várias das judicaturas tiveram lugar justapostas.

Quanto ao quadro bíblico sobre as condições nessa era, segundo se vê nos livros de Juízes e Rute, consideremos a análise seguinte:

I. Condições prevalentes	1:1 - 3:6
Áreas desocupadas	1:1 - 2:5
Ciclos político-religiosos	2:6 - 3:6
II. Nações opressoras e libertadores	3:7 - 16:31
Mesopotâmia — Otniel	3:7-11
Moabe — Eúde	3:12 - 30
Filístia - Sangar	3:31
Canaã (Hazor) — Débora e Baraque	4:1 - 5:31
Midiã — Gideão (Jerubaal)	6:1 - 8:35
Abimeleque Tola e Jair	9:1 - 10:5
Amom — Jefté	10:6 - 12:7
Ibsã, Elom e Abdom	12:8-15
Filística — Sansão	13:1 - 16:31
III. Condições culturais nos dias dos juízes	17:1 - Rt 4:22
Mica e sua idolatria	17:1-13
Migração dos danitas	18:1-31
Crime e guerra civil	19:1 - 21:25
A estória de Rute	Rt 1:1 - 4:22

A citação "... cada um fazia o que achava mais reto" (Jz 21:25) descreve claramente as condições que prevaleceram por todo o período dos juízes.

O versículo inicial de Juízes sugere que o livro envolve os acontecimentos que tiveram lugar após a morte de Josué. O relato de Jz 2:6-10 talvez apóie a idéia de que alguns desses eventos se referem, em parte, à conquista de certas cidades, sob Josué. A conquista de Hebrom, em Jz 1:10-15, talvez seja narrativa paralela à de Js 15:14-19. Outras declarações refletem as mudanças que ocorreram durante longo período de tempo. Jerusalém não foi conquistada nos dias de Josué veja Js 15:63). De acordo com Jz 1:8, a cidade foi incendiada pelo povo de Judá, mas no versículo 21 é claramente dito que os benjamitas não desalojaram os jebuseus de Jerusalém. A cidade não foi realmente ocupada pelos israelitas senão já nos dias de Davi. A vitória da tribo de Judá deve ter sido apenas temporária.

Apesar de que Josué derrotara as principais forças opositoras, ao introduzir Israel na terra de Canaã e dividi-las entre as várias tribos, muitas localidades permaneceram nas mãos dos cananeus e outros habitantes. Em seu recado final aos israelitas Josué advertiu o povo para que não se mesclasse e nem entrasse em relações de matrimônio com os habitantes locais que permanecessem, mas admoes-

tou-os para que expulsassem esses povos idólatras e ocupassem suas terras. Novas tentativas foram feitas para desalojar aquela gente, mas o registro sagrado indica com clareza que os israelitas mostraram-se obedientes apenas em parte.

A despeito de terem sido conquistadas algumas áreas, certas cidades fortemente armadas, como Taanaque e Megido, continuaram na posse dos cananeus. Quando Israel se tornasse suficientemente poderosa, deveria sujeitar esses povos, impondo-lhes o trabalho forçado e o pagamento de taxas; mas os israelitas fracassaram na comissão recebida de expeli-los da terra. Conseqüentemente, os amorreus, cananeus e outros permaneceram na terra que fora dada a Israel, para que a conquistasse completamente e ocupasse. Pareceria perfeitamente natural que quando Israel ainda era débil, esses povos tenham reconquistado cidades e aldeias antes tomadas pelos israelitas (cf. Jz 1:34).

A ocupação parcial da terra deixou Israel em contínuas dificuldades. O ciclo de acontecimentos se repetia interminavelmente. Mediante a confraternização com os habitantes locais os israelitas vieram a participar da adoração a Baal, esquecendo-se da adoração devida a Deus. Os povos particularmente mencionados, que fizeram Israel afastar-se de Deus, foram os cananeus, os hititas, os amorreus, os perizeus, os heveus e os jebuseus. Durante esse período de apostasia, os casamentos mistos empurraram os israelitas a maior negligência ainda no serviço e na devoção a Deus. No curso de uma geração a multidão de Israel se tornou tão idólatra que foram retiradas as bênçãos divinas, prometidas por intermédio de Moisés e Josué. Ao adorarem a Baal os israelitas quebrantavam o primeiro mandamento do decálogo.

O juízo veio na forma de opressão. Durante essa época, nem o Egito e nem a Mesopotâmia eram suficientemente fortes para dominar o Crescente Fértil. A influência egípcia sobre a Palestina havia diminuído durante o reinado de Tutancamon (cerca de 1360 a. C.). A Assíria se ia levantando poderosa (cerca de 1250 a. C.), mas por enquanto não ameaçava intervir em Canaã. Isso permitiu que povos das áreas circunvizinhas, bem como cidades-estados, usurpassem possessões de Israel em Canaã. Os povos alistados como oponentes políticos, nessa era, são os mesopotâmios, os moabitas, os filisteus, os cananeus, os midianitas e os amonitas. Esses invasores se avantajavam sobre os israelitas tomando suas propriedades e campos plantados. Quando a situação tornava-se insuportável, os israelitas se desesperavam o bastante para se voltarem para Deus.

O arrependimento era a parte seguinte do ciclo. Quando os israelitas perdiam sua independência e serviram aos opressores, reconheciam então que sofriam as conseqüências da desobediência a Deus. Quando tomavam consciência de seu pecado voltavam-se penitentes para Deus. E seu apelo não era feito em vão.

O livramento ocorria por meio de campeões que Deus levantava para desafiarem aos opressores. Os líderes militares que encabeçaram os israelitas no ataque contra nações inimigas foram Otniel, Eúde, Sangar, Débora e Baraque, Gideão, Jefté e Sansão. Especialmente dotados de capacidades divinas, esses líderes repeliram os adversários, e Israel, uma vez mais, desfrutou de um período de descanso.

Esses ciclos político-religiosos se repetiam com freqüência nos dias dos juizes. Pecado, tristeza, súplica e salvação formavam a ordem usual de coisas. Aparentemente, em cada geração havia um número suficiente de pessoas que tomava consciência da possibilidade de obter o favor e a bênção de Deus e de que a idolatria deveria ser renunciada, aderindo-se novamente aos preceitos divinos.

### *Juízes e Nações Opressoras*

A opressão por um período de oito anos, da parte de uma força invasora proveniente da Mesopotâmia superior, introduziu o primeiro ciclo. Garstang sugere que Cusã-Risataim foi um rei hitita que anexara o norte da Mesopotâmia, região também conhecida como Mitani, tendo ampliado seus domínios até o interior da terra de Israel.<sup>15</sup> Ot niel, da tribo de Judá, tomou a iniciativa de defender a causa de Israel, quando veio sobre ele o Espírito do Senhor. A isso seguiu-se um período de quarenta anos de descanso.

Moabe foi a nação seguinte a invadir Israel. Apoiada pelos amonitas e amalequitas, os moabitas lançaram uma cabeça-de-ponte em território israelita, cobrando tributo. Eúde, da tribo de Benjamim, foi levantado como o libertador que pôs fim aos dezoito anos de dominação moabita. Tendo pago o tributo, Eúde obteve audiência privada com Eglom, rei de Moabe. Brandindo a espada com a mão esquerda, Eúde apanhou Eglom desprevenido, e o matou; então garantiu a própria fuga, antes que fosse descoberto o golpe. Os moabitas ficaram desmoralizados, ao passo que os israelitas tomaram coragem para dar apoio a Eúde, numa ofensiva generalizada contra o inimigo. Aproximadamente 10 mil moabitas perderam a vida no encontro, o que conferiu a Israel uma vitória esmagadora. Ante a expulsão de Moabe, Israel gozou de descanso por um período de oitenta anos. Durante essa época, Ramsés II, que governou o Egito (cerca de 1290-1224 a. C.) e Merneptá, seu filho (cerca de 1224-1214 a. C.), mantiveram o equilíbrio de poder com os hititas, controlando a Palestina até o sul da Síria. A única menção feita a Israel, nas inscrições egípcias, aparece na afirmativa jactanciosa de Merneptá de que Israel fora deixada assolada.<sup>16</sup> No seu todo, porém, por algum tempo prevaleceram condições pacíficas.

Um único versículo é ocupado para narrar a carreira de Sangar. Nada é indicado sobre alguma opressão, e nem foram dados detalhes concernentes à origem ou ao passado de Sangar. Parece ser inferência lógica que os filisteus estavam penetrando em território israelita e que Sangar se levantou para oferecer-lhes resistência, matando a seiscentos deles em um esforço de valentia.

Seguiu-se um período de vinte anos de molestamento da parte dos cananeus, quando a influência egípcia declinou sob Merneptá e outros governantes fracos, nos fins do século XIII a. C. Enquanto Jabim, rei dos cananeus, governava em Hazor, que ficava localizada ao norte do mar da Galiléia, Sísera, comandante do exército de Jabim, pressionava os israelitas desde Harosete-Hagojim, localizada perto do rio Quisom, na entrada noroeste para a planície de Esdrelom.

Durante os dias dessa opressão cananéia Débora passou a ser reconhecida como profetiza na terra de Efraim, próximo a Ramá e Betel. Mandando chamar

<sup>15</sup>Ibid., pág. 62. Ou seria esse um grupo arameu?

<sup>16</sup>Steindorff e Seele, *When Egypt Ruled the East*, pág. 252.

a Baraque, ela não só o admoestou a que conduzisse o povo em Batalha, mas também se aliou pessoalmente a ele, em Cades de Naftali. Ali Baraque reuniu uma força combatente e se dirigiu para o sul, para o monte Tabor, localizado na extremidade nordeste da planície triangular de Esdrelom. Entretanto, visto que Sísera tinha a vantagem de contar com novecentos carros de guerra em suas forças armadas, Baraque temeu assumir a responsabilidade de combater contra os cananeus com 10 mil homens armados de espada. Embora Débora lhe tivesse garantido a vitória, tendo as forças cananéias sido atraídas taticamente para o Quisom, Baraque não se quis aventurar sem que ela liderasse com ele as forças israelitas.

As forças cananéias foram surpreendentemente postas em fuga. Um exame cuidadoso do relato parece indicar que quando os carros de guerra do adversário estavam no vale do Quisom uma chuva súbita e pesada reduziu a vantagem dos cananeus. Os carros de guerra tiveram de ser abandonados, quando se atolaram na lama (veja Jz 5:4,20,21 e 4:15).<sup>17</sup> Tendo sido derrotadas as forças cananéias e tendo sido Sísera morto por Jael, os israelitas obtiveram alívio, o qual perduraria por quarenta anos. A vitória foi celebrada por meio de um cântico que expressava louvor pelo auxílio divino (veja Jz 5).

A reversão de Israel à idolatria foi seguida por incursões provenientes do deserto sírio, por parte de nômades montados em camelos, conhecidos como midianitas, amalequitas e filhos do oriente, que vinham tomar as plantações e os rebanhos dos israelitas. Sete anos de depredações tornaram-se excessivamente penosos, de tal modo que os israelitas foram forçados a buscar segurança em cavernas e fortins nas montanhas.

Em uma aldeia chamada Ofra, Gideão estava atarefado em segredo, debulhando o cereal para seu pai, quando o anjo do Senhor o comissionou para que livrasse seu povo. Embora Ofra não possa ser identificada de modo definido, provavelmente estava localizada próximo do vale de Jezreel, na Palestina central, onde se fazia sentir mais pesada a pressão midianita. A primeira incumbência de Gideão consistiu de derrubar o altar de Baal que havia na propriedade de seu pai. Embora os habitantes da aldeia tivessem ficado bastante alarmados diante disso, o pai de Gideão, Joás, não defendeu a idolatria. Devido a esse feito memorável e ousado Gideão foi chamado Jerubaal, que significa “Que Baal contenda (contra ele)”.

Quando as forças israelitas estavam acampadas no vale de Jezreel, Gideão reuniu um exército. Mediante o emprego de um velocino de lã, por duas vezes deixado às intempéries, ele se certificou de que Deus realmente o chamara para livrar Israel (veja Jz 6:36-40). Quando Gideão anunciou para seu exército de 32 mil homens, recolhido dentre Manassés, Aser, Zebulom e Naftali, que qualquer indivíduo que tivesse receio podia voltar para sua casa, viu que 22 mil homens abandonavam as fileiras. Em resultado de um teste seguinte ele perdeu mais 9.700 homens. Com um batalhão alerta de apenas 300 homens ele se aprestou para a batalha contra as hordas nômades.

<sup>17</sup>Garstang, *op cit.*, págs. 298-299, frisa que durante a Primeira Guerra Mundial os movimentos da cavalaria foram ameaçados nessa mesma região por uma chuva de quinze minutos.

Nas vertentes do monte Moré, próximo da extremidade oriental da planície de Megido, jazia acampada a grande hoste dos midianitas, com seus camelos. Gideão, tendo dividido seu batalhão de 300 homens em três companhias, fez um ataque de surpresa à noite. No começo da vigília do meio (22:00 horas), quando o inimigo estava em sono profundo, os homens de Gideão tocaram as suas trombetas, despedaçaram suas jarras e proferiram em voz alta o grito de guerra: “Pelo Senhor e por Gideão!” Os midianitas fugiram em confusão, para o lado oposto do rio Jordão. Pela fé em Deus, pois, Gideão pôs em fuga o adversário, livrando os israelitas da opressão (cf. Hb 11:32).

Na perseguição aos midianitas refletiu-se uma vez mais as desregradas condições dos dias dos juizes (veja Jz 8). Depois de haver pacificado os invejosos efraimitas, que não tinham participado da grande vitória, Gideão pôs em fuga os midianitas que estavam na Transjordânia, tomando despojos avantajados na forma de brincos de ouro, colares de camelo, crescentes, pingentes, além de vestes de púrpura, usadas pelos reis midianitas. Em resultado disso, o povo israelita ofereceu a Gideão um reinado hereditário. O fato de Gideão ter repellido o oferecimento demonstrou sua atitude de resistência contra a tendência para o monarquismo. No entanto, Gideão mandou fazer uma estola dourada, dos despojos tomados do inimigo. Não há certeza se se tratava de um ídolo ou de um simples memorial dessa vitória, ou mesmo de uma contrafação da estola usada pelo sumo sacerdote (veja Êx 27:6-14). Seja como for, tal objeto veio a tornar-se uma armadilha para Gideão e sua família, bem como para todos os israelitas, por haver pavimentado o caminho que conduzia à idolatria. Embora Gideão houvesse obtido segurança para Israel, contra os invasores, pelo espaço de quarenta anos, por intermédio de seu feito militar, sua influência religiosa foi negativa. Pouco depois de sua morte o povo se voltou abertamente para a adoração a Baal, esquecido de que Deus lhes concedera livramento.

Abimeleque, filho de uma concubina de Gideão, impôs-se como rei em Siquém, pelo período de três anos após a morte de Gideão. Conseguiu que os siquemitas lhe fossem adeptos, tendo morto a todos os setenta filhos de Gideão, com a única exceção de Jotão. Este último, dirigindo-se aos siquemitas postado no monte Gerizim, por meio de uma parábola comparou Abimeleque a um espinheiro que fora convidado para reinar sobre as árvores. Ele invocou a maldição de Deus contra Siquém, por terem os seus habitantes maltratado a família de Gideão.

Não demorou muito para que a revolta estourasse sob a liderança de Gaal, que incitou os siquemitas à rebelião. No curso da luta civil que se seguiu, Abimeleque foi finalmente morto com uma pedra de moinho que uma mulher deixara cair sobre sua cabeça, quando se aproximava ele de uma torre fortificada dentro da cidade. Isso pôs ponto final a todas as tentativas de estabelecer um reinado em Israel, nos dias dos juizes.

Pouco se sabe acerca de Tola e Jair. Visto que nenhum grande feito concernente a eles é mencionado, suas responsabilidades devem ter sido meramente judiciais. Tola, da tribo de Issacar, manteve-se em Samir, localizada em algum ponto da região montanhosa de Efraim. Um governo de vinte e três anos lhe é atribuído.



Jair julgou na região gileadita, a leste do rio Jordão, durante vinte e dois anos. O fato de que ele tinha uma família de trinta filhos indica não somente uma ostentosa poligamia, mas igualmente sua categoria e posição de riqueza na cultura da época.

A apostasia prevaleceu uma vez mais quando Israel se voltou para Baal e outras divindades pagãs. Dessa vez a opressão veio de duas direções: os filisteus pressionavam do sudoeste e os amonitas invadiam vindos do leste. O livramento na área da Transjordânia ocorreu sob a liderança de Jefté.

Por ser filho de uma prostituta, Jefté foi banido da comunidade da família desde seus primeiros anos de vida. Tornara-se chefe de uma brigada de rufiões ou capitão de saqueadores em Tobe, que provavelmente estava localizada a nordeste de Gileade. Quando os gileaditas precisavam de um líder, Jefté foi convidado a retornar. Antes de aceitar a incumbência, entretanto, ele firmou um solene pacto com os anciãos de Gileade, de que o reconheceriam como seu líder.

Quando Jefté lançou um apelo aos amonitas, estes responderam com uma força armada. Antes de dirigir-se à batalha, Jefté fez um voto, obrigando-se a cumpri-lo se voltasse vitorioso. Fortalecido pelo Espírito do Senhor, Jefté obteve grande vitória, sendo os israelitas libertados dos amonitas, que os vinham oprimindo por dezoito anos. Quando os efraimitas protestaram, por não terem sido selecionados a participar da batalha contra os amonitas, ele evitou com sucesso a ameaça militar de Efraim com seu próprio exército.

Teria Jefté, realmente, sacrificado sua filha para cumprir seu voto? Nesse dilema por certo ele não teria agradado a Deus com um sacrifício humano, o que, em parte alguma das Escrituras, conta com a aprovação divina. De fato, esse foi um dos pecados grosseiros por cuja causa os cananeus deveriam ser exterminados. Por outro lado, como poderia ele agradar a Deus se não cumprisse seu voto? Embora os votos fossem feitos voluntariamente em Israel, uma vez que uma pessoa fizesse um voto ficava obrigado a dar-lhe cumprimento (veja Nm 6:1-21). O que fica claramente implícito em Jz 11 é que Jefté cumpriu o seu voto (veja v. 39). Mas a maneira pela qual ele o fez tem sido sujeitada a várias interpretações.

Que os líderes não se moldavam à religião pura, nos dias dos juízes, é patente no registro bíblico.<sup>18</sup> Jefté, que tinha um passado meio-cananeu, pode ter-se conformado aos costumes pagãos prevalentes, ao sacrificar realmente sua própria filha.<sup>19</sup> Visto que os montes eram considerados símbolos de fertilidade pelos cananeus, sua filha se retirou para as montanhas, a fim de lamentar sua virgindade, para evitar qualquer possível rompimento na fertilidade da terra.<sup>20</sup> Periodi-

<sup>18</sup>Gideão fez uma estola de ouro, que fez os israelitas penderem para a idolatria. A vida de Sansão esteve longe de ser um exemplar de religião pura.

<sup>19</sup>Esse ponto de vista foi mantido por intérpretes judeus e cristãos até ao século XII d. C. Quanto a uma completa discussão, veja o *Internacional Critical Commentary sobre Judges*, por George Foote Moore (Nova Iorque: Scribner's, 1895), págs. 301-305. Cf. também F. F. Bruce, "Juízes", em *O Novo Comentário da Bíblia*. São Paulo. Edições Vida Nova, págs. 287. Cf. também *Modern Science and the Christian Faith* (Wheaton: Van Kampen, 1948), págs. 134-135.

<sup>20</sup>Quanto a uma discussão sobre os ritos de fertilidade, veja J. D. Frazer, *The Golden Bough* (Londres: Macmillan & Co., 1890).

camente, a cada ano, donzelas israelitas passavam quatro dias a reinterpretar o lamento da jovem sacrificada.<sup>21</sup>

Se a familiaridade de Jefté com a lei lhe deu consciência do desprazer divino ante os sacrifícios humanos, talvez ele tenha dedicado sua filha ao serviço do tabernáculo.<sup>22</sup> Assim fazendo ele teria cumprido seu voto e ter-se-ia moldado à idéia essencial da completa consagração, que era simbolizada nos holocaustos. Visto que sua filha era sua filha única, Jefté perdeu toda esperança de ter posteridade.<sup>23</sup> Desse modo, ele pode ter satisfeito às obrigações de seu voto sem incorrer em sacrifício humano — um voto que talvez houvesse sido feito apressadamente, quando ele estava sob pressão.

Embora a maneira pela qual Jefté cumpriu seu voto não seja delineada na narrativa bíblica, ele enfrentou o desafio para libertar seu povo da opressão, sendo alistado como um dos heróis da fé (veja Hb 11:32).

Ibsã julgou Israel por sete anos. Se Belém, lugar de suas atividades, e onde foi sepultado, é a bem conhecida cidade de Judá, ou é uma aldeia de Zebulom, não se tem certeza. A menção de trinta filhos e trinta filhas indica sua posição de riqueza e influência.

Elom, declaradamente, julgou durante dez anos: Aijalom, na terra de Zebulom, era seu lar e lugar onde serviu ao seu povo.

Abdom, o próximo juiz na lista, viveu em Efraim. Estando em posição financeira capaz de fornecer asnos a setenta membros de sua família, Abdom deve ter sido homem de grandes posses e influência em seu país. Julgou Israel por oito anos.

Israel foi oprimido simultaneamente pelos amonitas e pelos filisteus (veja Jz 10:6). Enquanto Jefté derrotou os primeiros, Sansão foi o herói que resistiu e desafiou o poder dos últimos. Visto que Sansão nunca libertou Israel inteiramente do domínio filisteu, é difícil datar o período de quarenta anos mencionado em Jz 13:1. Vinte anos são atribuídos ao período de liderança de Sansão (veja Jz 15:20).

Sansão foi um grande herói, dotado de força sobrenatural, lembrado primariamente por seus feitos militares. Que ele seria nazireu foi anunciado a seus pais danitas, antes de seu nascimento. Manoá e sua esposa foram instruídos, mediante revelação divina no sentido de que seu filho começaria a livrar Israel da opressão filistéia. Por toda a narrativa são feitas numerosas referências ao fato de que o Espírito do Senhor estava sobre ele (veja Jz 13:25; 14:5,19 e 15:14). Suas atividades se limitaram à planície marítima e à região montanhosa de Judá, onde ele se esforçou para fazer estacar a ocupação do território israelita por parte dos filisteus.

<sup>21</sup>O dr. Dwight W. Young sugere, em apoio a esse ponto de vista, que o problemático vocábulo “Tana”, provavelmente, é um aramaísmo que significa “repetir”, “reinterpretar”, estando relacionado ao termo hebraico “Shana”.

<sup>22</sup>Quanto a esse ponto de vista, veja C. F. Keil, em seu comentário sobre **Judges**, págs. 388-395. David Kimchi (século XII d. C.) e outros rabinos assumiram esse ponto de vista, comparando o ato de Jefté à experiência de Abraão, onde um sacrifício humano não foi realmente executado.

<sup>23</sup>A familiaridade de Jefté com a história de Israel, conforme o registro de Nm 11:12-28, é evidente. Eram proibidos os sacrifícios humanos, Lv 20:2. Não ter filhos ou herdeiros era tido como uma calamidade em Israel. Ana (veja 1 Sm 1) dedicou seu filho ao serviço do tabernáculo. Quanto a alusões incidentais a mulheres, em tal serviço, veja Êx 38:8 e 1 Sm 2:22.

Numerosas narrativas, que podem ter sido apenas uma mostra de tudo quanto Sansão fez, estão registradas no livro de Juízes. A caminho de Timna ele despedaçou um leão com suas mãos nuas. Quando foi obrigado a fornecer trinta vestes festivas aos filisteus, que com desonestidade haviam obtido resposta para o enigma que ele apresentara quando de seu casamento, em Timna, ele matou trinta filisteus em Asquelom. Noutra ocasião, ele soltou trezentas raposas com tochas amarradas a elas, para destruir as messes dos filisteus. Em reação à retaliação deles, Sansão tirou a vida de muitos filisteus, perto de Etã. Quando os homens de Judá entregaram-no amarrado às mãos do inimigo, as cordas que o amarravam se partiram, quando o Espírito do Senhor veio sobre ele. Sozinho, ele abateu mil homens, usando a queixada de um jumento. Em Gaza ele retirou os portões da cidade, de noite, e carregou-os pelo espaço de quase sessenta e cinco quilômetros a leste de uma colina próxima de Hebrom.

O envolvimento de Sansão com Dalila, cujas simpatias eram todas com os filisteus, provocou a sua queda. Por três vezes, ele repeliu com êxito aos filisteus, quando a mulher o traiu nas mãos deles. Entretanto, quando ele revelou o segredo da sua força para Dalila, e seus cabelos foram cortados, Sansão perdeu as forças. Os filisteus arrancaram-lhe os olhos e forçaram-no a movimentar um moinho como escravo. Mas Deus restaurou sua força quando de seu feito final, e ele derrubou as colunas do templo de Dagom, matando mais filisteus do que o fizera durante todos os seus encontros anteriores.

A despeito de sua fraqueza, Sansão adquiriu renome entre os heróis da fé (veja Hb 11:32). Dotado de força física tão imensa, sem dúvida teria podido fazer muito mais; porém, iludido pelo pecado, fracassou na sua missão de livrar Israel. No máximo conseguiu restringir temporariamente aos filisteus, de modo que Israel não fosse deslocado da terra prometida.

### *Condições Religiosas, Políticas e Sociais*

Os capítulos finais dos livros de Juízes e Rute descrevem as condições reinantes nos dias de líderes heróicos como Débora, Gideão e Sansão. Sem referências cruzadas às atividades de qualquer dos juízes particulares nomeados nos capítulos anteriores, é difícil datar esses acontecimentos de modo específico. Os rabinos associam a narrativa de Mica e da migração danita à época de Otoniel; mas, devido à ausência de detalhes históricos é impossível certificarmos de quão dignas de confiança são essa e outras tradições rabínicas similares. O máximo que se pode fazer é limitar esses eventos aos dias "... em que julgavam os juízes..." e nos quais "... não havia rei em Israel..." (Rt 1:1 e Jz 21:25).

Mica e seu santuário servem de exemplo da apostasia religiosa que prevalecia nos dias dos juízes. Quando Mica, um efraimita, devolveu 1.160 siclos furtados de sua mãe, ela deu 200 siclos a um ourives, o qual fez uma imagem de escultura, esculpida em madeira e recoberta de prata, bem como outra imagem fundida feita inteiramente de prata. Com esses símbolos idólatras Mica estabeleceu um santuário, ao qual acrescentou uma estola sacerdotal e ídolos do lar, tendo nomeado ainda sacerdote a um de seus filhos. Quando um levita de Belém por acaso fez parada nessa capela, sobre o monte Efraim, Mica firmou com ele um acordo, contratando-o como seu sacerdote oficial, na esperança de que o Senhor faria prosperar o seu empreendimento.

Cinco danitas, enviados como grupo de reconhecimento para localizar mais terras para sua tribo, pararam no santuário de Mica a fim de pedir conselhos de seu levita. Após ser-lhes assegurado o sucesso, prosseguiram caminho e encontraram condições favoráveis para conquista de mais territórios em Laís, cidade localizada nas vizinhanças das cabeceiras do rio Jordão. Em resultado disso, seiscentos danitas migraram para o norte. A caminho, convenceram ao levita de que lhe era melhor servir de sacerdote para uma tribo do que para um só indivíduo. Quando Mica e seus vizinhos fizeram objeção, os danitas, sendo mais numerosos, simplesmente levaram o levita e os deuses de Mica para Laís, ao norte, que daí por diante foi denominada Dã. Ali, Jônatas, que sem dúvida era o nome do levita, estabeleceu um santuário para os danitas, em substituição a Silo. Se nenhuma omissão ocorre na genealogia (veja Jz 18:30) desse Jônatas, é perfeitamente possível que a migração teve lugar nos primeiros dias dos juizes.

O crime sexual em Gibeá e os acontecimentos que se seguiram provocaram guerra civil em Israel. Um levita da região montanhosa de Efraim e sua concubina, ao retornarem de uma visita aos pais da mulher, em Belém, pararam em Gibeá para passar a noite. Tinham passado além de Jebus, na esperança de receber melhor hospitalidade em Gibeá, que era uma cidade benjamita. Durante a noite, os homens de Gibeá reclamaram e então se apossaram da concubina do levita. Pela manhã, ela foi encontrada morta à entrada da casa. O levita tomou o cadáver ao interior da casa e o cortou em doze pedaços, que ele enviou por toda a terra. O povo inteiro de Israel, de Dã e Berseba, ficou tão chocadado diante dessa atrocidade que se reuniram os homens em Mispá. Ali diante de um ajuntamento de 400 mil homens, o levita narrou o quanto fora maltratado pelos benjamitas.

Quando a tribo de Benjamim se recusou a entregar os homens de Gibeá que haviam cometido esse crime, estourou a guerra civil. Os benjamitas reuniram uma força combatente de 26 mil homens, incluindo uma divisão de 700 homens que atiravam com a funda. O resto de Israel, então, reuniu-se em Betel, onde estava localizada a arca do Senhor, a fim de receber instruções de guerra da parte de Finéias, o sumo sacerdote. Por duas vezes as forças israelitas foram derrotadas em seu ataque contra Gibeá. Da terceira vez, entretanto, conquistaram e incendiaram a cidade, matando a todos os benjamitas, com exceção de seiscentos homens que fugiram e se refugiaram na penha Rimom. A destruição e devastação em Benjamim foi bastante extensa, de tal modo que a tribo se viu muito reduzida à desgraça. Após quatro meses houve reconciliação com os 600 homens restantes. Então providenciaram a restauração e o casamento daqueles homens, a fim de que os benjamitas fossem reintegrados como uma das tribos da nação de Israel.

A história de Rute, nos provê um vislumbre numa era mais pacífica dos dias em que governavam os juizes.<sup>24</sup> Essa narrativa fala da migração de uma família israelita inteira - Elimeleque, Noemi e seus dois filhos - para Moabe, quando houve fome em Judá. Ali os dois filhos se casaram com mulheres moabitas, Rute e Orfa. Após a morte de seu marido e de ambos os seus filhos, Noemi retornou a Belém, acompanhada por Rute. Com a passagem do tempo Rute contraiu núpcias com Boaz e, subseqüentemente, figurou na linhagem davídica, da família real de Israel.

<sup>24</sup>Josefo, *Antiquities*, v. 9:1, data a história de Rute nos dias de Eli. A alusão a *Salmom*, pai de Boaz, marido de Raabe, aponta para uma data mais recuada. Visto que Boaz foi o bisavô de Davi, a genealogia de Mateus contém hiatos.

## LEITURAS SELECIONADAS

- Aharoni, Y. **The Land of the Bible**. Filadélfia: Westminster Press, 1966.
- Anderson, B. **Understanding the Old Testament**. Englewood Cliffs, Nova Jersey: Prentice-Hall, 1957.
- Archer, G. L. **Merece Confiança o Antigo Testamento**. São Paulo; Edições Vida Nova, 1974, págs. 294-316.
- Bright, J. **A History of Israel**. Filadélfia: Westminster Press, 1959.
- Bruce, F. F. **Israel and the Nations**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1963.
- Cundall, A. e Morris, L. **Joshua-Judges**. Chicago: Inter-Varsity Press, 1968.
- deVaux, R. **Ancient Israel: Its Life and Institutions**, Nova Iorque: McGraw Hill, 1961.
- Garstang, J. **Joshua-Judges**. Londres: Constable, 1931.
- \_\_\_\_\_, e J. B. E. **The Story of Jericho**. Ed. revisada. Londres: Marshall, Morgan e Scott, 1948.
- Gurney, O. R. **Anatolia, ca. 1750-1600 B. C.** Cambridge; University Press, 1962.
- \_\_\_\_\_. **The Hittites**. Ed. revisada. Harmondsworth, Inglaterra: Penguin, 1961.
- Kaufmann, Y. **The Biblical Account of the Conquest of Canaan**. Jerusalém: Magnes Press, 1953.
- Kenyon, K. **Digging Up Jericho**. Londres: Ernest Benn, 1957.
- \_\_\_\_\_. **Archaeology in the Holy Land**. Nova Iorque: Frederick A. Praeger, 1960.
- Pritchard, J. **Gibeon: Where the Sun Stood Still**. Princeton: University Press, 1962.
- Woudstra, M. H. **The Ark of the Covenant from Conquest to King/ship**. Filadélfia: Presbyterian & Reformed Publishing House, 1965.

## Capítulo VII

### Tempos de Transição

Nos séculos XI e X a. C. Israel estabeleceu e manteve a mais poderosa monarquia de toda a sua história. Nem antes e nem depois aquela nação teve fronteiras tão amplas e mereceu tanto respeito internacional. Essa expansão foi possível, em grande medida, porque nenhuma interferência pôde vir das extremidades do Crescente Fértil durante aquela era.

#### Nações Vizinhas

O Egito declinara a uma posição muito debilitada. Ramsés III (cerca de 1198 - 1167 a. C.), o Faraó da vigésima dinastia que fora suficientemente forte para expelir invasores estranhos, morreu às mãos de um assassino. Sob os Ramsés IV - XII (cerca de 1167 - 1085 a. C.), o poder dos reis egípcios foi sucumbido gradativamente ante a família sacerdotal agressivamente política.<sup>1</sup> Por volta de 1085 a. C., Heri-Hor, o sumo sacerdote, começou a governar o Egito em Carnaque, em Tebas, enquanto príncipes títeres controlavam Tânis. A perda de prestígio pelo Egito se reflete no tratamento desrespeitoso conferido a Wen-Amom<sup>2</sup> em suas viagens a Biblos, como enviado egípcio (cerca de 1080 a. C.). Não foi senão já no quarto ano do reinado de Reoboão (cerca de 927 a. C.) que o Egito se achava em condições para invadir a Palestina (veja 1 Rs 14:25,26).

Os assírios, sob Tiglate-Pileser I (cerca de 1113 - 1074 a. C.), ampliaram sua influência para oeste, incluindo a Síria e a Fenícia. Antes de muito tempo, todavia, os próprios assírios sentiram os efeitos da invasão proveniente do ocidente.<sup>3</sup> Durante o reinado de Assur-Rabi II (cerca de 1012 - 975 a. C.), colônias assírias ao longo do rio Eufrates foram deslocadas por tribos aramaicas que migravam. Somente depois de 875 a. C. é que a Assíria reconquistou o controle do alto vale do Eufrates, podendo fazer frente aos poderes ocidentais na Palestina.

<sup>1</sup>Segundo o papiro Harris, aproximadamente 15% das terras cultivadas estavam sob controle dos sacerdotes, enquanto 2% do povo servia como escravo.

<sup>2</sup>Quanto à viagem de Wen-Amom à Fenícia veja Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, págs. 25-29.

<sup>3</sup>Merrill F. Unger, *Israel and the Aramaeans of Damascus*, págs. 38-46.

O arquiinimigo, que ameaçava seriamente o soerguimento de Israel com potência foi a Filístia. Repelidos em suas tentativas de penetrar no Egito, os filisteus se estabeleceram em grandes números, na planície marítima da Palestina, pouco depois de 1200 a. C.<sup>4</sup> Cinco cidades foram transformadas em fortalezas dos filisteus: Asquelom, Asdode, Ecrom, Gaza e Gate (veja 1 Sm 6:17). Sobre cada uma dessas cidades independentemente governava um “senhor”, que supervisionava o cultivo das terras próximas. Embora competissem ativamente com os fenícios, no campo do lucrativo comércio marítimo, conforme foi relatado por Wen-Amom, os filisteus ameaçaram dominar Israel durante os dias de Sansão, Eli, Samuel e Saul. Independentemente entre si, os cinco governantes das cidades se unificavam ocasionalmente para propósitos políticos e militares.

A real explicação da superioridade dos filisteus sobre os israelitas se acha no fato de que os filisteus conservavam o segredo da fundição do ferro. Os hititas da Ásia Menor contavam com oficinas de fundição de ferro desde antes de 1200 a. C., mas os filisteus tornaram-se os primeiros a usar esse processo na Palestina. Resguardando cuidadosamente esse monopólio, mantiveram Israel à sua mercê. Isso é claramente refletido em 1 Sm 13:19-22: “Ora em toda a terra de Israel nem um ferreiro se achava...” Não somente os israelitas não tinham ferreiros que fabricassem espadas e lanças, mas chegavam a depender dos filisteus para que afixassem seus instrumentos agrícolas. Com essas avassaladoras disparidades contra eles, os israelitas estiveram a pique de se sujeitarem a uma escravidão sem esperança ante os filisteus.

Embora Saul houvesse oferecido alguma resistência ao inimigo em avanço, não foi senão no tempo de Davi que foi quebrantado o poder dos filisteus. Com a ocupação de Edom, entretanto, Davi aprendeu os segredos do uso do ferro, obtendo acesso aos recursos naturais da península do Sinai. Dessa maneira pôde unificar com firmeza a nação de Israel e estabelecer supremacia militar, o que nunca mais foi seriamente desafiado pelos filisteus.

Da direção norte, a ameaça principal procedia de Arã, contra a expansão israelita.<sup>5</sup> Já desde os remotos tempos patriarcais, os arameus se tinham estabelecido no distrito de Cabur, na alta Mesopotâmia, conhecido como Arã-Naaraim. A área sob o controle deles bem pode ter-se ampliado para o ocidente até Alepo, e para o sul até Cades, às margens do rio Orontes. Até que ponto se tinham estabelecido na área de Damasco e daí para o sul durante os dias dos juízes, não temos certeza.

O mais poderoso estado arameu foi Zobá, localizado ao norte de Damasco. Hadadezer, governante de Zobá, estendeu seus domínios até o Eufrates (veja 2 Sm 8:3-9), talvez tendo chegado a arrebatado à força algumas colônias assírias de Assur-Rabi II, rei da Assíria (cerca de 1012 - 975 a. C.). As dinastias hititas de Hamate e Carquemis foram sendo gradualmente substituídas pelas dinastias aramaicas, na proporção em que estas se ampliavam para o norte. Outros estados arameus, situados a sueste de Damasco eram Maaca, Gesur e Tobe. A leste do rio Jordão e ao sul do monte Hermom havia Maaca, enquanto Gesur ficava

<sup>4</sup>James H. Breasted, *A History of Egypt* (Nova Iorque, 1912), pág. 512.

<sup>5</sup>O nome comum da “Araméia”, no Antigo Testamento, é “Síria”. Quanto a uma análise mais detalhada, veja Unger, *op. cit.*, págs. 38-55.





diretamente ao sul.<sup>6</sup> Visto que sua mãe viera dessa região, Absalão fugiu para Gesur, buscando segurança, após ter assassinado a Amom.<sup>7</sup> Tobe (veja Jz 3:11) ficava a sueste do mar da Galiléia, mas ao norte de Gileade.<sup>8</sup> Esses estados, sob a liderança de Hadadezer, representavam uma formidável barreira ante a expansão de Israel, nos dias de Davi.

Os fenícios ou cananeus ocupavam a costa marítima do Mediterrâneo, ao norte. Enquanto os arameus formavam forte reino para além da Cordilheira do Líbano, os fenícios se concentravam em seus interesses marítimos. No tempo de Davi, as cidades de Tiro e Sidom tinham estabelecido um poderoso estado, incluindo o território costeiro imediato. Mediante o comércio e as alianças eles ampliaram comercialmente a sua influência por todo o mundo mediterrâneo. Hirão, rei de Tiro, e Davi, rei de Israel, descobriram ser mutuamente benéfico manter entre si uma atitude amistosa, sem fricções militares.

Os edomitas, que habitavam na região montanhosa ao sul do mar Morto, já eram governados por reis antes do surgimento da monarquia israelita (veja Gn 36:31-39). Embora Saul tenha combatido os edomitas (veja 1 Sm 14:47), foi Davi quem, realmente, os subjogou. A declaração de que se tornaram servos de Davi, quem postara guarnições por toda a terra deles, teve uma importância muito vasta (veja 2 Sm 8:14). Das minas de Edom Davi adquiria recursos naturais como cobre e ferro, dos quais Israel muito necessitava a fim de romper o monopólio filisteu da produção de armamentos.

Os amalequitas, que também descendiam de Esaú (veja Gn 36:12), conservavam territórios a oeste de Edom, próximo da fronteira com o Egito. Saul tentou destruir os amalequitas (veja 1 Sm 15), mas falhou em efetuar expurgo completo. Posteriormente, os amalequitas assediaram Ziclague, uma cidade ocupada por Davi, quando ele era fugitivo em território filisteu. Depois disso, entretanto, são escassamente mencionados.

Os moabitas, localizados a leste do mar Morto, foram derrotados por Saul (veja 1 Sm 14:47) e foram dominados por Davi. Durante cerca de dois séculos eles permaneceram subservientes a Israel como nação tributária.

Os amonitas ocupavam o território estreito da fronteira ocidental de Israel. Saul derrotou-os em Jabes-Gileade, quando se firmou como monarca (veja 1 Sm 11:1-11). Quando os amonitas desafiaram os passos dados por Davi tendentes à amizade, através de aliança firmada com os arameus, ele não somente os conquistou (veja 2 Sm 10) mas também tomou conta de Rabate Amom, a capital deles (veja 2 Sm 12:27). Nunca mais desafiaram a superioridade israelita, durante o período do reino.

### **Sob a Liderança de Eli e Samuel**

Os tempos de Eli e Samuel assinalam a era de transição da liderança intermitente dos juízes para o levantamento da monarquia israelita. Os dois homens

<sup>6</sup>Cf. Dt 3:14; Js 12:15e13:11.

<sup>7</sup>Cf. 2Sm 3:3; 13:37.

<sup>8</sup>Cf. 2Sm 10:8-10.

não são mencionados no livro de Juízes, mas recebem atenção nos capítulos iniciais de 1 Samuel (1:1 - 8:22), como introdução da narrativa acerca do primeiro monarca de Israel. Esses capítulos podem ser subdivididos como segue:

I. Eli como sacerdote e juiz	1:1 - 4:22
O nascimento de Samuel	1:1 - 2:11
Os cultos no tabernáculo	2:12-26
Duas advertências dirigidas a Eli	2:27 - 3:21
Julgamento de Eli	4:1-22
II. Samuel como profeta, sacerdote e juiz	5:1 - 8:22
Arca é devolvida a Israel	5:1 - 7:22
Reavivamento e vitória	7:3-14
Sumário do ministério de Samuel	7:15 - 8:3
Solicita-se um rei	8:4-22
III. A liderança transferida para Saul	9:1 - 12:25
Samuel unge a Saul em segredo	9:1 - 10:16
Saul escolhido por Israel	10:17-27
Vitória sobre os amonitas	11:1-11
Inauguração pública de Saul	11:12 - 12:25

A história de Eli serve de pano de fundo do ministério de Samuel. Na posição de sumo sacerdote, Eli estava encarregado da adoração e dos sacrifícios no tabernáculo de Silo. Os israelitas esperavam dele a liderança e a orientação, nas questões religiosas e civis.

A religião de Israel se encontrava no nível mais baixo que já se registrara, nos dias de Eli. Ele falhou, não ensinando seus próprios filhos a reverenciarem a Deus: "... não se importavam com o Senhor" (1 Sm 2:12). Sob sua jurisdição, eles assumiram responsabilidades sacerdotais, abusando das pessoas que vinham oferecer sacrifícios e adorar. Não somente furtavam de Deus, exigindo a porção sacerdotal antes dos sacrifícios serem feitos, mas também se comportavam de tal modo que o povo abominou a idéia de levar seus sacrifícios a Silo. Também profanaram o santuário com a vileza e o deboche comuns à religião dos cananeus. Conforme já seria de esperar, recusavam-se a dar ouvidos às reprimendas amargas de seu pai contra a conduta deles. Não é de surpreender que Israel tivesse continuado a degenerar-se, caindo em práticas religiosas crescentemente corruptas.

Foi nessa atmosfera abominável que Samuel foi criado na infância, sob os cuidados de Eli como fora entregue. Consagrado a Deus e encorajado por sua piedosa mãe, Samuel cresceu no meio ambiente do tabernáculo, impermeável para a ímpia influência dos filhos de Eli. Um profeta cujo nome não é dado reprimende a Eli porque ele honrava mais a seus filhos do que a Deus (veja 1 Sm 2:27 ss). Sua lassidão provocara o juízo de Deus; por conseguinte, seus filhos perderiam a vida e um sacerdote fiel haveria de ministrar em lugar deles. A reiteração desse decreto foi revelada a Samuel, quando Deus falou com ele durante a noite (veja 1 Sm 3:1-18).

Súbita e rapidamente essas palavras proféticas tiveram cumprimento. Quando os assustados israelitas perceberam que estavam sendo derrotados em um encontro com os filisteus, conseguiram convencer os filhos de Eli para que trouxessem a arca da aliança, objeto mais sagrado de Israel, ao campo de batalha. A religião chegara a um nível tão baixo que o povo acreditava que a arca que representava a própria presença de Deus, poderia salvá-los da derrota. Contudo, não puderam forçar Deus a servi-los. A derrota dos israelitas foi esmagadora. O inimigo capturou a arca, matando os filhos de Eli. Não admira que quando Eli ouviu as chocantes notícias de que a arca caíra em mãos filistéias tivesse desmaiado e morrido!

Aquele foi um dia fatal para Israel. Embora a Bíblia nada diga sobre a destruição de Silo, a outras evidências que dão a entender que, nessa ocasião, os filisteus reduziram a ruínas o santuário central que havia conservado as tribos unidas. Quatro séculos mais tarde Jeremias advertiu os moradores de Jerusalém para que não pusessem sua confiança no templo (veja Jr 7:12-24 e 26:6-9). Assim como os israelitas haviam confiado na arca para sua segurança, por semelhante modo, a geração de Jeremias supôs que Jerusalém na qualidade de lugar da habitação de Deus, não poderia cair nas mãos das nações gentílicas. Jeremias sugeriu que considerassem as ruínas de Silo e tirassem proveito desse exemplo histórico. As escavações arqueológicas mostram que Silo fora reduzida a ruínas no século XI a. C. Sua destruição, nesse tempo, explica o fato de que pouco depois os sacerdotes oficiavam em Nobe (veja 1 Sm 21:1). Também é digno de nota, nessa conexão, que Israel em ocasião alguma, tentou trazer a arca de volta para Silo.

A vitória dos Filisteus desmoralizou eficazmente os israelitas. Quando a nora de Eli deu à luz a um filho, mui apropriadamente lhe deu o nome de "Icabode", porquanto ela sentia profundamente que a bênção divina fora retirada de Israel (veja 1 Sm 4:19-22). O nome dessa criança significa "Onde está a glória?", ao mesmo tempo que talvez demonstre que a religião cananéia já conseguira penetrar no pensamento israelita, porque para os devotos de Baal, tal nome seria uma alusão à morte do deus da fertilidade.<sup>9</sup>

O lugar de Samuel, na história de Israel, é singular. Sendo o último dos juizes, ele exercia jurisdição civil por toda a terra de Israel. Outrossim, ele obteve o reconhecimento de ser o maior profeta de Israel desde os tempos mosaicos. E ele também oficiava como principal sacerdote, embora não fosse da linhagem de Arão, à qual pertenciam as responsabilidades do sumo sacerdócio.

A Bíblia preserva comparativamente pouco acerca do ministério real desse grande líder. Quando Eli faleceu e a ameaça da opressão filistéia tornou-se mais pronunciada, mui naturalmente os israelitas se voltaram para Samuel esperando liderança. Depois de haver escapado do despojamento do santuário de Silo, Samuel estabeleceu morada em Ramá, onde erigiu um altar. Não há qualquer indicação, todavia, de que Ramá se tenha tornado o centro religioso ou civil da nação. O tabernáculo, que de acordo com Sl 78:60 fora abandonado por Deus, não é jamais mencionado em conexão com Samuel. Israel retomou a arca das mãos dos filisteus (veja 1 Sm 5:1 - 7:2), mas esta foi conservada em Quiriate-Jearim, na casa particular de Abinadabe, até aos dias de Davi. Aparentemente

<sup>9</sup>C. H. Gordon, *Ugarit Manual* (Roma: Pontificium Institutum Biblicum, 1955), pág. 236.

não esteve em uso público durante esse período. Samuel, não obstante, cumpria deveres religiosos oferecendo sacrifícios em Mispa, Ramá, Gilgal, Belém e onde quer que visse necessidade disso por toda a terra.<sup>10</sup> Continuou desincumbindo-se dessa função, mesmo após ter entregue as questões civis a Saul.

Com a passagem dos anos, Samuel reuniu ao seu redor um grupo de profetas, sobre os quais ele exercia considerável influência (veja 1 Sm 19:18-24). É muito provável que Natã, Gade e outros profetas, ativos na época de Davi, tivessem recebido seu estímulo da parte de Samuel.

A fim de executar suas responsabilidades judiciais, Samuel dirigia-se anualmente a Betel, Gilgal e Mispa (veja 1 Sm 7:15-17). Poder-se-ia inferir que, nos primeiros anos antes que houvesse delegado responsabilidades a seus filhos, Joel e Abias (veja 1 Sm 8:1-5), ele teria incluído localidades distantes como Beerseba, nos seus circuitos por toda a nação.

Deve se lançar no crédito de Samuel que ele se impôs sobre os israelitas para que expurgassem a adoração nos moldes do culto cananeu, em suas fileiras (veja 1 Sm 7:3 ss.). Em Mispa, o povo se reuniu penitente para orar, jejuar e oferecer sacrifícios. A palavra de convocação chegou aos ouvidos dos filisteus, que em vista disso se aproveitaram da situação para lançar um ataque. Em meio à refrega, severa tempestade lançou o termo nos corações dos mercenários filisteus, provocando confusão e pondo-os em fuga. Evidentemente a trovoadá adquiriu significado portentoso para os filisteus, pois nunca mais tentou engajar os israelitas em batalha, enquanto Samuel esteve no comando das tribos.

Eventualmente, os líderes tribais sentiram que deveriam fomentar sua resistência à agressão dos filisteus; de acordo com isso, clamavam por um rei. Como justificativa para o estabelecimento da monarquia salientaram que Samuel era homem idoso e que seus filhos eram moralmente ineptos para assumir o lugar dele. Astutamente Samuel rejeitou a proposta deles, implorando-lhes com eloquência que “não impusessem a si mesmos uma instituição cananéia estranha à própria maneira de vida deles”.<sup>11</sup> Quando, a despeito disso, eles persistiram em suas exigências, Samuel aquiesceu, embora só o tivesse feito após intervenção divina (veja 1 Sm8).

Quando Samuel, com relutância, consentiu ante a inovação de um reinado, não fazia idéia sobre quem Deus escolheria. Um dia, quando oficiava em um sacrifício, veio-lhe ao encontro um benjamita que viera consultá-lo acerca da localização de alguns asnos de seu pai que se tinham extraviado. Avisado de antemão sobre a chegada dele, Samuel entendeu que Saul era o escolhido de Deus para ser o primeiro rei de Israel. Não somente Samuel entreteve Saul como seu convidado de honra, quando da festividade de sacrifícios, mas também o ungiu, em particular, como “capitão sobre sua herança”, dessa forma dando a conhecer que sua posição real era uma incumbência sagrada. Quando retornava a Gibeá Saul testemunhou o cumprimento das palavras preditivas de Samuel em confirmação de haver sido selecionado para aquela responsabilidade. Em con-

<sup>10</sup>Cf. 1 Sm 7:5-9; 7:17; 13:8 e 16:2.

<sup>11</sup>I. Mendelsohn, “Samuel’s Denunciation of Kingship in the Light of the Akkadian Documents from Ugarit”, BASOR 143 (outubro de 1956), pág. 22.

vocação subsequente em Mispa, Saul foi publicamente escolhido e entusiasticamente apoiado pela maioria, em meio às aclamações populares: “Viva o rei!” (1 Sm 10:17-24). Visto que Israel não contava com uma capital, retornou Saul à sua cidade natal de Gibeá, em Benjamim.

A ameaça amonita contra Jabes de Gileade foi a oportunidade dada a Saul para confirmar a sua liderança.<sup>12</sup> Em resposta ao seu apelo nacional, o povo se concentrou para dar-lhe apoio, e que resultou em esmagadora vitória sobre os Amonitas. Reunindo todo o Israel em Gilgal, Samuel endossou publicamente a Saul como rei. Samuel lembrou-lhes que Deus lhes concedera o seu pedido. Com base na história de Israel, ele lhes assegurou a prosperidade nacional, contanto que tanto o rei como os cidadãos fossem obedientes à lei mosaica. Essa mensagem de Samuel foi divinamente confirmada diante dos israelitas por intermédio de uma súbita chuva — um fenômeno ocorrido durante a colheita do trigo.<sup>13</sup> O povo ficou profundamente impressionado e apelou para Samuel a fim de que intercedesse continuamente. Embora os israelitas se tivessem voltado para um rei, pedindo liderança, as palavras asseguradoras de Samuel — o profeta que fizera estacar a maré da apostasia e que dera início a um eficaz movimento profético em seu ministério de ensino — tornaram-nos conscientes de seu interesse sincero pelo bem estar deles: “... longe de mim que eu peque contra o Senhor, deixando de orar por vós”.

### O Primeiro Rei de Israel

Saul desfrutou de apoio entusiasta por parte de seu povo, depois de uma vitória inicial sobre os amonitas, em Jabes de Gileade. É verdade que nem todos encaram sua ascensão ao trono com satisfação fingida, mas aqueles obstinados não podiam tolerar sua avassaladora popularidade (veja 1 Sm 10:27 e 11: 12,13). No entanto, através de desobediência deliberada, Saul não tardou a arruinar suas oportunidades de sucesso. Devido às suspeitas e ao ódio, seus esforços tornaram-se tão dispersivos e as forças nacionais foram tão dissipadas que o seu reinado terminou em fracasso completo.

O relato bíblico sobre o reinado de Saul, conforme aparece em 1 Sm 13:1 - 31:13, pode ser convenientemente subdividido como segue:

I. Vitórias nacionais e fracassos pessoais	13:1 - 15:35
Saul falha não esperando por Samuel	13:1 - 15a
Os filisteus são derrotados em Micmás	13:15a - 14:46
Nações vizinhas são subjugadas	14:47 - 52
Desobediência numa vitória sobre os amalequitas	15:1 - 35

<sup>12</sup>A brutal humilhação de ter um dos olhos arrancados, como castigo, tem sido confirmado em Ugarite como uma maldição. Cf. Gordon, *The World of the Old Testament* (Garden City: Doubleday, 1958), pág. 158.

<sup>13</sup>Normalmente a Palestina desconhecia chuvas de abril a outubro. Ter recebido chuva durante a colheita do trigo, entre 15 de maio e 15 de junho, foi considerado um milagre.

II. Saul, o rei, e Davi, o fugitivo	16:1 - 26:25
Davi torna-se nacionalmente famoso	16:1 - 17:58
Saul busca apanhar Davi à traição	18:1 - 19:24
Amizade entre Davi e Jônatas	20:1 - 42
A fuga de Davi e suas consequências	21:1 - 22:23
Saul persegue a Davi	23:1 - 26:25
III. Conflito filistino-israelita	27:1 - 31:13
Os filisteus dão refúgio a Davi	27:1 - 28:2
Saul busca ajuda em Endor	28:3 - 25
Davi recupera suas possessões	29:1 - 30:31
Morte de Saul	31:1 - 13

Saul foi um guerreiro que conduziu sua nação a inúmeras vitórias militares. Em uma localização estratégica, em uma colina, a quase cinco quilômetros ao norte de Jerusalém Saul fortificou Gibeá<sup>14</sup> a fim de contrabalançar a superioridade militar dos filisteus. Aproveitando-se do bem sucedido ataque que fora lançado por seu filho, Jônatas, Saul pôs os filisteus em fuga, na batalha de Micmás (veja 1 Sm 13 - 14). Entre outras nações derrotadas por Saul (veja 1 Sm 14:47,48), figuravam os amalequitas (veja 1 Sm 15:1-9).

O sucesso inicial do primeiro rei de Israel não obscureceu suas fraquezas pessoais. O rei de Israel ocupava uma posição singular entre os dirigentes contemporâneos, tendo a responsabilidade de reconhecer pessoalmente o profeta, que era o representante de Deus. Quanto a esse particular, Saul falhou duas vezes. Aguardando impacientemente pela chegada de Samuel em Gilgal, Saul oficiou pessoalmente ao sacrifício (veja 1 Sm 13:8). Em sua vitória sobre os amalequitas ele cedeu ante à pressão do povo, ao invés de pôr em execução as instruções de Samuel. Solenemente o profeta advertiu-o de que Deus não se agrada com sacrifícios que visem a substituir a obediência. Com essa escaldante reprimenda Samuel deixou o rei Saul entregue aos seus próprios recursos. Por causa da desobediência, Saul perdeu seu reinado.

A unção de Davi, por Samuel, em cerimônia particular, era algo que Saul desconhecía.<sup>15</sup> Devido a ter posto fim a Golias, Davi subiu para o centro de atenções na nação. Quando foi enviado por seu pai a fim de levar suprimentos a seus irmãos, que serviam no exército israelita, acampado defronte dos filisteus, Davi ouviu as ameaças blasfemas de Golias. Davi raciocinou que Deus, que o ajudara a matar ursos e leões, também lhe daria capacidade para matar aquele inimigo que desafiava os exércitos de Israel. Quando os filisteus perceberam que Golias, o gigante de Gate, fora morto, fugiram de diante de Israel. O reconhecimento nacional conferido ao heróico Davi foi subsequente expresso na

<sup>14</sup>Saul talvez tenha sofrido uma severa derrota a princípio, e então reconstruiu Gibeá como poderoso fortim. Cf. Wright, *Biblical Archaeology*, págs. 121-123.

<sup>15</sup>1 Sm 16 - 18 não foi necessariamente escrito em ordem cronológica. Quanto a maiores estudos, veja E. J. Young, *Introdução ao Antigo Testamento*: Edições Vida Nova: São Paulo, 1964, pág. 190, e *O Novo Comentário da Bíblia*; Edições Vida Nova: São Paulo, págs. 311-313.

declaração popular: “Saul feriu os seus milhares, porém Davi os seus dez milhares”.

Em outras ocasiões Davi tocara música na corte do rei, a fim de tranquilizar o espírito perturbado de Saul. Tão séria era a desordem mental do monarca que ele chegou a tentar matar o jovem músico. Após esse feito heróico, Saul não somente tomou conhecimento de Davi — talvez a fim de galardoar sua família com a isenção de impostos - mas também vinculou-o permanentemente à corte real.

Abandonado a seus próprios recursos, Saul tornou-se suspeito e extremamente invejoso de Davi. Por numerosos e sutis esquemas Saul procurou remover esse jovem herói nacional. Exposto aos arremessos de lança de Saul ou aos perigos da batalha, Davi conseguiu escapar com êxito a toda manobra que visava à sua ruína. Mesmo quando Saul pessoalmente se dirigiu a Naiote, onde Davi se refugiara em companhia de Samuel, ele foi influenciado pelo espírito dos profetas de modo tal que não foi capaz de prejudicar ou de deter Davi.<sup>16</sup>

Estar ligado à corte real mostrou ser vantajoso para Davi quanto a diversos aspectos. Ele se distinguiu nos feitos militares ao comandar unidades do exército israelita em ataques bem sucedidos contra os filisteus. Em seu relacionamento pessoal com Jônatas ele participou de uma das mais nobres amizades de que há notícia nos tempos do Antigo Testamento. Mediante sua íntima associação com o filho do rei, Davi foi capacitado a aquilatar os pusilânimes desígnios de Saul com maiores minúcias, garantindo-se assim contra perigos desnecessários. Quando Davi e Jônatas se aperceberam de que chegara o tempo de Davi fugir, selaram então sua amizade com um pacto (veja 1 Sm 20:11-23).

Davi fugiu para os filisteus, buscando segurança. Tendo-lhe sido negado refúgio por Aquis, rei de Gate, ele se dirigiu para Adulão, onde quatrocentos conterrâneos de tribo se aliaram a ele. Tendo a seus cuidados tão numeroso grupo de pessoas, com o tempo ele fez arranjos para que alguns elementos de sua gente residissem em território moabita. Entre os conselheiros que se associaram a ele estava o profeta Gade.

Quando Saul ouviu dizer que Abimeleque, sacerdote de Nobe, fornecera suprimentos a Davi, que se dirigia para a Filístia, ordenou a execução do sacerdote, juntamente com a de oitenta e cinco outros sacerdotes. Abiatar, filho de Abimeleque, escapou e se uniu ao bando de fugitivos de Davi.

Não demorou muito para que Saul desse vazão aos seus sentimentos maliciosos para com Davi, mediante perseguição franca. Por diversas vezes Davi se viu seriamente em perigo. Após aliviar a cidade de Queila dos ataques filisteus, ele residiu ali até haver sido deslocado do lugar por Saul. Escapando para Zife, a cinco quilômetros ao sul de Hebrom, foi traído pelos moradores de Zife e cercado pelo exército de Saul. Um ataque filisteu bem sincronizado impediu Saul de agarrar Davi nessa oportunidade. Subseqüentemente, noutra expedição a Enge-

<sup>16</sup>Quanto a uma discussão acerca de Saul entre os profetas, veja *O Novo Comentário da Bíblia*: Edições Vida Nova: São Paulo, pág. 346.

di (1 Sm 24) e, finalmente, em Haquilá, Saul se viu frustrado em seus esforços para matá-lo.

Por diversas vezes Davi teve a oportunidade pessoal de tirar a vida do rei de Israel. Mas de cada vez ele se recusou a isso, reconhecendo que Saul era o ungido do Senhor. Embora Saul tenha ficado profundamente comovido, admitindo temporariamente suas atitudes aberrantes, não demorou para que reiniciasse suas hostilidades.

Estando Davi e seu grupo no deserto de Parã, eles prestaram serviços aos residentes da região, protegendo suas propriedades de bandos de ladrões assaltantes.<sup>17</sup> Nabal, proprietário de ovelhas que residia em Maom, mas que fazia a toquia de suas ovelhas perto da aldeia de Carmelo, ignorou o pedido de Davi acerca de “dinheiro de proteção”. A fim de encobrir a sua própria mesquinhez, ao recusar-se a compartilhar de suas riquezas com outrem, ele deu a entender que Davi era um escravo fugido de seu senhor. Sentindo que a situação era séria, Abigail, esposa de Nabal, judiciosamente evitou a retaliação enviando seu próprio apelo a Davi, juntamente com presentes elaborados. Quando Nabal recuperou-se de sua intoxicação alcoólica e soube que escapara por pouco da vingança de Davi, ficou tão abalado que faleceu dez dias mais tarde. Posteriormente, Abigail se tornou esposa de Davi.

Davi temia que algum dia Saul pudesse apanhá-lo desprevenido. A fim de resguardar a si mesmo e seu grupo de mais de seiscentos homens, além de mulheres e crianças, ele pediu e obteve permissão de Aquis para residir na cidade filistéia de Ziclague. Ali ele ficou durante, aproximadamente, o ano e meio que ainda restou do reinado de Saul. Perto do final desse período Davi acompanhou os filisteus a Afeque, para combater contra Israel. Porém, foi-lhe negada a participação na batalha. Retornou a Ziclague em tempo de recuperar suas possessões que tinham sido tomadas em um ataque dos amalequitas.

Os exércitos israelitas se acamparam no monte Gilboa para combater contra os filisteus. Algo mais do que o temor do inimigo, a quem já derrotara em oportunidades anteriores, perturbava ao rei de Israel nessa época. Samuel, desde há muito ignorado por Saul, não podia mais ser entrevistado. Saul voltou-se para Deus, mas não obteve resposta por meio de sonhos, do Urim ou dos profetas. Ficou aterrorizado. Em desespero, apelou para médiuns espíritas, que ele mesmo banira no passado.<sup>18</sup> Localizando em Endor uma mulher que era possesa de um espírito de adivinhação, Saul pediu para ver a Samuel. Sem importar o poder que essa mulher possuía, é patente, no registro sagrado, segundo se vê em 1 Sm 28:3-25, que a intervenção de um poder sobrenatural, capaz de trazer o profeta Samuel em forma espiritual, estava fora do controle dela. Saul foi uma vez mais lembrado por Samuel que, por causa de sua própria desobediência, ele perdera o reino. Em sua mensagem a Saul o profeta predisse a morte do rei e de seus três filhos, bem como a derrota de Israel.

De coração oprimido e com a idéia fixa dos trágicos acontecimentos que o esperavam, Saul retornou ao acampamento naquela noite lúgubre. Durante a

<sup>17</sup>Cf. Cyrus Gordon, *The World of the Old Testament*, pág. 163.

<sup>18</sup>O ocultismo, conforme era praticado pelas nações politeístas circunvizinhas, era contrário à lei mosaica. Cf. Lv 19:31; 20:6,27; Dt 18:10,11. Quanto a maiores discussões, veja Merrill F. Unger, *Biblical Demonology: A study of the Spiritual Forces behind the Present World Unrest* (Wheaton, 111., 1952), págs. 148-152.



batalha que houve na planície de Jezreel as forças israelitas foram postas em fuga, retirando-se para o monte Gilboa. No decurso da perseguição os filisteus tiraram as vidas dos três filhos do rei. O próprio Saul foi ferido por arqueiros inimigos. A fim de evitar tratamento brutal às mãos do inimigo, ele caiu sobre a própria espada, pondo fim à própria vida. Os filisteus obtiveram uma vitória decisiva, conseguindo um controle indisputável sobre o fértil vale, desde a costa até o rio Jordão. Também ocuparam muitas cidades, de onde os israelitas foram forçados a fugir. Os corpos de Saul e de seus filhos foram mutilados e enforcados na fortaleza de Bete-Seã, pertencente aos filisteus. Mas os cidadãos de Jabes de Gileade resgataram-nos a fim de dar-lhes sepultura. Posteriormente, Davi providenciou a transferência dos restos mortais para a propriedade da família de Saul, em Zela, na tribo de Benjamim (veja 2 Sm 21:11).

Verdadeiramente trágico foi o final do reinado de Saul, que foi o primeiro rei de Israel.<sup>19</sup> Embora escolhido por Deus e ungido mediante a oração do profeta Samuel, ele não percebeu que a obediência era essencial para a incumbência sagrada e singular que lhe foi proporcionada por Deus — para ser “capitão sobre sua herança”.

#### LEITURAS SELECIONADAS

- Free, J. P. **Archaeology and Bible History**, 5ª ed. revisada. Wheaton, Ill.: Scripture Press, 1956, págs. 146-153.
- Grollenberg, L. H. **Atlas of the Bible**. Nova Iorque: Nelson & Sons, 1956. Págs. 64-67.
- Renwick, A. M. “**I e II Livros de Samuel**”, em **O Novo Comentário da Bíblia**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1976, Págs. 301-347.
- Young, Edward J. **My Servants the Prophets**. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1955.

— O —

<sup>19</sup>Embora a data para o fim do reinado de Saul seja aproximadamente 1011 a. C., as datas específicas para Eli, Samuel e o começo do reinado de Saul são incertas.

## *Capítulo VIII*

---

### **A União de Israel sob Davi e Salomão**

O período áureo de Davi e Salomão nunca foi duplicado nos tempos do Antigo Testamento. A expansão territorial e os ideais religiosos, conforme são contemplados por Moisés, se concretizaram em grau maior do que jamais antes ou depois, na história de Israel. Nos séculos seguintes, as esperanças proféticas acerca da restauração da sorte de Israel são repetidamente alusivas ao reino davídico como um ideal.

#### **União e Expansão Davídicas.**

Os empreendimentos políticos de Davi foram assinalados pelo sucesso. Em menos de uma década, depois da morte de Saul, todo o Israel se juntou em apoio a Davi, o qual dera início a seu reinado somente com o pequeno reino de Judá. Por meio de sucessos militares e de gestos de amizade em breve ele controlava o território que vai desde o rio do Egito e o golfo de Ácaba até às costas fenícias e a terra de Hamate. O respeito internacional e o reconhecimento obtidos por Davi para Israel continuaram intocados pelas potências estrangeiras até aos anos finais do reinado de Salomão.

O novo rei também se distinguiu como líder religioso. Embora lhe fosse negado o privilégio de construir o templo, ele fez laboriosos preparativos para sua edificação, por seu filho, Salomão. Através da liderança de Davi, os sacerdotes e levitas foram profundamente organizados para que participassem eficazmente nas atividades religiosas da nação inteira.<sup>1</sup>

O livro de 2 Samuel retrata o reinado de Davi com grandes detalhes. Uma longa secção (11 - 20) nos proporciona o relato exclusivo do pecado, crime e rebelião que houve na família real. A transferência do trono para Salomão e o falecimento de Davi são narrados nos capítulos iniciais de 1 Reis. O livro de 1 Crônicas, que igualmente conta a história do período de Davi, representa uma unida-

<sup>1</sup>Sem dúvida, muitas das cidades dadas aos levitas ou designadas cidades de refúgio, sob Moisés e Josué, não vinham sendo usadas como tais até ao tempo de Davi, quando foram desalojados seus ocupantes pagãos. Cf. Merrill F. Unger, *Archaeology and the Old Testament*, págs. 210-211 e W. F. Albright, *Archaeology and the Religion of Israel*, pág. 123.

de independente, que focaliza a atenção como o primeiro monarca de uma dinastia contínua. À guisa de introdução ao estabelecimento do trono davídico, o cronista apresenta o pano-de-fundo genealógico das doze tribos sobre as quais Davi governava. Saul é escassamente mencionado, após o que Davi é apresentado como rei de toda a nação de Israel. A organização de Israel, política e religiosamente falando, é exposta de forma mais elaborada, e a supremacia de Davi sobre as nações circunvizinhas recebe maior ênfase. Antes de chegar à conclusão, com a morte de Davi, os últimos oito capítulos do livro apresentam extensa descrição de sua preparação para a construção do templo. Conseqüentemente, 1 Crônicas é um valioso complemento ao registro de 2 Samuel.

O esboço do reinado de Davi, dado neste capítulo, representa um arranjo cronológico sugerido sobre os acontecimentos registrados em 2 Samuel e 1 Crônicas:

### *O Rei de Judá*

	2 Sm	1 Cr
Pano-de-fundo genealógico		1:1 - 9:44
Davi lamenta a morte de Saul	1:1-27	
Desintegração da dinastia de Saul	2:1 - 4:12	

Nascido em tempos turbulentos, Davi foi sujeitado a um duro período de treinamento, a fim de prepará-lo para ser o rei de Israel. Foi requisitado pelo rei, para o serviço militar, depois que matou Golias, tendo ganho valiosa experiência militar em seus feitos heróicos contra os filisteus. Depois que foi forçado a abandonar a corte, dirigiu um bando de fugitivos e se tornou simpático para os proprietários de terras e de ovelhas que havia no sul de Israel, provendo-lhes proteção. Ao mesmo tempo, negociava bem sucedidas relações diplomáticas com os filisteus e moabitas, ao mesmo tempo que era considerado um fora da lei de Israel.

Davi se encontrava em território filisteu quando o exército de Saul foi decisivamente derrotado no monte Gilboa. Pouco depois que Davi resgatara suas esposas e recuperara os despojos que haviam sido tomados pelos assaltantes amalequitas, um mensageiro lhe deu notícia sobre os imponentíssimos eventos que tinham ocorrido em Israel. Dominado pela tristeza, Davi prestou tributo imortal a Saul e Jônatas, em um dos maiores panegíricos que há no Antigo Testamento. Não somente Israel perdera seu rei, mas Davi também sentiu agudamente a perda de seu amigo mais chegado, Jônatas. Quando o portador da notícia, um amalequita, antecipava uma recompensa por ter reivindicado crédito pela morte de Saul, Davi ordenou sua execução por haver tocado no ungido do Senhor.

Após ter-se certificado da aprovação divina Davi retornou à terra de Israel. Em Hebrom os líderes de sua própria tribo (Judá) ungiram-no e aclamaram-no seu rei. Ele era bem conhecido dos clãs da região, tendo protegido aos proprietários de terras e tendo compartilhado com eles dos despojos obtidos nos ataques contra seus inimigos (veja 1 Sm 30:26-31). Na qualidade de rei de Judá, Davi enviou uma mensagem elogiosa, aos homens de Jabes, por terem conferido ao rei Saul um sepultamento condigno. Não há que duvidar que esse gesto amigável e gracioso também teve reflexos políticos, porquanto Davi estava solicitando o apoio deles.

Israel se viu em tribulação séria quando terminou o reinado de Saul. A capital, em Gibeá, ou foi destruída ou gradualmente caiu em ruínas.<sup>2</sup> Eventualmente, Abner, comandante do exército israelita, foi capaz de restaurar ordem suficiente para que Isbosete (Isbaal) fosse ungido rei. A entronização teve lugar em Gileade, porque os filisteus controlavam as terras a leste do rio Jordão.<sup>3</sup> Visto que o filho de Saul reinou sobre as tribos nortistas apenas por dois anos (veja 2 Sm 2:10), durante os sete anos e meio em que Davi governou Israel em Hebrom, parece que o problema filisteu adiou a subida ao trono do novo rei por cerca de cinco anos.

Dessa maneira o povo de Judá prometeu lealdade a Davi, ao passo que os demais israelitas permaneceram leais à dinastia de Saul sob a liderança de Abner e Isbosete. Em resultado disso, irrompeu-se a guerra civil. Após ter sido severamente repreendido por Isbosete, Abner voltou-se para Davi e lhe ofereceu o apoio de todo o povo de Israel. De conformidade com o pedido de Davi, Mical, filha de Saul, lhe foi devolvida como esposa. Isso foi realizado sobre supervisão de Abner, com o consentimento de Isbosete. Dessa maneira foi publicamente expresso a Israel que Davi não cultivava animosidade contra a dinastia de Saul. O próprio Abner se dirigiu a Hebrom, onde prometeu a Davi a lealdade de todo o povo. Depois que essa aliança fora firmada, Abner foi morto por Joabe, querendo ele vingar-se de seu irmão, Asael, a quem Abner matara durante a guerra civil. A morte de Abner deixou Israel sem liderança forte. Não demorou muito tempo para que Isbosete fosse assassinado por dois homens da tribo de Benjamim. Quando os assassinos apareceram diante de Davi, foram imediatamente executados. Ele desaprovou o fato de terem morto a uma pessoa justa. Sem malícia e sem vinganças Davi obteve o reconhecimento de todo o Israel, ao passo que a dinastia foi eliminada da liderança política.

### *Jerusalém - a Capital Nacional*

	2 Sm	1 Cr
A conquista de Jerusalém	5:1-9	11:1-9
A força militar de Davi	23:8-39	11:10-12:40
Reconhecimento pela Filístia e pela Fenícia	5:10-25	14:1-17
Jerusalém - centro da religião	6:1-23	13:1-14 15:1-16:43
Um trono eterno	7:1-29	17:1-27

Não há indicação de que os filisteus tivessem interferido com a ascensão de Davi como rei de Hebrom. É possível que eles simplesmente tivessem-no considerado um vassalo enquanto o resto de Israel, dividido pela guerra civil, não oferecesse resistência unificada.<sup>4</sup>

Ficaram alarmados, porém, quando Davi foi aceito pela nação toda. Um ataque desfechado pelos filisteus (veja 2 Sm 5:17-25 e 1 Cr 14:8-17) mui provavelmente teve lugar antes da conquista e ocupação de Sião. Por duas vezes Davi os derrotou, assim impedindo a interferência deles na unificação de Israel sob o no-

<sup>2</sup>G. E. Wright, *Biblical Archaeology*, págs. 122-123.

<sup>3</sup>E. Mould, *Essentials of Bible History* (ed. revisada; Nova Iorque, 1951), pág. 188, atribui essa escolha de capital à ocupação filistéia.

<sup>4</sup>B. W. Anderson, *Understanding the Old Testament* (Englewood Cliffs, Nova Jérsei, 1957), pág. 134.

vo monarca. Não se duvida que a própria ameaça filistéia foi um fator unificador em Israel.

Ao procurar uma localização central para servir de capital da nação unificada de Israel, Davi voltou sua atenção para Jerusalém. Estava ela em local estratégico, sendo menos vulnerável a ataques. Sendo uma fortaleza cananéia, ocupada pelos jebuseus, resistira com êxito à conquista e à ocupação israelita. No Egito, registros tão remotos quanto os de 1900 a. C. aludem a essa cidade com o nome de Jerusalém. Quando Davi desafiou seus homens para que conquistassem a cidade e expulsassem aos jebuseus, Joabe aceitou o desafio e recebeu como recompensa a nomeação de chefe do quadro de pessoal militar de Israel. Com a ocupação dessa fortaleza por Davi, ela veio a tornar-se conhecida como “cidade de Davi” (1 Cr 11:17).

Durante o período davídico Jerusalém ocupava o cume de uma colina que ficava diretamente ao sul da área do templo, em uma elevação próxima de 750 m acima do nível do mar.<sup>5</sup> O local era mais particularmente conhecido com o nome de Ofel. Paralelamente ao lado oriental ficava o vale do Cedrom, que ao sul se unia ao vale de Hinom, que se espraiava para oeste. Separando-o de uma elevação ocidental, que nos tempos modernos é denominada monte Sião, havia o vale Tiropeon. De conformidade com Josefo, havia um vale na extremidade norte, separando Ofel do local utilizado para a construção do templo. Aparentemente essa área de Ofel-Sião tinha maior elevação do que o local do templo, quando da conquista davídica. No segundo século a. C., no entanto, os macabeus nivelaram a colina, atulhando os escombros da cidade de Davi no vale abaixo. Em resultado disso, os arqueólogos não têm podido vincular com confiança quaisquer artefatos ao reinado de Davi.

Quando Davi assumiu o reino sobre as doze tribos, selecionou Jerusalém para ser sua capital política. Durante os dias em que foi tido como fora da lei, era seguido por centenas de homens. Esses foram bem organizados sob suas ordens, em Ziclague, e, posteriormente, em Hebrom (veja 1 Cr 11:20 - 12:22). Esses homens se tinham destacado de tal modo em feitos militares que foram nomeados príncipes e líderes. Quando todo o Israel se unificou em apoio a Davi, a organização foi ampliada a fim de incluir a nação toda, tendo Jerusalém como centro (veja 1 Cr 12:23-40). Firmando um contrato com os fenícios, um magnífico palácio foi erigido para Davi, o rei (veja 2 Sm 5:11, 12).

Ao mesmo tempo, Jerusalém tornou-se o centro religioso da nação inteira (veja 1 Cr 13:1 - 17:27 e 2 Sm 6:1 - 7:29). Quando Davi tentou mudar a arca da aliança da casa de Abinadabe, em Quiriate-Jearim, por meio de um carro, ao invés de fazê-la transportar pelos sacerdotes (veja Nm 4), Uzá subitamente caiu morto. Ao invés de levar a arca para Jerusalém, Davi guardou-a na casa de Obed-Edom, em Gibeá. Quando sentiu que o Senhor estava abençoando aquele lar, imediatamente Davi transferiu a arca para Jerusalém, para que fosse abrigada em uma tenda ou tabernáculo. Uma adoração apropriada foi dessa forma restaurada a Israel, em escala nacional.<sup>6</sup>

<sup>5</sup>G. E. Wright, *op. cit.*, pág. 126

<sup>6</sup>Jerusalém não era o centro exclusivo de adoração. O tabernáculo mosaico e o altar de sacrifícios permaneceram em Gibeom (veja 2 Cr 1:3).

Renovando seus interesses pela religião de Israel, Davi desejou construir uma casa de adoração que fosse mais permanente. Quando expôs seu plano a Natã, o profeta, obteve a imediata aprovação deste. Na noite seguinte, entretanto, Deus comissionou Natã para que informasse ao rei de que a edificação do templo seria adiada até que o filho de Davi fosse estabelecido no trono. Isso serviu de garantia divina, dada a Davi, de que seu filho o sucederia, e de que ele mesmo não seria sujeitado a uma sorte calamitosa como aquela que sobreveio ao rei Saul. A magnitude dessa promessa feita a Davi, todavia, se estendeu para muito além do tempo e do escopo do reinado salomônico. A descendência de Davi incluía mais do que Salomão, visto que a promessa divina claramente afirmava que o trono davídico seria firmado para sempre. Mesmo que a iniquidade e o pecado prevalessem entre os pósteros de Davi, Deus julgaria e puniria aos mesmos temporariamente, mas não neutralizaria Sua promessa e nem retiraria indefinidamente a Sua misericórdia.

Nenhum reino ou dinastia terrenos jamais tiveram duração eterna — tanto quanto os céus e a terra. Nem mesmo o trono terreno de Davi — se não ligarmos sua linhagem com Jesus, o qual é especificamente identificado como Filho de Davi, no Novo Testamento. Essa certeza, dada a Davi por intermédio do profeta Natã, constitui outro vínculo na série de promessas messiânicas, dadas nos tempos do Antigo Testamento. Deus vinha desdobrando gradualmente a sua promessa inicial de que a vitória final seria realizada mediante o descendente da mulher (veja Gn 3:15). Uma revelação mais plena sobre o Messias e Seu reino eterno foi dada pelos profetas de séculos subseqüentes.

Por qual razão foi negado a Davi o privilégio de construir o templo? Nos anos finais de seu reinado, ele tomou consciência de que fora comissionado como estadista militar, a fim de estabelecer firmemente o reino de Israel (veja 1 Cr 28:3 e 22:8). Enquanto o reinado de Davi foi caracterizado pela guerra, Salomão desfrutou de um período de paz. Talvez a paz já viesse prevalecendo na época em que Davi exprimiu sua intenção de erigir um templo, mas não há como determinar, pelas Escrituras, de que modo as guerras subseqüentemente narradas se relacionam cronologicamente a essa mensagem de Natã. Talvez foi somente nos estágios finais de seu reinado que Davi veio a perceber que os dias de Salomão seriam mais oportunos para a edificação do templo.

### *Prosperidade e Supremacia*

	2Sm	1Cr
Lista de nações conquistadas	8:1-13	18:1-13
Davi compartilha de responsabilidade e bênção	8:15-9:13	18:14-17
A fome	21:1-14	
Derrota dos amonitas, sírios e filisteus	10:1-18 21:15-22	19:1-20:8
Cântico de livramento (Sl 18)	22:1-51	

A expansão do governo de Davi, começando com a área tribal de Judá até tornar-se um vasto império que dominava desde o rio do Egito até às regiões do rio Eufrates, recebe escassa atenção na Bíblia. No entanto, esse registro se reveste de importância histórica básica, porquanto Israel era a nação liderante do Crescente Fértil nos começos do século X a. C. Afortunadamente as escavações arqueológicas têm produzido informações complementares.

Imediatamente Davi foi desafiado pelos filisteus, ao ser ele aclamado rei de todo Israel (veja 2 Sm 5:17-25). Ele os derrotou por duas vezes; porém, durante certo período de tempo, é bem provável que houve batalhas frequentes, antes que ele pudesse reduzi-los a um estado tributário e subserviente. A captura de uma de suas principais cidades, Gate, e a matança dos gigantes filisteus (veja 2 Sm 8:1 e 21:15-22) provavelmente são encontros escolhidos como exemplos nesse período crucial, quando Israel obteve a hegemonia.

Bete-Seã foi conquistada durante esse período.<sup>7</sup> Em Debir e Bete-Semes, muralhas com casamatas sugerem que Davi construiu uma linha de defesa contra os filisteus.<sup>8</sup> As observações de que os filisteus tinham o monopólio do ferro, nos dias de Samuel (veja 1 Sm 3:19,20) e de que Davi usava livremente o ferro perto do fim de seu reinado (veja 1 Cr 22:3) sugerem que um longo capítulo poderia ter sido escrito sobre a revolução econômica havida em Israel. O período de proscrição e de residência na filístia não somente conferiu a Davi preparação para a liderança militar, mas sem dúvida alguma lhe deu uma familiaridade em primeira mão com as fórmulas e métodos empregados pelos filisteus na produção de armas. Quicá muitos dos planos de expansão militar e econômica tenham sido traçados enquanto Davi se encontrava em Hebrom, posto terem sido executados somente depois que Jerusalém se tornara capital. Os filisteus tinham boas razões para se alarmarem, quando a derrotada nação de Israel, antes despedaçada pela guerra, foi unificada sob Davi.

A conquista e ocupação de Edom foi estrategicamente importante. Deu a Davi uma valiosa fonte de recursos naturais. O deserto da Arábia, que se amplia para o sul, desde o mar Morto ao golfo de Ácaba, era rico em ferro e cobre, que eram necessários para quebrar o monopólio filisteu. Para garantir que esse suprimento não seria ameaçado os israelitas estabeleceram guarnições por todo o Edom (veja 2 Sm 8:14).

Aparentemente Israel sofreu pouca interferência da parte de Moabe e os amalequitas nesse período. Eles são alistados entre os povos que se tornaram subservientes, enviando ouro e prata a Davi.

Para o nordeste, o soerguimento do poder de Davi, que expandia o estado de Israel, foi desafiado pelas tribos amonitas e aramaicas. Os primeiros tinham vindo de Carquemis, às margens do Eufrates, estabelecendo-se nas fronteiras orientais da Palestina. Já eram tidos como inimigos nos dias de Saul (veja 1 Sm 14:47). Quando Davi era reputado fora da lei, pelo menos um desses estados arameus deve ter-se mostrado simpático para com ele, porquanto Talmai, rei de Gesur, dera-lhe sua filha, Maaca, como esposa (veja 2 Sm 3:3). Agora que Davi derrotara os filisteus e concluíra um tratado com os fenícios, os arameus passaram a temer o crescente poder dos israelitas. A expansão israelita punha em perigo suas riquezas, desafiando o controle que exerciam sobre as planícies férteis e sobre um amplo comércio. Após terem maltratado vergonhosamente os mensageiros de boa vontade enviados por Davi, os amonitas imediatamente envolveram os arameus na oposição a Israel; mas suas forças combinadas foram esmagadas pelas tropas de Davi.

<sup>7</sup>G. W. Wright, *op. cit.*, pág. 124

<sup>8</sup>W. F. Albright, *The Biblical Period* (Pittsburgo, 1950), págs. 24, 25.

Mais tarde, a cidade de Rabá, em Amom, foi capturada pelos israelitas (veja 1 Cr 20:1). As forças aramaicas se organizaram sob Hadadezer,<sup>9</sup> o qual empregou ou reuniu forças de lugares tão distantes quanto Arã-Naaraim ou a Mesopotâmia (veja 1 Cr 19:6). Dessa vez as forças israelitas avançaram até Helã, derrotando a poderosa coligação. Isso significou a derrota da aliança aramaico-amonita.

Ato contínuo, Davi atacou Hadadezer uma vez mais, quando os sirios<sup>10</sup> estavam planejando tomar terras no Eufrates, reivindicando território sob o controle assírio (veja 2 Sm 8:3). Damasco, que estava aliada tão de perto com Hadadezer (veja 1 Cr 18:3-8), ficou sob o domínio de Davi, o que acrescentou uma outra vitória para os israelitas. Suas guarnições ocuparam a cidade, submetendo-a a um pesado tributo, e Hadadezer entregou grandes quantidades de ouro e de bronze a Davi. O domínio dos estados arameus, até Hamate, às margens do Orontes, adicionou em muito os recursos que vieram enriquecer Israel. Não foi senão já nos anos finais do reinado de Davi que a administração israelita sobre Damasco foi desafiada.

Nesses dias de expansão nacional, as providências em favor de Mefibosete ilustram a atitude magnânima de Davi para com os descendentes de seu antecessor (veja 2 Sm 9:1-13). Quando Davi soube dos infortúnios que tinham sobrevivendo a Mefibosete, filho de Jônatas, ele lhe outorgou uma pensão tirada do tesouro real. Ao inválido foi dado um lar em Jerusalém, ficando aos cuidados do servo Ziba.

Mefibosete recebeu consideração especial em uma crise subsequente (veja 2 Sm 21:1-14), quando ocorreu um período de fome na terra de Israel. Deus revelou a Davi que essa fome era um juízo por causa do terrível crime de Saul, que tentara exterminar os gibeonitas, com quem Josué estabelecera um pacto (veja Js 9:3 ss). Percebendo que tal crime só passaria com expiação (veja Nm 35:31 ss.), Davi permitiu que os gibeonitas executassem sete dos descendentes de Saul. Mefibosete, entretanto, foi poupado. Quando Davi foi informado sobre a lamentação de Rispa, concubina de Saul, providenciou para que se fizesse um sepultamento apropriado dos ossos das sete vítimas no sepulcro da família, em Benjamim. Os restos mortais de Saul e Jônatas também foram transferidos para esse lugar. Com isso, terminou o período de fome.

Na posição de rei do império israelita, Davi não deixou de reconhecer que Deus era quem outorgava vitórias militares e prosperidade material a Israel. Em um salmo de ações de graças (veja 2 Sm 22:1-51), Davi expressou seu louvor ao Onipotente, pelo livramento de Israel das mãos inimigas, bem como das nações pagãs. Esse salmo também está registrado em Salmos 18. Representa apenas um exemplo dentre os muitos salmos que Davi compôs em diversas ocasiões durante sua movimentada carreira como menino pastor, servo na corte real, fora da lei em Israel e, finalmente, arquiteto e edificador do mais vasto império de Israel.<sup>11</sup>

<sup>9</sup>M. F. Unger, *Israel and the Arameans*, págs. 38-55.

<sup>10</sup>G. E. Wright, *op. cit.*, pág. 124. Cronologicamente, esse evento ocorreu depois do ataque de Davi contra a aliança sírio-amonita, em 2 Sm 10:1-14.

<sup>11</sup>As variações nesses dois capítulos são similares ao problema sinótico dos Evangelhos. C. F. Keil, *The Books of Samuel*, sugere que esses dois capítulos se derivaram de uma origem comum.



*Pecado na Família Real*

	2 Sm
Crime e arrependimento de Davi	11:1 - 12:31
Crime de Amom e seus resultados	13:1-36
Derrota de Absalão na rebelião	13:37 - 18:33
Davi recupera o trono	19:1 - 20:26

As imperfeições de caráter, de qualquer membro da família real, não são minimizadas nas Escrituras hebraicas. Um rei de Israel que caiu em pecado não poderia mesmo esperar escapar ao juízo de Deus. Ao mesmo tempo Davi, como pecador verdadeiramente penitente, que reconheceu sua iniquidade qualificou-se assim como homem que agradava a Deus (veja 1 Sm 13:14).

Davi tornara-se polígamo (veja 2 Sm 3:2-5 e 11:27). Embora isso seja definitivamente proibido na revelação mais completa do Novo Testamento, foi tolerado nos tempos vetero-testamentários por causa da dureza de coração do povo israelita. E também era livremente praticado pelas nações circunvizinhas. Um harém na corte era algo perfeitamente natural. Embora advertido acerca da multiplicidade de esposas na lei mosaica (veja Dt 17:17), Davi adquiriu muitas delas. Alguns desses casamentos sem dúvida alguma tiveram implicações políticas, tal como seu matrimônio com Mical, filha de Saul, e com Maaca, filha de Talmai, rei de Gesur. Tal como sucedeu com outros, Davi teve de sofrer as conseqüências, como os crimes de incesto, homicídio e rebeldia, que passaram a suceder na sua vida doméstica.

O pecado de adultério e homicídio, praticado por Davi, constituiu um autêntico crime, do ponto de vista humano. Era um período de sucesso militar e de expansão do império. Os filisteus já haviam sido derrotados e a colisão aramaico-amonita fora frustrada no ano anterior. Enquanto Davi ficou em Jerusalém, os exércitos israelitas, sob as ordens de Joabe, foram enviados para conquistar a cidade amonita de Rabá. Sentindo-se atraído por Bate-Seba, Davi cometeu adultério com ela. Ele sabia que ela era esposa de Urias, o hitita, um leal mercenário que combatia no exército de Israel. O rei mandou chamar a Urias, que se encontrava na linha de frente; mas em seguida o enviou de volta a Joabe, com uma carta que pedia que fossem arranjadas as coisas para que ele fosse morto em batalha pelo inimigo. Quando chegaram notícias a Jerusalém de que Urias fora morto em uma batalha contra os amonitas, Davi se casou com Bate-Seba. Talvez os fatos do hediondo crime de Davi ficassem em oculto, porquanto um sinistro em campo de batalha era ocorrência comum. E mesmo que tal fato fosse do conhecimento de Joabe, quem seria capaz de desafiar ou reprovar um rei?

Embora Davi não tivesse de prestar contas a quem quer que fosse em seu reino, ele deixou de perceber que esse “crime perfeito” era conhecido por Deus. No caso de um déspota de nação pagã, adultério e homicídio teriam passado sem reprimenda; porém, isso não poderia ocorrer em Israel, onde seu rei ocupava tal posição como uma incumbência sagrada. Quando Natã retratou o crime de Davi, na dramática estória do rico que tirara vantagem de seu pobre servo, Davi ficou indignado de que tal injustiça pudesse ter ocorrido sob sua jurisdição. Natã declarou ousadamente que Davi era o indivíduo culpado de adultério e assassinato. Felizmente, para Natã, o rei se arrependeu. As crises espirituais de

Davi achavam exaltada expressão em poemas (veja Sl 32 e 51). Foi-lhe propiciado o perdão, mas deveras graves foram as conseqüências domésticas que lhe sobrevieram (veja 2 Sm 12:11).

A imoralidade e o homicídio, no seio da família, não demoraram a envolver Davi na guerra civil e na contenda. A falta de disciplina e de autocontrole de Davi deixaram um exemplo negativo para seus filhos. O comportamento imoral de Amnom com sua meia-irmã resultou em seu assassinato por parte de Absalão, um outro filho de Davi. Naturalmente, Absalão incorreu no desfavor de seu pai. Como resultado, ele sentiu ser expediente deixar Jerusalém, refugiando-se com Talmai, seu avô, em Gesur. Ali ele permaneceu por três anos.

Entrementes, Joabe procurava efetuar a reconciliação entre Davi e Absalão. Utilizando-se de uma mulher de Tecoa (veja 2 Sm 14), Joabe obteve autorização da parte do rei, para trazer Absalão de volta a Jerusalém, ficando entendido que ele não podia comparecer na corte real. Após dois anos, finalmente Absalão recebeu permissão para chegar à presença do rei. Tendo recuperado o favor de seu pai, ele obteve para si mesmo uma guarda real de cinqüenta homens, com cavalos e carros. Durante quatro anos<sup>12</sup> o simpático Absalão mostrou-se excessivamente ativo nas relações públicas, nos portões de Jerusalém, conquistando as graças e a aprovação dos israelitas. Fingindo cumprir um voto, ele obteve de seu pai a permissão de dirigir-se a Hebrom.

A rebelião que Absalão encabeçou em Hebrom foi uma surpresa completa para Davi. Espias tinham sido enviados por toda a terra para que proclamassem que Absalão seria feito rei quando tocassem as trombetas. Mui provavelmente, grande número de pessoas que tinham ficado profundamente impressionadas com Absalão concluíram que, na qualidade de filho de Davi, agora ele se aposaria do reino. Seja como for, muitas pessoas davam apoio a Absalão, incluindo Aitofel, conselheiro de Davi. As forças rebeldes, conduzidas por Absalão, entraram em Jerusalém, e Davi, que estava despreparado para oferecer resistência, fugiu para Maanaim, para o lado oposto do rio Jordão. Um amigo e conselheiro devotado, Usai, seguiu o conselho de Davi e ficou em Jerusalém, a fim de contrabalançar os conselhos de Aitofel. Este, que talvez tivesse planejado a rebelião inteira, e que prometera dar apoio a Absalão desde o começo, aconselhou a Absalão a permitir-lhe perseguir a Davi imediatamente, antes que este pudesse organizar qualquer oposição. Mas Absalão pediu a opinião de Usai, que o persuadiu a adiar a perseguição por um pouco, assim obtendo o valioso tempo necessário para Davi organizar as suas forças. Tendo-se tornado um traidor, e percebendo que Davi seria restaurado ao trono, Aitofel se enforcou.

Davi era um brilhante estrategista militar. Ele preparou as suas forças para a batalha, e não demorou a pôr em fuga as tropas de Absalão. Joabe, contrariamente às ordens de Davi, tirou a vida de Absalão quando perseguia ao inimigo. Davi, tendo perdido o senso de prioridades, pôs-se a lamentar a morte de seu filho, ao invés de celebrar a vitória. Esse inesperado evento levou Joabe a re-prender ao rei, por estar negligenciando o bem estar dos israelitas, que lhe tinham prestado seu apoio leal.

<sup>12</sup>A Vulgata Siríaca e outras adotam "quatro", ao invés de "quarenta". Absalão nasceu em Hebrom. O reinado de Davi foi de quarenta anos

Tendo sido removido Absalão, o povo novamente se voltou para Davi, em busca de liderança. A tribo de Judá, que dera apoio ao filho rebelde de Davi, foi o último grupo a dar a Davi as boas vindas, depois que ele fez uma apressada concessão, substituindo Joabe por Amasa.

Quando Davi retornou à capital, desenvolveu-se outro levante em meio à confusão prevalente. Seba, um benjamita, tirando proveito do fato de que Judá trouxera Davi de volta a Jerusalém, atçou a oposição contra ele. Amasa foi comissionado a suprimir essa rebelião. No desenrolar dos acontecimentos subsequentes Joabe matou Amasa, e então conduziu a perseguição a Seba, o qual foi decapitado na fronteira síria pelos habitantes de Abel-Bete-Maaca. Joabe tocou a trombeta, regressou a Jerusalém e continuou a servir como comandante do exército de Davi.

Durante praticamente uma década do reinado de Davi as solenes palavras proferidas por Natã se cumpriram realisticamente. Começando pela imoralidade de Amnom, e prosseguindo até à supressão da rebelião de Seba, o mal foi fomentado na própria casa de Davi.

### *Retrospecto e Expectativa*

	2 Sm	1 Cr
Pecado no recenseamento	24:1-25	21:1-27
Salomão é encarregado da construção do templo	21:28 - 22:19	
Deveres dos levitas		23:1 - 26:28
Oficiais civis		26:29 - 27:34
Tarefas dos oficiais e do povo		28:1 - 29:22
Últimas palavras de Davi	23:1-7	
Morte de Davi		29:22-30

Um dos projetos favoritos de Davi, durante os últimos anos de sua vida, foi providenciar os preparativos para a construção do templo. Planos elaborados e arranjos detalhados foram cuidadosamente traçados, na aquisição de material de construção. O reino foi bem organizado, para que se fizesse emprego eficiente do labor local e estrangeiro. Davi chegou a esboçar os detalhes da adoração religiosa, na estrutura planejada.

A organização militar e civil do reino se desenvolveu gradualmente, por todo o reinado de Davi, à medida que o império se foi expandindo. O padrão básico de organização utilizado por Davi talvez tivesse sido similar à prática egípcia.<sup>13</sup> O cronista estava incumbido dos arquivos e, como tal, tinha a importantíssima posição de ser homem de relações públicas entre o rei e seus oficiais. O escriba ou secretário era o responsável pela correspondência doméstica e estrangeira, e, de acordo com isso exercia algum papel diplomático. Em período posterior do reinado de Davi (veja 2 Sm 20:23-25), é alistado um ofício adicional, que estava encarregado do trabalho forçado. Mui provavelmente outros oficiais foram acrescentados, na proporção em que se multiplicaram as responsabilidades do

<sup>13</sup>W. F. Albright, *Archaeology and the Religion of Israel*, pág. 120. Quanto a um estudo mais elaborado, veja Wright, *op. cit.*, págs. 124, 125.

governo. Questões de julgamento evidentemente eram manuseadas pelo rei em pessoa (veja 2 Sm 14:4-17 e 15:1-6).

O comandante em chefe das forças militares era Joabe. Notável em suas habilidades e na liderança, ele foi o responsável não só pelas vitórias militares, mas também exerceu considerável influência sobre o próprio Davi. Uma unidade de tropas estrangeiras ou mercenárias, composta de quereteus e peleteus, sob as ordens de Benaia, pode ter formado o exército pessoal de Davi. O rei também contava com um conselheiro confidente. Aitofel servira nessa capacidade, até que deu seu apoio a Absalão, quando se rebelou. Os heróis que se tinham unido a Davi, antes de ter-se tornado rei, agora eram conhecidos como um conselho ou legião de honra (veja 1 Cr 11:10-47; 2 Sm 23:8-39). Quando Davi organizou o seu reino, tendo Jerusalém como capital, havia trinta homens nesse grupo. Com o tempo, um maior número foi acrescentado às fileiras de homens que se tinham distinguido em seus feitos heróicos. Dentre esse grupo seletivo de heróis, doze homens foram escolhidos para comandarem o exército nacional, que consistia de doze unidades (veja 1 Cr 27:1-24). Por todo o reino, Davi nomeou supervisores para suas fazendas pomares e rebanhos (veja 1 Cr 27:25-31).

O recenseamento militar de Israel e as conseqüências punitivas que sobrevieram ao rei e ao povo, estão intimamente relacionados aos planos elaborados de Davi acerca da construção do templo. A razão para o castigo divino imposto a Davi, bem como à nação inteira, não é explicitamente declarada. O rei ordenara para que se fizesse o recenseamento. Joabe fez objeção, mas terminou por anuir (veja 2 Sm 24). Em menos de dez meses ele completou a enumeração do povo de Israel, com a exceção das tribos de Levi e Benjamim. A força militar de Israel era, aproximadamente, de meio milhão,<sup>14</sup> o que sugeriria uma população total de cerca de cinco a seis milhões de habitantes.<sup>15</sup>

Davi estava profundamente consciente do fato de que pecara ao ordenar o recenseamento. Visto que ambas as narrativas antecedem esse incidente com a lista de heróis militares, o recenseamento pode ter sido motivado pelo orgulho e pela dependência da potência militar como se esta fosse a causa das realizações nacionais de Israel.<sup>16</sup> Ao mesmo tempo, o carnal estado mental de Davi, ao decretar o recenseamento, foi encarado como um juízo divino contra Israel (veja 2 Sm 24:1 e 1 Cr 21:1). Talvez Israel tenha sido castigado por causa das rebeliões encabeçadas por Absalão e Seba, durante o reinado de Davi.

Davi, arrependido de seu pecado, foi informado por meio de Gade, o profeta, de que ele poderia escolher um dentre os seguintes castigos: um período de escassez de três anos, um período de reveses militares de três meses ou um período de peste de três dias. Davi entregou-se, com sua nação, à misericórdia de Deus, es-

<sup>14</sup>Essa cifra representa o povo qualificado para o serviço militar, pois o exército real é computado em 280 mil em 1 Cr 27:1-15. Note-se a variação: 2 Sm 24:9 alista 800 mil homens para Israel e 500 mil para Judá. 1 Cr 21:5 alista 300 mil mais para Israel e 30 mil menos para Judá. Visto que esses itens não foram alistados nos registros oficiais do rei, 1 Cr 27:24, ambas as fontes informativas dão número redondos aproximados com a razão exata para a variação que não aparece em nenhum dos dois relatos. Veja Keil, *op. cit.*, no comentário sobre 2 Sm 24.

<sup>15</sup>Albright sugere que a população total de Israel, sob Salomão, era só de cerca de 750 mil habitantes. Ele reputa os relatos em Nm 1 e 26 como cálculos de recenseamento de Davi. Veja *Biblical Period*, págs. 59, 60 (também 75). A. Edersheim considerava que uma população de cinco a seis milhões, nesse período, não seria cálculo excessivo. Veja *Bible History of the Old Testament* (Grand Rapids: reimpresso em 1949), vol. II, págs. 40.

<sup>16</sup>Veja Keil, *op. cit.*, nos comentários sobre 2 Sm 24.

colhendo a última alternativa. A pestilência perdurou apenas um dia, mas 70 mil pessoas morreram em todo o Israel. Nesse ínterim, Davi e os anciãos, vestidos em pano-de-saco, reconheceram o anjo do Senhor, de pé, próximo de uma eira que havia logo ao norte de Jerusalém, no monte Moriá. Reconhecendo que se tratava do anjo destruidor, Davi ofereceu oração intercessória em favor de seu povo. Por meio de instruções dadas por intermédio de Gade, Davi comprou a eira de Omã, o jebuseu. Quando oferecia um sacrifício diante de Deus tornou-se Davi consciente da resposta divina, ao cessar a pestilência, chegando ao fim o juízo divino contra seu povo. O anjo destruidor desapareceu, e Jerusalém foi salva.

Davi ficou tão impressionado que resolveu fazer da eira a localização do altar dos holocaustos. Ali haveria de ser erigido o templo. Bem pode ter sido ali que Abraão, aproximadamente um milênio antes, se dispusera a oferecer seu filho, Isaque, e onde, igualmente, recebera a revelação e aprovação divinas.

Embora o monte Moriá ficasse fora da cidade de Sião (Jerusalém), nos dias de Davi, Salomão o incluiu dentro das muralhas da capital. Davi já trouxera a arca para Jerusalém, abrigando-a em uma tenda. O altar dos holocaustos e o tabernáculo feitos sob a supervisão de Moisés, estavam localizados em Gibeom, um lugar elevado entre oito a dez quilômetros a noroeste de Jerusalém. Visto que a Davi havia sido negado o privilégio de construir realmente o templo, é bem provável que nenhum plano específico tivesse sido criado anteriormente, quanto à localização e construção do santuário central. Por meio da teofania que houve na eira, Davi concluiu que aquele era o local onde se deveria erigir a casa de Deus.

Davi meditou sobre o fato de que ele fora homem de guerra e que derramara muito sangue. Talvez agora ele tivesse percebido que se tentasse construir o templo, seria atrapalhado pelas guerras civis e com os estrangeiros que tão frequentemente irrompiam durante seu reinado. Os sete anos e meio em Hebrom haviam sido anos de preparação. Durante a década seguinte, Jerusalém foi estabelecida como capital nacional, ao mesmo tempo que a nação era unificada com a conquista de nações circunvizinhas. Mui provavelmente Salomão nasceu durante esse tempo. Deve ter sido quase no fim da segunda década do reinado de Davi que Absalão assassinou Amnom, porquanto Absalão nasceu quando Davi estava em Hebrom. As dificuldades domésticas, que terminaram com a rebelião de Absalão, perduraram cerca de dez anos, e provavelmente devem ter coincidido com a terceira década do reinado de Davi. Quando Davi firmou com sucesso a supremacia militar de Israel e organizou a nação, pareceu ter chegado o momento oportuno de concentrarem-se esforços na preparação para a edificação do templo.

Tendo fixado o monte Moriá como localização, Davi visionava a casa de Deus sendo construída sob a supervisão de Salomão, seu filho. Ele fez o recenseamento dos estrangeiros residentes na terra e imediatamente organizou-os para trabalharem em pedreiras, em metal e em madeira. Antes disso, em seu reinado, Davi fizera arranjos para que gente de Tiro e Sidom construísse seu palácio em Jerusalém (veja 2 Sm 5:11). Cedros para o projeto de construção foram fornecidos por Hirão, rei de Tiro. Salomão foi encarregado da responsabilidade de obedecer à lei, conforme ela fora dada por intermédio de Moisés. Na posição de



O templo de Jerusalém	5:1 - 7:51	2:1 - 5:1
O palácio de Salomão		
1 Rs 7:1-8		
Dedicação do templo	8:1 - 9:9	5:2 - 8:16
Acordo com Hirão, de Tiro	9:10-25	
III. Relações internacionais		
Aventuras navais em Eziom-Geber	9:26-28	8:17, 18
A rainha de Sabá	10:1-13	9:1-12
Rendimentos e negócios	10:14-29	9:13-31
IV. Apostasia e morte		
Esposas estrangeiras e idolatria.	11:1-8	
Juízo e adversários	11:9-43	

### *Estabelecimento do Trono*

A ascensão de Salomão ao trono de seu pai não ocorreu sem oposição. Enquanto Salomão não fora publicamente coroado, Adonias fomentou a ambição de ser o sucessor de Davi. Em certo sentido ele estava justificado disso. Amnom e Absalão haviam sido mortos. Quileabe, o terceiro filho mais velho de Davi, aparentemente falecera, pois não é mencionado; e Adonias era o próximo na linha de sucessão. Por outro lado, a fraqueza inerente de Davi quanto aos problemas domésticos se evidenciou na falta de disciplina entre seus familiares (veja 1 Rs 1:6). É claro que Adonias não fora ensinado a respeitar o fato divinamente revelado de que Salomão seria o herdeiro do trono de Davi (veja 2 Sm 7:12 e 1 Rs 1:17). Seguindo o exemplo de Absalão, seu irmão, Adonias adquiriu uma escolta de cinquenta homens, dotada de cavalos e carros, conseguiu o apoio de Joabe, convidou Abiatar, o sacerdote em Jerusalém, e providenciou para que ele mesmo fosse ungido rei. Esse acontecimento teve lugar nos jardins reais de En-Rogel, ao sul de Jerusalém. Conspicuamente ausentes nessa reunião de oficiais do governo e da família real estavam Natã, o profeta, Benaia, o comandante do exército pessoal de Davi, Zadoque, o sacerdote oficiante em Gibeá, e Salomão com sua mãe, Bate-Seba.

Quando chegaram ao palácio as notícias dessa reunião festiva, Natã e Bate-Seba imediatamente fizeram um apelo a Davi. Em resultado, Salomão montou a mula do rei Davi, em Gibeom, escoltado por Benaia e pelo exército real. Ali, nas vertentes orientais do monte Ofel, Zadoque ungiu a Salomão, e assim ele foi publicamente declarado rei de Israel. A população de Jerusalém se juntou na aclamação pública: “Viva o rei Salomão!” Quando o ruído da coroação ressoou por todo o vale do Cedrom, Adonias e seus adeptos ficaram profundamente perturbados. Cessou de pronto a celebração, o povo se dispersou, e Adonias buscou refúgio nos chifres do altar do tabernáculo, em Jerusalém. Somente depois que Salomão garantiu-lhe a vida, sob a condição de boa conduta, é que Adonias deixou esse asilo sagrado.

Em solenidade subsequente, Salomão foi oficialmente coroado e reconhecido (veja 1 Cr 28:1 ss).<sup>17</sup> Com a presença de oficiais e estadistas vindos de todos os rincões da nação, Davi incumbiu o povo de certa tarefa, esboçando a responsabilidade deles para com Salomão, o rei escolhido por Deus.

<sup>17</sup>Edersheim, *op. cit.*, vol. II, pág. 55.

Em incumbência imposta particularmente a Salomão (veja 1 Rs 2:1-12), Davi relembrou seu filho de sua responsabilidade de obedecer à lei de Moisés.<sup>18</sup> Nas palavras finais de sua vida, Davi impressionou Salomão com o fato de que fora derramado sangue inocente por Joabe, por haver morto a Abner e Amasa, e também com o fato de que Simei desrespeitara a Davi, quando este fugia de Jerusalém, e também com o fato da hospitalidade que fora dada ao rei por Barzilai, o gileadita, nos dias da rebelião de Absalão.

Após a morte de Davi, Salomão fortaleceu sua reivindicação ao trono, ao eliminar todo possível conspirador. O pedido de Adonias de casar-se com Abisague, a donzela sunamita,<sup>19</sup> foi interpretado por Salomão como traição. Adonias foi executado. Abiatar foi removido do lugar de honra que mantivera sob Davi e foi banido para Anatote. Visto que ele pertencia à linhagem de Eli (veja 1 Sm 14:3,4), a deposição de Abiatar assinalou o cumprimento das solenes palavras que haviam sido ditas a Eli, por um profeta cujo nome não é dado, que viera a Silo (veja 1 Sm 2:27-37). Embora Joabe se tivesse tornado culpado de conduta traiçoeira, quando deu seu apoio a Adonias, foi executado primariamente pelos crimes por ele cometidos durante o reinado de Davi. Simei, que estava sob livramento condicional, não observou as restrições que lhe tinham sido impostas, e, por igual modo, sofreu a pena de morte.

Salomão assumiu a liderança de Israel em seus verdes anos. Por certo ele tinha menos de trinta anos, talvez cerca de vinte anos de idade. Sentindo a necessidade que tinha de sabedoria divina, ele reuniu os israelitas em Gibeom, onde estavam localizados o tabernáculo e o altar de cobre, e ofereceu ali grande sacrifício. Por meio de um sonho ele recebeu a certeza, divinamente conferida, de que lhe seria conferido seu pedido de sabedoria. Em adição a uma mente de grande discernimento, Deus também o dotaria de riquezas, honrarias e vida longa, tudo sob a condição de obediência (veja 1 Rs 3:14).

A sagacidade de Salomão tornou-se motivo de profunda admiração. A decisão dada pelo rei, quando duas mulheres contendiam por um único filho vivo (veja 1 Rs 3:16-28), sem dúvida alguma representa apenas um exemplo dentre os casos que demonstraram a sua sabedoria. Quando essa e outras notícias passaram a circular por toda a nação, os israelitas reconheceram que a oração do rei, pedindo sabedoria, lhe fora respondida.

### *Organização do Reino*

Comparativamente pouca é a informação dada acerca da organização do vasto império de Salomão. Aparentemente ela foi simples no começo, mas não se duvida que foi assumindo complexidade crescente com a passagem dos anos e com o aumento da responsabilidade. O próprio rei constituía o tribunal supremo, conforme é exemplificado no caso das duas mulheres contendoras. Em 1 Rs 4:1-6 são mencionadas nomeações para os ofícios seguintes: três sacerdotes, dois escribas ou secretários, um chanceler, um supervisor de funcionários, um sacerdote da corte, um superintendente do palácio, um oficial encarregado do

<sup>18</sup> Quanto à interpretação que diz que a lei de Moisés foi escrita após os dias de Salomão, veja Anderson, *op. cit.*, págs. 288-324.

<sup>19</sup> A enfermeira que proveu terapia física para Davi, pouco antes da morte deste. Não havia implicações sexuais. Cf. Gordon, *The World of the Old Testament*, pág. 180.



trabalho forçado, e um comandante do exército. Isso representa apenas uma pequena expansão além dos ofícios instituídos por Davi.

Para propósitos de cobrança de impostos, a nação foi dividida em doze distritos (veja 1 Rs 4:7-19). O oficial incumbido de cada distrito tinha de suprir provisões para o governo central durante um mês de cada ano. Durante os demais onze meses do ano ele teria de coletar e armazenar provisões nos armazéns existentes em seu distrito. O suprimento diário do rei e sua corte, com militares e pessoal de construção consistia de 11 toneladas de farinha de trigo, de mais de 25 toneladas de carne, de dez reses cevadas, de 20 vacas engordadas no pasto, de 100 ovelhas, sem falar noutras caças e aves (veja 1 Rs 4:22,23). Isso exigia intensa organização em cada distrito.

Salomão mantinha numerosa força armada (veja 1 Rs 4:24-28). Em adição à organização do exército, segundo fora estabelecido por Davi, Salomão também empregava uma força de combate de 1.400 carros de guerra e 12 mil cavaleiros, que ele postou em Jerusalém e noutras cidades de carros por toda a nação (veja 2 Cr 1:14-17). Isso acrescia à carga de impostos, exigindo um suprimento diário de cevada e feno. Organização eficiente e administração sábia eram essenciais para a manutenção de um estado de prosperidade e progresso.

### *A Construção do Templo*

De máxima importância, no vasto e extenso programa de edificações de Salomão, figurava o templo. Enquanto outros projetos de construção são meramente mencionados, aproximadamente cinquenta por cento da narrativa bíblica sobre o reinado de Salomão são dedicados à construção e consagração desse centro focal da religião de Israel. Isso assinalou o cumprimento do desejo sincero de Davi, expresso na primeira metade de seu reinado em Jerusalém - estabelecer um lugar central de adoração.

Os tratados firmados entre Davi e Hirão, rei de Tiro, continuaram em vigor no governo de Salomão. Na qualidade de “rei dos sidônicos”, Hirão governava Tiro e Sidom, as quais constituíam uma unidade política entre os séculos XII e VII a. C. Hirão foi um governante rico e poderoso, que mantinha extensos contactos comerciais por todo o mundo mediterrâneo. Visto que Israel contava com um poderoso exército, e que os fenícios eram donos de poderosa marinha, era mutuamente benéfico manterem os dois países relações de amizade. E posto que os fenícios eram possuidores de uma arquitetura avançada, mostrando-se técnicos na preparação de dispendiosos materiais de construção, que eles controlavam com seu comércio, foi particularmente sábio o fato de Salomão ter fomentado o favor de Hirão. Arquitetos e técnicos vindos da Fenícia chegaram a Jerusalém. O principal deles era Hirão (Huramabi), cujo pai era de Tiro, e cuja mãe era israelita da tribo de Dã (veja 2 Cr 2:14). Por essa ajuda habilidosa e pela entrega de madeira do Líbano, Salomão pagava por meio de cereais, azeite e vinho.

Foi criteriosamente organizada a força de trabalho para a construção do templo. Trinta mil israelitas foram convocados para que preparassem os cedros do Líbano para o templo. Sob as ordens de Adonirão, que cuidava desse recrutamento, somente 10 mil homens trabalhavam a cada mês, retornando aos seus

lares por dois meses. Dentre os estrangeiros residentes em Israel, um total de 150 mil homens eram usados como transportadores de cargas (70 mil) e cortadores de pedras (80 mil), além de 3.600 capatazes (veja 2 Cr 2:17,18). Em 2 Cr 8:10, faz-se menção de 250 capatazes israelitas. Com base em 1 Rs 5:16 e 9:23, vê-se que havia 3.300 capatazes, sobre os quais havia 550 superintendentes. Aparentemente, 250 dentre eles eram israelitas. Ambos os relatos dão um total de 3.850 homens, que supervisionavam essa força de 150 mil trabalhadores.

Não se conhecem escombros arqueológicos, entre os escavadores modernos, pertencentes ao templo de Salomão. Outrossim, nenhum só templo foi desencavado na Palestina, com data dos quatro séculos em que a dinastia davídica governou em Jerusalém (cerca de 1000 - 600 a. C.).<sup>20</sup> O pico montanhoso, Moriá, localizado ao norte de Jerusalém, que fora ocupado por Davi, foi suficientemente nivelado para a construção do templo de Salomão. É difícil calcular as dimensões da área naquela época, visto que aquele edifício foi destruído em 586 a. C. pelo rei da Babilônia. Após ter sido reconstruído, em 520 a. C., o templo foi novamente demolido, em 70 d. C. Desde o século VII a. C. uma mesquita islâmica tem ocupado o sítio que é reputado como o local mais sagrado da história do mundo. Hoje em dia essa área do templo cobre de 35 a 40 acres de terra, indicando que o topo do monte Moriá é consideravelmente maior agora do que era nos dias de Salomão.

O templo tinha o dobro das dimensões do tabernáculo mosaico construído no nível térreo. Sendo uma estrutura permanente, era muito mais elaborada e espaçosa, com adições apropriadas e um átrio circundante muito maior. O templo propriamente dito estava voltado de frente para o oriente, com um pórtico ou entrada com 5 m de profundidade, que ocupava toda a área frontal do templo. Uma porta dupla, com 5 m de largura, marchetada de ouro e decorada com flores, palmeiras e querubins, dava acesso ao lugar santo. Esse salão, com 10 m de largura, 15 m de altura e 20 m de comprimento, tinha soalho de madeira de cipreste, com painéis de cedro ao redor e no teto. As paredes eram adornadas com folhas esculpidas em ouro e figuras de querubins. Havia iluminação natural provido por meio de janelas a cada lado, perto do teto. Ao longo de cada lado desse salão havia cinco mesas de ouro para os pães da proposição e cinco candelabros com sete ramos, feitos de ouro puro. Na outra extremidade ficava o altar de incenso, feito de cedro e recoberto de ouro.

Para além do altar havia duas portas dobradiças que conduziam ao santo dos santos, ou lugar santíssimo. Esse salão também tinha 10 m de largura, mas tinha apenas 10 m de altura e 10 m de comprimento. Mesmo quando essas portas estavam abertas, um véu feito em tecido azul, púrpura e carmesim e linho fino obscurecia a vista dessa área mais sagrada. Dentro se encontrava a arca, que era considerada o objeto mais sagrado. De cada lado havia um gigantesco querubim, com asas estendidas de 5 m, de tal modo que as quatro asas se estendiam de um lado ao outro do salão.

Três fileiras de câmaras estavam vinculadas às muralhas externas do templo, nos lados norte, sul, e oeste. Essas câmaras, sem dúvida, eram usadas pelos fun-

<sup>20</sup>Wright, *op. cit.*, págs. 136, 137.

cionários como armazéns. A cada lado da entrada do templo havia uma gigantesca coluna, uma chamada Boaz e a outra Jaquim. De conformidade com 1 Rs 7:15 ss., tinham 8 m de altura, 6 m de circunferência, e eram feitas de bronze, adornadas com romãs.<sup>21</sup> No topo de cada uma delas havia um capitel feito de bronze fundido, com a altura de 2,50 m.

Estendendo-se para leste, defronte do templo, havia dois átrios abertos (veja 2 Cr 4:9). A primeira área, o átrio dos sacerdotes, tinha pouco mais de 45 m de largura e mais de 90 m de comprimento. Ali estava o gigantesco altar dos holocaustos que dava frente para o templo. Feito de cobre, com uma base de 10 m em quadrado e 5 m de altura, esse altar era quase quatro vezes maior que aquele usado nos tempos de Moisés. O lavatório, ou mar de bronze, que ficava a sueste da entrada, era igualmente impressionante nesse átrio. Moldado como uma taça, tinha 2,30 m de altura, 5 m de diâmetro, com um perímetro de 13,70 m. Era de bronze fundido, com cerca de 8 cm de espessura e repousava sobre doze bois, três voltados em cada uma das direções da bússola. Uma estimativa razoável do peso desse gigantesco lavatório é de aproximadamente 25 toneladas. De acordo com 1 Rs 7:46, esse lavatório de bronze, as gigantescas colunas e os dispendiosos vasos para o templo foram todos fundidos em leitos de argila do rio Jordão.

Em adição a esse gigantesco lavatório, que provia água para os sacerdotes e levitas no serviço que prestavam no templo, tinham sido fornecidos dez lavatórios menores, de cobre, cinco de cada lado do templo (veja 1 Rs 7:38 e 2 Cr 4:6). Esses tinham 1,80 m de altura e descansavam sobre rodas, a fim de que pudessem ser conduzidas no decurso dos sacrifícios, para onde eram mais necessários, para lavagem das várias porções dos animais do sacrifício.

Por semelhante modo, no átrio dos sacerdotes havia a plataforma de bronze (veja 2 Cr 6:13). Nesse local é que o rei Salomão se postou durante as cerimônias consagratórias.

Degraus voltados para este, davam acesso do átrio dos sacerdotes ao átrio exterior ou grande átrio, mais abaixo (veja 2 Cr 4:9). Em analogia com as dimensões do tabernáculo mosaico, essa área tinha mais de 90 m de largura por mais de 180 m de comprimento. Esse grande átrio era circundado por uma sólida muralha de pedra, com quatro portões maciços, recobertos de bronze, regulando a entrada na área do templo (veja 1 Cr 26:13-16). De acordo com o trecho de Ez 11:1, o portão oriental servia de entrada principal. Grandes colonatas e câmaras, existentes nessa área, proviam espaço para armazenagem para os sacerdotes e levitas, a fim de que pudessem desincumbir-se devidamente de seus respectivos deveres.

A questão da influência contemporânea sobre a construção do templo tem sido reconsiderada nestas últimas décadas. As narrativas bíblicas têm sido cuidadosamente examinadas, à luz de restos arqueológicos referentes aos templos e religiões das civilizações contemporâneas do Egito, da Mesopotâmia e da Fenícia. Embora Edersheim<sup>22</sup> (1880) tenham escrito que o plano e o desígnio do tem-

<sup>21</sup> A mesma cifra, 9 m ou 18 côvados, é dada como a altura dessa coluna em 2 Rs 25:17 e Jr 52:21. Em 2 Cr 3:15 e altura aparece como 35 côvados. Keil, *op. cit.*, sugere que isso se deve à confusão de duas letras, na transmissão do texto hebraico.

<sup>22</sup> Veja *ibid.*, pág. 72.

plo de Salomão tenham sido inteiramente judaicos, o consenso geral dos arqueólogos de hoje em dia é que a arquitetura e a arte eram de origem basicamente fenícia. É claramente indicado nas Escrituras que Davi empregou arquitetos e técnicos enviados por Hirão, rei de Tiro. Enquanto Israel fornecia o trabalho braçal, os fenícios supriam os artesãos e supervisores para a construção propriamente dita. Desde a escavação de Tell Tainat (antiga Hatina), na Síria, em 1936, pela Universidade de Chicago, tem-se tornado patente que o tipo de arte e arquitetura do templo de Jerusalém era comum na Fenícia, no século X a. C. Por conseguinte, parece razoável creditar os artesãos e arquitetos fenícios acerca dos planos finais do templo, porquanto Davi e Salomão empregaram-nos para esse serviço particular.<sup>23</sup> Com as limitadas informações disponíveis, é difícil assinalar qualquer linha clara de distinção entre os planos apresentados pelos reis de Israel e a contribuição feita pelos fenícios na edificação do templo.

### *Dedicação do Templo*

Visto que o templo foi completado no oitavo mês do décimo primeiro ano (veja 1 Rs 6:37,38), é bastante provável que as cerimônias consagratórias tivessem sido efetuadas no sétimo mês do décimo segundo ano, e não um mês antes de haver sido terminado. Isso teria dado tempo para o elaborado planejamento para esse grande evento histórico (veja 1 Rs 8:1-9 e 2 Cr 5:2 - 7:22). Para essa ocasião, todo o Israel se fez presente, representado por anciões e líderes.

A festa dos Tabernáculos, que não somente relembra os israelitas que antes eles haviam sido peregrinos no deserto, mas que também era motivo para ações de graça, após o tempo da colheita, começava no décimo quinto dia do sétimo mês. Edersheim<sup>24</sup> conclui que as cerimônias de dedicação tiveram lugar durante a semana que antecedia à festa dos Tabernáculos. A celebração inteira perdurou por duas semanas (veja 2 Cr 7:4-10) e envolveu todos os israelitas, mediante representantes, desde Hamate até às fronteiras do Egito. Keil, em seu comentário sobre 1 Rs 8:36, sugere que estavam presentes 100 mil pais e 20 mil anciões. Isso explicaria os milhares de animais que foram trazidos para aquela ocasião sem precedentes.<sup>25</sup>

Salomão foi a figura chave das cerimônias de consagração. Sua posição como rei de Israel era singular. Sob o pacto, todos os israelitas eram servos de Deus (veja Lv 25:41,44; Jr 30:10 e outros trechos bíblicos), sendo reputados reino de sacerdotes para Deus (veja Êx 19:6). Durante todo o decurso dos cultos de consagração Salomão tomou a posição de servo de Deus, representando a nação escolhida por Deus para ser Seu povo. Esse relacionamento com Deus era comum para os profetas, sacerdotes e leigos, incluindo o próprio monarca, sendo verdadeiramente reconhecida a dignidade do homem. Nessa capacidade, Salomão ofereceu orações, fez o sermão de consagração e oficiou nas oferendas sacrificiais.

Na história religiosa de Israel, a consagração do templo foi o mais significativo evento desde que o povo deixou a região do Sinai. A súbita transformação que os tirou da servidão no Egito para serem uma nação independente no deserto

<sup>23</sup>Veja Wright, *op. cit.*, págs. 136-145, e Unger, *Archaeology and the Old Testament*, págs. 228-234.

<sup>24</sup>Edersheim, *op. cit.*, pag. 88.

<sup>25</sup>Keil, *op. cit.*, comentário sobre a passagem.

serviu de importantíssima demonstração do poder de Deus em favor de Seu povo. Naquela oportunidade o tabernáculo foi erigido para ajudá-los a reconhecer a Deus e a servi-lo. Agora o templo fora construído por direção de Salomão. Isso constituiu a confirmação do estabelecimento do trono davídico em Israel. Assim como a presença de Deus se tornou visivelmente manifesta na coluna de nuvem sobre o tabernáculo, assim também a glória de Deus pairou sobre o templo e deu a entender a bênção e a graça de Deus. Isso confirmou divinamente o estabelecimento do reino, conforme fora antecipado por Moisés (veja Dt 17:14-20).

### *Extenso Projeto de Construções*

O palácio de Salomão (Casa da Floresta do Líbano) é mencionado somente de passagem (veja 1 Rs 7:1-12 e 2 Cr 8:1). Foi terminado em treze anos, perfazendo um período de vinte e três anos de construção para o templo e o palácio. Mui provavelmente estava localizado na vertente sul do monte Moriá, entre o templo e Sião, a cidade de Davi. Esse palácio era complexo e elaborado, e continha escritórios governamentais, aposentos de estar para a filha de Faraó, bem como a própria residência particular de Salomão. Cobria uma área de 45 m x 22,5 m x 13,5 m. Inclusa nesse grande programa de edificações havia uma extensão das muralhas de Sião (Jerusalém), para o lado norte, envolvendo em seu âmbito tanto o palácio como o templo, que assim ficavam dentro das muralhas da capital de Israel.<sup>26</sup>

O poderoso exército permanente de Salomão também requeria muita atividade de construções por todo o reino. A construção de cidades-armazéns, para propósitos administrativos, bem como o sistema de defesa, era um esquema plenamente integrado. Uma impressionante lista de cidades, que sugere o amplo programa de construções de Salomão, aparece em 1 Rs 9:15-22 e 2 Cr 8:1-11. Gezer, que fora um fortim cananeu, foi capturada por Faraó do Egito, tendo sido empregado como forte por Salomão, depois que o recebeu como dote de casamento. Escavações feitas na área de Megido, que mede 13 acres, indicam que Salomão possuía ali acomodações para 450 cavalos e 150 carros de guerra. Essa fortaleza guardava o importante vale de Megido ou Esdrelom, pelo qual passava a mais importante estrada entre o Egito e a Síria. Do ponto de vista militar e comercial, essa estrada era vital para Israel. Hazor, por igual modo, tem sido escavada, primeiramente sob Garstang e, mais recentemente, sob supervisão israelense. Outras cidades mencionadas são Bete-Horom, Baalate, Tamar, Hamate-Zobá e Tadmor. Além dessas, havia outras cidades que funcionavam como quartéis ou capitais dos distritos administrativos (veja 1 Rs 4:7-19). As descobertas arqueológicas feitas em Bete-Semes e Laquis indicam que edificações com grandes salas foram providas nessas cidades para armazenamento de suprimentos.<sup>27</sup> Sem nenhuma dúvida longas descrições poderiam ter sido escritas sobre o programa de construções de Salomão, sobre o que a narrativa bíblica é tão-somente sugestiva.

### *Negócios, Comércio e Rendimentos*

Eziom-Geber e Elate são notadas de passagem em 1 Rs 9:26-28 e 2 Cr 8:17, 18,

<sup>26</sup>Milo, 1 Rs 9:15,24, foi uma fortaleza ou uma brecha na muralha de Sião. Veja Davis, *Dicionário da Bíblia*.

<sup>27</sup>Wright, *op. cit.*, pág. 130.

<sup>28</sup>Cf. Nelson Glueck, "Ezion-Geber", em *Biblical Archaeologist* XXVIII (1965), págs. 69-87.

como o porto marítimo de Salomão, no golfo de Ácaba. Tell el-Kheleifeh, na extremidade norte desse golfo é o único local que se conhece no presente capaz de demonstrar a história ocupacional de Elate e Eziom-Geber. Se esse Tell não identifica especificamente o sítio dessas cidades, então é bastante provável que esse pode ter sido um subúrbio de Eziom-Geber e Elate. Tell el-Kheleifeh, como centro fortificado, industrial marítimo, de armazenamento e de partida de caravanas que serviam a essas cidades, talvez pudesse ser equiparada em importância a outros distritos fortificados e cidades de carros de guerra, como Hazor, Megido e Gezer.

Minas de cobre e de ferro eram numerosas por todo o Wadi Arabah. Davi já havia estabelecido fortificações por toda a terra de Edom, quando ele estabeleceu seu reino (veja 2 Sm 8: 14). Numerosos centros de fundição em Wadi Arabah talvez suprissem Tell el-Kheleifeh com minério de ferro e cobre, para maior refinamento e para produção de moldes para propósitos comerciais. No vale do Jordão (veja 1 Rs 7:45,46) e por todo o Wadi Arabah, Salomão deve ter percebido a veracidade das declarações de Dt 8:9, que afirma que a terra prometida tinha recursos naturais de cobre.

Desenvolvendo e controlando a indústria de metais da Palestina, Salomão estava em posição de negociar. Os fenícios, sob ordens de Hirão, tinham contactos com refinarias em pontos distantes do mar Mediterrâneo, como a Espanha, pelo que estavam em condições não somente para construir refinarias para Salomão, mas também para ajudarem no comércio. Navios israelitas transportavam ferro e cobre para tão longe como o sudoeste da Arábia (moderno Iemen) e costa africana da Etiópia.<sup>29</sup> Na volta traziam para Israel ouro, prata, marfim e macacos. Essas longas expedições navais, que traziam ouro de Ofir, duravam “três anos” (veja 2 Cr 9:21), ou seja, um ano inteiro, além de porções de dois outros anos. Elas recolhiam para Salomão riquezas imensas, de tal maneira que ele passou a ser tido como o mais rico de todos os reis (veja 2 Cr 9:20-22 e 1 Rs 10:11, 12).

Os israelitas obtinham cavalos e carros de guerra dos governantes hititas da Cilícia e de seu país vizinho, o Egito.<sup>30</sup> Os intermediários do comércio de cavalos e carros de guerra entre a Ásia Menor e Israel eram os arameus (veja 1 Rs 10:25-29 e 2 Cr 1:14-17). Embora Davi houvesse jarretado todos os cavalos que capturou, com a exceção de cem (veja 2 Sm 8:4), é óbvio que Salomão acumulou uma força considerável. Isso era importante para efeito de proteção e também de controle de todo o comércio que cruzava o território de Israel. Os rendimentos de Salomão também foram fomentados pelas grandes caravanas de camelos que se ocupavam do comércio de especiarias provenientes do sul da Arábia, e daí para a Síria, a Fenícia e até mesmo o Egito.

O rei Salomão obteve um tal respeito e reconhecimento internacional que suas riquezas foram grandemente aumentadas por presentes que lhe foram enviados de perto e de longe. Em resposta ao seu rogo inicial, fora divinamente

<sup>29</sup>A palavra “Társis” talvez significa “refinaria”. Veja Albright, *Archaeology and the Religion of Israel*, pág. 136. Posto que os fenícios controlavam o comércio do Mediterrâneo, os empreendimentos navais de Salomão se limitavam ao mar Vermelho. Os navios de “Társis” dão a entender que seu ponto de partida era a “Refinaria” de Eziom-Geber. Veja Unger, *op. cit.*, pág. 225.

<sup>30</sup>Isso alude a uma província próxima da Cilícia, que pode ter recebido seu nome como posto militar avançado de Tutmés III.

dotado de sabedoria, de tal modo que pessoas de outros países vinham ouvir-lhe os provérbios, os cânticos e seus discursos sobre vários temas (veja 1 Rs 4:29-34). Se a narrativa sobre a visita da rainha de Sabá é apenas um exemplo do que sucedeu com frequência durante o reinado de Salomão, então pode-se entender que o ouro se tornou verdadeiramente abundante na capital de Israel.<sup>31</sup> O fato que a rainha viajou por mais de 2.000 km montada em camelos, talvez tenha sido igualmente motivado por interesses comerciais. As expedições navais que partiam de Eziom-Geber, talvez houvessem estimulado negociações para futuros acordos comerciais favoráveis. A missão dela foi muito bem sucedida (veja 1 Rs 10:13). Embora Salomão, em adição à concessão aos pedidos dela, lhe tenha devolvido tudo quanto ela lhe trouxera, é duvidoso que ele costumasse fazer a mesma coisa no caso de todos os reis e governadores da Arábia, que lhe traziam presentes (veja 2 Cr 9:12-14). Apesar de ser difícil determinar o valor dos tesouros aqui descritos, não há que duvidar que Salomão representava a epítome da riqueza e da sabedoria de todos os reis que governaram em Jerusalém.

### *A Apostasia e suas Conseqüências*

O capítulo final do reinado de Salomão é trágico (veja 1 Rs 11). Por qual razão o rei de Israel, que chegou ao zênite do sucesso nos campos da sabedoria, da riqueza, da fama e da aclamação internacional sob a bênção divina, teria terminado seu reinado de quarenta anos sob augúrios de fracasso, é algo que realmente nos deixa perplexos! Em conseqüência, alguns têm considerado o registro bíblico a respeito como indigno de confiança e contraditório, buscando outras explicações.<sup>32</sup> A verdade da questão é que Salomão, que desempenhou o liderante papel de consagrar o templo, afastou-se de uma total dedicação a Deus — experiência essa paralela à do povo de Israel, no deserto, depois da construção do tabernáculo. Salomão desobedeceu justamente ao primeiro mandamento, com sua norma inclusivista que permitiu a adoração aos ídolos em Jerusalém.

Os casamentos mistos entre as famílias reais era prática comum no Oriente Próximo. No começo de seu reinado, Salomão firmou aliança com Faraó, aceitando a filha deste em matrimônio. Embora ele a tivesse trazido para Jerusalém, não há indicação de que ela recebera permissão para trazer consigo a sua idolatria (veja 1 Rs 3:1).<sup>33</sup> No auge de seu sucesso, Salomão obteve esposas entre os moabitas, amonitas, edomitas, sidônios e hititas. Além disso, adquiriu um harém de setecentas esposas e princesas, além de trezentas concubinas. Não é declarado se isso foi motivado por expedientes diplomáticos e políticos, para assegurar a paz e a segurança, ou foi motivado pela tentativa de ultrapassar soberanos de outras nações, cujo luxo era expresso por meio de grandes haréns. Não obstante, isso era contra a ordem expressa de Deus (veja Dt 17:17). Salomão permitiu a multiplicidade de esposas para sua própria ruína, permitindo que seu coração se desviasse de Deus.<sup>34</sup>

Salomão não apenas tolerou a idolatria, mas ele mesmo prestou honrarias a Astarote, a deusa fenícia da fertilidade, que era conhecida pelo nome de

<sup>31</sup>Mould, *op. cit.*, pág. 199.

<sup>32</sup>Veja Keil, *op. cit.*, na referência.

<sup>33</sup>Esse casamento pode ter-se relacionado com desenvolvimentos posteriores. Jeroboão achou refúgio no Egito. Pouco depois da morte de Salomão o rei do Egito levou tesouros existentes em Jerusalém.

<sup>34</sup>O comércio com o estrangeiro talvez tivesse relação com esses acontecimentos. Providenciar lugares para esses estrangeiros adorarem talvez tivesse promovido seus interesses na vinda a Jerusalém.

Astarte entre os gregos e Istar entre os babilônios. Para veneração de Milcom ou Moloque, o deus dos amonitas, e de Camos, o deus dos moabitas, Salomão erigiu um lugar elevado em um monte a leste de Jerusalém. Esse lugar alto não foi removido durante três séculos e meio, mas continuou sendo uma abominação nas proximidades do templo de Jerusalém até aos dias de Josias (veja 2 Rs 23:13). Salomão também erigiu altares a outras divindades estrangeiras que não são mencionadas por nome (veja 1 Rs 11:8).

A idolatria, que era uma violação das palavras iniciais do decálogo (veja Êx 20), não podia ser tolerada. A repreensão divina (veja 1 Rs 11:9-13) provavelmente foi feita a Salomão por intermédio do profeta Aías, que figura mais adiante naquele capítulo. A dinastia davídica continuaria governando sobre uma parte do reino, por amor a Davi, com quem Deus estabelecera um pacto, e por causa de Jerusalém, que Deus escolhera. Deus não quebrantaria Sua promessa do pacto, embora Salomão houvesse perdido suas bênçãos e Seu favor, ficando temporariamente suspenso o juízo. Além disso, por amor a Davi, o reino não seria dividido durante os dias de Salomão, embora viessem a levantar-se adversários que ameaçariam a paz e a segurança, antes do término do seu reinado.

Hadade, o edomita, foi um dos líderes que fez oposição a Salomão. Durante a conquista de Edom, por Joabe, Hadade, que pertencia à família real, foi resgatado por servos e levado ao Egito quando ainda era criança. Ali ele se casou com a irmã da rainha egípcia e desfrutou o favor e os privilégios da corte real. Após a morte de Joabe e Davi, Hadade retornou a Edom e com o tempo firmouse o bastante para constituir uma ameaça a Salomão nos anos finais de sua vida (veja 1 Rs 11:14-23). A posição de Salomão, como “rei do cobre”, estava em perigo, como ameaçados estavam também os lucrativos negócios com os árabes e o comércio com o mar Vermelho.

Rezom<sup>35</sup> de Damasco talvez foi uma ameaça ainda pior (veja 1 Rs 11:23-25). A formação de um reino independente arameu ou sírio constituía séria ameaça política que envolvia conseqüências comerciais. Embora Davi tivesse conquistado Hamate, quando o poder de Hadadezer se quebrou, Salomão achou necessário suprimir ali uma rebelião e constituir cidades-armazéns (veja 2 Cr 8:3,4). Chegou a controlar Tifsa, no rio Eufrates (veja 1 Rs 4:24), o que era extremamente importante para dominar as rotas comerciais. No decurso do reinado de Salomão, Rezom foi capaz de estabelecer-se em Damasco, onde se tornou a concretização de um perigo constante para a paz e a prosperidade de Israel, nos anos finais do reinado de Salomão.

Conforme as coisas ocorreram, um dos próprios homens de Salomão - Jeroboão, filho de Nebate - mostrou ser o verdadeiro fator de perturbação em Israel. Sendo homem muito capaz, ele fora responsabilizado pela unidade de trabalho forçado que reparava as muralhas de Jerusalém e edificou Milo. Ele usou essa oportunidade para sua própria vantagem política, tendo conseguido um bom número de adeptos. Um dia, Aías, o profeta, encontrou-se com ele e despedaçou sua capa nova em doze pedaços, entregando-os para ele. Por intermédio desse ato simbólico, ele informou Jeroboão de que o reino de Salomão seria dividido,

<sup>35</sup>Unger, *Israel and the Aramaeans*, pág. 51-55.



deixando apenas duas tribos com a dinastia davídica, ao passo que dez tribos constituiriam o seu reino. Sob a condição de obediência de todo o coração, Jeroboão recebeu a certeza de que seu reino seria permanentemente estabelecido, tanto quanto o de Davi.

Aparentemente Jeroboão não estava disposto a esperar pelos acontecimentos; fica subentendido que ele indicou abertamente a sua oposição ao rei. Seja como for, Salomão suspeitou de uma insurreição e procurou tirar a vida de Jeroboão. Conseqüentemente, Jeroboão fugiu para o Egito, onde achou asilo na corte de Sisaque até que Salomão morreu.

Embora o reino tivesse continuado de pé, não sendo dividido senão após a sua morte, Salomão foi sujeitado à angústia da rebelião em casa e a secessão em várias porções de seu reinado. Em resultado de sua falha pessoal, não obedecendo e servindo a Deus de todo coração, o bem estar geral e a prosperidade pacífica de seu reino foram ameaçados.

### LEITURAS SELECIONADAS

Carlson, R. A. **David, the Chosen King: A Tradition-Historical Approach to the Second Book of Samuel**. Estocolmo: Almqvist e Wiksell, 1964.

Maly, Eugene H. **The World of David and Solomon**. Englewood Cliffs, Nova Jérsei: Prentice-Hall, 1965

Myers, J. M. **I and II Chronicles**. The Anchor Bible. Garden City, Nova Yorque: Doubleday, 1965.

Parrot, Andri. **The Temple of Jerusalem**. Traduzido por B. E. Hoohe. Nova Iorque: Philosophical Library, 1955.

## Gráfico IV Reis e Profetas — Reino Dividido, 931 - 586 a. C.

Data	Reino do Norte	Profetas	Reino do Sul	Assíria	Síria
931	<i>Dinastia de Jeroboão</i>  Nadabe	Aias Semaías Ido	Roboão Abias Asa		Rezom
909	<i>Dinastia de Baasa</i> Elá  (Zinri)	Aazarias Hanani Jeú			
885	<i>Dinastia de Onri</i> Onri (Tibni) Acabe Acázias Jorão	Elias Micaías Eliezer Eliseu Joiada	Josafá  Jorão Acázias	Assurnasirpal	Ben-Hadade
841	<i>Dinastia de Jeú</i>  Jeú Jeoacaz Jeoás Jeroboão II	Zacarias  Jonas Oséias  Amós	Atalia Joás Amazias Azarias	Salmaneser III	Hazael  Be-Adade
752	Zacarias <i>Últimos reis</i> Salum Menaém  Pecaías Peca Oséias	Isaías  Odede	Jotão  Acáz	Tiglate-Pileser III Salmaneser V Sargão II Senaqueribe Esaradom Assurbanipal	Rezim
722	<i>Queda de Samaria</i>	Miqueias	Ezequias Manassés Amom Josias Jeoacaz Joaquim Joaquim	<i>Babilônia</i> Nabopolassar Nabucodonosor	
640		Jeremias Hulda  (Ezequiel)	Zedequias		
586		(Daniel)	<i>Queda de Jerusalém</i>		

## Capítulo IX

### O Reino Dividido

Os dois reinos que surgiram após a morte de Salomão são comumente distinguidos com as designações “do Norte” e “do Sul”. O último designa o estado menor, governado pela dinastia davídica, com sua capital em Jerusalém, até 586 a. C. Consistia das tribos de Judá e Benjamim, que apoiaram a Reoboão com um exército quando o resto das tribos se separou em rebeldia contra as medidas opressivas de Salomão e seu filho (veja 1 Rs 12:21). O “reino do Norte” é nome das tribos que se separaram, as quais fizeram de Jeroboão o seu rei. Esse reino perdurou até 722 a. C., tendo por capital, sucessivamente, as cidades de Siquém, Tirza e Samaria.

A comum designação bíblica para esses dois reinos são “Israel” e “Judá”. O primeiro, usualmente é restringido em seu emprego ao reino do norte, ao passo que o último se refere ao reino do sul. Originalmente, o nome “Israel” fora outorgado a Jacó (veja Gn 32:22-32). Durante seu período de vida esse nome já costumava ser aplicado a seus filhos (veja Gn 44:7), e desde então qualquer descendente de Jacó tem sido apropriadamente referido como um “israelita”. Desde os tempos patriarcais até à ocupação da terra de Canaã “Israel” foi nome que especificou a nação hebréia. Essa designação prevaleceu durante toda a monarquia de Davi e Salomão, embora houvesse um governo dividido na primeira porção do reinado de Davi.

A tribo de judá, que estava estrategicamente localizada e que era excepcionalmente forte, veio à proeminência durante a época de Saul (Cf. 1 Sm 11:8, etc.) Após a divisão, ocorrida em 931 a. C., o nome “Judá” passou a identificar o reino do Sul, que continuou leal à dinastia davídica. A menos que seja de outro modo indicado, os nomes “Israel” e “Judá”, neste volume, representam, respectivamente, os reinos do Norte e do Sul.<sup>1</sup>

Uma outra denominação dada ao reino do Norte é “Efraim”. Embora originalmente o nome fosse dado a um dos filhos de José (veja Gn 41:52), passou a de-

<sup>1</sup>“Israel” também é usado na Bíblia como termo que identifica o remanescente fiel, ou povo de Deus. Em consequência, o seu uso nas Escrituras deveria ser interpretado pelo contexto.

signar especificamente a tribo liderante que se separou. Estando localizada ao norte de Benjamim e Judá, “Efraim” representava a oposição a Judá, e com frequência incluía todo o reino do Norte (cf. Isaías e Oséias).

### Cronologia

Esse é o primeiro período da história do Antigo Testamento em que quaisquer datas podem ser fixadas com certeza virtual. A história secular, desvendada por meio da pesquisa arqueológica, provê uma lista eponímica que se relaciona com cada ano da história assíria, de 891 a 648 a. C.<sup>2</sup> Ptolomeu, notável erudito que viveu em cerca de 70 - 161 d. C., compôs um cânon que alista os governadores babilônicos e persas desde os dias de Nabonassar (747 a. C.) até Dario III (332 a. C.).<sup>3</sup> Em adição ele alista os governantes gregos, Alexandre e Filipe, os senhores ptolomaicos do Egito, e os dirigentes romanos até ao ano de 161 d. C. Sendo astrônomo, geógrafo, historiador e cronologista, Ptolomeu nos fornece informações vitais. O material mais valioso para os historiadores modernos é o astronômico, o qual tem tornado possível a averiguação da exatidão de seus dados em numerosos pontos, de tal maneira que “o cânon de Ptolomeu pode ser utilizado como guia histórico com a mais plena confiança”.<sup>4</sup>

Dois fatos significativos fornecem o elo entre a história assíria e a narrativa bíblica sobre os reis hebreus, durante o período do reino dividido. As inscrições assírias indicam que Acabe, rei de Israel, participou da batalha de Carcar (853 a. C.), contra Salmaneser III, e que Jeú, outro rei de Israel, pagou tributo ao mesmo monarca assírio, em 841 a. C. Equiparando os informes bíblicos concernentes aos reis hebreus Acazias e Jorão com esse período de doze anos da história assíria, Thiele sugeriu haver um indício solucionador na interpretação apropriada da cronologia.<sup>5</sup> Com essas duas datas definitivamente estabelecidas no sincronismo entre a história assíria e a hebréia, ele propõe um esquema de cronologia absoluta para o período que medeia entre a divisão do reino e a queda de Jerusalém. Isso serve de chave prática para a interpretação de numerosas referências cronológicas, nas narrativas dos livros de Reis e Crônicas.

Dando-se margem a um fator de variação de um ano, as datas terminais para Israel (queda de Samaria) e para Judá (queda de Jerusalém) são fixadas, respectivamente, em 722 e 586 a. C. Outro tanto pode ser dito acerca da batalha de Carcar, em 853 a. C. A data para o começo dos dois reinos está sujeita a maior variação.

Uma simples adição de todos os anos atribuídos aos reais hebreus totaliza quase quatro séculos. Com base nessa tabulação, muitos eruditos, como Hales, Oppert, Graetz, Ussher e Mahler têm datado a divisão do reino salomônico dentro do período de 990 - 953 a. C. A tabela de datas que recebeu maior publicidade é aquela oferecida por Ussher, adotada por Edersheim, e incorporada à margem de muitas Bíblias impressas no século passado. Descobertas arqueológicas re-

<sup>2</sup>Quanto a uma lista completa veja E. R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings* (University of Chicago Press, 1951), págs. 287-292. Veja também D. D. Luckenbill, *Ancient Records of Assyria and Babylonia II* (University of Chicago Press, 1927), págs. 430ss.

<sup>3</sup>Veja Thiele, *op. cit.*, pág. 293

<sup>4</sup>*Ibid.*, pág. 47

<sup>5</sup>Veja *ibid.*, págs. 53, 54. Dando espaço aos reinados de Acazias e Jorão, durante esse período, parece necessário considerar 853 a. C. como o último ano de Acabe e 841 a. C. como o ano em que Jeú ascendeu ao trono.

centes, relativas à história contemporânea do Oriente Próximo, têm iluminado muitos trechos bíblicos, exigindo a reinterpretação de informes bíblicos.

O período do reino dividido é calculado como equivalente a três séculos e meio. Com base na cronologia assíria e na história contemporânea do Oriente Próximo, Olmstead, Kittel, Albright e outros datam o começo desse período entre os anos 937 - 922 a. C. A data mais largamente popularizada, na literatura corrente sobre o Antigo Testamento, é 922 a. C.<sup>6</sup>

O mais completo estudo sobre a cronologia desse período do reino dividido foi publicado no volume de E. R. Thiele, **The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings**. Mediante uma análise detalhada dos informes estatísticos, tanto da narrativa bíblica quanto da história contemporânea, ele concluiu que 931 a. C. é a data mais razoável para o começo desse período. Apesar de que certo número de cronologias tem sido constituído sobre a suposição que existem numerosos erros no presente texto dos livros de Reis e Crônicas, Thiele parte da premissa que o texto presente é digno de confiança. Com essa abordagem, o número de referências cronológicas que permanecem problemáticas, à luz de nossa presente compreensão acerca do período, é muito menos que os problemas textuais que evoluem em resultado da suposição a priori de que o texto hebraico está em erro.<sup>7</sup> Embora restem problemas ainda insolúveis na cronologia de Thiele, parece ser essa a mais razoável e completa interpretação dos informes escriturísticos e dos fatos históricos contemporâneos de que atualmente temos conhecimento. Se porventura for confirmada como correta a data de 959 a. C. para o começo do templo de Salomão, isso exigirá reinterpretação quanto a essa cronologia. No presente essa data é aceita com alto grau de probabilidade.<sup>8</sup> Por toda essa análise do período do reino dividido a cronologia de Thiele é adotada como padrão. Indica-se qualquer desvio da mesma.

Alguns dos fatores básicos que têm ligação com a análise dos informes cronológicos sobre esse período merecem breve consideração.<sup>9</sup> Em Judá, era usado o sistema do ano da ascensão no cômputo, desde o começo dos dias de Jorão (cerca de 850 a. C.) que adotou o sistema do ano da não-ascensão, que vinha sendo empregado em Israel desde os dias de Jeroboão I.<sup>10</sup> Durante os reinados de Jeoás e Amazias (cerca de 800 a. C.), ambos os reinados mudaram para o sistema do ano da ascensão ao trono.<sup>11</sup>

A questão da co-regência deve ser considerada quando se busca fixar uma cronologia para esse período. Algumas vezes, os anos durante os quais pai e filho governaram juntos são creditados a ambos os reis, quando se computa a duração de seus reinados.

<sup>6</sup>Veja W. F. Albright, "The Chronology of the Divided Monarchy of Israel", *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, nº 100 (dezembro de 1945), págs. 16-22

<sup>7</sup>Veja a discussão de Thiele sobre isso no cap. XI sobre "Modern Chronological Systems". Note-se, particularmente, sua análise sobre a cronologia de Albright, págs. 244-252.

<sup>8</sup>Veja Wright, *Biblical Archaeology*, pág. 146.

<sup>9</sup>Quanto a um estudo mais completo, ler cap. II, "Fundamental Principles of Hebrew Chronology", por Thiele, *op. cit.*, págs. 14-41.

<sup>10</sup>No sistema do ano de não-ascensão o ano inicial de um monarca - quer seja de um mês ou de doze meses - é contado como um ano.

<sup>11</sup>O método de não-ascensão era comum no Egito. Thiele atribui essa modificação à influência assíria, pág. 41.

## Datas Importantes

Certo número de datas se reveste de grande significação, para que se tenha boa e própria compreensão sobre qualquer período histórico. Os três mais significativos acontecimentos dessa era do reino dividido, são os seguintes:

- 931 - A Divisão do reino
- 722 - A queda de Samaria
- 586 - A queda de Jerusalém

Sem apelarmos para listas tabulares de governantes desses reinos, com datas para cada rei, é próprio sugerirmos um índice cronológico para esses séculos. Os acontecimentos havidos no reino do Norte se prestam para um esquema cronológico simples, como segue:

- 931 - Dinastia de Jeroboão I
- 909 - Dinastia de Baasa
- 885 - Dinastia de Onri
- 841 - Dinastia de Jeú
- 752 - Últimos reis
- 722 - Queda de Samaria

Todos os reis, profetas e ocorrências importantes podem ser aproximadamente datados, usando-se esse arcabouço cronológico.<sup>12</sup>

Os acontecimentos contemporâneos do reino do Sul podem ser convenientemente relacionados a esse arcabouço de referências. Colocando-se os quatro mais notáveis monarcas de Judá na sua devida seqüência, e adicionando-se uma data, torna-se questão simples o desenvolvimento de uma cronologia funcional em forma simplificada. Datas aproximadas tornam-se prontamente evidentes, com base no esboço abaixo:

931 - Dinastia de Jeroboão I	Reoboão
909 - Dinastia de Baasa	
885 - Dinastia de Onri	Josafá
841 - Dinastia de Jeú	
752 - Últimos reis	Uzias
722 - Queda de Samaria	
	Ezequias
640 -	Josias
586 -	Queda de Jerusalém

Usando estas datas sugeridas como um esquema funcional, a questão de data cronológica na narrativa bíblica pode ser reduzida ao mínimo. Embora as datas individuais para cada rei sejam dadas subseqüentemente, elas não são necessárias para uma compreensão do desenvolvimento geral. Para o nosso propósito, as datas acima são suficientes, enquanto as datas individuais são importantes para um estudo detalhado.

<sup>12</sup>Os acontecimentos históricos durante a era do reino dividido são vitalmente importantes para que se entenda devidamente os livros proféticos do Antigo Testamento. Em adição, muitos outros profetas desempenharam papel ativo na história de Israel.

## Narrativa Bíblica

A fonte literária primária acerca da era do reino dividido é 1 Rs 11:1 a 2 Rs 25:30 e 2 Cr 10:1 - 36:23. Material complementar pode ser achado nos livros de Isaías, Jeremias e de outros profetas, que refletem a cultura contemporânea.

A única fonte informativa que apresenta um relato histórico contínuo sobre o reino do Norte é 1 Rs 12:1 - 2 Rs 17:41. Integrados nesse registro figuram eventos contemporâneos do reino do Sul. Visto que o reino do Norte chegou ao fim em 722 a. C., o autor dos livros de Reis dá prosseguimento à narrativa contínua sobre o reino do Sul em 2 Rs 18:1 - 25:30 até à queda de Jerusalém, em 586 a. C. Um registro paralelo acerca do reino do Sul, de 931 a 586 a. C., aparece em 2 Cr 10:1 - 36:23, onde o autor conclui com uma alusão final à soltura do cativo, sob Ciro (538 a. C.). A narrativa em Crônicas complementa a história do reino do Norte, registrada nos livros de Reis, somente onde tem vínculo direto com os sucessos no reino do Sul.

Visto que cada reino conta com uma lista de aproximadamente vinte monarcas, uma simples análise é essencial para que a confusão seja evitada. A memorização de duas listas de reis com frequência exclui qualquer análise criteriosa sobre esse período, como pano de fundo essencial no estudo das mensagens proféticas do Antigo Testamento. Visto que certo número de famílias governaram no reino do Norte, em contraste com a dinastia única havida em Judá, um simples esboço, baseado sobre as dinastias liderantes em Israel, pode ser sugerido. Isso pode ser empregado como conveniente tabela de referências quanto à associação de outros nomes e acontecimentos. Notemos abaixo:

Israel	Esboço de Reis	Judá
Dinastia de Jeroboão	1 Rs 12 - 15	Reoboão Abias
Dinastia de Baasa	1 Rs 15 - 16	Asa
Dinastia de Onri	1 Rs 16 - 22 2 Rs 1 - 9	Jeosafá Jorão Acázias
Dinastia de Jeú	2 Rs 10 - 15	Atalia Joás Amázias
Últimos reis	2 Rs 15 - 17 2 Rs 18 - 25	Uzias Jotão Acáz Ezequias a Zedequias

Visto que Israel deixou de existir como um governo independente, a última porção de Reis se concentra no relato sobre o reino do Sul. Israel foi reduzido a uma província assíria.

Quanto a um esboço detalhado do relato bíblico sobre o período do reino dividido, conforme se vê em Reis e Crônicas, averiguar o seguinte:

Jeroboão 1 Rs 12:25 - 14:20	Reoboão 1 Rs 12:1 - 24 2 Cr 10:1 - 12:26
	Abião (Abias) 1 Rs 15:1 - 8 2 Cr 13:1 - 22
Nadabe 1 Rs 15:25 - 31	Asa 1 Rs 15:9 - 24 2 Cr 14:1 - 16:14
Baasa 1 Rs 15:32 - 16:7	
Elá 1 Rs 16:8 - 14	
Zinri 1 Rs 16:15 - 20	
Onri 1 Rs 16:21 - 28	
Acabe 1 Rs 16:29 - 22:40	Josafá 1 Rs 22:41 - 50 2 Cr 17:1 - 20:37
Acázias 1 Rs 22:51 - 53 2 Rs 1:1 - 18	
Jorão (Jeorão) 2 Rs 1:19 - 8:15	Jeorão (Jorão) 2 Rs 8:16 - 24 2 Cr 21:1 - 20
	Acázias 2 Rs 8:25 - 29 2 Cr 22:1 - 9
2 Rs 9:1 - 27	Atália 2 Rs 11:1 - 21 2 Cr 22:10 - 23:21
Jeú 2 Rs 10:1 - 36	
Jeoacaz 2 Rs 13:1 - 9	Joás (Jeoás) 2 Rs 12:1 - 21 2 Cr 24:1 - 27
Jeoás (Joás) 2 Rs 13:10 - 24	Amázias 2 Rs 14:1 - 22 2 Cr 25:1 - 28
Jeroboão II 2 Rs 14:23 - 29	Uzias (Azarias) 2 Rs 15:1 - 7 2 Cr 26:1 - 23



**Zacarias**

2 Rs 15:8 - 12

**Salum**

2 Rs 15:13 - 15

**Menaém**

2 Rs 15:16 - 22

**Pecaías**

2 Rs 15:23 - 26

**Peca**

2 Rs 15:27 - 31

**Oséias**

2 Rs 17:1 - 41

**Jotão**

2 Rs 15:32 - 38

2 Cr 27:1 - 9

**Acaz**

2 Rs 16:1 - 20

2 Cr 28:1 - 27

**Ezequias**

2 Rs 18:1 - 20:21

2 Cr 29:1 - 32:33

**Manassés**

2 Rs 21:1 - 18

2 Cr 33:1 - 20

**Amom**

2 Rs 21:19 - 26

2 Cr 33:21 - 25

**Josias**

2 Rs 22:1 - 23:30

2 Cr 34:1 - 35:27

**Jeoacaz (Salum)**

2 Rs 23:31 - 34

2 Cr 36:1 - 4

**Joaquim (Eliaquim)**

2 Rs 23:35 - 24:7

2 Cr 36:5 - 8

**Joaquim (Jeconias)**

2 Rs 24:8 - 17

2 Cr 36:9 - 10

**Zedequias (Matanias)**

2 Rs 24:18 - 25:7

2 Cr 36:11 - 21

**Exílio e retorno**

2 Rs 25:8 - 30

2 Cr 36:22 - 23

## Eventos Simultâneos

As relações internacionais se revestiram de vital significado durante aqueles séculos em que o império salomônico se dividiu em dois reinos - os quais, finalmente, sucumbiram ante potências estrangeiras. Estando estrategicamente localizados no Crescente Fértil, entre o Egito e a Mesopotâmia, não podiam escapar à pressão de várias nações que se ergueram como grandes potências durante esse período. Conseqüentemente, para que se compreenda devidamente o relato bíblico, essas nações justificam as considerações a respeito.

### *O Reino da Síria*<sup>13</sup>

O reino de Arã, cuja capital era Damasco, é melhor conhecido pelo nome de Síria. Durante cerca de dois séculos desfrutou de poder e prosperidade às expensas de Israel. Quando Davi expandiu seu reino, derrotou Hadadezer, governante de Zobá, e firmou amizade com Toi, rei de Hamate. Salomão ampliou as fronteiras de seu reino até mais de 160 km além de Damasco e Zobá, conquistando Hamate, às margens do Orontes, e estabelecendo cidades-armazéns naquela região. Durante a porção final de seu reinado, Rezom, que fora jovem oficial militar sob Hadadezer, em Zobá, antes de haver sido derrotado por Davi, apossou-se de Damasco e lançou os alicerces para o reino arameu ou sírio. A rebelião durante o reinado de Reoboão lhe proveu essa oportunidade. Durante os dois séculos seguintes a Síria se tornou um dos contendores à cata de poder, na área da Síria - Palestina.

A guerra que houve entre Judá e o reino do Norte, cujos governantes respectivos foram Asa e Baasa, forneceu à Síria, governada por Ben-Hadade, a oportunidade de emergir como a nação mais poderosa da terra de Canaã, perto dos fins do século IX a. C. Quando Baasa começou a fortificar a cidade fronteiriça de Ramá, somente a oito quilômetros ao norte de Jerusalém, Asa enviou a Ben-Hadade os tesouros do templo, como suborno, estabelecendo com ele uma aliança contra o reino do Norte. Embora isso tenha concretizado os propósitos imediatos de Asa, afrouxando a pressão militar exercida por Baasa, na realidade deu à Síria toda a vantagem, de maneira tal que, com o tempo, ambos os reinos israelitas foram ameaçados de invasão vinda do norte. Conquistando parte do território nortista de Israel, Ben-Hadade foi capaz de controlar as rotas de caravanas para a Fenícia, o que redundou em riquezas imensas canalizadas para Damasco - fortalecendo o reino da Síria.

A supremacia síria como potência militar e comercial foi contrabalançada pelo reino do Norte quando a dinastia de Onri começou a governar, em 885 a. C. Onri quebrou o monopólio comercial da Síria com a Fenícia ao estabelecer relações amistosas com Etbaall, rei de Sidom. Isso resultou no casamento de Acabe e Jezabel. O poder emergente da Assíria, no oriente, serviu de outro freio sobre a Síria, nos dias de Acabe. Durante os anos em que Assurnasirpal, rei da Assíria, se contentou em flanquear a Síria pelo norte, ao ampliar seus contactos com o Mediterrâneo, Acabe e Ben-Hadade com frequência se combateram. Com o tempo, Acabe obteve o equilíbrio do poder. Em 853 a. C., entretanto, Acabe e Ben-Hadade unificaram suas forças na famosa batalha de Carcar, no

<sup>13</sup>Quanto a uma história da Síria, veja Merrill F. Unger, *Israel and the Arameans of Damascus*.

vale do rio Orontes, a norte de Hamate.<sup>14</sup> Embora Salmaneser III tenha declarado haver obtido grande vitória, é duvidoso que tal vitória tenha sido decisiva, porquanto ele não prosseguiu seu avanço até Hamate ou Damasco, senão somente vários anos mais tarde. Imediatamente depois disso, continuaram as hostilidades siro-efraimitas, tendo Acabe sido morto em batalha. Quando a Assíria renovou os seus ataques contra a Síria, talvez Ben-Hadade não tenha gozado do apoio de Jorão. Quando morreu Ben-Hadade, em cerca de 843 a. C., a Síria se viu tremendamente pressionada pelos invasores assírios, tanto quanto pela falta de apoio da parte do reino do Norte.

Hazael, o líder seguinte, usurpou o trono e se tornou um dos mais poderosos monarcas - estendendo o domínio sírio até à Palestina. Embora Jeú, o novo rei de Israel, se tenha submetido a Salmaneser III, pagando-lhe tributo (841 a. C.), Hazael conseguiu resistir sozinho à invasão enviada por aquele rei assírio. Dentro de poucos anos Hazael se viu capaz de ampliar seu reino, quando os assírios se retiraram. Vasto território do reino do Norte foi anexado à Síria, às expensas de Jeú. Depois de 814 a. C., Jeoacaz, rei de Israel, mostrou-se tão débil que os exércitos de Hazael atravessaram seu território e se apossaram da planície da Filístia, destruindo Gate e exigindo tributo do rei de Judá, em Jerusalém.

Ben-Hadade (cerca de 801 a. C.) não conseguiu manter o reino estabelecido por Hazael, seu progenitor. Durante os poucos últimos anos de seu governo, Adad-nirari III, da Assíria, subjogou Damasco de modo suficiente para cobrar-se pesado tributo. Outrossim, Bem Hadade teve de enfrentar a oposição hostil que lhe foi movida pelos estados sírios do norte. Isso deixou Damasco em situação de tão extremada fraqueza que quando prosseguiu a pressão assíria Joás reconquistou para Israel grande parte dos territórios tomados por Hazael. Nos dias de Jeroboão II (793 - 753), a Síria chegou a perder Damasco e a "entrada de Hamate", restaurando a fronteira norte estabelecida por Davi e Salomão (veja 2 Sm 8:5-11).

Uma vez mais, Damasco teve a chance de impor-se, quando faleceu o poderoso rei Jeroboão, em 753 a. C. Rezim (cerca de 750 - 732 a. C.), o último dos reis araméus em Damasco, reconquistou a independência síria. Com a ascensão de Tiglate-Pileser III ao trono assírio (745 a. C.), tanto a Síria quanto Israel se viram alvo de invasão e da imposição de pesado tributo. Enquanto Tiglate-Pileser (Pul) combatia na Armênia (737 - 735 a. C.), Rezim e Peca organizavam entre si uma aliança para evitar o pagamento do tributo. Embora Edom e a Filístia se tivessem aliado à Síria e a Israel, nessa aliança anti-assíria, Acáz, rei de Judá, enviou tributo a Pul, afirmando-lhe a sua lealdade. Em resposta a esse convite, Pul fez uma campanha contra a Filístia, estabelecendo contacto com Acáz, e, por volta de 732 a. C. já havia conquistado Damasco. A Samaria escapou, nessa ocasião, quando Peca foi substituído por Oséias, o qual voluntariamente pagou tributo como monarca títere. Com a morte de Rezim e a queda de Damasco, o reino da Síria chegou ao fim, para nunca mais erguer-se de novo.

<sup>14</sup>O rei sírio identificado como Ben-Hadade nos registros bíblicos de cerca de 900 - 843 a. C., pode referir-se a dois governantes diferentes do mesmo nome. Nesse caso, é provável que o segundo Ben-Hadade tenha começado a governar em cerca de 860 a. C. Quanto ao ponto de vista de que se deveriam atribuir 57 anos a um só rei, veja M. F. Unger, *Archaeology and the Old Testament*, págs. 240-241.

## *O Grande Império Assírio*

Na extremidade norte do Crescente Fértil, espalhando-se por cerca de 560 km ao longo do rio Tigre, e com uma largura aproximada de 320 km, ficava a terra conhecida como Assíria. Tal designação provavelmente se originou na divindade nacional, Assur, de cujo nome se deriva a designação de uma de suas principais cidades. A importância da Assíria durante o período do reino dividido se torna evidente de pronto diante do fato que, no auge, de seu poder, absorveu os reinos da Síria, de Israel, de Judá, e até do Egito, até Tebas. Durante aproximadamente dois séculos e meio exerceu tremenda influência sobre os acontecimentos na terra de Canaã, razão pela qual com frequência figurava nos registros bíblicos.

Apesar do fato de que alguns eruditos atribuem ao começo do terceiro milênio a. C. os primórdios da Assíria, pouco se sabe do que ocorreu antes do século XIX a. C., quando agressivas colônias comerciais daquela área estenderam seus interesses comerciais até ao interior da Ásia Menor. Nos dias de Samsi-Adade I (cerca de 1748 - 1716), a Assíria gozou de um período de prosperidade, tendo Assur como sua cidade liderante. Durante vários séculos, daí por diante, a Assíria ficou à sombra do reino hitita, na Ásia Menor, e do reino Mitani, que dominou a área superior dos rios Tigre-Eufrates.

A história assíria propriamente dita teve seus começos em cerca de 1100 a. C., com o reinado de Tiglate-Pileser I (cerca de 1114 - 1076 a. C.) De acordo com seus anais, ele estendeu o poder de sua nação para o ocidente, na direção do mar Mediterrâneo, dominando as nações pequenas e mais fracas daquela área. Entretanto, durante os dois séculos seguintes o poder assírio retrocede para segundo plano, enquanto Israel, sob Davi e Salomão, se ergue como poder dominante no Crescente Fértil.

Começando pelo século IX a. C., a Assíria emerge como poder crescente. Listas eponímicas assírias de cerca de 892 a. C. até 648 a. C. possibilitam-nos correlacionar e integrar a história da Assíria com os acontecimentos em Israel, conforme eles são registrados na narrativa bíblica. Assurnasirpal II (883 - 859 a. C.) estabeleceu Calá como sua capital. Após ter desenvolvido forte poder militar, ele começou a pressionar para o ocidente, aterrorizando as nações opositoras com sua brutalidade e crueldade, atravessando o Eufrates e estabelecendo contactos comerciais nas margens do Mediterrâneo. Contactos frequentes com os sírios, ao sul, produziram a importante batalha de Carcar, no rio Orontes, em 853 a. C., nos dias de seu filho, Salmaneser III (858 - 824 a. C.). Na aliança encabeçada por Ben-Hadade, de Damasco, Acabe, rei de Israel, forneceu dois mil carros de guerra e 10 mil soldados, o que constituía a unidade mais numerosa do grupo. Embora o rei assírio se houvesse declarado vencedor, é duvidoso se foi uma vitória decisiva, porquanto Salmaneser III evitou contactos com os sírios durante vários anos depois disso. Em 848 a. C., e, novamente, em 845 a. C., Ben-Hadade resistiu a mais duas invasões assírias; porém, nenhuma menção se faz de forças israelitas a ajudarem os sírios dessa vez. Jeú, que usurpou o trono de Samaria (841 a. C.), deu demonstrações de subserviência a Salmaneser III, enviando-lhe tributo. Isso deixou Hazael, o novo rei de Damasco, com o problema de oferecer resistência à agressão assíria. Embora Salmaneser tenha assediado a Síria por alguns poucos anos, nos dias de Hazael,

achou mais conveniente voltar a atenção para a conquista da área ao norte, depois de 837 a. C., concedendo a Canaã algum alívio da pressão assíria por diversas décadas.

Por quase um século o poder assírio é empurrado para segundo plano. Samsi-Adade V (823 - 811 a. C.) foi mantido ocupado em suprimir revoltas em várias porções de seu reino. Adadnirari III (810 - 783 a. C.) atacou Damasco antes do fim daquele século, permitindo que os israelitas obtivessem alívio da opressão síria. Salmaneser IV (782 - 773 a. C.), Assurdã III (772 - 755 a. C.), e Assurnirari (754 - 745 a. C.) mantiveram com sucesso a Assíria como poderosa nação, mas não foram suficientemente poderosos para ampliá-la, como o fez o monarca seguinte.

Tiglate-Pileser III (745 - 727 a. C.) foi um extraordinário guerreiro, que conduziu sua gente a maiores conquistas. Na Babilônia, onde foi reconhecido rei, era conhecido pelo nome de Pulu. O trecho de 1 Rs 15:19 alude a ele com o nome de Pul. Na conquista de territórios adicionais para ocidente, ele adotou a norma de dividir a área em províncias subordinadas para exercer controle mais seguro. Embora essa prática já tivesse sido utilizada anteriormente, ele se mostrou bem sucedido em aterrorizar notoriamente as nações, trocando grandes contingentes de pessoas, de alguma cidade conquistada, por cativos trazidos de alguma região distante. Isso impedia eficazmente a possibilidade de rebelião. Também servia de nivelamento lingüístico, de tal modo que o idioma aramaico veio a eliminar outros idiomas na grande área do reino. No começo de seu reinado, Pul cobrou tributos de Manaém, rei de Israel, e de Rezim, rei de Damasco. Visto que Judá era, nessa ocasião, a nação mais forte da terra de Canaã, é possível que Azarias tenha organizado uma coligação de forças para fazer oposição aos assírios. Parece que seus sucessores, Jotão e Acáz, resistiram à pressão exercida por Israel e pela Síria para que se unissem com eles, juntamente com a Filístia e Edom na oposição a Pul. Ao invés disso, Acáz mostrou-se amigável para com Pul, em resposta ao que as forças assírias avançaram até a Filístia, em 733 a. C. aposando-se de territórios às custas dessas nações opositoras. Após um cerco terrível, a grande cidade de Damasco se rendeu, Rezim foi morto e o reino sírio capitulou. Samaria só conseguiu evitar a invasão substituindo Peca por Oséias.

Salmaneser V (727 - 722 a. C.) deu prosseguimento às normas de seu pai. Nos dias de Oséias, os israelitas ansiavam por colocar ponto final em sua subserviência à Assíria. Salmaneser respondeu com uma invasão do país, e durante três anos assediou Samaria. Em 722 a. C., Sargão II, que servia como general do exército, usurpou o trono e fundou uma nova dinastia na Assíria. Nos registros, ele afirma que capturou Samaria, embora alguns acreditem que Salmaneser V realmente conquistou a cidade e que Sargão reivindicou para si o crédito. Tendo governado de 721 a 705 a. C., ele usou Assur, Calá e Nínive como capitais, mas finalmente erigiu a grande cidade de Corsabade, por causa da qual ele é melhor lembrado. Sua campanha contra Asdode, em 711 a. C., pode ser aquela mencionada em Is 20:1. O reinado de Sargão terminou abruptamente quando ele morreu em batalha.

Senaqueribe (704 - 681 a. C.) tornou famosa a cidade de Nínive como sua grande capital, ao construir uma muralha que tinha entre 12 a 15 m de altura,

num perímetro de 4 km ao longo do rio Tigre. Nos seus anais ele alista a conquista de Sidom. Jope, quarenta e seis cidades muradas em Judá, e seu assédio de Jerusalém, nos dias de Ezequias. Em 681 a. C. ele foi morto por dois de seus filhos.

Embora Senaqueribe tenha sido forçado a estacar diante da fronteira egípcia, seu filho, Esaradom (681 - 668 a. C.) avançou Egito adentro e derrotou Taarca. Seu interesse pela Babilônia se evidencia pelo fato que reconstruiu a cidade de Babilônia, talvez porque sua esposa pertencesse à nobreza babilônica. Senaqueribe nomeou Samassumuquim como governante babilônico; mas esse último se rebelou, após um governo de dezesseis anos, contra seu irmão, Assurbanipal, e pereceu no incêndio de Babilônia (648 a. C.).<sup>15</sup> Durante o reinado de Esaradom, Manassés, rei de Judá, foi levado cativo para a Babilônia (veja 2 Cr 33:10-13). A morte surpreendeu Esaradom quando ele encabeçava seus exércitos em marcha para o Egito.

Durante o reinado de Assurbanipal (668 - cerca de 630 a. C.), o império assírio atingiu seu zênite em termos de riquezas e prestígio. No Egito, ele fez seus exércitos subirem o rio Nilo por cerca de 800 km, a fim de capturar Tebas, em 663 a. C. A guerra civil (652 a. C.) contra seu irmão, que estava encarregado do governo da cidade de Babilônia, resultou na captura daquela cidade, em 648 a. C. Embora ele fosse cruel e violento como general militar, Assurbanipal é melhor lembrado por seu agudo interesse por obras religiosas, científicas e literárias. Enviando escribas por toda a Assíria e Babilônia, para que copiassem registros sobre a criação, dilúvios, narrativas antigas e coisas similares, ele acumulou muito material na grande biblioteca real de Ninive.

Em menos de três décadas depois da morte de Assurbanipal o reino assírio, que exercera tão tremenda influência por todo o Crescente Fértil, se evaporou - para nunca mais levantar-se. Os três governantes sucessivos depois dele foram incapazes de fazer frente aos crescentes reinos da Média<sup>16</sup> e da Babilônia. Nínive caiu em 612 a. C. Desapareceram os últimos vestígios de oposição assíria quando das batalhas de Harã (609a. C.) e Carquemis (605 a. C.) Expandindo-se na direção oeste, o reino babilônico<sup>17</sup> absorveu o reino do Sul e destruiu Jerusalém, em 586 a. C.

### LEITURAS SELECIONADAS

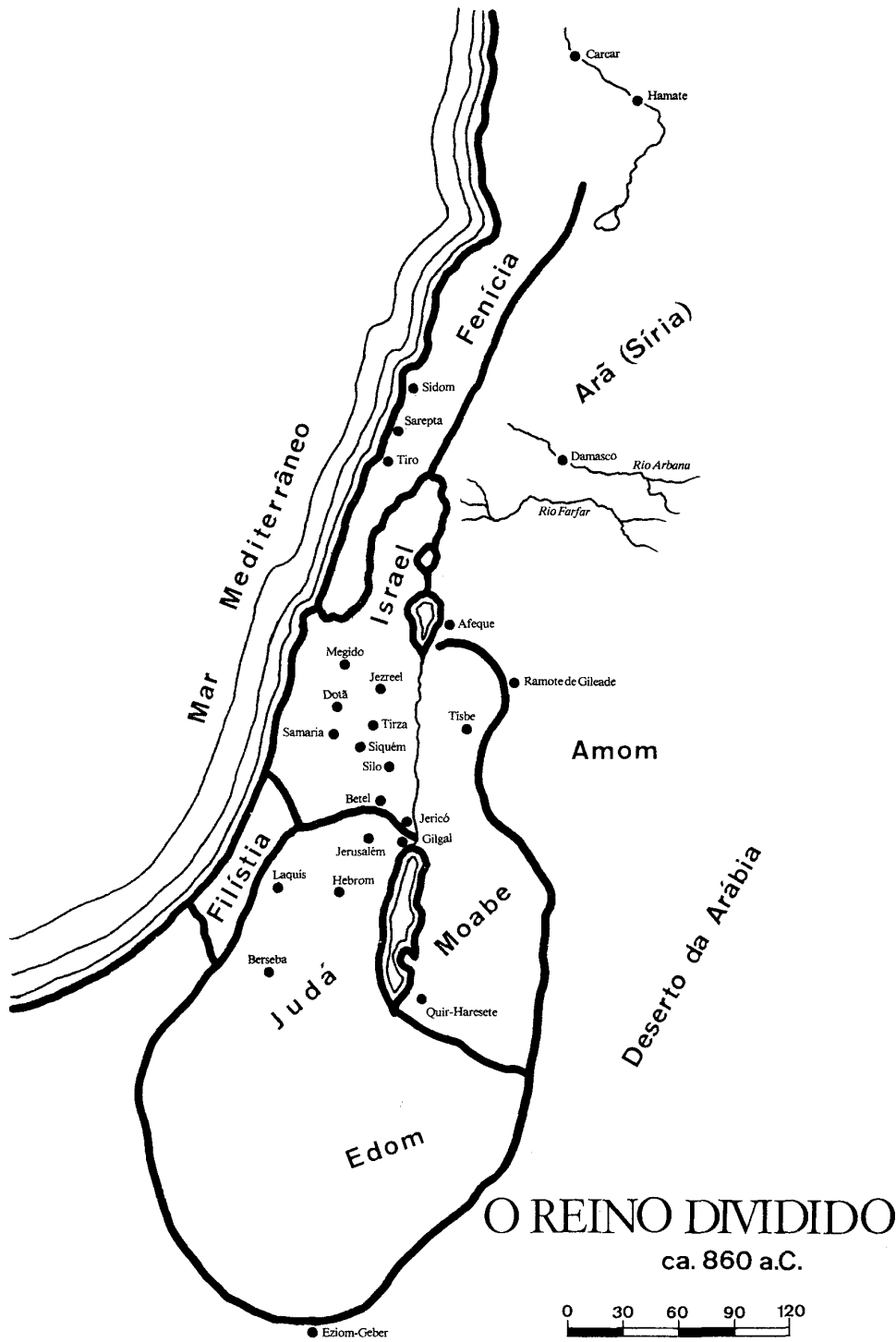
- Baramki, Dimitri. **Phoenicia and the Phoenicians**. Beirute: Khayats, 1961.  
 Bowman, R. "Arameans, Aramaic, and the Bible", *JNE Studies*, 7 (1948), págs. 71 - 73.  
 Bronner, Leah. **The Stories of Elijah and Elisha: As Polemics against Baal Worship**, Leiden, Holanda: E. J. Brill, 1968.  
 Fedden, Robin. **Syria**. Londres: Robert Hale Limited, 1946.  
 Finegan, Jack. **Light from the Ancient Past**. Princeton: University Press, 1959.

<sup>15</sup>D. J. Wiseman, **Chronicles of Chaldaean Kings (626 - 556 B. C.) in the British Museum** (Londres, 1956), pág. 5.

<sup>16</sup>Ciaxares estabeleceu o reino da Média em 633 a. C., e posteriormente selou uma aliança com a Babilônia, mediante o casamento de Amitis, sua neta paterna, com Nabucodonosor, filho de Nabopolassar.

<sup>17</sup>Quanto a uma pesquisa sobre a expansão babilônica, veja o cap. XV deste volume.

- Hallo, William. "From Qarqar to Carchemish: Assyria and Israel in the Light of New Discoveries", **Biblical Archaeologist**, XXIII (1962), págs. 34-61.
- Harden, Donald. **The Phoenicians**. Nova Iorque: Frederick A. Praeger, 1962.
- Heathcote, A. W. **From the Death of Solomon to the Captivity of Judah**, J. Clark, 1959.
- Hitti, Philip K. **History of Syria**. Londres: Macmillan & Co., Ltd., 1957.
- \_\_\_\_\_ **Lebanon in History**. Londres: Macmillan & Co., Ltd., 1957.
- \_\_\_\_\_ **The Near East in History**. Princeton: D. Van Norstrand Co., 1961.
- Jones, Tom. **Ancient Civilization**. Chicago: Rand McNally & Co., 1960.
- Mazar, Benjamin. "The Aramean Empire and Its Relations with Israel", **Biblical Archaeologist**, XXV (1962), págs. 98 - 120.
- Olmstead, A. T. **History of Palestine and Syria**. Nova Iorque: Scribner's, 1931.
- Pfeiffer, C. **Ras Shamra and the Bible**. Grand Rapids: Baker Book House, 1962.
- \_\_\_\_\_ **The Divided Kingdom**. Grand Rapids: Baker Book House, 1967.
- Rainey, A. "The Kingdom of Ugarit". **Biblical Archaeologist**, XXVIII (1965), pág. 102-125.
- Schmokol, H. **Ur, Assur, and Babylon**. Stuttgart: G. Kilpper Verlag, 1955.
- Simons, J. **Jerusalem in the Old Testament**. Leiden: Brill, 1952.
- \_\_\_\_\_ **The Geographical and Topographical Texts in the Old Testament**. Leiden: Brill, 1959.
- Thiele, E. R. **The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings**. Chicago: University of Chicago Press, 1951; ed. revisada, Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1965.
- Unger, M. **Israel and the Aramaeans of Damascus**. Londres: James Clarke & Co., Ltd., 1957.
- Van Zyl, H. A. **The Moabites**. Leiden: Brill, 1960.



# O REINO DIVIDIDO

ca. 860 a.C.





## Capítulo X

### A Secessão Nortista

A união de Israel, estabelecida por Davi, terminou quando da morte de Salomão. Destacando-se dentro da divisão resultante ressaltou-se o reino do Norte - localizado entre Judá e a Síria. Em menos de um século (931 - 841 a. C.) três dinastias foram levantadas e caíram nesse novo reino.

#### **A Família Real de Jeroboão**

Jeroboão I distinguiu-se como administrador no tempo de Salomão, quando supervisionava a construção da muralha de Jerusalém, conhecida como Milo (veja 1 Rs 11:26 - 29). Quando o profeta Aías transmitiu dramaticamente uma mensagem divina, rasgando sua capa em doze pedaços, deu dez pedaços a Jeroboão, dando a entender que ele seria governador de dez tribos de Israel. Diferente de Davi, que também fora eleito rei muito antes de haver ascendido ao trono, Jeroboão deu mostras de rebelião e incorreu no desfavor de Salomão. Em consequência, ele fugiu para o Egito, onde encontrou refúgio até que Salomão faleceu.

Quando Reoboão, filho de Salomão, convocou uma assembléia nacional em Siquém, Jeroboão foi convidado a voltar e defender a causa dos anciãos, que solicitavam a redução de impostos. Ignorando isso, Reoboão teve de enfrentar um levante e fugiu para Jerusalém. Enquanto Judá e Benjamim se puseram solidamente a seu lado, as tribos separadas fizeram rei a Jeroboão. Foram evitados a guerra civil e o derramamento de sangue, quando Reoboão deu ouvidos à advertência feita pelo profeta Semaías, para que restringisse suas forças. Isso deu a Jeroboão a oportunidade de firmar-se como rei de Israel.

A guerra civil prevaleceu durante os vinte e dois anos do reinado de Jeroboão, embora as escrituras não indiquem a extensão do levante. Sem dúvida a agressividade de Reoboão foi temperada pela ameaça de invasão egípcia, mas 2 Cr 12:15 registra guerras contínuas. Até mesmo cidades do reino do Norte foram atacadas por Sisaque.<sup>1</sup> Após a morte de Reoboão, Jeroboão lançou um ataque contra Judá, cujo novo rei, Abias, repelira Israel ao ponto de assumir controle

<sup>1</sup> Albright, *Biblical Period*, pág. 30.

sobre Betel e outras cidades israelitas (veja 2 Cr 13:13-20). Talvez isso tenha afetado a escolha de uma capital, por parte de Jeroboão. No início, Siquém foi fortificada como capital. Mas não é certo se a fortificação de Penuel, a leste do Jordão, teve as mesmas implicações.<sup>2</sup> Jeroboão residia na bela cidade de Tirza, a qual foi usada como capital pela nova dinastia (veja 1 Rs 14:17)<sup>3</sup> Aparentemente, Jeroboão sentiu ser expediente reter o padrão de organização do reino, conforme funcionara nos tempos salomônicos.

Jeroboão tomou iniciativa quanto às questões religiosas. Naturalmente, ele não desejava que seu povo freqüentasse as festividades sagradas de Jerusalém, para que não se tornassem leais a Reoboão. Erguindo bezerros de ouro em Dã e Betel, ele instituiu a idolatria em Israel (veja 2 Cr 11:13-15). Nomeou sacerdotes livremente, ignorando as restrições mosaicas e permitindo que os israelitas oferecessem sacrifícios em vários lugares altos por todo o país. Na qualidade de sacerdote-chefe ele não somente oficiava diante do altar, mas também alterou a data de certa festividade do sétimo para o oitavo mês (veja 1 Rs 12:25 - 13:34).

A agressividade de Jeroboão na religião foi refreada quando certo profeta de Judá, cujo nome não é revelado, o advertiu. Esse homem de Deus avisou corajosamente ao rei, quando este se achava de pé, queimando incenso diante do altar, em Betel. Imediatamente o rei ordenou sua detenção. A mensagem do profeta, entretanto, recebeu confirmação divina, quando o altar se partiu e o rei se viu incapaz de recolher o braço estendido na direção do fiel homem de Deus. Subitamente, a ordem altiva do monarca se transformou em rogos por intercessão. A mão de Jeroboão lhe foi restaurada, ante a oração do profeta. O rei quis recompensar ao profeta, mas este nem ao menos aceitou hospitalidade. O homem de Deus recebera ordens para partir dali imediatamente.

A seqüência do ministério fiel desse homem de Deus não é digna de nota. Tendo sido iludido por um idoso profeta de Betel, o profeta vindo de Judá aceitou sua hospitalidade e dessa maneira atraiu contra si mesmo o juízo divino.. A caminho de casa foi morto por um leão, tendo seu cadáver sido trazido de volta para Betel, para ser sepultado. Talvez o sepulcro desse profeta servisse de memorial, às gerações seguintes, de quão essencial é a obediência a Deus. Certamente isso deveria ter tido significação para Jeroboão.

Outra advertência foi dada a Jeroboão por meio do profeta Aiás. Quando seu filho, Abias, ficou seriamente enfermo, Jeroboão enviou sua esposa para consultar o idoso profeta, em Silo. Embora ela estivesse disfarçada, o profeta cego a reconheceu imediatamente. Ela foi mandada de volta a Tirza, com a mensagem solene de que a criança não se recuperaria. Outrossim, o profeta a avisou de que a desobediência aos mandamentos de Deus precipitaria o juízo divino - o extermínio da dinastia de Jeroboão e o cativo para os israelitas. Antes que ela chegasse de volta em casa, o menino morreu.

A despeito de todas as advertências proféticas, Jeroboão prosseguiu na idolatria. As agitações civis sem súvida debilitaram Israel de tal maneira que Jero-

<sup>2</sup>E. Mould, *Essentials of Bible History*, pág. 223, sugere que Jeroboão mudou sua capital para Penuel, em resultado da pressão militar exercida por Judá.

<sup>3</sup>Moderna Tell el-Farah, a quase 12 km a nordeste de Siquém, na estrada que conduz a Bete-Seã, tida como Tirza. A identificação não é certa. As escavações feitas pelo padre R. de Vaux, em 1947, favorecem a idéia. Veja Wright, *Biblical Archaeology*, pág. 151, Cf. Js 12:24 e Ct 6:4.

boão chegou a perder a cidade de Betel para Judá, nos dias de Abias, filho de Reoboão.

Dentro de poucos anos, a detestável advertência do profeta se cumpriu. Nadabe, filho de Jeroboão, governou por menos de dois anos. Quando assediava a cidade filistéia de Gibetom, foi assassinado por Baasa.

### **Dinastia de Baasa**

Baasa, da tribo de Issacar, estabeleceu-se como rei de Israel, em Tirza. Embora uma guerra crônica com Judá tivesse prevalecido por todo o decurso de seu reinado, ocorreu uma crise notável quando ele procurava fortificar Ramá. Aparentemente um grande número de Israelitas desertara para Judá nos anos de 896 - 895 a. C. (veja 2 Cr 15:9).<sup>4</sup> A fim de contrabalançar esse estado de coisas, Baasa fez avançar suas fronteiras até Ramá, a 8 km ao norte de Jerusalém. Ocupando essa importante cidade, ele podia controlar as estradas principais procedentes do norte, pois convergiam em Ramá e levavam a Jerusalém. Em retaliação contra esse ato agressivo, Asa, rei de Judá, assinalou um tento no campo da diplomacia, ao renovar aliança com Ben-Hadade I, de Damasco. Em resultado, Ben-Hadade anulou sua aliança com Israel e invadiu o reino do Norte, território de Baasa, passando a controlar cidades tais como Cades, Hazor, Merom e Zefate. Também adquiriu a rica e fértil região a oeste do lago da Galiléia, além das planícies a ocidente do monte Hermom. Isso outorgou à Síria o controle sobre as lucrativas rotas comerciais de caravanas até Aco, nas costas marítimas da Fenícia. Em face dessa pressão vinda do norte, Baasa abandonou a fortificação de Ramá, assim sendo aliviada a ameaça contra Jerusalém.

Nos dias de Baasa, o profeta Jeú, filho de Hanani, proclamava ativamente a mensagem do Senhor. Admoestou a Baasa para que servisse a Deus, que o exaltara à condição real. Infelizmente, Baasa ignorou o conselho do profeta, e continuou no caminho pecaminoso de Jeroboão.

Elá foi o sucessor de seu pai, Baasa, tendo reinado menos de dois anos (886 - 885 a. C.). Tendo sido achado embriagado na casa de seu mordomo-mor, Elá foi assassinado por Zinri, o qual estava à testa da metade dos carros de guerra do rei. Em poucos dias se cumpriu a palavra de Jeú, quando Zinri tirou a vida de todos os parentes e amigos da família de Baasa e Elá.

O reinado de Zinri em Israel foi apressadamente estabelecido e terminou abruptamente - tudo dentro de sete dias. Sem dúvida ele deixou de aclarar seus planos com Onri, que estava encarregado das tropas israelitas acampadas de frente de Gibetom. É óbvio que Zinri não contava com o apoio de Onri, porquanto este último fez suas tropas marcharem contra Tirza. Em desespero, Zinri se abrigou a portas trancadas no palácio real, enquanto este era reduzido a cinzas. Visto que teve um reinado de apenas sete dias, Zinri dificilmente merece ser mencionado como cabeça de uma dinastia reinante.

### **Os Governantes da Casa de Onri**

Onri foi o fundador da mais notória dinastia do reino do Norte. Embora a

<sup>4</sup>E. R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, págs. 57-60. Cf. M. Unger, *Israel and the Arameans of Damascus*, pág. 59, que segue Albright e data isso em cerca de 879 a. C.

narrativa bíblica sobre seu reinado de doze anos se limite a oito versículos (veja 1 Rs 16:21-28), Onri estabeleceu o prestígio internacional do reino do norte.

Quando comandava o exército, sob Elá (e talvez, igualmente, sob Baasa), Onri obteve valiosa experiência militar. Com o apoio das forças armadas, ele dominou o reino sete dias depois do assassinato de Elá. Aparentemente sofreu a oposição de Tibni, o qual morreu seis anos mais tarde, deixando Onri como único governante de Israel.

Samaria foi escolhida como novo sítio para sua capital. Sob suas ordens, ela foi estabelecida como a cidade mais bem fortificada de Todo o Israel. Estrategicamente localizada, a 12 km a noroeste de Siquém, na estrada que conduzia à Fenícia, à Galiléia e a Esdrelom, Samaria ficou com o lugar garantido de capital inexpugnável de Israel por mais de um século e meio, até que foi conquistada pelos assírios, no ano de 722 a. C.

As escavações em Samaria tiveram início em 1908, por dois grandes arqueólogos norte-americanos, George A. Reisner e Clarence S. Fisher, que supervisionava a expedição de Harvard, a qual foi continuada por outros, em anos subseqüentes.<sup>5</sup> Aparentemente, Onri e Acabe construíram uma forte muralha em torno do palácio e do pátio. Com outra muralha, em um terraço mais abaixo, e uma muralha individual no início da colina, a cidade estava bem protegida dos invasores. O trabalho de alvenaria e a técnica de construção dessas muralhas são tão superiores em sua qualidade que nunca se encontraram iguais em parte alguma da Palestina. As peças de marfim usadas como decoração embutida, achadas nessas ruínas, datam dos tempos da dinastia de Onri, indicando importação e comércio com a Fenícia e com Damasco.

Onri conseguiu firmar bem sucedidas relações estrangeiras. De acordo com a pedra moabita, encontrada em 1868 em Dibom, a capital, por Clermont-Ganneau, a qual está presentemente localizada no Museu do Louvre, em Paris, foi Onri quem sujeitou a Israel os moabitas.<sup>6</sup> Cobrando tributo e controlando o comércio, Israel acumulou grandes riquezas. Onri estabeleceu relações amistosas com a Fenícia, o que foi selado mediante o casamento de Acabe, seu filho, e Jezabel, filha de Etbaal, rei dos sidônios (veja 1 Rs 16:31).<sup>7</sup> Isso foi vitalmente significativo para a expansão comercial de Israel, e por certo deu início a uma política de sincretismo religioso, que floresceu nos dias de Acabe e Jezabel. Esse sincretismo religioso parece ficar subentendido em 1 Rs 16:25, onde Onri é acusado de maiores perversidades que as praticadas por todos os reis antes dele.

As relações siro-israelitas foram um tanto ambíguas nos dias de Onri (veja 1 Rs 20:34). Parece improvável que Onri, sempre tão astuto e bem sucedido como militarista e diplomata, tivesse concedido cidades à Síria e tivesse outorgado direitos comerciais em sua própria capital. Durante os dias de Baasa os sírios, sob Ben-Hadade, conseguiram controlar as ricas rotas de caravanas para oeste, que se dirigiam a Aco; mas é indubitável que Onri desafiou a esse monopólio median-

<sup>5</sup>Veja Wright, *op. cit.*, págs. 151-155, e J. P. Free, *Archaeology and Bible History*, págs. 181-183.

<sup>6</sup>Veja J. B. Pritchard, E. *Ancient Near Eastern Texts*, págs. 320, 321.

<sup>7</sup>Se Acázias, filho de Atalia, filha de Acabe e Jezabel, tinha 22 anos de idade em 842 a. C., então o enlace Acabe-Jezabel teve lugar durante o reinado de Onri. Veja a discussão de Unger, *op. cit.*, pág. 63.

te o tratado que firmou com a Fenícia e mediante a construção de Samaria, com suas fortíssimas muralhas. Se interpretarmos a palavra “pai” como “antecessor”, no texto acima, e se aplicarmos o vocábulo “Samaria” ao reino do Norte, então as concessões que Israel fez à Síria estão ligadas aos dias de Jeroboão.<sup>8</sup> Não havendo evidências conclusivas em contrário, parece razoável concluir que Israel não foi invadido pela Síria e nem se tornou tributário de Ben-Hadade nos dias de Onri. É possível que Onri tenha tido algum contacto com a Assíria, o que certamente teria contido as atitudes da Síria para com Israel.

Embora tivesse prevalecido a guerra civil entre Judá e Israel, nos dias de Baasa, não há qualquer indício, nas Escrituras, de que esse estado de coisas tenha continuado na época de Onri. É bem possível que a guerra foi substituída por atitudes de amizade para com o reino do Sul, o que culminou em casamentos mistos entre as famílias reais de Israel e Judá.

Quando Onri morreu, em 874 a. C., a cidade de Samaria se tornou um monumento duradouro de seu governo. Embora tivesse firmado o reino de Israel, sua pecaminosidade ultrapassou a de todos os seus antecessores.

Acabe (874 - 853 a. C.) foi o mais destacado monarca da dinastia de Onri. Herdeiro de um reino que tinha favoráveis relações políticas com as nações circunvizinhas, Acabe expandiu com êxito os interesses políticos e comerciais de Israel, durante os vinte e dois anos de seu reinado.

Tendo contraído matrimônio com Jezabel, de Sidom, Acabe fomentou relações favoráveis com os fenícios. O crescente comércio entre esses dois países representava uma ameaça séria aos lucrativos interesses comerciais da Síria. E bem pode ter sucedido que Ben-Hadade contrabalançou essa afinidade fenício-israelita com um jôgo diplomático que resultou em casamentos reais ou em devoção religiosa ao deus tírio, Melcarte.<sup>9</sup> Enquanto essa competição com a Síria não rebentou na forma de guerra franca, astutamente Acabé se aproveitou da oportunidade de garantir o bem-estar de sua nação.

Por toda a nação de Israel Acabe construiu e fortificou a muitas cidades, incluindo Jericó (veja 1 Rs 16:34 e 22:39). Além disso, ele impôs pesado tributo a Moabe, na forma de gado (veja 2 Rs 3:4), o que lhe conferiu favorável balança comercial com a Síria e com a Fenícia. Assegurou uma política de amizade com Judá, por meio do casamento de sua filha, Atalia, com Jeorão, filho de Josafá (cerca de 865 a. C.).<sup>10</sup> O apoio dado por Judá fortaleceu Israel contra a Síria. Mantendo a paz e desenvolvendo um comércio lucrativo, Acabe pôde dar prosseguimento ao programa de construção, em Samaria. As riquezas que ele exibía na sua vida particular é algo indicado em 1 Rs 22:39, onde se faz alusão a uma “casa de marfim”. O marfim descoberto pelos arqueólogos, nas ruínas da Samaria, quiçá pertencesse à época de Acabe.

Embora Onri, talvez, tenha introduzido em Israel a adoração a Baal, divindade tíria, Acabe promoveu a adoração a esse ídolo. Na grande capital de Samaria

<sup>8</sup>Ibid., págs 61-64.

<sup>9</sup>Ibid., pág. 65

<sup>10</sup>Note-se que Albright reputa Atalia irmã, e não filha de Jezabel. Veja a discussão de Unger, *op. cit.*, pág. 63, f. 2. Entretanto, a cronologia de Thiele dá tempo suficiente para Atalia ter sido filha de Acabe e Jezabel.

ele erigiu um templo dedicado a Baal (veja 1 Rs 16:30-33). Centenas de profetas falsos foram levados a Israel, para que o baalismo se tornasse a religião do povo governado por Acabe. Em face, disso, Acabe adquiriu a reputação de ser o mais pecaminoso de todos os monarcas que jamais governaram em Israel.

Elias foi o mensageiro de Deus durante essa era de apostasia franca. Sem qualquer informação concernente à sua chamada ou passado, ele emerge subitamente de Gileade, anunciando um período de seca<sup>11</sup> em Israel, o qual só terminaria sob sua ordem. Durante três anos e meio (veja Tg 5:17), Elias esteve oculto. Enquanto durou o suprimento de água no riacho de Querite Elias foi alimentado pelos corvos. Durante o resto desse período recebeu os cuidados de uma viúva, em Sarepta<sup>12</sup>, cujas provisões foram miraculosamente multiplicadas dia após dia. Um outro grande prodígio ali efetuado foi a restauração à vida do filho da viúva.

Enquanto a fome perdurou em Israel, ocorreram repercussões drásticas. Incapaz de localizar Elias, Jezabel matou a muitos dos profetas do Senhor; mas Obadias, servo de Acabe, protegeu a cem deles, escondendo-os em cavernas e provendo-lhes o necessário para seu bem estar. Por todo o Israel e nos países circunvizinhos houve busca intensa atrás de Elias, mas ele não pôde ser encontrado. Então o profeta retornou a Israel e pediu de Obadias que mandasse chamar Acabe.

Quando o rei acusou Elias de perturbar a nação de Israel, o profeta repreendeu corajosamente a Acabe e à sua família, por terem negligenciado os mandamentos do Senhor e terem adorado a Baal. Tendo Elias dado ordens, Acabe convocou os 450 profetas de Baal e os 400 profetas de Aserá, sustentados por Jezabel. Visto que a fome prevalecia por toda a nação, houve uma ação decisiva. Estando todo o Israel e os profetas reunidos à sua frente, no monte Carmelo, Elias corajosamente confrontou o povo com o fato de que não podiam servir a Deus e a Baal ao mesmo tempo. Os profetas de Baal foram desafiados a prevalecer com seu deus, para que este consumisse a fogo a oferenda preparada. Da manhã até o fim da tarde eles se ocuparam em vão de suas cerimônias, ao mesmo tempo que Elias ridicularizava deles, devido a seus esforços inúteis. Ato contínuo, Elias reparou o altar do Senhor, preparou o holocausto, encharcou tudo de água, e invocou a Deus para que desse a confirmação divina. A oferenda foi consumida a fogo, e todo o povo de Israel reconheceu a Deus. Imediatamente os profetas falsos foram executados diante do riacho Quisom. Depois que Elias obteve chuvas, à força de orações, advertiu a Acabe que as chuvas, desde há muito esperadas, logo teriam início. Acabe cobriu apressadamente os 24 km do trajeto até Jezreel, mas Elias chegou antes dele.

Acabe noticiou em primeira mão, a Jezabel, os eventos havidos no monte Carmelo. Sem tardança ela ameaçou Elias. Afortunadamente, fora dado a ele um prazo de vinte e quatro horas. Embora ele tivesse desafiado com destemor às centenas de profetas falsos no dia anterior, agora se precipitou para a fron-

<sup>11</sup> Quanto à confirmação dessa seca, na história da Fenícia, veja Gordon, *The World of the Old Testament*, pág. 198.

<sup>12</sup> É interessante notar que Deus não precisou remover Elias para muito longe do ponto de perigo: Sarepta estava localizada entre Tiro e Sidom, que era freqüentemente visitada por Jezabel.

teira mais próxima, a fim de abandonar Israel. Dirigindo-se para o sul, deixou seu servo em Beerseba e continuou por um dia de viagem, onde se pôs a descansar debaixo de um junípero, orando para que lhe fosse dada a morte. Um mensageiro angelical veio refrigerá-lo, e o desencorajado profeta foi instruído a continuar a caminhada até ao monte Horebe. Ali, mediante revelação divina, foi-lhe garantido que havia em Israel 7 mil que não tinham aceitado o baalismo, sendo-lhe então conferida uma tríplice comissão: ungir Hazael como rei da Síria, ungir Jeú como rei de Israel, e chamar Eliseu para ser seu próprio sucessor. Quando Elias voltou a Israel transmitiu a Eliseu a chamada divina, transferindo-lhe sua capa. Daí por diante Eliseu se tornou seu cooperador.

Por meio de uma diplomacia eficaz e de tratados favoráveis, Acabe foi capaz de manter relações pacíficas com os países ao redor, até à porção final de seu reinado. O motivo por detrás do ataque sírio contra o reino israelita que se soerguia não é esclarecido (veja 1 Rs 20:1 - 43). Talvez o rei sírio quisesse tirar vantagem de Israel, depois que este país sofrera sob a fome.<sup>13</sup> Também é possível que a ameaça assíria tenha impellido Ben-Hadade a uma ação agressiva, naquela oportunidade.<sup>14</sup> Apoiado por trinta e dois reis vassallos, o exército sírio assediou Samaria. Aconselhado por um profeta, Acabe empregou seus governadores distritais para reunirem uma força de sete mil homens, que desfechasse um ataque de surpresa. E com o apoio de tropas regulares, os israelitas puseram os sírios em fuga, os quais sofreram grandes perdas na forma de homens, cavalos e carros de guerra. Ben-Hadade mal conseguiu fugir para não perder a vida.

Na primavera seguinte os sírios voltaram para combater contra Israel - em conformidade com o aviso dado a Acabe pelo profeta. Por meio de uma brilhante estratégia uma vez mais Acabe derrotou Ben-Hadade. Embora estivesse em grande inferioridade numérica, Acabe se acampou nas colinas, desfechou um golpe com grande fúria e obteve uma vitória decisiva, capturando Afeque, a 5 km a leste do mar da Galiléia.<sup>15</sup> Ben-Hadade foi capturado; mas Acabe o soltou e chegou mesmo a permitir-lhe estabelecer suas próprias condições de paz, por meio das quais algumas cidades foram devolvidas a Israel e direitos comerciais foram proporcionados aos vitoriosos, em Damasco. Esse tratamento generoso e gracioso para com o mais figadal adversário de Israel fazia parte da política exterior de Acabe, que consistia de estabelecer alianças amistosas com nações circunvizinhas. Acabe talvez tivesse antecipado a agressão assíria, pelo que o tratado de Afeque representou parte de seus planos, querendo ele reter a Síria como amigável país tampão.

Acabe não quis reconhecer a Deus, nessa significativa vitória militar (veja 1 Rs 20:26-43). Na viagem de volta a Samaria, um profeta fê-lo lembrar, dramaticamente, de que um soldado ordinário perde a vida se desobedecer. Quanto mais isso se aplicava ao rei de Israel, não tendo ele cumprido a sua parte quando Deus lhe concedera a vitória. A advertência ominosa do profeta amargurou para Acabe a celebração da vitória.

O encontro final entre Elias e Acabe teve lugar na vinha de Nabote (veja 1 Rs 21:1-29). Frustrado em sua tentativa de comprar essa vinha, o desapontamento

<sup>13</sup>Cf. E. Meyer, *Geschichte des Altertums*, II, 2(1931), pág. 332.

<sup>14</sup>Veja E. Kareling, *Aram and Israel*, Columbia University, Oriental Studies, vol. 13 (1918), pág. 51.

<sup>15</sup>Quanto à localização de Afeque, veja F. M. Abel, *Geographie de la Palestine* (Paris, 1938), vol. II, pág. 246.

de Acabe não pôde ser ocultado perante Jezabel, sua esposa. A violenta Jezabel não demonstrava respeito pelas leis de Israel, e não deu ouvidos à recusa escrupulosa de Nabote em vender sua herdade - mesmo que fosse para o rei. Acusado por falsas testemunhas, Nabote foi condenado pelos anciãos e foi apedrejado. Acabe teve pouca oportunidade de desfrutar da possessão cobiçada, antes de ter-se encontrado com Elias. O porta-voz de Deus corajosamente acusou Acabe de haver derramado sangue inocente. Devido a essa grosseira injustiça, a dinastia de Onri foi condenada à destruição. Embora Acabe se tivesse arrependido, o juízo foi suavizado somente por meio do adiamento de sua execução para depois da morte do rei.

Embora não seja mencionada nas Escrituras, a batalha de Carcar (853 a. C.) foi bastante significativa para merecer detalhadas considerações nos anais assírios, tendo ocorrido durante o período de três anos de tréguas entre a Síria e Israel (veja 1 Rs 22:1). Os assírios, sob o governo de Assurnasirpal II (883-859 a. C.) haviam estabelecido contactos com as costas do Mediterrâneo, mas evitaram qualquer agressão contra a Síria e Israel. Salmaneser III (859-824 a. C.), entretanto, se defrontou com oposição. Após ter tomado numerosas cidades ao norte de Carcar, os assírios foram forçados a fazer alto em seu avanço, por meio de uma forte coligação. Esta é alistada por Salmaneser em sua inscrição monolítica, como segue: Hadadezer (Ben-Hadade) de Damasco tinha 1.200 carros de guerra, 1.200 cavaleiros e 20.000 infantes; o rei Iruleni, de Hamate, contribuiu com 700 carros de guerra, 700 cavaleiros e 10.000 infantes; Acabe, o israelita, forneceu 2.000 carros de guerra e 10.000 infantes.<sup>16</sup> Embora não se tenha lançado a crédito de Acabe qualquer força de cavalaria, ele é lembrado por ter feito a maior contribuição com carros de guerra que Israel já usara desde os tempos de Davi. Salmaneser se jacta de ter obtido grande vitória. Quão decisiva foi ela, é duvidoso, porquanto os assírios não avançaram na direção de Hamate e nem renovaram seus ataques durante os próximos cinco ou seis anos.

Evitado o perigo imediato de uma invasão assíria, chegou ao fim o período de três anos de tréguas entre Israel e a Síria, quando Acabe tentou recuperar Ramote de Gileade (veja 1 Rs 22:1-40). Thiele sugere que a batalha de Carcar teve lugar em julho ou começo de agosto, pelo que essa batalha siro-israelita ocorreu mais tarde, no mesmo ano, antes de Acabe haver dado baixa às suas tropas.<sup>17</sup> A afinidade entre as famílias reais de Judá e Israel envolveu Josafá nessa tentativa de expulsar os sírios de Ramote de Gileade. O fato de que durante três anos Ben-Hadade não restaurara essa cidade, de acordo com os termos do pacto de Afeque, sem dúvida fora negligenciado por Acabe, enquanto eles enfrentavam juntos a ameaça assíria.

Josafá deu seu apoio a Acabe nessa aventura, mas se preocupou genuinamente com a orientação divina. Os 400 profetas de Acabe asseguraram aos reis a vitória, tendo Zedequias chegado a usar um par de chifres de ferro para demonstrar como Acabe haveria de escornear aos sírios. Mas o rei Josafá não podia sossegar a consciência. Embora Micaías tenha encorajado sarcasticamente aos reis que se lançassem na aventura contra a Síria, ele asseverou sincera-

<sup>16</sup>Pritchard, *op. cit.*, págs. 276-281.

<sup>17</sup>Veja Thiele, *op. cit.*, pág. 62-63.



mente que Acabe seria morto durante a batalha. Em resultado disso Micaías foi aprisionado sob ordens reais de que só seria solto quando Acabe regressasse em paz.

Sabendo da previsão, Acabe se disfarçou, enquanto Israel e Judá desfechavam seu ataque contra Ramote de Gileade. Reconhecendo em Acabe um bem sucedido e hábil líder de Israel, o rei da Síria baixou ordens para que ele fosse morto. Quando os sírios perseguiram o carro real e reconheceram que seu ocupante era Josafá, afrouxaram a perseguição. Mas sem que os sírios tivessem tomado conhecimento, uma flecha perdida atravessou Acabe, ferindo-o mortalmente. Não somente Israel ficara sem pastor, conforme fora predito por Micaías, mas as palavras de Elias, o profeta, foram literalmente cumpridas quando da morte de Acabe (1 Rs 21:19).

Acabe foi sucedido por Acazias, que reinou por aproximadamente um ano (853 - 852 a. C.). Duas coisas devem ser lembradas acerca de suas relações exteriores. Não somente Acazias foi mal sucedido em suas reivindicações sobre Moabe, para que viesse a pertencer à dinastia de Onri (veja 2 Rs 3:5), mas sua expedição naval, em conjunto com Josafá, no golfo de Ácaba, também terminou em fracasso (veja 2 Cr 20:35). Quando Acazias propôs outra aventura, Josafá tendo sido repreendido por causa dessa aliança pelo profeta Eliezer, recusou-se a cooperar (veja 1 Rs 22:47-49).

Quando de uma queda séria, ele ignorou a existência do profeta Elias e enviou mensageiros que consultassem Baalzebube, em Ecom. <sup>18</sup> Elias interceptou esses mensageiros com a solene advertência de que Acazias não se recuperaria. Após diversas tentativas para capturar Elias, tentativas essas que foram rechasadas, o profeta foi conduzido diretamente à presença do rei. Tal como fizera no caso de Acabe, seu pai, Elias advertiu pessoalmente a Acazias de que o juízo divino lhe sobreviria, porquanto ele prestara honras a deuses pagãos e ignorara o Deus de Israel. Talvez essa tenha sido a última vez em que Elias compareceu à presença de um rei (cerca de 852 a. C.), <sup>19</sup> porque não se faz menção alguma de associações suas com Jorão, rei de Israel.

Elias e Eliseu haviam cooperado no estabelecimento de escolas de profetas. Quando Eliseu percebeu que seu ministério conjunto estava se aproximando de seu término, pediu que lhe fosse dada dupla porção do Espírito que repousava sobre Elias. Cavalos e carros de fogo separaram os dois companheiros, e Elias foi arrebatado para os céus em um redemoinho. Quando Eliseu viu seu senhor desaparecer, apanhou-lhe a capa e reatravessou o rio Jordão, com a consciência de que sua petição lhe fora outorgada. Em Jericó, o povo reconheceu abertamente que Eliseu era profeta de Deus. Em resposta a um pedido deles, ele tornou potável suas águas amargas, por meio de um ato miraculoso. Indo para Betel, ele foi zombado e ridicularizado por um grupo de meninos, os quais, então, foram devorados por ursos, como julgamento divino. Dali Eliseu se dirigiu ao monte Carmelo, e dali passou para a Samaria, tendo sido publicamente reconhecido como profeta do Senhor em Israel.

<sup>18</sup>Sob esse nome o deus-sol Baal era reconhecido como a divindade que produzia e controlava as moscas.

<sup>19</sup>A carta que Elias escreveu a Jorão, rei de Judá, 2 Cr 21:12-15, provavelmente favorece uma data posterior. Essa é a única mensagem escrita atribuída a Elias.

Jorão, outro filho de Acabe e Jezabel, tornou-se rei de Israel após a morte de Acazias, em 852 a. C. Durante os doze anos desse último rei da dinastia de Onri, Eliseu se associou a Jorão. Em consequência, a narrativa acerca desse período (veja 2 Rs 3:1 - 9:26) se devota principalmente ao útil ministério desse grande profeta.

A rebelião dos moabitas foi um dos primeiros problemas com que Jorão teve de ver-se a braços ao tornar-se rei de Israel. Obtendo o apoio de Josafá, Jorão conduziu os exércitos unidos de Israel e de Judá em uma marcha de sete dias ao redor da extremidade sul do mar Morto, onde os edomitas se uniram à aliança. Embora Israel controlasse as terras moabitas ao norte do rio Arnom, Jorão planejou atacar da direção sul. Enquanto estava acampado na área desértica ao longo da fronteira moabita-edomita, os exércitos aliados tiveram de defrontar-se com a escassez de água. Quando Eliseu foi encontrado, assegurou aos três reis que haveria miraculoso suprimento de água, devido à presença de Josafá. Os moabitas atacaram na manhã seguinte; foram repelidos, porém. Retrocedendo diante dos invasores que avançaram, o rei moabita se refugiou em Quir-Haresete (moderna Kerak), que fora edificada sobre uma elevação de quase 1.150 m acima do nível do mar Mediterrâneo. Em desespero, Mesa ofereceu seu filho mais velho como holocausto ao deus moabita, Quemós. Aterrorizados, os invasores aliados deixaram o território moabita sem terem-no recuperado para Israel.

Eliseu teve ministério extremamente eficaz em toda a nação de Israel. Um dia, uma viúva, cujo marido fora um dos profetas, fez um apelo a Eliseu que a ajudasse a resgatar seus filhos de determinado credor, que estava prestes a tomá-los como escravos. Mediante a miraculosa multiplicação do azeite, ela foi capaz de recolher dinheiro bastante para pagar a dívida (veja 2 Rs 4:1-7).

Enquanto viajava na companhia de seu servo Geazi, Eliseu desfrutou da hospitalidade de uma rica anfitriã, em Suném, a poucos quilômetros ao norte de Jezreel. Ante esse ato de gentileza, Eliseu assegurou à mulher de que, no devido tempo, ela teria um filho. A criança prometida nasceu na primavera seguinte. Quando esse filho morreu de insolação, a mãe sunamita foi falar com Eliseu na sua casa, no monte Carmelo, a fim rogar-lhe ajuda. O filho da mulher foi-lhe restaurado vivo (veja 2 Rs 4:8-37). Algum tempo depois, quando prevalecia um período de fome, Eliseu aconselhou essa mulher sunamita para que se mudasse para uma comunidade mais próspera. Após uma peregrinação de sete anos no território filisteu, ela voltou e foi ajudada por Geazi a recuperar suas possessões (veja 2 Rs 8:1-6).

Quando os profetas, em Gilgal, foram confrontados com uma fome Eliseu proveu um antídoto para a planta venenosa que estava sendo preparada para ser comida. Ele também multiplicou pães de cevada e algumas poucas espigas de trigo, pelo que centenas de homens foram alimentados, sobrando alimentos (veja 2 Rs 4:38-44).

A história de Naamã (veja 2 Rs 5:1-27) envolve Eliseu e os líderes políticos tanto da Síria quanto de Israel. Por intermédio de uma criada israelita cativa de sua casa, Naamã, o capitão leproso do exército sírio, ouviu falar do ministério de curas do profeta Eliseu. Levando missivas escritas por Ben-Hadade, Naamã chegou em Samaria e pediu de Jorão que o curasse de sua lepra. Aterrorizado, Jorão rasgou as vestes, porquanto temia que o rei sírio estava buscando motivo para

tribulação. Eliseu salvou o dia, lembrando muito apropriadamente a Jorão de que havia profeta em Israel.

Aparecendo defronte da casa de Eliseu, Naamã recebeu instruções simples para lavar-se no rio Jordão por sete vezes. Após ter finalmente cedido à persuasão de seus servos, para que obedecesse à ordem simples do profeta, Naamã foi curado. Voltou então para oferecer a Eliseu uma recompensa, do que o profeta declinou. Comprometendo-se a adorar ao Senhor, que o curara por meio de Eliseu, o capitão sírio partiu para Damasco. O triste corolário da cura de Naamã foi o fato de que Geazi, servo de Eliseu, foi ferido de lepra, como castigo, por sua tentativa de apropriar-se da recompensa que Eliseu havia rejeitado.

Quando Eliseu visitava uma das escolas de profetas, os seminaristas propunham-se a erigir outro edifício, porque suas instalações presentes eram exíguas demais. Acompanhados por Eliseu, eles desceram ao Jordão e derrubaram árvores para esse projeto. E quando um deles perdeu na água o machado que pedira emprestado, Eliseu realizou o milagre de fazer o machado flutuar (veja 2 Rs 6:1-7).<sup>20</sup>

Houve guerra intermitente entre a Síria e Israel, durante o reinado de Jorão (veja 2 Rs 6:8 - 17:20). Quando Ben-Hadade se deu conta de que seus movimentos militares em território de Israel eram antecipados por Jorão, suspeitou de que algum sírio se tivesse tornado traidor. Mas não era isso que sucedia; antes, era Eliseu, em seu ministério profético, que vinha dando avisos ao rei de Israel. Por conseguinte, foram enviadas tropas sírias para captura de Eliseu. Quando o servo do profeta viu o poderoso exército sírio que cercava Dotã, temeu muito, até que Eliseu fê-lo perceber os carros de guerra e os cavalos de fogo em derredor deles. E em resposta à oração de Eliseu, as hostes sírias ficaram cegas, de tal modo que o profeta pôde conduzi-las de Dotã a Samaria. Na presença do rei de Israel foi removida a cegueira. Jorão foi instruído a prover-lhes um banquete, para soltá-los em seguida.

Posteriormente, Ben-Hadade acampou seu exército em redor da cidade de Samaria, sujeitando a cidade à fome. Quando a escassez de alimentos se tornou tão desesperada que as mães estavam comendo seus próprios filhos, Eliseu anunciou que haveria alimentos em abundância dentro de vinte e quatro horas. Entrementes, quatro leprosos das vizinhanças de Samaria resolveram arriscar-se a ir ao acampamento sírio. Estavam desesperados e prestes a morrer de inanição. Quando entraram no acampamento sírio, descobriram que os invasores haviam abandonado tudo no acampamento, ao fugirem para conservarem-se em vida. Por intermédio de manifestações sobrenaturais os sírios haviam sido aterrorizados, ao ouvirem o ruído de carros de guerra, cavalos e um numeroso exército. Quando os leprosos deram as alvareiras notícias aos samaritanos de que havia provisões em abundância, os portões da cidade foram abertos e os habitantes de Samaria tiveram provisões abundantes, de conformidade com as palavras de Eliseu. E o capitão, que se recusara a crer em Eliseu, chegou a contemplar os suprimentos, mas jamais pôde desfrutar daquelas provisões abundantes - foi pisoteado e morreu diante dos portões de Samaria.

<sup>20</sup>Edersheim chama atenção para o fato de que a palavra hebraica que significa "flutuar" só é usada em dois outros lugares do Antigo Testamento, Dt 11:4 e Lm 3:54. Veja **Bible History**, vol. VI, pág. 161.

O ministério de Eliseu tornou-se conhecido não somente em toda a nação de Israel, mas também na Síria, em Judá e em Edom. Por meio da cura de Naamã e do encontro peculiar desse profeta com o exército sírio, Eliseu foi reconhecido como “homem de Deus” até mesmo em Damasco, a capital síria. Perto do fim do reinado de Jorão (cerca de 843 ou 842 a. C.), Eliseu visitou Damasco (veja 2 Rs 8:7-15). Quando Ben-Hadade ouviu a respeito, enviou seu servo, Hazael, à presença de Eliseu. Distribuindo presentes de modo impressionante, à testa de uma caravana de quarenta camelos, segundo os costumes orientais, Hazael fez inquirição ao profeta, perguntando se Ben-Hadade, rei da Síria, se recuperaria de sua atual enfermidade. Eliseu retratou dramaticamente a Hazael as devastações e os sofrimentos que aguardavam seus compatriotas israelitas. Então o profeta cumpriu parte da comissão dada a Elias, no monte Horebe (veja 1 Rs 19:15), ao informar a Hazael que ele seria o próximo monarca da Síria. Quando Hazael retornou a Ben-Hadade, entregou a mensagem de Eliseu e sufocou o débil monarca com uma toalha molhada, no dia seguinte. Então Hazael se apossou do trono da Síria, em Damasco.<sup>21</sup>

Tendo havido troca de monarcas no trono sírio, Jorão fez a tentativa de recuperar Ramote de Gileade, no último ano de seu reinado (veja 2 Rs 8:28, 29). Nesse esforço foi apoiado por seu sobrinho, Acázias, que vinha governando em Jerusalém por cerca de um ano (veja 2 Cr 22:5). Embora Jorão houvesse capturado essa fortaleza estratégica, foi ferido na batalha. Enquanto se recuperava do ferimento em Jezreel, Acázias, rei de Judá, foi visitá-lo. E Jeú foi deixado encarregado do exército israelita estacionado em Ramote de Gileade, a leste do rio Jordão.

Eliseu voltou uma vez mais ao centro das atenções nacionais quando realizou outra missão, dada a Elias no monte Horebe, e que fora deixada sem cumprimento (veja 1 Rs 19:15, 16). Nessa oportunidade, Eliseu não foi pessoalmente, mas enviou um dos seminaristas a Ramote de Gileade, para que unguisse Jeú rei de Israel (veja 2 Rs 9:1 ss.). Jeú foi incumbido da responsabilidade de vingar-se do sangue dos profetas e servos do Senhor. A família de Acabe e Jezabel teria de ser exterminada, tal como as dinastias de Jeroboão e Baasa o tinham sido, antes de Onri.

Ao somido de trombetas, Jeú foi proclamado rei. Em um ataque repentino contra Jezreel, Jorão foi fatalmente ferido e deixado no terreno que Acabe tomara, às custas do sangue de Nabote. Nessa ocasião cumpriu-se a palavra dita por Elias (veja 1 Rs 21). Acázias tentou fugir, mas também foi mortalmente ferido. Escapou para Megido, onde veio a falecer, e foi conduzido o seu cadáver a Jerusalém, para receber sepultura. Embora Jezabel tivesse feito apelo a Jeú, foi violentamente derrubada de uma janela elevada, e encontrou a morte. Seu cadáver foi comido por cães. Dessa maneira sobreveio o juízo à dinastia de Onri, cumprindo literalmente as palavras do profeta Elias.



<sup>21</sup> Quanto a confirmação dessa sucessão na Síria, em fontes informativas seculares, veja Unger, *op. cit.*, pág. 75.

## Capítulo XI

### Os Legalistas do Sul

O rompimento do reino salomônico em dois deixou a dinastia davídica com pequeno segmento de seu anterior império. Tendo Jerusalém como sua capital, a linhagem real de Davi manteve sucessão ininterrupta, governando o pequeno reino de Judá durante quase um século. Somente seis monarcas governaram durante essas nove décadas (931 - 841 a. C.)

#### **Reinado de Reoboão**

Reunindo-se em Siquém, em 931 a. C., os israelitas, sob a liderança de Jeroboão, fizeram um apelo a Reoboão, herdeiro do trono de Salomão, para que reduzisse os impostos. Por três dias aguardaram o veredito. Ao passo que os anciãos aconselhavam Reoboão a aliviar a carga dos impostos, os conselheiros mais jovens sugeriam-lhe que tais impostos deveriam ser aumentados ainda mais. Quando Reoboão anunciou que seguiria a norma aconselhada por esses últimos, teve de enfrentar rebelião aberta. Escapando para Jerusalém, ele chamou os milicianos para suprimir o levante, mas somente os homens de Judá e de Benjamim responderam à convocação. Por conselho de Semaías, Reoboão não abafou a rebelião.

Embora a política de cobrança de impostos de Reoboão tivesse sido a causa imediata da divisão do reino, certo número de outros acontecimentos é digno de nota. Vinha prevalecendo a inveja, por algum tempo, entre as tribos de Judá e Efraim (cf. Jz 8:1-3; 12:1-6; 2 Sm 2:9; 19:42,43). Embora Davi tivesse unido todo o Israel para que formasse uma só grande nação, a pesada contribuição feita por outras tribos a Jerusalém, na forma de impostos e labor, precipitou a rebelião. A morte de Salomão proveu a oportunidade dessas demais tribos se rebelarem contra Judá.

O Egito talvez tivesse desempenhado papel vital no rompimento do reino salomônico em dois. Ali Jeroboão encontrara refúgio, durante os dias finais de Salomão. Hadade, o edomita, achara asilo no Egito, durante seus primeiros anos,

mas retornara a Edom ainda durante os dias de Salomão (veja 1 Rs 11:14-22). Embora não sejam oferecidos detalhes, bem pode ser que o Egito houvesse apoiado a Jeroboão na rebelião contra a dinastia davídica.<sup>1</sup>

Um outro fator que contribuiu para a divisão do reino é explicitamente mencionado na narrativa bíblica - a apostasia e idolatria de Salomão (veja 1 Rs 11:9-13). Por amor a Davi foi adiado o juízo até depois da morte de Salomão. Reoboão teve de arcar com as conseqüências.

Quando a divisão do reino se tornou uma realidade, os sacerdotes e levitas de várias partes da nação mudaram-se para o reino do Sul. Jeroboão substituiu a verdadeira religião de Israel pela idolatria. Ele despediu aqueles que tivessem freqüentado reuniões religiosas, pelo que muitos abandonaram as suas propriedades e se instalaram em Judá. Isso promoveu um autêntico fervor religioso por todo o reino do Sul, durante os três primeiros anos do reinado de Reoboão (veja 2 Cr 11:13-17).

Durante os primeiros anos de seu reinado, Reoboão mostrou-se muito ativo, construindo e fortificando a muitas cidades por todo o território de Judá e Benjamim. Em cada uma delas colocou comandantes - firmando e fortalecendo o seu reino. Essas cidades também foram usadas para distribuição de seus familiares, porquanto Reoboão seguiu o exemplo deixado por seu progenitor e era praticante da poligamia.

Reoboão deu início a seu reinado com sincera devoção religiosa. Quando o reino já estava bem firmado, porém, ele e seu povo apostataram (veja 2 Cr 12:1). Em resultado, Sisaque, rei do Egito, invadiu Judá no quinto ano do reinado de Reoboão e tomou muitas das cidades fortificadas, chegando a penetrar até próximo de Jerusalém. Quando Semaias anunciou isso como um juízo divino contra os judeus, o rei e os príncipes se humilharam. Como resposta, o profeta assegurou-lhes que a invasão egípcia seria refreada, e que Judá não seria destruída. De acordo com a lista de Carnaque, Sisaque, o monarca egípcio, com o apoio de bárbaros da Líbia e da Etiópia, subjugaram cerca de 150 localidades em Edom, na Filístia, em Judá e, inclusive, em Israel, incluindo Megido.<sup>2</sup> Além de haver devastado o interior de Judá, Sisaque assediou Jerusalém, apropriando-se de parte dos tesouros do templo. A esplêndida exibição de resplendentes escudos de ouro cedeu lugar a escudos de bronze, nos dias de Reoboão.

A despeito de seu fervor religioso inicial, Reoboão sucumbiu ante a idolatria. Ido, o profeta que escreveu a narrativa do reinado de Reoboão, pode ter sido o mensageiro de Deus que deu aviso ao rei. Em adição à crescente idolatria e à invasão egípcia, a guerra intermitente entre os reinos do Norte e do Sul fez os dias de Reoboão se tornarem tempos de turbulência. O reino do Sul declinou rapidamente sob sua liderança.

### **Abias Continua a Idolatria**

Durante seus três anos de governo, Abias (913 - 910 a. C.) meramente levou avante a orientação política de seu míope progenitor (veja 1 Rs 15:1-8 e 2 Cr 13:1-22). Ele ativou a guerra crônica entre Israel e Judá ao desafiar agressivamente a

<sup>1</sup>W. F. Albright, *The Biblical Period*, págs. 29-31.

<sup>2</sup>*Ibid.*, pág. 30.

Jeroboão, dentro do território efraimita. Um movimento de cerco deu vantagem inicial às tropas de Israel, mas no conflito que se seguiu as forças inferiorizadas em número de Abias puseram em fuga aos israelitas. Conquistando Betel, Efrom e Jesaná, com suas aldeias circunvizinhas, Abias debilitou o reino do Norte.

Abias deu prosseguimento à tradição de inclusivismo religioso iniciada por Salomão e promovida por Reoboão. Ele não aboliu o culto a Deus, no templo, mas, simultaneamente, permitiu a adoração a divindades estrangeiras. A extensão disso é mais perfeitamente refletida nas reformas feitas por seu sucessor. Desse modo, a idolatria foi-se tornando mais forte e mais generalizada por todo o reino de Judá, nos dias de Abias. Essa atitude idólatra teria resultado na remoção da família real de Jerusalém, não fora a promessa do pacto firmado com Davi (veja 1 Rs 15:4,5).

### **Asa Inicia a Reforma**

Asa governou em Jerusalém durante quarenta e um anos (910-869 a. C.). Prevaleram condições pacíficas durante, ao menos, os primeiros dez anos de seu longo reinado. Considerações cronológicas implicam que ele era muito jovem quando Abias morreu. Talvez isso tenha algo a ver com o fato de que Maaca continuou agindo como rainha-mãe durante os primeiros catorze ou quinze anos do reinado de Asa. A despeito da influência dela, ele adotou um programa de reformas no qual os altares estrangeiros e os lugares altos foram removidos, enquanto colunas e postes-ídolos foram derrubados. O povo foi admoestado a observar a lei e os mandamentos mosaicos. Esse período de paz foi empregado politicamente com vantagem pelo jovem rei, o qual fortificou as cidades de Judá e aumentou o seu exército.

No décimo quarto ano de seu reinado (897-896 a. C.), Judá foi atacado no lado sul por um poderoso exército etíope. É possível que Zerá, líder etíope, tenha feito isso sob pressão de Osorcom I, sucessor de Sisaque no trono egípcio.<sup>3</sup> Com ajuda divina, Asa e seu exército repeliram os invasores, perseguindo-os até Gerar e retornando a Jerusalém com abundantes despojos de guerra, como gado, ovelhas e camelos.

Advertido pelo profeta Azarias, após essa grande vitória, Asa pôs corajosamente em execução a sua reforma, por todo seu reino, removendo ídolos de várias cidades. No terceiro mês de seu décimo quinto ano de governo ele reuniu seu próprio povo, como também muitos vindos do reino do Norte, que haviam desertado para ele, quando reconheceram que Deus era com ele. Muitíssimos holocaustos foram oferecidos nessas festividades, após ter sido reparado o altar do Senhor. Encorajado pelo profeta e pelo monarca, o povo se comprometeu a servir a Deus de todo o coração. Sem dúvida, com esse apoio popular foi que Asa removeu Maaca, a rainha-mãe. A imagem de Astarote, deusa cananéia da fertilidade, foi esmigalhada e queimada no vale do Cedrom. Devido ao apoio popular, essas festividades religiosas foram maiores que quaisquer outras efetuadas em Jerusalém desde a época da consagração do templo de Salomão.

Essas celebrações religiosas em Judá por certo perturbaram Baasa. Israel fora derrotado por Abias pouco antes de Asa ter subido ao trono. Desde então fora

<sup>3</sup>Ibid., pág. 32.

ainda mais debilitado por uma revolução, quando a dinastia de Jeroboão foi expelida. Nesse mesmo tempo, Asa estabelecia seu reino durante uma era pacífica. A deserção de sua gente para Jerusalém, no décimo quinto ano do reinado de Asa (896 - 895 a. C.) impeliu Baasa a fortificar Ramá (2 Cr 16:1).<sup>4</sup> Visto que as estradas principais vindas do reino do Norte convergiam em Ramá, a 8 km ao norte de Jerusalém, Asa considerou como de estratégica importância o ato agressivo de Baasa. Enviando a Ben-Hadade, rei da Síria, um presente em prata e ouro, retirado do templo, Asa contrabalançou a agressão israelita. Ben-Hadade, então, apossou-se de certo território com cidades do reino do Norte. Quando Baasa se retirou de Ramá, Asa utilizou as pedras e o madeiramento ali colhidos para construir Geba, em Mispa.

Embora a aliança de Asa com Ben-Hadade tivesse parecido bem sucedida, Hanani, o profeta, repreendeu severamente ao rei judeu por causa desse pacto profano. Corajosamente lembrou Asa de que ele confiara em Deus ao opor-se com êxito aos líbios e etíopes comandados por Zerá. Ao enfrentar esse problema, no entanto, olvidou-se de Deus. Em consequência, doravante ele seria sujeitado a guerras. Ao ouvir isso, Asa ficou tão indignado que mandou encarcerar Hanani. Outros, por igual modo, sofreram devido a seu antagonismo.

Nada se registra acerca das guerras ou atividades havidas durante o resto do longo reinado de Asa. Dois anos antes de falecer, Asa foi atingido por uma enfermidade fatal. Mas mesmo nesse período de sofrimento ele não quis buscar ao Senhor. Embora Asa tivesse sido um líder reto e piedoso durante os primeiros quinze anos de seu reinado, não há indicação alguma, nos registros bíblicos, de que ele se tenha recuperado de sua atitude desafiadora ante à palavra do profeta. Aparentemente, o resto dos quarenta e um anos de seu reinado não se caracterizou pela mesma atividade justa positiva que assinalou seu início. O fato de que mandou encarcerar Hanani, o profeta, parece dar a entender que não tinha temor do Senhor e nem de Seu mensageiro (veja 2 Cr 17:3).

### **Josafá — Administrador Piedoso**

O reinado de vinte e cinco anos de Josafá (872 - 848 a. C.) foi uma das épocas mais encorajadoras e úteis da história religiosa de Judá. Nos primeiros anos de seu governo, Josafá reavivou as normas de reforma religiosa que se tinha mostrado tão eficazes na primeira porção do reinado de Asa. Visto que Josafá tinha trinta e cinco anos de idade quando começou a governar, mui provavelmente, durante a infância, estivera sob a influência de grandes líderes religiosos de Judá. Seu programa era bem organizado. Cinco príncipes, acompanhados por nove levitas liderantes e dois sacerdotes, foram enviados por todo o território de Judá a fim de ensinarem a lei. Outrossim, os lugares altos e os postes-ídolos foram removidos, para que o povo não se desviasse para tais coisas. Ao invés de inquirirem por Baal, conforme o povo provavelmente fizera durante as últimas duas décadas do reinado de Asa, esse rei e seu povo se voltaram para Deus.

Esse interesse renovado por Deus exerceu efeitos salutares sobre as nações circunvizinhas, bem como sobre a própria nação de Judá. Tendo Josafá fortificado suas cidades, os filisteus e os árabes não declararam guerra contra Judá, mas re-

<sup>4</sup>Cf. a discussão de Thiele em *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, págs. 57-60. As datas que envolvem trinta e seis anos começam nos primórdios do reino do Sul.



conheceram a superioridade do reino do Sul, trazendo presentes e tributo ao rei. Esse favor e apoio providenciais encorajaram-no na edificação de cidades-armazéns e fortalezas por toda a sua terra, tendo ele destacado unidades militares para as mesmas: Em adição a isso, ele contava com cinco comandantes militares em Jerusalém, que lhe eram diretamente responsáveis (veja 2 Cr 17:1-19). Em consequência, sob Josafá, o reino do Sul prosperou nos campos religioso e político.

Prevaleciam relações amistosas entre Israel e Judá. As alianças matrimoniais entre as dinastias de Davi e de Onri, provavelmente foram estabelecidas na primeira década do reinado de Josafá (cerca de 865 a. C.), porquanto Acazias, filho dessa união, tinha vinte e dois anos de idade quando ascendeu ao trono de Judá, em 841 a. C. (veja 2 Rs 8:26).<sup>5</sup> Esse vínculo com a dinastia governante do reino do Norte garantiu Josafá contra ataques e invasões vindos do norte.

Evidentemente, mais de uma década do reinado de Josafá se passa sem qualquer menção, entre o primeiro e o segundo versículos de 2 Cr 18. O ano vigente era 853 a. C. Depois da batalha de Carcar, da qual Acabe participara por força da aliança com a Síria, a fim de entrar a força inundante da Assíria, Acabe hospedou mui suntuosamente a Josafá, em Samaria. E visto que Acabe contemplava a recuperação de Ramote de Gileade, que Ben-Hadade, rei sírio, não lhe devolvera, de conformidade com o tratado de Afeque, ele convidou a Josafá para aliar-se às suas forças, na batalha. O rei de Judá respondeu favoravelmente, embora houvesse insistido em obter os serviços e os conselhos de um profeta autêntico. Micaías predisse que Acabe seria morto em batalha. Sabendo disso, Acabe se disfarçou. Porém, enquanto ele ficou fatalmente ferido, devido a uma flecha perdida, Josafá conseguiu escapar por pouco, retornando em paz a Jerusalém.

Destemidamente, Jeú confrontou Josafá com a palavra do Senhor. Sua confraternização com a família real de Israel desagradara ao Senhor. Por certo sobreviria o juízo. Para Jeú, isto representou um ato de extrema coragem, porquanto seu pai, Hanani, fora encarcerado por ordem de Asa, por haver repreendido ao rei. Ao concluir sua mensagem, Jeú cumprimentou Josafá por ter removido os postes-ídolos e por haver buscado a Deus.

Em contraste com seu pai, Asa, Josafá reagiu favoravelmente à reprimenda. Dirigiu-se pessoalmente a todo o Judá, desde Beerseba até Efraim, a fim de encorajar o povo a retornar a Deus. Complementou tal reforma nomeando juizes para todas as cidades fortificadas, admoestando-os a julgar retamente e no temor de Deus, ao invés de mostrarem parcialidade ou aceitarem suborno. Os casos disputados fariam apelo a Jerusalém, onde levitas, sacerdotes e chefes das principais famílias estavam encarregados de baixar decisões justas.<sup>6</sup> Amarias, o sacerdote principal, era finalmente responsável por todos os casos religiosos. Questões civis e criminais ficaram na dependência de Zebadias, governador da casa de Judá.

Pouco depois disso, Josafá teve de defrontar-se com uma aterrorizante invasão proveniente do sudeste. Um mensageiro noticiou que grande multidão de

<sup>5</sup>Note-se que em 2 Cr 22:2 sua idade é dada como de 42 anos; mas, à luz de 2 Cr 21:20 e 2 Rs 8:17, o número 42 é um erro de transcrição.

<sup>6</sup>Quanto ao pano de fundo histórico sobre isso veja Êx 18:21,22; Dt 1:13-17 e 16:18-20.

amonitas e moabitas subia contra Judá, vinda da terra de Edom, pelo sul do mar Morto. Se porventura esse fosse o castigo que Jeú deu a entender em sua predição sobre a iminente ira de Deus, então Josafá havia preparado sabiamente o seu povo.<sup>7</sup> Quando ele proclamou um jejum, os habitantes de todas as cidades de Judá responderam prontamente à proclamação. No novo átrio do templo, o rei mesmo liderou as orações, reconhecendo publicamente que Deus lhes dera a terra prometida, manifestara Sua presença no templo consagrado nos dias de Salomão e lhes prometera livramento se humildemente Lhe pedissem socorro. Com palavras simples, como "... e não sabemos nós o que fazer; porém os nossos olhos estão postos em ti", Josafá expressou sua confiança em Deus, ao terminar sua oração (veja 2 Cr 20:12). Por intermédio de Jaaziel, um levita dentre os filhos de Asafe, a assembléia recebeu a garantia divina de que mesmo sem lutarem, contemplariam grande vitória. Em resposta, Josafá e seu povo se prostraram e adoraram a Deus, enquanto os levitas louvavam audivelmente ao Senhor.

Na manhã seguinte, o rei conduziu o povo judeu ao deserto de Tecoa, admoestando-os para que exercessem fé em Deus e nos Seus profetas. Entoando louvores a Deus, o povo marchou em direção ao inimigo. As forças adversárias foram lançadas em confusão, massacrando-se umas às outras. O povo de Judá passou três dias inteiros colhendo os despojos de guerra. No quarto dia Josafá reuniu o povo no vale de Beracá, em culto de ação de graças - reconhecendo que Deus é quem lhes proporcionara a vitória.<sup>8</sup> Em marcha triunfal, o rei encabeçou o retorno do povo a Jerusalém. O temor de Deus sobreveio às nações em redor, ao ouvirem falar dessa miraculosa vitória. Josafá, uma vez mais, pôde desfrutar de paz e tranqüilidade.

Tendo subido ao trono de Israel um novo rei da família de Onri, Acázias, uma vez mais Josafá entrou em íntima afinidade com aquela perversa família. Em esforço conjunto, tentaram lançar navios em Eziom-Geber, para propósitos comerciais. Em consonância com a predição feita pelo profeta Eliezer, os navios naufragaram (veja 2 Cr 20:35-37). Quando Acázias propôs outra aventura, Josafá declinou do convite (veja 2 Rs 22:47-49).

Antes do término de seu reinado, Josafá novamente entrou em relação de pacto com um rei de Israel. Dessa vez foi com Jorão, outro dos filhos de Acabe. Quando Acabe faleceu, Moabe suspendeu o pagamento de tributo a Israel. Parece claro que Acázias, durante seu breve reinado, nada fez a respeito. Quando Jorão se tornou rei, convidou Josafá para unir suas forças com as suas, em marcha através do território edomita, para subjugar Moabe (veja 2 Rs 3:1-27).<sup>9</sup> Josafá de novo tomou consciência do fato de que estava em aliança com reis ímpios, quando o profeta Eliseu salvou os três exércitos de destruição.

Josafá morreu em 848 a. C. Em violento contraste com a dinastia de Onri, ele conduziu seu povo para que combatesse a idolatria. Por causa de suas associações íntimas com os ímpios e maus reis de Israel, entretanto, foi severamente reprimido por diversos profetas. Essa norma de inter-relações matrimoniais não afetou seriamente a sua nação enquanto ele viveu, mas por pouco não eliminou a dinastia davídica de Judá, menos de uma década após seu falecimento. Os frutos

<sup>7</sup>Edersheim interpreta isso como o julgamento anunciado por Jeú. Veja *Bible History*, vol. VI, pág. 78.

<sup>8</sup>Desde que a Palestina foi repartida, o dr. Lambie erigiu o Hospital Beracá nesse mesmo vale.

<sup>9</sup>Quanto a maiores discussões, veja o cap. X.

de sua política inclusivista anularam quase de todo os esforços da vida inteira do piedoso Josafá.

### **Jeorão Reverte-se à Idolatria**

Jeorão, filho de Josafá, governou em Judá por oito anos (848 - 841 a. C.). Embora fosse co-regente com seu pai, ele não assumiu grande responsabilidade senão após a morte de Josafá. Na narrativa bíblica (veja 2 Cr 21:1-20 e 2 Rs 8:16-24) são dadas algumas datas com base em sua ascensão ao trono, em 853 a. C., enquanto que outros informes aludem a 848 a. C., quando ele assumiu pleno controle do governo.<sup>10</sup>

A morte de Josafá trouxe alterações rápidas em Judá. O governo pacífico que prevalecera sob Josafá logo foi substituído por derramamento de sangue e grossa idolatria. Assim que Jeorão se sentiu seguro no trono, assassinou seus seis irmãos, aos quais Josafá nomeara para diversas cidades fortificadas. Alguns dos príncipes sofreram a mesma sorte. O fato de que ele defendia os caminhos pecaminosos de Acabe e Jezabel pode ser razoavelmente atribuído à influência de sua esposa, Atalia. Jeorão restaurou os lugares altos e a idolatria que seu progenitor removera. Também houve modificações quanto a outras questões. A crer em Thiele, Jeorão nesse tempo chegou a adotar para Judá o sistema do ano de não ascensão ao trono para computar datas, que era usado no reino do Norte.<sup>11</sup>

Elias, o profeta, repreendeu severamente a Jeorão em forma escrita (veja 2 Cr 21:11-15). Por meio disso, Jeorão foi avisado do juízo iminente que lhe sobreviria por ter morto a seus irmãos e por ter conduzido Judá pelos caminhos pecaminosos do reino do Norte. O melancólico futuro guardava uma praga para Judá, e uma doença incurável para o próprio rei.

Edom se revoltou contra Jeorão. Embora ele e seu exército tivessem sido cercados pelos edomitas, Jeorão conseguiu furar caminho, combatendo, e escapou; e Edom obteve sua independência. Os filisteus e os árabes, que tinham reconhecido a Josafá, pagando-lhe tributo, não somente se revoltaram, mas também avançaram na direção de Jerusalém, chegando a assediar a casa do rei. Levaram consigo vastos tesouros, e cativaram a família de Jeorão, com a exceção de Atalia e um filho seu, Jeocaz ou Acazias.

Dois anos antes de sua morte, Jeorão foi atingido por fatal enfermidade. Após um período de terríveis sofrimentos, ele faleceu, em 841 a. C. Os efeitos trágicos e chocantes de seu breve reinado se refletem no fato de que ninguém lamentou sua morte. Nem ao menos lhe foram prestadas as honrarias usuais de ser sepultado nos túmulos dos reis.

### **Acazias Promove o Baalismo**

Acazias teve o reinado mais curto que houve nesse período, tendo sido rei de Judá por menos de um ano (841 a. C.).<sup>12</sup> Se Jeorão assassinara todos os seus ir-

<sup>10</sup>Note-se que a discussão de Thiele a respeito aclara contradições aparentes como aquela entre 2 Rs 1:7 e 8:16. Veja *Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, págs. 61-65. Jeorão, que talvez houvesse sido feito co-regente antes de Josafá, aliou-se a Acabe na batalha contra a Síria, em 853 a. C.

<sup>11</sup>Thiele, *op. cit.*, pág. 62. Esse sistema era usado em Israel, ao passo que Judá usava o sistema do ano da ascensão.

<sup>12</sup>Note-se que ele também é chamado "Jeocaz", em 2 Cr 21:17, e "Azarias", em 2 Cr 22:6.

mãos, ao tornar-se rei, os filhos de Jeorão foram todos mortos pelos árabes, com a exceção única de Acazias. Conseqüentemente, o povo de Judá não teve escolha senão coroar Acazias como rei. Sob os conselhos pessoais de sua mãe, as impiedades de Acabe e Jezabel tiveram expressão plena quando Acazias foi feito rei de Judá. Sob o domínio e influência de seu tio, Jorão, que governava em Samaria, Acazias tinha pouca escolha. O padrão já fora estabelecido por seu pai.

Seguindo os conselhos de seu tio, o novo rei aliou-se aos israelitas na batalha contra a Síria. Visto que Hazael acabara de substituir Ben-Hadade como rei de Damasco, Jorão decidiu que aquela era a ocasião oportuna de reconquistar Ramote de Gileade, que estava em mãos sírias. No conflito resultante, Jorão foi ferido. Acazias estava em companhia de Jorão, em Jezreel, o palácio de verão da dinastia de Onri, quando irrompeu a revolta popular em Israel. Quando Jeú marchava contra Jezreel, Jorão foi mortalmente ferido, ao passo que Acazias se refugiou em Samaria. Noutra perseguição, ele foi fatalmente ferido e morreu em Megido. Como sinal de respeito a Josafá, esse seu neto, Acazias, recebeu sepultamento real em Jerusalém.

Não possuindo herdeiro qualificado em disponibilidade, para subir ao trono de Judá, Atalia se apossou do trono de Jerusalém. Para garantir sua posição, ela começou executando a família real (veja 2 Cr 22:10-12). O que Jezabel, sua mãe, fizera contra os profetas de Israel, Atalia fez contra a família davídica, em Judá. Mediante a aliança de casamento arranjada por Josafá com o ímpio Acabe, essa neta de Etbaal, rei de Tiro, se tornara a esposa do herdeiro do trono davídico. É fora de qualquer dúvida que ela não conseguiu se impor enquanto Josafá ainda vivia. O que ela fez em Judá, depois da morte dele, se tornou tragicamente patente nos acontecimentos que se desdobraram nos dias de seu marido, Jeorão, e de seu filho, Acazias. Um reinado aterrorizante de seis anos se seguiu (841 - 835 a. C.)

## Capítulo XII

### Revolução, Recuperação e Ruína

A linhagem de Jeú ocupou o trono pelo espaço de quase um século, mais que qualquer outra dinastia do reino do Norte (841 - 753 a. C.). Quando Jeú foi entronizado por força de uma revolução, Israel se viu debilitado e reduzido a uma pequena área geográfica, tendo perdido território para vizinhos agressivos. Sob o quarto monarca dessa família, o reino do Norte atingiu o ponto culminante do prestígio internacional. Essa efêmera prosperidade foi reduzida ao esquecimento em menos de três décadas, sob o poder assírio que avançava.

#### A Dinastia de Jeú

Sangüinária revolução teve lugar em Israel quando Jeú, capitão do exército, expeliu a dinastia de Onri. Ao ocupar Jezreel, ele eliminou Jorão, o rei israelita, Acazias, o rei de Judá, e Jezabel - aquela que era responsável pelo fato do baalismo ter vindo a desempenhar papel tão eficaz na religião de Israel.

Marchando na direção de Samaria, Jeú matou a setenta filhos da família de Acabe, tendo orientado a execução de todos os adeptos de Baal, os quais tinham sido atraídos para uma gigantesca celebração no templo erigido por Acabe. Visto que religião e política haviam sido tão intimamente fundidas na dinastia de Onri, a destruição impiedosa do baalismo foi questão de conveniência para Jeú.

Jeú foi perturbado por todos os lados. Ao exterminar a dinastia de Onri, ele perdeu as boas graças de Judá e da Fenícia, cujas famílias reais estavam em relação de aliança íntima com Jezabel. Também não se aliou ele ao novo rei sírio, Hazael, em oposição ao avanço assírio para o ocidente.

No famoso Obelisco Negro, descoberto por Layard em 1846, Salmaneser III registra que recebeu tributo da parte de Jeú. Após cinco ataques frustrados contra Damasco, o rei assírio fez seus exércitos marcharem para as costas do mar Mediterrâneo, ao norte de Beirute, a fim de receber tributo de Tiro e Sidom, como também do rei de Israel.<sup>1</sup> Mediante essa atitude conciliatória, Jeú conse-

<sup>1</sup>O retrato dessa transação pode ser visto num penhasco no delta do rio Dogue, perto de Beirute, Libano. Cf. G. E. Wright, *Biblical Archaeology*, págs. 156, 157.

guiu desviar a invasão assíria de Israel, mas incorreu no antagonismo de Hazael, ao apaciar Salmaneser III. Durante os primeiros anos desse período (841 - 837 a. C.), Hazael resistiu sozinho à agressão assíria. Apesar de haverem sido conquistadas algumas cidades do norte, Damasco resistiu com êxito à crise. Os assírios não renovaram seus ataques por perto de duas décadas. Isso permitiu a Hazael dirigir suas bem treinadas forças militares na direção sul, reiterando a guerra contra Israel. Às custas de Jeú, pois, os sírios ocuparam a terra de Gileade e Basã, a leste do rio Jordão (veja 2 Rs 10:32,33). Tendo subido ao trono de Israel por intermédio de sangüinária insurreição, aparentemente Jeú nunca conseguiu unificar sua nação o bastante para resistir ao poder de Hazael. É duvidoso que Hazael tenha conseguido reduzir Jeú a um vassalo sírio; porém, por todo o resto dos dias de Jeú, Israel foi molestado e perturbado por esse agressivo monarca sírio.

Embora Jeú tenha eliminado o baalismo, não se moldou à lei de Deus. A idolatria continuava prevalecendo de Dã a Betel - daí o aviso divino de que seus filhos reinariam após ele somente até à quarta geração.

### *Jeoacaz*

Jeoacaz, filho de Jeú, teve de haver-se com o mesmo monarca sírio durante todo o seu reinado (814 - 798 a. C.). Hazael tirou vantagem do novo governante de Israel ampliando os domínios sírios para que incluíssem a região montanhosa de Efraim. O exército de Israel foi reduzido a 50 cavaleiros, 10 carros de combate e 10 mil infantes. Nos dias de Acabe, Israel fornecera 2.000 carros de guerra, na batalha de Carcar. Hazael avançou para além de Israel, a fim de capturar Gate, e ameaçou conquistar Jerusalém durante o reinado de Jeoacaz (veja 2 Rs 12:17).

A gradual absorção de Israel pela Síria enfraqueceu o reino do Norte de maneira tal que Jeoacaz não conseguiu oferecer resistência a outros invasores. As nações circunvizinhas, como Edom, Amom, Filístia e Tiro se aproveitaram da má sorte de Israel. Isso é refletido nos escritos de Amós (1:6-15) e Isaías (9:12).

Debaixo da opressão estrangeira, Jeoacaz se voltou para Deus - e Israel não foi completamente assolado pelos sírios. A despeito desse alívio, contudo, ele não se afastou da idolatria de Jeroboão, e nem destruiu os postes-ídolos de Samaria (veja 2 Rs 13:1-9).

### *Jeoás*

Jeoás, terceiro monarca da dinastia de Jeú, governou Israel durante dezesseis anos (798 - 782 a. C.). Com a morte de Hazael, pouco antes da mudança do século, foi possível dar início à restauração das fortunas de Israel, sob a liderança de Jeoás.

O profeta Eliseu ainda vivia quando Jeoás ascendeu ao trono. O silêncio das Escrituras justifica-nos a conclusão que diz que nem Jeú nem Jeoás quiseram ter algo a ver com Eliseu. Quando o profeta já estava no seu leito de morte, Jeoás desceu para visitá-lo. Chorando em sua presença, o rei exprimiu preocupação com a segurança de Israel. Moribundo, Eliseu instruiu dramaticamente ao rei para atirar com o arco, assegurando-lhe que isso significaria a vitória dos israelitas sobre a Síria. O milagre final associado a Eliseu ocorreu após sua morte. Um cadáver foi lançado dentro do túmulo de Eliseu, durante um ataque repentino dos moabitas, e foi restaurado à vida.

Havendo troca de governantes na Síria, Jeoás se viu capaz de preparar uma forte força combatente. Ben-Hadade II foi definitivamente reduzido a uma posição defensiva, ao passo que Jeoás reconquistou grande parte dos territórios ocupados pela Síria, sob Hazael. A recuperação da área a leste do Jordão talvez não tivesse sido levada a efeito senão nos dias de seu sucessor, mas aquele foi um período de preparação, durante o qual Israel começou a elevar-se em poder e prestígio.

Durante o reinado de Jeoás, Amazias, rei de Judá, contratou uma força combatente israelita para ajudá-lo a subjugar os edomitas (veja 2 Cr 25:6); entretanto, por conselho de um profeta, essa força foi dispensada antes da batalha. Na volta a Israel, eles pilharam as cidades, na rota entre Bete-Horom e Samaria, mandando a 3 mil pessoas (veja 2 Cr 25:13). Retornando triunfalmente da vitória sobre os edomitas, Amazias desafiou Jeoás para um combate. Este respondeu com uma advertência sobre a sorte do espinheiro que fizera um pedido ao cedro do Líbano. Evidentemente Amazias não compreendeu o espírito da coisa. No encontro militar daí resultante, Jeoás não somente derrotou Amazias, mas também invadiu Judá, derrubando parte das muralhas de Jerusalém, pilhou o palácio e o templo, e levou alguns reféns para Samaria. Com base na sincronização da cronologia atinente a esse período, Thiele concluiu que essa batalha teve lugar em 791 - 790 a. C.<sup>2</sup>

Embora Jeoás se tenha sentido perturbado ante a perda de Eliseu, não estava sinceramente interessado em servir a Deus, mas deu prosseguimento a seus caminhos idólatras. Seu breve reinado marcou o ponto decisivo das fortunas de Israel, conforme Eliseu predissera.

### *Jeroboão II*

Jeroboão, o quarto monarca da dinastia de Jeú, foi o mais notável rei do reino do Norte. Ele reinou durante quarenta e um anos (793 - 753 a. C.), incluindo doze anos de co-regência com seu pai. Pelo tempo em que ele assumiu controle único sobre o reino (781 a. C.), encontrava-se em posição de tirar plena vantagem das oportunidades de expansão.

À semelhança de Onri, o mais poderoso soberano antes dele, a historiografia de Jeroboão é muito breve nas Escrituras (veja 2 Rs 14:23-29). A vasta expansão política e comercial, sob o poderoso rei, é sumariada na profecia de Jonas, filho de Amitai, que bem pode ter sido o profeta do mesmo nome enviado em missão a Nínive (veja Jn 1:1). Jonas predisse que Jeroboão restauraria Israel desde o mar Morto até às fronteiras de Hamate.

Fontes informativas seculares confirmam as referências bíblicas que dizem que Ben-Hadade II não pôde reter o reino estabelecido por seu pai, Hazael.<sup>3</sup> Dois ataques contra a Síria, feitos por Adadnirari III (805 - 802 a. C.) e Salmaneser IV (773 a. C.) debilitaram-na muito às expensas da Assíria. Acresça-se a isso que Zaquir de Hamate formou uma coligação que derrotou Ben-Hadade II e declarou independência da dominação síria durante esse período. Isso forneceu a Jeroboão a chance de recuperar os territórios a leste do Jordão que os sírios vinham

<sup>2</sup>Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, págs. 68-72.

<sup>3</sup>Veja Unger, *Israel and the Arameans of Damascus*, págs. 83-95.

controlando por cerca de um século. Depois de 773 a. C., os reis assírios andavam tão ocupados com problemas locais e nacionais que não pensaram em atacar a Palestina senão depois da época de Jeroboão. Conseqüentemente, o reino israelita gozou de uma prosperidade pacífica sem igual desde os dias de Salomão e Davi.

A cidade de Samaria, que fora fundada por Onri, agora foi reforçada em suas defesas por Jeroboão. As muralhas foram alargadas contra o dia da invasão tanto quanto 10 m em alguns lugares estratégicos. As fortificações foram tão bem construídas que cerca de meio século mais tarde os assírios despenderam três anos para conquistar a cidade.

Amós e Oséias, cujos livros figuram entre os Profetas Menores, refletem a prosperidade desse período. O sucesso militar e comercial de Jeroboão trouxe grande abundância de riquezas para Israel. Juntamente com o luxo veio o declínio moral e a indiferença religiosa que foram acometidos ousadamente por esses profetas. Jeroboão II fizera o que é mau aos olhos do Senhor e levava Israel a pecar, tal como o fizera o primeiro rei de Israel.

### *Zacarias*

Quando morreu Jeroboão II, em 753 a. C., seu filho, Zacarias, cujo reinado durou apenas seis meses, o substituiu. Foi assassinado por Salum (veja 2 Rs 15:8-12). Isso pôs fim abrupto ao governo da dinastia de Jeú.

## **Os Últimos Reis**

Aqueles que tinham ouvido Amós e Oséias pouco imaginavam quão prontamente o juízo ameaçado sobreviria a Israel. Em um período de apenas três décadas (752 - 722 a. C.) deixou de existir o reino do Norte como nação independente. Sob o império assírio em expansão, Israel capitulou - para nunca mais erguer-se como reino israelita.

### *Salum (752 a. C.)*

Salum teve o mais breve reinado que houve no reino do Norte, com exceção do governo de sete dias de Zinri. Após ter assassinado Zacarias e de ter se apossado do trono, governou durante apenas um mês. Foi assassinado.

### *Menaém (752 - 741 a. C.)*

Menaém tinha melhores perspectivas para o futuro. Foi capaz de firmar-se tão bem que permaneceu no trono por aproximadamente uma década. Pouco se sabe sobre sua política doméstica, exceto que ele continuou nos padrões idólatras de Jeroboão I.

O mais sério problema que Menaém teve de enfrentar foi a agressão assíria. Em 745 a. C., Tiglate-Pileser, ou Pul, começou a governar a Assíria como um dos mais poderosos reis daquela nação.<sup>4</sup> Ele aterrorizou as nações introduzindo

<sup>4</sup>Cf. 1 Cr 5:26. Veja a discussão de Thiele sobre isso, *op. cit.*, págs. 76-77. Evidentemente "Pul" foi o nome assumido por "Tiglate-Pileser" quando ele subiu ao trono da Babilônia.



a norma de transportar povos conquistados para lugares distantes. Cidadãos liderantes, executivos e políticos eram substituídos por estrangeiros, a fim de impedir posteriores rebeldias, após a conquista. Nos anos de 743 - 738 a. C., Tiglate-Pileser III desencadeou uma campanha na direção noroeste que envolveu as nações da Palestina. Evidências arqueológicas favorecem a teoria de que Uzias, rei de Judá, liderou as forças da Ásia ocidental contra o avanço esmagador da Assíria.<sup>5</sup> Nas crônicas assírias, Menaém é citado como quem foi reentronizado, sob a condição de pagar tributo.<sup>6</sup> Embora o tempo exato desse pagamento não possa ser determinado conclusivamente, Thiele expõe evidências que favorecem a primeira porção dessa campanha para noroeste como algo que coincidiu com o ano final do reinado de Menaém.<sup>7</sup> Pacificado por essa concessão, Pul retornou à Assíria e Menaém faleceu em paz, tendo seu filho assumido a liderança do reino do Norte.

### *Pecaías (741 - 739 a. C.)*

Pecaías seguiu as normas de seu pai. Ao continuar a coleta de impostos, como vassalo da Assíria, Pecaías deve ter tido de enfrentar oposição da parte de seu próprio povo. É bem provável que Peca tenha encabeçado um movimento de revolta contra a Assíria, tendo sido o responsável pelo assassinato de Pecaías.

### *Peca (739 - 731 a. C.)*

Os oito anos do reinado de Peca assinalaram um período de crise tanto nacional quanto internacional. Embora a Síria, com sua capital, Damasco, tivesse sido subjugada por Israel, na época de Jeroboão II; ela se impôs sob a liderança de um novo soberano, Rezim, durante esse período de declínio em Israel. Enfrentando um adversário comum, os assírios, Peca foi fortalecido em sua política anti-assíria, ao colaborar com Rezim. Enquanto a Assíria andou ocupada primeiramente com uma campanha em Urartu (737 - 735 a. C.), esses dois reis esforçaram-se por cimentar uma sólida aliança ocidental que resistisse à invasão assíria.

Em Judá, o partido pró-assírio corrente, aparentemente, obteve sucesso (735 a. C.) ao conduzir Acáz ao controle ativo do reino, embora Jotão ainda estivesse vivo. Em consequência disso, ele resistiu a convites da parte de Israel e da Síria para cooperar com eles contra a Assíria. Em 734 a. C., Tiglate-Pileser III invadiu a Filístia. Acáz talvez tivesse solicitado aos assírios que o aliviassem da pressão filistéia (veja 2 Cr 28:16-21), ou talvez ele já fosse tributário de Tiglate-Pileser. Unger sugere que foi durante essa invasão da Filístia que os assírios capturaram certas cidades do reino do Norte (veja 2 Rs 15:29).<sup>8</sup>

A pressão siro-israelita contra Judá terminou num combate real que se tornou conhecido como guerra siro-efraimita (veja 2 Rs 16:5-9; 2 Cr 28:5-15 e Is 7:1-8:8). Exércitos sírios desceram marchando para Elate a fim de recuperarem aquele porto marítimo de Judá para os edomitas, que sem dúvida davam seu apoio à

<sup>5</sup>Veja Wright, *op. cit.*, pág. 161.

<sup>6</sup>Cf. D. Winton Thomas, *Documents from Old Testament Times* (Nova Iorque: Nelson & Sons, 1958), págs. 53-58.

<sup>7</sup>Thiele, *op. cit.*, págs. 75-98.

<sup>8</sup>Unger, *op. cit.*, pág. 100.

coligação contra a Assíria. Embora Jerusalém tenha sido assediada e tivessem sido levados cativos de Judá para Samaria e Damasco, o reino do Sul não foi subjugado e nem forçado a unir-se a essa aliança anti-assíria.

Dois importantes acontecimentos afetaram a retirada das forças que tinham invadido Judá. Quando os cativos foram conduzidos a Samaria, um profeta, de nome Odede, declarou ser aquele um juízo divino contra Judá, tendo advertido os israelitas de que estava iminente a demonstração da ira divina. Devido à pressão feita pelos príncipes e por uma assembléia do povo israelita, os cativos foram soltos pelos oficiais do exército.

O outro fato importante foi que Acaz se recusou a ceder ante as exigências siro-efraimitas, mas apelou diretamente a Tiglate-Pileser, pedindo-lhe socorro. O soberano assírio sem dúvida formulara seus planos para subjugar as terras ocidentais. Esse convite o estimulou a uma ação imediata - tendo Damasco se tornado o ponto focal do ataque, nas campanhas de 733 e 732 a. C. Tiglate-Pileser jacta-se de haver conquistado 591 cidades dessa área síria, o que foi seguido pela capitulação de Damasco, em 732 a. C. A Síria foi reduzida à impotência, não mais podendo intervir no avanço da Assíria para o ocidente. Durante o século seguinte, Damasco e suas províncias - que por duzentos anos constituíra o influente reino da Síria - estiveram subordinadas ao controle assírio.

A queda de Damasco teve repercussões subseqüentes em Samaria. Peca, que subira ao poder como campeão da política anti-assíria, agora estava envergonhado. Estando a Síria prostrada diante do poder assírio, as chances de sobrevivência para Israel tinha desaparecido. Peca foi vitimado por uma conspiração conduzida por Oséias, o rei seguinte. Sem dúvida, foi a remoção de Peca que salvou Samaria de ser conquistada, nessa ocasião.

### *Oséias (731 - 722 a. C.)*

Quando Oséias se tornou dirigente do reino do Norte, em 731 a. C., tinha bem poucas alternativas em sua política inicial. Era vassalo de Tiglate-Pileser, que se jactava de tê-lo posto no trono de Samaria.

Os domínios de Oséias estavam quase todos confinados à região montanhosa de Efraim. A Galiléia e o território a leste do rio Jordão tinham estado sob o controle assírio desde a campanha de 734 a. C. Tiglate-Pileser III pode ter conquistado Megido durante essa série de investidas para o ocidente, passando a usá-la como capital administrativa de suas províncias galiléias.<sup>9</sup>

Em 727 a. C., Tiglate-Pileser III, o grande rei da Assíria, faleceu. Na esperança que Salmaneser V não seria capaz de manter controle sobre esse extenso território, Oséias dependia do apoio egípcio quando descontinuou o pagamento do tributo à Assíria. Tal, entretanto, não era o caso. Salmaneser V marchou com seus exércitos até Israel e assediou a cidade poderosamente fortalecida de Samaria, em 725 a. C. Durante três anos Oséias foi capaz de resistir ao assalto do poderoso exército assírio, mas finalmente teve de render-se, em 722 a. C.<sup>10</sup>

<sup>9</sup>Veja Wright, *op. cit.*, pág. 161.

<sup>10</sup>Embora Sargão II tivesse reivindicado ser o conquistador de Samaria, Salmaneser V ainda era rei da Assíria. É possível que Sargão tivesse sido o general do exército, estando assim encarregado do cerco. Quanto à mais adequada discussão sobre essa data, veja Thiele, *op. cit.*, págs. 121-128.

Isso decretou o fim do reino do Norte. Sob as normas assírias de deportação, os israelitas foram levados às regiões da Pérsia. De conformidade com os anais assírios, Sargão, sucessor de Salmaneser, afirmou ter feito perto de 28 mil vítimas.<sup>11</sup> Por sua vez, colonos vindos da Babilônia foram estabelecidos em Samaria — o reino do Norte foi reduzido ao estado de uma província assíria.

Durante dois séculos os israelitas tinham seguido os padrões fixados por Jero-boão I, fundador do reino do Norte. Apesar da troca de dinastia, Israel jamais se divorciou da idolatria que se opunha diametralmente à lei de Deus, segundo as prescrições do decálogo. No decurso de todo esse período profetas fiéis tinham proclamado a mensagem de Deus, advertindo aos monarcas e ao povo comum do juízo iminente. Por causa de sua grosseira idolatria, e por não terem servido a Deus, os israelitas foram sujeitados ao cativeiro às mãos dos governantes assírios.

— O —

<sup>11</sup>Thomas, *op. cit.*, págs. 58-63.

## Capítulo XIII

### Judá Sobrevive ante o Imperialismo Assírio

Os noventa anos do governo da dinastia davídica em Jerusalém terminaram subitamente quando Atalia subiu ao trono, em 841 a. C. Como fruto da política inclusivista de alianças ímpias, que era praticada por Josafá, a iníqua filha de Acabe e Jezabel foi conduzida ao trono de Judá menos de uma década depois da morte de Josafá. De acordo com a promessa divina feita a Davi, a linhagem real foi restaurada após um intervalo de sete anos.

Durante esse período, em que oito reis da dinastia davídica governaram em Judá, a mais significativa era religiosa foi a do reinado de Ezequias. Dele era contemporâneo o grande profeta Isaías, o qual nos provê de informações suplementares. A narrativa histórica desses dois séculos aparece em 2 Rs 11:1-21:26 e 2 Cr 22:10-33:25.

#### **Atalia — um Reinado de Terror**

Diante do sepultamento de seu filho, Acazias, Atalia se apossou do trono do reino do Sul, em 841 a. C. Para assegurar sua posição como líder, ela ordenou a execução de todos quantos pertencessem à linhagem real, e assim iniciou um reinado de terror. Aparentemente nenhum herdeiro do trono escapara, com exceção de Joás, o filho infante de Acazias. Durante os sete anos em que Atalia governou, Jeoseba, irmã de Acazias, escondeu o herdeiro real no templo.

Ocorreu drástica mudança no clima religioso, depois do falecimento de Josafá. Sendo adepta de Baal, tal como sua mãe, Jezabel, Atalia promoveu essa prática idólatra em Jerusalém e por todo o Judá. Os objetos consagrados do templo foram apropriados para servir na adoração a Baal. Matã servia a Baal como sumo sacerdote, em Jerusalém. Não há que duvidar que o derramamento de sangue e as perseguições contra o baalismo, no reino do Norte, sob Jeú, fizeram Atalia tornar-se ainda mais ardorosa no estabelecimento do culto da fertilidade em Judá, nessa ocasião.

Joiada, sacerdote que fora testemunha dos reavivamentos religiosos dirigidos por Asa e Josafá, foi o instrumento que restaurou a linhagem real. No tempo

oportuno ele obteve o apoio da guarda real, e Joás foi coroado rei no átrio do templo. Quando Atalia ouviu os clamores de aclamação, tentou penetrar no templo, mas foi detida e executada no palácio.

### Joás — Reforma e Relapso

Joás era rapazinho de apenas sete anos de idade quando iniciou seu longo reinado (835-796 a. C.). Em face de Joiada ter instigado a coroação de Joás, a política do estado foi formulada e dirigida por ele enquanto ele viveu.

Juntamente com a execução de Atalia foi igualmente destruída a adoração a Baal. Os altares de Baal foram derrubados, e Matã, o sacerdote, foi morto. Joiada deu início a um pacto no qual o povo prometeu servir a Deus. Enquanto ele esteve vivo, prevaleceu o interesse geral pela verdadeira adoração, embora alguns dos lugares altos tivessem continuado em uso.

O templo e os seus cultos haviam sido grandemente negligenciados durante o reinado de terror. Joás, de acordo com o conselho de Joiada, deu apoio à restauração dos holocaustos regulares. Visto que o templo seria oficialmente usado novamente, tornou-se óbvio que eram necessários reparos. Com esse propósito os sacerdotes foram instruídos a recolher fundos pela nação inteira; contudo, não tiveram êxito em seus esforços. No vigésimo terceiro ano do reinado de Joás (cerca de 812 a. C.) foi adotado um novo método de recolher as coletas. Foi posta uma caixa no átrio, ao lado direito do altar. Em resposta a uma proclamação pública, o povo começou a contribuir entusiasmado, tal como o fizera quando Moisés solicitou dádivas que permitissem a construção do tabernáculo. Operários técnicos lançaram-se à tarefa de reparar e lustrar os recintos sagrados. Com a prata e o ouro restantes, modelaram o equipamento apropriado. A liberalidade do povo, para essa finalidade, não diminuiu as contribuições regulares para os sacerdotes. O apoio popular à verdadeira religião atingiu um novo ponto culminante sob a influência de Joiada, tendo sido restaurado o templo.

Dentro de pouco tempo caiu o julgamento divino contra Judá. Após a morte de Joiada, a apostasia retornou qual varredura, quando os príncipes de Judá persuadiram Joás a reverter aos ídolos e ao culto dos postes-ídolos. Embora certos profetas tenham advertido fielmente ao povo, este ignorou as admoestações. Quando Zacarias, filho de Joiada, advertiu ao povo de que não prosperariam se cotinuassem desobedecendo aos mandamentos do Senhor, foi apedrejado no átrio do templo. Joás nem ao menos lembrou-se da bondade de Joiada, e não tentou salvar a vida de Zacarias.

Hazael já havia ampliado seu reino siro-palestino para o sul, às expensas do Norte. Após ter conquistado Gate, na planície da Filístia, ele voltou o rosto para Jerusalém, a somente cerca de 50 km terra a dentro (veja 2 Rs 12:17, 18). A fim de evitar invasão da parte desse rei belicoso, Joás desnudou o templo de seus tesouros, os quais haviam sido consagrados desde os dias de Josafá, e os enviou para Hazael, juntamente com o ouro retirado do tesouro do palácio. Diante desse sinal de subserviência, Jerusalém foi poupada da humilhante experiência do cerco e da conquista. Presume-se que foi o fato de não ter sido pago tributo que impeliu o soberano arameu a enviar um contingente armado contra Jerusalém, algum tempo mais tarde (veja 2 Cr 24:23-24).<sup>1</sup> Visto que “o rei de Damasco” não é iden-

<sup>1</sup>Se E. L. Curtis, *International Critical Commentary*, “in loc”, interpreta esse trecho como versão diferente da ocorrência mencionada na passagem anterior, Unger, *Israel and the Arameans of Damascus*, págs. 79, 80, advoga dois acontecimentos diversos, em seqüência.

tificado por nome, é altamente provável que Ben-Hadade II já houvesse tomado o lugar de Hazael no trono sírio. Nessa oportunidade, o exército sírio penetrou em Jerusalém.<sup>2</sup> Após ter executado a alguns dos príncipes e ter deixado Joás ferido, esse exército regressou a Damasco, levando despojos. Os servos do palácio se aproveitaram da situação a fim de vingarem o sangue de Zacarias, assassinando ao monarca reinante. Joás foi sepultado na cidade de Davi, embora não nos túmulos dos reis.

Se por um lado Asa derrotara grande força inimiga com seu minúsculo exército, porquanto depusera em Deus a sua confiança, Joás foi dominado por uma pequena unidade inimiga. É claro que se tratou de um juízo divino. Tendo morrido Joiada, Joás permitiu que a apostasia permeasse toda a nação de Judá, e chegou a permitir o derramamento de sangue inocente.

### Amazias — Vitória e Derrota

Ante o fim repentino do reinado de Joás, Amazias foi imediatamente coroado rei de Judá. Embora tenha governado durante um total de vinte e nove anos (796-767 a. C.), foi governante único durante apenas um breve período. Depois de 791 a. C., Uzias, seu filho, começou a reinar como co-regente sobre o trono de Davi.

Tanto Judá quanto Israel tinham sofrido severamente sob o poder agressor de Hazael, rei da Síria. Sua morte, na volta do século, assinalou o ponto decisivo das fortunas dos reinos hebreus. Jeoás, que ascendeu ao trono de Samaria, em 798 a. C., desenvolveu poderoso exército que, com o tempo, chegou a afrontar o poder sírio. Amazias adotou norma política similar para Judá, o que permitiu que sua nação se recuperasse da invasão e do derramamento de sangue real.

Um dos primeiros atos agressivos de Amazias foi a recuperação de Edom. Jorão derrotara os edomitas, mas não os subordinara a Judá. Embora Amazias contasse com um exército de 300 mil homens, contratou 100 mil soldados adicionais de Jeoás, rei de Israel. Chegou um homem de Deus a fim de avisar que se ele usasse aqueles soldados israelitas, Judá seria derrotado em batalha. Em consequência disso, Amazias despediu os contingentes procedentes do reino do Norte, embora houvesse pago pelos seus serviços. Com seu próprio exército ele derrotou aos edomitas e capturou Seir, a capital. Retornando a Jerusalém, Amazias introduziu as divindades edomitas entre seu povo e começou a adorá-las. Sua idolatria não passou sem impugnação, entretanto; porquanto um profeta anunciou que Amazias sofreria derrota devido a sua insensatez por não haver reconhecido publicamente a Deus (veja 2 Cr 25:1-16).

Amazias, em cujo crédito havia a vitória sobre Edom, estava tão confiante em seu poder militar que desafiou Jeoás a uma batalha. As tropas israelitas, que haviam sido despedidas sem servir militarmente, sentiram-se tão provocadas com isso que pilharam as cidades de Judá desde Bete-Horom até Samaria (veja 1 Cr 25:10,13). Isso pode ter sido uma influência sobre a deliberada decisão de Amazias de romper a paz que prevalecera entre Israel e Judá por quase um século. Jeoás acusou com crua franqueza a Amazias de ser por demais arrogante, advertindo-o de que o espinheiro, que fizera um pedido presunçoso ao cedro do Líbano, fora pisoteado por uma fera. Amazias não lhe deu ouvidos e persistiu em

<sup>2</sup>A data da morte de Hazael e da ascensão de Ben-Hadade II ao trono, não é conhecida de modo definido além da sugestão aproximada de 800 a. C.

medir forças contra as tropas do reino do Norte. Na batalha de Bete-Semes Judá foi totalmente derrotado. Os vitoriosos derrubaram parte das muralhas de Jerusalém, pilharam a cidade e levaram Amazias em cativo (veja 2 Rs 14:11-14). Levando reféns reais e muitos despojos, Jeoás regressou jubiloso a Samaria. Quão desastrosa foi essa derrota para Amazias, não é plenamente declarado nas Escrituras. O ato de fazer uma fenda nas muralhas significa total subordinação, na linguagem do mundo antigo.<sup>3</sup>

Thiele data a invasão de Jerusalém por Israel em 791-790 a. C.<sup>4</sup> Isso coincide com o tempo quando Uzias, aos dezesseis anos de idade, começou a reinar. Com a captura de Amazias, que caíra em erro tão estúpido ao desafiar tolamente a Israel, os líderes de Judá nomearam Uzias como co-regente. O fato de que Amazias viveu quinze anos após a morte de Jeoás (veja 2 Rs 14:17) sugere a possibilidade de que o rei de Judá tivesse sido mantido prisioneiro enquanto Jeoás viveu. Em 782-781 a. C., ele foi solto e restaurado ao trono de Judá, enquanto Uzias continuava sendo co-regente. Nesse tempo, Jeroboão II, que já fora co-regente com seu pai, desde 793 a. C., assumiu o governo total do crescente reino do Norte. A soltura de Amazias pode ter sido parte de sua política de boa-vontade para com Judá, ao mesmo tempo em que ele dirigia esforços tendentes a recuperar os territórios que haviam sido perdidos para a Síria.

A íntima associação entre Israel e Judá, nos dias de Jeoás e Amazias, mui provavelmente explica a alteração havida no sistema de computação de datas. O sistema do ano de não-ascensão fora usado em Israel desde os tempos de Jeroboão I, e, em Judá, desde o reinado de Jeorão. Agora ambos os reinos haviam adotado o sistema do ano da ascensão. Se Judá se tornara subserviente a Israel, segue-se logicamente que ambos adotaram o sistema de computação do tempo, que se tornou comum na Ásia ocidental sob a crescente influência da Assíria.<sup>5</sup>

Ainda que no começo de seu reinado Amazias tivesse grandes esperanças de fazer voltar a boa sorte de Judá, suas perspectivas de sucesso foram frustradas diante de sua captura por Jeoás. Quando foi restaurado ao trono davídico em Jerusalém, nos anos de 790 ou 781 a. C., deve ter-se mostrado muito ineficiente, não tendo podido reconduzir sua nação a uma posição de supremacia. Por todo o resto de seu reinado Judá ficou à sombra da expansão israelita. Finalmente Amazias fugiu para Laquis, onde foi vítima de assassinos perseguidores.

### **Uzias ou Azarias — Prosperidade**

Destacado na história de Judá foi o reinado de Uzias (791-740 a. C.). Embora eventos bastante cruciais tivessem sucedido durante seu governo de 52 anos, o relato bíblico é relativamente breve (veja 2 Cr 26:1-23; 2 Rs 14:21,22 e 15:1-7). Digno de nota foi o fato de que, durante esse longo período, Uzias foi governante único por apenas dezessete anos. Tão eficaz se mostrou ele no soerguimento de Judá do estado de vassalagem à posição de forte potência nacional que ele é reconhecido como o mais hábil soberano que o reino do Sul conhecera desde a época de Salomão.<sup>6</sup>

<sup>3</sup>Veja Max Vogelstein, *Jeroboam II, The Rise and Fall of His Empire*, (Cincinnati, 1945), pág. 9.

<sup>4</sup>Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew King*, págs. 68-72.

<sup>5</sup>*Ibid.*, pág. 41.

<sup>6</sup>Mould, *Essentials of Bible History*, pág. 243.

A ordem dos acontecimentos, durante essa parte do século VIII a. C., pode ser vista na tabela abaixo:

798	Jeoás começa a reinar em Israel
797-96	Amazias sucede a Joás em Judá
793-92	Jeroboão II torna-se co-regente com Jeoás
791-90	Uzias começa a co-regência com Amazias (Judá derrotado - Amazias cativo)
782-81	Jeoás morre - Jeroboão II torna-se único governante (Amazias, provavelmente, é solto nesse tempo)
768-67	Amazias é assassinado - Uzias assume liderança única
753	Termina o reinado de Jeroboão - Zacarias governa por seis meses
752	Salum (governa um mês) é substituído por Menaém
750	Uzias ferido de lepra - Jotão torna-se co-regente
742-41	Pecaías torna-se rei de Israel
740-39	Termina o reinado de Uzias

Quando Uzias foi subitamente elevado à realeza, as esperanças de Judá haviam afundado ao nível mais baixo desde que houve a divisão do reino salomônico. A derrota às mãos da nação de Israel não fora outra coisa que uma calamidade. É duvidoso que Uzias tivesse podido fazer muito mais para reter certa aparência de governo organizado durante os dias de Jeoás. Talvez tivesse reconstruído as muralhas de Jerusalém; porém, se Amazias permaneceu na prisão durante o resto do reinado de Jeoás, teria sido fútil para Judá asseverar sua força militar durante esse tempo. Embora Amazias tivesse obtido sua liberdade em 782 a. C., quando Jeoás morreu, é duvidoso que ele tivesse merecido o respeito de seu povo, quando a nação inteira sofria as conseqüências de sua política desastrosa. O mais provável é que Uzias tenha continuado a exercer considerável influência nos negócios do estado, porquanto Amazias, finalmente, fugiu para Laquis.

O silêncio das Escrituras acerca do relacionamento entre Israel e Judá, nos dias de Jeroboão II e Uzias, parece justificar a conclusão de que prevaleciam a amizade e a cooperação. A vassalagem de Judá a Israel deve ter terminado, quando muito, quando da morte de Amazias, ou talvez quando de sua soltura, quinze anos mais cedo. Além de restaurar as muralhas de Jerusalém, Uzias melhorou as fortificações que circundavam a capital. O exército foi bem organizado e foi equipado com armas insuperáveis.

Os preparativos militares conduziram à expansão. A sudoeste, foram arrazadas as muralhas de Gate. Jabne e Asdode também capitularam diante de Judá, enquanto Uzias avançava, a fim de derrotar os filisteus e os árabes. Enquanto Amazias subjugava a Edom, Uzias agora se sentia capaz de ampliar as fronteiras de Judá tão para o sul quanto Elate, no golfo de Ácaba. A recente descoberta do selo de Jotão, filho de Uzias, atesta as atividades judaicas em Elate durante esse período.<sup>7</sup> Para o oriente, Judá impôs-se sobre os amonitas, os quais passaram a pagar tributo a Uzias. Isso bem pode ter sido temperado pela expansão de Jeroboão a leste do rio Jordão. Por outro lado, as dificuldades domésticas em Israel, após o falecimento de Jeroboão, poderiam ter permitido que Uzias manuseasse mais livremente a área da Transjordânia.<sup>8</sup>

<sup>7</sup>Albright, *The Biblical Period*, pág. 39.

<sup>8</sup>*Ibid.*, págs. 39, 40.



Economicamente, Judá gozou de prosperidade sob Uzias. Interessava-se vitalmente o rei pela agricultura e pela criação animal. Grandes rebanhos, em áreas desérticas, exigiram a escavação de poços e a edificação de torres de proteção. Os vinhateiros aumentaram sua produção. Se Uzias promoveu esses interesses desde os primeiros estágios de seu governo, isso deve ter exercido um efeito favorável sobre a situação econômica da nação inteira.

A expansão territorial colocou Judá no controle de importantes cidades e rotas comerciais que conduziram à Arábia, ao Egito e a outros países. Em Elate, no mar Vermelho, as indústrias de mineração de cobre e ferro, que haviam sido florescentes nos dias de Davi e Salomão, foram reconquistadas pelo reino do Sul. Embora Judá se tivesse atrasado em relação ao reino do Norte quanto à sua expansão militar e econômica, desfrutava de crescimento constante, sob a liderança de Uzias, e continuou prosperando mesmo quando Israel começou a declinar depois da morte de Jeroboão. O desenvolvimento e a influência de Judá, durante esse período só foram ultrapassados pelo progresso experimentado nos dias de Davi e Salomão.<sup>9</sup>

A prosperidade de Uzias se relacionava diretamente à sua dependência de Deus (veja 2 Cr 26:5,7). Zacarias, profeta de outro modo desconhecido, instruiu eficazmente ao monarca, o qual, até cerca de 750 a. C., mostrou atitude sã e humilde para com Deus. No auge de seu sucesso, porém, Uzias pôs na cabeça que poderia entrar no templo e queimar incenso. Com o apoio de oitenta sacerdotes, o sumo sacerdote, cujo nome também era Azarias, confrontou Uzias com o fato de que isso era prerrogativa daqueles que haviam sido consagrados com esse propósito (veja Êx 30:7 e Nm 18:1-7). Irado, o rei reptou aos sacerdotes. Como juízo divino, Uzias ficou leproso. Durante o restante de seu governo foi lançado no ostracismo, em seu palácio, sendo-lhe negados os privilégios sociais ordinários. Nem ao menos podia entrar no templo. Jotão se tornou co-regente, assumindo responsabilidades reais pelo resto da vida de seu pai.

A ominosa ameaça da agressão assíria também empanou as esperanças nacionais de Judá, durante a última década do longo e bem sucedido reinado de Uzias. Se ele afagara esperanças de restaurar o império salomônico inteiro a Judá, após a morte de Jeroboão II, Uzias viu-as frustradas pelo crescente poder assírio. Em 745 a. C., Tiglate-Pileser III começou a formar o seu império à força. Em seu ataque inicial subjugou Babilônia. Então virou-se para oeste a fim de derrotar Sarduris III, rei de Urartu. Durante essa campanha para noroeste (743-738 a. C.) ele encontrou oposição quando penetrava na Síria. Em seus anais ele menciona ter combatido em Arpade contra Azarias, rei de Judá.<sup>10</sup> Thiele fixa a data dessa batalha no começo de sua campanha para noroeste, preferivelmente em 743 a. C. Embora Tiglate-Pileser houvesse esmagado a oposição conduzida por Azarias (Uzias), não fez qualquer reivindicação de haver colhido tributo de Judá. Visto que Menaém pagara uma soma enorme a fim de evitar a invasão punitiva da parte dos ferozes assírios, Tiglate-Pileser não fez seus exércitos avançarem para o sul, na direção de Judá, nessa oportunidade. Por conseguinte, Uzias foi capaz de manter uma política anti-assíria, ao mesmo tempo que contava com Israel, que era favorável à Assíria, como se fora um estado tampão.

<sup>9</sup>Anderson, *Understanding the Old Testament*, pág. 254.

<sup>10</sup>Quanto a uma discussão mais completa, veja Thiele, *op. cit.*, págs. 75-98. Embora A. T. Olmstead, *History of Assyria*, pág. 186, tenha sugerido que isso se refere a uma nação na Síria, a identificação bíblica é apoiada por Haydn, Luckenbill, C. R. Hall, Albright e, mais recentemente, por Wright, *Biblical Archaeology*, pág. 161.

## Jotão — Política Anti-Assíria

Jotão esteve intimamente associado a seu pai de 750 a 740 a. C. Visto que Uzias foi um governante tão forte e firme, Jotão teve posição secundária como regente de Judá. Quando assumiu pleno controle, em 740-739 a. C., continuou as normas ditadas por seu pai.

Os empreendimentos domésticos de Jotão envolveram a construção de cidadelas e torres, a fim de encorajar a criação de fazendas por todo o Judá. Cidades foram edificadas em lugares estratégicos. Em Jerusalém ele promoveu o interesse pela religião ao construir um portão superior no templo; contudo, não interveio nos lugares altos, onde o povo adorava ídolos.

Com toda a probabilidade os amonitas se tinham rebelado contra Judá ante a morte de Uzias. Subseqüentemente, Jotão abafou o levante e cobrou tributo. O fato que se registra pagamentos feitos no segundo e no terceiro ano do reinado de Jotão (veja 2 Cr 27:5) pode dar a entender que os problemas com a Assíria se tinham tornado tão momentosos que Judá foi incapaz de insistir sobre o tributo.<sup>11</sup>

Ante a iminência de uma desastrosa invasão assíria, Jotão se defrontou com dificuldades, ao insistir em sua política anti-assíria. Quando os exércitos assírios se mostraram ativos nas regiões do monte Nal e Urartu, em 736-735 a. C., o partido pró-assírio de Jerusalém elevou Acaz ao trono davídico, na qualidade de co-regente de Jotão. Os registros assírios confirmam o ano de 735 a. C. como a data da ascensão de Acaz.

Jotão faleceu em 732 a. C. Seu reinado total é computado como de vinte anos, mas ele reinou sozinho apenas por três ou quatro anos. Na posição de co-regente com seu pai, ele teve pouquíssimas oportunidades de impor-se. Mais tarde, a ameaça assíria precipitou a crise que o forçou a retirar-se da vida ativa, enquanto Acaz advogava amizade com a capital nas margens do rio Tigre.

## Acaz — Administração Pró-Assíria

O reinado de vinte anos de Acaz (veja 2 Cr 28:1-17; 2 Rs 16:1-20) foi eivado de dificuldades. Os monarcas assírios avançavam, em sua tentativa por controlar o Crescente Fértil, e Acaz foi continuamente sujeitado à pressão internacional.

O reino do Norte já havia aceito a política de resistência ditada por Peca. Com a idade de vinte anos, Acaz foi confrontado com o enigmático problema de manter a paz com a Síria e com Israel. Em 734 a. C., Tiglate-Pileser III fez seus exércitos marcharem Filístia a dentro. É perfeitamente possível que Acaz tenha lançado um apelo ao rei assírio quando os filisteus se puseram a assaltar de modo generalizado os distritos mais exteriores de Judá. O ter-se aliado a Tiglate-Pileser não demorou a levar Acaz a grande aperto. Mais tarde naquele mesmo ano, após os invasores assírios se terem retirado, Peca e Rezim declararam guerra contra Judá.

Foi na época dessa crise angustiante que Isaías se mostrou ativo no ministério profético, por cerca de seis anos. Trazendo uma mensagem da parte de Deus, ele apresentou a Acaz a solução de seu problema. A fé em Deus era a chave para vitória sobre Israel e a Síria. Peca e Rezim se propunham a colocar um governante

<sup>11</sup>Veja Thiele, *op. cit.*, pág. 117.

títete no trono davídico de Jerusalém; mas Deus anularia o esquema siro-efraimita em resposta à fé (veja Is 7:1 ss.). O ímpio e obstinado Acaz ignorou Isaías. Desafiadoramente, ele buscou maneira de escapar de sua dificuldade, fazendo um apelo desesperado a Tiglate-Pileser III.

Quando os exércitos da Síria e de Israel invadiram Judá, assediaram Jerusalém, mas não puderam ocupá-la, pois bem recentemente fora melhor fortificada por Uzias. Não obstante, Judá incorreu em grandes perdas, pois milhares de homens foram mortos, ao passo que outros foram levados cativos para Samaria e Damasco. Afortunadamente, no entanto, havia alguns no reino do Norte que não tinham repudiado a Deus. Quando um profeta repreendeu aos líderes de clãs, eles reagiram favoravelmente soltando seus cativos judeus.

Embora fortemente premido, Acaz sobreviveu ao ataque siro-efraimita. Sua solicitação a Tiglate-Pileser produziu resultados imediatos. Em duas campanhas sucessivas (733 a 732 a. C.), os assírios subjugaram Síria e Israel. Em Samaria Peca foi substituído por Oséias, o qual jurou fidelidade ao rei assírio.

Acaz encontrou-se com Tiglate-Pileser em Damasco e lhe assegurou a vassalagem de Judá. Tão bem impressionado ficara Acaz que ordenou a Urias, o sacerdote, a construir um altar semelhante ao de Damasco no templo de Jerusalém. No regresso, o rei liderou pessoalmente o fomento da adoração pagã, e assim atraiu condenação contra sua própria cabeça.

Durante todo o seu reinado Acaz manteve uma política pró-assíria. Enquanto havia troca de soberanos na Assíria e o reino do Norte chegava ao fim, por causa da rebelião de Oséias, Acaz guiava com sucesso a sua nação através das crises internacionais. Embora Judá houvesse perdido sua liberdade, e tivesse tido de pagar pesado tributo à Assíria, prevaleceu a prosperidade econômica que fora estabelecida sob os ditames rígidos de Uzias. As riquezas estavam melhor distribuídas do que no reino do Norte, onde haviam beneficiado exclusivamente a aristocracia. Enquanto o “status quo” não fosse perturbado por exércitos devastadores, Judá suportaria o pagamento de pesado tributo à Assíria.

Embora contasse com o grande profeta Isaías como seu contemporâneo, Acaz promoveu as mais esdrúxulas práticas idólatras. De acordo com costumes pagãos, ele fez seu filho passar pelo fogo. Não somente retirou muitos tesouros do templo, para satisfazer às exigências do rei assírio, mas também introduziu cultos estrangeiros no lugar mesmo onde só Deus era adorado. Não admira que Judá houvesse incorrido na ira de Deus.

### **Ezequias<sup>12</sup> — um Rei Justo**

Ezequias começou a reinar em 716 a. C. Sua liderança de vinte e nove anos assinala uma extraordinária era religiosa na história de Judá. Embora molestado pelos assírios, Ezequias sobreviveu ao ataque crucial contra Jerusalém, em 701 a. C. Durante a última década de seu governo, Manassés esteve a ele associado,

<sup>12</sup>Ao adotar 716-715 a. C. como a data do início do reinado de Ezequias, a cronologia bíblica se sincroniza com a cronologia da Assíria, da Síria, de Babilônia e do Egito. Thiele discute os problemas relacionados a esse difícil período, *op. cit.*, págs. 99-152. 2 Rs 17:1 e 18:1,9 e 10 apresentaram uma sincronização ajustada. Embora essa possa não ser a solução final, parece ser a mais satisfatória.

como co-regente. Em adição às narrativas de 2 Rs 18-20 e 2 Cr 29-32, há informações pertinentes à vida de Ezequias, em Is 36-39.

Em drástica reação à deliberada idolatria de seu pai, Ezequias começou a reinar impondo a mais extensa reforma que houve na história do reino do Sul. Quando jovem de vinte e cinco anos de idade, foi testemunha da desintegração gradual do reino do Norte, com a conquista assíria de Samaria, que ficava apenas a cerca de 65 km de Jerusalém. Percebendo incisivamente que o cativeiro de Israel era consequência de um pacto quebrado e da desobediência a Deus (veja 2 Rs 18:9-12), Ezequias depositou sua confiança no Deus de Israel. Nos primeiros anos de seu reinado ele liderou uma reforma eficaz, não somente em Judá, mas também em certas regiões de Israel. Visto que Judá já era vassalo da Assíria, Ezequias reconheceu a suserania de Sargão II (721-705 a. C.). Apesar de terem sido despachadas tropas assírias para Asdode, em 711 a. C., o rei de Judá não sofreu qualquer interferência mais séria da parte da Assíria.

Imediatamente Ezequias reabriu o templo. Levitas foram convocados para repararem e limparem o lugar de adoração. Aquilo que porventura fora usado para os ídolos, foi removido para o ribeiro do Cedrom, ao mesmo tempo que os vasos que haviam sido contaminados por Acaz foram santificados. Dentro de dezesseis dias, o templo estava pronto para a adoração pública.

Ezequias e os oficiais de Jerusalém deram início aos sacrifícios no templo. Grupos musicais com suas harpas, címbalos e liras participaram da inauguração, conforme fora o costume na época de Davi. Cânticos litúrgicos acompanharam a apresentação dos holocaustos. Cantores louvavam a Deus nas palavras de Davi e Asafe, enquanto o povo adorava.

Na tentativa de curar a brecha que separava as nações de Israel e Judá desde a morte de Salomão, o rei enviou cartas por toda a terra, convidando a todos que viessem celebrar a Páscoa em Jerusalém. Embora alguns houvessem ignorado o apelo feito por Ezequias, muitos reagiram favoravelmente em Aser, Manassés, Efraim, Issacar e até mesmo Judá, vindo celebrar a festividade. Tomando conselho com aqueles que davam início à adoração no templo, Ezequias anunciou que a celebração da Páscoa teria lugar um mês mais tarde, dando tempo para preparações adequadas. Em tudo o mais, a observância foi levada a efeito em conformidade com a lei de Moisés. O adiamento provavelmente foi uma medida conciliatória, para garantir a participação das tribos nortistas, que vinham seguindo a data de observância instituída por Jeroboão I (veja 1 Rs 12:32). Quando alguns sacerdotes se apresentaram sem a devida santificação, Ezequias orou pela purificação deles. Numerosa congregação se reuniu em Jerusalém, para participar da reforma. Altares existentes por toda a capital foram removidos para o vale do Cedrom, a fim de serem destruídos. Liderado pelos sacerdotes e pelos levitas, o povo ofereceu sacrifícios, entoou hinos de júbilo e se regozijou diante do Senhor. Em ocasião alguma, desde o tempo da dedicação do templo, Jerusalém vira tão jubilosa celebração.

De Jerusalém, a reforma se expandiu por todo o território de Judá, Benjamim, Efraim e Manassés. Ezequias chegou mesmo a destruir a serpente de cobre que Moisés fundira (veja Nm 21:4-9), porque agora o povo a utilizava como objeto de adoração. Inspirado pelo exemplo e pela liderança do monarca, o povo se lançou à tarefa de demolir colunas, postes-ídolos, lugares altos e altares por toda a terra.

Em Jerusalém, Ezequias organizou os sacerdotes e os levitas para funções regulares. Foi novamente instituído o dízimo para apoio daqueles que se devotavam à lei do Senhor. Foram traçados planos para a observância regular das festividades e estações prescritas na lei escrita (veja Cr 31:2 ss.). O povo respondeu de modo tão generoso a Ezequias que as contribuições populares se tornaram suficientes para o sustento de todos os levitas e sacerdotes que tinham responsabilidades no serviço de Deus. A reforma encabeçada por Ezequias foi um sucesso decisivo, enquanto ele se esforçava por moldar as práticas religiosas de seu povo à lei e aos mandamentos de Deus.

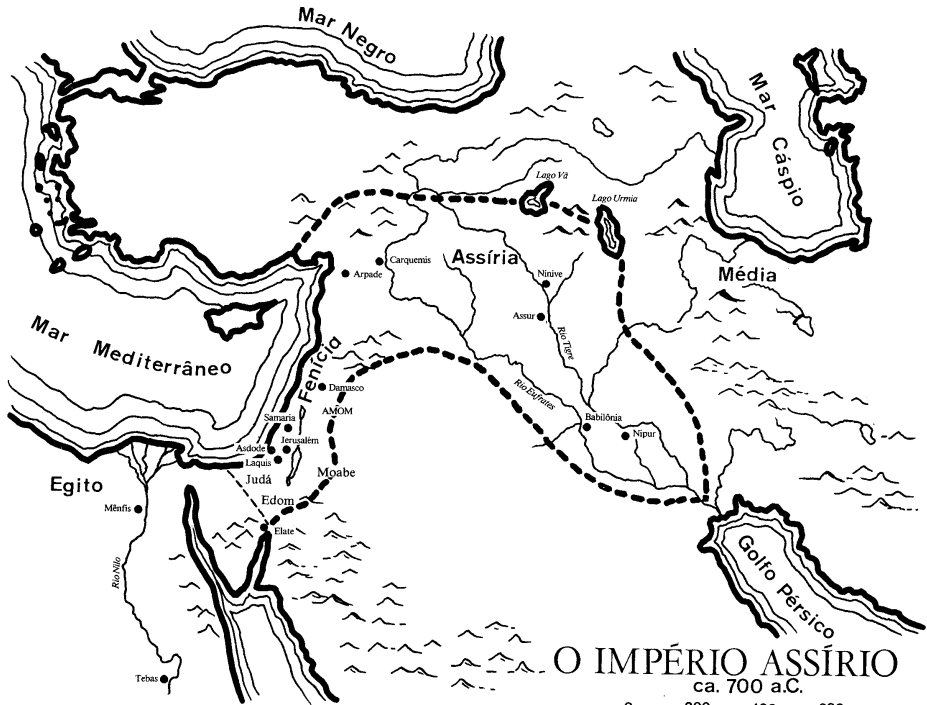
Por todo esse registro de reformas religiosas não se faz qualquer menção a Isaías. Enem o notável profeta faz alusão às reformas de Ezequias em seu livro. Embora Acáz tivesse desafiado Isaías, é razoável supormos que Ezequias e Isaías cooperaram plenamente, nessa tentativa de restaurar a adoração devida a Deus. A única referência bíblica a Sargão, rei da Assíria (veja Is 20:1), mostra a atividade de Isaías nesse tempo. Outrossim, a conquista de Asdode, pelos assírios, serviu de motivo para Isaías proferir a advertência profética de que era inútil Judá depender do Egito para seu livramento. Afortunadamente, Ezequias não se envolveu com a rebelião de Asdode, e isso impediu que Jerusalém fosse atacada.

Com a morte de Sargão II (705 a. C.) surgiram revoltas em muitas partes do império assírio. Em cerca de 702 a. C., Merodaque-Baladã foi dominado e removido do trono da Babilônia, sendo substituído por Bel-Ibni, natural da Caldéia, e que provavelmente era membro da mesma família real. No Egito, surgiu o nacionalismo sob a enérgica liderança de Sabaco, um rei etíope, que fundara a vigésima quinta dinastia, em cerca de 710 a. C. Enquanto outras nações do Crescente Fértil se rebelavam contra ele, Senaqueribe, filho de Sargão, fez seus exércitos se voltarem para o ocidente. Após ter subjugado a Fenícia e outras resistências costeiras, o exército assírio ocupou com êxito a área da Filístia, em 701 a. C.

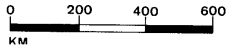
Ezequias havia antecipado o ataque assírio. Depois de sua notável reforma religiosa, ele concentrou suas atenções em um programa de defesa, aconselhando-se com os principais chefes militares de seu governo. Foram reforçadas as fortificações em torno de Jerusalém. Artífices produziam escudos e armas, ao passo que comandantes de combate aprestavam forças combatentes. A fim de assegurar para Jerusalém um suprimento adequado de água, durante algum cerco prolongado, Ezequias construiu um túnel que ligava o poço de Siloé com a fonte de Giom. Os engenheiros judeus, por meio de um túnel de 542 m escavado em rocha sólida, canalizaram água fresca para o poço de Siloé, que também foi cavado nesse tempo. Desde sua descoberta, em 1880, quando foi decifrada a inscrição feita em suas paredes, o túnel de Siloé tem servido de ponto de atração para os turistas.<sup>13</sup> Estando o poço de Siloé ao sul de Jerusalém, foram ampliadas as muralhas de Jerusalém para protegerem essa vital fonte de água. Quando se tornou patente que os exércitos assírios avançavam na direção de Jerusalém, foram entupidos outros poços, a fim de que o inimigo não pudesse utilizar-se deles.

Embora Ezequias houvesse feito tudo quanto estava ao seu alcance para preparar-se para o ataque assírio, ele não dependia exclusivamente dos recursos humanos. Anteriormente, quando o povo se reunira na praça da cidade, Ezequias os encorajara, ao expressar destemidamente a sua confiança em Deus: “Com

<sup>13</sup> Quanto a essa inscrição, veja Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, pág. 321.



## O IMPÉRIO ASSÍRIO ca. 700 a.C.



ele está o braço de carne, mas conosco o Senhor nosso Deus, para nos ajudar e para guerrear nossas guerras” (2 Cr 32:8).

As ameaças de Senaqueribe contra o reino de Judá se tornaram realidade em 701 a. C. Visto que a narrativa bíblica (veja 2 Rs 18-20; 2 Cr 32 e Is 36-39) alude a Tiraca, que se tornara co-regente no Egito, em 689 a. C., parece provável que esse rei assírio fez outra tentativa para subjugar Ezequias, em cerca de 688 a. C. Em estudo recente, a integração dos registros bíblicos com os seculares provê a seguinte seqüência de eventos.<sup>14</sup>

Os assírios penetraram na Palestina vindos pelo norte, tendo conquistado Sidom, Jope e outras cidades em sua rota. Durante o assédio e tomada de Ecrom, Senaqueribe derrotou os egípcios em Eltequê. Ezequias não somente foi forçado a dar liberdade a Padi, rei de Ecrom, a quem tomara cativo, mas também pagou pesado tributo, desnudando o templo de sua prata e de seu ouro (veja 2 Rs 18:14).

Mui provavelmente, foi durante esse período de pressão assíria, em cerca de 701 a. C., que Ezequias ficou severamente enfermo. Embora Isaías houvesse advertido ao rei de que se preparasse para a morte, Deus interveio em seu favor. A promessa divina ao rei de Judá foi dupla - sua vida seria alongada por mais quinze anos e Jerusalém seria livrada da ameaça assíria (veja Is 38:4-6).

Nesse ínterim, Senaqueribe assediava Laquis. Talvez porque tivesse conhecimento que Ezequias pusera a sua confiança em Deus, quanto ao livramento, foi que o rei assírio enviou seus oficiais à estrada do Campo do Lavandeiro, próximo das muralhas de Jerusalém, para que incitassem o povo à rendição. Senaqueribe chegou a asseverar que fora comissionado por Deus ao exigir a capitulação dos judeus, citando uma impressionante lista de conquistas, quando outras nações não haviam sido livradas por seus deuses. Isaías, entretanto, assegurou ao rei e ao povo de que estavam em segurança.

Quando assediava Libna, Senaqueribe ouviu rumores de uma revolta na Babilônia. Os assírios partiram imediatamente. Embora tivesse tomado quarenta e seis cidades muradas, pertencentes a Ezequias, ele não reivindicou haver conquistado Jerusalém. Jactou-se de ter feito cerca de 200 mil cativos entre os judeus, afirmando que Ezequias fora encerrado em Jerusalém qual pássaro engaiolado.

A aclamação e reconhecimento da parte de nações circunvizinhas foram expressos na forma de muitíssimos presentes enviados ao monarca judeu (veja 2 Cr 32:23). Merodaque-Baladã, o poderoso líder babilônico, que continuava fomentando a rebelião, mandou congratulações a Ezequias por sua recuperação talvez em reconhecimento da bem sucedida recuperação do rei diante das pressões econômicas exercidas pela ocupação assíria (ver 2 Cr 32:31), além de sua restaura-

<sup>14</sup>Quanto a um detalhado delineamento da interpretação sobre essas duas campanhas, veja Stanley M. Horton, *Isaiah's Greatest Years* (tese não publicada, Central Baptist Seminary, Kansas City, Kansas) maio de 1959.

Informações cronológicas recentes indicam que Sabaco começou a reinar em cerca de 708 a. C. Sebitco, associado a Sabaco em 699 a. C., começou a governar sozinho em cerca de 697 a. C. Tiraca, nascido em cerca de 709 a. C., se associou a Sebitco em 689 a. C. e começou a reinar sozinho em 684 a. C. Cf. M. F. Laming Macadm, *The Temple of Kawa*, vol. I: *The Inscriptions* (Londres: Geoffrey Comberlege em favor do Griffith Institute Ashmolean Museum, Oxford University Press), 1949. Cf. também W. F. Albright, "New Light from Egypt on the Chronology and History of Israel and Judah", em *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, n° 130, abril de 1953, págs. 4-11, e "Further Light on Synchronisms Between Egypt and Asia in the Period 935-685 B. C.", *BASOR*, n° 141 fevereiro de 1956, págs. 23-27.

ção pessoal à saúde.<sup>15</sup> A embaixada babilônica mui provavelmente ficou profundamente impressionada com a exibição de riquezas em Jerusalém. O triunfo de Ezequias, entretanto, foi contrabalançado pela subsequente advertência feita por Isaías de que gerações posteriores seriam sujeitadas ao cativeiro babilônico. Não obstante, esse notável livramento pode ter dado um novo ímpeto à reforma religiosa, ao mesmo tempo que a paz e a prosperidade prevaleceram durante o prolongado reinado de Ezequias.

Sabendo que contava apenas com quinze anos, antes do término de seu reinado, pareceria apenas natural para Ezequias a associação com seu filho, Manassés, no trono, na primeira oportunidade possível. Em 696-695 a. C., Manassés tornou-se “filho da lei”, com a idade de doze anos, ao mesmo tempo que iniciava a co-regência.<sup>16</sup>

Na área dos rios Tigre-Eufrates o rei assírio suprimiu rebeliões e, em 689 a. C., destruiu a cidade de Babilônia. Adentrando a Arábia com êxito, Senaqueribe ouviu falar do avanço de Tiraca. Visto que o Egito pode ter sido o real objetivo da campanha assíria de 701 a. C., bem pode ter sucedido que Senaqueribe esperava evitar a interferência judaica despachando cartas a Ezequias contendo um ultimato de rendição. Se os oficiais assírios haviam ameaçado ao povo, essa missiva fora pessoalmente dirigida a Ezequias. Dessa vez o rei foi ao templo, a fim de orar. Por intermédio de Isaías foi-lhe assegurado que o rei assírio retornaria pelo mesmo caminho por que viera. No registro bíblico não é indicado exatamente onde estava acampado o exército, quando houve a perda de 185 mil homens, mas aparentemente essas tropas nunca chegaram a Jerusalém. O reinado de Ezequias continuou em paz.

Diferente de certo número de seus antepassados, Ezequias foi sepultado honrosamente. Dotado de sincera devoção à tarefa, ele conduziu seu povo à maior reforma que houve na história de Judá. Visto que o reino do Norte já não possuía governo independente, essa reforma religiosa atingiu aquele território. Excluindo a ameaça Assíria, Ezequias gozou de um reinado pacífico.

### **Manassés — Idolatria e Reforma**

A Manassés se atribui o mais longo reinado da história de Judá (veja 2 Rs 21:1-17 e 2 Cr 33:1-20); incluindo a década de co-regência com Ezequias, ele foi rei por cinqüenta e cinco anos (696-642 a. C.). Mas seu governo foi a antítese do governo de seu pai. Do pináculo do fervor religioso o reino do Sul foi projetado para dentro da mais negra era de idolatria, sob a liderança de Manassés. Quanto ao caráter e à conduta, ele se assemelhava a seu avô, Acáz, embora este houvesse falecido antes do nascimento de Manassés. Mui provavelmente, Manassés não começou a reverter a política de seu progenitor senão depois da morte deste.

Reconstruindo os lugares altos, erigindo altares a Baal e levantando postes-ídolos, Manassés mergulhou Judá em grosseira idolatria, similar àquela que Acabe e Jazabel tinham promovido no reino do Norte. Por intermédio de ritos e cerimônias religiosos, foi instituída a adoração às estrelas e aos planetas. A própria divindade amonita, Moloque, foi honrada pelo monarca hebreu, mediante

<sup>15</sup>Thiele, *op. cit.*, pág. 156.

<sup>16</sup>*Ibid.*, págs. 155-156.



o sacrifício de crianças no vale de Hinom, imediatamente fora de Jerusalém. Sacrifícios humanos eram um dos mais abomináveis ritos do paganismo cananeu; e pelo salmista são associados à adoração aos demônios (veja Sl 106:36, 37). A astrologia, a adivinhação e o ocultismo foram oficialmente sancionados como práticas comuns. Em aberto desafio a Deus, foram levantados altares para adoração dos exércitos do céu nos átrios do templo, ao mesmo tempo que imagens fundidas de Aserá, esposa de Baal, foram colocadas no próprio templo. Em adição, Manassés derramou muito sangue inocente. Parece razoável a inferência que muitas vezes de protesto contra tão grosseira idolatria foram silenciadas com a morte (veja 2 Rs 21:16). Visto que a última menção ao grande profeta Isaías é ligada a Ezequias no registro histórico, é possível que a tradição que atribui o martírio de Isaías ao iníquo rei Manassés esteja correta. As condições morais e religiosas de Judá eram piores do que as das nações que haviam sido exterminadas ou expelidas da terra de Canaã. Manassés, pois, representa o ponto mais baixo da iniquidade na longa lista de reis davídicos. Os juízos preditos por Isaías por certo viriam.

As narrativas históricas não indicam até que ponto Manassés sofrera a influência assíria em sua política idólatra. A Assíria atingiu o clímax das riquezas e do prestígio sob Esaradom e Assurbanipal. Sem dúvida, Manassés procurou lisonjear politicamente a Assíria em vassalagem subserviente, enquanto Esaradom (681-669 a. C.) ampliava seu controle até ao interior do Egito. Em contraste com Senaqueribe, Esaradom adotou uma política conciliatória e reedificou Babilônia. Em 678 a. C. ele subjugou Tiro, embora a população houvesse escapado para uma fortaleza que havia em ilha próxima. Mênfis foi ocupada em 673 a. C., e alguns poucos anos mais tarde Tiraca, o último rei da Vigésima quinta Dinastia, foi capturado. Em sua lista de vinte e dois soberanos do país heteu, Esaradom menciona Manassés, rei de Judá, entre os que fizeram visita compulsória a Nínive, em 678 a. C. Embora a cidade de Babilônia tivesse sido reconstruída por essa época, não há certeza de que ele também tenha sido levado até ali por Esaradom.<sup>17</sup>

Com a destruição de Tebas, em 663 a. C., Assurbanipal estendeu o controle assírio até oitocentos quilômetros Nilo acima, até ao Egito Superior. Sangüinária guerra civil sacudiu o império assírio (652 a. C.), na rebelião de Samassumquim, que era irmão de Assurbanipal e rei vassalo de Babilônia. No tempo em que essa insurreição atingiu seu clímax com a conquista da Babilônia, em 648 a. C., já tinham irrompido levantes na Síria e na Palestina. Judá talvez tenha participado, aliando-se a Edom e Moabe, os quais são mencionados por nome nas inscrições assírias.<sup>18</sup> A autonomia de Moabe terminou por essa altura dos acontecimentos e o monarca judeu, Manassés, foi levado cativo para a Babilônia, embora posteriormente tenha sido libertado (veja 2 Cr 33:10-13).

Embora não contemos com informações cronológicas definidas para datar o tempo exato do cativo e da soltura de Manassés, o relato bíblico favorece a última década de seu reinado. Se ele foi capturado em 648 a. C. e se foi reconduzido a Jerusalém, como rei vassalo, naquele mesmo ano, então restou-lhe pouquíssimo tempo relativo para desfazer as práticas religiosas que vinha fomentando por tantos anos. Entretanto, arrependeu-se no cativo, e prestou honra a Deus. Em reforma iniciada em Jerusalém, ele deu exemplo de temor a Deus e or-

<sup>17</sup>Veja Unger, *Archaeology and the Old Testament*, págs. 280-281. Ele identifica esse cativo com 2 Cr 33:11.

<sup>18</sup>Veja Albright, *op. cit.*, pág. 44.

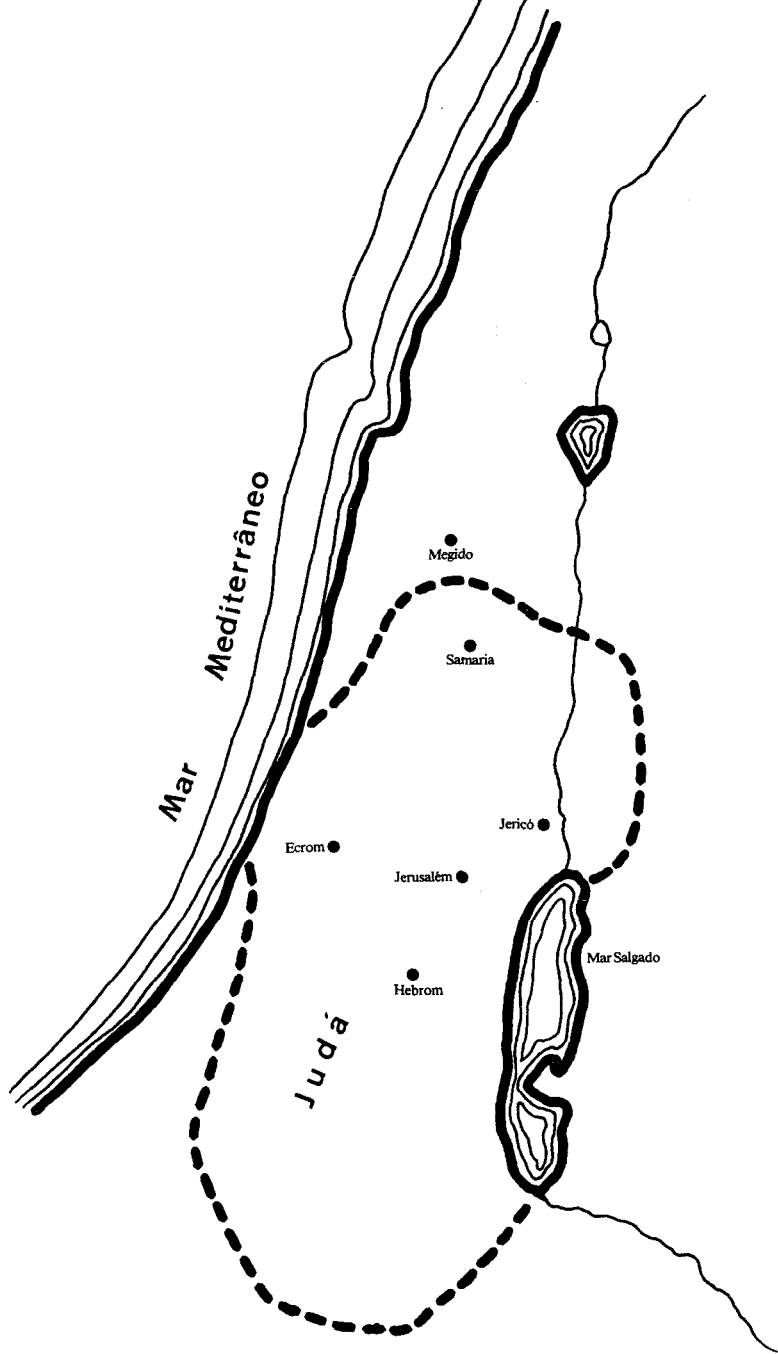
denou ao povo de Judá que servisse ao Senhor Deus de Israel. É duvidoso que essa reforma tenha sido muito eficaz, porquanto aqueles que tinham servido sob Ezequias, em adoração autêntica, tinham sido previamente removidos ou executados.

### **Amom — Apostasia**

Amom sucedeu a seu pai, Manassés, como rei de Judá, em 642 a. C. Sem hesitação ele reverteu às práticas idólatras que haviam sido iniciadas e promovidas por Manassés, durante a maior parte de seu reinado. O treinamento recebido por Amom, nos seus primeiros anos, exercera um impacto decisivamente mais forte sobre ele do que o retardado período de reformas.

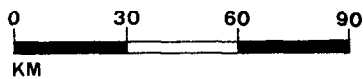
Em 640 a. C., Amom foi assassinado por escravos de seu palácio. Embora seu reinado tenha sido curto, o ímpio exemplo dado durante esses dois anos proveu a oportunidade de Judá reverter a um terrível estado de apostasia.

No decurso dos dois séculos anteriores, as fortunas do reino do Sul tinham conhecido pontos altos e baixos. Os reinados de Atalia, Acáz e Manassés haviam sido caracterizados por uma idolatria sem freios. A reforma religiosa começou com Joás, adquiriu ímpeto com Uzias e atingiu um nível sem precedentes com Ezequias. Politicamente falando, Judá chegou ao seu ponto mais baixo nos dias de Amazias, quando Jeoás, do reino do Norte, invadiu Jerusalém. Durante esse período inteiro de dois séculos a prosperidade e o governo autônomo de Judá foram sombreados pelos interesses expansionistas dos reis assírios.



# O REINO DE JOSIAS

ca. 625 a.C.



## Capítulo XIV

### **O Desvanecimento das Esperanças dos Reis Davídicos**

Durante mais de um século Judá vinha sobrevivendo à expansão irrefreável do império assírio. Desde que Acaz pusera em perigo a liberdade de Judá, mediante um tratado firmado com Tiglate-Pileser III, esse pequeno reino foi atravessando crise após crise como um vassalo de mais de cinco governantes assírios. Tratados, manobras diplomáticas, resistência e intervenções sobrenaturais tiveram todos um papel vital na existência contínua de um governo semi-autônomo, no qual regentes ímpios e justos ocuparam o trono de Davi. Agora que a Assíria afrouxava a manopla sobre Judá, renasceram uma vez mais as esperanças nacionalistas, durante as três décadas do reinado de Josias. O fim abrupto de sua liderança assinalou o começo do fim do reino do Sul. Antes que se tivessem passado vinte e cinco anos, essas esperanças começaram a desaparecer, debaixo do poder crescente do império babilônico. Em 586 a. C., as ruínas de Jerusalém serviam de lembrete realista da predição de Isaías, no sentido de que a dinastia davídica sucumbiria diante da Babilônia.

#### **Era de Otimismo sob Josias**

Com a tenra idade de oito anos, Josias foi subitamente coroado rei - em substituição a seu pai, Amom. Após um reinado de trinta e um anos (640-609 a. C.), ele foi morto na batalha de Megido. As atividades de Josias (sumariadas em 2 Rs 22:1-23:30 e 2 Cr 34:1-35:27) se limitaram primariamente às suas reformas religiosas.

A influência assíria, em declínio desde os anos finais de governo de Assurbanipal, que faleceu em cerca de 630 a. C., ofereceu a Judá a oportunidade de ampliar sua influência sobre o território do norte. É provável que os líderes políticos tivessem antecipado a possibilidade de engolfar as tribos do norte, e até mesmo as fronteiras do reino salomônico no reino do Sul. Com a queda da cidade assíria de Assur perante os medos, em 614 a. C., e com a destruição de Nínive, em 612 a. C., pelas forças aliadas da Média e da Babilônia, as perspectivas judaicas para o futuro se tornaram ainda mais favoráveis. Durante esse período de desassossego político e de rebelião no Oriente, Judá obteve completa liberdade de vas-

salagem à Assíria, o que, naturalmente, deu origem a um sentimento de nacionalismo.

Visto que a idolatria permeava a tudo no reino, as perspectivas religiosas para o rei-menino estavam longe de ser esperançosas. É duvidoso que a reforma de Manassés houvesse penetrado fundo nas fileiras populares, sobretudo se seu cativeiro e retorno penitente ocorreram durante a última década de seu reinado. Amom mostrou ser decididamente ímpio. Seu reinado de vinte e dois anos proveu tempo suficiente para o povo reverter-se à idolatria na administração do reino. O mais provável é que essas condições continuaram quando seu filho de oito anos de idade foi subitamente elevado ao trono. Nessa rota de franca apostasia, Judá não poderia esperar mesmo outra coisa senão o julgamento, de acordo com as advertências feitas por Isaías e outros profetas.

Quando Josias chegou à idade adulta, reagiu às condições de pecaminosidade que havia em seus dias. Com a idade de dezesseis anos ele já buscava fervorosamente a Deus, ao invés de amoldar-se às práticas idólatras. Em quatro anos sua devoção a Deus se cristalizara a um ponto em que ele deu início à reforma religiosa (628 a. C.). No décimo oitavo ano de seu reinado (622 a. C.), quando o templo estava sendo reparado, foi encontrado novamente o livro da lei. Impelido pela leitura desse “livro do Senhor, dado a Moisés”, e advertido de juízo iminente por parte de Hulda, a profetisa, Josias e seu povo observaram a Páscoa de uma maneira sem precedentes na história de Judá. Embora a narrativa escriturística faça silêncio sobre atividades religiosas específicas durante os treze anos restantes de seu reinado, Josias deu continuação à liderança piedosa, na certeza de que prevaleceria a paz durante os anos que lhe restavam de vida (veja 2 Cr 34:28).

A reforma teve início em 628 a. C., atingindo seu clímax com a observância da Páscoa, em 622 a. C. Visto que nem Reis e nem Crônicas nos munem de uma detalhada ordem cronológica de acontecimentos, é bem possível que as narrativas sumárias que figuram nesses livros se apliquem a esse período inteiro.<sup>1</sup> Por esse tempo, era politicamente seguro para Josias remover quaisquer práticas religiosas que estivessem associadas à vassalagem de Judá à Assíria.

Medidas drásticas eram necessárias para limpar a terra da idolatria. Após uma aquilatação de doze anos das condições, Josias impôs corajosamente sua autoridade real e aboliu as práticas pagãs por todo o reino de Judá, como também nas tribos do norte. Altares de Baal foram derrubados, postes-ídolos foram destruídos e vasos consagrados à adoração aos ídolos foram removidos. No templo, onde as mulheres costumavam tecer cortinas em honra a Aserá, foram renovadas as câmaras que vinham servindo às prostituições cultuais. Os cavalos consagrados ao sol foram retirados, e os carros foram destruídos a fogo. A prática horrenda de sacrifícios infantis foi abruptamente abolida. Os altares erigidos por Manassés, no átrio do templo, foram esmiuçados, e os pedaços espalhados no vale do Cedrom. Até mesmo alguns dos lugares altos erigidos por Salomão deviam ter estado em uso corrente, porquanto Josias os arrasou e profanou com ossos de mortos.

Sacerdotes dedicados à adoração idólatra foram tirados do ofício; vinham servindo por nomeação de monarcas anteriores. Com a deposição dos mesmos cessou a queima de incenso a Baal, ao sol, à lua e às estrelas. Porém, embora

<sup>1</sup>Veja C. F. Keil em seu comentário sobre 2 Cr 34.

tivessem sido afastados por Josias do serviço sacerdotal, o rei lhes preparou provisões materiais dentre os rendimentos do templo.

Em Betel, o altar que fora erigido por Jeroboão I também foi destruído por Josias. Durante mais de trezentos anos aquele fora o lugar alto oficial de práticas idólatras, introduzidas pelo primeiro governante do reino do Norte. Esse altar foi pulverizado, e o poste-ídolo que provavelmente substituíra o bezerro de ouro foi queimado.<sup>2</sup> Quando os ossos de um cemitério próximo foram recolhidos para profanação pública desse lugar alto, Josias notou o monumento ao profeta de Judá que tão corajosamente denunciara Jeroboão (veja 1 Rs 13). Tendo sido informado de que o homem de Deus fora sepultado ali, Josias determinou que o túmulo não seria aberto.

Por todas as cidades de Samaria (reino do Norte) a reforma estava na ordem do dia. Lugares altos foram removidos e sacerdotes foram detidos por causa de seu ministério idólatra.

O aspecto construtivo dessa reforma deu frutos na forma de reparos no templo de Jerusalém. Munidos de contribuições de Judá e das tribos nortistas, os levitas foram encarregados da supervisão desse projeto oportuno. Desde os dias de Joás (dois séculos antes) o templo vinha sendo vítima de longos períodos de negligência - especialmente no tempo de Manassés. Quando Hilquias, o sumo sacerdote, começou a coligir fundos para serem distribuídos entre os operários, achou o livro da lei. Hilquias o entregou a Safã, secretário do rei. Ele o examinou e imediatamente passou a lê-lo para o rei. Josias ficou terrivelmente perturbado quando entendeu que o povo de Judá não vinha observando a lei. Sem tardança Hilquias e os oficiais do governo receberam ordens para encontrar alguém que lhes pudesse dar conselhos. Hulda, a profetisa residente em Jerusalém, recebeu uma oportuna mensagem para eles, clara e simples em sua natureza: As maldições e juízos contra a idolatria eram inevitáveis. Jerusalém não seria poupada da ira de Deus. Josias, todavia, seria poupado da angústia da destruição de Jerusalém, porquanto havia correspondido penitentemente ao livro da lei.

Encabeçados pelo rei, os anciãos de Judá, os sacerdotes, os levitas e a população de Jerusalém se reuniram para ouvir a leitura pública do livro recém-encontrado. Em pacto solene, o rei Josias, com apoio do povo, prometeu que se consagraria de todo o coração a obedecer à lei.

Ato contínuo, foram traçados planos para a observância da Páscoa. Sacerdotes foram nomeados e os cultos no templo foram reiniciados. Cuidadosa atenção se deu aos padrões de organização dos levitas, conforme foi determinado por Davi e Salomão. Quando do ritual da Páscoa, prestou-se muita atenção para que tudo estivesse de acordo com o que estava “escrito no livro de Moisés” (2 Cr 35:13). Devido a ter-se conformado com a lei e ter havido grande participação popular, essa observância da Páscoa ultrapassou todas as festividades similares que tinham havido desde os dias de Samuel (veja 2 Cr 35:18).<sup>3</sup>

O conteúdo do livro da lei, achado no templo, não é especificamente indicado. Numerosas alusões no relato bíblico associam sua origem a Moisés. Com base naquele fato simples, o livro da lei pode ter incluído o Pentateuco inteiro, ou talvez contivesse somente uma cópia do livro de Deuteronômio.<sup>4</sup> Aqueles que repu-

<sup>2</sup>Note-se o cumprimento da predição feita por um profeta de Judá, cujo nome não é dado, em 1 Rs 13:1-3.

<sup>3</sup>Veja Keil, no comentário sobre 2 Rs 23:20, e Eidersheim, *The Bible History*, vol. VI, pág. 190.

<sup>4</sup>Veja John D. Davis, *Dicionário da Bíblia* (4ª ed. revisada, 1973), em seu artigo intitulado “Josias”.

tam o Pentateuco como uma produção literária composta, que atingiu sua forma final no século V a. C., limitam o livro da lei ao volume de Deuteronômio, ou menos ainda.<sup>5</sup> Já que a reforma vinha ocorrendo por seis anos quando esse livro foi recuperado, Josias tinha conhecimento anterior concernente à verdadeira religião. Quando o livro foi lido na sua presença, ficou aterrorizado porque Judá fracassara em obedecer à lei. Nada existe no registro bíblico capaz de indicar que o livro tivesse sido publicado nessa ocasião, ou mesmo que tivesse sido ratificado pelo povo. Foi considerado autoritativo, e Josias temeu as conseqüências da desobediência ao mesmo. Tendo sido outorgado por Moisés, o livro da lei vinha sendo a norma da prática religiosa desde então. Josué, os juizes e os soberanos, juntamente com a nação inteira, tinham estado sob a obrigação de se moldarem a seus requisitos, com toda a obediência. O que alarmou a Josias, quando ele solicitou o conselho profético, foi o fato de que "... nossos pais não guardaram as palavras do Senhor, para fazerem tudo quanto está escrito neste livro" (2 Cr 34:21). A ignorância da lei não servia de desculpa, a despeito do fato de que o livro da lei estivera perdido por algum tempo.

Grosseira idolatria vinha prevalecendo por mais de meio século antes de Josias começar a governar. De fato, Manassés e Amom tinham perseguido àqueles que defendiam a conformidade com a verdadeira religião. Visto que Manassés chegara a derramar sangue inocente, é razoável acusá-lo da destruição de todas as cópias da lei que estavam em circulação em Judá. Na ausência de cópias escritas, mui provavelmente Josias se cercou de sacerdotes e anciãos que tinham conhecimento suficiente sobre a lei para dar-lhe instruções orais. Disso lhe viera a firme convicção, durante os primeiros doze anos de seu reinado, de que era necessária uma reforma nacional. Quando o livro da lei foi efetivamente lido perante ele, Josias percebeu vividamente que maldições e juízos pairavam por sobre um povo idólatra. Conhecendo muito bem as práticas ímpias comuns a seus antepassados imediatos, ele temeu que a destruição pudesse ocorrer em seus próprios dias.

O livro da lei estivera realmente perdido? Mui provavelmente houve, durante o reinado de Manassés, quem tivesse interesse suficiente por preservar algumas cópias da lei. E visto que cada cópia era manuscrita, relativamente poucas estavam em circulação. Depois que as vozes de Isaías e outros tinham sido silenciadas, o povo reto decresceu rapidamente em número, debaixo da perseguição. Se Joás, o herdeiro real, pôde ser escondido durante seis anos da ímpia Atalia, é razoável a conclusão de que um rolo contendo a lei pudesse ter sido ocultado do maligno Manassés por meio século.

Outra possibilidade concernente à preservação desse livro da lei é a sugestão que se baseia sobre a arqueologia.<sup>6</sup> Visto que registros e documentos valiosos eram colocados nas pedras angulares de edificios importantes, tanto nos tempos antigos quanto nos modernos, esse livro da lei pode ter sido preservado na pedra de esquina do templo.<sup>7</sup> Ali foi encontrado pelos operários de Josias ocupados na restauração. Antes de falecer, Davi incumbiu Salomão, como rei de Israel, a moldar-se a tudo quanto "... está escrito na lei de Moisés..." (1 Rs 2:3). Quando da construção do templo, teria sido apropriado colocar na pedra de esquina o

<sup>5</sup> Quanto a uma excelente discussão, veja G. E. Wright, *Interpreter's Bible*, vol. II, págs. 311-330. Também B. W. Anderson, *Understanding the Old Testament*, págs. 288-324.

<sup>6</sup> Veja Dr. J. P. Free, *Archaeology and Bible History*, págs. 215, 216.

Pentateuco inteiro, ou, pelo menos, as leis de Moisés. Talvez essa tenha sido a medida providencial que salvaguardou o Pentateuco durante mais de três séculos, quando Judá, em certas oportunidades, ficou sujeita a governantes que desafiavam o pacto de Deus com Israel. Retirado do templo nos dias da reforma dirigida por Josias, tornou-se a “palavra viva” uma vez mais, para uma geração que levou o livro da lei consigo, para o cativeiro babilônico.

Se a reforma efetuada sob Josias representou um reavivamento genuíno entre o povo comum, é algo de que se tem dúvidas. Visto que foi iniciada e executada por ordens reais, a oposição ficou paralisada enquanto Josias continuou vivo.<sup>8</sup> Mas imediatamente depois de seu falecimento o povo retornou à idolatria, sob Jeoaquim.

Jeremias foi chamado ao ministério profético no décimo terceiro ano de Josias (627 a. C.). Face ao fato que Josias já dera início à sua reforma, é razoável concluirmos que o profeta e o rei trabalharam de mãos dadas.<sup>9</sup> A pregação de Jeremias (capítulos 2-4) reflete as tensas relações entre Deus e Israel. À semelhança de esposa infiel, que rompe seus votos matrimoniais, Israel se olvidara de Deus. Jeremias advertiu realisticamente a eles de que Jerusalém podia esperar a mesma sorte que sobreviera a Samaria um século antes. Qual porção de Jeremias 1-20 se relaciona com os tempos de Josias é algo difícil de precisar. Embora possa parecer estranho que a palavra profética tenha vindo da parte de Hulda, ao invés de Jeremias, quando foi lido o livro da lei, a urgência de uma solução imediata para o problema do monarca pode ter envolvido Hulda, que residia em Jerusalém. Jeremias morava em Anatote - a cinco quilômetros a nordeste da cidade.

Quando passaram a circular em Jerusalém as notícias sobre a queda de Assur (614 a. C.) e sobre a destruição de Nínive (612 a. C.), sem dúvida alguma Josias voltou a atenção para as questões internacionais. Em estado de preparação militar, ele incorreu em seu equívoco fatal. Em 609 a. C., os assírios combatiam uma guerra frouxa com seu governo no exílio, em Harã. Neco, rei do Egito, fez seus exércitos marcharem através da Palestina, para ajudar aos assírios. Visto que Josias pouco se importava com a preservação dos assírios, dirigiu precipitadamente as suas tropas Megido acima, no esforço de fazer os egípcios estacarem.<sup>10</sup> Josias foi fatalmente ferido quando os seus exércitos foram postos em fuga. As esperanças nacionais e religiosas de Judá sumiram repentinamente, quando o rei, aos trinta e nove anos de idade, foi sepultado na cidade de Davi. Após dezoito anos de associação íntima com Josias, o grande profeta é destacado por nome, no parágrafo de conclusão - “Jeremias compôs uma lamentação sobre Josias...”

### Supremacia Babilônica

O povo de Judá entronizou a Jeoacaz em Jerusalém (veja 2 Cr 36:1-4). E o novo rei teve de sofrer as conseqüências da intromissão de Josias nas questões

<sup>7</sup>Cf. Dt 31:25,26. Moisés fizera provisão para a salvaguarda da arca. Em um edifício permanente como era o templo, a pedra de esquina teria sido o lugar lógico.

<sup>8</sup>Veja Edersheim, *op. cit.*, pág. 181.

<sup>9</sup>O ministério de Jeremias, durante o reinado de Josias, não está registrado nos livros de Reis ou Crônicas. Suas experiências, durante o reinado de Jeoaquim, sugerem que o reavivamento não foi genuíno.

<sup>10</sup>Note-se a tradução de 2 Rs 23:29, que à luz da arqueologia diz preferencialmente: “... o rei do Egito foi ao rei da Assíria”. Veja C. J. Gadd, *The Fall of Nineveh* (Londres, 1923), pág. 41. Também Merrill F. Unger, *Archaeology and the Old Testament*, pág. 282.



egípcias. Governou apenas por três meses, no ano de 609 a. C. (veja 2 Rs 23:31-34).

Tendo derrotado aos judeus em Megido, os egípcios marcharam para o norte, até Carquemis, restando temporariamente o avanço dos babilônios para o Ocidente. Faraó Neco instalara o seu quartel-general em Ribla (veja 2 Rs 23:31-34). Jeoacaz foi deposto do trono de Judá e levado prisioneiro para o Egito, via Ribla. Ali morreu Jeoacaz, também conhecido pelo nome de Salum, conforme fora predito pelo profeta Jeremias (veja 22:11, 12).

### *Jeoquim (609-598 a. C.)*

Jeoquim, um outro filho de Josias, começou a reinar por nomeação de Neco. Não somente o Faraó egípcio mudou seu nome de Eliaquim para Jeoquim, mas também cobrou pesado tributo de Judá (veja 2 Rs 23:35). Por onze anos ele continuou reinando em Judá. Enquanto os babilônios não desalojaram os egípcios de Carquemis (605 a. C.), Jeoquim continuou vassalo do rei Neco.

Jeremias teve de sofrer severa oposição, enquanto reinou Jeoquim. De pé no átrio do templo, Jeremias predisse o cativo babilônico para os habitantes de Jerusalém. Quando o povo ouviu que o templo seria destruído,<sup>11</sup> apelaram para os líderes políticos a fim de que Jeremias fosse morto (veja Jr 26); no entanto, alguns dos líderes se uniram em sua defesa, citando a experiência de Miquéias um século antes. Esse profeta também anunciou a condenação de Jerusalém, mas Ezequias não o punira por isso. Embora Urias, um profeta contemporâneo, houvesse sido martirizado por Jeoquim, por haver pregado a mesma mensagem, a vida de Jeremias foi poupada. Aicão, uma proeminente figura política, deu seu apoio a Jeremias nesse período de perigo.

Durante o quarto ano do reinado de Jeoquim, foi lido perante o rei o rolo de Jeremias. Enquanto ouvia a mensagem de juízo, Jeoquim despedaçou o rolo, lançando os pedaços no fogo. Em contraste com Josias - que se arrependera e se voltara para Deus - Jeoquim ignorou as advertências, em atitude de desafio (veja Jr 36:1-32).

Jeremias demonstrou de modo impressionante a mensagem portentosa diante do povo - anunciou estar sob comissão divina para esconder o cinturão de linho sem uso, nas margens lamacentas do rio Eufrates. Quando o objeto ficou estragado, foi trazido a fim de ser exibido em público, tendo ele advertido ao povo de que o orgulho de Judá seria arruinado de modo similar (veja Jr 13:1 - 11).

Noutra ocasião, Jeremias liderou os sacerdotes e anciãos até o vale de Hinom, onde eram oferecidos sacrifícios humanos. Quebrando um vaso de oleiro diante da multidão, Jeremias advertiu corajosamente que Jerusalém seria partida em fragmentos por Deus. Tão extensa seria a destruição que até aquele vale maldito seria usado como cemitério. Não admira que o sacerdote Pasur tenha detido a Jeremias, prendendo-o a ferros no tronco, por uma noite (veja Jr 19:1 - 20:18). Embora desencorajado, Jeremias foi lembrado sobre a lição que aprendera na casa do oleiro - Deus teria de sujeitar Judá ao cativo, a fim de moldar dele o vaso desejado.

<sup>11</sup> Talvez essa não tenha sido a primeira vez em que Jeremias proferiu tão ominosa mensagem (Jr 7 - 10) - enquanto viveu Josias, o profeta nada teve a temer.

O quarto ano de Jeoaquim (605 a. C.) foi um tempo crucial para Jerusalém. Na decisiva batalha de Carquemis, no começo do verão, os egípcios foram postos em fuga pelos babilônios. Em agosto, Nabucodonosor já havia avançado o bastante, pelo sul da Palestina, para reivindicar tesouros e reféns em Jerusalém - tendo sido Daniel e seus amigos os mais notáveis dentre os cativos judeus (veja Dn 1:1) Embora Jeoaquim tivesse retido o seu trono, a volta dos babilônios à Síria, em 604 a. C., a Asquelom, em 603 a. C., e seu choque com Neco, nas fronteiras do Egito, em 601 a. C., frustrou qualquer tentativa de descontinuar a vassalagem à Babilônia. Visto que o choque com o Egito não foi decisivo - pois ambos os exércitos se retiraram, após pesadas perdas - Jeoaquim pode ter se aproveitado dessa oportunidade para reter o tributo.<sup>12</sup> Embora Nabucodonosor não tenha enviado seus exércitos conquistadores a Jerusalém, pelo espaço de vários anos, ele incitou assaltos contra Judá da parte de bandos de caldeus saqueadores, apoiados por moabitas, amonitas e sírios. No decurso dessa guerra, o reinado de Jeoaquim chegou subitamente ao fim pela morte, deixando nas mãos de seu jovem filho, Joaquim, uma precária política anti-babilônica.

A maneira pela qual Jeoaquim encontrou a morte não está historiada nos livros de Reis ou de Crônicas. A destruição do rolo de Jeremias na fogueira precipitou o juízo divino contra Jeoaquim - seu corpo ficaria exposto ao calor durante o dia, e à geada durante a noite, o que indicava que não teria um sepultamento com honras reais (veja Jr 36:27-32). Noutra ocasião, Jeremias predisse que Jeoaquim seria sepultado como um asno - seu cadáver seria lançado fora dos portões de Jerusalém (veja Jr 22:18,19). Visto que nenhuma das narrativas históricas noticia as circunstâncias da morte de Jeoaquim, e nem ao menos menciona seu sepultamento, a conclusão de que esse rei dado a rompâncias foi morto em batalha parece justificada. Durante o tempo de guerra era impossível prover um sepultamento condigno.

Joaquim, também conhecido pelo nome de Conias ou Jeconias, resistiu apenas por três meses como rei de Jerusalém. Em 597 a. C., os exércitos babilônicos lançaram cerco à cidade. Percebendo ser inútil a resistência, Joaquim rendeu-se a Nabucodonosor. Dessa vez o monarca babilônico não somente tomou alguns poucos prisioneiros ou solicitou declarações verbais de que os judeus pagariam tributo e seriam leais. Os babilônios despojaram o templo e os tesouros reais. Joaquim e sua rainha-mãe foram levados como prisioneiros. Acompanhando-os ao cativo na Babilônia, seguiram oficiais palacianos, executivos, artesãos e todos os líderes da comunidade. Não de menor importância entre esses milhares, encontrava-se Ezequiel. Matanias, cujo nome Nabucodonosor mudou para Zedequias, foi deixado encarregado do povo que ficou em Jerusalém.

### *Zedequias (597-586 a. C.)*

Zedequias era o filho mais jovem de Josias. Visto que Joaquim foi considerado o legítimo herdeiro do trono davídico, Zedequias passou a ser reputado um monarca títere - subordinado à soberania babilônica. Após uma década de política fraca e vacilante, Zedequias perdeu o governo nacional de Judá. Jerusalém foi destruída em 586 a. C.

Jeremias deu prosseguimento a seu fiel ministério por todos os anos angustiosos de guerra, fome e destruição. Tendo sido deixado na companhia de pessoas

<sup>12</sup>D. J. Wiseman, *Chronicles of Chaldean Kings (625 - 556 B. C.) in the British Museum*, págs. 26-28.

da classe mais inferior, em Jerusalém, Jeremias recebeu apropriada mensagem para seus ouvintes, com base em uma visão de dois cestos de figos (veja Jr 24). Os bons figos representavam os cativos que haviam sido levados para o exílio. Os figos maus, que não podiam ser comidos, eram o povo que permanecera em Jerusalém. O cativo esperava por esses, no devido tempo. Não haveriam de vangloriar-se de ter escapado.

Jeremias escreveu cartas aos exilados na Babilônia, encorajando-os a se ajustarem às condições próprias do exílio. Não poderiam esperar voltar a Judá pelo período de setenta anos (veja Jr 25:11, 12 e 29:10).

Zedequias achava-se sob pressão constante para aliar-se ao Egito, em rebelião contra a Babilônia. Quando Psamético II substituiu Neco no trono (594 a.C.), Edom, Moabe, Amom e Fenícia juntaram-se ao Egito em uma coligação antibabilônica, o que criou um tempo de crise para Judá. Com uma canga de madeira em torno do pescoço, Jeremias anunciou dramaticamente que Nabucodonosor era servo de Deus, a quem as nações deveriam submeter-se voluntariamente. A Zedequias foi assegurado que a sua submissão ao soberano babilônico evitaria a destruição de Jerusalém (veja Jr 27).<sup>13</sup>

Foi crescendo a oposição a Jeremias, enquanto profetas falsos aconselhavam o povo à rebelião. Chegaram a confundir os cativos ao dizerem-lhes que os tesouros do templo não demorariam a ser devolvidos. Em oposição aos conselhos de Jeremias, asseguraram aos exilados de que haveria imediata restauração deles à terra natal. Certo dia Hananias tomou as cangas de madeira usadas por Jeremias, quebrou-as e afirmou publicamente que, por semelhante modo, o jugo babilônico seria quebrado em dois anos. Atordoado, Jeremias seguiu caminho. Mas não demorou a voltar, com uma mensagem que lhe foi dada por Deus. Nova canga - não de madeira, mas de ferro - sujeitaria as nações à manopla férrea de Nabucodonosor, de onde não haveria como escapar. Quanto a Hananias, Jeremias anunciou que ele morreria antes do fim do ano - e assim sucedeu. Os funerais de Hananias serviram de confirmação pública de que Jeremias era, verdadeiramente, o mensageiro de Deus.

Embora Zedequias houvesse sobrevivido à primeira crise, ele acabou cedendo aos agressivos planos de rebelião, em 588 a. C., quando o novo Faraó egípcio organizou uma expedição para penetrar na Ásia. Tendo-se rebelado Amom e Judá, Nabucodonosor sem demora se instalou em Ribla, na Síria. Imediatamente depois disso o seu exército assediou Jerusalém. Apesar de que Zedequias não se rendeu, ele procurou ao máximo encontrar uma solução favorável, conforme Jeremias havia avisado. Ele anunciou a soltura de escravos, o que, em período de fome, era vantajoso para os proprietários, pois não teriam de dar-lhes rações. Quando o cerco de Jerusalém foi repentinamente suspenso, por terem as forças babilônicas se voltado contra o Egito, os proprietários de escravos logo reclamaram de volta os seus escravos (veja Jr 37). Foi então que Jeremias advertiu de que os babilônios prontamente renovariam seu assédio.

Um dia, quando de caminho para Anatote, Jeremias foi detido, espancado e encarcerado, sob a acusação de querer bandear-se para os babilônios. Zedequias mandou chamá-lo. Em entrevista secreta, Jeremias uma vez mais aconselhou ao

<sup>13</sup>Note-se que a forma "Jeoaquim", que aparece em algumas versões, no primeiro versículo, é considerada um erro de cópia pelos escribas. Os versículos 3 e 12 confirmam a forma "Zedequias".

rei de que não deveria dar ouvidos àqueles que favoreciam a resistência a Nabucodonosor. Por seu próprio pedido, Jeremias foi então devolvido à prisão, embora agora alojado no átrio da guarda. Quando os oficiais do palácio levantaram objeção, Zedequias anuiu às exigências deles de que Jeremias deveria ser morto. Em resultado, os príncipes baixaram o fiel profeta para dentro de uma cisterna, na esperança de que ele pereceria na lama. A promessa divina de que Jeremias seria libertado se cumpriu quando um eunuco etíope o trouxe de volta ao átrio da guarda. Logo o exército babilônico renovou o cerco de Jerusalém. Sem dúvida nenhuma muitos dos cidadãos aceitaram o fato de que era inevitável a capitulação diante de Nabucodonosor. Para uma época assim Jeremias tinha uma nova mensagem. Tendo recebido a opção de comprar um campo na cidade de Anatote, Jeremias, embora continuasse prisioneiro, imediatamente comprou a propriedade e exerceu cuidados especiais para executar legalmente a transação. Isso representava a restauração dos exilados à terra prometida (veja Jr 32).

Em uma última entrevista secreta, Zedequias, uma vez mais ouviu a voz súplice de Jeremias. A obediência e a rendição eram preferíveis, mesmo em data tão atrasada. A resistência só poderia significar desastre. Temendo os líderes, que estavam resolvidos a resistir até ao fim mais amargo, Zedequias não cedeu ao profeta.

No verão de 586 a. C., os babilônios entraram na cidade de Jerusalém, através de uma brecha feita nas muralhas. Zedequias tentou escapar, mas foi capturado em Jericó e levado a Ribla. Após terem sido executados os seus filhos, Zedequias, o último rei de Judá, foi cegado e levado em cadeias para Babilônia. O grande templo de Salomão, que fora o orgulho e a glória de Israel durante quase quatro séculos, ficou reduzido a cinzas, ao mesmo tempo que a cidade de Jerusalém jazia arruinada.

## Gráfico V Tempos de exílio

DATA	JUDÁ DATA	BABILÔNIA	MÉDIA-PÉRSIA	EGITO
639	Josias			
626		Nabopolassar		
609	Jeoacaz Jeoaquim			Neco
605		Nabucodonosor		
597	Joaquim Zedequias			
594				Psamético II
588				Apries
586	Jerusalém destruída			
568				Amasis
562		Evil-Merodaque		
560		Neriglissar		
559			Ciro	
556		Nabonido (Belsazar)		
539	Edito de retorno dos judeus	Queda de Babilônia		
530			Cambises	
522	Zorobabel Ageu Zacarias		Dario	
515	Templo com- pletado			
485			Xerxes	
479			(Ester)	
464			Artaxerxes I	
457	Esdras			
444	Neemias			
423			Dario II	
404			Artaxerxes II	

## Capítulo XV

### Os Judeus entre as Nações

Desde os tempos de Davi Jerusalém concretizava as esperanças nacionais de Israel. O templo representava o centro da devoção religiosa, ao mesmo tempo que o trono davídico, no monte Sião, servia, pelo menos para o reino de Judá, de motivo de otimismo político acerca da sobrevivência nacional. Embora Jerusalém tivesse sido reduzido de sua proeminente posição de respeito e prestígio internacional, na glória da era salomônica, ao estado de vassalagem, no auge do sucesso assírio, não obstante continuava sendo a capital de Judá, quando Nínive foi destruída, em 612 a. C. Durante mais de quatro séculos continuara sendo a sede do governo do trono davídico, enquanto Damasco, Samaria e Nínive, com seus respectivos governos, se tinham soerguido e caído.

Jerusalém foi destruída em 586 a. C. O templo foi reduzido a cinzas e os judeus foram levados em cativeiro. O território conhecido como reino de Judá foi absorvido pelos edomitas, ao sul, e pela província babilônica de Samaria, ao norte. Demolida e desolada, Jerusalém tornou-se um provérbio entre as nações.

Enquanto o governo de Jerusalém permaneceu intacto, foram mantidos anais históricos. Os livros de Reis e Crônicas apresentam a história contínua do governo davídico em Jerusalém. Quando terminou a existência de uma nação organizada, é improvável que tivessem continuado a ser feitas e guardadas crônicas oficiais; pelo menos nada existe a respeito atualmente. Conseqüentemente, pouco se sabe sobre o bem-estar geral do povo disperso pela Babilônia toda. Referências limitadas em fontes informativas bíblicas e extra-bíblicas, fornecem-nos alguma informação acerca da sorte dos judeus no exílio.

O novo lar dos judeus foi a Babilônia. O reino neo-babilônico substituiu a Assíria no controle sobre o Ocidente, e foi o responsável pela queda de Jerusalém. Os judeus continuaram exilados enquanto líderes babilônicos mantiveram a supremacia internacional. Quando a Babilônia foi conquistada pelos medopersas, em 539 a. C., aos judeus foi concedido o privilégio de se restabelecerem em sua pátria nacional, na Palestina. Apesar de que alguns deles retornaram e reedificaram o templo e reocuparam Jerusalém, o estado judeu nunca mais obteve estado de completa independência, mas continuou existindo como uma pro-

víncia do império persa. Muitos judeus continuaram no exílio, nunca mais retornando à sua terra natal.

### **Babilônia — 626 - 539 a. C.**

Sob a hegemonia assíria, a Babilônia constituía importantíssima província. Embora líderes babilônicos tivessem feito tentativas frequentes de declarar sua independência, não conseguiram êxito senão depois da morte de Assurbanipal, ocorrida em cerca de 633 a. C.<sup>1</sup> Samassumuquim tornou-se governador da Babilônia, em consonância com o tratado feito por Esaradom.<sup>2</sup> Depois de um governo de dezesseis anos, Samassumuquim se rebelou contra seu irmão, Assurbanipal, tendo perecido no cerco e no incêndio da Babilônia (648 a. C.) O sucessor nomeado por Assurbanipal foi Candalanu, cujo governo, mui provavelmente, terminou em uma insurreição mal sucedida (627 a. C.). A rebelião prosseguiu na Babilônia, em meio às incertezas do governo assírio, depois da morte de Assurbanipal.<sup>3</sup> Nabopolassar emergiu como líder político que continuou a defender a causa da independência babilônica.

#### *Nabopolassar — 626 - 605 a. C.*<sup>4</sup>

A oposição de Nabopolassar às forças assírias que marchavam para Nipur, a quase cem quilômetros a sudeste de Babilônia, precipitou um assalto assírio. A bem sucedida resistência babilônica contra esse ataque resultou no reconhecimento de Nabopolassar como rei de Babilônia, a 22-23 novembro de 626 a. C.<sup>5</sup> Por volta de 622 a. C., ele aparentemente se mostrou suficientemente forte para conquistar Nipur, que era estrategicamente importante para o controle do tráfico nos rios Tigre e Eufrates.<sup>6</sup>

Em 616 a. C. Nabopolassar pôs os assírios em fuga para o norte, ao longo do rio Eufrates, até Harã, retornando com lucrativos despojos, antes que o exército assírio pudesse desfechar um contra-ataque.<sup>7</sup> Isso levou a Assíria a aliar-se ao Egito, que fora libertado do domínio assírio por Psamético I, em 654 a. C.<sup>8</sup>

Após repetidos assaltos contra a Assíria, caiu a cidade de Assur diante dos medos comandados por Ciaxares, em 614 a. C. O resultado dos esforços babilônicos por ajudar aos medos, nessa conquista, foi a aliança medo-babilônica, confirmada através de matrimônio.<sup>9</sup> Em 612 a. C., os medos e os babilônios convergiram sobre Nínive, arrasando a grande capital assíria e dividindo entre si os des-

<sup>1</sup>D. J. Wiseman, *Chronicles of Chaldaean Kings (626 - 556 B. C.) in the British Museum* (Londres: Trustees of the British Museum, 1956). Wiseman data a ascensão de Sinsariscum ao trono assírio, em 629 a. C. Note-se sua discussão sobre esse problema, às págs. 90-93.

<sup>2</sup>*Ibid.*, pág. 5, alude ao tablete do tratado de Ninrode. (nd. 4327), encontrado em 1955.

<sup>3</sup>Veja Sidney Smith, *Babylonian Historical Texts* (Londres, 1924, pág. 24. Isso se baseia sobre a Crônica Babilônica B. M. 86379, primeiramente publicada por L. W. King, em 1907.

<sup>4</sup>As fontes informativas primárias acerca de Nabopolassar são os tabletes do Museu Britânico de n°s 25127 (626-623 a. C., 21901 (616 - 609 a. C.), 22047 (608-606 a. C.), publicados pelos Trustees of the British Museum por D. J. Wiseman, em 1956, sob o título de *Chronicles of Chaldaean Kings (626 - 556 B.C.)*. O tablete B. M. 21901 fora publicado por C. J. Gadd, com o título de *The Fall of Nineveh* (Londres, 1923).

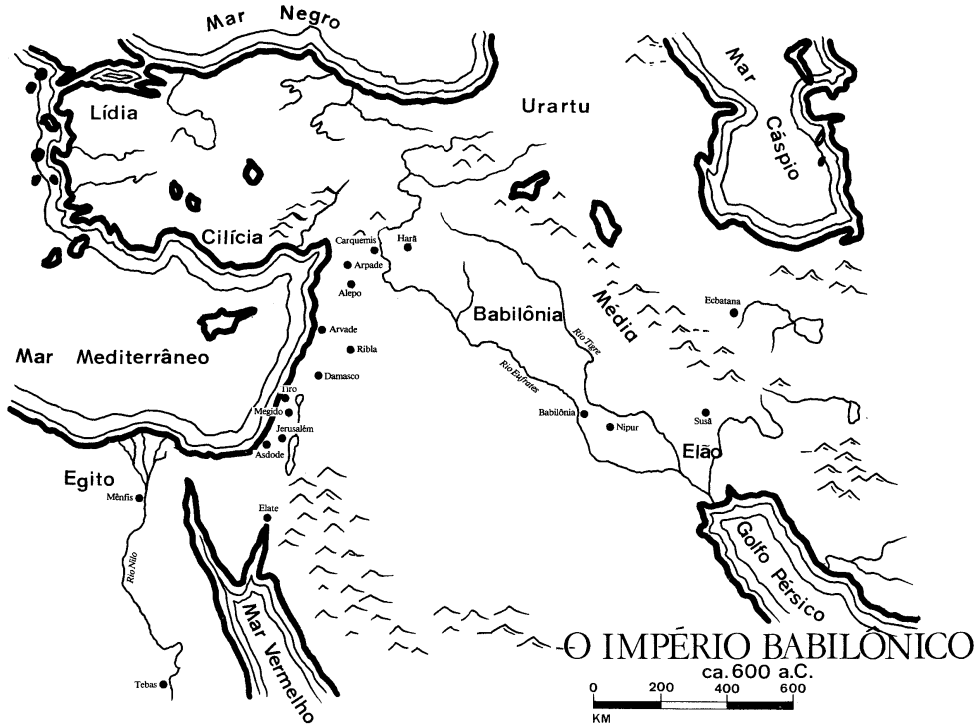
<sup>5</sup>Veja Wiseman, *op. cit.*, pág. 7.

<sup>6</sup>*Ibid.*, pág. 11

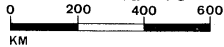
<sup>7</sup>Os tabletes ou crônicas relativos aos anos 622 - 617 a. C. estão faltando, mas aparentemente Nabopolassar continuou bem sucedido.

<sup>8</sup>Wiseman, *op. cit.*, pág. 12.

<sup>9</sup>O casamento do filho de Nabopolassar, Nabucodonosor, e Amitis, filha do filho de Ciáxares. Cf. C. J. Gadd, *The Fall of Nineveh*, págs. 10, 11.



○ IMPÉRIO BABILÔNICO  
ca. 600 a.C.





pojos.<sup>10</sup> É bem possível que Sinsariscum, rei assírico, tivesse perecido na destruição de Nínive.

Os assírios que conseguiram escapar retrocederam na direção oeste, para Harã. Por diversos anos os babilônios lançaram assaltos e fizeram conquistas em vários pontos, ao longo do rio Eufrates, mas evitaram todo conflito direto com Assurubalite, o soberano assírio de Harã. Em 609 a. C., com o apoio das forças de Umã-Manda, Nabopolassar marchou na direção de Harã. Os assírios, que por essa época tinham sido reforçados por forças egípcias, abandonaram Harã e recuaram para as margens ocidentais do rio Eufrates. Em consequência, Nabopolassar ocupou Harã sem lutas, deixando ali uma guarnição, quando ele retornou à Babilônia. O exército babilônico voltou a Harã quando Assurubalite tentou recapturar a cidade. Dessa vez Assurubalite aparentemente escapou com suas forças assírias para o norte, dirigindo-se a Urartu, porquanto Nabopolassar dirigiu sua campanha para o interior daquela região; e não há mais qualquer menção sobre os assírios ou sobre Assurubalite nas crônicas.<sup>11</sup>

Após ter dirigido suas expedições na direção nordeste por alguns poucos anos, Nabopolassar renovou seus esforços de mostrar-se à altura das tropas egípcias ao longo do alto Eufrates. Mais tarde, em 607 a. C., e continuando no ano seguinte, os babilônios engajaram os egípcios em vários encontros e retornaram à pátria no começo do ano de 605 a. C. Essa foi a última vez em que Nabopolassar conduziu seu exército em batalha.

*Nabucodonosor*<sup>12</sup> – 605 - 562 a.C.

Na primavera de 605 a. C., Nabopolassar enviou Nabucodonosor, o príncipe herdeiro, com o exército babilônico, para cuidar da ameaça egípcia no alto rio Eufrates.<sup>13</sup> Marchou diretamente e com determinação para Carquemis, que os egípcios dominavam desde 609 a. C., quando Neco subira em auxílio às forças assírias. Os egípcios foram decisivamente derrotados em Carquemis, no princípio do verão. Perseguindo o inimigo, os babilônios lutaram noutra batalha, em Hamate. Mais ou menos em agosto, Nabucodonosor controlava a Síria e a Palestina, e os egípcios retrocediam para sua própria terra. Wiseman observa corretamente que isso teve um efeito decisivo sobre Judá.<sup>14</sup> Embora o próprio Nabucodonosor possa ter-se instalado em Ribla, a qual mais tarde se tornou seu quartel-general, sem dúvida ele expediu seu exército para o sul o bastante para expulsar os egípcios da Palestina. Joaquim, que fora vassalo de Neco, agora se tornara sujeito a Nabucodonosor. Tesouros retirados do templo de Jerusalém, além de reféns simbólicos, incluindo Daniel, foram apanhados e levados para a Babilônia (veja Dn 1:1).

Em 15-16 de agosto de 605 a. C., morreu Nabopolassar.<sup>15</sup> O príncipe herdeiro

<sup>10</sup> Quem era os Umã-Manda, mencionados nessa campanha, como aliados de Babilônia? Alguns eruditos fazem-nos idênticos aos medos, ao passo que outros identificam-nos como os citas. Embora Wiseman, *op. cit.*, págs. 15, 16, favoreça os primeiros, note-se sua discussão que alista fontes históricas favoráveis a ambos os pontos de vista.

<sup>11</sup> *Ibid.*, pág. 19.

<sup>12</sup> As crônicas babilônicas relativas aos primeiros dez anos do reinado de Nabucodonosor foram publicadas no volume de Wiseman, *op. cit.*, sob B. M. 21946 (605 - 595 a. C.), págs 66 ss.

<sup>13</sup> Wiseman sugere que Nabopolassar ficou em casa por razões políticas, ou então, conforme Beroso subentende, ele não pôde resistir à fadiga da batalha por motivos de idade ou de saúde.

<sup>14</sup> Wiseman, *op. cit.*, pág. 26.

<sup>15</sup> *Ibid.*, pág. 26.

imediatamente se precipitou para Babilônia. No dia de sua chegada, 6-7 de setembro, Nabucodonosor foi coroado rei da Babilônia. Tendo obtido o trono, ele retornou ao seu exército no ocidente, a fim de assegurar a posição babilônica e coletar o tributo. No ano seguinte (604 a. C.), ele dirigiu a marcha de seu exército para a Síria, uma vez mais. Dessa vez ele exigiu que os reis de várias cidades comparecessem à sua presença, trazendo tributo. Juntamente com os líderes de Damasco, de Tiro e de Sidom, Jeoaquim, de Jerusalém, aquiesceu, permanecendo sujeito aos babilônios por três anos (veja 2 Rs 24:1).<sup>16</sup> Asquelom resistiu aos babilônios sem senso da realidade, na esperança que os egípcios sássem em seu socorro.<sup>17</sup> Nabucodonosor deixou essa cidade em ruínas, quando voltou para Babilônia, em fevereiro de 603 a. C.

Durante os poucos anos seguintes o controle de Nabucodonosor sobre a Síria e a Palestina não foi seriamente desafiado. Em 601 a. C., o exército babilônico exibiu uma vez mais a sua força, marchando vitoriosamente por toda a Síria e ajudando os governantes locais a fazerem a coleta do tributo. Mais tarde, naquele ano, Nabucodonosor passou a comandar pessoalmente o exército e penetrou no Egito.<sup>18</sup> Neco II reuniu as suas forças para resistir à agressão babilônica. As crônicas da Babilônia afirmam francamente que ambos os lados sofreram perdas pesadas no conflito que daí resultou.<sup>19</sup> É possível que esse retrocesso explique o recuo de Nabucodonosor, bem como o fato de que se dedicou, no ano seguinte, a aprestar cavalos e carros de guerra, para reequipar seu exército. Isso também pode ter impedido o monarca babilônio de invadir o Egito durante muitos anos vindouros.<sup>20</sup> Em 599 a. C., os babilônios retornaram à Síria a fim de estender seu controle sobre as áreas ocidentais do deserto sírio e para fortificar Ribla e Hamate, com o propósito de torná-las fortes bases de agressão contra o Egito.<sup>21</sup>

Em dezembro de 598 a. C., uma vez mais Nabucodonosor lançou seus exércitos para o ocidente. A despeito de ser breve a narrativa da crônica, ela identifica claramente Jerusalém como o objetivo.<sup>22</sup> Evidentemente Jeoaquim havia retido o tributo, não o enviando a Nabucodonosor, porquanto dependia do Egito, apesar do fato de que Jeremias o tinha advertido constantemente contra tal política. De acordo com Josefo, Jeoaquim foi surpreendido quando a marcha babilônica se voltou contra ele, e não contra o Egito.<sup>23</sup> Após breve assédio, Jerusalém rendeu-se aos babilônios, a 15 - 16 de março de 597 a. C.<sup>24</sup> Visto que Jeoaquim morrera a 6-7 de dezembro de 598 a. C., seu filho, Joaquim, foi o rei de

<sup>16</sup>*Ibid.*, pág. 28.

<sup>17</sup>*Ibid.*, pág. 28, identifica o papiro Saqqara, n° 86984 (Museu do Cairo), uma carta em aramaico que apela a Faraó solicitando-lhe ajuda, com esse cerco de Asquelom. Veja a nota 5 sobre a mesma página quanto a outras opiniões.

<sup>18</sup>*Ibid.*, pág. 30, sofre que a referência feita por Josefo, *Antiquities of the Jews* X. 6 (87), se aplica aqui a antes dessa batalha. No quarto ano de Nabucodonosor e no oitavo de Jeoaquim, este último reiniciou os pagamentos de tributo àquele, em resposta à ameaça de guerra. Embora Neco tivesse retrocedido para o Egito, após a decisiva batalha de Carquemis, ele ainda era forte bastante para influenciar Jeoaquim convencendo-o a reter o tributo que deveria pagar a Nabucodonosor. O rei da Babilônia sem dúvida assegurou-se do apoio de Jeoaquim, antes de seu avanço para combater o Egito.

<sup>19</sup>Tablete 21946, linhas 4-5, Museu Britânico. Veja Wiseman, *op. cit.*, pág. 71.

<sup>20</sup>A única invasão do Egito por Nabucodonosor, que se conhece por meio de fontes seculares, ocorreu em 568 - 567 a. C., veja Wiseman, *op. cit.*, pág. 30.

<sup>21</sup>*Ibid.*, pág. 32.

<sup>22</sup>B. M. 21946, Wiseman, *op. cit.*, págs. 66-74 e 32-33.

<sup>23</sup>Josefo, *Antiquities of the Jews* X, 6 (88-89).

<sup>24</sup>Wiseman, *op. cit.*, pág. 72, B. M. 21946, linha 12. Era o segundodia do mês de Adar.

Judá que realmente cedeu.<sup>25</sup> Com outros membros da família real, e cerca de dez mil cidadãos liderantes de Jerusalém, Joaquim foi levado cativo para Babilônia. Em acréscimo, vastos tesouros de Judá, foram confiscados pela Babilônia. Zedequias, tio de Joaquim foi nomeado rei títere de Jerusalém.

Quanto aos anos 596 - 594 a. C., as crônicas babilônicas afirmam que Nabucodonosor continuou controlando regiões do ocidente, encontrou alguma oposição no oriente, e suprimiu uma rebelião na Babilônia. As últimas linhas das crônicas existentes afirmam que, em dezembro de 594 a. C., Nabucodonosor reuniu suas tropas e marchou contra a Síria e a Palestina.<sup>26</sup> Quanto aos trinta e três anos restantes do reinado de Nabucodonosor não existem registros oficiais como essas crônicas.

As atividades de Nabucodonosor em Judá, na década seguinte, são bem atestadas nos registros bíblicos dos livros de Reis, Crônicas e Jeremias. Em resultado da rebelião de Zedequias, o cerco de Jerusalém começou em janeiro de 588 a. C. Apesar de que o cerco foi temporariamente levantado, enquanto os babilônios dirigiam sua atenção para o Egito, o reino de Judá finalmente capitulou. Zedequias tentou escapar, mas foi capturado em Jericó e levado para Ribla, onde seus filhos foram executados enquanto ele contemplava a cena. Após ter sido cegado, foi levado para Babilônia, onde morreu. A 15 de agosto de 586 a. C., começou a destruição final de Jerusalém, nos dias do Antigo Testamento.<sup>27</sup> Desnudada de sua população por força do exílio, a capital de Judá foi abandonada em ruínas. Assim terminou o governo davídico de Judá, nos dias de Nabucodonosor.

Um outro tablete do Museu Britânico, que parece ser um texto religioso e não parte da série de crônicas babilônicas, registra uma campanha de Nabucodonosor em seu trigésimo sétimo ano (568 - 567 a. C.), contra Faraó Amasis.<sup>28</sup> Parece que Apries, o rei do Egito, fora derrotado por Nabucodonosor, em 572 a. C., tendo sido substituído no trono por Amasis. Quando este último se rebelou, em 568 - 567 a. C., Nabucodonosor invadiu o Egito com seus exércitos.

O amplo programa de construções de Nabucodonosor, é bem conhecido através das próprias inscrições do monarca.<sup>29</sup> Tendo herdado um reino firmemente estabelecido, Nabucodonosor, durante seu longo reinado, devotou esforços intensivos nos projetos de construção na Babilônia. A beleza e a majestade da cidade real de Babilônia não foi ultrapassada nos tempos antigos. A arrogante jactância de Nabucodonosor, de que ele edificara aquela grande cidade com seu poder e para a sua glória é reconhecida como historicamente exata (veja Dn 4:30).<sup>30</sup>

Babilônia foi fortificada em suas defesas por meio de um fosso e de uma dupla muralha. Por toda a cidade foi constituído um vasto sistema de ruas e canais, para facilitar o transporte. Ao longo da ampla avenida processional e no palácio

<sup>25</sup>Wiseman, *op. cit.*, págs. 33-35. Ele sugere que Joaquim pode ter sido morto em anterior avanço babilônico para Jerusalém, pois morreu antes das forças principais terem partido da Babilônia, em dezembro de 598 a. C.

<sup>26</sup>B. M. 21946, Wiseman, *op. cit.*, págs. 74-75.

<sup>27</sup>E. R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, pág. 165.

<sup>28</sup>Esses tabletas do Museu Britânico, n<sup>os</sup> 33041 e 33053 foram publicados pela primeira vez por T. G. Pinches, em 1878. Foram reproduzidos por Wiseman em *op. cit.*, lâminas XX-XXXI. Note-se sua discussão e bibliografia, à pág. 94.

<sup>29</sup>Começando em 1899, o *Deutsch Orientgesellschaft*, sob a direção de Robert Koldewey escavou completamente a cidade de Babilônia. Veja Koldewey, *Das wieder erstehende Babylon* (4<sup>a</sup> ed.; Leipzig, 1925).

<sup>30</sup>Jack Finegan, *Light from the Ancient Past* (Princeton, 1959), pág. 224.

havia Leões, touros e dragões feitos de coloridos tijolos esmaltados. O notável portão de Istar assinalava o impressionante acesso a essa avenida. Os tijolos usados nas construções ordinárias eram inscritos com o próprio nome de Nabucodonosor. Cerca de vinte templos, em Babilônia e Borsipa, são atribuídos a esse famoso monarca.<sup>31</sup> O mais destacado empreendimento da área do templo foi a restauração do zigurate. Os jardins suspensos, construídos por Nabucodonosor para agradar sua rainha média, foram considerados pelos gregos como uma das sete maravilhas do mundo.

O estudo de cerca de trezentos textos cuneiformes, encontrados em um edifício abobadado, perto do portão de Istar, resultou na identificação dos judeus na terra do exílio durante o reinado de Nabucodonosor.<sup>32</sup> Nesses tabletes, datados de cerca de 595 - 570 a. C., estão alistadas as rações destinadas aos cativos vindos do Egito, da Filístia, da Fenícia, da Ásia Menor, da Pérsia e de Judá. Extremamente significativa é a menção de Joaquim, com seus cinco filhos ou príncipes. Fica claro, por esses documentos, que os babilônios, tanto quanto os judeus reconheciam em Joaquim o herdeiro do trono Judeu.

A glória do reino babilônico começou a dissipar-se depois da morte de Nabucodonosor, em 562 a. C. Seu extraordinário sucesso ampliara o pequeno reino da Babilônia para que cobrisse o Oriente Próximo desde Susã até o mar Mediterrâneo, desde o golfo Pérsico até ao alto rio Tigre, e das montanhas do Taurus até à primeira catarata do Egito, ao sul. Sendo aventureiro construtor, ele fez da cidade de Babilônia a mais poderosa fortaleza do mundo, adornada de esplendores e belezas jamais ultrapassados. O poder e o gênio que caracterizaram seu governo de quarenta e três anos, nunca foram iguais por qualquer de seus sucessores.

#### *Evil-Merodaque — 562-560 a. C.*

Evil-Merodaque, também conhecido como Avel-Marduque, governou somente por dois anos sobre o império que herdou de seu pai. Embora Josefo<sup>33</sup> o tenha aquilatado como áspero governante, as Escrituras indicam sua generosidade para com Joaquim.<sup>34</sup> Esse ex-rei de Judá, que fora levado para o exílio, em 597 a. C., foi então solto com a idade de cinquenta e cinco anos. O reinado de Evil-Merodaque foi abruptamente interrompido quando foi assassinado por Neriglissar, que foi entronizado a 13 de agosto de 560 a. C.<sup>35</sup>

#### *Neriglissar — 560-556 a. C.*

Neriglissar subiu ao trono, ou em virtude de haver liderado uma revolução com apoio dos sacerdotes e do exército, ou então como herdeiro do trono, em virtude de ter-se casado com a filha de Nabucodonosor.<sup>36</sup> É altamente provável que Neriglissar possa ser corretamente identificado como Nergal-Sarezer,<sup>37</sup> o “Rabe-Mague” ou oficial principal, que soltara Jeremias, em 586 a. C., após a

<sup>31</sup>R. Koldewey, *Das Ishtar-Tor in Babylon* (1918).

<sup>32</sup>Ernest F. Weidner em *Mélanges Syriens à Monsieur René Dussand II* (1939), pág. 923 - 927. A referência, à pág. 935, a prisioneiros provenientes de Pirindi e Hume, mantidos na Babilônia, pode indicar que Nabucodonosor conquistara a Cilícia, entre 595 e 570 a. C.

<sup>33</sup>Veja *Contra Apion*, i. 20 (147).

<sup>34</sup>Cf. Jr 52:31-34 e 2 Rs 25:27-30.

<sup>35</sup>Richard A. Parker e Waldo H. Dubberstein, *Babylonian Chronology, 626 B.C. - A. D. 45* (1942), pág. 10.

<sup>36</sup>Cf. L. W. King, *History of Babylon* (Londres: Chatto & Windus, 1919), pág. 280.

<sup>37</sup>Veja o artigo “Nergal-sharezar”, pág. 485, em *Harper's Bible Dictionary* (Nova Iorque: Harper & Brothers, 1952).

conquista de Jerusalém (veja Jr 39:3, 13). Popularmente conhecido pelo nome de Neriglissar, ele é mencionado em contratos, em Babilônia e em Opis, como o filho de um abastado proprietário de terras.<sup>38</sup> De acordo com um outro texto, datado como pertencente ao reinado de Nabucodonosor, Neriglissar foi nomeado para controlar os negócios do templo do deus-sol em Sipar.<sup>39</sup> Se Neriglissar é o mesmo indivíduo aludido por nome em contratos tão antigos quanto 595 a. C., então ele deveria ser um homem de meia-idade, ou mesmo mais idoso, quando seapossou do trono da Babilônia.

Até recentemente, Neriglissar era conhecido primariamente por suas atividades nas quais ele restaurou o templo Esagila de Marduque, em Babilônia, e o templo de Ezida, de Nebo, em Borsipa. Em adição a isso, ele reconstruiu a capela do destino (ponto focal do festival Ano Novo em Babilônia), reparou um antigo palácio e construiu canais, conforme se esperava de qualquer monarca. Um novo tablete de crônica, recentemente publicado, retrata Neriglissar como alguém muito agressivo e vigoroso na manutenção do controle sobre todo o império.<sup>40</sup>

No terceiro ano do reinado de Neriglissar, Apuasu, rei do Pirindu, na Cilícia Ocidental, atravessou as planícies costeiras e avançou até à Cilícia Oriental para assaltar e pilhar Hume. Imediatamente Neriglissar lançou em campo seus exércitos a fim de expulsar o invasor, tendo-o perseguido até Ura, para além do rio Lamos. Apuasu conseguiu escapar, mas seu exército foi disperso. Ao invés de avançar para a Lídia, Neriglissar marchou em direção à costa a fim de conquistar a ilha rochosa de Pitusu, com uma guarnição de 6 mil homens, onde exibiu sua habilidade no uso de forças terrestres e marítimas. Retornou à Babilônia vitorioso, em fevereiro-março de 556 a. C.

Anteriormente, a Cilícia fora controlada pelos reis assírios, mas recuperou sua independência depois da morte de Assurbanipal, em cerca de 631 a. C. Embora não haja crônicas babilônicas em disponibilidade acerca do governo de Nabucodonosor, depois de seu décimo ano (594 a. C.), tem sido sugerido que ele conquistou a Cilícia entre 595 e 570 a. C.<sup>41</sup> Na lista dos prisioneiros mantidos em cativeiro babilônico, durante esse período, aparecem referências a exilados provenientes de Pirindu e Hume.<sup>42</sup>

Depois que Neriglissar faleceu, em 556 a. C., seu jovem filho, Labasi-Marduque, governou apenas por alguns meses. Entre os cortesãos que depuseram e assassinaram o jovem rei, achava-se Nabonido, que se apossou do trono.

#### *Nabonido — 556-539 a. C.*

Quando Nabonido começou a governar, afirmou ser o legítimo sucessor ao trono da Babilônia.<sup>43</sup> Marduque também foi devidamente reconhecido na festividade do Ano Novo, a 31 de março de 555 a. C., na qual Nabonido não somente participou como rei, mas também proveu elaborados presentes para o templo de Esagila.<sup>44</sup>

<sup>38</sup>Tabletes n<sup>o</sup>s 33117, 30414 e 33142 do Museu Britânico, publicados por Strassmaier sob os n<sup>o</sup>s 369, 411 e 419.

<sup>39</sup>Segundo um outro texto, B.M. 55920. Veja Wiseman, *op. cit.*, pág. 39.

<sup>40</sup>Veja a discussão e o mapa de Wiseman, *op. cit.*, págs. 39 ss.

<sup>41</sup>*Ibid.*, pág. 39.

<sup>42</sup>E. F. Weidner, "Jojachin, Koning von Juda in babylonischen Keilschriften", *Mélanges Syriens*, II (1938), 935.

<sup>43</sup>S. Langdon, *Die neubabylonischen Königsinschriften* (1912), Nabonid n<sup>o</sup> 8.

<sup>44</sup>A. T. Olmstead, *History of the Persian Empire* (University of Chicago Press, 1948), pág. 35.

Os interesses religiosos do novo rei não estavam arraigados na Babilônia, mas em Harã, onde seus pais adoravam devotadamente o deus-lua, Sin. Desde a destruição do templo de Sin, em Harã, em 610 a. C., que foi cuidadosamente atribuída aos medos, esse culto não fora restaurado. Nabonido, convenientemente, estabeleceu um tratado com Ciro, que se rebelara contra os medos, de modo que o líder babilônico foi capaz de restaurar o culto de Sin, em Harã. Ele se concentrou nos seus interesses religiosos com devoção tal que, por diversos anos, suspendeu a celebração do Ano Novo em Babilônia, não comparecendo à procissão em honra a Marduque.<sup>45</sup> Esse ritual de todos os anos sempre produziu lucrativos dividendos na forma de negócios e comércio para os negociantes da Babilônia. Assim, a suspensão da festividade durante vários anos ofendeu não somente os sacerdotes, mas também os líderes comerciais dessa grande cidade. O resultado foi que, por volta de 548 a. C., Nabonido foi forçado a delegar sua autoridade a Belsazar, retirando-se para a cidade de Tema, na Arábia. Ali Nabonido manifestou interesse pelo comércio de caravanas, bem como pela promoção do culto ao deus-lua.<sup>46</sup>

Embora Nabonido tenha negligenciado a cidade de Babilônia, tentou manter o império. Em 554 a. C., ele enviou exércitos a Hume e às montanhas de Amanó, bem como ao sul, através da Síria; pelos fins de 553 a. C., ele matara o rei de Edom. Dali ele avançou para Tema, onde erigiu um palácio. Algum tempo depois, a Belsazar foi entregue o controle de Babilônia, visto que a crônica acerca de cada ano, de 549 a 545 a. C., começa com a declaração que o rei estava em Tema.<sup>47</sup>

Entretantes, Ciro avançara contra a Média. Por volta de 550 a. C., ele conseguira impor-se e conquistara Ecbatana, reivindicando domínio sobre a Assíria e até mais adiante, envolvendo o Crescente Fértil. Três anos mais tarde projetou seus exércitos através dos portões da Cilícia até o interior da Capadócia, onde se defrontou com Croeso, da Lídia, em batalha indecisiva. Embora o equilíbrio de poder tivesse sido suficientemente perturbado quando Ciro sobrepujou aos medos, de maneira tal que Nabonido, da Babilônia Amasis, do Egito, e Croeso tinham formado uma aliança, nenhum desses últimos aliados estava presente para prestar sua ajuda.<sup>48</sup> Croeso retrocedeu para Sardes, na esperança de que na primavera seguinte receberia reforços suficientes para derrotar o inimigo. Embora o inverno já estivesse começando, Ciro avançou para oeste, em direção a Sardes, em movimento de surpresa, e capturou Croeso no outono de 547 a. C. Estando vencido esse adversário mais ocidental, Ciro retornou à Pérsia.

Sem dúvida esses acontecimentos perturbaram seriamente a Nabonido, e ele regressou à Babilônia. Até 546 a. C., a festividade do Ano Novo não vinha sendo observada por determinado número de anos, por causa da ausência do rei; prevaleciam o desgoverno e a corrupção política, e o povo era vitimado pelas dificul-

<sup>45</sup>Segundo a crônica de Nabonido, o rei esteve em Tema durante os anos sétimo a décimo primeiro, pelo que a festividade não pôde ser observada. Essa crônica foi pela primeira vez publicada por T. G. Pinches, *Transactions of the Biblical Society of Archaeology*, vii (Londres, 1882), 139 ss., por Sidney Smith, *Babylonian Historical Texts, Relating to the Downfall of Babylon* (Londres, 1924), págs. 110 ss., e por A. Leo Oppenheim em *Ancient Near Eastern Texts*, ed. por P. Pritchard (Princeton, 1950), págs. 305 ss.

<sup>46</sup>O tráfico em caravanas é mencionado em Jó 6:19 e Is 21:4. Note-se igualmente a referência a Tema, em Gên. 25.15.

<sup>47</sup>R. P. Dougherty, *Nabonidus and Belshazzar* (Londres: H. Milford, Oxford University Press, 1929), págs. 114 ss.

<sup>48</sup>A. T. Olmstead, *History of the Persian Empire* (Chicago, 1948), págs. 34 ss.

dades econômicas.<sup>49</sup> Em anos subsequentes, Ciro foi ampliando seu império às custas de território iraniano, ao mesmo tempo que as cidades como Susã, sob a liderança de Gobrias, se rebelavam contra a aliança entre Ciro e a Babilônia. Em desespero, Nabonido resgatou algumas das divindades dessas cidades e as trouxe para Babilônia.

No dia de Ano Novo, em abril de 539 a. C., Nabonido fez uma tentativa para celebrar devidamente a festividade.<sup>50</sup> Embora tivessem sido trazidas muitas divindades de cidades circunvizinhas, os sacerdotes de Marduque e Nebo não atenderam entusiasticamente em apoio ao monarca. Em cerca de 11 de outubro de 539 a. C., a cidade de Sipar temia de tal modo a Ciro que se rendeu sem oferecer batalha. Dois dias mais tarde Gobrias tomava Babilônia com as tropas de Ciro. Apesar de que Belsazar foi executado, Nabonido talvez tivesse escapado; mas subsequentemente foi capturado, e evidentemente recebeu tratamento favorável após ter sido solto. Antes do fim de outubro, Ciro entrou pessoalmente em Babilônia, como vitorioso e conquistador.<sup>51</sup>

### **Pérsia — 539-400 a. C.**

Na primeira fase do primeiro milênio a.C., sucessivas ondas de tribos arianas invadiram e se instalaram no platô iraniano.<sup>52</sup> Eventualmente, emergiram dois grupos que se tornaram historicamente importantes: os medos e os persas.

Sob a dinâmica liderança de Ciaxares, a Média se impôs como uma ameaça à supremacia assíria durante a última metade do século VII a. C., as forças combinadas da Média e da Babilônia destruíram Nínive. O matrimônio de Nabucodonosor com a filha de Ciaxares selou essa aliança, de tal modo que prevaleceu delicado equilíbrio de poder durante todo o período de expansão e supremacia babilônico.

### *Ciro o Grande — 559-530 a. C.*

A Pérsia se tornou potência internacional de primeira categoria sob Ciro o Grande.<sup>53</sup> Subiu ao trono em 559 a. C., como vassalo da Média, estando sob seu controle tão-somente a Pérsia e certo território elamita conhecido como Ansã. Mas havia reinos que ele poderia conquistar. Astíages (585 - 550 a. C.) exercia um governo fraco sobre o império medo. A Babilônia continuava poderosa sob Neriglissar, mas começou a demonstrar sinais de debilidade, quando Nabonido negligenciou as questões de estado para dedicar seu tempo à restauração da adoração à lua, em Harã. A Lídia, no oeste distante, se aliara à Média, ao passo que Amasis, do Egito, estava nominalmente debaixo do controle da Babilônia.

No começo de seu reinado, Ciro consolidou as tribos persas ao seu redor. Ato contínuo, entrou em pacto com a Babilônia, contra a Média. Quando Astíages,

<sup>49</sup>Dougherty, *Records from Erech, Time of Nabonidus* (Yale Oriental Series Babylonian Texts, vol. 6, 1930, Yale University Press), n° 154.

<sup>50</sup>Veja a crônica de Nabonido, referência citada.

<sup>51</sup>Quanto à cronologia, veja Parker e Dubberstein, *op. cit.*, pág. 11.

<sup>52</sup>Ernst Herzfeld, *Archaeological History of Iran* (1935), pág. 8. Veja também R. Ghirshman, *Iran from the Earliest Times to the Islamic Conquest*, trad. do francês (Baltimore: Harmondsworth, Penguin books, 1954).

<sup>53</sup>A Pérsia foi o primeiro verdadeiro império mundial. Diferente de impérios anteriores, a Pérsia incluía muitas raças - vários grupos semitas, medos, armênios, gregos, egípcios, indianos e os próprios persas. Os fatores que capacitaram os persas a conservar essa diversidade com certa semelhança de unidade, por mais de 200 anos, foram: (1) organização eficaz, (2) forte exército, (3) tolerância persa, (4) excelente sistema de estradas.

# ○ IMPÉRIO PERSA

ca. 500 a.C.





governante dos medos, tentou suprimir o levante, seu próprio exército se rebelou e entregou seu reino a Ciro. Na subordinação à Pérsia, daí resultante, os medos continuaram a desempenhar um importante papel (cf. Et 1:19; Dn 5:28, etc.).

Proveniente do ocidente, Croeso, o notoriamente rico soberano da Lídia, atravessou o rio Halis a fim de desafiar o poder persa. Deixando para trás Babilônia, na primavera de 547 a. C., Ciro avançou ao longo do rio Tigre e atravessou o rio Eufrates, entrando na Capadócia. Quando Croeso rejeitou os gestos conciliatórios de Ciro, os dois exércitos se chocaram em batalha indecisiva. Visto que se aproximava o inverno, Croeso despediu seu exército e retrocedeu para sua capital, em Sardis, com um mínimo de força protetora. Antecipando que Ciro o atacaria na primavera seguinte, ele solicitou ajuda da Babilônia, do Egito e da Grécia. Em movimento surpreendente, Ciro avançou imediatamente para Sardes. <sup>1</sup>Croeso contava com uma cavalaria superior, mas faltava-lhe a infantaria necessária para resistir ao ataque. Astutamente, Ciro colocou camelos espalhados defronte de suas próprias tropas. Assim que os cavalos lídios farejavam os camelos, caíam em pânico e não podiam mais ser dominados. Dessa forma os persas conseguiram uma vantagem e puseram o adversário em fuga. Apossando-se seguramente de Sardes e Mileto, Ciro deu solução a seu encontro com os gregos, na fronteira ocidental, e retornou para o oriente, a fim de conquistar outras terras. <sup>54</sup>

No oriente, Ciro lançou vitoriosamente os seus exércitos na direção dos rios Oxo e Jaxartes, reivindicando território da Sogdi e estendendo a soberania persa até às fronteiras com a Índia. <sup>55</sup> Antes de regressar à Pérsia, havia duplicado as dimensões de seu império.

Em seguida, Ciro dirigiu a atenção para as ricas férteis planícies da Babilônia, onde uma população insatisfeita ante as reformas de Nabonido estava pronta a dar as boas-vindas ao conquistador. Ciro sentiu que o tempo da invasão estava maduro e não desperdiçou tempo, dirigindo suas tropas através dos passos nas montanhas, e seguindo daí para as planícies de aluvião. Quando várias cidades mais afastadas, como Ur, Larsa, Ereque e Quis cederam diante da conquista persa, Nabonido resgatou as divindades locais e as levou embora, a fim de pô-las em segurança na grande cidade de Babilônia, que supostamente seria inexpugnável. Mas os babilônios retrocederam perante o invasor que investia. Dentro em pouco, Ciro firmou-se como rei da Babilônia.

Na Babilônia, Ciro foi saudado como grande libertador. As divindades que haviam sido retiradas das cidades ao redor foram restauradas a seus templos locais. Não somente Ciro honrou a Marduque como o deus que o entronizara como soberano da Babilônia, mas também permaneceu ali por vários meses, com o intuito de celebrar a festividade do Ano Novo. <sup>56</sup> Isso era politicamente expediente para garantir-lhe o apoio popular, enquanto ele assumia o controle do vasto império babilônico, que se espalhava para o ocidente através da Síria e da Palestina, até às fronteiras com o Egito.

<sup>54</sup>Olmstead, *op. cit.*, pág. 41. Cf. também Heródoto i. 71 ss.

<sup>55</sup>Olmstead, *op. cit.*, págs. 46-49.

<sup>56</sup>Pritchard, *op. cit.*, págs. 315 - 316.

Os assírios e babilônicos se notabilizaram por seu costume de transportar povos conquistados para alguma terra estrangeira. O reverso dessa política distinguia a Ciro como libertador bem acolhido pelo povo. Ele encorajou povos desarraigados a voltarem às suas respectivas terras de origem, devolvendo-lhes suas divindades e seus templos.<sup>57</sup> Os judeus, cuja capital e cujo templo continuavam em ruínas, estavam entre aqueles que foram beneficiados pela benevolência de Ciro.

Em 530 a. C., Ciro conduziu seu exército para a fronteira norte. Quando invadia o território para além do rio Araxes, a oeste do mar Cáspio, foi fatalmente ferido em batalha. Cambises fez o cadáver de seu pai ser transportado de volta a Pasargade, capital da Pérsia, para ser sepultado condignamente.

O túmulo que Ciro mandara construir para si mesmo continua de pé sobre uma plataforma em uma elevação de pouco mais de 5 m, com seis degraus que descem para um pavimento retangular de aproximadamente 13,5 x 14,5 m<sup>58</sup>. Ali Ciro foi colocado em um sarcófago de ouro, que repousava sobre um leito cujos pés eram de ouro trabalhado. Aparelhagem elaborada, jóias dispendiosas, uma espada persa, tapetes babilônicos e outros artigos de luxo foram cuidadosamente guardados no lugar de descanso do grande edificador do império. Circundando o pavimento, havia um canal para além do qual se plantaram belos jardins. Guardas com armas reais montavam guarda perto do túmulo. A cada mês era sacrificado um cavalo ao distinto herói. Dois séculos mais tarde, quando Alexandre o Grande descobriu que o túmulo fora assaltado por vândalos, ordenou que houvesse restauração tanto do corpo como de todos os tesouros.<sup>59</sup> Atualmente, o túmulo vazio dá testemunho da grandeza de Ciro, que conquistou para os persas o seu império, mas que eventualmente invejaram o lugar de descanso que ele preparara tão elaboradamente.

#### *Cambises — 530-522 a. C.*

Quando Ciro deixou a Babilônia, em 538 a. C., nomeou seu filho, Cambises, para que representasse o rei da Pérsia no cortejo real, no dia do Ano Novo. Honrando devidamente a Marduque, Nebo e Bel, e conservando em seus postos os oficiais e dignitários do palácio da Babilônia, Cambises conseguiu firmar-se bem na Babilônia, com seu quartel-general em Sipar.

Ante a morte súbita de Ciro, em 530 a. C., Cambises se declarou rei da Pérsia. Após ter conseguido o reconhecimento da parte das muitas províncias que seu pai trouxera para debaixo do controle persa, Cambises voltou a atenção para a conquista do Egito, que ainda jazia fora das fronteiras do império.

Durante muitos anos Amasis tinha podido antecipar os sonhos imperialistas da Pérsia. Em 547 a. C., talvez ele tenha firmado um pacto com Croeso. Também desenvolveu amizades e buscou coligar-se com os gregos.

A caminho do Egito Cambises acampou-se em Gaza, onde adquiriu camelos dos nabateus<sup>60</sup> para encetar a marcha de 88 km através do deserto. Dois homens, que assim traíram a Amasis, lançaram sua sorte com o conquistador persa. Fa-

<sup>57</sup>O cilindro de Ciro, em *ibid.*, págs. 315-316. Aparentemente Astiages, da Média, Croeso, da Lídia, e Nabonido, da Babilônia foram bem tratados por Ciro. Segundo Robert William Rogers, *History of Ancient Persia* (Nova Iorque, 1929), pág. 49, Croeso foi nomeado para Barene, na Média, onde receberia rendimentos principescos em um estado semi-real, com uma guarda de 5 mil cavaleiros e 10 mil infantess.

<sup>58</sup>Veja *ibid.*, pág. 69, quanto a uma bibliografia sobre o túmulo de Ciro. A melhor discussão, a crer em Rogers, acha-se em *Persia, Past and Present*, por A. W. Williams Jackson, págs. 278-293.

<sup>59</sup>Arrianos, *Anabasis* 6.29, conforme tradução de E. I. Robson em *Leob Classical Library* (1929-1933), II, 197.

<sup>60</sup>Segundo Olmstead, *op. cit.*, pág. 88, essa é a primeira menção aos nabateus. Veja Heródoto iii.4ss.

nes, um mercenário grego importante, desertou das fileiras de Faraó e supriu a Cambises importantes informações militares. Polícrates de Samos quebrou sua aliança com Amasis, tendo ido engrossar o exército de Cambises com tropas e navios gregos.

Quando chegou ao delta do Nilo, Cambises ficou sabendo que o idoso Amasis tinha falecido. O novo Faraó, Psamético III, filho de Amasis, partiu com mercenários gregos e soldados egípcios a fim de atacar a força intrusa. Na batalha de Pelúcio (525 a. C.) os egípcios foram decisivamente derrotados pelos persas. Embora Psamético tenha procurado pôr-se em segurança na cidade de Mênfis, não pôde escapar de seus perseguidores. Cambises conferiu um tratamento favorável ao cativo; porém, mais tarde, Psamético tentou rebelar-se, e foi executado. O vitorioso invasor apropriou-se dos títulos da realeza egípcia, e fez-se representar nos monumentos como um Faraó.

Durante os próximos poucos anos Cambises cultivou a amizade dos gregos, a fim de promover o lucrativo comércio que eles traziam ao Egito. Essa providência ampliou o domínio persa para a metade mais progressista e rica do mundo grego.<sup>61</sup> Cambises também tentou expandir seus domínios para oeste, até Cartago, e para o sul, até a Núbia e a Etiópia, mediante a força militar, mas fracassou nessas tentativas.

Deixando o Egito sob Ariandes, como sátrapa, Cambises deu início a seu retorno à Pérsia. Perto do monte Carmelo, chegaram-lhe notícias de que um usurpador, de nome Gaumata, se apossara do trono persa. A reivindicação de Gaumata, de que era Esmerdis, um outro filho de Ciro, a quem Cambises executara previamente,<sup>62</sup> deixou Cambises tão perturbado que ele cometeu suicídio. Por oito meses Gaumata segurou as rédeas do governo. O fim de seu reinado de tão curta vida precipitou revoltas em diversas províncias.

#### *Dario I — 522 - 486 a. C.*

Dario I, também conhecido como Dario o Grande, salvou o império persa em um período crítico. Tendo servido no exército sob Ciro, ele se tornara o portador-de-lança de Cambises, no Egito. Quando o governo deste último terminou abruptamente, a caminho entre o Egito e a Pérsia, Dario se precipitou para o ocidente. Executou Gaumata em setembro de 522 a. C., e se apossou do trono. Três meses mais tarde, a Babilônia, que se rebelara, caiu sob seu controle.<sup>63</sup> Após dois anos de lutas ferozes, ele dissipou toda oposição na Armênia e na Média.

Dario regressou ao Egito, como rei, em 519 - 518 a. C.<sup>64</sup> Não se sabe, porém, quais contactos ele fez com a colônia judaica em Jerusalém. No começo de seu reinado, ele deu permissão a que reiniciasse a reconstrução do templo (veja Ed 6:1 e Ag 1:1). Visto que essa obra terminou em 515 a. C., parece razoável supormos que a marcha persa através da Palestina não afetou o estado de coisas em Jerusalém.<sup>65</sup> No Egito, Dario ocupou Mênfis sem grande oposição, e reinstalou Ariandes como sátrapa.

<sup>61</sup>Olmstead, *op. cit.*, pág. 88.

<sup>62</sup>Rogers, *op. cit.*, pág. 71.

<sup>63</sup>Quanto a datas, veja Parker and Dubberstein, *op. cit.*, pág. 13.

<sup>64</sup>Cf. R. A. Parker, "Darius and His Egyptian Campaign", *American Journal of Semitic Language and Literatures*, LVIII (1941), 373 ss.

<sup>65</sup>Olmstead, *op. cit.*, pág. 142, usa o argumento do silêncio para supor que Zorobabel se rebelou e foi executado, porquanto não é subsequentemente mencionado em qualquer registro. Albright, *The Biblical Period*, pág. 50, assevera que visto que nada se sabe sobre a morte de Zorobabel, não há razão para supormos que ele tivesse sido desleal para com Dario.

Em 513 a. C., Dario dirigiu pessoalmente seus exércitos na direção oeste, atravessando o Bósforo e o rio Danúbio, para ir ao encontro dos citas, que desciam das estepes da Rússia.<sup>66</sup> Tal aventura mostrou estar fadada ao fracasso, mas ele retornou e conseguiu adicionar a Trácia ao seu império, tendo passado o ano seguinte em Sardes. Isso deu início a uma série de choques com os gregos. O controle persa sobre as colônias gregas evoluiu até tornar-se em um conflito que, por fim, mostrou-se desastroso para os persas. A progressão dos persas para o ocidente foi abruptamente freada em uma derrota crucial, em Maratona, no ano de 490a. C.

Dario obtivera êxito na supressão de rebeliões, mas também era um gênio administrativo. Demonstrou isso ao organizar seu vasto império em vinte satrapias.<sup>67</sup> A fim de fortalecer internamente o seu império ele promulgou leis em nome de Auramazda, a divindade do zoroastrismo que era simbolizada pelo disco alado. Dario intitulou seu manual de leis de **Decreto dos Bons Regulamentos**. Seus estatutos exibiam dependência dos códigos mesopotâmicos anteriores, especialmente o de Hamurabi.<sup>68</sup> Para efeito de divulgação entre seu povo, essas leis foram escritas em aramaico, em pergaminho. Um século mais tarde, Platão reconheceu Dario como o grande legislador dos persas.

Uma excepcional propensão para a arquitetura levou Dario a realizar extraordinários projetos de construção nas capitais e noutras localidades. Ecbatana, que fora a capital da Média nos dias antigos, tornou-se então a residência de verão favorita ao rei, ao passo que Susã servia de residência preferida no inverno.

Persépolis, a 40 km a sudoeste de Pasargade, foi desenvolvida para tornar-se a mais importante cidade do império persa. Dario preparou um túmulo escavado na rocha, muito elaborado, para si mesmo, em um penhasco próximo de Persépolis. Na mui afastada terra do Egito, ele promoveu a construção de um canal entre o mar Vermelho e o rio Nilo.<sup>69</sup>

Susã, a cerca de 100 km ao norte da boca do rio Tigre, estava centralmente localizada para propósitos administrativos. Da planície entre os rios Coaspes e Ulai, Dario fez produtivos pomares, por meio de um eficiente sistema de canais. O elaborado palácio real, iniciado por Dario e decorado por seus sucessores, foi o maior monumento persa dessa cidade. De conformidade com uma inscrição feita a mando de Dario, esse palácio foi adornado com cedros do Líbano, marfim da Índia e prata do Egito.<sup>70</sup> Hoje em dia pouco resta dessa estrutura além de um mero esboço dos átrios e pavimentos. Devido a um verão excessivamente quente, Susã não era localização ideal para servir de capital permanente.

Persépolis, primeira cidade do império persa, era sua capital mais impressionante. O palácio de Dario, intitulado Tecara, fora iniciado por ele, embora tivesse sido ampliado e completado por governantes sucessivos. Colunas dessa tremenda estrutura ainda dão testemunho sobre a construção e arte dos persas.<sup>71</sup>

<sup>66</sup>Veja Rogers, *op. cit.*, pág. 118.

<sup>67</sup>Quanto a uma discussão, veja *Cambridge Ancient History*, IV, 194 ss.

<sup>68</sup>Quanto a um confronto entre as leis de Dario e o código de Hamurabi, veja Olmstead, *op. cit.*, págs. 119-134.

<sup>69</sup>Veja R. G. Kent em *Journal of Near Eastern Studies*, págs. 415-421.

<sup>70</sup>Cf. J. M. Unlawa, *A Survey of Persian Art.*, vol. I, pág. 339.

<sup>71</sup>Persépolis foi escavada pelo Instituto Oriental da Universidade de Chicago, em 1931-1934 e em 1935-1939. Quanto a um relato sobre a primeira expedição, veja Ernst Herzfeld, *op. cit.*, e quanto à última veja Erich F. Schmidt, *The Treasury of Persepolis and Other Discoveries in the Homeland of the Achaemenians* no *Oriental Institute Communications*, 21 (1939), 14 ss.

Persépolis estava estrategicamente fortificada por uma tríplice defesa. Na crista da “Montanha da Misericórdia”, onde fora construída a grande capital, havia uma fileira de muralhas e torres. Para além havia a vasta planície que atualmente é conhecida como Marv Dasht.

Notabilíssimo entre as inscrições persas há o memorial esculpido na rocha, perto de Beistum. O grande alto relevo que representa a vitória de Dario sobre os rebeldes é completado por três inscrições em escrita cuneiforme em persa antigo, acadiano ou babilônio e elamita. Visto que o painel de vitória foi esculpido na superfície de um penhasco que está a 150 m acima da planície, com apenas uma estreita saliência mais abaixo, a inscrição continuou a existir por dois milênios antes de haver sido interpretada. Em 1835, Sir Henry C. Rawlinson copiou e decifrou esse registro - assegurando para os eruditos modernos a chave para que fosse decifrada a linguagem babilônica e aumentassem os nossos conhecimentos sobre a Pérsia.<sup>72</sup> Uma cópia aramaica dessa inscrição, entre os papiros descobertos em Elefantina, no Egito, indica que ela circulou amplamente por todo o império persa.

#### *Xerxes I — 486 - 465 a. C.*

Xerxes foi o herdeiro escolhido para ocupar o trono persa quando Dario faleceu, em 486 a. C. Por doze anos ele servira como vice-rei, na Babilônia, sob o governo de seu pai. Quando ele subiu ao trono do império, havia projetos de construção ainda incompletos, reformas religiosas a serem feitas e movimentos rebeldes em diversas regiões de seu domínio e que exigiam atenção.

Entre as cidades rebeldes que foram severamente punidas por Xerxes, estava enumerada Babilônia. Ali, em 482 a. C., as fortificações erigidas por Nabucodonosor foram destruídas, o templo de Esagila foi arrasado, e a estátua de ouro sólido de Marduque, com cerca de 360 kg, foi retirada e fundida para a cunhagem de moedas. A Babilônia perdeu sua identificação, ao ser incorporada no império persa juntamente com a Assíria.<sup>73</sup>

Embora estivesse vitalmente interessado em dar prosseguimento ao programa de construções em Persépolis, Xerxes anuiu ante conselheiros insistentes e dirigiu insistentemente suas energias para a empresa de expandir as fronteiras no-roestes do império. À testa de seu gigantesco exército persa, ele avançou contra a Grécia com apoio de sua marinha, composta de unidades fenícias, gregas e egípcias. O exército sofreu reverses nas Termópilas, a frotilha foi derrotada em Salamina e, finalmente, os persas foram decisivamente postos em debandada em Platéia, bem como no cabo Micalé. Em 479 a. C., Xerxes retrocedeu para a Pérsia, desistindo de conquistar a Grécia.

De volta à pátria, Xerxes reiniciou seu programa de construções. Em Persépolis, ele completou a Apadana, onde treze das setenta e duas colunas que suportavam o telhado desse espaçoso auditório continuavam de pé. Na escultura, Xerxes exibiu o que havia de mais excelente na Pérsia. Essa foi magnificamente exibida quando ele adornou as escadarias do Apadana com figuras esculpidas de guardas susianas e persas.

Embora Xerxes fosse inferior como líder militar, e embora sempre venha a ser lembrado por causa de sua derrota na Grécia, ele fez sombra a seus antecessores

<sup>72</sup>Veja H. C. Rawlinson, *The Persian Cuneiform Inscription at Behistun (1846)*. Mais recentemente, George Cameron fez novas fotografias. Veja *Journal of Near Eastern Studies*, 2 (1943), 115 ss.

<sup>73</sup>Veja Olmstead, *op. cit.*, págs. 236-237.

como construtor. A crédito seu é que Persépolis se tornou a notável cidade dos reis persas, excedendo às demais nos campos da escultura e da arquitetura.

Em 465 a. C., Xerxes foi assassinado por Artabano, chefe da guarda do palácio. Foi sepultado no túmulo escavado na rocha, próximo ao túmulo de Dario o Grande.

#### *Artaxerxes I — 464 - 425 a. C.*

Com apoio do assassino, Artabano, Artaxerxes Longânimo subiu ao trono de seu pai. Depois de haver-se desvencilhado de outros aspirantes ao trono, ele suprimiu com sucesso as rebeliões no Egito (460 a. C.) e na Síria (448 a. C.). Os atenienses negociaram com ele um tratado, por meio do qual ambas as partes concordaram em manter o **status quo**. Durante seu reinado, Esdras e Neemias viajaram a Jerusalém, com a aprovação do monarca, a fim de ajudarem aos judeus.

A dinastia caiu em declínio no período dos reis sucessores, Dario II (423 - 404 a. C.) e Artaxerxes II (404 - 359 a. C.) Artaxerxes III (359 - 338 a. C.) efetuou o ressurgimento da unidade e do poder, mas o fim não tardou a ocorrer. Durante o governo de Dario III, Alexandre o Grande, com táticas militares superiores, quebrou o poder do exército persa (331 a. C.) e incorporou o Oriente Próximo a seus domínios.

#### **Condições do Exílio e Esperanças Proféticas**

Os dois últimos séculos do Antigo Testamento representam uma era de condições de exílio para a maior parte do povo de Israel. Quando da conquista babilônica sob Nabucodonosor, muitos cativos israelitas foram levados para a Babilônia. Após a destruição de Jerusalém, outros judeus migraram para o Egito. Embora alguns dos exilados houvessem retornado da Babilônia, depois de 539 a. C., a fim de restabelecerem o estado judaico em Jerusalém, nunca mais recuperaram a posição de independência e reconhecimento internacional de que Israel desfrutara sob o governo davídico.

A transição do estado nacional para o exílio babilônico foi algo gradual para o povo de Judá. Pelo menos por quatro vezes, durante os dias de Nabucodonosor, cativos de Jerusalém foram levados para a Babilônia.

De acordo com Beroso, o rei babilônico Nabopolassar enviou seu filho, Nabucodonosor, em 605 a. C., para abafar a rebelião que rebentara no ocidente.<sup>74</sup> Durante essa campanha, Nabucodonosor recebeu notícias do falecimento de seu pai. Deixando os cativos de Judá, da Fenícia e da Síria com seu exército, Nabucodonosor voltou rapidamente para instalar-se no trono da Babilônia. As evidências bíblicas (veja Dn 1:1) datam esse acontecimento no terceiro ano de Jeoaquim, que continuou governando em Jerusalém durante mais oito anos depois dessa crise.<sup>75</sup> A extensão desse cativeiro não é indicada, mas Daniel e seus amigos se encontravam entre os membros da família real e da nobreza que foram levados para o exílio nessa ocasião. Dentre os cativos israeli-

<sup>74</sup>Josefo, *Contra Apion* i. 132-139; *Antiguidades* x. 219 - 223. Mais recentemente confirmado pelo tablete n° 21946, do Museu Britânico. Veja Wiseman, *op. cit.*, pág. 26 Cf. também D. Winton Thomas, *Documents from Old Testament Times*, págs. 78 - 79.

<sup>75</sup>Os eruditos que datam o livro de Daniel no século II a. C., não consideram Daniel como uma personagem histórica, nem aceitam essa referência como historicamente fidedigna. Cf. Anderson, *Understanding the Old Testament*, pág. 515-530. Também *Interpreter's Bible*, VI, "Daniel", págs. 355 ss.

tas foram separados moços para serem treinados na corte para futuro serviço do rei. Algumas das experiências de Daniel e seus associados, na corte de Babilônia, são bem conhecidas mediante as narrativas de Dn 1 - 5.

A segunda invasão de Judá pelos babilônios ocorreu em 597 a. C. Essa foi a invasão mais crucial para o reino do Sul. Ao negar o pagamento de tributo à Babilônia, Jeoaquim invocou a calamidade. Visto que Nabucodonosor estava atarefado algures, incitou os estados circunvizinhos para que atacassem Jerusalém. Evidentemente Jeoaquim foi morto durante um desses assaltos, deixando o trono davídico nas mãos de seu filho Joaquim, então com dezoito anos de idade. O reinado deste último, que perdurou três meses, terminou abruptamente quando ele se rendeu às hostes babilônicas (veja 2 Rs 24:10-17). Fontes informativas babilônicas confirmam que essa invasão teve lugar em março de 597 a. C.<sup>76</sup> As cartas de Laquis, por igual modo, indicam uma invasão da Judéia por essa época.<sup>77</sup> Não somente o rei foi tomado cativo, mas com ele foram levadas milhares de personagens liderantes de Jerusalém, como artífices, ferreiros, oficiais superiores, príncipes e homens de guerra. Zedequias, um tio de Joaquim, foi deixado a governar o populacho mais humilde que fora deixado na região.

O cativo do rei Joaquim não impediu que os cidadãos de Judá, bem como os exilados, o considerassem seu rei legítimo. Asas de jarros estampadas, escavadas na antiga Debir e em Bete-Semes, em 1928 - 1930, indicam que o povo costumava manter propriedades em nome de Joaquim, até mesmo durante o reinado de Zedequias.<sup>78</sup> Textos cuneiformes, descobertos em Babilônia, aludem a Joaquim como rei de Judá.<sup>79</sup> Quando Jerusalém foi posteriormente destruída, os filhos de Joaquim receberam rações que lhes tinham sido designadas por supervisão real; no entanto, os filhos de Zedequias foram todos mortos. Embora Jerusalém conservasse certa semelhança de governo por mais onze anos, o cativo de 597 a. C. exerceu efeito devastador sobre a terra de Judá.

Em 586 a. C., a terra suportou a violência de mais uma invasão, com resultados ainda mais drásticos e medonhos. Jerusalém e seu templo foram destruídos. Judá deixou de existir como um estado nacional. Com Jerusalém em ruínas, a capital foi abandonada pelo povo que permanecera na terra. Sob a liderança de Gedalias, que fora nomeado governador de Judá, por Nabucodonosor, o remanescente gravitou para Mispa (veja 2 Rs 24:2 e Jr 40:14). No espaço de mais alguns poucos meses Gedalias foi assassinado por Ismael, e o desencorajado remanescente migrou para o Egito. Ao longo da estrada poeirenta, palmilhava junto com eles o profeta Jeremias.

Uma quarta deportação é mencionada no trecho de Jr 52:30. Josefo<sup>80</sup> anuncia que mais judeus ainda foram levados cativos para Babilônia, em 582 a. C., quando Nabucodonosor subjugou o Egito.

De conformidade com Beroso, às colônias judaicas foram determinadas localizações apropriadas por toda a Babilônia, segundo fora prescrito por Nabuco-

<sup>76</sup>Wiseman, *op. cit.*, pág. 33.

<sup>77</sup>Veja C. F. Whitley, *The Exilic Age* (Londres: Westminster Press, 1957), pág. 61.

<sup>78</sup>W. F. Albright, "The Seal of Eliakim and the Latest Pre-Exilic History of Judah", *Journal of Biblical Literature*, 51 (1932).

<sup>79</sup>E. F. Weidner, "Jejachin-König von Juda in babylonischen Keilschrifttexten", *Mélanges Syriens offerts à Monsieur René Dussaud*, II (1939), 923 - 935. Cf. também D. Winton Thomas, *op. cit.*, págs. 84-86.

<sup>80</sup>*Antiquities*, x, 9,7.

donosor. O rio Quebar, perto do qual Ezequiel teve sua primeira visão e chamada profética (veja Ez 1:1), tem sido identificado como o canal de Nar Cabari, perto de Babilônia.<sup>81</sup> Tel-Abibe (veja Ez 3:15), outro centro de cativo, presumivelmente estava nas mesmas circunvizinhanças.

Nabucodonosor centralizou esforços no embelezamento da cidade de Babilônia de tal maneira que os gregos vieram a reconhecê-la como uma das maravilhas do mundo antigo. Não há razão para duvidar-se de que aos cativos judeus foi determinado que trabalhassem na grande capital.<sup>82</sup> Os textos de Weidner mencionam nomes judaicos, juntamente com os de artífices hábeis de outras nações, que foram utilizados por Nabucodonosor na bem sucedida empresa de tornar sua capital mais impressionante do que já o fora qualquer cidade assíria.<sup>83</sup> Desse modo, o rei da Babilônia fez uso sábio dos artífices, profissionais e operários especializados que haviam sido capturados em Jerusalém.

As cercanias de Babilônia podem ter sido, a princípio, centro da colonização judaica, mas os cativos se foram espalhando pelo império à medida em que lhes foi concedida maior liberdade pelos babilônios, e, mais tarde, pelos persas. Escavações feitas em Nipur trouxeram a luz tablets que contêm nomes comuns nos registros de Esdras-Neemias, indicando que ali existira uma colônia judaica, nos tempos do exílio.<sup>84</sup> Nipur, cerca de 100 km a sudeste de Babilônia, continuou sendo uma comunidade judaica até sua destruição, que se deu por volta do ano 900 d. C.<sup>85</sup> Outros lugares assinalados como povoados judeus são Tel-Melá e Tel-Harsa (veja Ne 7:61), Aava e Casifia (veja Ed 8:15,17). Em adição a essas localidades, Josefo menciona Neerda e Nisibis, em algum lugar ao longo do rio Eufrates (veja **Antiquities** 18.9).

As saudades da pátria permeavam os sentimentos dos exilados. Isso foi especialmente verdadeiro enquanto permaneceu intacto o governo de Jerusalém. Falsos profetas fomentaram um espírito de revolta na Babilônia, com o resultado que dois rebeldes judeus perderam a vida nas mãos dos carrascos de Nabucodonosor (veja Jr 29). Pouco depois do cativo de 597 a. C., Hananias predisse que no prazo de dois anos os judeus conseguiriam quebrar a canga babilônica (veja Jr 28). Nos seus dias, Ezequiel também encontrou quem incitasse os judeus à insurreição (veja Ez 13). Jeremias, que era bem conhecido dos cativos, devido a seu longo ministério em Jerusalém, escreveu cartas aconselhando-os a se estabelecerem na Babilônia, a edificarem casas, a plantarem vinhas e planejarem para um período de cativo de setenta anos (veja Jr 29).

Quando se dissiparam as esperanças de retorno imediato, ante a queda e destruição de Jerusalém, em 586 a. C., os judeus exilados se resignaram a um prolongado cativo, conforme Jeremias predissera. Nomes babilônicos como Imer e Querube (veja Ne 7:61) sugerem, para Albright, que os judeus assumiram um modo de vida pastoril e agrícola, na fértil planície ao longo do rio Eufrates.<sup>86</sup> Os judeus também se envolveram em empreendimentos comerciais por todo o

<sup>81</sup>H. V. Hilprecht, *Explorations of Bible Lands* (Edinburgo, 1903), pág. 412.

<sup>82</sup>Whitley, *op. cit.*, págs. 61 ss.

<sup>83</sup>Pritchard, *op. cit.*, (2ª ed.; Princeton, 1955), pág. 308.

<sup>84</sup>H. V. Hilprecht e A. T. Clay, *Babylonian Expedition of the University of Pennsylvania*, série A, vols. 9-10 (1898, 1904).

<sup>85</sup>Whitley, *op. cit.*, pág. 70. Cf. James A. Montgomery, *Aramaic Incantation Texts from Nippur* (Filadélfia, 1913).

<sup>86</sup>"The Seal of Jehoiaquim", *Journal of Bible Literature*, 51 (1932), 100.



império. Registros provenientes do século V a. C. indicam que se tinham tornado muito ativos em negócios e comércios centralizados em Nipur.<sup>87</sup>

Linguisticamente, os judeus enfrentaram um problema novo. Antes mesmo dos tempos de Senaqueribe, tribos araméias se haviam infiltrado na Babilônia, tendo se tornado o elemento predominante da população e fazendo com que o aramaico fosse o idioma de uso comum.<sup>88</sup> Desde o século VII a. C. o aramaico se tornara a língua da diplomacia internacional dos assírios (veja 2 Rs 18:17-27).<sup>89</sup> Embora essa transição para um novo idioma tenha criado um problema linguístico para a maioria dos judeus, é bem possível que alguns deles falassem fluentemente o aramaico - de fato, alguns talvez houvessem estudado o aramaico, em Jerusalém. Em adição, os israelitas vindos do reino do Norte, que já se achavam na Babilônia, sem dúvida eram fluentes tanto no hebraico como no aramaico.

A despeito do fato de que as referências são limitadas, as evidências disponíveis revelam que aos cativos foi dado um tratamento favorável. Jeremias dirigiu sua correspondência aos “príncipes de Judá” (Jr 29:2). Ezequiel teve uma entrevista com “os anciãos de Judá” (8:1), indicando que estavam livres para se organizarem para propósitos religiosos. Noutras ocasiões, os “anciãos de Israel” vieram ver Ezequiel (14:1 e 20:1).<sup>90</sup> Ezequiel aparentemente teve a liberdade de efetuar extenso ministério entre os cativos. Ele era casado e vivia em sua própria casa, podendo discutir abertamente com os anciãos sobre assuntos religiosos, quando se encontravam com ele ou vinham à sua casa. Por meio de atos simbólicos em público Ezequiel debatia sobre as fortunas políticas e a condenação do reino do Sul, até que Jerusalém fora destruída, em 586 a. C. Depois disso, continuou encorajando seu povo com as esperanças e perspectivas de um reino davidico restaurado.

As experiências de Daniel e seus companheiros, por semelhante modo, retratam o tratamento favorável conferido aos cativos de Judá. Dentre os primeiros cativos, feitos em 605 a. C., foram selecionados rapazes dentre a nobreza e a família real de Judá, para que fossem educados e treinados na corte babilônica (veja Dn 1:1-7). Por meio da oportunidade de interpretar o sonho de Nabucodonosor Daniel foi projetado a uma posição liderante entre os sábios da Babilônia. A pedido seu, os seus três amigos também foram designados para posições importantes na província de Babilônia. Por todo o longo reinado de Nabucodonosor, pois, Daniel e seus amigos foram recebendo maiores honrarias, através das crises registradas no livro de Daniel. É razoável a suposição de que outros cativos, similarmente, foram incumbidos de posições de responsabilidade na corte babilônica. Daniel foi o terceiro homem de autoridade, durante o período de co-regência de Belsazar e Nabonido.<sup>91</sup> Após a queda de Babilônia, em 539 a. C.,

<sup>87</sup>A. T. Clay, *Business Documents of Murashu Sons of Nippur*, University of Pennsylvania Publications of the Babylonian Section, vol. 2, n° 1 (1912), 1-54.

<sup>88</sup>Evidências conclusivas de que o aramaico substituiu o acadiano como língua diplomática internacional se patenteiam em uma carta aramaica descoberta em Saqqara, no Egito, em 1942, publicada em 1948, na qual um rei da Palestina pede socorro ao Egito. Veja John Bright, “A New Letter in Aramaic written to a Pharaoh in Egypt”, *Biblical Archaeologist*, XII, n° 2 (maio de 1949), 46 ss.

<sup>89</sup>R. A. Bowman, “Arameans, Aramaic, and the Bible”, *Journal of Near Eastern Studies*, 7(1948), 71 - 73.

<sup>90</sup>Oesterly sugere que os israelitas que vinham residindo na Babilônia por mais de um século foram reconhecidos como nacionais, com todos os privilégios da cidadania. Oesterly e Robinson, *Hebrew Religion* (2ª ed., 1937), págs. 283-284.

<sup>91</sup>Dougherty, *Nabonidus and Belshazzar*, pág. 105-200.

Daniel continuou em seus distinguidos serviços ao governo, sob Dario, o medo, e Ciro, opera.

O tratamento proporcionado a Joaquim e seus filhos também reflete os cuidados beneficentes providos para alguns cativos judeus.<sup>92</sup> Joaquim contava com seus próprios auxiliares, havendo provisões suficientes designadas para sua família inteira, apesar de que ele não foi oficialmente liberado da prisão até o ano de 562 a. C., por ocasião da morte de Nabucodonosor (veja 2 Rs 25:27-30). O fato de que outros homens de Judá são alistados nesses tabletes indica que as provisões abundantes não se limitavam à família real.

A sorte de Ester na corte persa de Xerxes I tipifica o tipo de tratamento conferido aos judeus por seus dominadores. Neemias foi outro judeu que serviu na corte real. Por intermédio de seus contactos pessoais com Artaxerxes ele teve a oportunidade de contribuir para o bem-estar daqueles que tinham regressado a Jerusalém a fim de reedificar o templo.

Whitley com justiça põe em dúvida as descrições de alguns escritores que pintam as condições dos judeus, durante o cativo babilônico, como caracterizados por sofrimentos e escravidão.<sup>93</sup> Ewald baseou suas conclusões sobre porções selecionadas de Isaías, dos Salmos e de Lamentações, asseverando que a situação foi-se tornando crescentemente apertada para os judeus cativos.<sup>94</sup> As evidências históricas parecem não confirmar a idéia de que os cativos judeus foram maltratados fisicamente ou foram cerceados em suas atividades cívicas e religiosas durante os dias da supremacia babilônica.<sup>95</sup> As evidências limitadas de que dispomos de fontes bíblicas e arqueológicas apóiam a assertiva de George Adam Smith de que as condições dos judeus eram honrosas e destituídas de sofrimentos excessivos.<sup>96</sup>

Os exilados procedentes de Jerusalém, que tinham consciência das razões para o cativo, devem ter experimentado profundo senso de humilhação e angústia de alma. Durante quarenta anos Jeremias avisara fielmente a seus concidadãos sobre o juízo iminente - Jerusalém ficaria tão devastada que todo passante ficaria horrorizado com o que visse (veja Jr 19:8). Apesar das advertências, eles confiavam que Deus não permitiria que Seu templo viesse a ser destruído. Na qualidade de guardiães da lei, aquela gente não acreditava que Deus permitisse que fossem levados para o cativo. Agora, ao compararem as glórias salomônicas e a fama internacional de Israel com as atuais ruínas de Jerusalém, muitos davam vazão a sua vergonha e tristeza. O livro de Lamentações deplora vividamente o fato de que Jerusalém se tornara um espetáculo para as nações. Daniel reconheceu, em sua oração, que seu povo se tornara motivo de motejo e de provérbio entre as nações (veja Dn 9:16). Tais sofrimentos eram mais molestos para os cativos, que se preocupavam com o futuro de Israel do que quaisquer dificuldades físicas pelas quais tivessem de passar na terra de seu exílio.

<sup>92</sup>Pritchard, *op. cit.*, pág. 308.

<sup>93</sup>Whitley, *op. cit.*, pág. 79.

<sup>94</sup>Ewald, *History of the Jews*, vol. 5, pág. 7.

<sup>95</sup>Whitley duvida que as evidências apresentadas por J. M. Wilkie, em seu artigo, "Nabonidus and the Later Jewish Exiles", no *Journal of Theological Studies*, abril de 1951, págs. 33 - 34, justifiquem a idéia de ter havido perseguição religiosa sob Nabonido.

<sup>96</sup>G. A. Smith, *Book of Isaiah XL - LXVI* (nova edição, 1927), pág. 59.

Tanto Jeremias quanto Ezequiel predisseram que Deus restauraria os judeus à sua própria terra. Outra fonte de consolo e esperança para os exilados era a mensagem de Isaías. Nos seus escritos ele havia predito o exílio babilônico (veja Is 39:6). Também lhes assegurou de que eles retornariam sob Ciro (veja Is 44:28). Começando pelo quadragésimo capítulo, ele elaborou sua mensagem encorajadora, que já declarara nos primeiros capítulos. Deus é onipotente. Todas as nações estão sujeitas a Seu controle. Deus utilizou as nações e seus soberanos para impor julgamento contra Israel, e, por semelhante modo, poderia utilizar-se deles para restaurar a sorte de Seu povo. O aparecimento de Ciro como líder da Pérsia deve ter reavivado as esperanças de restauração entre os exilados que exercessem fé na mensagem preditiva dos profetas.

## Capítulo XVI

### A Boa Mão de Deus

Juntamente com a crise internacional de 539 a. C., em resultado da qual a Pérsia obteve supremacia sobre a Babilônia, chegou a oportunidade dos judeus se restabelecerem em Jerusalém. Por essa época, muitos dos exilados estavam tão confortavelmente situados, à beira das águas da Babilônia, que ignoraram o decreto que permitia seu retorno à Palestina. Em consequência, a terra do exílio continuou sendo a pátria de muitos judeus por gerações a fio.

As fontes informativas bíblicas abordam primariamente os exilados que regressaram à sua terra de origem. As memórias de Esdras e Neemias, embora breves e seletivas, expõem os fatos essenciais concernentes ao bem-estar do restaurado estado judeu em Jerusalém. Ester, o único livro do Antigo Testamento devotado exclusivamente às fortunas dos judeus que não regressaram a Israel, também pertence a esse período. A fim de manter a seqüência histórica, o presente estudo manuseia a história de Ester juntamente com a de Esdras-Neemias. Cronologicamente, esse material se divide em quatro períodos: (1) Jerusalém é restabelecida, Esdras 1 - 6 (cerca de 539 - 515 a. C.); (2) Ester, a rainha, Ester 1 - 10 (cerca de 483 a. C.); (3) Esdras, o reformador, Esdras 7 - 10 (cerca de 457 a. C.); (4) Neemias, o governador, Neemias 1 - 13 (cerca de 444 a. C.).

#### **Jerusalém é Restabelecida**

Defrontando-se com oposição e apertos na Judéia, os judeus que tinham retornado não foram capazes de completar de imediato a construção do templo. Aproximadamente vinte e três anos se escoaram antes que atingissem seu objetivo primário. A narrativa, dada em Esdras 1:1 - 6:22, pode ser subdividida convenientemente como segue:

I. Retorno de Babilônia a Jerusalém	1:1 - 2:70
O edito de Ciro	1:1-4
A preparação	1:5 - 11
A lista de emigrantes	2:1-70
II. Instalação em Jerusalém	3:1 - 4:24
Edificação do altar - iniciada a adoração	3:1 - 3

Observância da festa dos Tabernáculos	3:4-7
Lançados os alicerces do templo	3:8-13
Cessação da edificação	4:1-24
(Oposição em tempos posteriores)	4:6-23
III. O novo templo	5:1-6:22
Os líderes são impelidos à ação	5:1,2
Apelo a Dario	5:3-17
O decreto real	6:1-12
O templo é completado	6:13-15
O templo é consagrado	6:16-18
Festas instituídas	6:19-22

### *Retorno da Babilônia*

Quando Ciro entrou na cidade de Babilônia, em 539 a. C., afirmou que fora enviado por Marduque, a principal das divindades babilônicas, o qual estava em busca de um príncipe reto.<sup>1</sup> Em conseqüência, a ocupação de Babilônia ocorreu sem batalha ou a destruição da cidade. Imediatamente Ciro anunciou uma política interna que era o reverso exato da prática brutal de deslocar povos conquistados para outros lugares. A começar por Tiglate-Pileser III (745 a. C.), os reis assírios haviam aterrorizado as nações subjogadas, removendo-as para terras distantes. Subseqüentemente, os babilônios haviam seguido o exemplo assírio. Ciro, por outro lado, proclamou publicamente que os povos deslocados poderiam retornar às suas terras de origem e adorar seus deuses em seus próprios santuários.<sup>2</sup>

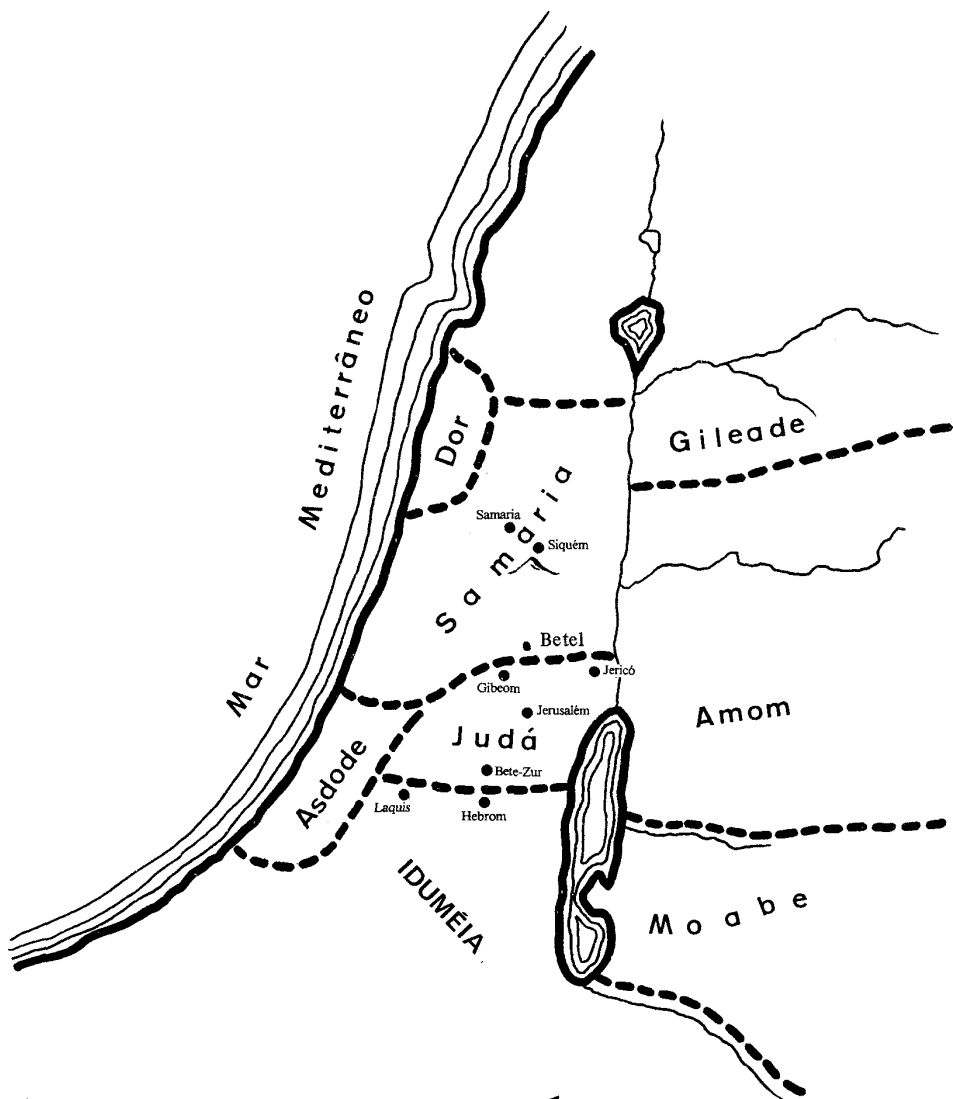
Duas cópias da proclamação de Ciro acerca dos judeus são preservadas no livro de Esdras. A primeira narrativa (1:2-4) aparece em hebraico, ao passo que a segunda (6:3-5) figura em aramaico. Um estudo recente indica que a última delas representa um "dikrona", um termo oficial aramaico que denota um decreto oral, feito por um governante.<sup>3</sup> Não visava a ser publicado, mas servia de memorando que orientasse as autoridades constituídas a iniciarem ação legal. O trecho de Esdras 6:2 indica que a cópia aramaica fora localizada nos arquivos do governo em Ecbatana, na residência de verão de Ciro, em 538 a. C.

O documento hebraico foi preparado para ser publicado pelos exilados israelitas. Nas comunidades judaicas de todo o império, foi o decreto verbalmente anunciado em língua hebraica. Adaptando-o à religião deles, o rei persa afirmou haver sido comissionado pelo Senhor Deus dos céus para edificar um templo em Jerusalém. De acordo com isso, estava permitindo que os judeus retornassem à terra de Judá. Ele encorajou àqueles que permanecessem para darem apoio aos emigrantes com ofertas de ouro, prata, animais de carga e outros suprimentos para que fosse restabelecido o templo de Jerusalém. Tal como Ciro havia reconhecido Marduque, quando entrou na Babilônia, assim também honrava aqui ao Deus dos judeus. Embora possa ter-se tratado apenas

<sup>1</sup>Parker e Dubberstein, *Babylonian Chronology 626 B. C. — A. D. 45*, pág. 11 Robert W. Rogers, *Cuneiform Parallels to the Old Testament* (Nova Iorque, 1912), pág. 381.

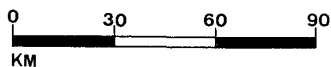
<sup>2</sup>Quanto a uma cópia dessa proclamação geral, veja Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, pág. 316.

<sup>3</sup>Elias J. Bickerman, "The Edict of Cyrus in Ezra 1", *JBL*, LXV (1946), 249-275. Cf. E. Meyer, *Entstehung des Judenthums* (Halle: Niemeyer, 1896), pág. 88 ss.



# A PALESTINA POS-EXÍLICA

ca. 450 a.C.



de um expediente político de sua parte, a despeito disso cumpriu a predição de Isaías de que depois do exílio Deus usaria Ciro para trazer os judeus de volta à sua própria terra (veja 45:1-4).

Em resposta a essa proclamação, milhares de exilados prepararam-se para retornar. Ciro ordenou a seu tesoureiro que devolvesse aos judeus os vasos que Nabucodonosor tirara de Jerusalém.<sup>4</sup> Esses vasos foram confiados a Seshbazar, príncipe de Judá, que foi responsabilizado pelo transporte dos mesmos.<sup>5</sup> Ocupando posição singular entre as nações, os judeus não possuíam estátua de seu Deus que pudesse ser restaurada, embora essa provisão tivesse sido incluída no decreto geral de Ciro.<sup>6</sup> A arca da aliança, que era o objeto mais sagrado possuído por Israel, indubitavelmente fora perdida quando da destruição de Jerusalém. Com a aprovação e a assistência oficial do rei da Pérsia, os exilados fizeram, com sucesso, a longa e perigosa jornada para Jerusalém, com o intento de reedificar o templo que já estava em ruínas por aproximadamente cinquenta anos. Embora a data exata desse retorno não seja determinada, o mais provável é que tenha ocorrido em 538 a. C., ou, talvez, no ano seguinte.

Segundo o registro do segundo capítulo de Esdras, aproximadamente 50 mil exilados regressaram a Jerusalém.<sup>7</sup> Dentre os onze líderes nomeados, Zorobabel e Josué parecem haver sido os mais ativos na orientação do povo em sua tentativa de restaurar a ordem em meio às condições caóticas. O primeiro, sendo neto de Joaquim, representava a casa de Davi na liderança política. O último deles servia como sumo sacerdote, que oficiava nas questões religiosas.

### *Instalação em Jerusalém*

Por volta do sétimo mês do ano de seu retorno, o povo judeu já estava suficientemente instalado nas cercanias de Jerusalém para se reunirem em massa a fim de levantarem o altar do Deus de Israel e reestabelecer os holocaustos, segundo fora prescrito por Moisés (veja Êx 29:38 ss.). No décimo quinto dia desse mês, observaram a festa dos Tabernáculos, de conformidade com as exigências escritas (veja Lv 23:34 ss.). Com essas impressionantes festividades foi restaurada a adoração em Jerusalém, de tal modo que as festas da lua nova e outras tiveram lugar no seu devido tempo. Ante a restauração da adoração, o povo contribuiu com dinheiro e produtos agrícolas, para os pedreiros e carpinteiros que negociavam com os fenícios, de quem recebiam material de construção diversificado, com a permissão outorgada por Ciro.

A construção do templo começou no segundo mês do ano seguinte, sob a supervisão de Zorobabel e Josué. Os levitas de vinte anos para cima ser-

<sup>4</sup>Quanto a uma discussão sobre os problemas textuais existentes acerca do número de vasos restaurados, Esdras 1:9-11, veja *Commentary* por C. F. Keil, naquela referência.

<sup>5</sup>Seshbazar é identificado por Wright, *Biblical Archaeology*, pág. 202, como "Senazar", mencionado em 1 Cr 3:18, um dos filhos de Joaquim. Keil, em *Commentary*, sobre Ed 1:8, sugere que Seshbazar é o nome caldeu para Zorobabel. O *Harper's Bible Dictionary* equipara esses dois nomes, sugerindo que o primeiro é um criptograma do segundo. Em Ed 5:14, Seshbazar é identificado como o governador, e em 5:16 é creditado com o lançamento do alicerce do templo.

<sup>6</sup>Note-se a jactância de Ciro, de haver restaurado divindades estrangeiras aos seus santuários. J. B. Pritchard, *op. cit.*, págs. 315-316.

<sup>7</sup>Albright, *The Biblical Period.*, pág. 62, nota 122, interpreta essa cifra como representante da população total de Judá ao tempo de Neemias, em 444 a. C. O segundo capítulo do livro de Esdras apresenta isso com o número total dos que retornaram do cativeiro babilônico. Neemias achou essa lista ao retornar (veja Ne 7:5).

viam de superintendentes. Os alicerces do templo foram lançados durante a cerimônia apropriada que houve, enquanto sacerdotes em vestimentas de gala serviam como trombeteiros. De acordo com as determinações de Davi, rei de Israel, os filhos de Asafe louvavam acompanhados por címbalos. Aparentemente houve cântico antifonal em que um coro cantava: "Louvai ao Senhor, pois ele é bom", ao passo que o outro respondia: "E sua misericórdia dura para sempre".<sup>8</sup> Em seguida, a multidão reunida uniu-se em louvores triunfais. Mas nem todos clamavam de alegria; as pessoas de mais idade, que ainda se recordavam da glória e da beleza do templo de Salomão choravam amargamente e sem pejo.

Quando os oficiais de Samaria ouviram acerca da reconstrução de Jerusalém, tentaram intervir, pois aparentemente reputavam Judá como parte da província deles. Asseverando que vinham adorando ao mesmo Deus desde o tempo que Esaradom (681 — 668 a. C.) os trouxera para a Palestina, requerem de Zorobabel e de outros líderes que lhes permitissem participar da construção do templo. Quando essa solicitação foi repelida, tornaram-se abertamente hostis e adotaram a norma de tentar frustrar e desencorajar a colônia que se debatia. Com êxito impediram a continuação do trabalho no templo por todo o resto do reinado de Ciro e de Cambises, e até mesmo ao segundo ano do reinado de Dario (520 a. C.)

Inserida na narrativa de Esdras, neste ponto, figura a narrativa sobre a oposição subsequente. Ed 4:6-23 é a narrativa sobre a interferência inimiga durante os dias de Assuero ou Xerxes (485 — 465 a. C.) e do reinado de Artaxerxes (464 — 424 a. C.). Os estrangeiros, estabelecidos nas cidades de Samaria, apelaram para Artaxerxes para que investigassem os registros históricos concernentes às rebeliões e sedições que tinham ocorrido em Jerusalém no passado. Em resultado disso, um decreto real deu autorização aos líderes samaritanos para que impedissem os judeus em seus esforços de reconstruir a cidade de Jerusalém. Visto que Neemias viera para Jerusalém em 444 a. C., autorizado por Artaxerxes para reconstruir as muralhas, é provável que esse decreto que favorecia aos samaritanos tivesse sido expedido nos primeiros anos de seu reinado, presumivelmente antes da chegada de Esdras, em 457 a. C.<sup>9</sup>

### *O Novo Templo*

No segundo ano de Dario (520 a. C.), os judeus reiniciaram a obra de reconstrução do templo. Ageu, que anunciou a mensagem de Deus para tal ocasião, encorajou o povo e os líderes, lembrando-lhes que tinham ficado tão absorvidos na construção das suas próprias casas que eles tinham negligenciado o lugar de adoração.<sup>10</sup> Em menos de um mês, Zorobabel e Josué lideraram o povo no esforço renovado de reconstruírem o templo

<sup>8</sup>Embora Keil, em *Commentary*, sobre Ed 3:11, afirme que o texto não requer tal interpretação, ele cita Clérico e outros que a favoreciam.

<sup>9</sup>Quanto a uma completa discussão atinente à data dessa oposição, veja a publicação de H. H. Rowley, intitulada "Nehemiah's Mission and Its Background", que apareceu no *Bulletin of the John Rylands Library*, 37, n° 2 (março de 1955), 528 - 561. Ele data essa oposição como pouco antes do retorno de Neemias, em 444 a. C., e do retorno de Esdras, subsequente à chegada de Neemias.

<sup>10</sup>Albright considera Ageu e Zacarias oportunistas que se aproveitaram das rebeliões por todo o império persa, depois da ascensão de Dario Histaspes ao trono, em 522 a. C. Dois meses antes da mensagem inicial de Ageu, um homem de nome Nabucodonosor liderou uma rebelião babilônica, que parecia continuar bem sucedida quando Ageu entregou sua quarta mensagem, dois meses mais tarde. *The Biblical Period* (Pittsburgo, 1950), págs. 49-50



(veja Ag 1:1-15). Pouco depois o profeta Zacarias passou a colaborar com Ageu, estimulando o programa de construção (veja Zc 1:1).

O reinício das atividades construtoras em Jerusalém imediatamente chamou a atenção de Tatenai, o sátrapa da Síria, e seus colegas, que representavam os interesses da Pérsia naquela área. Embora tivessem vindo a Jerusalém fazer acurada investigação, adiaram a ação enquanto aguardavam o veredito de Dario. Em carta dirigida ao rei persa, deram notícias do que haviam encontrado nos acontecimentos passados e presentes acerca da construção do templo. Estavam preocupados primariamente com a reivindicação judaica de que Ciro lhes dera permissão de reconstruir o templo.

Segundo a sugestão, Dario ordenou que se procedesse a uma busca nos arquivos de Babilônia e Ecbatana, capital da Média. Em uma carta foi encontrado um "dicrona", um registro em aramaico do edito de Ciro. Além de ter averiguado esse decreto, Dario baixou ordens severas, proibindo Tatenai e seus associados a intervirem. Além disso, ordenou que se deveriam separar rendimentos reais da província da Síria, para ajudar aos judeus, ocupados em suas edificações. Também instruiu-se para que fossem um adequado suprimento de sacrifícios diários, a fim de que os sacerdotes de Jerusalém pudessem interceder pelo bem-estar do monarca persa. Conseqüentemente, a solicitação de Tatenai, cujo intuito fora de ser prejudicial, providencialmente resultou não somente no apoio político de Dario, mas também na ajuda material da parte dos oficiais do distrito próximo, em prol do projeto.

O templo foi terminado em cinco anos, 520 - 515 a. C. Apesar de haver sido construído no mesmo lugar, não poderia equiparar-se em beleza ou perícia de construção com a estrutura levantada por Salomão, depois dos elaborados preparativos de Davi, que contava com inigualáveis recursos. Com base em 1 Macabeus 1:21 e 4:49-51 torna-se evidente que as instalações eram inferiores. No lugar santo encontrava-se o altar do incenso, a mesa dos pães da proposição e um candelabro com sete ramos (Salomão, em seus dias, havia provido nada menos de dez candelabros). Não havia arca da aliança no santo dos santos. Josefo indica que a cada ano, no Dia da Expição, o sumo sacerdote colocava seu incensário na laje de pedra que assinalava a posição da antiga arca.<sup>11</sup>

Parrot, em seus estudos sobre o templo, concluiu que os planos que Salomão fizera para o santuário mui provavelmente foram seguidos por Zorobabel.<sup>12</sup> Referências esparsas, em Esdras e nos livros dos Macabeus, quando muito servem somente como sugestões. De acordo com Ed 5:8 e 6:3,4, grandes pedras com traves de madeira foram empregadas na construção das paredes. As medidas dadas são incompletas no texto presente. Uma recente interpretação acerca de um decreto de Antíoco III da Síria (223 — 187 a. C.) indica a existência de um átrio interno e de outro externo.<sup>13</sup> Todos podiam ter acesso ao átrio externo, mas somente os judeus

<sup>11</sup>Jewish Wars, v. 5,5.

<sup>12</sup>André Parrot, *The Temple of Jerusalem*, trad. por B. E. Hooke do francês (Londres: SMC Press, 1957), págs. 68-75.

<sup>13</sup>Veja *ibid.*, pág. 73, onde ele alude ao estudo feito por E. Bickerman, "Une proclamation seleucide relative au Temple de Jerusalem", em *Syria*, XXV (1946-48), 67-85.

que se tivessem purificado segundo as leis levíticas de purificação tinham permissão de entrar no átrio interior.<sup>14</sup> Também havia quartos nos átrios para armazenamento de várias oferendas, bem como vasos usados no templo. Um desses aposentos foi apropriado pelo amonita Tobias, durante curto período, nos dias de Neemias (veja Ne 13:4-9).

Devem ter sido impressionantes as cerimônias de consagração desse templo.<sup>15</sup> Oferendas elaboradas consistiram de 100 touros, 200 carneiros e 400 ovelhas, além de uma oferta pelo pecado de 12 bodes, representativos das doze tribos de Israel. A última oferta deu a entender que essa adoração representava a nação inteira com quem fora estabelecido o pacto. Com esse culto consagratório os sacerdotes e os levitas deram início a seus cultos regulares no santuário, conforme lhes fora prescrito na lei de Moisés.

No mês seguinte, os judeus observaram a Páscoa. Com as devidas cerimônias de purificação os sacerdotes e os levitas estavam preparados para officiar na celebração dessa observância histórica. Os sacerdotes, pois, estavam qualificados para aspergir o sangue, enquanto os levitas matavam os cordeiros para a congregação inteira. Embora originalmente o chefe de cada família matasse pessoalmente o cordeiro pascal (veja Êx 12:6), aos levitas fora atribuído esse dever, em bases comunitárias, desde os dias de Josias (veja 2 Cr 30:17), quando muitos dentre o povo leigo não estavam qualificados a fazê-lo. Dessa maneira os levitas aliviavam também os cansativos deveres dos sacerdotes, enquanto ofereciam os sacrifícios e aspergiam o sangue (veja 2 Cr 35:11-14).

Os israelitas que continuaram habitando na Palestina aliaram-se aos exilados que tinham retornado nessa festiva celebração. Separando-se das práticas pagãs, diante das quais haviam sucumbido, esses israelitas renovaram sua lealdade a Deus, ao adorarem no templo.

A dedicação do templo e a observância da Páscoa, na primavera de 515 a. C., assinalou um evento histórico em Jerusalém. As esperanças dos exilados se tinham concretizado, porquanto o templo fora reestabelecido como seu lugar de adoração. Concomitantemente, foram relembrados da redenção de Israel da servidão aos egípcios, por meio da Páscoa. Em adição a isso, desfrutavam da realidade da restauração do exílio babilônico.

## **A História de Ester**

O registro bíblico mostra-se quase completamente mudo acerca do estado judeu em Jerusalém, desde o tempo em que foi terminado o templo, no sexto ano de Dario (515 a. C.), até ao reinado de Artaxerxes I, que começou em 464 a. C. A história de Ester constitui a principal fonte informativa bíblica quanto a esse período. Historicamente, ela se identifica com o reinado de Assuero, também chamado Xerxes (485 - 465 a. C.), restrin-

<sup>14</sup>Note-se, igualmente, as vagas referências aos átrios do templo, em 1 Macabeus 4:38.48; 7,33; 9:54 e 2 Macabeus 6:4.

<sup>15</sup>O templo foi terminado no terceiro dia do mês de Adar, que começa nos meados de fevereiro. Era o último mês do ano religioso dos hebreus. O primeiro mês do ano era Nisã, que começa em meados de março. O décimo quarto dia desse mês era a data da Páscoa. Antes esse mês era chamado Abibe (veja Êx 13:3).

gindo-se a narrar o bem-estar dos exilados que não retornaram a Jerusalém.<sup>16</sup>

Apesar de que o nome de Deus não é mencionado no livro de Ester, a providência divina e um cuidado sobrenatural se evidenciam do princípio ao fim. O jejum é reconhecido como uma prática religiosa. A festa de Purim, que comemora o livramento dos judeus, acha razoável justificação quando os eventos do livro de Ester são reconhecidos como o pano-de-fundo histórico da mesma. A alusão a essa festividade, em 2 Macabeus 15:36, como dia de Mardoqueu, indica que ela era celebrada no segundo século a. C. Nos dias de Josefo, a festa de Purim era celebrada por uma semana inteira (veja Antigüidades xi 6:13).

O livro de Ester pode ser esboçado como segue:

I. Os judeus na corte persa	1:1 - 2:23
Vasti removida por Assuero	1:1-22
Ester escolhida como rainha	2:1-18
Mardoqueu salva a vida do rei	2:19-23
II. Ameaça contra o povo judeu	3:1 - 5:14
Conluio de Hamã para destruir os judeus	3:1-15
Os judeus temem o aniquilamento	4:1-3
Mardoqueu alerta Ester	4:4-17
Ester arrisca sua vida	5:1-14
III. O triunfo dos judeus	6:1 - 10:3
Mardoqueu recebe honrarias reais	6:1-11
Ester intercede - Hamã enforcado	6:12 - 7:10
Mardoqueu é promovido	8:1-17
A vingança dos judeus	9:1-15
A festa de Purim	9:16-32
Mardoqueu continua altamente honrado	10:1-3

Susã, capital da Pérsia, é o ponto geográfico de interesse no livro de Ester. Desde os dias de Ciro ela vinha compartilhando da distinção de ser uma cidade real, à semelhança de Babilônia e Ecbatana. O magnífico palácio de Xerxes ocupava dois acres e meio da acrópole dessa grande cidade elamita. Cronologicamente, os acontecimentos do livro de Ester são datados entre os anos terceiro e décimo segundo do reinado de Xerxes (cerca de 483 - 471 a. C.)

### *Judeus na Corte Persa*

Dentre seu vasto império, que se estendia da Índia à Etiópia. Xerxes reuniu governadores e oficiais em Susã, para um período de seis meses, durante o terceiro ano de seu reinado. Em uma elevada celebração de sete dias, ele os entreteve com banquetes e festas de vinho, ao mesmo tempo que a rainha Vasti servia de anfitriã no banquete para mulheres. No sétimo dia Xerxes, já estando embriagado, exigiu o comparecimento de Vasti, para que exibisse sua coroa e sua

<sup>16</sup>Quanto a um breve estudo sobre a história de Ester como "ficção histórica", veja o artigo intitulado "Esther" em *Harper's Bible Dictionary*, pág. 174. Ira M. Price, *The Dramatic Story of Old Testament History* (Nova Iorque: Fleming H. Revell Company, 1929), págs. 385-388, reconhece sua historicidade.

beleza perante a sua festiva audiência de dignitários do governo. Ela ignorou a ordem do rei, recusando-se a pôr em risco o seu prestígio real. Xerxes ficou furioso! Conferenciou com seus sábios, que o aconselharam a desfazer-se de sua rainha. O rei agiu de conformidade com o conselho e banuiu Vasti da corte real. As mulheres do império inteiro foram advertidas a honrarem seus maridos, para que não seguissem o exemplo de Vasti.

Quando Xerxes deu-se por conta de que Vasti fora permanentemente lançada no ostracismo por seu edito real, fez arranjos para a seleção de uma nova rainha. Donzelas foram escolhidas por todo o império persa, sendo trazidas à corte do rei em Susã. Entre elas achava-se Ester, uma órfã judia, que fora adotada como filha por seu primo, Mardoqueu. No devido tempo, quando as virgens apareceram diante do rei, Ester, que havia ocultado a sua identidade racial, foi favorecida acima de todas as demais, tendo sido coroada rainha da Pérsia. No sétimo ano do reinado de Xerxes ela recebeu honrarias públicas, em um banquete real, com a presença dos príncipes.<sup>17</sup> O rei demonstrou seu prazer ante o reconhecimento de Ester como rainha, anunciando reduções de impostos e uma liberal distribuição de presentes.

Antes da elevação de Ester ao trono, Mardoqueu expressou sua profunda preocupação para com o bem-estar de sua prima, demorando-se nas proximidades da corte real. Por igual modo, manteve íntimo contato com Ester, depois que ela se tornara rainha. E assim sucedeu que, estando a demorar-se no portão do palácio, Mardoqueu ficou sabendo que dois guardas conspiravam para assassinar o monarca. Por intermédio de Ester o plano homicida chegou ao conhecimento das autoridades apropriadas, e os culpados foram enforcados. Nas crônicas oficiais, Mardoqueu ficou registrado como quem salvara a vida do rei.

### *Ameaça contra o Povo Judeu*

Hamã, membro influente da corte de Xerxes, foi subindo de categoria acima de todos os seus associados. De acordo com a ordem do rei, ele foi devidamente honrado por todos, exceto por Mardoqueu, o qual, sendo judeu, recusava-se a prestar vassalagem.<sup>18</sup> Embora Hamã tivesse ficado indignado, não ousou destacar Mardoqueu para ser punido. Entretanto, Hamã sabia que Mardoqueu era judeu, pelo que traçou planos para que fosse executado todo o povo judeu. Apeleu diplomaticamente para o rei, exigindo a execução dos judeus. Não somente lançou sobre eles a suspeita de serem perigosos para o império, mas assegurou ao soberano que haveria enorme lucro financeiro, mediante o confisco de suas propriedades. Prontamente o rei concedeu a sua permissão a Hamã, entregando-lhe o sinete real, para que selasse o decreto. Em consequência, no décimo terceiro dia de Nisã (o primeiro mês), foi expedido um edito visando ao aniquilamento dos judeus por todo o império persa. Hamã designou o décimo terceiro dia do mês de Adar (o décimo segundo mês) como data da execução.<sup>19</sup>

<sup>17</sup>O intervalo entre a destituição de Vasti, no terceiro ano do reinado e o reconhecimento de Ester como rainha, no sétimo, é explicado pelo fato que Xerxes estava atarefado a combater os gregos. Em 480 a. C., sua marinha foi derrotada em Salamina. No ano seguinte seu exército sofreu reverses em Platéia.

<sup>18</sup>Veja Keil, *Commentary*, sobre Et 3:3-4. Como judeu devoto, Mardoqueu não se vergou. Segundo 2 Sm 14:4; 18:28 e outros trechos, os israelitas honravam costumeiramente aos reis inclinando-se. Na Pérsia, tal ato poderia envolver o reconhecimento da divindade de um governante. Os espartanos, segundo afirmou Heródoto, se recusavam a honrar a Xerxes desse modo.

<sup>19</sup>A explicação em Et 3:7 equipara o lançamento de Pur ao lançamento de sortes. Quanto à significação arqueológica do Pur ou "dado", achado em Susã por M. Dieulafoy, veja Ira. M. Price, *The Monuments and the Old Testament* (Filadélfia, 1925), pág. 408.

Por onde quer que o decreto fosse publicado, os judeus reagiam com jejuns e lamentações. Quando o próprio Mardoqueu compareceu diante do portão do palácio em cilício e cinzas, Ester despachou para ele uma muda nova de roupa. Mas ele rejeitou o presente e alertou Ester acerca da triste sorte dos judeus. Quando Ester aludiu ao perigo pessoal por que ela passaria se se aproximasse do rei sem ter sido previamente convidada, Mardoqueu sugeriu que ela fora incumbida com a posição de rainha exatamente para uma oportunidade como aquela. Em face disso, Ester resolveu arriscar a própria vida em benefício de seu povo, pedindo que eles se entregassem a um jejum de três dias.

No terceiro dia, Ester fez seu pedido ao rei. Convidou ao rei e a Hamã para um banquete. Nessa oportunidade, ela não deu a conhecer sua real preocupação, mas tão-somente solicitou que o soberano e Hamã viessem participar de outro banquete, no dia seguinte. A caminho de casa, Hamã teve oportunidade de enfurecer-se uma vez mais, quando Mardoqueu se recusou a prostrar-se diante dele. Para sua esposa e para um grupo de amigos ele anunciou orgulhosamente quantas honrarias reais lhe haviam sido prestadas, embora também houvesse indicado que todas as alegrias de sua promoção eram dissipadas por causa das atitudes de Mardoqueu. E visto que o tivessem aconselhado a enforçar imediatamente a Mardoqueu, ele ordenou que fosse feita uma forca a fim de proceder à execução.

### *O Triunfo dos Judeus*

Naquela mesma noite, Xerxes não conseguia dormir. Sua insônia pode ter evocado o sentimento de que algo ficara sem ser realizado. Seja como for, ele pediu que fossem lidas as crônicas reais. Imediatamente depois que ele soube, para sua surpresa, que Mardoqueu nunca fora recompensado por haver revelado o conluio dos gaurdas palacianos, chegou Hamã à corte, na esperança de obter a aprovação do rei à execução de Mardoqueu. Sem delongas o monarca perguntou de Hamã o que se deveria fazer ao homem a quem o rei desejava honrar. Hamã, plenamente confiante de que ele seria o beneficiário, recomendou que a tal pessoa se fizesse vestir os trajes reais, que fosse escoltado por um nobre príncipe pela praça da cidade, e que se o fizesse montar ao cavalo do rei, ao mesmo tempo que um alto dignitário anunciasse ser ele o escolhido pelo rei para receber tal reconhecimento e honraria. Verdadeiramente chocado ficou Hamã quando o rei lhe ordenou que escoltasse Mardoqueu do modo como ele acabara de sugerir.

As coisas estavam rapidamente chegando à conclusão. Quando do segundo banquete, Ester não hesitou mais tempo. Corajosamente, na presença de Hamã, ela implorou ao rei que salvasse a ela mesma e ao seu povo de aniquilamento. Quando o rei indagou quem poderia ter tido tais desígnios contra o povo de Ester, ela identificou francamente a Hamã, apontando-o como o culpado. Enfurecido, o monarca se precipitou para fora da sala. Percebendo a gravidade da situação, Hamã pôs-se a pleitear por sua própria vida perante a rainha. Quando o rei voltou ao salão, encontrou Hamã prostrado no divã onde se achava sentada a rainha Ester. Interpretando mal as intenções de Hamã, Xerxes ordenou a sua imediata execução. Mui ironicamente, Hamã foi enforcado na forca que havia preparado para Mardoqueu.

Após a desonrosa morte de Hamã, Mardoqueu tornou-se membro influente da corte de Xerxes. O primeiro decreto que permitia a matança dos judeus foi

eficazmente anulado, naturalmente. E, além disso, com a aprovação do rei, Mardoqueu expediu um decreto declarando que os judeus teriam permissão de vingar-se de quaisquer adversários que porventura pretendessem atacá-los. Os judeus ficaram tão jubilosos ante esse anúncio que muitos começaram a temer as conseqüências. Não poucos apelaram para as formalidades externas da religião judaica a fim de evitarem a violência.<sup>20</sup>

A data crucial era o décimo terceiro dia do mês de Adar, que Hamã designara como data do aniquilamento dos judeus e do confisco de suas propriedades. No conflito que estourou, milhares de não-judeus foram mortos. A tranquilidade foi restaurada sem tardança, porém, e os judeus instituíram uma celebração anual em comemoração ao seu livramento. Purim foi o nome dado a esse feriado, porque Hamã havia determinado tal data mediante o lançamento de sortes, ou Pur.<sup>21</sup>

### Esdras, o Reformador

Cinquenta e oito anos se passam em silêncio entre Esdras 6 e 7. Pouco se sabe acerca dos acontecimentos em Jerusalém a partir da consagração do templo (515 a. C.) até ao retorno de Esdras (457 a. C.), no sétimo ano de Artaxerxes, rei da Pérsia.<sup>22</sup>

Um breve registro das atividades de Esdras em Jerusalém, e do retorno dos exilados, sob sua liderança, é dado em Esdras 7:1 - 10:44. Quanto a uma análise dessa passagem, notemos o seguinte esboço:

I. O retorno de Esdras	7:1 - 8:36
Preparação	7:1-10
O decreto de Artaxerxes	7:11 - 28
Organização para o retorno	8:1-30
Viagem e chegada	8:31-36
II. Reforma em Jerusalém	9:1 - 10:44
O problema dos casamentos mistos	9:1-5
A oração de Esdras	9:6-15
A assembléia pública	10:1-15
Punição dos culpados	10:16-44

Cronologicamente, os informes dados nestes capítulos não cobrem, necessariamente, mais de um ano. Esta parece haver sido a ordem dos acontecimentos:

<sup>20</sup>A dissimulação até hoje é praticada no Irã. Cf. C. H. Gordon. *The World of the Old Testament*, págs. 283-284.

<sup>21</sup>Desde o começo, a festa de Purim tem sido uma das mais populares celebrações. Após terem jejuado no décimo terceiro dia de Adar, os judeus se reuniram na sinagoga, na noite em que começava o décimo-quarto dia, para a leitura pública do livro de Ester. Toda a menção de Hamã extraía deles a resposta unísona: "Que seu nome seja apagado". Na manhã seguinte se reuniam novamente para trocarem presentes. Veja Davis, *Dicionário da Bíblia* (4ª ed., Rio de Janeiro.; Casa Publ. Batista, 1973).

<sup>22</sup>No momento há considerável desacordo acerca da data de Esdras. Van Hoonacker, no *Journal of Biblical Literature* (1921), págs. 104-124, equiparava o "sétimo ano de Artaxerxes" com o ano de 398 a. C., no reinado de Artaxerxes II. Albright seguiu essa idéia em *From Stone Age to Christianity* (1940), pág. 248. Em sua segunda edição (1946, pág. 366), ele datou Esdras no trigésimo sétimo ano de Artaxerxes, ou cerca de 428 a. C. Cf. também *The Biblical Period* (1950), pág. 53 e a nota 133. Quanto a uma pesquisa exaustiva sobre a história desse problema e uma excelente bibliografia, veja H. H. Rowley, "The Chronological Order of Ezra and Nehemiah", em *The Servant of the Lord and Other Essays on the Old Testament* (Londres: Lutterworth Press, 1952), págs. 131-159. Embora ele favoreça uma data posterior para Esdras, admite que a maioria dos eruditos ainda situa o livro de Esdras antes do de Neemias, pág. 132.

**Nisã (primeiro mês)**

1 - 3 acampamento perto do rio Aava

4 - 11 preparação para a jornada

12 começo da viagem para Jerusalém

**Ab (quinto mês)**

no primeiro dia desse mês chegam em Jerusalém

**Quisleu (nono mês)**

convocação de uma assembléia pública em Jerusalém, depois que Esdras foi informado sobre os casamentos mistos

**Tebete (décimo mês)**

começo da investigação sobre as partes culpadas e fim do primeiro dia do mês de Nisã.

***O Retorno de Esdras***

Vivendo entre os exilados na Babilônia, Esdras, um piedoso levita da família de Arão, dedicou-se ao estudo da Torá. O seu interesse por dominar a lei de Moisés terminou por expressar-se na forma de um ministério didático entre seu povo. Sempre ansioso por voltar à Palestina, Esdras rogou a Artaxerxes que aprovasse seu movimento de retorno. A fim de encorajar os exilados a regressarem a Jerusalém sob a liderança de Esdras, o rei persa expediu significativo decreto (veja Ed 7:11-26), comissionando Esdras a nomear magistrados e juizes na província da Judéia. Em adição a isso, Esdras recebeu poder para confiscar propriedades e aprisionar ou executar qualquer pessoa que não quisesse adaptar-se.

Artaxerxes fez as mais generosas provisões financeiras para a missão de Esdras. Contribuições reais generosas, ofertas voluntárias contribuídas pelos exilados, e vasos para uso sagrado foram entregues a Esdras para serem usados no templo de Jerusalém. Artaxerxes tinha confiança tal em Esdras que lhe outorgou um cheque em branco para ser extraído do tesouro real, acerca de tudo quanto ele julgasse ser necessário para o serviço do templo. Os governantes das províncias além do Eufrates receberam ordem de suprir Esdras de alimentos e dinheiro, a fim de que a família real não incorresse na ira do Deus de Israel. Outrossim, todos aqueles que estivessem ocupados no serviço do templo, em Jerusalém - cantores, servos, porteiros e sacerdotes - foram isentados do pagamento de impostos.

Reconhecendo o favor de Deus e encorajado pelo apoio de Artaxerxes, dado de todo coração, Esdras convocou os principais homens de Israel às margens do rio Aava, no primeiro dia de Nisã.<sup>23</sup> Quando Esdras observou que os levitas estavam conspicuamente ausentes, nomeou uma delegação que fosse fazer um apelo a Ido, em Casifia.<sup>24</sup> Em resposta, 40 levitas e 220 servos do templo se uniram ao partido que migrava. Na presença daquele ajuntamento destinado a Jerusalém, de aproximadamente 1.800 homens com suas famílias, Esdras confessou candidamente que estava envergonhado de pedir proteção policial ao rei. Mediante jejum e oração rogaram a Deus a proteção divina, ao começarem a longa e traiçoeira jornada de mais de mil e quinhentos quilômetros até Jerusalém.

<sup>23</sup>Aava era um rio ou um canal na Babilônia, sem dúvida perto do rio Eufrates, mas que nunca foi especificamente identificado nos tempos modernos.

<sup>24</sup>Casifia mui provavelmente era um centro dos exilados judeus, talvez nas vizinhanças de Babilônia, embora no presente não se possa identificá-la.

A viagem começou no décimo segundo dia do mês de Nisã. Três meses e meio mais tarde, no primeiro dia do mês de Ab, chegaram em Jerusalém. Depois que os sacerdotes e levitas examinaram os tesouros e vasos vindos de Babilônia, e introduziram-nos no templo, os exilados que voltavam ofereceram oferendas elaboradas no átrio. No devido tempo sátrapas e governadores por toda a Síria e a Palestina asseguraram a Esdras a sua ajuda e o seu apoio ao estado judaico.

### *A Reforma em Jerusalém*

Um comitê local de Oficiais anunciou a Esdras que certos Israelitas eram culpados de casamento misto com habitantes pagãos das cercanias. Até mesmo líderes religiosos e civis se achavam entre os participantes. Esdras não só rasgou as vestes, em sinal de profunda tristeza, mas também puxou os cabelos, a fim de mostrar sua indignação moral e sua ira. Chocado e perplexo, ele se sentou no átrio do templo, enquanto se reuniam ao seu redor aqueles que temiam as conseqüências. Ao tempo do sacrifício vespertino ele se levantou de seu jejum e, com as vestes rasgadas, ajoelhou-se para orar, confessando audivelmente o pecado de Israel.

Grande multidão juntou-se a Esdras, enquanto ele orava e chorava em público. Secanias, falando pelo povo, sugeriu que havia esperança para eles em um novo pacto, e garantiu a Esdras pleno apoio, a fim de serem removidos esses males sociais. Imediatamente Esdras extraiu um juramento de anuência da parte dos líderes.

Retirando-se para a câmara de Joanã para passar a noite,<sup>25</sup> Esdras continuou em jejum, oração e lamento por causa da pecaminosidade de seu povo. Por meio de uma proclamação feita por toda a terra, o povo foi exortado, sob pena de excomunhão e perda de propriedade, a que se reunissem em Jerusalém no prazo de três dias. No décimo segundo dia do mês de Quisleu eles se reuniram na praça, ao ar livre, defronte do templo.

Esdras dirigiu a palavra à multidão que tremia de frio e ressaltou ante todos a seriedade da ofensa deles. Quando exprimiram a sua disposição em anuir, ele concordou em permitir que fossem representados por oficiais, a fim de que a congregação pudesse ser despedida, porquanto era a estação chuvosa. Assessorado por um grupo seleta de homens, e ajudado por representantes de várias partes do estado judeu, Esdras levou a efeito um exame dos culpados que se prolongou por três meses.

Uma impressionante lista de sacerdotes, levitas e leigos, num total de 114 indivíduos, se tornara culpada de casamentos mistos com os pagãos. Entre os dezoito sacerdotes achados culpados, havia parentes próximos de Josué, o sumo sacerdote, o qual havia retornado a Jerusalém em companhia de Zorobabel. De fato, o confronto entre as passagens de Ed 10:18-22 e 2:36-39 indica que nenhuma das ordens sacerdotais que retornaram estava isenta de casamentos mistos. Sacrificando um carneiro como oferta pela culpa, as partes culpadas se comprometeram solenemente a anular suas relações matrimoniais.

<sup>25</sup>Keil, em seu *Commentary* sobre Ed 10:6 concorda com Ewald que nada mais se sabe sobre Joanã, filho de Eliasibe, já que ambos os nomes eram muito comuns. Essa câmara pode ter recebido nome de Eliasibe, mencionado em 1 Cr 24:12. Aqueles que datam o livro de Esdras em período posterior, identificam essa referência com Eliasibe, que servia como sacerdote, em 432 a. C., quando Neemias voltou a Jerusalém pela segunda vez, e com Joanã, que substituiu seu pai como sacerdote. Veja Albright, *The Biblical Period*, pág. 64, nota 133.



## Neemias, o Governador

A historicidade de Neemias nunca foi posta em dúvida por qualquer erudito competente.<sup>26</sup> Emergindo como uma das personalidades mais expressivas da era pós-exílica, ele serviu a seu povo com eficácia desde o ano de 444 a. C. Perdeu sua posição na corte persa a fim de servir ao seu próprio povo, na reconstrução de Jerusalém. Sua desvantagem física, pois era eunuco, serviu-lhe de vantagem para um serviço consagrado, para uma notável liderança durante os anos em que ele foi o ativo governador do estado judeu.<sup>27</sup>

Esdras já estava em Jerusalém há treze anos quando Neemias chegou. Enquanto o primeiro era um erudito escriba e mestre, este último demonstrou forte e agressiva liderança em questões cívicas e políticas. A bem sucedida reconstrução das muralhas a despeito da oposição dos adversários<sup>28</sup>, proveu segurança para os exilados que retornaram, de tal modo que puderam dedicar-se, sob a liderança de Esdras, às responsabilidades religiosas prescritas na lei. Por conseguinte, o período de governo de Neemias proveu as condições mais favoráveis para o extenso ministério de Esdras.

Os informes cronológicos dados no livro de Neemias atribuíram doze anos para o primeiro termo do governo de Neemias, começando pelo vigésimo ano de Artaxerxes (444 a. C.). No décimo segundo ano de seu termo (veja Ne 13:6), Neemias voltou à Pérsia (432 a. C.). Quão brevemente ele retornou a Jerusalém e por quanto tempo continuou sendo governador, não é indicado.

Os eventos relatados em Ne 1 - 2 poderiam ter ocorrido todos durante o primeiro ano de sua liderança.<sup>29</sup> No primeiro dia do primeiro mês, Nisã (444 a. C.), a Neemias foi concedido o seu pedido de subir a Jerusalém (veja Ne 2:1). Sendo homem de atitudes decisivas, sem dúvida ele partiu depois disso. A reparação das muralhas se completou no mês de Elul, o sexto mês (veja Ne 6:15). Visto que esse projeto teve início poucos dias após sua chegada e foi completado em cinquenta e dois dias, o tempo permissível para sua preparação e viagem foi de cerca de quatro meses. Durante o sétimo mês (Tisri) Neemias cooperou amplamente com Esdras nas observâncias religiosas (veja Ne 7 - 10), deu prosseguimento a seu registro e, mui provavelmente, consagrou as muralhas no período imediatamente seguinte (veja Ne 11 - 12). Excetuando algumas poucas afirmativas que sumariam as normas políticas de Neemias, o leitor fica com a impressão de que todos esses acontecimentos ocorreram no espaço do primeiro ano depois de seu retorno.

O livro de Neemias se presta para as seguintes subdivisões:

I. Comissionado por Artaxerxes	1:1 - 2:8
Relatório vindo de Jerusalém	1:1-3

<sup>26</sup>Albright, *The Biblical Period*, pág. 51.

<sup>27</sup>R. Kittel, *Geschichte des Volkis Israel*, vol. III, pt. 2, págs. 614s.

<sup>28</sup>Em 408 a. C., os judeus de Elefantina fizeram um apelo a Bagoas, que era governador persa de Judá. Quando ele começou a governar e quem o antecedeu, não se sabe. Veja Cowley, *Aramaic Papyri*, pág. 108, ou Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, págs. 491, 492.

<sup>29</sup>Albright esboça a cronologia de Neemias, de modo, abreviado, como segue: Visita de Hanani, em dezembro de 445; chegada de Neemias em Jerusalém, em 440; reparação das muralhas, iniciadas em 439 e terminadas em 437 a. C. Cf. *The Biblical Period*, págs. 51, 52, notas 126 e 127. Albright segue Mowinkel, *Stattholderen Nehemia* (Kristiania, 1916), ao preferir os informes cronológicos de Josefo em lugar dos que são dados no texto hebraico.

A oração de Neemias	1:4-11
Agraciado pelo rei	2:1-8
II. Missão em Jerusalém	2:9-6:19
Viagem bem sucedida	2:9-10
Inspeção e aquilatamento	2:11-16
Oposição — Sambalete e Tobias	2:17-20
Organização para a construção e a defesa	3:1-32
Êxito na construção e na defesa	4:1-23
Política econômica	5:1-19
As muralhas são terminadas	6:1-19
III. Reforma sob Esdras	7:1-10:39
Neemias planeja o registro	7:1-73
Leitura da lei de Moisés	8:1-12
Festa dos Tabernáculos	8:13-18
Culto de adoração	9:1-5
A oração	9:6-38
Pacto para guarda da lei	10:1-39
IV. Programa e normas políticas	
de Neemias	11:1-13:31
Registro do estado judeu	11:1-12:26
Dedicação das muralhas	12:27-43
Incumbências no templo	12:44-47
Leitura da lei	13:1-3
Tobias é expulso	13:4-9
Reiniciado o sustento dos levitas	13:10-14
Cerceado o comércio nos sábados	13:15-22
Casamentos mistos	13:23-29
Sumário	13:30-31

### *Comissionado por Artaxerxes*

Entre os milhares de exilados judeus que não haviam retornado a Judá, encontrava-se Neemias. Em sua busca pelo sucesso ele fora especialmente afortunado por ter sido guindado a elevada posição entre os oficiais da corte persa, tendo-se tornado o copeiro de Artaxerxes Longânimo. Vivendo na cidade-tesouro de Susã, a cerca de 160 km a nordeste do golfo Pérsico, ele estava confortavelmente instalado na capital da Pérsia. Ao chegar-lhe a notícia de que as muralhas de Jerusalém continuavam em ruínas, Neemias foi assaltado pela tristeza. Durante dias ele lamentou-se, enquanto jejuava, chorava e orava pelo seu povo em Jerusalém.

A oração registrada em Ne 1:5-11 representa a essência da intercessão de Neemias durante esse período de lamentações. Ela reflete sua familiaridade com a história de Israel, com a aliança firmada no monte Sinai, com a lei dada a Moisés, que fora quebrantada por Israel, e com a promessa de restauração para os exilados penitentes. Neemias reconheceu o Deus do pacto como o Deus dos Céus —

implorando-Lhe que fosse misericordioso com Israel. Em conclusão, rogou a Deus que lhe concedesse graça diante do rei da Pérsia, seu senhor.

Após três meses de oração e preocupação, Neemias se viu face a face com uma oportunidade áurea. Enquanto servia Artaxerxes, o monarca notou que ele estava excessivamente triste. Ante a indagação feita por seu senhor, Neemias, receoso e trêmulo, expressou sua tristeza devido às caóticas condições da cidade de Jerusalém. Quando Artaxerxes graciosamente o convidou a definir seus desejos, imediatamente Neemias formulou uma oração silenciosa, e ousadamente pediu ao rei que o enviasse a fim de reconstruir Jerusalém, a cidade onde estavam os sepulcros de seus pais. O rei da Pérsia não somente autorizou devidamente a Neemias que sáísse nessa missão, mas também expediu cartas, em seu favor, enviando ordens aos governadores de além-Eufrates, para que lhe suprissem material de construção para as muralhas e portões da cidade, bem como para a sua própria casa particular.

### *A Missão em Jerusalém*

A chegada de Neemias em Jerusalém, com completo cortejo de oficiais do exército e de cavalaria, assustou os governantes das circunvizinhanças. Acompanhado por pequeno comitê, Neemias prontamente fez uma inspeção noturna da cidade, averiguando as condições das muralhas. Em seguida ele reuniu a população e confrontou a todos com a proposta de serem reconstruídas as muralhas. E juntaram-se entusiasticamente em seu apoio. Como eficiente organizador que era, Neemias designou o povo para vários portões e secções das muralhas de Jerusalém (veja Ne 3:1-32).

Essa súbita e intensa atividade despertou oposição da parte de províncias circunvizinhas. Líderes influentes, como Sambalate, o honorita, Tobias, o amonita e Gesém, o árabe acusaram os judeus de que se rebelavam, assim que o trabalho começou.<sup>30</sup> Quando entenderam que o projeto de reparação das muralhas progredia rapidamente, ficaram irados ao ponto de organizarem resistência armada. Conseqüentemente, Sambalate e Tobias, apoiados pelos árabes, pelos amonitas e pelos asdoditas, traçaram planos para atacar Jerusalém.

Por essa altura dos acontecimentos, as muralhas já estavam recuperadas até à metade de sua altura. Neemias não somente orava, mas também designava guardas dia e noite. Ao longo das porções mais baixas das muralhas, o dever da vigilância cabia a diversas famílias. Quando perceberam que os adversários estavam frustrados em seu esquema reiniciaram seus esforços de construção. Metade do povo continuou a fazer os reparos com espadas prontas, enquanto a outra metade se mantinha em ativa guarda. Outrossim, ao somido da trombeta, todos tinham ordem de acudir imediatamente para o ponto de perigo, a fim de resistir ao inimigo em seu ataque. A nenhum dos operários foi dada permissão para deixar Jerusalém. Trabalhavam da aurora até anoitecer, e ficavam de guarda durante a noite.

Esse intensivo esforço para completar a reparação foi especialmente difícil para as classes populares mais pobres. Economicamente, era-lhes difícil pagar im-

<sup>30</sup>Sambalate é mencionado no **Papiro Aramaico**, escrito pelos judeus de Elefantina, que solicitaram ajuda aos filhos de Sambalate, em 407 a. C. Isso faz de Sambalate um contemporâneo de Neemias. Veja Cowley, *op. cit.* O nome Tobias, esculpido na rocha em escrita aramaica perto de Amã, Jordânia, data de cerca de 400 a. C. Isso pode aludir realmente a Tobias, o adversário de Neemias. Cf. Albright, *Archaeology of Palestine and the Bible*, págs. 171, 222.

postos e juros, sustentando seus familiares enquanto ajudavam a reconstruir as muralhas. Alguns chegaram a enfrentar a possibilidade de vender seus filhos como escravos, por causa de suas dívidas crescentes. Imediatamente Neemias convocou uma assembléia pública e extraiu dos ofensores a promessa de que devolveriam aos necessitados o que lhes fora tomado como garantia. Foram cancelados os pagamentos de juros. Como administrador, o próprio Neemias deu o exemplo. Não coletou dentre o povo seus salários como governador, na forma de alimento e dinheiro, durante os doze anos de seu primeiro termo no governo, conforme tinham feito os seus antecessores. Em adição, 150 judeus e oficiais que freqüentavam Jerusalém, eram convidados à mesa de Neemias, sem nada pagarem. Nem ele e nem seus servos tinham adquirido hipotecas de terrenos, devido ao empréstimo de dinheiro e cereal, enquanto ajudavam aos necessitados. Dessa maneira, Neemias solucionou eficazmente a crise econômica durante os dias cruciais da restauração das muralhas.

Quando os adversários dos judeus ouviram que as muralhas estavam quase terminadas, a despeito de sua oposição, formularam planos para fazer Neemias cair numa armadilha. Por quatro vezes Sambalate e Gesém convidaram-no a encontrar-se com eles em uma das aldeias do vale do Ono. Suspeitando que tinham más intenções, Neemias declinou ao convite, dando a desculpa razoável de que estava por demais ocupado. A quinta tentativa foi uma carta aberta de Sambalate, acusando Neemias de planos rebeldes e da ambição pessoal de ser rei. Com a advertência de que isso seria participado ao rei da Pérsia, Sambalate exortou a Neemias para que viesse a juntar-se a ele numa reunião em que discutiriam sobre a questão. Neemias replicou corajosamente a essa ameaça acusando Sambalate de deixar a imaginação funcionar. Ao mesmo tempo, fez uma oração, rogando que Deus o fortalecesse na realização de sua responsabilidade.

O esquema seguinte consistiu de lançar Neemias na exprovação perante sua própria gente. Astutamente, Sambalate e Tobias, empregaram um falso profeta, Semaías, para intimidar e desviar o governador judeu de seu rumo. Quando Neemias teve oportunidade de visitar Semaías, que se confinara em sua residência, o falso profeta sugeriu que eles dois se refugassem no templo.<sup>31</sup> Ele advertiu Neemias acerca do conluio para tirar-lhe a vida. Mas Neemias respondeu com um “Não!” enfático. Em primeiro lugar, ele não haveria de fugir. Além disso, ele não entraria no templo.<sup>32</sup> Sem dúvida alguma Neemias previu que esse ato o exporia a severas críticas da parte de seu próprio povo, e, talvez, ao juízo divino, por haver entrado no templo, por não ser ele um sacerdote. Percebeu claramente que Semaías era um profeta falso, que fora contratado por Sambalate e Tobias. Em oração, Neemias expressou seu desejo que Deus não somente se lembrasse desses dois inimigos, mas também da profetiza Noadia e de outros profetas falsos que vinham procurando intimidá-lo.

Em adição a todos esses problemas, havia o fato de que Tobias e seu filho, Joanã, estavam relacionados por parentesco com famílias proeminentes de Judá. O sogro de Tobias, Secanias, era filho de Ará, que retornara junto com Zoroba-

<sup>31</sup>“Estava encerrado” - Keil, *Commentary* sobre Ne 6:10, sugere que Semaías se trancou em sua casa, mandou chamar Neemias a fim de dar-lhe impressão que ele mesmo estava em tão grave perigo que não podia sair de casa. Daí o seu conselho que ambos se refugassem no templo.

<sup>32</sup>A pergunta respondida por Neemias em 6:11 é ambígua. Salvaria ele realmente sua vida, entrando no templo, ou seria punido com a morte, segundo Nm 18:7? Veja Keil, *Commentary* sobre Ne 6:11.

bel (veja Ed 2:5). O sogro de Joanã, Mesulão participara ativamente da reconstrução das muralhas (veja Ne 3:4,30). Até mesmo o sumo sacerdote, Eliasibe, estava vinculado a Tobias, embora a natureza exata do relacionamento não seja determinada. Em consequência, havia correspondência freqüente entre Tobias e essas famílias de Judá. Esse eficaz canal de comunicação dificultava extremamente as coisas para Neemias, pois suas ações e planos revelados eram constantemente levados ao conhecimento de Tobias. Embora os parentes de Tobias lhe enviassem notícias alvicheiras, acerca de seus belos feitos, Neemias sabia que Tobias tinha somente más intenções para com os habitantes de Jerusalém.

A despeito de toda essa oposição, as muralhas de Jerusalém se completaram em cinquenta e dois dias.<sup>33</sup> Os inimigos ficaram envergonhados, e as nações ao redor ficaram impressionadas, percebendo novamente que Deus havia sido gracioso para com Neemias. O término bem sucedido do projeto de restauração traçado por Neemias, em face da oposição de adversários, estabeleceu o respeito e o prestígio do estado judeu entre as províncias a oeste do rio Eufrates.

### *A Reforma sob Esdras*

Estando Jerusalém seguramente protegida em suas muralhas, Neemias voltou sua atenção para outros problemas. Um sistema de vigilância, para impedir o ataque do inimigo, foi confiado a Hanani, irmão de Neemias, e a Hananias, que já estava encarregado da cidadela contígua à área do templo ao norte. Em adição aos porteiros que estavam responsabilizados pelo átrio, Neemias recrutou cantores e levitas, determinando-lhes que montassem guarda para os portões e muralhas da cidade inteira.

Os civis que viviam dentro de Jerusalém receberam a incumbência de montar vigília durante a noite, em porções das muralhas respectivas a seus próprios lares. Embora já se tivessem passado noventa anos, desde que a cidade viera a ser novamente habitada, havia áreas tão escassamente populadas que a defesa era inadequada. Diante desse problema, Neemias convocou os líderes para fazerem relação de todo o povo habitante da província, a fim de recrutar alguns para virem instalar-se em Jerusalém. Enquanto contemplava a execução desse plano, ele encontrou o registro genealógico do povo que retornara do exílio nos dias de Zorobabel. Com a exceção de variações mínimas, as quais podem ser devidas a erros de manuseio e transmissão, essa relação, em Ne 7:6-73, é idêntica à lista registrada em Ed 2:3-67.

Antes que Neemias tivesse oportunidade de executar os seus planos, o povo começou a reunir-se para as atividades religiosas do sétimo mês, Tisri, durante as quais era observada a festa dos Tabernáculos (veja Lv 23:23-43).<sup>34</sup> Neemias apoiou plenamente ao povo em sua devoção religiosa - seu nome aparece em primeiro lugar na lista daqueles que assinaram o pacto (veja Ne 10:1). Sem dúvida

<sup>33</sup>Josefo, *Antiquities* xi. 5.7 atribui dois anos e quatro meses para a restauração das muralhas. Keil, *Commentary* sobre Ne 6:15, dá as seguintes razões em favor do texto hebraico, que alude a cinquenta e dois dias:

(1) A urgência para terminar prontamente a tarefa.  
 (2) O zelo intenso e o grande número de construtores vindos de Tecoa, Jericó, Gibeom, Mispa, etc.  
 (3) Tão concentrado esforço, em trabalho e vigilância, dificilmente poderia ter continuado por dois anos.  
 (4) As muralhas foram reparadas onde era necessário - largas porções da muralha e do portão de Efraim não tinham sido destruídas.

Albright e outros seguem Josefo, e não o texto hebraico. Veja Albright, *Biblical Period*, pág. 52.

<sup>34</sup>Não há base razoável para a suposição que Neemias nos dá completo relato de todas as atividades. Mui provavelmente o Dia da Expição foi observado no décimo dia de Tisri. A festa das Trombetas e a festa dos Tabernáculos se revestiam de interesse especial naquele ano.

alguma seu programa administrativo deu precedência às atividades religiosas durante esse mês, tendo sido reiniciado com esforços renovados no período subsequente. Neemias, que não era sacerdote, retrocedeu para o segundo plano durante as atividades religiosas, sendo mencionado apenas por duas vezes no trecho de Ne 8 - 10.

Esdras, sacerdote e escriba, surge como notável líder religioso. Tendo chegado cerca de treze anos antes, como renomado mestre da lei, indubitavelmente ele era bem conhecido de todos os habitantes da província. Embora isso não esteja registrado no livro de Esdras ou de Neemias, é muito lógico supor-se que Esdras, em anos anteriores, havia convocado o povo para observância das festas e estações. Naquele ano o povo tinha razão para torná-la a maior celebração jamais efetuada. Por detrás das muralhas fechadas de Jerusalém, podiam reunir-se em paz, sem temer os ataques do inimigo. É fora de dúvida que a moral do povo judeu deve ter sido fortalecida através da bem sucedida liderança de Neemias.

A festa das Trombetas distinguia o primeiro dia do sétimo mês dentre todas as outras luas novas. Quando o povo se reuniu nesse ano, na praça do Portão da Água, ao sul do átrio do templo, solicitaram unanimemente que Esdras lesse em público a lei de Moisés. Postando-se de pé sobre uma plataforma de madeira, ele leu para a congregação, de pé, desde o alvorecer até o meio-dia. Para ajudar o povo a entender o que era lido, os levitas expunham a lei intermitentemente, enquanto Esdras a ia lendo. Quando a leitura comoveu a multidão até às lágrimas, Neemias, apoiado por Esdras e pelos levitas ensinadores, admoestou-os para que se regozijassem e fizessem da oportunidade uma ocasião festiva, compartilhando do alimento preparado num companheirismo comum.

No segundo dia, os representantes das famílias, os sacerdotes e os levitas tiveram um encontro com Esdras, a fim de estudarem cuidadosamente a lei. Quando perceberam que Deus revelara, por meio de Moisés, que os israelitas deveriam habitar em tendas, para a observância da festa dos Tabernáculos (veja Lv 23: 39-43), instruíram ao povo mediante uma proclamação pública. O povo saiu com entusiasmo pelas colinas, trazendo ramos de oliveira, de murta e palmeiras em abundância, erigindo tendas por toda parte — nos telhados das casas, em átrios públicos e particulares e nas praças públicas. Tão generalizada foi a participação que essa mostrou ser a mais extraordinária observância da festa dos Tabernáculos, desde os dias de Josué, o qual conduziu a Israel na conquista da terra de Canaã.<sup>35</sup>

A lei foi lida publicamente cada dia, durante os sete dias dessa festa (mês de Tisri 15 - 21). No oitavo dia houve convocação solene, e os sacrifícios prescritos foram oferecidos.

Após dois dias de interrupção, o povo reuniu-se novamente para orar e jejuar. Esdras e assessores levitas dirigiram os cultos públicos, liderando o povo na leitura da lei, na confissão de pecados e na oferta de ações de graças a Deus. Em longa e significativa oração (9:6-37), a justiça e a misericórdia de Deus foram devidamente reconhecidas.<sup>36</sup>

<sup>35</sup>Keil, *Commentary* sobre Ne 8:17, sugere que isso pode significar somente que nunca antes a congregação inteira participara tão plenamente, ou que a armação de tendas nunca fora tão entusiasticamente demonstrada em celebrações prévias. Cf 1 Rs 8:65 e Ed 3:4.

<sup>36</sup>O texto hebraico, em Ne 9:6, não identifica o indivíduo que ofereceu essa oração. A LXX especifica Esdras, o que é razoavelmente confirmado no contexto.

Em um pacto escrito, assinado por Neemias e outros representantes da congregação, o povo se obrigou por juramento a guardar a lei de Deus que fora dada por Moisés. Dois preceitos foram frisados especialmente: casamentos mistos com os pagãos e a observância do sábado. Esse último preceito não somente excluía o comercialismo no sábado, mas incluía a observância dos demais dias de festa e a promessa de alqueivar a terra a cada sete anos.

O que ficou implícito nesse compromisso era algo realista e prático. Cada indivíduo era obrigado a pagar anualmente um terço de siclo para sustento do ministério do templo<sup>37</sup> — isso assegurava a provisão constante de pães da proposição, bem como de ofertas diárias e para dias de festejos especiais. A lenha para as oferendas era requisitada por lote. O povo reconheceu sua obrigação de pagar os dízimos, as primícias do campo, os primogênitos dos animais e outras contribuições prescritas por lei. Se os primogênitos dos animais e as primícias do campo deviam ser trazidos aos sacerdotes, no templo, os dízimos poderiam ser coletados pelos levitas por toda a província, sendo trazidos por eles para as câmaras do templo. Dessa maneira, o povo se comprometeu publicamente a não negligenciar a casa de Deus.

### *Programa e Normas Políticas de Neemias*

Neemias retomou a execução de seu plano para aumentar a população de Jerusalém, assim ficando assegurada a defesa civil. Ele tinha certeza de que se tratava de uma ordem divina (veja Ne 7:5). Sem dúvida ele atualizou o registro, utilizando-se dos registros genealógicos dos tempos de Zorobabel. Mediante o lançamento de sortes, uma décima parte da população foi convocada para mudar de residência, para a cidade de Jerusalém. Dessa maneira, as áreas escassamente ocupadas, dentro da cidade, foram suficientemente populadas para que houvesse defesa adequada.

A relação daqueles que habitavam em Jerusalém e aldeias circunvizinhas (veja Ne 11:3-36), representa a população conforme ela se achava nos dias de Esdras e Neemias. Os residentes de Jerusalém são alistados de acordo com os chefes de família, ao passo que os habitantes esparsos por toda a província são notados meramente de acordo com suas vilas. A relação de sacerdotes e levitas (veja Ne 12:1 - 26), pelo menos em parte, pertence ao tempo de Zorobabel e se estende até aos dias de Neemias.<sup>38</sup>

A dedicação das muralhas de Jerusalém envolveu a província inteira. Os líderes civis e religiosos, bem como todos os participantes, foram organizados formando dois cortejos. Encabeçados respectivamente por Esdras e Neemias, um cortejo prosseguiu sobre as muralhas de Jerusalém. Quando os dois grupos se reuniram no templo, foi efetuado grande culto de ação de graças, com música fornecida por uma orquestra e coros. Sacrifícios abundantes foram apresentados como uma expressão de alegria e agradecimento. Até as mulheres e crianças compartilharam das alegrias dessa ocasião festiva, participando da festa que acompanhou essas ofertas. Tão extensa e jubilosa foi a celebração que o ruído de triunfo foi ouvido longe.

<sup>37</sup>O valor de um siclo é, aproximadamente, Cr\$ 8,00. Segundo Êx 30:13, cada homem de vinte anos para cima tinha de pagar meio siclo anualmente. Keil, *Commentary* sobre Ne 10:33, sugere que isso foi reduzido por causa da pobreza dos exilados que voltaram.

<sup>38</sup>Quanto a uma comparação e discussão dessa lista de sacerdotes com a lista daqueles que assinaram o pacto, Ne 10:3-9, e aqueles que retornaram da Babilônia, Ed 2:36-39 e Ne 7:39-42, veja Keil, *Commentary*, sobre Ne 12:1-26.

Como eficiente administrador, Neemias organizou os sacerdotes e levitas para cuidarem dos dízimos e de outras contribuições feitas pelo povo (veja Ne 12:44 ss.) Vindas de várias aldeias provincianas, essas dádivas foram devidamente canalizadas para Jerusalém, por intermédio de levitas responsáveis, pelo que os sacerdotes e levitas puderam desincumbir-se devidamente de seus deveres.<sup>39</sup> Os cantores e porteiros receberam, por semelhante modo, seu sustento regular, para que pudessem servir conforme fora prescrito por Davi e Salomão (veja 2 Cr 8:14). Regozijando-se o povo no ministério dos sacerdotes e levitas, sustentaram voluntariamente às ministrações do templo.

A leitura do livro de Moisés tornou o povo cômso do fato de que os amonitas e moabitas não deveriam ser acolhidos na assembléia dos judeus.<sup>40</sup> Providências devidas foram tomadas, para que tudo fosse de conformidade com a lei.

Durante seu décimo segundo ano como governador de Judá (cerca de 432 a. C.), Neemias viajou de volta à Pérsia. A duração de sua permanência não é indicada, mas, depois de algum tempo, Artaxerxes uma vez mais lhe permitiu que retornasse a Jerusalém.

Durante o tempo da ausência de Neemias, prevaleceu a lassidão religiosa. Eliasibe, o sumo sacerdote, permitira a Tobias, o amonita, que ocupasse uma câmara no átrio do templo. Havia faltado provisões para os levitas e para os cantores do templo. E já que o povo negligenciara em trazer as ofertas diárias, das quais os dízimos e as primícias eram separados para os levitas, estes últimos saíram pelo país afora, a fim de ganhar a vida.

Neemias ficou indignado ao descobrir que a câmara anteriormente usada para armazenar as provisões para os levitas havia sido ocupada por Tobias, o amonita. Sem perda de tempo ele lançou fora os móveis, ordenou que as câmaras fossem renovadas, restaurou os vasos e substituiu as ofertas de manjares e o incenso.

Em seguida, os oficiais foram chamados a prestar contas. Corajosamente Neemias acusou-os de terem negligenciado o templo, deixando de coletar os dízimos. Homens que ele considerava dignos de confiança foram então nomeados tesoureiros dos armazéns. Os levitas, uma vez mais, passaram a receber suas porções. Neemias novamente expressou uma oração para que Deus relembra-se seus feitos bons para com o templo e para com o seu pessoal.

A observância sabática foi o próximo item para o qual Neemias voltou sua atenção reformadora. Não somente os judeus trabalhavam e vendiam no sábado, mas também permitiam que os tírios residentes em Jerusalém promovessem negócios naquele dia. Advertiu Neemias aos nobres de Judá que esse fora o pecado que precipitara o cativo de Judá e a destruição de Jerusalém. Em conseqüência, Neemias ordenou que os portões de Jerusalém fossem fechados aos sábados. Designou seus próprios servos para que servissem de guardas e fizessem cessar o tráfico. Uma advertência pessoal de Neemias teve o efeito de impedir a chegada de mercadores no dia de sábado, que costumavam esperar que os portões se abrissem no fim desse dia santo. Para isso ele também pediu que Deus o tivesse na memória.

Os casamentos mistos foram o último grande problema tratado por

<sup>39</sup>Esses eventos, em Ne 12:44 - 13:33, podem ter ocorrido pouco depois da consagração e do pacto, ou então nos anos que se seguiram. Representam as condições e costumes que prevaleceram durante os dias de Neemias.

<sup>40</sup>As passagens particulares que abordam esse problema são Nm 22:2 ss e Dt 23:4-6.



Neemias. Alguns judeus se tinham casado com mulheres de Asdode, Moabe e Amom. Visto que os filhos falavam os idiomas de suas respectivas mães, é perfeitamente provável que essa gente vivia nas fronteiras mais afastadas do estado judeu. Desses homens que se tinham casado com mulheres pagãs, Neemias extraiu o juramento de que desistiriam de tal relacionamento, lembrando-lhes que o próprio Salomão fora levado ao pecado por meio de suas esposas estrangeiras.

No caso do neto de Eliasibe, o sumo sacerdote, Neemias tomou medidas drásticas. Ele se unira por matrimônio à filha de Sambalate, governador de Samaria, que não causara a Neemias poucas dificuldades durante o primeiro ano em que os judeus reparavam as muralhas de Jerusalém. Imediatamente Neemias o expulsou de Judá.<sup>41</sup>

Fazendo breve sumário das reformas religiosas e das provisões necessárias aos cultos apropriados no templo, Neemias encerrou a narrativa de suas atividades. Intensamente zeloso pela causa de Deus, ele proferiu sua oração final: "Lembra-te de mim, Deus meu, para o meu bem".

### LEITURAS SELECIONADAS

- Arberry, A. (E.), **The Legacy of Persia**, Oxford: Clarendon Press, 1953.
- Contenau, G. **Everyday Life in Babylon and Assyria**. Londres, 1954.
- Frye, R. **The Heritage of Persia**. Nova Iorque: World Publishing Company, 1963.
- Gadd, C. J. **The Fall of Nineveh**. Londres: The British Museum, 1923.
- Girshman, R. **Iran**. Baltimore: Penguin Books, Inc., 1954.
- Herzfeld, E. **Archaeology History of Iran**. Londres: Oxford University Press, 1935.
- Hooke, S. H. **Babylonian and Assyrian Religion**. Londres: Hutchinson's University Library, 1953.
- Macqueen, J. G. **Babylon**. Nova Iorque: Frederick A. Praeger, 1965.
- Margueron, Jean-Claude, **Mesopotamia**. Cleveland: World Publishing Co., 1965.
- Myers, J. M. Ezra-Nehemiah. **The Anchor Bible**. Garden City: Doubleday, 1965.
- North, R. **Guide to Biblical Iran**. Rome Pontifical Biblical Inst., 1956.
- Noth, M. **The History of Israel**. Nova Iorque: Harper & Row, 1958.
- Olmstead, A. **The History of the Persian Empire**. Chicago: University of Chicago Press, 1948.
- Pallis, S. A. **The Antiquity of Iraq**. Copenhagen: Munksgaard, 1956.
- Parker, R. A., e Dubberstein, W. H. **Babylonian Chronology 626 B. C. - A. D., 45**. Chicago: University of Chicago Press, 1942.
- Pfeiffer, C. **Exile and Return**. Grand Rapids: Baker Book House, 1961.
- Rogers, R. **A History of Ancient Persia**, Nova Iorque: Scribner's, 1929.
- Roux, Georges. **Ancient Iraq**. Pelican Book, A 828, 1966.
- Saggs, H. **The Greatness That Was Babylon**. Londres: Sidgwick, 1962.
- \_\_\_\_\_. **Everyday Life in Babylonia and Assyria**. Nova Iorque: G. P. Putnam's Sons, 1965.
- Whitley, C. **The Exilic Age**. Londres: Westminster Press, 1957.

<sup>41</sup> A expulsão do genro de Sambalate de Jerusalém pode ter sido o começo da adoração em Samaria. Visto ser ele neto de Eliasibe, o sumo sacerdote de Judá, pode ter servido de instrumento para promoção da edificação de um templo no monte Gerizim. Embora Josefo, *Antiquities of the Jews* viii, 3, coloque tal acontecimento um século mais tarde, é perfeitamente provável que esses acontecimentos retrocedam até Neemias.

Wiseman, D. J. **Chronicles of Chaldaean Kings (626 - 556 B. C.) in the British Museum.** Londres, 1956.

Wright, J. S. **The Date of Ezra's Coming to Jerusalem.** Londres: The Tyndale Press, 1946.

\_\_\_\_\_ **The Building of the Second Temple.** Londres: The Tyndale Press,  
1958.

## Capítulo XVII

### **A Interpretação da Vida**

Cinco unidades literárias, comumente conhecidas como livros poéticos, são: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares de Salomão. Nenhuma delas poderia ser apropriadamente classificado como livro histórico ou profético. Mas por fazerem parte do “cânon” do Antigo Testamento, provêm discernimento adicional quanto à vida dos israelitas.<sup>1</sup>

Os livros poéticos não podem ser datados com certeza. São tão limitadas as alusões a informes históricos, nessa literatura, que o tempo de sua composição é relativamente insignificante. A autoria deles também não se reveste de importância primária, Reis, profetas, filósofos, poetas e pessoas ordinárias — todos se fazem presentes entre os contribuintes, muitos dos quais são anônimos.

Nessa literatura estão refletidos os problemas, as experiências, as crenças, as filosofias e as atitudes dos israelitas. Tão larga variedade de interesses se exprime ali, que esses escritos têm uma atração praticamente universal. Seu uso freqüente por parte do povo comum, através do mundo inteiro, e a volumosa literatura escrita a respeito, desde os dias do Antigo Testamento, indicam que os livros poéticos abordam problemas e verdades com os quais a humanidade toda está familiarizada. Não obstante as diferenças de tempo, cultura e civilização, as idéias básicas expressas pelos escritores israelitas, em sua interpretação da vida, continuam sendo vitalmente importantes para os homens de toda parte.

#### **Jó — O Problema do Sofrimento**

O sofrimento humano é o problema milenar discutido no livro de Jó. Essa questão tem continuado a ser um dos problemas insolúveis do homem. E nem o livro de Jó nos provê solução final. Entretanto, verdades significativas são projetadas nessa prolongada discussão.

Considerado como uma unidade, o livro de Jó, em sua forma presente, pode ser apropriadamente classificado como um drama épico. Apesar de que a porção principal da composição seja de natureza poética e tenha a forma de um debate, o arcabouço é escrito em prosa. Neste último, a narrativa provê a base para a discussão inteira. Nem a data de seu pano-de-fundo histórico e nem o tempo de

<sup>1</sup>Quanto a uma discussão sobre a literatura hebréia de poesia e sabedoria, veja R. K. Harrison, **Introduction to the Old Testament** (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1969), págs. 965-1046.

sua composição, podem ser determinados com certeza, e seu autor continua anônimo.

O livro de Jó tem sido reconhecido como uma das maiores produções poéticas de todos os tempos. Entre os escritores hebreus, o autor desse livro exhibe o mais extenso vocabulário - ocasionalmente ele é tido como o Shakespeare dos tempos vetero-testamentários. Nesse livro são exibidos vastos recursos de conhecimento, um soberbo estilo de expressões vigorosas, profundidade de pensamentos, elevados padrões éticos e amor genuíno à natureza. As idéias religiosas e políticas têm atraído a consideração dos maiores teólogos e filósofos até nossos próprios dias.

Não somente imensa multiplicidade de interpretações — por demais numerosas para serem consideradas neste volume — têm sido sugeridas no que respeita ao livro de Jó, mas também o próprio texto tem sofrido consideravelmente por causa de emendas extensas, conjecturas, correções fantásticas e reconstituições.<sup>2</sup> Numerosos têm sido os rearranjos e as especulações acerca de sua origem.

O leitor principiante deveria reputar esse livro como uma unidade.<sup>3</sup> Variadas interpretações e numerosas teorias sobre sua origem merecem investigação da parte do estudante avançado, mas a simples verdade transmitida por esse livro, como uma unidade, é uma significativa faceta da revelação do Antigo Testamento. Para guiar o leitor em sua compreensão sobre a mensagem deste livro podemos dividi-lo como segue:

I. Introdução ou palco histórico	1:1 - 3:26
II. O diálogo com seus três amigos	4:1 - 31:40
A. Ciclo primeiro	4:1 - 14:22
Elifaz	4:1 - 5:27
Jó	6:1 - 7:21
Bildade	8:1 - 22
Jó	9:1 - 10:22
Zofar	11:1 - 20
Jó	12:1 - 14:22
B. Ciclo segundo	15:1 - 21:34
Elifaz	15:1 - 35
Jó	16:1 - 17:16
Bildade	18:1 - 21
Jó	19:1 - 29
Zofar	20:1 - 29
Jó	21:1 - 34
C. Ciclo terceiro	22:1 - 31:40
Elifaz	22:1 - 30
Jó	23:1 - 24:25
Bildade	25:1 - 6

<sup>2</sup>E. J. Kissane, *The Book of Job* (Nova Iorque, 1946), pág. xli, frisa que a indulgência de críticos como H. Torczyner, *Das Buch Hiob* (Viena, 1920), que considera o livro de Jó meramente como uma coleção de fragmentos, transmite uma falsa impressão sobre o estado do texto hebraico do livro de Jó. Poesia da ordem mais excelente, extenso vocabulário, grande proporção de *hapax legomena*, argumentos sutis e obscuros, reiteração das mesmas opiniões com palavras diferentes — todas essas coisas levaram a erros de transcrição e tradução, na proporção em que os escribas não entenderam plenamente a sua linguagem.

<sup>3</sup>Veja Aage Bentzen, *Introdução ao Antigo Testamento*, vol. II, págs. 197-202, que considera a prosa e a maior parte das seções poéticas como uma unidade.

Jó	26:1 - 31:40
III. Os discursos de Eliú	32:1 - 37:24
IV. Os discursos do Todo-Poderoso	38:1 - 41:34
V. A conclusão	42:1-17

A pátria de Jó era a terra de Uz.<sup>4</sup> Embora não existam correlações cronológicas específicas, os tempos em que Jó viveu parecem encaixar-se melhor dentro da era dos patriarcas.<sup>5</sup> Os infortúnios desse homem justo provêm o pano-de-fundo para o diálogo, o qual constitui a parte mais volumosa do livro.

O indivíduo Jó é retratado vividamente em três situações diferentes: em um período de prosperidade sem precedentes, em período de pobreza extrema e em período de incomensurável sofrimento pessoal. A fé de Jó se eleva acima do que é mundano e secular para chegar à esperança eterna. Embora esta última não seja claramente delineada, Jó não desesperou totalmente durante seu período crucial de sofrimento.

Jó é descrito como homem temente a Deus, como não se podia achar igual na raça humana (veja Jó 1:1,8; 2:3 e 42:7,8). O elevado padrão ético que lhe norteava a vida estava acima das possibilidades da maioria dos homens (veja Jó 29 - 31). Mesmo depois que seus amigos haviam feito o escrutínio de todo o seu padrão de comportamento, a conduta moral de Jó continuava acima de reprimendas.

Para começar, Jó era o homem mais abastado do Oriente. As possessões materiais, entretanto, não obscureceram sua devoção a Deus. Em períodos de festividades ele fazia sacrifícios continuamente, pelo bem-estar de sua família (1:1-5). O emprego dessas riquezas para ajuda dos necessitados se reflete por todo o restante do livro.

Repentinamente, Jó foi reduzido a pobreza extrema. Em quatro ocorrências catastróficas, ele perdeu todas as suas possessões materiais. Dois desses infortúnios parecem ter-se originado em fontes naturais - ataques desfechados pelos sabeus e pelos caldeus. Os outros dois - um incêndio consumidor e um tufão - estiveram fora do controle humano. Jó não somente sofreu bancarrota material, mas também perdeu todos os seus filhos.

Jó ficou atônito - rasgou as vestes e rapou a cabeça. Em seguida voltou-se para Deus em adoração. Reconhecendo que tudo quanto possuía lhe viera da parte de Deus, também reconheceu que, na providência divina, havia perdido tudo. Quanto a isso, bendisse a Deus, não o acusando de qualquer injustiça.

Afligido com úlceras terríveis (veja 2:7,8), Jó sentou-se sobre um montículo de cinzas e desesperadamente buscava aliviar-se rapando-se com um caco de barro. Por esse ponto dos acontecimentos sua esposa aconselhou-o a amaldiçoar a Deus e morrer. Uma vez mais esse homem justo mostrou-se superior às circunstâncias e honrou a Deus, reconhecendo-O autor das eventualidades da vida.

Três amigos - Elifaz, Bildade e Zofar - vieram visitar a Jó com o propósito declarado de consolá-lo. Mas quase não puderam reconhecê-lo em seu estado de sofrimento. Tão atônitos ficaram os três que se sentaram em mutismo por sete

<sup>4</sup>Provavelmente a noroeste da Arábia ou de Edom. Veja *Harper's Bible Dictionary*, pág. 792, quanto a uma discussão

<sup>5</sup>Razões dadas por essa correlação: (1) condições de família; (2) nenhuma alusão à lei ou às condições religiosas de tempos posteriores; (3) nenhuma referência ao ensino dos profetas; (4) a simplicidade de vida é similar à dos patriarcas. Cf. S. C. Yoder, *Poetry of the Old Testament* (Scottsdale, Pa.: Herald Press, 1948), pág. 83.

dias. Finalmente Jó quebrou o silêncio, amaldiçoando o dia do seu nascimento - a não-existência teria sido melhor do que passar por aqueles sofrimentos. Em angústia de alma e tormento físico ele ponderava sobre o enigma de sua existência, fazendo a pergunta: por que jamais nasci?<sup>6</sup>

O problema subjacente em toda a discussão foi o fato de que nem Jó e nem os seus amigos sabiam a razão desses aparentes infortúnios. Eles desconheciam os acontecimentos por detrás da cortina. Satanás aparecera perante Deus para desafiar a devoção e a fé de Jó. Fizera a acusação de que Jó só servia a Deus por causa das recompensas materiais, e recebera permissão de arrebatá-lo do homem mais rico do Oriente todas as suas posses materiais, embora não lhe fosse dado atingir o próprio Jó. Quando a resultante filosofia de vida de Jó não se mostrou perduradora ante a aposta feita por Satanás, Deus permitiu que o acusador afligisse a Jó, embora com a restrição específica de poupar-lhe a vida. Embora Jó houvesse amaldiçoado o dia de seu nascimento, jamais amaldiçoou a Deus. Plenamente cômico de seu sofrimento, e não tendo explicação para o mesmo, Jó levantou a indagação: “Por que?” - ao mesmo tempo que mergulhava ensimesmado no mistério de sua sorte peculiar na vida.

Com relutância, os seus amigos tentaram consolá-lo, a ele que instruíra e ajudara a outros em dias passados (veja 4:1 ss.) Elifaz, cautelosamente, salientou que nenhum homem mortal, com sua sabedoria limitada, poderia parecer perfeitamente justo perante o Deus onipotente. Deixando de levar em conta a genuína devoção de Jó a Deus, Elifaz expressou a suposição de que ele sofria por causa de seu pecado (veja Jó 4-5).

Retrucando, Jó retratou a intensidade de sua miséria tão grande que mesmo seus amigos não entendiam. A ele parecia-lhe que Deus o abandonara a um sofrimento contínuo. Em vão ele esperava por uma crise na qual ele pudesse achar o alívio, por meio da morte, ou perdão para seu pecado (veja Jó 6-7).

Bildade imediatamente replicou que Deus jamais perverteria a justiça. Apelando para a tradição e asseverando que Deus não rejeitaria a um homem ímpio, Bildade deu a entender que Jó sofria com justiça por causa de seu próprio pecado (veja Jó 8).

“Como pode o homem ser justo para com Deus?” foi a indagação seguinte de Jó. Ninguém era igual a Deus — Deus é onipotente e age como quiser, sem prestar contas a ninguém. Sem árbitro ou causídico que interviesse ou explicasse a causa de seus sofrimentos, Jó apelou diretamente ao Todo-poderoso. Abominando a vida em estado tão insuportável, Jó esperou ter o alívio da morte (veja Jó 9-10).

Zofar repreendeu ousadamente a Jó por levantar tais questões. Deus poderia revelar o pecado de Jó, mas a sabedoria e o poder divinos estão acima da compreensão humana. Aconselhou a Jó para que se arrependesse, e deixou subentendida a sua culpa, ao concluir que a única esperança para o ímpio residia na morte (veja Jó 11).

Com destemor, Jó asseverou que a sabedoria não estava limitada aos seus amigos. Toda forma de vida — tanto do homem como dos animais irracionais — está nas mãos de Deus. Concordando com seus oponentes, reafirmou que Deus é

<sup>6</sup>Note-se que Jeremias também amaldiçoou o dia do seu nascimento, Jr 20.

onipotente, onisciente e justo. Com intenso anelo por Deus, mas sem divisar alívio temporário, Jó afundou nas profundezas do desespero. Em momentos de dúvida ele chegou a duvidar que houvesse vida após a morte (veja Jó 12 - 14).

Elifaz acusou Jó de dizer coisas sem sentido, faltando ao respeito devido para com Deus. Asseverando ser ele excessivamente arrogante, Elifaz insistiu que a tradição lhe dava resposta: o sofrimento resulta do pecado. O conhecimento comum ensina que os ímpios devem sofrer (veja Jó 15).

Relembrando a seus interlocutores que isso não era novidade, Jó concluiu acertadamente que eles eram miseráveis consoladores. Embora seu espírito estivesse quebrantado, seu planos houvessem sido frustrados e sua vida estivesse quase no fim, ele manteve que seu testemunho nos céus haveria de defendê-lo (veja Jó 16 e 17).

Bildade pouco teve a acrescentar. Ele simplesmente reafirmou a assertiva de seus colegas, de que os maus devem sofrer. Qualquer pessoa sujeitada ao sofrimento por certo deve ser um ímpio (veja Jó 18).

Esquecido por seus colegas, alienado de sua família, abominado por sua esposa e ignorado por seus servos, Jó retratou a sua solidão nos sofrimentos sob a mão de Deus. Somente pela fé ele se transpunha para além das circunstâncias presentes. Antecipou a vindicação futura com base em seu registro (veja Jó 19).

A essência da resposta de Zofar foi que a prosperidade dos ímpios é breve. Precipitadamente ele reafirmou que o sofrimento é a sorte dos perversos (veja Jó 20).

Jó terminou o segundo ciclo de discursos discordando das conclusões básicas de seus amigos. Muitos ímpios prosperam, gozam da vida plenamente, recebem sepultamento honroso e são respeitados em face de seu sucesso. Isso é confirmado por observadores que têm um lato conhecimento dos homens e das coisas (veja Jó 21).

No terceiro ciclo de discursos, tem prosseguimento a busca pela solução para o problema de Jó. Crendo firmemente que o sofrimento resulta do pecado, os amigos de Jó sentiam-se impelidos a chegar à conclusão que Jó era um pecador. Visto que a causa do sofrimento não poderia ser atribuída a um Deus justo, onipotente e onisciente, teria de ser achada no indivíduo sofredor. Elifaz, portanto, acusou Jó de pecados secretos. Acusou-o intrepidamente de supor que Deus, por ser tão remoto, não tinha consciência de Seu tratamento tirânico contra os pobres e oprimidos. Visto que a pecaminosidade de Jó era a causa de sua miséria, Elifaz aconselhou-o para que se voltasse penitente para Deus (veja Jó 22).

Jó estava perplexo. Seus sofrimentos prosseguiram, enquanto os céus continuavam mudos. Um sentimento de urgência e impaciência o avassalou, porquanto não via Deus agindo em seu favor. Tudo quanto ele fizera era perfeitamente conhecido por Aquele a quem vinha servindo fielmente em fé e obediência. Ao mesmo tempo continuavam a injustiça, a violência e a iniquidade, ao mesmo tempo em que Deus sustentava a vida dos ímpios (veja Jó 23 e 24).

Bildade falou de modo breve. Ignorando os argumentos, esforçou-se por levar Jó a ajoelhar-se perante Deus. Mas não teve êxito (veja Jó 25).

Jó conviu com seus amigos de que o homem é inferior a Deus (veja Jó 26).

Afirmando-se inocente, e que eles estavam equivocados em suas acusações, ele descreveu a sorte dos ímpios. Não tinham garantia de prosperidade duradoura. Embora o homem houvesse explorado e se valido dos recursos da natureza, continuava perplexo em sua inquirição pela sabedoria. Esta não pode ser comprada, embora Deus tenha demonstrado a Sua sabedoria no universo. Poderia o homem encontrá-la? Somente o homem moral, temente a Deus, teria acesso a essa sabedoria e compreensão (veja Jó 28).

Jó concluiu o terceiro ciclo de discursos passando em revista todo o seu caso. Ele contrastou os dias áureos de extrema felicidade, prosperidade e prestígio com seu presente estado de sofrimento, desprezo e angústia de alma, tendo consciência de que sua sorte fora determinada por Deus. Com consideráveis detalhes, Jó repassou seus padrões de ética e integridade ao tratar com seus semelhantes. Sem a mácula da imoralidade, da vaidade, da negligência, da cobiça, da idolatria, da amargura e da insinceridade, Jó se declarou inocente. Nem o homem e nem Deus poderiam dar apoio às acusações que contra ele assacavam seus amigos (veja Jó 29-31).

Parece evidente que Eliú ouvira com paciência ao debate entre Jó e seus três amigos. Sendo mais jovem, ele se refrera de falar, até ser compelido a exprimir o que discernia ser a verdade divina. Após denunciar a Jó por sua atitude para com o sofrimento, ele refutou as queixas de Jó. Com aguda sensibilidade para com o pecado e genuína reverência a Deus, Eliú sugeriu a sublimidade de Deus como um mestre que busca disciplinar aos homens. A grandiosidade de Deus, exibida nas obras criadas da natureza, é avassaladora. A compreensão do homem sobre os caminhos de Deus está condicionada às limitações de sua mente. Como poderia o homem entender corretamente a Deus? Por conseguinte, Jó não deveria mostrar-se sábio aos seus próprios olhos, mas antes, temer Àquele que é grande em poder, justiça e retidão (veja Jó 32 - 37).

Em meio à multidão de palavras, nem Jó nem seus amigos tinham solucionado o problema da retribuição, o mistério do sofrimento ou os desígnios da sorte que coubera particularmente a Jó na sua vida. Nem mesmo os discursos do Todo-Poderoso expuseram um argumento razoável, capaz de fornecer uma explicação detalhada (veja Jó 38 - 41). A resposta dada por Deus dentre o redemoinho retratou-O em Sua majestade. As maravilhas do universo físico e as maravilhas do reino animal exibem a sabedoria de Deus acima de qualquer concepção ou entendimento. O próprio Jó, que havia respondido a seus amigos por repetidas vezes, humildemente reconheceu que não tinha réplica para Deus. Mas Deus continuou falando. Não criara Ele os monstros marinhos, como também ao próprio Jó? Porventura Jó tinha o poder de controlar o beemote (hipopótamo) e o leviatã (crocodilo)? Se o homem não pode exercer hegemonia sobre essas criaturas, como poderia esperar resistir diante de seu Criador — Aquele que o criara?

Jó ficou ofuscado ante a sabedoria e o poder de Deus. Por certo os propósitos e desígnios Daquele que possuía tal sabedoria e poder não podiam ser postos em dúvida por mentes finitas. Quem poderia duvidar da propriedade dos caminhos divinos, nos sofrimentos dos justos ou na prosperidade dos ímpios? Os segredos e motivos de Deus, em Sua justiça para com a humanidade transcendem à apreciação humana. No pó e nas cinzas Jó se prostrou humildemente em adoração, confessando a sua insignificância. Tendo-se assenhorado de nova perspec-



tiva tanto de Deus como de si mesmo, percebeu que falara acima de seus conhecimentos e entendimentos limitados. Mediante a fé e a confiança em Deus ele ultrapassou os limites da razão humana na solução dos problemas que tão ousadamente levantara, antes de haver-se interrompido o silêncio dos céus (veja Jó 42:1-6).

Identificado por Deus como “meu servo”, Jó tornou-se sacerdote oficiante e intercessor em favor de seus três amigos, que tinham falado tão insensatamente. Foi-lhe restaurada a boa sorte, em dupla medida. No companheirismo de seus parentes e amigos Jó experimentou o conforto e a bênção de Deus após esse período de severas provas.

### Salmos — a Hinologia de Israel

Por mais de dois milênios o livro de Salmos tem sido a coleção mais popular de escritos do “cânion” do Antigo Testamento. Os salmos eram usados nos cultos de adoração dos israelitas desde os tempos davidicos. A Igreja Cristã incorporou os Salmos na liturgia e no ritual, através dos séculos. Por todos os séculos o livro de Salmos tem merecido maior interesse pessoal e maior uso na adoração pública do que qualquer outro livro do Antigo Testamento, ultrapassando limites geográficos e raciais.<sup>7</sup>

A popularidade dos Salmos reside no fato de que refletem a experiência comum da raça humana. Tendo sido compostos por numerosos autores, os vários salmos expressam as emoções, os sentimentos pessoais, as atitudes, a gratidão e os interesses do indivíduo comum. Universalmente, os povos têm identificado sua sorte na vida com a sorte dos salmistas.

Aproximadamente dois terços dos cento e cinquenta salmos são atribuídos a vários autores, no seu título.<sup>8</sup> O resto é anônimo. Ao identificarmos sua autoria, setenta e três deles são atribuídos a Davi, doze a Asafe, dez aos filhos de Coré, dois a Salomão, um a Moisés, e um a cada um dos ezraitas, Hamã e Etã.<sup>9</sup> Os títulos também provêem informações concernentes aos motivos da composição dos salmos e instruções musicais para seu uso apropriado na adoração.<sup>10</sup>

Como e quando os Salmos foram colecionados têm sido motivo de muita especulação. Visto que Davi mostrou-se genuinamente interessado em estabelecer a adoração e iniciar o uso litúrgico de alguns deles, é razoável associar a coletânea inicial dos mesmos a Davi, como rei de Israel (veja 1 Cr 15 - 16). O cântico de cantares na casa do Senhor também foi introduzido por Davi (veja 1 Cr 6:31). Com toda a probabilidade Salomão, Josafá, Ezequias, Josias e outros contribuíram para o arranjo e uso amplo dos Salmos, em

<sup>7</sup>Com base nos textos hebraico e grego, e noutras fontes, o uso litúrgico dos seguintes salmos tem sido sugerido: 30 - festa da Dedicção; 7 - Purim; 29 - Pentecoste; 83 ou 135 - Páscoa; 137 - comemoração da destruição do templo; 29 - últimos dias da festa dos Tabernáculos; e os seguintes eram entoados durante a oferta queimada diária; 24 - domingo; 38 - segunda-feira; 82 - terça-feira; 94 - quarta-feira; 81 - quinta-feira; 93 - sexta-feira; 38 e 92 - sábado. Cf. R. H. Pfeiffer, *The Book of the Old Testament* (Nova Iorque: Harper & Brothers, 1957), págs. 195, 196.

<sup>8</sup>A atual divisão dos Salmos não aparece nos mais antigos manuscritos em hebraico que ainda existem. O número total varia segundo os diversos arranjos. O Talmude de Jerusalém exibe um total de 147. A LXX combina os Salmos 9 e 10, como também os de número 114 e 115, mas divide os de número 116 e 147 em dois cada qual, adicionando um salmo apócrifo, totalizando 150.

<sup>9</sup>A frase hebraica, “ledhavidh”, algumas vezes pode significar “pertencente a Davi”; mas o conteúdo de salmos como os de número 3, 18, 34, 51 - 54, 56, 57, 59, 60, além de outros, firmam o fato da autoria davidica. Conseqüentemente, muitos outros podem ter sido escritos por ele. Cf. E. J. Young, *Introdução ao Antigo Testamento* (São Paulo: Edições Vida Nova, 1964), págs. 312-325. Cf. também a tese não-publicada de Elaine Nordstrom, “A Chronological Arrangement of the Psalms of David”, Wheaton College Library, Wheaton, III.

<sup>10</sup>O fato de que alguns dos termos usados nos títulos dos Salmos não foram compreendidos pelos tradutores da LXX favorece a sua antiguidade.

séculos subsequentes. Esdras, na era pós-exílica, pode ter sido o editor final do livro de Salmos.

Com poucas exceções, cada salmo é uma só unidade, sem ligações com os salmos antecedentes ou posteriores. Em resultado disso, esse extenso livro, que contém 150 capítulos, é difícilimo de ser esboçado. Uma quántupla divisão, preservada no texto hebraico e nas versões mais antigas, é como segue: I (Sl 1 - 41), II (42 - 72), III (73 - 89), IV (90 - 106), V (107 - 150). Cada uma dessas unidades termina com uma doxologia. Na última divisão, o salmo final serve de doxologia de conclusão. Embora numerosas sugestões tenham sido oferecidas quanto a esse arranjo, permanecem ainda algumas dúvidas acerca da história e do propósito dessas divisões.

Os assuntos dos salmos parecem prover-lhes a melhor base para um estudo sistemático dos Salmos. Vários tipos podem ser classificados em certos grupos, porquanto representam certa similaridade de experiências como pano-de-fundo, além de possuírem um tema comum. A despeito do fato de que não podemos dar a devida consideração ao saltério inteiro, neste breve estudo, a classificação dada abaixo, com exemplos referentes a cada categoria, pode ser usada como sugestão para estudos posteriores:

- I. Orações dos justos — 17, 20, 25, 28, 40, 42, 55, etc.
- II. Salmos de arrependimento - 6, 32, 38, 51, 102, etc.
- III. Salmos de louvor - 65, 95-100, 111-118, 146 - 150.
- IV. Salmos de peregrinação - 120 - 134.
- V. Salmos históricos - 78, 105, 106, etc.
- VI. Salmos messiânicos - 22, 110, etc.
- VII. Salmos alfabéticos - 25, 34, 111, 112, 119, etc.

É universal a necessidade humana de libertação. Isso é expresso em muitos salmos, nos quais os justos vocalizam seu apelo a Deus, rogando o auxílio divino. Premida pela ansiedade, pela preocupação, pelo perigo iminente, por um senso de vindicação ou pela necessidade de reavivamento, a alma anelante se volta humildemente para Deus.

Os anelos interiores dos indivíduos arrependidos são expressos com maior intensidade. Com poucas exceções, esses salmos são atribuídos a Davi. Ele exprimiu francamente os seus sentimentos, em sincera confissão de pecados. O mais representativo dessa categoria é o Salmo 51, provendo-se pano-de-fundo histórico para o mesmo tanto no título quanto em 2 Sm 12:1-13. Plenamente cômico de sua terrível culpa, que foi exprimida na forma de tríplice ênfase — pecado, iniquidade e transgressão —, Davi de modo algum procurou desviar-se de sua responsabilidade pessoal pela mesma. Assoberbado e completamente humilhado, voltou-se para Deus com fé, percebendo que um espírito quebrantado e contrito é aceitável diante de Deus. Os sacrifícios e a adoração de um indivíduo arrependido deleitam ao Deus da misericórdia. O Salmo 32, relacionado com essa mesma experiência, indica a orientação divina e o louvor que se torna realidade naquele que confessa o seu pecado.

Os salmos de louvor são mais numerosos. Essas expressões de exultação e gratidão com freqüência surgiram como seqüência natural de algum grande livramento. O louvor a Deus muitas vezes foi exprimido por indivíduos que se punham a contemplar as obras criativas de Deus na natureza (veja Sl 8, 19, etc).

Ações de graças pela colheita (veja Sl 65), alegria na adoração (veja Sl 95-100), celebrações festivas (veja Sl 111 - 118) e os grandes “halel” (veja Sl 146 - 150), tornaram-se partes importantes do saltério de Israel.

Os salmos de peregrinação (veja Sl 120 - 134) são intitulados “Cânticos dos Degraus” ou “da Ascensão”, conforme a versão. O pano-de-fundo histórico dessa designação é desconhecido. Várias teorias têm sido postuladas, e agora se supõe de maneira geral que esses salmos estavam associados às peregrinações anuais dos israelitas a Sião, para as grandes festividades religiosas.<sup>11</sup> Esse grupo distinto tem sido reconhecido como um saltério em miniatura, visto que seu conteúdo representa larga variedade de emoções e experiências.

Nos salmos históricos, os salmistas meditam sobre o modo como Deus tratou com Israel nos dias passados. Israel tem uma história de experiências variegadas, que fornece um rico pano-de-fundo que inspirou aos seus poetas e compositores de cânticos. Por todos esses salmos há inúmeras referências aos livramentos miraculosos e aos favores divinos conferidos a Israel em tempos idos.

Os salmos messiânicos indicam profeticamente certos aspectos do Messias, conforme Ele foi revelado no Novo Testamento. Notabilizando-se dentro dessa classificação acha-se o Salmo 22, que contém várias referências paralelas à paixão de Jesus — focalizada nos quatro evangelhos. Embora esse grupo reflita as experiências emocionais de seus autores, suas expressões, debaixo da inspiração divina, se revestem de significação profética. Interrelacionado à vida e à mensagem de Jesus, esse elemento nos Salmos é vitalmente significativo, segundo é interpretado no Novo Testamento. Vagamente expressas nos salmos de adoração, as alusões messiânicas tornaram-se mais patentes quando se cumpriram na pessoa de Jesus, o Messias.<sup>12</sup>

Um outro grupo de Salmos pode ser classificado pelo uso do arranjo em acróstico. O mais bem conhecido dessa categoria é o Salmo 119. Em cada série de oito versículos é empregada uma letra sucessiva do alfabeto hebraico. Em outros Salmos, apenas uma linha é designada para cada letra. Naturalmente, o emprego desse artifício não pode ser apropriadamente transmitido nas versões portuguesas.

Contando com essa análise à sua frente, o leitor principiante reconhecerá que o livro de Salmos é tão diversificado como um hinário de igreja evangélica. A classificação mais detalhada dos Salmos necessariamente aumenta a duplicação das diversas categorias. Que estas considerações sejam apenas um começo que conduza a estudos mais profundos sobre cada Salmo individual.

## **Provérbios — uma Antologia de Israel**

O livro de Provérbios é uma excelente antologia de declarações sábias.<sup>13</sup> Provocativo de pensamento estimulante, um provérbio ressalta alguma verdade simples e auto-evidente. No uso popular, com freqüência tinha um sentido desfavorável.<sup>14</sup> O provérbio literário, entretanto, representa a sabedoria e bom sen-

<sup>11</sup>Cf. Leslie S. M'Caw, “Os Salmos”, em *O Novo Comentário da Bíblia* (São Paulo, Edições Vida Nova, 1976), pág. 607.

<sup>12</sup>Cf. as referências messiânicas nos Salmos seguintes: 2:7 - Hb 1:5 e At 13:33; 16:9,10 - At 2:31,32; 40:6,7 - Hb 10:9; 41:9 - Jo 13:18; 45:6 - Hb 1:8; 68:18 - Ef 4:8; 110:1 - Mt 22:43-46; 110:4 - Hb 7:17; 118:22 - Mt 21:42.

<sup>13</sup>Um total de 915 provérbios. Cf. Julius H. Greenstone, *Proverbs* (Filadélfia: Jewish Publication Society of America, 1950), pág. xii.

<sup>14</sup>Cf. Nm 21:27; 1 Sm 10:12; Is 14:4; Jr 24:9 e Jô 17:6; etc.

so expressos de forma breve e concisa. Com a passagem do tempo, os provérbios - no hebraico, provérbio é **mashal** - não somente tornaram-se eficientes instrumentos de instrução, mas também passaram a ser constantemente usados como tipo de discurso didático.

A coleção dos provérbios, contida no livro desse nome, encerra repetidas rubricas que indicam a origem de suas porções diversas. Indicativos das numerosas divisões que há nesse livro, temos os seguintes cabeçalhos:

1. Provérbios de Salomão	1:1
2. Provérbios de Salomão	10:1
3. Palavras do sábio	22:17
4. Provérbios de Salomão copiados pelos homens de Ezequias	25:1
5. Palavras de Agur	30:1
6. Palavras do rei Lemuel	31:1

Mesmo uma passageira consideração sobre essas notas evidencia o fato de que o livro de Provérbios, em sua forma atual, cobre vários séculos de produção. Embora a maior parte dessa coletânea esteja associada a Salomão é óbvio que foram adicionadas certas porções, tão tarde ou mesmo mais tarde que a época de Ezequias (cerca de 700 a. C.).

A associação entre a sabedoria e Salomão é bem confirmada nos livros de Reis e de Crônicas. As narrativas históricas sobre esse grande soberano retratam-no como a personificação da sabedoria, na glória do mais próspero período da história de Israel. Dependendo humildemente de Deus, ele principiou o seu reinado com uma oração na qual pedia sabedoria. Em seu amor a Deus, em sua preocupação por passar juízos justos e na sábia administração de seus negócios domésticos e no exterior Salomão representava a essência da sabedoria prática (veja 1 Rs 3:3-28; 4:29,30 e 5:12). Ultrapassando a todos os seus contemporâneos mais sábios, obteve ele tão grande fama internacional que governantes estrangeiros, entre os quais se notabilizou a rainha de Sabá, vieram exprimir sua admiração e buscar a sua sabedoria (veja 2 Cr 9:1-24).

Versátil em seus esforços literários, Salomão apresentou discursos sobre temas de interesse comum, como as plantas e a vida animal. Tendo-lhe sido creditada a composição de três mil provérbios e de mil e cinco cânticos, as porções do livro de Provérbios que são consideradas de sua autoria servem apenas de exemplos de suas palavras de sabedoria.<sup>15</sup>

O relacionamento entre o livro de Provérbios e a sabedoria de Amenémope continua problema a ser estudado com mais profundeza. Visto que a fama da sabedoria de Salomão se propalou por todo o Crescente Fértil, parece razoável considerarmos seriamente a possibilidade de que a sabedoria egípcia foi influenciada pelos israelitas.<sup>16</sup> A dívida de Amenémope para com os Provérbios parece mais provável, se Griffith tinha razão ao datar aquele em cerca de 600 a.C., quando já havia sábios em Israel que atuavam por diversos séculos.

É perfeitamente possível que Provérbios 1 - 24 se tenha derivado dos tempos salomônicos, provendo o alicerce sobre o qual foram acrescentados outros provér-

<sup>15</sup>Os 374 provérbios em Pv 10:1 - 22:16 talvez representem apenas uma coletânea feita nos dias de Salomão.

<sup>16</sup>Cf. R. O. Kevin, *The Wisdom of Amenemopt and its Possible Dependence upon the Hebrew Book of Proverbs* (Filadélfia, 1931). A vida de Amenémope é datada durante o período de 1000 - 600 a. C. Quanto a maiores estudos, veja Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, págs. 421 - 424, e D. Winton Thomas, *Documents from Old Testament Times*, pag. 172-186.

bios, pelos homens de Ezequias (veja Pv 25 - 29).<sup>17</sup> Esses homens provavelmente editaram a coletânea inteira nos capítulos anteriores. A identidade de Agur e Lemuel, e a data da adição desses dois capítulos finais permanecem desconhecidos até o presente.

No livro de Provérbios se patenteia a variedade de formas poéticas de declarações sábias. Os nove primeiros e os dois últimos capítulos são discursos extensos, ao passo que as seções intermediárias contêm breves parênteses de versos cada uma das quais constitui uma unidade.

Os paralelismos, tão característicos da poesia hebraica, são usados eficientemente nesses provérbios.<sup>18</sup> No paralelismo “sinônimo”, um pensamento qualquer é reiterado na segunda linha da parêntese, o que é exemplificado em Pv 20:13:

“Não ames o sono, para que não empobreças;  
abre os teus olhos, e te fartarás do teu próprio pão”.

Com freqüência, a segunda linha é “antitética” - ou seja, exprime um contraste. Notemos o exemplo disso em Pv 15:1:

“A resposta branda desvia o furor,  
mas a palavra dura suscita a ira”.

No paralelismo “sintético” ou “ascendente”, a idéia expressa na primeira linha se completa na segunda. Essa progressão de pensamento é habilmente ilustrada em Pv 10:22:

“A bênção do Senhor enriquece,  
e com ela não traz desgosto”.

Apesar de que muitas porções do livro de Provérbios são unidades completas em si mesmas, o livro, como uma unidade, merece consideração séria por parte do leitor principiante. Presta-se convenientemente para o esboço abaixo:

I. Introdução	1:1-7
II. Contraste e comparação entre a sabedoria e a insensatez	1-8-9:18
A. Quão desejável é a sabedoria	1:8-2:22
Guarda contra as más companhias	1:8-19
É desprezada pelos insensatos	1:20-33
Livra de homens e mulheres maus	2:1-22
B. A bênção prática da sabedoria	3:1-35
Deus faz prosperar os sábios	3:1-18
Deus protege os sábios	3:19-26
Deus abençoa os sábios	3:27-35
C. Benefícios da sabedoria na experiência	4:1-27

<sup>17</sup>Cf. E. J. Young, *op. cit.*, págs. 327

<sup>18</sup>*Ibid.*, págs. 307-311

D. Advertências contra o caminho da insensatez	5:1 - 7:27
Seja evitada a mulher estranha	5:1-23
Sejam evitados os negócios loucos	6:1-5
Perigos da preguiça e do engodo	6:6-19
A insensatez do adultério	6:20 - 7:27
E. A personificação da sabedoria	8:1 - 9:18
A sabedoria tem grandes riquezas	8:1-31
Bênçãos garantidas ao possuidor da sabedoria	8:32-36
Convite ao banquete da sabedoria	9:1-12
Convite da insensatez	9:13-18
III. Máximas éticas	10:1 - 22:16
A. Contraste do certo e do errado na prática	10:1 - 15:33
B. Admoestação ao temor e obediência a Deus	16:1 - 22:16
IV. Palavras dos sábios	22:17 - 24:34
A. Os caminhos da sabedoria e da insensatez	22:17 - 24:22
B. Advertências práticas	24:23-24
V. Coletânea pelos homens de Ezequias	25:1 - 29:27
A. Reis e súditos devem temer a Deus	25:1-28
B. Advertências e lições morais	26:1 - 29:27
VI. Palavras de Agur	30:1-33
VII. Palavras de Lemuel	31:1-31

O título deste livro se aplica mais especificamente aos breves aforismos em Pv 10:1 - 22:16, que são caracterizados como provérbios. A introdução, em Pv 1:1-7, entretanto, inclui a coletânea inteira em sua declaração de propósito. Embora designados para servir de guia dos jovens, esses provérbios oferecem sabedoria para todos. A nota chave é “o temor do Senhor” - a sabedoria começa com uma correta relação com Deus. O reconhecimento pessoal de Deus é o fundamento da vida reta. A reverência a Deus, exemplificada na vida diária, é a verdadeira aplicação da sabedoria.

A discussão sobre a sabedoria e a insensatez aparece em Pv 1:8 - 9:18. Isso é exposto na forma de um relacionamento entre mestre e aluno ou pai e filho, em que o ouvinte com frequência é endereçado como “meu filho”. Da escola da

experiência procedem palavras instrutivas para o jovem que se aventura pelas veredas ainda não experimentadas da vida. A sabedoria é personificada. Ela fala com lógica irrefutável. Pleiteia diante da juventude para que considere todas as vantagens oferecidas pela sabedoria, e adverte os jovens a respeito dos caminhos da insensatez, frisando de modo realista os perigos dos crimes sexuais, das más companhias e de outras tentações mortais. Em um apelo final, a sabedoria arma sua mesa com um banquete convidativo. A insensatez conduz à ruína e à morte, mas os adeptos da sabedoria têm assegurado o favor divino.

Os provérbios de Salomão, preservados em Pv 10:1 - 22:16, consistem de 375 versículos, cada um dos quais normalmente constitui uma parêntese. A vasta maioria deles é antitética, ao passo que outros são declarações comparativas ou complementares. Vários aspectos do padrão de conduta dos sábios e dos insensatos são enfocados. Riquezas, integridade, observância da lei, linguagem, honestidade, arrogância, punição, recompensa, política, suborno, diplomacia, sociedade, vida doméstica, reputação, caráter - quase cada faceta da vida é retratada em sua devida perspectiva.

As palavras de sabedoria, em Pv 22:17 - 34, contêm aforismos instrutivos, a maioria dos quais é mais longa que as parênteses de versos na seção anterior. Perigos de opressão, etiqueta na mesa real, a insensatez de ensinar um tolo, temor a Deus, mulheres, alcoolismo e os benefícios da sabedoria são temas que recebem consideração nesse discurso de um mestre a seu aluno.

Os provérbios coligados pelos homens de Ezequias são agrupados num bloco, em Pv 25 - 29. Provavelmente a derrota de Senaqueribe e o reavivamento religioso nos dias de Ezequias estimularam o interesse nesse empreendimento literário.<sup>19</sup> Não é fora de razão a possibilidade que Isaías e Miquéias tivessem participado desse grupo de homens. Esses provérbios provêem conselhos para reis e súditos, dando-se atenção especial ao padrão de comportamento dos insensatos. Nas oportunidades que a vida oferece o insensato exhibe sua tolice, ao passo que o sábio demonstra os caminhos da sabedoria.

Os últimos dois capítulos são unidades independentes. Agur, autor desconhecido, fala acerca das limitações do homem e de sua necessidade da orientação dada pela Palavra de Deus. De maneira característica às antigas formas de literatura, ele levanta questões retóricas, falando em declarações duplas e quadrúplas sobre diversos problemas da vida, concluindo com conselhos práticos.

O capítulo final se inicia com instruções de Lemuel para o rei. Em acróstico alfabético, ele louva às mulheres inteligentes e industriosas - a mãe devotada ao seu lar e a seus filhos é digna de elogios.

### **Eclesiastes — uma Investigação sobre a Vida**

Experiências fascinantes e a filosofia do autor são propostas no livro de Eclesiastes. Falando como um “kohélet” ou “pregador”, ele registra em forma de prosa e poesia as suas investigações e conclusões.

Embora este livro seja vinculado a Salomão, permanece enigmática a questão da autoria. Salomão escreveu o livro de Eclesiastes ou o autor se fez representan-

<sup>19</sup>Greenstone, *op cit.*, pág. 262.

te do rei de Israel que foi a epítome da sabedoria?<sup>20</sup> A data da escrita do livro também não é determinada com certeza. Quem quer que tenha sido o autor, ele se utilizou de trechos clássicos de outros livros do Antigo Testamento.<sup>21</sup> Sendo um tratado profundo, esse livro foi classificado, juntamente com Jó e Provérbios, como literatura de sabedoria dos judeus. Era lido publicamente quando da realização da festa dos Tabernáculos, sendo incluído pelos judeus no “Megilloth”, isto é, os livros usados nos dias festivos. A ênfase do autor sobre o aprazimento da vida tornava a sua leitura mui apropriada para esse período anual de regozijo.<sup>22</sup>

O livro de Eclesiastes expõe uma expressão das venturas e fracassos do homem. O autor talvez não apresente uma filosofia sistemática, como o fizeram Aristóteles, Spinoza, Hegel ou Kant, mas ele procede a um cuidadoso exame, com base em observações e experiências, e então extrai suas próprias conclusões. Como um todo, ele limita sua investigação às coisas que sucedem “debaixo do sol” - frase freqüentemente reiterada. Uma outra expressão, “tudo é vaidade” (tudo é vapor, ou hálito), que ocorre por vinte e cinco vezes, apresenta a avaliação do autor sobre as coisas seculares por ele consideradas. Em sua deliberação final, ele se volta para Deus.

Quanto a uma análise que ajuda na leitura do livro de Eclesiastes, considere-se o seguinte:

I. Introdução	1:1-11
Declaração do tema e do propósito	1:1-3
Ciclo contínuo da vida e dos acontecimentos	1:4-11
II. Um exame sobre as coisas temporais	1:12 - 3:22
A sabedoria como alvo da vida	1:12-18
O prazer como um objetivo	2:1-11
O paradoxo da sabedoria	2:12-23
A sabedoria de Deus e o propósito da criação	2:24 - 3:15
Responsabilidade do homem perante Deus	3:16-22
III. Análise da relação econômica do homem	4:1 - 7:29
A vida dos oprimidos é vã	4:1 - 16

<sup>20</sup>A aptidão de Salomão para tal experiência e investigação se baseia sobre referências bíblicas como: 1 Rs 2:9; 3:12; 5:9-13; 10:1; Ec 1:16 e 2:7. Parece tratar-se de uma ficção autobiográfica.

<sup>21</sup>Cf. Gn 3:19 com Ec 12:7; Dt 4:2 e 12:1 com Ec 3:14; Dt 23:22-25 com Ec 5:3; 1 Sm 15:22 com Ec 4:13; e 1 Rs 8:46 com Ec 7:20.

<sup>22</sup>Veja Robert Gordis, *Koheleth - The Man and His World* (Nova Iorque: Block Publishing Co., 1955), pág. 121.



Vaidade da religião e das riquezas	5:1-17
A capacidade de desfrutar é dada por Deus	5:18-6:12
Temperança prática em tudo	7:1-19
O homem caiu de seu estado original	7:20-29
IV. Limitações da sabedoria humana	8:1-12:14
A análise do homem se limita a esta vida	8:1-17
A vida existe para aprazimento do homem	9:1-12
A sabedoria é prática e benéfica	9:13-10:20
Conselhos aos jovens	11:1-12:7
Conclusão - o temor a Deus	12:8-14

Com ceticismo, o autor do livro de Eclesiastes postula a pergunta: Qual é o mais digno objetivo da vida? Tal como na natureza, assim também na vida do homem há um ciclo repetitivo, interminável (veja Ec 1:4-11). Neste mundo nada existe de novo. Com essa introdução o autor assevera a futilidade de tudo quanto ocorre debaixo do sol.

Ao explorar os valores da vida, o “kheleth” (pregador) busca a sabedoria - mas isso só parece aumentar a tristeza (veja Ec 1:12-18). Buscando satisfação em uma vida variegada e equilibrada, ele prosseguiu em sua inquirição. Sendo homem culto, ele buscou mesclar o prazer, o riso, o aprazimento dos jardins, mansões, vinhos e música em um só padrão harmonioso de vida; mas isso também se mostrou fútil (veja Ec 2:1-11). Em certo sentido, é um paradoxo buscar a sabedoria, visto que o homem sábio esforça-se por agir em face de um futuro que é desconhecido. Por que não viver como o insensato, que vive somente para o presente? (Veja Ec 2:12-23). Mas Deus criou e designou todas as coisas para o homem desfrutar delas. No ciclo aparentemente interminável da vida, há um propósito em tudo quanto Ele criou (veja Ec 2:24 - 3:15), e, em última análise, o homem é responsável diante de Deus (veja Ec 3:16-22).

Que ligação há entre a situação econômica do homem e a vida? Quem desfruta mais da vida - aquele que cumpre as responsabilidades que lhe foram dadas, como um servo ordinário (veja Ec 4.1-3), ou o indivíduo industrioso e agressivo, que busca obter riquezas e popularidade (veja Ec 4:4-16)? Praticar a religião como questão rotineira, com hipocrisia, não traz vantagens. Os proveitos da vida podem trazer ruína até mesmo a um soberano, porquanto todos dependem daquilo que Deus providenciou na natureza (veja Ec 5:1-17). A capacidade de gozar das abundantes provisões divinas vem da parte de Deus (veja Ec 5:18-6:12). A sabedoria aplicada e a temperança em todas as coisas são coisas aconselháveis. Infelizmente, nenhuma criatura finita atinge um padrão de vida perfeitamente equilibrado, embora Deus houvesse criado o homem reto no princípio (veja Ec 7:1-29).

Ninguém atinge a sabedoria perfeita nesta vida. Desconhecendo o futuro, a análise da vida, feita pelo homem, é definitivamente limitada. Quando a morte o convoca - seja ele reto ou iníquo - ele fica impotente (veja Ec 8:1-11). A despeito

to do fato de que a morte sobrevém a todos, e que o universo parece indiferente para com os padrões morais, ainda assim é questão de sabedoria temer a Deus (veja Ec 8:12-17). O homem pode não entender a vida - e a morte é inevitável - mas isso não deveria impedi-lo de desfrutar plenamente da vida (veja Ec 9:1-12). A sabedoria, entretanto, deveria ser aplicada em todas as coisas. Digno de atenção é o exemplo do indivíduo pobre cuja sabedoria salvara a uma cidade (veja Ec 9:13-18). Temperança em tudo deveria regular o aprazimento da vida por parte do homem. Uma pitada de insensatez traz muita tristeza e priva o indivíduo de numerosos benefícios (veja Ec 10:1-20).

Certos princípios e práticas devem ser conservados em mente. Compartilhar das prendas da vida com outros, embora desconheçamos o futuro (veja Ec 11:1-6). A filosofia epicúrea da vida, que busca somente o bem presente, é posta em dúvida. Que a juventude desfrute da vida em sua plenitude, mas que se lembre do fato de que Deus é quem faz a aquilatação final (veja Ec 11:7-10). Com a alegoria solene da idade avançada, o jovem é advertido a lembrar-se de seu Criador, nos primeiros anos de vida. A deterioração de seus órgãos corporais ou de suas faculdades mentais pode apossar-se dele e torná-lo incapaz de levar Deus em consideração (veja Ec 12:1-7).<sup>23</sup>

A admoestação final ao homem é expressa nos dois últimos versículos. O dever do homem consiste de temer a Deus e de guardar-Lhe os mandamentos—base de sua responsabilidade diante de Deus (veja Ec 12:8-14).

### **Cantares de Salomão**

Continua enigmática a inclusão de Cantares de Salomão entre os livros poéticos. Isso se torna evidente ante a imensa variedade de interpretações. Embora seja impossível determinar se esse livro foi escrito por ou para Salomão, o título associa sua composição ao rei literário de Israel. O conteúdo sugere que esse livro pertence a Salomão, cujo nome é repetido por cinco vezes após o versículo de abertura.

Existem numerosas interpretações acerca dessa composição poética. O ponto de vista alegórico de judeus e cristãos, a teoria dramática, a teoria do ciclo matrimonial, a teoria da literatura de Adonis-Tamuz e outros pontos de vista têm contado com ardorosos advogados através dos séculos.<sup>24</sup> Em certa publicação recente, o livro de Cantares de Salomão representa uma extraordinária antologia lírica, com cânticos sobre o amor erótico, a natureza, o namoro e o casamento - cobrindo o período de Salomão até à época persa.<sup>25</sup> No momento, não há nenhuma interpretação que seja largamente aclamada entre os eruditos do Antigo Testamento.

O consenso da opinião erudita dá a esse cântico uma elevada qualidade poética, como expressão de calorosas emoções do amor humano. Tendo sido incorporado como uma unidade no “cânion” judaico, ele merece consideração como um só poema, e não como uma colcha de retalhos de cânticos. As partes componentes são monólogos, solilóquios e apóstrofes. Certa variedade de cenas - a cor-

<sup>23</sup>Ibid., págs. 328-339

<sup>24</sup>Quanto a uma discussão, veja H. H. Rowley, *The Servant of the Lord and Other Essays on the Old Testament*, págs. 187 - 234. Rowley considera-a uma coletânea de cânticos de amantes. Quanto a uma discussão recente que advoga uma interpretação “natural”, veja Meredith G. Kline, “The Song of Songs”, *Christianity Today*, vol. III, nº 15, 27 de abril de 1959, págs. 22 ss.

<sup>25</sup>Cf. Robert Gordis, *The Song of Songs* (Nova Iorque: Jewish Theological Seminary, 1954), pág. x.

te real de Jerusalém, um jardim, o interior do país ou um meio ambiente pastoril - encaixa o pano-de-fundo de diferentes porções deste poema às personagens apresentadas em uma ação quase-dramática. Visto que tantos detalhes se fazem ausentes nesse cântico de amor, os intérpretes enfrentam numerosos problemas.

A interpretação literal pode parecer mais natural para o leitor. A personagem principal parece ser uma donzela sulamita, que foi transferida de seu meio ambiente pastoril para o palácio real de Salomão. Enquanto o rei procura conquistar a atrativa jovem do interior, seus avanços são repelidos. O esplendor do palácio e o apelo do coro formado por mulheres da corte não conseguem impressioná-la. Apaixonadamente ela anela pelo seu amante anterior. Finalmente, porém, seu conflito é solucionado, quando ela declina os convites do monarca e retorna a seu herói pastor.

Quanto a uma interpretação desse livro poético dessa maneira, a análise seguinte pode ser usada como guia:

I. A jovem sulamita na corte real	1:1 -2:7
Boas-vindas da parte das cortesãs	1:2-4
A reação da donzela	1:5-7
Resposta das cortesãs	1:8
O rei fala	1:9-11
A donzela se dirige às cortesãs	1:12-14
O rei se dirige à donzela	1:15
A apóstrofe da donzela	1:16 -2:1
O rei fala	2:2
A donzela se dirige às cortesãs	2:3-7
II. A donzela em um palácio do interior	2:8 -3:5
Memórias de seu amante do interior	2:8-17
Um sonho	3:1-5
III. O apelo feito pelo rei	3:6 -4:7
O desfile real - entra o rei	3:6-11
O rei namora a donzela	4:1-7
IV. A donzela reflete	4:8 -6:3
Apelos de seu amante pastor	4:8 -5:1
Um sonho	5:2 -6:3
V. O apelo renovado do rei	6:4 -7:9
Os avanços amorosos do rei	6:4-13
Apelo das cortesãs	7:1-9
VI. Reunião da donzela e seu amante	7:10 -8:14
Anelo da donzela por seu amante pastor	7:10 -8:4
A volta da donzela	8:5-14

Embora a interpretação literal fale do amor humano, a inclusão providencial deste livro no “cânon” judaico sem dúvida alguma tem uma significação espiritual. O mais provável é que os judeus houvessem discernido isso, quando liam os Cantares de Salomão anualmente, quando das observâncias da Páscoa,

porquanto a obra fazia-os se recordarem do amor de Deus por eles, ao serem livrados da servidão egípcia. Para os judeus, o amor marital representava o amor de Deus por Israel, o que é indicado por Isaías (50:1 e 54:4,5), Jeremias (3:1-20), Ezequiel (16 e 23) e Oséias (1-3). O laço emocional entre Israel (a donzela sulamita) e seu amante pastor (Deus) era tão forte que nenhuma atração humana (o rei) conseguia alienar Israel de seu Deus. No Novo Testamento, esse relacionamento tem paralelo no caso de Cristo e Sua Igreja.<sup>26</sup> Com base na interpretação literal de Cantares de Salomão, essa obra serve de base a uma aplicação espiritual, tanto no Novo quanto no Antigo Testamento.

### LEITURAS SELECIONADAS

- Alexander, J. A. **The Psalms Translated and Explained**. Grand Rapids: Zondervan Publishing House. Reimpressão da edição de 1864.
- Blackwood, A. W., Jr. **A Devotional Introduction to Job**. Grand Rapids: Baker Book House, 1959.
- Burrowes, G. A. **Commentary on the Song of Solomon**. Londres: The Banner of Truth Trust, 1958.
- Caryl, Joseph. **Exposition of Job**. (Reimpressão) Evansville: Sovereign Grace Publishers, 1959.
- Dahood, M. **Psalms, I:1-50, 1966. Psalms, II: 50-100, 1968** The Anchor Bible. Garden City, Nova Iorque: Doubleday.
- Dhorme, E.A. **A Commentary on the Book of Job**. Nova Iorque: Thomas Nelson & Sons, 1967.
- Ellison, H. L. **From Tragedy to Triumph, Studies in the Book of Job**. Londres: Paternoster Press, 1959.
- Gordis, Robert. **Koheleth - The Man and His World**. Nova Iorque: Block Publishing Co., 1955.
- \_\_\_\_\_ **The Song of Songs**. Nova Iorque: Jewish Theological Seminary, 1954.
- Gray, G. B. **The Forms of Hebrew Poetry**. Londres: Hodder & Stoughton, 1915.
- Greenstone, Julius H. **Proverbs**. Filadélfia: Jewish Publication Society, 1950.
- Hengstenberg, E. W. **Commentary on Psalms**. Londres: T & T. Clark, 1876.
- Kent, H. H. **Job: Our Contemporary**. Grand Rapids: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1967.
- Kidner, D. **The Proverbs**. Chicago: Inter-Varsity Press, 1964.
- Leupold, Herbert C. **Exposition of the Psalms**. Columbus: Watburg Press, 1959.
- \_\_\_\_\_ **Exposition of Ecclesiastes**. Grand Rapids: Baker Book House, 1966.
- Martin, C. "The Imprecations of the Psalms", **Princeton Theological Review**, 1903, págs. 537-553.
- Oesterly, W. O. E. **The Book of Proverbs**. Londres: Methuen and Co., Ltd., 1929.
- Perowne, J. J. S. **The Book of Psalms**. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1966.
- Pope, Marvin H. **Job**. The Anchor Bible. Garden City, Nova Iorque: Doubleday, 1965.
- Scott, R. B. Y. **Proverbs and Ecclesiastes**. The Anchor Bible. Garden City, Nova Iorque: Doubleday, 1965.

<sup>26</sup>No Novo Testamento, esse mesmo relacionamento pode ser observado em Mt 9:15; Jo 3:29; 2 Co 11:2; Ef 5:23-32; Ap 19:7; 21:2,9 e 22:17.

- Scott, R. B. Y. **Proverbs and Ecclesiastes**. The Anchor Bible. Garden City, Nova Iorque: Doubleday, 1965.
- Vos, Johannes. "The Ethical Problems of the Imprecatory Psalms", **Westminster Theological Journal**, IV, 123-238.
- Whybray, R. N. **Wisdom in Proverbs: The Concept of Wisdom in Proverbs 1 - 9**. Studies in Biblical Theology n° 45. Londres: SMC Press, 1965.
- Yoder, Sanford C. **Poetry of the Old Testament** Scotdale, Pa.: Herald Press, 1948.

*Gráfico VI – Isaías*

- 782-781 - Amazias provavelmente foi solto da prisão quando Jeroboão II assumiu sozinho o governo de Israel, após a morte de Jeoás.
- 768 - Uzias assume sozinho o governo de Judá - morte de Amazias.
- 760 - Data aproximada do nascimento de Isaías
- 753 - O reinado de Jeroboão termina em Israel
- 750 - Uzias ferido de lepra.
- 745 - Tiglate-Pileser III começa a reinar na Assíria.
- 743 - Os assírios derrotam Sarduris III, rei de Urartu.  
Uzias e seus aliados são derrotados pelos assírios, na batalha de Arpade.
- 740 - Jotão assume sozinho o governo - morte de Uzias
- 736-735 - Os exércitos assírios em Nal e Urartu.  
Peca começa a reinar em Israel.
- 735 - Acáz se torna rei pelo partido pró-assírio de Judá.
- 734 - Os exércitos assírios invadem a Filístia.  
Guerra siro-efraimita, após a retirada dos assírios.
- 733 - Invasão da Síria pelos assírios.
- 732 - Damasco é conquistada pelos assírios, pondo fim ao governo sírio.  
Peca é substituído por Oséias, em Samaria.
- 727 - Salmaneser V começa a reinar na Assíria.
- 722 - Queda de Samaria.  
Sargão II ascende ao trono da Assíria.
- 716-715 - Ezequias começa a reinar em Judá.  
Reforma religiosa - o templo é purificado.
- 711 - As tropas assírias em Asdode.
- 709-708 - Nascimento de Manassés.
- 705 - Senaqueribe começa a reinar na Assíria.
- 702 - Bel-Ibni substitui Merodaque-Baladã no trono da Babilônia.
- 702-701 - Enfermidade de Ezequias - ameaça de Senaqueribe - Isaías assegura-lhe a segurança.  
A embaixada babilônica, da parte de Merodaque-Baladã, que estava no exílio, visita Jerusalém.
- 697-696 - Manassés se torna co-regente.
- 688 - Segunda ameaça de Senaqueribe e Ezequias.
- 687-686 - Morte de Ezequias - Manassés começa a reinar sozinho.
- 680 - Isaías pode ter sido martirizado por Manassés.

## Capítulo XVIII

### Isaías e Sua Mensagem

Para se entender a mensagem deste livro é mister estar familiarizado com o pano-de fundo histórico do profeta e do povo para quem ele a anunciara. Muitas das alusões, referências e advertências podem ser mal entendidas, a menos que os acontecimentos políticos de Judá, conforme eles se relacionavam com as nações circunvizinhas, sejam cuidadosamente levados em conta.

#### **Com o Profeta em Jerusalém**

Pouco se sabe sobre a linhagem, o nascimento, a juventude ou a educação de Isaías, excetuando o fato de que ele era filho de Amós. Ao que parece, ele nasceu e foi criado em Jerusalém. Visto que sua chamada ao ministério profético é definitivamente datada como o ano em que Uzias faleceu (740 a. C.), é razoável darmos seu nascimento entre 765 e 760 a. C.

Isaías nasceu em dias de prosperidade. Judá estava recuperando suas forças militares e econômicas, sob a competente liderança de Uzias. Antes disso, as normas políticas insensatas de Amazias haviam sujeitado Judá à invasão e opressão por parte de Israel, incluindo, quicá, o opróbrio do aprisionamento de Amazias. Esta última ocorrência pode ter provocado o reconhecimento de Uzias como co-regente, tão cedo quanto 792-791 a. C. Ante a mudança de monarcas em Israel, Amazias foi restaurado ao trono (782-781 a. C.), somente para ser assassinado (768 a. C.). Isso deu a Uzias o controle isolado de Judá, bem como a oportunidade de asseverar sua eficaz liderança.

Acontecimentos ominosos não tardaram a lançar longas sombras sobre as esperanças futuras de Judá. Em Samaria, a morte de Jeroboão, em 753 a. C., foi seguida por revolução e derramamento de sangue até que Menaém se apossou do trono. Em Judá, Uzias foi ferido de lepra como castigo divino por haver assumido indevidamente deveres sacerdotais. Embora Jotão houvesse sido nomeado co-regente por esse tempo (cerca de 750 a. C.), Uzias continuou sua liderança ativa. A prosperidade econômica teve prosseguimento, enquanto Judá ampliava suas fronteiras para o sul, incluindo Elate e o golfo de Acaba. Para o oriente, os amonitas se tornaram tributários de Judá.

Portentoso em extremo foi o levantamento de Tiglate-Pileser III, ou Pul, no trono assírio, em 745 a. C. A subsequente conquista da Babilônia pelos assírios precipitou a preparação unificada dos governantes da Palestina para fazerem frente à agressão assíria. Em 743 - 738 a. C., essa expectativa se transformou em realidade quando o exército assírio avançava para o ocidente em diversas campanhas. O soberano assírio relata, em seus anais, que derrotara as forças palestinas sob a liderança de Azarias ou Uzias, rei de Judá. Thiele data isso no primeiro ano desse período.<sup>1</sup> Menaém, o rei de Israel, também pagou alta soma como tributo ao rei da Assíria (veja 2 Rs 15:19).

Sob a ameaça iminente da agressão assíria, ocorreram rápidas mudanças em Israel, as quais, sem a menor dúvida, tiveram repercussões em Judá. Quando Menaém morreu, foi sucedido por seu filho, Pecaías, o qual foi assassinado por Peca após um governo de dois anos. Este último se apoderou do trono de Samaria em 740-739 a. C., e deu início a uma agressiva política anti-assíria. A morte de Uzias, o mais notável rei de Judá desde os dias de Davi e Salomão, ocorreu naquele mesmo ano.

Foi durante aquele ano de tensão doméstica e no exterior que o jovem Isaías recebeu seu chamamento profético. É possível que ele tivesse observado os acontecimentos internacionais com agudo interesse, ao dissiparem-se as esperanças de sobrevivência nacional por parte de Judá, diante dos exércitos assírios que avançavam. Qual teria sido a atitude religiosa de Isaías, nesse tempo, não é indicado. Talvez ele conhecesse a Amós e Oséias, que se mostravam ativos no reino do Norte. Em sua juventude pode ter entrado em contacto com Zacarias, o profeta que exercia tão favorável influência sobre Uzias. Nesse ano crucial, pois, Isaías foi chamado para ser porta-voz de Deus - anunciar a mensagem de Deus a uma geração que enfrentava acontecimentos históricos sem precedentes.

Enquanto Peca conseguiu resistir aos assírios, ia obtendo forças um partido pró-assírio em Judá. Aparentemente, esse movimento foi o responsável pela elevação de Acaz ao trono, em 736 - 735 a. C., quando os exércitos assírios se mostravam ativos em Nal e Urartu. Acaz pode haver precipitado a invasão assíria da Filístia, em 734 a. C. Pelo menos, após o retrocesso deles, Peca em Samaria e Rezim em Damasco fizeram um ultimato a Acaz para que se unisse a eles em oposição contra a Assíria. Foi nesse ponto que Isaías ficou envolvido. Foi especificamente comissionado para aconselhar o rei a confiar em Deus (veja Is 7:1 ss). Ignorando o conselho do profeta, Acaz firmou um tratado com Tiglate-Pileser III. Embora Judá tivesse sido invadido pelas tropas siro-efraimitas e tenha perdido Edom como Tributário, Acaz sobreviveu ante o avanço do exército assírio. Sucessivas campanhas assírias resultaram na conquista e capitulação da Síria, em 732 a. C. Simultaneamente, Peca foi executado e substituído por Oséias, o qual assegurou ao monarca assírio que Israel lhe pagaria tributo. Acaz se encontrou com Tiglate-Pileser em Damasco, selando sua aliança mediante a introdução de um culto assírio na adoração que havia no templo de Jerusalém.

São obscuras as atividades de Isaías, durante o resto do reinado de Acaz. Deve ter compartilhado do profundo interesse e da ansiedade dos cidadãos de Judá concernente às lutas em Samaria - que ficava cerca de 65 km ao norte de Jerusalém. Quando Salmaneser substituiu Tiglate-Pileser no trono da Assíria, Oséias não deu continuidade à sua subserviência. Depois de um cerco de três anos pelos

<sup>1</sup> Quanto a uma defesa dessa data, veja Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, págs. 75-98.



assírios, Oséias foi morto e Samaria foi conquistada pelo invasor, em 722 a. C. Aparentemente Acáz foi capaz de manter relações diplomáticas favoráveis com a Assíria, ficando assim impedida a invasão de Judá nesse tempo. Não há qualquer indicação de que Acáz tenha jamais reconhecido que Isaías era profeta autêntico.

Raiou um novo dia para Isaías, ante a subida de Ezequias ao trono (716 - 715 a. C.). Acáz havia desafiado o profeta ao dar seu apoio à adoração idólatra no templo, mas Ezequias perseguiu um curso de ação radicalmente diferente. Ele introduziu entusiasticamente certas reformas, reparando e limpando o templo, e fazendo convites aos israelitas desde Beerseba até Dã, a fim de que se aliassem às atividades religiosas de Jerusalém. Apesar de que Isaías não menciona essas reformas em seu volume, a celebração nacional da Páscoa e a conformidade com a lei de Moisés deve tê-lo encorajado quanto ao futuro de Judá.

O conhecimento que atualmente temos sobre as relações judaico-assírias, durante o reinado de Sargão II (722 - 705 a. C.), é bastante limitado. Nos registros bíblicos, Sargão é mencionado por nome apenas uma vez (veja Is 20:1). Sabe-se que Asdode foi conquistada pelos assírios em 711 a. C. Isaías advertiu fielmente ao seu povo de que não deveriam olhar para o Egito como se dali viesse apoio, embora Sabaco, o etíope, houvesse estabelecido com sucesso a Vigésima Quinta Dinastia no ano anterior. Durante três anos Isaías andou descalço e vestido como escravo, explicando sua ação como simbólica da sorte que aguardava o Egito e a Etiópia. Quão tolo era o seu povo por buscar a ajuda egípcia e rebelar-se contra a Assíria! Aparentemente Ezequias manteve relações favoráveis com a Assíria durante esse período, através de pagamento de tributo. De conformidade com um prisma fragmentado, Sargão jactou-se de ter recebido “presentes” de Judá.<sup>2</sup> De acordo com isso, Jerusalém ficou livre de ataques por algum tempo.

Entrementes, Ezequias reforçava as suas defesas. O túnel de Siloé foi construído de modo que a Jerusalém ficasse garantido um suprimento adequado de água, no caso de cerco prolongado. Muito antes disso, nos dias de Acáz, Isaías declarara ousadamente que a Assíria ampliaria suas conquistas e controlaria o reino de Judá.

Dentro dos acontecimentos cruciais que se seguiram à ascensão de Senaqueribe ao poder na Assíria (705 a. C.), Isaías tinha conselhos vitais e oportunos para Ezequias. O nacionalismo emergiu na forma de rebeliões por todo o império assírio. Em nada desprezível foi o êxito de Senaqueribe na supressão desses levantes, sobretudo no fato de que substituiu Merodaque-Baladã por Bel-Ibini no trono babilônico, em 702 a. C. No ano seguinte os assírios dirigiram seu avanço para o ocidente. Foi por meio de uma intervenção miraculosa que Ezequias conseguiu sobreviver.<sup>3</sup>

Por quanto tempo Isaías viveu não se sabe, com base nos registros existentes.

<sup>2</sup>Quanto a uma tradução desse registro assírio, veja Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, pág. 287. Essa revolta mui provavelmente começou em 713 a. C., quando Azuri, o rei de Asdode, tentou livrar-se do domínio assírio. Sargão o depôs e nomeou Aimiti em seu lugar. Rejeitando o escolhido de Sargão, o povo preferiu Jamani como rei. Este último encabeçou uma revolta juntamente com Judá. Edom e Moabe como aliados, além da promessa de apoio do Egito. Quando o exército assírio se aproximou, a rebelião entrou em colapso; Jamani fugiu para o Egito, mas posteriormente rendeu-se a Sargão. Ao pagarem tributo, os aliados evitaram conseqüências sérias. Asdode tornou-se a capital assíria das terras ocupadas daquela região.

<sup>3</sup>Veja cap. XIII

Além dessa associação com Ezequias, em cerca de 700 a. C., pouca evidência temos a respeito de seus últimos anos. Sem evidências bíblicas em contrário, é razoável anuirmos às sugestões que indicam que Isaías deu prosseguimento ao seu ministério durante o reinado de Manassés. Se o registro acerca da morte de Senaqueribe for reconhecido como algo saído da pena de Isaías, então o profeta continuava vivo em 680 a. C., de modo que pôde mostrar o que finalmente sucedeu ao rei assírio que falara com tanto desrespeito do Deus em que Ezequias pusera sua confiança. A tradição atribui a Manassés o martírio de Isaías - o profeta foi serrado pelo meio quando foi descoberto escondido no oco de um tronco de árvore. Do ponto de vista da longevidade, é válido projetar o ministério de Isaías até aos dias de Manassés. Uma suposição lógica é que Isaías estava na década dos vinte quando receber seu chamamento protético, em 740 a. C. Sua ida-de ao tempo de sua morte, ocorrida depois de 680 a. C. não ultrapassaria a década dos oitenta anos.

### Os Escritos de Isaías

Teria Isaías escrito o livro que traz o seu nome? Nenhum erudito competente duvida da historicidade do livro de Isaías e nem do fato de que parte do livro foi escrito pessoalmente por ele. Alguns limitam a contribuição do próprio Isaías a porções seletas, nos capítulos primeiro a trigésimo segundo, ao passo que outros lançam no seu crédito todos os sessenta e seis capítulos.

A análise mais popular desse volume é uma tríplice divisão. Apesar de haver ausência de unanimidade entre os estudiosos quanto a detalhes, a análise seguinte representa um consenso geral entre aqueles que não dão apoio à idéia da unidade do livro de Isaías.<sup>4</sup>

O Primeiro Isaías consistiria dos capítulos 1 a 39. Dentro dessa divisão, apenas seleções limitadas, extraídas dos capítulos 1 - 11, 13 - 23 e 28 - 32, são realmente atribuídas àquele profeta do século VIII a. C. A maior parte dessa secção tem sua origem em períodos subseqüentes. O Segundo Isaías, igualmente chamado Deutero-Isaías, capítulos 40-55, é atribuído a um autor anônimo que teria vivido em 580 a. C. Esse escritor teria vivido entre os cativos na Babilônia, tendo refletido em seus escritos as condições do exílio.<sup>5</sup> A despeito do fato de que numerosos eruditos louvem-no como um dos mais admiráveis profetas do Antigo Testamento, nem seu nome verdadeiro e nem quaisquer fatos confirmam a sua existência. O Terceiro Isaías, ou Trito-Isaías, capítulos 56 - 66, é atribuído a um escritor que pintou as condições que havia em Judá, no século V a. C.; e os eruditos datam esse autor antes do retorno de Neemias, em 444 a. C.<sup>6</sup> A maioria daqueles que concordam com essa análise não limitam o livro de Isaías a esses três autores. Numerosos autores, a maioria dos quais viveu depois do exílio, tão tarde quanto o século II a. C., fizeram contribuições fragmentares.

A idéia de que Isaías escreveu o livro inteiro que traz seu nome data, pelo menos, do segundo século a. C. Embora alguns escritores modernos<sup>7</sup> possam afirmar que há um “acordo universal entre os eruditos” acerca da diversidade de

<sup>4</sup>Quanto a exemplos representativos, veja Anderson, *Understanding the Old Testament*, págs. 256 ss e 399 ss., o artigo intitulado “Isaiah”, no *Harper's Bible Dictionary*, pág. 284, e o *Interpreter's Bible*, vol. V, págs. 149 ss.

<sup>5</sup>Anderson, *op. cit.*, pág. 395.

<sup>6</sup>Veja o *Harper's Bible Dictionary* sob o artigo “Isaiah”.

<sup>7</sup>Anderson, *op. cit.*, pág. 399.

autoria, a unidade do livro de Isaías tem sido habilmente defendida. A popularidade da teoria moderna tem tendido por eclipsar os argumentos daqueles que estão convencidos de que Isaías, o profeta do século VIII a. C., foi o responsável pela produção do livro inteiro.

Ao defender a Unidade do livro de Isaías, certo escritor frisou que a teoria moderna não pode ser reputada como suficientemente satisfatória, porquanto não explica a tradição de sua origem isaiana.<sup>8</sup> As declarações judaicas do século II a. C. atribuem o livro inteiro a Isaías. Os recém--descobertos Papiros do mar Morto, que datam daquele mesmo período, confirmam o fato de que o livro todo era tido como uma unidade, naqueles tempos.<sup>9</sup>

### **Análise de seu Livro**

O livro de Isaías é um dos mais compreensivos de todos os livros do Antigo Testamento. No texto hebraico, o livro de Isaías ocupa o quinto lugar em extensão, após os volumes de Jeremias, Salmos, Gênesis e Ezequiel. No Novo Testamento, Isaías é citado por nome por vinte vezes, o que excede ao número total de referências a todos os demais profetas escritores nos livros do Novo Testamento.

Diversos temas podem ser acompanhados por todo o livro. Os atributos e características de Deus, o remanescente, o Messias, o reino messiânico, as esperanças de restauração, o uso que Deus faz de nações estrangeiras e muitas outras idéias se repetem com freqüência nas mensagens do profeta.

O esboço seguinte pesquisa o conteúdo do livro de Isaías:

I. A mensagem e o mensageiro	1:1 - 6:13
II. Expectativa do reino - contemporâneas e futuras	7:1 - 12:6
III. Panorama das nações	13:1 - 23:18
IV. Israel no palco do mundo	24:1 - 27:13
V. Verdadeiras e falsas esperanças em Sião	28:1 - 35:10
VI. Adiado o julgamento de Jerusalém	36:1 - 39:8
VII. Promessa de livramento divino	40:1 - 56:8
VIII. Estabelecido o reino universal Deus	56:9 - 66:24

Com esse esboço como guia, o livro de Isaías pode ser analisado mais completamente, considerando-se cada divisão em separado:

I. A mensagem e o mensageiro — 1:1 - 6:13	
Introdução	1:1
A nação pecaminosa é condenada	1:2-31
Promessa de paz absoluta	2:1-5
A vaidade da confiança nos ídolos	2:6 - 3:26

<sup>8</sup>E. J. Kissane, *The Book of Isaiah*, vol. II, pág. lviii. Veja também R. K. Harrison em sua excelente discussão in *Introduction to the Old Testament* (Grand Rapids, 1969), págs. 764-800.

<sup>9</sup>Cf. R. K. Harrison, *op. cit.*, págs. 786ss.

Salvação para o remanescente	4:1-6
A parábola da vinha	5:1-30
A chamada ao serviço	6:1-13

Essa passagem bem pode ser considerada como uma introdução. Quase todos os temas principais, desenvolvidos mais adiante, são inicialmente mencionados aqui. A leitura cuidadosa e a análise desses capítulos introdutórios provêm a base para a melhor compreensão sobre o restante do livro.

Teria Isaías recebido o chamamento para o serviço profético depois que entregara a mensagem dos capítulos 1 - 5?<sup>10</sup> Por que ele registra sua chamada no sexto capítulo, e não no primeiro, conforme se deu com Jeremias e Ezequiel? Talvez ele desejasse retratar a extrema pecaminosidade de sua geração, assim provendo melhor compreensão acerca da relutância de Isaías em aceitar a responsabilidade que lhe pesava nos ombros em virtude de seu ministério profético.

O primeiro capítulo do livro de Isaías retrata a extrema pecaminosidade e as condições morais. Israel havia abandonado a Deus e era pior que o boi que, por fim, mostra suficientemente bom senso para retornar à manjedoura de seu dono, em busca de forragem. O povo de Israel era pior que Sodoma e Gomorra devido à sua formalidade religiosa. Os sacrifícios que traziam tão fielmente, em consonância com a lei, eram desagradáveis enquanto prevalecesse a injustiça social. Sacrifícios e orações são uma abominação diante de Deus quando não são oferecidos em espírito de contrição, humildade e obediência. Pairava a condenação sobre o povo de Judá. Sião, que equivale ao nosso Palácio da Alvorada, deveria ser remida pela “justiça”, o que significa que o juízo sobreviria a todos os indivíduos pecaminosos (veja Is 1:27-31). A única esperança expressa nesse capítulo inicial é dirigida aos obedientes (veja os vs 18-21).

Em contraste direto com essa condenação de Jerusalém, Isaías ressalta a mais brilhante esperança de restauração. Sem nenhum tom de incerteza ele anuncia que, no futuro, Sião seria destruída e arada como um campo, mas que em período ainda subsequente seria restaurada e se tornaria o centro do governo de todas as nações.<sup>11</sup> Paz e retidão sairiam de Sião para todos os povos. Prevaleceria a paz universal quando Sião viesse a ser reestabelecida como o governo central de todas as nações.

Admostando seu povo para que voltasse para Deus obedientemente (veja Is. 2:5), Isaías fez a atenção deles voltar-se para os problemas contemporâneos. Enquanto confiassem em ídolos e estivessem vivendo em pecado, essa esperança não teria aplicação para eles. O juízo esperava por eles, mas a salvação fora prometida àqueles que pusessem sua confiança em Deus (veja Is 2:6 - 4:1). Por meio do processo de purificação e julgamentos, o remanescente haveria de gozar da proteção e da bênção de Deus. Eles compartilharão da glória da Sião restaurada (veja Is 4:2-6).

Isaías ilustrou vividamente sua mensagem no quinto capítulo. A parábola da

<sup>10</sup>A Vulgata traduz a resposta de Isaías, em 6:5, como “quia tacui”, ou seja, “tenho feito silêncio”. Isso segue a idéia rabinica de que Isaías fora privado de seu ofício por não ter repreendido o rei Uzias ao assumir funções sacerdotais, tendo sido agora reconvocato ao serviço. Kissane corretamente frisa que essa idéia serviu de base para a confusão sobre dois vocábulos hebraicos, “damah” (percer) e “damem” (ficar mudo). Veja Kissane, *op. cit.*, vol. I, nessa referência bíblica.

<sup>11</sup>Veja Mq 4:1-4, que é paralelo a esse trecho de Isaías. Note-se o contexto, no livro de Miquéias.

vinha tem sido rotulada como uma das mais perfeitas de sua espécie na Bíblia.<sup>12</sup> Israel é a vinha de Deus. Após exaurir todas as possibilidades para torná-la produtiva, seu proprietário resolveu destruir a sua vinha. Em consequência, os juízos pronunciados contra Judá são justos e razoáveis, porquanto Deus tem exercido Seu amor e Sua misericórdia sem receber de volta dos frutos de Seu povo escolhido, na forma de vida justa.

Para essa geração pecaminosa, pois, Isaías foi chamado para ser o porta-voz de Deus. Não admira que ele tivesse ficado receoso e trêmulo, ao tomar consciência da glória de um Deus santo, cuja justiça requer julgamento contra o pecado. Tendo-lhe sido assegurados a purificação e o perdão de seus pecados, Isaías dispôs-se a concordar obedientemente em ser o mensageiro de Deus. Não lhe foi garantido que haveria reação favorável de toda a cidade ante seu ministério. O fato de que ele deveria advertir o povo até que as cidades ficassem desoladas e sem habitantes deve ter-lhe sugerido que relativamente poucos dariam ouvidos às suas advertências; no entanto, não deveria desesperar-se. Foi-lhe dado um raio de esperança - quando fosse destruída a floresta, restaria um toco, o que simbolizava um remanescente em meio à destruição de Judá.

O chamamento de Isaías representa um bem apropriado clímax para esta secção introdutória. Apesar de que a maior parte deste trecho salienta a pecaminosidade contemporânea do povo e também os juízos que esperavam a eles, o chamamento de um profeta indica o interesse de Deus por Seu povo. No ministério de Isaías foi expressa a misericórdia divina para com Judá, antes do juízo ser executado.

II. Expectativas do reino - contemporâneas e futuras	7:1 - 12:6
Imediato livramento das mãos de Rezim e Peca	7:1-16
Invasão assíria iminente	7:17 - 8:8
Promessa de total livramento	8:9 - 9:7
Juízo contra Efraim, Síria e Assíria	9:8 - 10:34
Condições de paz e de bênção	11:1 - 12:6

A crise que levantou a questão das perspectivas futuras do reino foi a guerra siro-efraimita, em 734 a. C. Depois que a Filístia foi invadida pela Assíria, no começo daquele ano, Peca e Rezim formaram uma aliança com o fito de fazer os assírios estacarem. Quando Acaz se recusou a juntar-se a eles, Israel e Síria declararam guerra a Judá.

No momento exato em que Acaz e seu povo estavam sendo aterrorizados pelas possibilidades de uma invasão. Isaías apareceu em cena trazendo uma mensagem de Deus. Acaz estava inspecionando seu suprimento de água, fora de Jerusalém, preparando-se para o ataque iminente e para o cerco possível. O simples conselho de Isaías, nesse momento crucial, foi que Acaz não deveria tomar iniciativa - os dois soberanos a quem ele temia eram apenas dois tições fumegantes, que logo se apagariam.<sup>13</sup> A Assíria era a verdadeira ameaça a Judá (veja Is 5:26).

<sup>12</sup>Veja Kissane, *op. cit.*, no comentário sobre o quinto capítulo.

<sup>13</sup>Is 7:8, Kissane, comentário sobre a referência, segue Procksch Grotius, Michaelis e Guthe no texto "seis ou cinco anos", ao invés de "sessenta e cinco", e interpreta isso como uma alusão a um período geral em que haveria a dissolução do reino do Norte, que se rebelou contra a Assíria e capitulou em 722 a. C. Allis, *The Unity of Isaiah*, págs. 11, 12, salienta que Esaradom morreu 65 anos após essa predição, em 669 a. C. Durante seu reinado ele repopulou a Samaria com estrangeiros (veja 2 Rs 17:24).

Conseqüentemente, Isaías avisou Acáz para que confiasse no livramento divino.<sup>14</sup>

A Assíria se torna o ponto focal da mensagem de Isaías, enquanto ele discute sobre as perspectivas futuras do reino de Judá. As conseqüências da aliança entre Acáz e Pul seriam piores que qualquer coisa que sucedera em Judá, desde a morte de Salomão e a divisão do reino. Tal como um homem cujos cabelos e pelos fossem rapados da cabeça aos pés por uma navalha, assim também Judá seria tosquiado pela Assíria (veja Is 7:20). No oitavo capítulo a Assíria é assemelhada a um rio que corria através da Palestina, absorvendo Judá até o pescoço. É digno de nota que Isaías não predisse o término da existência nacional de Judá - desgraça essa que certamente sobreviria a Israel e à Síria.

O avanço e o sucesso da Assíria, como nação iníqua, sem a menor sombra de dúvida postulava sério problema para o povo de Judá. Permitiria Deus que Sua nação escolhida fosse absorvida por uma potência pagã? Isaías indica claramente que Deus alugara a navalha e fizera as águas da potência assíria varrerem o povo de Judá. Visto que o povo ignorava ao profeta e se voltava para os espíritos familiares (veja Is 8:19), uma prática proibida pela lei (veja Dt 18:14-22), Deus teria de castigar o Seu povo.

Assíria era uma vara nas mãos de Deus (veja Is 10:5). O poder assírio seria tão grande que Jerusalém seria destruída? Jerusalém teria de enfrentar os exércitos da Assíria à semelhança de Calno, Carquemis, Hamate, Harpade, Damasco e Samaria? O profeta expôs claramente a verdade básica de que um Deus onipotente usava a Assíria como uma vara ou bordão em Sua mão. Depois que Deus realizasse Seu propósito, impondo juízo contra Seu povo, no monte Sião e em Jerusalém, Deus cuidaria da Assíria. Da mesma maneira que um machado ou um serrote é brandido pelo artesão, assim a Assíria estava sujeita a Deus e ao Seu controle. A vara não usaria seu proprietário, e nem a Assíria se utilizaria de Deus. Isaías assegurou destemidamente a seu povo de Sião (veja Is 10:24) de que não deveriam temer a invasão da Assíria. Cumprir-se-iam os juízos de Deus contra Jerusalém. A Assíria armaria o punho contra Jerusalém, mas Deus faria escapar ao rei em seus planos de destruir a cidade. A certeza de que essa nação pagã estava debaixo do controle divino foi a base do consolo e da esperança daqueles que depositavam confiança no Senhor dos exércitos.

As perspectivas do reino futuro oferecem a contra-partida ao desencorajamento temporário que imperava nos dias de Isaías. Sua geração enfrentava dias negros. Com um rei ímpio sobre o trono davídico, ao mesmo tempo que prevalecia um culto assírio em Jerusalém, o piedoso remanescente deve ter ficado descoroçoado na antecipação da iminente invasão assíria. Trazendo a certeza de livramento das mãos desse adversário, Isaías ofereceu esperanças renovadas acerca do futuro.

As esperanças para o reino futuro, previamente mencionadas (veja Is 2:1-5), são aclaradas nesta passagem. Neste passo elas são entretecidas com os problemas contemporâneos. Em contraste com governantes iníquos, Isaías desdobra as perspectivas futuras de um piedoso rei que ocuparia o trono de Davi. Em contraste com o reino temporal de Judá, ele elabora a promessa de um reino universal e perene.

<sup>14</sup>Cf. 2Cr 28 e 2Rs 16:5 ss.

O justo governante é apresentado em Is 7:14 como o Emanuel, que significa “Deus conosco”.<sup>15</sup> Por certo o ímpio Acaz, que se recusou a pedir um sinal, não compreendeu o significado pleno dessa promessa, cujo cumprimento não foi fixado quanto ao tempo. Sem dúvida, essa simples promessa pareceu vaga e ambígua para aqueles que ouviram Isaías proferi-las em um período de crise nacional - mui facilmente podem tê-la confundido com o nascimento do filho de Isaías, de nome Rápido-Despojo-Presa-Segura (Maer-Salal-Has-Baz). Embora a terra de Emanuel houvesse de ser invadida pelos assírios (veja Is 8:5-10), para em seguida ser libertada, a promessa de um livramento futuro ainda maior é assegurada em Is 9:1-7. Isso seria concretizado através do nascimento de um filho que é identificado como “Poderoso Deus”, o qual haveria de estabelecer um governo pacífico que não teria fim. No décimo primeiro capítulo é indicada a sua origem davídica, mas Suas características transcendem ao que é humano. Ele é divino, no exercício de julgamento justo, através da Sua onisciência e onipotência.

O reino será universal. O conhecimento do Senhor prevalecerá por todo o mundo. Os ímpios serão destruídos pela palavra proferida pelo justo governante, e uma retidão absoluta prevalecerá sobre a humanidade. O próprio mundo animal será afetado pelo estabelecimento desse reino. Sião não mais será alvo de ataques e conquistas, mas antes, será o centro do governo e da paz universais, conforme já fora indicado no segundo capítulo. O décimo segundo capítulo exprime o louvor e a gratidão dos cidadãos do reino futuro. Deus - não o homem - tem decretado que Sião é a morada do Santo de Israel.

### III. Panorama das nações — 13:1 - 23:18

Condenação de Babilônia e seu líder	13:1 - 14:27
Queda da Filístia - sem esperança de recuperação	14:28-32
Moabe punido por seu orgulho	15:1 - 16:14
Sorte da Síria e de Israel	17:1 - 18:7
O Egito honrará ao Senhor dos Exércitos	19:1-25
Asdode e seus aliados derrotados pela Assíria	20:1-6
Queda de Babilônia	21:1-10
A aflição de Edom	21:11,12
A sorte da Arábia	21:13-17
Destruição iminente de Judá	22:1-14
Julgamento de Sebna, o mordomo	22:15-25
Tiro julgada e restaurada	23:1-18

A visão panorâmica das nações está vitalmente relacionada às perspectivas futuras do reino, que figuram nos capítulos anteriores. Durante o último século e meio da existência nacional de Judá, desde os dias de Isaías até à queda de Jerusalém, reis e reinos se soergueram e caíram. Para o povo de Judá e de Jerusalém,

<sup>15</sup>Quanto a discussões representativas sobre este texto, identificando-o com o Messias, veja Burnes e Kissane, no seu comentário sobre essa referência. Cf. também Allis, *op. cit.*, pág. 12, e E. J. Young, *Studies in Isaiah* (Londres: Tyndale Press, 1954), págs. 143-198.

que tinham consciência de ser o povo escolhido de Deus, por meio de quem Sião seria finalmente restabelecida, essas profecias que envolviam outras nações se revestiam de significação vital.

Diversos temas básicos se patentenam nas mensagens concernentes às nações. Embora houvessem sido iniciados nos doze capítulos precedentes, são mais plenamente desenvolvidos e interligados nesta passagem. A Assíria, que era o problema número um de Judá, no período de Isaías e por mais algum tempo depois, recebe pouca atenção neste trecho. A atenção é focalizada sobre outras nações proeminentes.

A soberania e supremacia de Deus são fatores básicos por toda esta passagem. O título "Senhor dos Exércitos" ocorre pelo menos vinte e três vezes nesses onze capítulos. Isaías reconheceu Deus como tal quando viu o "Rei, o Senhor dos Exércitos", no tempo da sua chamada para o ministério profético (veja Is 6:5).<sup>16</sup> No Senhor dos Exércitos, que se utilizava da Assíria como vara de julgamento, repousava a certeza do estabelecimento do reino sempiterno (veja Is 9:7).

Os propósitos e planos desse Senhor dos Exércitos são freqüentemente expressos nas mensagens atinentes às nações. O juízo divino não recai sobre as nações por acidente, mas de conformidade com um plano divino. O orgulho e a arrogância que levam ao esquecimento de Deus são castigados - sem importar se sua ocorrência se dá em nações pagãs, em Israel, em Judá, ou mesmo em indivíduos como Sebna, o mordomo (veja Is 22:15-25). Nenhum indivíduo ou nação altivo poderá escapar.

O exemplo mais gráfico disso se acha nos capítulos iniciais desta passagem (veja Is 13:1 - 14:27). Babilônia e seu monarca são destacados para receber o juízo. Embora o auge do poder babilônico ainda estivesse no futuro, já nos dias de Ezequias Isaías predisse (veja Is 39) que a Babilônia seria a responsável pelo cativo de Judá. Para o povo que sobreviveu à destruição de Jerusalém, sob os babilônios, esses capítulos devem ter assumido especial significação. O juízo divino aguardava aquele reino que temporariamente fora usado no plano de Deus para expurgar Judá de seus pecados. Por aquele tempo o povo já havia testemunhado a queda da Assíria, e esta passagem lhes garantia que a Babilônia, por igual modo, seria julgada.

Embora a Babilônia seja especificamente mencionada, o rei da Babilônia não é identificado. Os comentários diferem largamente porquanto relacionam isso a vários reinos e numerosos monarcas da Babilônia ou da Assíria. O princípio básico, entretanto, é que qualquer nação ou indivíduo que se exalta acima de Deus, mais cedo ou mais tarde será derrubado pelo Senhor dos Exércitos. As dificuldades encontradas quando tentamos ligar os detalhes desta passagem com a Babilônia, historicamente falando, e a ausência de concordância na identificação desse rei na história, podem sugerir que muito mais está envolvido do que um poder mundial temporário e seu governante. Esse arrogante soberano pode representar as forças malignas que têm feito oposição a Deus - o que se tem patenteado na raça humana desde a queda do homem. (Veja Gn 3). Esse poder maligno envolverá indivíduos e nações num movimento de oposição ao Onipotente que perdurará até ao juízo final, quando Deus houver de derrubá-los de uma vez por to-

<sup>16</sup>Em quatro das referências esse título aparece sob a forma de "Senhor Deus dos Exércitos". Quando Davi desafiou a Golias, fê-lo no "nome do Senhor dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel" (1 Sm 17:45).



das. A destruição da perversa nação, representada pela Babilônia, é assemelhada à sorte de Sodoma e Gomorra, que nunca mais foram habitadas. A deposição do tirano ou maligno, representado pelo rei da Babilônia, indica que todos aqueles que com ele vieram a associar-se serão destruídos, ficando assim removida toda oposição. O caráter final, definitivo da destruição é significativo.

Em contraste, o tema da restauração de Israel e das esperanças relativas ao reino se repete por toda esta passagem. A certeza de que Israel contará com um reino de âmbito mundial, tendo Sião por capital, o que é apresentado pela primeira vez no segundo capítulo, é um tema central nos capítulos sete a doze, onde se ressalta especialmente o justo governante. Nesses capítulos, o tema das esperanças finais de Israel não é esquecido. O Senhor dos Exércitos é quem decretou a queda de Babilônia (veja Is 21:10). Israel continua sendo a herança de Deus (veja Is 19:25), embora temporariamente esteja sob juízo. Não somente será restaurada a nação de Israel (veja Is 14:1,2), mas aos estrangeiros também será conferido um refúgio ali. Sião será fundada pelo Senhor (veja Is 14:32) e será beneficiária de presentes (veja Is 18:7). Se por um lado outras nações e monarcas serão julgados, um justo governante será firmado no trono davídico (veja Is 16:5). Tais são as promessas sem paralelo, acerca da restauração, que são dadas por repetidas vezes a Israel, visando ao consolo e à esperança, nos períodos em que os israelitas estiverem debaixo dos juízos divinos.

#### IV. Israel no palco do mundo — 24:1 - 27:13

A destruição de Jerusalém	24:1-13a
O remanescente justo e os ímpios diante do Senhor dos Exércitos em Sião	24:13b-23
Cântico de louvor dos remidos	25:1 - 26:6
Oração do remanescente durante a tribulação	26:7-19
Certeza de livramento e retorno ao monte Sião	26:20 - 27:13

Nestes capítulos, o remanescente torna-se o ponto central de interesse. Através de todos os períodos de juízo fica assegurada a sobrevivência de um remanescente justo, sendo-lhe prometida a restauração - o remanescente uma vez mais desfrutará as bênçãos de Deus sob o governo justo que se instalará no monte Sião.

As mensagens de Isaías com freqüência se relacionavam a algum acontecimento contemporâneo. Fora claramente anunciada a condenação de Jerusalém, no capítulo inicial, o que é reiteradamente enfatizado em mensagens subseqüentes. Em Is 24:1-13a, o profeta retrata a ruína que espera a amada cidade de Judá. Jerusalém ficará desolada e seus portões ficarão reduzidos a ruínas. Isso se tornou uma vívida realidade em 586 a. C.

O remanescente, entretanto, será recolhido de costas marítimas distantes e dos confins da terra (veja Is 24:13b ss.), ao mesmo tempo que os maus serão punidos pelo Senhor dos Exércitos. As maravilhas do firmamento, que envolvem o sol e a lua, são associadas aqui, bem como em outras passagens, a esse grande juízo,

quando o Senhor vier a reinar em Sião.<sup>17</sup> O contexto desta passagem parece indicar um escopo global. A eliminação daqueles que se opõem a Deus e o estabelecimento do remanescente em Sião, em um reino universal e sem fim, dificilmente poderá ser limitada a uma situação local, ou mesmo nacional.

Apropriadíssimo é o cântico dos remidos, que se ergue, em Is 25:1 - 26:6. Reagem eles com ações de graça e louvor, enquanto se regozijam na sua salvação e gozam das bênçãos do Senhor. Opróbrio, sofrimento e vergonha desaparecerão quando Deus vier enxugar todas as suas lágrimas e pôr fim à morte.

A oração em Is 26:7-19 exprime o intenso desejo do povo, em tempos de grande tribulação e sofrimento, o que sucederá antes de serem recolhidos novamente. Israel vocaliza sua esperança enquanto se contorce de angústia e aguarda pelo livramento. Debaxo do governo do iníquo, na qualidade de vítimas da injustiça prevalecente, eles expressam sua fé e esperança em Deus, rogando-Lhe a intervenção divina.

Na resposta divina é prometido o livramento (veja Is 26:20 - 27:13). Israel, a vinha de Deus, uma vez mais será frutífera. Expurgado de sua iniquidade, o povo será novamente reunificado, um por um, como um remanescente, a fim de adorar ao Senhor, em Jerusalém.

#### V. Verdadeiras e falsas esperanças em Sião — 28:1 - 35:10

Prevalece o plano de Deus	28:1 - 29:24
Futilidade da aliança com o Egito	30:1 - 31:9
Bênçãos para os que confiam em Deus	32:1 - 33:24
As nações julgadas - Israel restaurada a Sião	34:1 - 35:10

As alianças com potências estrangeiras foram um problema constante em Jerusalém, nos dias do ministério de Isaías. Mediante as intrigas políticas e a diplomacia, os líderes de Judá esperavam garantir sua sobrevivência como nação, aliando-se aos vitoriosos. Acáz assumiu o lugar de seu pai, Jotão, no trono davídico, quando o partido pró-assírio obteve o controle sobre Judá, em 735 a. C. Acáz desafiou as advertências de Isaías, e firmou um pacto com Tiglate-Pileser, nos primeiros anos de seu reinado. Ezequias, o monarca seguinte, uniu-se por aliança com Edom, Moabe e Asdode, em resistência contra a Assíria. Essa coligação antecipava que o Egito lhe daria seu apoio, mas Asdode caiu em 711 a. C., ao mesmo tempo que as outras nações ofereceram tributo à Assíria, a fim de ser evitada a invasão.

Isaías deu aviso constante contra a loucura de depender de nações estrangeiras. Ele intitulou essas alianças como “um pacto com a morte”. Em contraste com isso, seu conselho é que deveriam firmar sua fé em Deus, o verdadeiro Rei de Israel. Quer se tratasse de Acáz, o rei ímpio, ou Ezequias, o governante piedoso, que se mostrou amigável para com a embaixada babilônica, o profeta Isaías repreendia constantemente aos líderes de Judá por dependerem de outras nações, ao invés de esperarem livramento em Deus.

Nenhum dos capítulos desta secção é especificamente datado. Visto que a

<sup>17</sup>Cf. Is 13:10; 34:4; Jl 2:10:11; Mt 24:29,30; At 2:19,20 e numerosas outras passagens.

aliança firmada com o Egito recebe tão proeminente consideração em Is 30 - 31, toda esta passagem pode ser datada como pertencente aos dias de Ezequias, quando Judá embalava a esperança de desvencilhar-se da dominação assíria.<sup>18</sup> Nos primeiros anos do reinado de Senaqueribe, esse interesse judeu pela ajuda egípcia sem dúvida alguma representou um problema sério em Jerusalém.

Os capítulos 28 - 29 de Isaías refletem o mesmo pano-de-fundo histórico? A “aliança com a morte”, aludida em Is 28:15, se refere ao pacto firmado com o Egito nos dias de Ezequias, ou poderia aludir, talvez, a uma aliança feita entre Acaz e Tiglate-Pileser, em 734 a. C.? Esta última opinião merece alguma atenção. Acaz, ao invés de pôr sua fé em Deus, ignorou Isaías, estabelecendo um pacto com os assírios. O fato de que desaparecera a crise da guerra siro-efraimita e que houvera a aparentemente bem sucedida aventura da união judaico-assíria, em 732 a. C., quando Acaz foi pessoalmente ao encontro de Tiglate-Pileser, em Damasco, podem ter servido de motivo para excessivas celebrações em Jerusalém. Acaz e seus ímpios associados, escudados por sacerdotes e profetas quando da introdução do culto assírio na adoração em Jerusalém, provavelmente foram os seus ouvintes, aos quais ele endereçou as ríspidas palavras de advertência e reprimenda, registradas em Is 28 - 29. Acaz e seus apoiadores indubitavelmente concluíram que o açoite avassalador (veja Is 28:15) da invasão assíria não afetaria a Judá, porquanto este firmara um tratado com aquela poderosa nação.

Quer os capítulos iniciais desta passagem reflitam alguma aliança estabelecida com a Assíria, quer reflitam algum pacto com o Egito, a advertência deixa claro que tais esquemas terminariam em fracasso. Onde o Egito é explicitamente identificado (veja Is 30:2), o aviso assevera que a dependência da ajuda egípcia não faz parte dos planos de Deus. Humilhação e vergonha seriam a parte de quem nisso confiasse. Em Is 31:1-3, faz-se vívido contraste entre os egípcios, com seus cavalos e carros de guerra, e o Senhor, a quem Judá deveria consultar. Quando o Senhor estender Sua mão contra eles, tanto o Egito quanto aqueles que por ele deveriam ser ajudados perecerão. A Assíria, por igual modo, seria aterrorizada (veja Is 30:31) e derrubada (veja Is 31:8-9). Isso não será realizado pelo esforço humano ou pela espada do homem, e, sim por decreto do Senhor de Sião. Os feroces assírios seriam destruídos e tornar-se-iam vítimas de traição (veja Is 33:1). Finalmente, a ira e a vingança de Deus seriam executadas contra todas as nações do mundo (veja Is 34:1 ss.). Conseqüentemente, depositar fé e confiança em qualquer nação, por intermédio de alguma aliança, jamais serviria como substituto adequado da simples fé em Deus.

A antítese dessa advertência contra alianças políticas é a admoestação para que se confie em Deus. Em Sião se fizera provisão, havendo promessas relacionadas ao seu estabelecimento, de maneira que aqueles que exercessem tal fé não sofressem ansiedade (veja Is 28:16).<sup>19</sup> O plano divino quanto a Sião, conforme é desdobrado nesses capítulos, fornece base razoável para a fé do remanescente, que esteja disposto a pôr sua confiança em Deus.

Duas simples ilustrações sugerem que Deus tem um propósito eterno em Seu

<sup>18</sup>Veja Kissane, *op. cit.*, na discussão sobre os capítulos 28 - 29.

<sup>19</sup>O sentido usual deste verbo é “apressar-se”. O grego afirma “não será envergonhado”, sendo assim citado em Rm 9:33. Um substantivo derivado da mesma raiz é usado em Jó 20:2, com o significado de “ansiedade”. Veja Kissane, *op. cit.*, nessa referência.

relacionamento com Seu povo (veja Is 28:23-29). Um agricultor não fica arando o campo por repetidas vezes sem qualquer propósito. Ele ara a terra a fim de semear, para que, no tempo certo, possa fazer a colheita. Nem o grão é trilhado ou batido interminavelmente. O propósito disso é separar o grão da palha. O propósito de Deus não era destruir Israel, mas impor juízo para purificar o Seu povo, separando o remanescente justo dos iníquos. Jerusalém, chamada Ariel, será sujeitada a julgamento, mas o Senhor dos Exércitos fará intervenção e proverá súbito livramento (veja Is 29:1-8).

Embora o povo de Israel contasse apenas com uma religião formal, honrando a Deus apenas de lábios, e não de todo o coração (veja Is 29:9-24), Deus produzirá transformação. À semelhança de um oleiro, Deus concretizará Seu propósito. Uma vez mais Israel será abençoado - prosperando e multiplicando-se, recuperando seu prestígio entre as nações. Embora formem um povo rebelde (veja Is 30:8-14), foi-lhes assegurada a restauração através da fé em Deus (veja Is 30:15-26).

A retidão prevalecerá sob o governo do justo rei de Sião (veja Is 32:1-8). Essa futura esperança não oferece desculpas para a complacência. O povo de Jerusalém foi advertido de que julgamento e destruição antecederão essas bênçãos, até o Espírito manifestar-se vindo do alto (veja Is 32:9-20). A oração dos que sofrem e são afligidos (veja Is 33:2-9) não passará despercebida. Os pecadores serão julgados, ao passo que o remanescente justo desfrutará das bênçãos do Senhor (veja Is 33:10-24).

De importância capital será a reunião de todas as nações, com vistas a um juízo de âmbito mundial, bem como a restauração de Sião (veja Is 34 - 35). Já fora indicado antes que o Senhor coaria as nações em uma peneira de destruição (veja Is 30:27-28). O próprio exército dos céus intervirá quando esse juízo for executado. Edom, que representava uma avançada civilização entre os séculos XIII e VI a. C.,<sup>20</sup> e que era extremamente próspero nos dias de Isaías,<sup>21</sup> é apresentado após todas as nações do mundo terem sido convocadas para o julgamento. Sião e Edom representam, respectivamente, a localização geográfica das bênçãos e do juízo de Deus. Posto que os dias de vingança serão um tempo de recompensa para a causa de Sião, esse juízo dificilmente poderia ficar restrito a Edom. Muitas outras nações foram e têm sido culpadas de ofender a Sião.

A glória de Sião, conforme é descrita no capítulo trinta e cinco, fornece um esperançoso contraste com os horrendos juízos de Deus contra as nações pecaminosas. O remanescente retornará à terra prometida, a qual terá sido então transformada de um ermo em terra de abundância. Deus terá remido os seus justos das manoplas dos opressores, e os estará trazendo de volta a Sião, para que desfrutem de bem-aventurança eterna. Sião triunfará sobre todas as nações.

#### VI. Adiado o julgamento de Jerusalém — 36:1 - 39:8

Livramento miraculoso do poder da Assíria	36:1 - 37:38
Recuperação de Ezequias e salmo de louvor	38:1-22
Predição do cativo babilônico	39:1-8

<sup>20</sup>Veja Nelson Glueck, *The Other Side of the Jordan* (New Haven, Conn., 1940), págs. 145 ss.

<sup>21</sup>Veja Pritchard, *op. cit.*, págs. 291, 292.

Esses capítulos<sup>22</sup> algumas vezes têm sido rotulados de “Livro de Ezequias”. O rei de Judá foi confrontado com o ultimato de entregar Jerusalém aos assírios. Oralmente, bem como através de cartas, Senaqueribe tentou desconcertar Ezequias e seu povo - molestando-os por dependerem do Egito ou por confiarem em Deus quanto ao seu livramento. Sarcasticamente, o monarca assírio chegou mesmo a oferecer a Ezequias dois mil cavalos, se ele pudesse arranjar cavaleiros para os mesmos. Ao alistar uma série de cidades conquistadas, cujos deuses não as haviam auxiliado, Senaqueribe asseverou ter sido enviado por Deus, pelo que a oração em favor do remanescente de Judá era ridícula. Ezequias apelou para o recurso da oração, abrindo literalmente a carta à sua frente, ao mesmo tempo que rogava de Deus o livramento.<sup>23</sup>

Corajosamente, Isaías anunciou a segurança de Jerusalém. Embora a presença assíria houvesse impedido o plantio de cereais para a colheita vindoura, os invasores seriam expulsos a tempo de ser feita a colheita do que nascesse por si mesmo.

A séria enfermidade de Ezequias aparentemente ocorreu durante esse período de pressões internacionais. Quando Isaías avisou-o de que deveria preparar-se para morrer, Ezequias orou insistentemente, recebendo então a certeza, por meio de Isaías, de que sua vida seria prolongada por quinze anos. O livramento da ameaça assíria ocorreria simultaneamente. O sinal confirmatório disso foi a volta miraculosa da sombra sobre o relógio de sol que provavelmente Acáz obtivera na Assíria, através de seus contactos pessoais com Tiglate-Pileser.<sup>24</sup> Grato por seu livramento pessoal e restauração à saúde, Ezequias respondeu com um salmo de louvor. Congratulações por sua recuperação lhe foram enviadas por Merodaque-Baladã, por meio de uma embaixada babilônica. A cordial recepção dada por Ezequias aos babilônios serviu de motivo de significativa predição. A inquirição de Isaías dá a entender que Ezequias se desviara da confiança simples em Deus, talvez embalando esperanças de que os babilônios ajudariam Judá a livrar-se da supremacia assíria. Com palavras simples, mas severas, o profeta advertiu a Ezequias que aqueles tesouros seriam levados para a Babilônia, e que seus filhos serviriam como eunucos no palácio babilônico. Ainda nos dias áureos do poder assírio Isaías predisse o cativo babilônico para Judá, setenta e cinco anos antes dos dias da supremacia babilônica. Apesar de que a situação internacional (em cerca de 700 a. C.) possa ter justificado uma predição da capitulação de Judá diante do poder assírio, Isaías predisse especificamente que Judá seria levado para o exílio na Babilônia. Seu cumprimento não foi datado além da declaração que ocorreria depois do reinado de Ezequias.

## VII. Promessa de livramento divino — 40:1 - 56:8

Consolo mediante a fé em Deus	40:1-31
Israel como servo escolhido de Deus	41:1-29
O servo ideal versus o servo pecaminoso	42:1-25

<sup>22</sup>Embora Kissane, *op. cit.*, vol. I, pág. 395, mantenha a unidade do livro de Isaías, sugere ele que os capítulos 35 - 39 foram originalmente compilados pelo autor dos livros de Reis. Ele cita J. Knabenbauer, *Commentarius in Isaiam Prophetam*, ed. F. Zorrell, 1922, e N. Schlogl, *Das Buch des Propheten Jesaja* (Viena, 1915), como eruditos que apóiam a origem isaiana desses capítulos sobre Ezequias, que mais tarde teriam sido incorporados em 2 Reis.

<sup>23</sup>Quanto a uma provável seqüência cronológica dos eventos aqui registrados, veja as págs. 202-205.

<sup>24</sup>Veja Kissane, *op. cit.*, na referência, Is 38:7,8.

Israel restaurado do cativeiro babilônico	43:1-45:25
Remoção da Babilônia com os seus ídolos	46:1 - 47:15
O apelo de Deus à pecaminosa Israel	48:1 - 50:11
Israel alentada na esperança	51:1 - 52:12
Livramento por meio de um Servo Sofredor	52:13 - 53:12
Salvação para Israel e para estrangeiros	54:1 - 56:8

A promessa de livramento divino, nos capítulos 40 - 56, não está necessariamente vinculada a qualquer incidente particular da época de Ezequias. A perspectiva desta passagem é o exílio de Israel na Babilônia.<sup>25</sup> Nos anos finais de seu ministério, Isaías bem pode ter-se preocupado com as necessidades do povo que seria conduzido ao exílio, quando Jerusalém seria deixada em ruínas e a existência nacional de Judá terminaria por meio dos babilônios. A ascensão do perverso Manassés ao trono de Davi sem dúvida alguma embotou as perspectivas imediatas do remanescente justo. Certamente que, em companhia de Isaías, eles antecipavam a iminência da condenação de Judá, enquanto eram testemunhas do derramamento de sangue inocente em Jerusalém.

Para Isaías, o exílio por vir era certo. Que a Babilônia seria o destino de seu exílio final era igualmente certo, porquanto ele indicou especialmente esse fator na mensagem que dirigiu a Ezequias (veja Is 39). As condições próprias do exílio eram bem conhecidas por Isaías e pelos habitantes de Jerusalém. Os assírios não somente haviam levado os moradores de Samaria para o exílio, em 722 a. C., mas igualmente, quando da conquista de várias cidades de Judá, por Senaqueribe, em 701 a. C., indubitavelmente muitos dos conhecidos de Isaías foram levados para o cativeiro. Cartas e relatórios enviados por esses exilados retratavam graficamente as condições que prevaleciam entre eles.

Contando com os fatos históricos e com as predições dos capítulos 1 - 39 como pano-de-fundo, Isaías trouxe uma apropriadíssima mensagem de esperança e consolo para aqueles que antecipavam o exílio babilônico. Muitos detalhes se tornam significativos, quando certas predições se transformam em história, em períodos subseqüentes. A todo tempo, entretanto, essa é uma mensagem de consolo, segurança e esperança, para aqueles que põem sua confiança em Deus.

Diversos temas estão entrelaçados por toda esta magnificente passagem. Tendo o livramento como tema básico, foram conferidas não apenas certeza e esperança, mas também a provisão, que visa à concretização dessas promessas, é vividamente retratada. Quanto ao escopo e à magnitude, bem como quanto à excelência literária, essa grande mensagem jamais foi ultrapassada. Não há que duvidar que ela foi fonte de consolo e bênção para os ouvintes imediatos de Isaías, bem como para aqueles que foram levados para o exílio babilônico.

<sup>25</sup>Veja D. Moritz Drechsler, *Der Prophet Jesaja, Ubersetz und Erklärt*, Zweiter Theil, Zweit Hälfte (ed. por Franz Delitzsch e August Hahan). Visto que Drechsler não completou sua obra sobre Isaías, o comentário sobre os capítulos 40 - 66 é principalmente de autoria de Hahn. Em um apêndice a esse comentário, Delitzsch desenvolve o ponto de vista que Isaías 40 - 66 não reflete os dias de Ezequias, embora tivessem sido escritos esses capítulos por Isaías, mas foram escritos do ponto de vista do exílio babilônico. E. J. Young, *op. cit.*, pág. 20, considera esse apêndice de Delitzsch como uma "característica especialmente valiosa" do comentário de Drechsler.

O livramento e a restauração são temas desenvolvidos em três aspectos: o retorno de Israel do cativeiro, sob Ciro; o livramento do pecado; e a instalação final da justiça, quando Israel e os estrangeiros desfrutarão das bênçãos de Deus para sempre. O escopo do cumprimento cobre um longo período de tempo. O cumprimento inicial virá, em parte, com o retorno do cativeiro sob a liderança de Zorobabel, Esdras e Neemias; a expiação pelo pecado foi historicamente desdobrada nos dias do Novo Testamento; o estabelecimento do reino universal ainda está pendente.

A garantia desse grande livramento repousava em um Deus que pode realizar todas as coisas. Na qualidade de cativos que aguardavam ajuda, o povo não precisava de uma mensagem de condenação. Aqueles que haviam se sujeitado às realidades do exílio tinham consciência de seu passado pecaminoso, por causa do qual sofriam, em consonância com as advertências de Isaías. Para inspirar a fé e assegurar o consolo Isaías deu ênfase aos atributos e às características de Deus.

O capítulo inicial introduz essa promessa de livramento por meio de um estilo magnífico. Apesar de estar sofrendo no exílio, a Israel foi garantido que receberia consolo e perdão para sua iniquidade, em preparação para a revelação da glória de Deus, a qual se revelará perante toda a humanidade, quando Deus instalar o Seu governo em Sião. Onipotente, eterno e infinito em sabedoria, Deus criou todas as coisas, dirige e controla todas as nações, além de possuir perfeito conhecimento e compreensão sobre Israel, em seu sofrimento. Aqueles que esperam em Deus haverão de prosperar. A fé nesse Deus onipotente, que não pode ser comparado a ídolos, traz consolo e esperança.

Esse vívido retrato dos infinitos recursos de Deus serve de apropriado prelúdio para o majestoso desenvolvimento do tema do livramento. As freqüentes referências a Deus, por todos os capítulos subseqüentes, se baseiam sobre a percepção de que Deus desconhece limites no cumprimento das promessas feitas ao Seu povo. Por toda essa passagem, os planos e os propósitos de Deus são interligados com a certeza do livramento. As palavras de consolo têm um firme fundamento. O Senhor Deus de Israel é singular, incomparavelmente grande, transcendendo a todas as obras de Suas mãos. Por muitas vezes é vividamente focalizado um contraste entre Deus e os ídolos pagãos. A confiança posta em uma divindade feita por mãos humanas (veja Is 46:5-13) torna-se ironicamente ridícula em contraste com a fé no singular Deus de Israel, o Senhor dos Exércitos.<sup>26</sup>

O tema do Servo é fascinante e estranhamente interessante. Por vinte vezes ocorre a palavra “servo” - introduzida em Is 41:8, e mencionada pela última vez em Is 53:11. A identidade do Servo pode ser ambígua em algumas instâncias. Em certo número de seu uso, o Servo é identificado dentro do contexto. Quanto a uma consideração introdutória sobre essa passagem, note-se que o Servo pode ser um símbolo de Israel ou pode ser o Servo ideal, que desempenha papel significativo no prometido livramento.

O uso inicial do vocábulo “Servo” é especificamente identificado com Israel (veja Is 41:8,9). Deus escolheu Israel quando chamou Abraão; e Ele assegura ao

<sup>26</sup>O nome “Yahweh” ou “Senhor” ocorre 421 vezes no livro de Isaías - 228 vezes nos capítulos 1 - 39, e 193 vezes nos capítulos 40 - 66. Quanto a uma discussão, veja R. D. Wilson, “The Names of God in the Old Testament”, *Princeton Theological Review*, XVIII, 461 s. O título “Senhor dos Exércitos” ocorre 40 vezes nos capítulos 1 - 39. Apesar de que esse título é mencionado apenas seis vezes neste trecho, o “Senhor dos Exércitos” é claramente identificado como o Deus de Israel, que cuida de Seu povo.

Seu povo de que serão restaurados e exaltados como nação acima de todas as nações. No entanto, Israel, apesar de ser servo de Deus, é cego, surdo e desobediente (veja Is 42:19). Isso já havia sido dado a entender a Isaias, quando de seu chamamento, pelo que foi anunciado o juízo contra o pecaminoso povo de Judá (veja Is 1-6). Em face de Deus haver criado e escolhido a essa nação, Ele não a abandonará (veja Is 44:1, 2, 21). O livramento do exílio lhe está assegurado. Jerusalém será restaurada nos dias de Ciro. Israel será trazido de volta, depois do cativo na Babilônia (veja Is 48:20).

No princípio desta passagem o Servo ideal é apresentado como um indivíduo, por intermédio de quem Deus imporá justiça entre as nações (veja Is 42:1-4). Esse Servo, igualmente escolhido por Deus, será dotado do Espírito de Deus, de tal modo que não deixará de cumprir o propósito de estabelecer a justiça na terra, fazendo Sua lei chegar até às terras distantes (veja Is 2:1-5 e 11:1-16). Em contraste com a nação que fora escolhida, mas falhara, esse Servo ideal haverá de cumprir o propósito de Deus.

Israel, por ter fracassado, precisava de salvação. Terá de haver expiação pelo pecado de Israel, que Deus prometeu apagar (veja Is 44:22). Para tanto, o Servo ideal (veja Is 49:1-6) foi escolhido - não somente para oferecer salvação a Israel, mas também para ser luz para os gentios. Finalmente, esse Servo terá todas as nações prostradas a Seus pés (veja Is 49:7 e 9:2-7). Antes que isso possa tornar-se realidade, contudo, teria de haver sacrifício pelo pecado. Esse Servo, que virá a ser exaltado (veja Is 52:13), primeiramente terá de fazer expiação pelo pecado, mediante Seu sofrimento e morte. Por conseguinte, o Servo ideal é identificado com o Servo sofredor.

O Servo sofredor é mais dramaticamente descrito em Is 52:13 - 53:12. Basicamente significativo é o fato de que esse Servo será justo e inocente. Em contraste com Israel, que sofreu por seu pecado em dupla medida (veja Is 40:2), esse Servo sofrerá exclusivamente pelos pecados alheios. Por meio de sofrimento vicário será provida expiação.

O uso mais elevado da palavra “Servo”, em Is 53:11, supre meios para a imputação da justiça no caso daqueles cujas iniquidades e pecados são perdoados por meio do sacrifício vicário. Esse servo não hesita e nem desiste quanto ao propósito para o qual foi escolhido. Sua morte provê redenção.

A preocupação imediata dos exilados na Babilônia era a possibilidade de retorno a Jerusalém. Isso fora prometido para o tempo de Ciro, a quem Deus designara como pastor. Ao passo que Deus se utilizara da Assíria como uma vara em Sua mão, a fim de impor julgamento (veja Is 7 - 12), o monarca Ciro será usado para trazer os cativos de volta a Jerusalém. Uma restauração ainda maior foi prometida através do Servo, quando da exaltação final de Sião acima de todas as nações (veja Is 49:1-26). Isso já havia sido mencionado por muitas vezes nos capítulos anteriores. O livramento notável e significativo, entretanto, consiste da provisão para expiação pelo pecado, possibilitado exclusivamente por meio da morte do Servo sofredor.

Esse livramento é tão singular e distinto que Israel é alertado, em linguagem esplendorosa, a dar atenção ao sofrimento e à morte do Servo ideal. Por três vezes Israel é admoestado a ouvir e preparar-se para a libertação vindoura (veja Is 51:1-8). Assim como Deus escolhera Abraão e o multiplicara a ponto de tornar-se



uma grande nação, assim também Sião será consolada por meio de bênçãos universais e de um triunfo eterno. Nas três apaixonadas solicitações seguintes Israel é convocado a despertar do sono (veja Is 51:9 - 52:6). Os mensageiros são alertados a proclamar a paz e a publicar as boas novas, em antecipação ao retorno do Senhor a Sião (veja Is 52:7-12). Mas a mensagem de esperança, exposta na passagem seguinte, não consiste do livramento do exílio e, sim, da provisão para livramento do pecado, por intermédio do Servo sofredor (veja Is 52:13 - 53:12).

Quando o Servo tiver de retornar triunfalmente a Sião, nações e reis ficarão admirados e atônitos ante o fato de que o Servo exaltado é o mesmo a quem não reconheceram em seus sofrimentos. Ele terá prosperado como uma raiz em terra ressequida. Desprezado e rejeitado, esse Homem de tristezas levou sobre Si a iniqüidade e foi conduzido como um cordeiro ao matadouro. E privado de justiça e do juízo, foi condenado à morte pela Sua própria geração. Deus, entretanto, aceitou esse Servo em Sua morte, como sacrifício pelo pecado, por meio de Quem muitos vieram a obter a justiça. Por ter levado sobre Si os pecados de muitos, esse Servo recebeu a certeza de uma herança e de despojos juntamente com os grandes e os fortes.

De uma nação estéril e sem frutos Deus produzirá uma população próspera (veja Is 54:1-17). Israel foi temporariamente olvidado e julgado. Da mesma maneira que Deus fizera prosperar o assolador, trazendo destruição e julgamento, assim também Ele assegurou prosperidade ao Seu povo, cujos indivíduos são identificados como Seus servos. Esses não serão envergonhados e nem derrotados, mas possuirão as nações e serão estabelecidos com justiça.

A mensagem de perdão e esperança é anunciada de modo definitivo, para todos, em Is 55:1 - 56:8. A reação favorável a esse gracioso convite traz vida e bem-aventurança. Quando o iníquo abandonar seu caminho e o injusto seus pensamentos, poderão desfrutar da misericórdia do Senhor e obter o perdão de Deus, porquanto a morte do Servo sofredor proveu expiação. A salvação é oferecida àquele que se voltar para Deus, abandonando seus caminhos pecaminosos. O aspecto universal se evidencia no fato de que estrangeiros e eunucos se moldarão aos caminhos do Senhor. Nações estrangeiras e povos de lugares remotos se associarão ao Senhor. O templo será casa de oração para todos os povos. O labor de alma do justo Servo sofredor Lhe dará dividendos satisfatórios - muitos indivíduos, de todas as nações tornar-se-ão servos justos do Senhor.

#### VIII. Estabelecido o reino universal de Deus — 56:9 - 66:24

Vida de justiça própria versus padrão divino	56:9 - 59:21
O Redentor traz bênçãos a Sião	60:1 - 63:6
Deus discerne o que é genuíno	63:7 - 65:16
Novos céus e nova terra	65:17 - 66:24

Tendo desenvolvido o tema do livramento de maneira tão adequada, Isaías reverteu às condições contemporâneas de Seu povo. A glória de Sião, em seu estado final, só terá significação na proporção em que os indivíduos receberem a certeza de poderem participar - o que dá margem à comparação entre os justos e os injustos.

Uma radical distinção é feita nos capítulos iniciais (veja Is 56:9 - 59:21), entre

as práticas religiosas, conforme Isaías observa ao seu redor, e as exigências divinas. O abismo entre os padrões divinos e os padrões humanos é tão óbvio que esta passagem apresenta ao indivíduo o apelo para afastar-se das práticas correntes a fim de moldar-se aos requisitos da verdadeira religião.

A idolatria e a opressão aos pobres prevalecia tanto entre os leigos como entre os líderes, os quais são rotulados de vigias cegos (veja Is 56:9 - 57:13). Pilhavam e jejuavam simultaneamente, esperando que Deus os favorecesse com juízos justos (veja Is 58:1-5). Continuava a ser praticado abertamente o pecado, na forma de injustiça social, opressão, atos de violência e derramamento de sangue (veja Is 59:1-8). Deus se desagrada diante de tais fatos - julgamento e condenação aguardam os culpados (cf. também os capítulos 1 - 5).

Contrastantemente, Deus se deleita com o indivíduo contrito e humilde de coração (veja Is 57:15). O jejum genuíno, agradável a Deus, envolve a prática do evangelho social: afrouxamento dos laços da iniquidade, alimentação dada aos famintos e alívio conferido aos oprimidos (veja Is 58:6 ss. Cf. igualmente o primeiro capítulo). A essa gente foi assegurada a resposta às suas orações (veja Is 58:9), a orientação e bênçãos abundantes (veja o v. 11). Aqueles que substituem os prazeres e os negócios no dia santo de Deus por um deleite genuíno e sincero em Deus recebem a certeza de Sua graça prometida (veja os vv 13 e 14). A prática ritualista e a conformidade a regras não satisfazem as exigências de Deus acerca da verdadeira religião.

Visto que os pecados e as iniquidades nacionais separam o homem de Deus (veja Is 59:1-15a), ele assegura ao povo justo de que haverá intervenção e livramento divinos, sendo enviado um Redentor a Sião. Quando Ele descobrir que ninguém, dentre a raça humana, pode fazer adequada intervenção, então enviará o Redentor vestido com vestes de vingança, trazendo o peitoral da justiça e o capacete da salvação. É Ele Quem vindicará os justos (veja Is 59:15b-21).

As gloriosas perspectivas futuras de Sião são retratadas uma vez mais ante a vinda do Redentor, que firmará Israel como centro e deleite de todas as nações (veja Is 60:1-22). Essa capital será conhecida como a cidade do Senhor, como a Sião do Santo de Israel. A glória de Deus será exibida de maneira tão universal que do sol e da lua não haverá mais necessidade. Esse reino subsistirá para sempre, conforme já fora indicado de antemão, em Is 9:2-7 e noutras passagens relacionadas. Esse glorioso futuro é apresentado como a esperança do porvir. Não é precisada a data do seu cumprimento, entretanto, além da simples promessa final de que Deus tornará isso uma realidade no devido tempo, por Ele escolhido.

Em preparação para a glória vindoura a ser relevada, Deus enviará Seu mensageiro a Sião - ungido com o Espírito do Senhor (veja Is 61:1-11). Esse mensageiro virá com boas novas, proclamando o tempo da graça divina, quando os quebrantados de coração serão curados, cativos serão liberados, lamentadores serão consolados e o desespero se transmutará em louvores. O povo de Deus será conhecido como sacerdotes do Senhor, ao passo que outros reconhecerão as bênçãos divinas conferidas ao ministério deles. A retidão e o louvor brotarão perante todas as nações.

A vindicação e restauração de Sião segue-se na ordem natural das coisas (veja Is 62:1 - 63:6). Sião, que estivera esquecida e desolada, tornar-se-á o deleite de Deus, quando Ele regozijar-se em Seu povo, como o noivo se regozija em sua

noiva. Vigias são encorajados a apelar a Deus dia e noite, até que Jerusalém seja estabelecida como o louvor das nações.

Uma vez mais as linhas demarcatórias são claramente traçadas nos capítulos que se seguem (veja Is 63:7 - 65:16), entre os beneficiários das bênçãos de Deus e os ofensores, sujeitos à maldição de Deus. A passagem inicial (veja Is 63:7 - 64:12) apresenta um apelo de ajuda dirigido a Deus. Com base no favor divino para com Israel no passado, essa oração expressa a demanda pela intervenção divina. Deus é acusado de ter feito o povo errar e de ter endurecido seus corações (veja Is 63:17), de havê-los entregue ao poder da iniquidade (veja Is 64:7) e de ter feito deles o que são (veja Is 64:8). A resposta de Deus à oração deles (veja Is 65:1-7) reflete a Sua atitude para com os que são justos a seus próprios olhos, que ignoraram a Ele durante o tempo de que dispunham. Haviam desprezado Seus apelos e não se tinham voltado para Ele no dia da misericórdia - o seu pedido de socorro, caracterizado pela justiça própria, veio tarde demais.

O dia de juízo caíra sobre eles (veja Is 65:8-16). Aqueles que não haviam respondido à chamada divina e nem lhe dado ouvidos quando Ele falara, agora estão condenados - ignoraram a misericórdia de Deus, que antecede ac juízo. Em contraste, os servos de Deus, mencionados por sete vezes nesses nove versículos, são os beneficiários de Suas bênçãos eternas.

Finalmente, Isaías descreve as bênçãos finais propiciadas aos justos em Sião, em termos de novos céus e de uma nova terra (veja Is 65:17 - 66:24). Jerusalém tornar-se-á novamente o ponto nevrálgico de onde as bênçãos se espalharão universalmente. Condições pacíficas prevalecerão até mesmo entre os animais irracionais. A despeito do fato de que os céus são o trono de Deus e que a terra é o escabelo de Seus pés, Ele se deleita em indivíduos que se mostram humildes e contritos de espírito. Embora tenham sido vítimas de zombarias e de ridículo, triunfarão quando do estabelecimento de Sião, ao passo que os ofensores serão passíveis de condenação. Quando os adversários forem julgados, tornar-se-á evidente que a mão de Deus repousa sobre os Seus servos. Os remidos provenientes de todas as nações participarão das bênçãos de Sião, ao mesmo tempo que os rebeldes serão sujeitados a punição interminável (veja Is 66:24).

### LEITURAS SELECIONADAS

- Alexander, J. A. **Commentary on the Prophecies of Isaiah**. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1953.
- Beecher, Willis A. **The Prophets and the Promise**. Nova Iorque: Thomas Y. Crowell Co., 1905.
- Freeman, H. E. **An Introduction to the Old Testament Prophets**. Chicago: Moody Press, 1968.
- Gottwald, N. **All the Kingdoms of the Earth**. Nova Iorque: Harper & Row, 1964.
- Kissane, Ed. J. **The Book of Isaiah**. Dublin: Browne and Nolan, vol. I, 1914; The Richview Press, vol. II, 1943.
- Leupold, H. C. **Exposition of Isaiah (1 - 39)**. Grand Rapids: Baker Book House, 1968.
- Schultz, S. J. **The Prophets Speak**. Nova Iorque: Harper & Row, 1968.
- Walvoord, J. **The Nations in Prophecy**. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1967.
- Winward, S. **A Guide to the Prophets**. Richmond: John Knox Press, 1969.

- Yates, K. **Preaching from the Prophets**. Nova Iorque: Harper & Brothers, 1942.
- Yoder S.C. **He Gave Some Prophets**. Scottsdale, Pa.: Herald Press, 1964.
- Young, E. J. **The Book of Isaiah**, I (1966), II (1968), III (1969). Grand Rapids: Wm B. Eerdmans Publishing Co.
- \_\_\_\_\_ **My Servants the Prophets**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1952.
- \_\_\_\_\_ **Who Wrote Isaiah?** Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1958.

*Gráfico VII – Jeremias*

- 650 - Nascimento de Jeremias - data aproximada.
- 648 - Nascimento de Josias.
- 641 - Ascensão de Amom ao trono de Davi.
- 640 - Ascensão de Josias.
- 632 - Josias começa a buscar a Deus - 2 Cr 34:3.
- 628 - Josias dá início à reforma.
- 627 - Chamada de Jeremias ao ministério profético.
- 626 - Ascensão de Nabopolassar ao trono da Babilônia.
- 622 - O livro da lei é encontrado no templo - observância da Páscoa.
- 612 - Queda de Nínive.
- 610 - Harã capturada pelos babilônios.
- 609 - Josias é morto - Jeocaz reina por três meses.  
O exército assírio-egípcio abandona o cerco de Harã e retrocede para Carquemis.  
Jeoquim substitui Jeocaz em Judá.
- 605 - No princípio desse ano os egípcios de Carquemis derrotam os babilônios em Curamati.  
Os babilônios derrotam decisivamente os egípcios em Carquemis.  
Primeiro cativo de Judá - Jeoquim promete lealdade à Babilônia.  
Ascensão de Nabucodonosor ao trono da Babilônia.
- 601 - Batalha inconclusiva entre babilônios e egípcios.
- 598 - Morte de Jeoquim - cerco de Jerusalém.
- 597 - Joaquim é levado cativo após reinar por três meses.  
Segundo cativo - Zedequias torna-se rei.
- 588 - O cerco de Jerusalém começa a 15 de janeiro.  
Ascensão de Hofra ao trono egípcio.
- 586 - A 19 de julho, os babilônios entram em Jerusalém.  
A 15 de agosto o templo é incendiado.  
Gedalias é assassinado - migração para o Egito.

## Capítulo XIX

### **Jeremias - Homem de Resistência**

Viver em companhia de Jeremias é compreender seu povo, sua mensagem e seus problemas. Ele tinha muito a dizer à sua própria geração, ao mesmo tempo que os advertia apaixonadamente acerca da condenação iminente. Porém, se for comparado com Isaías, ele devota relativamente pouco espaço às esperanças futuras de restauração. O julgamento era iminente em seus dias, sobretudo após o falecimento de Josias. Ele concentrou sua atenção sobre os problemas correntes, no esforço de fazer sua geração voltar-se para Deus. Sendo homem com mensagem vital para os últimos quarenta anos da existência nacional de Judá como um reino, Jeremias narra mais acerca de suas experiências pessoais do que o faz qualquer outro profeta dos tempos do Antigo Testamento.

#### **Um Ministério de Quarenta Anos<sup>1</sup>**

Pela época em que Manassés anunciou o nascimento do príncipe herdeiro, Josias, o nascimento de Jeremias, em Anatote, por certo recebeu pouca atenção.<sup>2</sup> Tendo sido criado nessa aldeia que ficava a apenas 5 km a nordeste da capital, Jeremias tornou-se bem familiarizado com as correntes que se entrecruzavam em Jerusalém.

Josias tornou-se rei com a idade de oito anos, quando Amom foi morto (640 a. C.). Oito anos mais tarde tornou-se evidente que o rei de dezesseis anos de idade preocupava-se em obedecer a Deus. Após mais quatro anos, Josias tomou medidas positivas para expurgar sua nação da idolatria. Santuários e altares de divindades estrangeiras foram destruídos, em Jerusalém e outras cidades, desde Simeão ao sul, até Naftali, ao norte. Durante a adolescência, Jeremias deve ter ouvido freqüentes discussões entre os sacerdotes, na sua casa, acerca da devoção religiosa do novo monarca.

Durante o período dessa reforma de âmbito nacional, Jeremias foi chamado

<sup>1</sup>Veja o cap. XIV quanto a uma pesquisa sobre os acontecimentos políticos durante a vida de Jeremias.

<sup>2</sup>S. L. Caiger, *Lives of the Prophets* (Londres, 1949), pág. 174, sugere que Jeremias tinha doze anos de idade em 640 a. C., datando seu nascimento em 652 a. C., e tornando-o quatro anos mais velho que Josias. E. A. Leslie, *Jeremiah*, pág. 22., e J. Skinner, *Prophecy and Religion*, pág. 24, sugerem que Jeremias tinha menos de vinte anos de idade quando de seu chamamento. Isso dataria seu nascimento depois de 648 a. C.

ao ministério profético, ao redor de 627 a. C. Onde ele se encontrava, ou como recebeu seu chamamento, é algo que não está registrado no primeiro capítulo. Em contraste com a majestosa visão de Isaías ou com a elaborada revelação feita a Ezequiel, a chamada de Jeremias se tornou singular devido à sua simplicidade. Não obstante, ele estava definidamente cômico da sua chamada divina para ser profeta. Em duas visões simples foi confirmada a sua chamada. A vara de amendoira significava a certeza do cumprimento das palavras proféticas, ao passo que o caldeirão fervente indicava a natureza de sua mensagem. Na medida em que tomava consciência do fato de que teria de enfrentar intensa oposição, também foi recebendo a certeza divina de que Deus o fortaleceria e capacitaria a resistir aos ataques, livrando-o em períodos de tribulação.

Pouco está indicado nos registros escriturísticos acerca das atividades de Jeremias durante os primeiros dezoito anos de seu ministério (627 - 609 a. C.). Se ele participou publicamente das reformas de Josias - iniciadas em 628 a. C., e que culminaram quando da observância da Páscoa, em 622 a. C. - ou não, não se acha registrado pelos historiadores contemporâneos ou pelo próprio profeta. Quando o "livro da lei" foi descoberto no templo, foi Hulda, a profetiza, e não Jeremias, quem explicou seu conteúdo ao soberano. Entretanto, a simples declaração de que Jeremias lamentou a morte de Josias, em 609 a. C. (veja 2 Cr 35:25), bem como o comum interesse religioso, tanto do profeta quanto do rei, justificam-nos na conclusão de que o profeta apoiou ativamente a reforma de Josias.

Quantas das mensagens de Jeremias, registradas em seu livro, espelham os tempos de Josias é algo difícil de ser determinado. A acusação de que Israel apostatara (veja Jr 2:6) é geralmente datada nos primeiros anos de seu ministério.<sup>3</sup> Apesar de que o reavivamento nacional talvez não tenha permeado as massas, é provável que a oposição franca a Jeremias se tenha mantido a um mínimo durante o reinado de Josias.

Embora houvesse diminuído de dimensões o problema nacional da interferência assíria, de tal maneira que Judá desfrutou de considerável independência sob Josias, os acontecimentos internacionais na área dos rios Tigre e Eufrates eram observados em Jerusalém com intenso interesse. Sem dúvida, qualquer temor de que o soerguimento de Babilônia como potência, no oriente, teria implicações sérias para Jerusalém, era contrabalançado pelo otimismo da reforma de Josias. A notícia da queda de Nínive, em 612 a. C., quase certamente foi bem recebida em Judá, como uma garantia de que não haveria mais interferências assírias. O temor de que a Assíria conseguiria recompor-se impulsionou Josias a tentar fechar a passagem aos egípcios, em Megido (609 a. C.), para impedi-los de ajudar aos assírios, que estavam retrocedendo ante o avanço das tropas babilônias.

A morte repentina de Josias foi crucial tanto para Judá quanto para Jeremias, pessoalmente. Enquanto o profeta lamentava a perda daquele piedoso soberano sua nação foi projetada em um redemoinho de conflitos internacionais. Jeoaquim governou somente por três meses antes que Neco, do Egito, o levasse cativo, fazendo subir ao trono de Davi, em Jerusalém, a Jeoaquim. Essa súbita guinada dos acontecimentos não somente deixou Jeremias sem piedoso apoio político, mas também deixou-o quase abandonado às astúcias dos líderes apóstatas, que gozavam dos favores de Jeoaquim.

<sup>3</sup> Quanto a um arranjo cronológico do livro de Jeremias, veja Elmer A. Leslie, *Jeremiah* (Nova Iorque: Abingdon Press, 1954). Em seu arranjo ele supõe (pág. 113) que Jeremias esteve silente de 621 a 609 a. C.

Os anos 609 a 586 a. C. foram os mais tísicos possíveis sem paralelo nos tempos do Antigo Testamento. Politicamente falando, o sol se punha sobre a existência nacional de Judá, enquanto os conflitos internacionais lançavam sombras de extinção que, finalmente, deixaram Jerusalém em ruínas. No terreno religioso, a maioria dos velhos males que haviam sido eliminados por Josias retornou sob o governo de Jeoacaz. Ídolos cananeus, egípcios e assírios vieram a ocupar novamente seus nichos, após os funerais de Josias.<sup>4</sup> Jeremias, destemido e persistente, avisou seu povo acerca do desastre iminente. Visto que ministrava para uma nação apóstata, dotada de líderes ímpios, ele foi vitimado pelas perseguições movidas por seu próprio povo. A morte de mártir sem dúvida teria sido um alívio em comparação com o constante sofrimento e a angústia que Jeremias enfrentou, ao dar prosseguimento ao seu ministério entre um povo cuja vida nacional estava em processo de desintegração. Ao invés de obedecerem à mensagem, conforme ela era anunciada pelo profeta, puseram-se a perseguir ao mensageiro.

Crise após crise foi aproximando Judá da destruição, enquanto os avisos de Jeremias continuavam a ser ignorados. O ano de 605 a. C. assinalou o começo do cativeiro babilônico para alguns dos cidadãos de Jerusalém, paralelamente ao fato de que Jeoaquim afirmava sua lealdade aos babilônios invasores.<sup>5</sup> No conflito egípcio-babilônio que houve durante o restante de seu reinado, Jeoaquim caiu no erro fatal de rebelar-se contra Nabucodonosor, precipitando a crise de 598 - 597 a. C. Não somente a morte pôs abrupto ponto final ao reinado de Jeoaquim, mas também seu filho, Joaquim, e aproximadamente dez mil cidadãos proeminentes de Jerusalém foram levados ao exílio. Isso deixou a cidade como mero simulacro de existência nacional, enquanto as classes remanescentes e mais pobres controlavam o governo sob seu rei títere, Zedequias.

As agitações religiosas e políticas continuaram ainda por outra década, ao mesmo tempo que se iam dissipando as esperanças nacionais de Judá. Havia ocasiões em que Zedequias se interessava pelos conselhos de Jeremias, mas na maior parte do tempo ele cedia às pressões exercidas pelo partido pró-Egito de Jerusalém, que favorecia a rebelião contra Nabucodonosor. Como resultado disso, Jeremias sofreu juntamente com seu povo, durante o assédio final a Jerusalém. Com seus próprios olhos o fiel profeta contemplou o cumprimento das predições que profetas anteriores a ele haviam anunciado com tanta freqüência. Após quarenta anos de pacientes advertências, Jeremias foi testemunha do horrível resultado: Jerusalém foi reduzida a um fumegante montão de ruínas, e o templo foi arrasado.

Jeremias encontrou maior oposição e teve de fazer frente a maior número de inimigos que qualquer outro profeta do Antigo Testamento. Sigamo-lo enquanto ele sofre em razão da mensagem que proclamava. Quando quebrou o pote do oleiro, perante a assembléia reunida dos sacerdotes e dos anciãos, no vale de Hinom, foi detido no átrio do templo. Pasur, o sacerdote, espancou-o e o subjugou no tronco durante uma noite (veja Jr 19 e 20). Noutra oportunidade ele proclamou no átrio do templo que o santuário seria destruído. Os sacerdotes e profetas levantaram-se contra ele uníssonos, exigindo sua execução. Mas ao passo que Aicão e outros príncipes saíram em defesa de Jeremias, salvando-lhe a vida,

<sup>4</sup>Cf. Caiger, *op. cit.*, pág. 194.

<sup>5</sup>D. J. Wiseman, *Chronicles of Chaldaean Kings*, pág. 26.



Jeoaquim derramava o sangue de Urias, outro profeta que pregava a mesma mensagem (veja Jr 26).

O encontro pessoal com um profeta falso ocorreu na pessoa de Hananias (veja Jr 28). Jeremias estava retratando publicamente o cativo babilônico, usando cangas de madeira sobre o pescoço. Hananias arrancou-as dele, quebrou-as e negou a veracidade de sua mensagem. Após breve período de reclusão, Jeremias reapareceu uma vez mais como porta-voz de Deus. De conformidade com sua predição, Hananias morreu antes do fim daquele ano.

Outros profetas falsos fizeram-se ativos em Jerusalém, bem como entre os cativos na Babilônia, impugnando a Jeremias e sua mensagem (veja Jr 29). Entre esses podem ser numerados Acabe e Zedequias, os quais agitavam os exilados a resistirem ao conselho de Jeremias de que deveriam instalar-se e ajustar-se a um período de setenta anos de cativo. Semaías, um dos cativos, chegou mesmo a escrever a Jerusalém, incitando Sofonias e seus colegas de sacerdotício para que repreendessem e encarcerassem a Jeremias. Outras passagens refletem a oposição movida por vários profetas não designados por nome.

Os próprios contrerâneos de Jeremias, em sua cidade natal, se levantaram contra ele. Isso é refletido nas breves referências de Jr 11:21-23. Os cidadãos de Anatote ameaçaram matá-lo se ele não cessasse de profetizar em nome do Senhor.

Não menos perigosos entre seus inimigos estavam os governantes civis. Bem lembrado entre as experiências de Jeremias foi seu encontro com Jeoaquim. Um dia, Jeremias enviou ao templo o seu escriba, Baruque, para ler publicamente a mensagem de juízo enviada pelo Senhor, juntamente com a admoestação ao arrependimento. Alarmados, alguns dentre os líderes políticos relataram o fato a Jeoaquim, mas aconselharam a Jeremias e Baruque para que se ocultassem. Quando o rolo foi lido perante Jeoaquim, ele desafiou com empáfia a advertência e queimou o rolo no brazeiro, ordenando inutilmente que fossem detidos o profeta e seu escriba.

Jeremias sofreu as conseqüências de uma política vacilante sob o fraco governo de Zedequias. Isso tornou-se especialmente crucial para o profeta durante os anos finais do reinado de Zedequias. Quando o cerco babilônico foi temporariamente levantado, Jeremias foi detido quando saía de Jerusalém, sob a acusação de simpatizar com a causa babilônica, tendo então sido espancado e encarcerado. Quando o assédio foi reiniciado, Zedequias buscou ouvir o conselho do profeta. Em resposta à reprimenda e ao apelo de Jeremias o rei o transferiu para o átrio da guarda. Sob a pressão, Zedequias novamente abandonou Jeremias à mercê de seus associados políticos, os quais jogaram o profeta em uma cisterna, onde foi deixado atolado na lama. Ebede-Meleque, um eunuco etíope, resgatou Jeremias e o devolveu ao átrio da guarda, onde Zedequias teve mais uma entrevista com ele, antes da queda de Jerusalém.

Mesmo depois da destruição de Jerusalém Jeremias se viu frustrado por muitas vezes na tentativa de ajudar sua gente (veja Jr 42:1 - 43:7). Quando os líderes despatriados e desencorajados voltaram-se finalmente para ele, a fim de determinarem a vontade do Senhor quanto a eles, ele aguardou pela orientação divina. Quando, porém, informou-os de que deveriam ficar na Palestina, a fim de gozar das bênçãos de Deus, o povo desobedeceu deliberadamente e migrou para o Egito, levando o idoso profeta com eles.

Jeremias teve relativamente poucos amigos durante os dias de Jeoaquim e Zedequias. Mas Baruque, que servia ao profeta como seu amanuense, mostrou ser amigo leal e devotado. Ele registrava as mensagens de Jeremias, lendo-as no átrio do templo (veja Jr 36:6), servia como gerente de negócios enquanto Jeremias esteve aprisionado (veja 32:9-14), e, finalmente, acompanhou seu senhor ao Egito.

Entre os chefes comunitários que salvaram Jeremias da execução, ante as exigências dos sacerdotes e profetas (veja Jr 26:16-24), estavam os príncipes encabeçados por Aicão. Durante o assédio babilônico, quando Jeremias foi deixado para que morresse na cisterna, Ebede-Meleque provou ser amigo na necessidade. Zedequias respondeu a isso com interesse pessoal bastante para assegurar a segurança do profeta no átrio da guarda, durante o resto do cerco de Jerusalém.

Através de tempos de oposição e sofrimento, Jeremias experimentava profundo conflito íntimo. Tristeza aguda lhe traspassava a alma, ao dar-se conta de que seu povo, calejado, mostrava-se indiferente para com suas advertências, tornando-se réu dos terríveis juízos de Deus. Isso era motivo para ele derramar lágrimas dia e noite - não por causa do sofrimento pessoal que ele tinha de passar (veja Jr 9:1). Daí se originou o apelido de "profeta chorão", dado a Jeremias, apelido esse que denota força, coragem e disposição para enfrentar as amargas realidades do juízo vindouro, lado a lado com seu povo.

Por todo o seu ministério Jeremias não pôde escapar da convicção que lhe vinha do alto de que era mensageiro de Deus. Mostrando-se autêntico para com a experiência humana, ele se afundou nas profundezas do desespero, em tempos de perseguição, tendo amaldiçoado o dia em que nascera (veja Jr 20). Ao calar-se, a fim de evitar as conseqüências, a Palavra de Deus se tornou qual fogo requeimante no seu interior, impelindo-o a dar continuação a seu ministério profético. Ele experimentava continuamente a sustentação divina que lhe fora prometida no primeiro capítulo de seu livro. Por muitas vezes ameaçado e à beira da morte, em todas essas pressões da vida Jeremias foi providencialmente sustentado como uma testemunha viva em favor de Deus, nos anos em que se extinguia a vida nacional de Judá.

Por quanto tempo Jeremias ainda viveu, após seu ministério de quarenta anos em Jerusalém, é algo que não se sabe. Em Tafnes, moderna Tel Defenneh, na parte oriental do delta do rio Nilo, Jeremias dramatizou sua última mensagem datada (veja Jr 43 e 44).<sup>6</sup> Mui provavelmente Jeremias faleceu no Egito.

## O Livro de Jeremias

As divisões naturais do livro de Jeremias, com propósitos de esboço, são menos evidentes do que no caso de muitos outros livros proféticos. Quanto a uma breve pesquisa sobre o seu conteúdo, note-se as unidades seguintes:

I. O profeta e seu povo	1:1 - 18:23
II. O profeta e os líderes	19:1 - 29:32
III. A promessa de restauração	30:1 - 33:26
IV. Desintegração do reino	34:1 - 39:18
V. Migração para o Egito	40:1 - 45:5

<sup>6</sup>Sir Flinders Petrie escavou e averiguou esse sítio em 1883 - 1884. Veja G.A. Barton, *Archaeology and the Bible*, pág. 28.

VI. Profecias sobre nações e cidades 46:1 - 51:64

VII. Apêndice ou conclusão 52:1 - 34

O leitor moderno do livro de Jeremias pode sentir-se perturbado ante o fato de que os eventos datados e as mensagens não se acham em sua ordem cronológica. Além disso, há muitas passagens que não são datadas de forma alguma. Portanto, é difícil arranjar, com absoluta certeza, o conteúdo desse livro, formando um esquema cronológico.<sup>7</sup>

O primeiro capítulo, que registra o chamamento de Jeremias, é datado no décimo terceiro ano de Josias (627 a. C.) Os capítulos 2-6 são geralmente reconhecidos como a mensagem de Jeremias ao seu povo, durante os primeiros anos de seu ministério (cf. Jr 3:6). Quanto dos capítulos 7 - 20 está relacionado aos reinados de Josias ou de Jeoaquim talvez seja difícil de determinar. As passagens especificamente datadas como pertencentes ao reinado de Jeoaquim, são os capítulos 25-26, 35-36 e 45-46. Os eventos ocorridos durante o reinado de Zedequias estão registrados nos capítulos 21, 24, 27-29, 32-34 e 37-39. Os capítulos 40-44, refletem os acontecimentos subseqüentes à queda de Jerusalém, em 586 a. C., ao passo que outros capítulos são por demais difíceis de datar.

#### I. O profeta e seu povo — 1:1 - 18:23

Introdução	1:1-3
Chamamento ao serviço	1:4-19
Condições apóstatas de Israel	2:1 - 6:30
Condenação à confiança em templos e ídolos	7:1 - 10:25
O pacto sem a obediência é inútil	11:1 - 12:17
Dois sinais do cativo	13:1-27
A oração intercessória é vã	14:1 - 15:21
O sinal de um cativo iminente	16:1-21
Denúncia contra a confiança posta no homem	17:1-27
Uma lição na casa do oleiro	18:1-23

Em seu ministério, Jeremias esteve associado aos últimos cinco monarcas de Judá. Quando foi chamado ao ministério profético tinha aproximadamente a mesma idade de Josias, 21 anos, que vinha governando desde os oito anos de idade.

Correspondendo à chamada divina, Jeremias tornou-se cômico do fato de que Deus tinha um plano e um propósito para ele, antes mesmo do tempo em que nascera. Foi comissionado por Deus e foi divinamente fortalecido contra o temor e a oposição. E também foi equipado por Deus - a mensagem não era sua própria; era apenas o agente humano por intermédio de quem Deus transmitia Suas advertências ao povo.

Duas visões suplementam seu chamamento. A amendoeira era a primeira árvore frutífera a dar sinais de vida na Palestina, quando se iniciava a primavera. Tão certa quanto o florescer da amendoeira, em janeiro, é a garantia de que a Pa-

<sup>7</sup>Comentário de Leslie, *op. cit.*, que apresenta a mais recente tentativa de arranjar cronologicamente o livro de Jeremias. Note-se também Caiger, *op. cit.*, pág. 222, e Davis, *Dicionário da Bíblia*, sob "Jeremias".

lavra de Deus se cumprirá. O caldeirão fervente indica a natureza da mensagem de Jeremias - o julgamento procederá do norte.

Quando de sua chamada, Jeremias foi claramente informado de que enfrentaria oposição. Por conseguinte, ele podia esperar impugnação da parte de reis, príncipes, sacerdotes e do povo comum. Juntamente com essa solene advertência foi-lhe dado a certeza da habilitação divina.

As condições apóstatas de Israel eram espantosas (veja Jr 2-6). Os israelitas eram culpados de olvidar-se de Deus, a fonte das águas vivas e origem de todas as suas bênçãos. Em substituição a Ele, tinham preferido divindades estrangeiras, as quais Jeremias comparou com cisternas rotas, que não podem reter a água. Adorar a deuses pagãos é comparável ao adultério nas relações matrimoniais. Tal como uma esposa infiel abandona seu esposo, assim também Israel abandonara a Deus. O exemplo histórico do juízo divino contra Israel, em 722 a. C., deveria ter servido de advertência suficiente. À semelhança de um leão que ruge na capoeira, assim Deus estava despertando nações que imporiam juízo contra Judá. Israel havia menosprezado a misericórdia de Deus. Chegara agora o tempo da ira de Deus, e os males que desabavam sobre Judá eram fruto de seus próprios esquemas (veja Jr 6:19).

Os ouvintes de Jeremias mostravam-se céticos quanto aos juízos que lhes sobreviriam (veja Jr 7 - 10).<sup>8</sup> Ignoraram os seus corajosos anúncios de que o templo estava fadado à destruição, crendo complacentemente que Deus escolhera aquele santuário como Seu Lugar de habitação - na confiança que Deus não permitiria que governantes pagãos viessem a destruir o lugar que fora tomado pela glória divina nos dias de Salomão (veja 2 Cr 5 - 7). Jeremias apontou para as ruínas que havia ao norte de Jerusalém como evidência do fato de que o tabernáculo não livrara Silo da destruição, em dias passados.<sup>9</sup> E nem o templo serviria de segurança para Jerusalém nos dias do juízo.

A obediência é a chave para que se tenha corretas relações com Deus. Mediante seus males sociais e sua idolatria, os judeus haviam feito do templo um covil de assaltantes, embora dessem prosseguimento aos holocaustos prescritos. A religião formal e o rito não servem de substitutos da obediência a Deus.

Jeremias sentia-se abatido de tristeza quando via a indiferença de sua gente. Quis orar em favor de sua nação, mas disso foi proibido por Deus (veja Jr 7:16). Nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém o povo judeu adorava a outras divindades.<sup>10</sup> Agora era tarde demais para Jeremias interceder por aquele povo. Entrementes, os judeus se consolavam com o fato de que eram os guardiães da lei (veja Jr 8:8). E esperavam que isso os salvaria da condenação predita. Mas ao profeta foi lembrado que o terrível juízo divino era certo.

Esmagado na própria alma, Jeremias percebeu que a colheita era passada, que

<sup>8</sup>Leslie, *op. cit.*, pág. 114, e Anderson, *Understanding the Old Testament*, pág. 331, identificam os capítulos 7 e 26 como narrativas do mesmo incidente. T. Laetsch, *Jeremiah* (St. Louis, 1952), pág. 93 s., data o sétimo capítulo nos dias de Josias. Note-se sua análise das razões postuladas para a data posterior. Ele conclui que o sétimo capítulo se encaixa nas reformas de Josias.

<sup>9</sup>Embora o relato bíblico faça silêncio, os eruditos geralmente reconhecem a probabilidade de que Silo fora destruída nos dias de Eli e Samuel. Veja W. F. Albright, *Archaeology and the Religion of Israel*, pág. 104. Cf. Jr 7:12-14 e 26:6-9.

<sup>10</sup>Quanto a uma discussão sobre a idolatria nos dias de Manassés, que Josias procurou eliminar, mas que retornou após a sua morte, veja W. L. Reed, *The Asherah in the Old Testament* (Ft. Worth, Texas: Texas Christian University Press, 1949). E também comentários de Laetsch e de Leslie, nessas referências bíblicas.

o verão já havia terminado, e que seu povo não estava salvo. Melancolicamente indagou se não havia em Gileade bálsamo que curasse a ferida de seu povo. Seria possível que ele ficasse chorando dia e noite por eles? Todavia, apesar de que sobreviria juízo contra a nação, Deus garantiu-lhe que o indivíduo que não se gloria em seu próprio poder, nas suas riquezas ou na sua sabedoria, mas no fato de que conhece e compreende ao Senhor, em sua prática deleitosa da gentileza, da justiça, e da retidão na terra, é aquele que está se conformando com o conselho divino. Na qualidade de rei das nações, Deus deve ser temido (veja Jr 10).

Uma vez mais Jeremias foi comissionado para anunciar as maldições divinas contra os desobedientes (veja Jr 11). A obediência era a chave de sua relação de aliança com Deus desde o princípio de sua nacionalidade (veja Êx 19:5). O próprio pacto seria ineficaz e inútil sem o elemento de obediência. Havendo ídolos e altares tão numerosos quanto as cidades de Judá e as ruas de Jerusalém, o povo era passível de julgamento. Jeremias uma vez mais foi proibido de orar em favor deles (veja Jr 11:14). Ameaçado e advertido por seus próprios concidadãos de Anatote, ele ficou totalmente descorçoado ao contemplar a prosperidade dos iníquos. E expressou uma oração de queixa diante de Deus (veja 12:1-4). Em resposta, Deus desafiou-o para que ultrapassasse dificuldades ainda maiores, assegurando-lhe que a ira consumidora de Deus estava prestes a ser descarregada e exibida por toda a terra.

Dois símbolos retratam o iminente juízo divino contra Judá (veja Jr 13:1-14):

Jeremias apareceu em público com um cinturão novo de linho. Por ordem de Deus, levou o cinturão às margens do rio Eufrates a fim de escondê-lo em uma fenda rochosa.<sup>11</sup> Algum tempo depois ele foi recuperar aquela peça do vestuário que, no Oriente, é reputada como o ornamento mais íntimo e valioso de um homem. Mas o cinturão estava estragado de modo irremediável. Por semelhante modo Deus planejava expor Seu povo escolhido ao julgamento, às mãos das nações.

Recipientes, como jarras de barro ou odres feitos com peles de animais, cheios de vinho, também serviam de símbolos. Os reis, os profetas, os sacerdotes e os cidadãos comuns seriam intoxicados e repletos de vinho e embriaguez de tal maneira que a sabedoria seria reduzida à estupefação e à impotência quando chegasse a crise. O resultado óbvio seria a ruína do reino.<sup>12</sup>

Se o profeta via que se avizinhava a condenação iminente, também percebia que seu povo se mostrava desobediente e indiferente (veja Jr 13:15-27). Ele visualizava sua própria tristeza, expressa na forma de pranto e lágrimas amargas, quando o seu povo fosse levado em cativeiro. Mas foi-lhe lembrado o fato de que o povo sofreria por causa de seus próprios pecados. Tinham-se olvidado de Deus. Tal como um leopardo é incapaz de mudar suas manchas, assim Israel não podia mudar seus ímpios caminhos.

<sup>11</sup>P. Volz, *Jeremias*, pág. 149, interpreta isso como uma parábola. H. Schmidt, *Die Grossen Propheten* (2ª ed.), págs. 219, 220, sugere uma identificação local, ao passo que W. Rudolph, *Jeremias* (Tübingen), 1947, nessa referência, interpreta isso como uma visão. Outros, incluindo Peake, *Jeremiah II*, pág. 193, Leslie, *op. cit.*, pág. 86, e Laetsch, *op. cit.*, págs. 136, 137, consideram isso como uma experiência real, na qual o profeta por duas vezes foi ao Eufrates, perto de Carquemis. Caiger, *op. cit.*, págs. 192, 193, considera Jeremias como homem de posses, dono de propriedades e de dinheiro suficiente, tendo podido até mesmo visitar a corte de Nabopolassar, na Babilônia.

<sup>12</sup>Embora Leslie, *op. cit.*, pág. 228, date isso perto do fim do reinado de Zedequias, a atitude do povo, que ignorou o aviso, caberia melhor nos tempos de Josias, porquanto pareceria mais ridículo pensar em um governante embriagado nos dias de Josias do que mais tarde.

Severa seca trouxe sofrimento para seu povo, tanto quanto para os animais (veja Jr 14:1 ss.). Jeremias ficou profundamente comovido. Uma vez mais pôs-se a interceder por Judá, confessando os pecados deles. Uma vez mais Deus lembrou-lhe que não deveria fazer intercessão, porquanto nem jejum e nem oferendas poderiam evitar o juízo vindouro. Jeremias então apelou para Deus no sentido de poupar ao povo porque os falsos profetas eram responsáveis pelo desvio deles. Quando fazia a plangente indagação acerca da total rejeição de Judá, na esperança de que Deus responderia ao seu apelo, Jeremias recebeu a mais solene réplica: mesmo que Moisés e Samuel viessem a interceder por Judá, Deus não afrouxaria a mão. Deus estava enviando a espada para decepar, os cães para despedaçarem e os pássaros e feras da terra para devorarem a Judá, por causa de suas transgressões, porquanto aquele povo rejeitara a Deus e menosprezara as Suas bênçãos. Desanimado e vencido de tristeza, Jeremias uma vez mais se consola com a Palavra de Deus, recebendo a certeza de que a restauração e a fortaleza divinas haveriam de prevalecer diante de todas as oposições.

O tempo é um fator raramente indicado nas mensagens proféticas. A iminência do julgamento de Judá, contudo, foi revelado de modo bastante claro (veja Jr 16:1 ss.). Jeremias foi proibido de casar-se. Se ele contraísse matrimônio e gerasse filhos, exporia sua família às terríveis condições da invasão, do cerco, da fome, da conquista e do cativeiro. A condenação de Judá estava próxima e era certa. Deus havia retirado a Sua paz, porquanto tinham-No esquecido, servindo e adorando a ídolos e recusando-se a obedecer às leis do Senhor. Em consequência, Deus enviaria caçadores e pescadores que rebuscassem a todos os culpados, a fim de que Judá reconhecesse Seu poder e Sua força. O pecado de Judá estava gravado com uma ponta de diamante, tornando-se publicamente visível nos cornos do altar, de maneira tal que não havia chance de escapar à feroz ira de Deus. Uma vez mais o caminho da bênção e o caminho da maldição são claramente delineados (veja Jr 17:5 ss.).

Na casa do oleiro Jeremias aprendeu a lição que tanto Israel quanto outras nações são como a argila nas mãos do oleiro (veja Jr 18). Da mesma maneira que o oleiro pode desfazer, remodelar ou completar um vaso estragado, assim Deus pode fazer com Israel. A aplicação é pertinente - Deus estava impondo julgamento contra a desobediência. Indignados ante essa advertência do profeta, seus ovinos planejavam livrar-se do mensageiro.

## II. O profeta e os líderes — 19:1 - 29:32

Os sacerdotes e os anciãos — Jeremias é encarcerado	19:1 - 20:18
Zedequias conferencia com Jeremias	21:1-14
Cativeiro para os reis e os profetas falsos	22:1 - 24:10
O cálice da ira para todas as nações	25:1-38
Aicão salva Jeremias do martírio	26:1-24
Profetas falsos em Jerusalém e na Babilônia	27:1 - 29:32

Em dramática demonstração perante uma assembléia de anciãos do povo e sacerdotes, no vale de Hinom, Jeremias asseverou com ousadia que Jerusalém seria destruída (veja Jr 19:1 ss.).<sup>13</sup> Ao quebrar um vaso do oleiro ele retrata a sorte de Judá. Em conseqüência disso, Pasur, um sacerdote, espancou Jeremias e o confinou ao tronco, perto do portão superior de Benjamim, durante uma noite. Em reação séria, mas normal, Jeremias amaldiçoou o dia em que nasceu (veja Jr 20), mas finalmente encontrou solução para seu conflito íntimo, ao perceber que a Palavra de Deus não pode ser confinada.

O motivo para a troca de mensagens entre Zedequias e Jeremias (cap. 21) foi o cerco de Jerusalém, que teve início a 15 de janeiro de 588 a. C.<sup>14</sup> Conquanto o exército babilônico circundava a cidade, o rei se preocupava com as perspectivas de livramento. Ele estava familiarizado com a história da nação e sabia que no passado Deus havia derrotado miraculosamente a exércitos invasores (cf. Is 37-38). Em resposta à arrogante indagação feita por Zedequias, Jeremias predisse especificamente que Judá capitularia. Deus estava combatendo contra Judá e faria com que o inimigo entrasse na cidade e a incendiasse. Somente por meio da rendição é que Zedequias poderia salvar sua vida.

Em uma mensagem geral, talvez durante o reinado de Jeoaquim, o profeta Jeremias denunciou os perversos governantes que eram os responsáveis pela injustiça e pela opressão (veja Jr 22). Predisse ele especificamente que Jeoacaz não retornaria do cativeiro egípcio, mas morreria ali. Jeoaquim (veja Jr 22:13-23), ao precipitar a maldição divina, na forma de juízo, por causa de seus maus caminhos, seria sepultado como um asno, sem que ninguém lamentasse por sua morte. Seu filho, Conias (Joaquim), seria levado em cativeiro. Em contraste com isso (veja Jr 23), Israel recebeu a garantia de ser novamente reunido no futuro, a fim de que o povo pudesse desfrutar de segurança e retidão sob o governante davídico que seria conhecido pelo nome de "Senhor, Justiça Nossa". Em conseqüência, os sacerdotes e profetas contemporâneos são vociferamente denunciados como falsos pastores, que levavam o povo a desviar-se.

Depois que Joaquim e alguns dos cidadãos proeminentes de Judá tinham sido levados para o cativeiro babilônico, em 597 a. C., Jeremias trouxe uma oportuna mensagem para o povo que restava (veja Jr 24). Aparentemente eles se orgulhavam do fato que tinham escapado do cativeiro e se consideravam favorecidos por Deus. Em uma visão, Jeremias viu duas cestas de figo. Os figos bons representavam os exilados, que regressariam. O povo que ficara em Jerusalém seria lançado fora como se fossem figos ruins. Deus havia rejeitado Seu povo, e haveria de fazer deles um provérbio e uma maldição por onde quer que fossem dispersos.

No crucial quarto ano do reinado de Jeoaquim (605 a. C.), Jeremias novamente se adianta com uma palavra apropriada vinda da parte do Senhor (veja Jr 25).<sup>15</sup> Lembrou-lhes incisivamente que pelo espaço de vinte e três anos vinham ignorando as suas advertências. Em conseqüência, por causa dessa desobediência, Deus enviaria Seu servo Nabucodonosor à Palestina, o qual os sujeitaria a um cativeiro de setenta anos. Com o cálice de vinho da ira como símbolo, Jere-

<sup>13</sup>Esse incidente pode ser melhor datado nos dias de Jeoaquim. É de duvidar que qualquer sacerdote tivesse aprisionado a Jeremias nos dias de Josias. Veja comentários de Laetsch e de Leslie, nessas referências.

<sup>14</sup>Embora pelo menos 17 anos separem os eventos dos capítulos 20 e 21, Leslie sugere que a narrativa, no vigésimo primeiro capítulo, alivia o duro tratamento que Jeremias recebe no relato do vigésimo capítulo. Veja também Rudolph, *op. cit.*, pág. 116.

<sup>15</sup>Cf. o capítulo XV.

mias declarou que os julgamentos teriam início em Jerusalém, ampliando-se para numerosas nações ao redor, até que, finalmente, visitaria a própria Babilônia.

Perto do começo do reinado de Jeoaquim, Jeremias se dirigiu ao povo que viera adorar no templo (veja Jr 26), avisando-o que Jerusalém seria reduzida a ruínas.<sup>16</sup> Ele cita o histórico exemplo da destruição de Silo - cujas ruínas ainda podem ser vistas ao norte de Jerusalém. Incitado pelos sacerdotes e profetas, o povo reagiu violentamente. Apanharam Jeremias. Depois que os príncipes ouviram a acusação que merecia a morte, deram ouvidos ao apelo do profeta. Ele lembrou-os de que derramariam sangue inocente com sua execução, porquanto o Senhor verdadeiramente o enviara. Quando os líderes entenderam que Ezequias, nos dias passados, não havia morto Miquéias por ter predito a destruição de Jerusalém, raciocinaram que Jeremias, por semelhante modo, não merecia morrer. Embora Aicão e os príncipes tivessem salvado a vida de Jeremias o ímpio rei Jeoaquim era o responsável pela detenção e martírio de Urias, que havia proclamado idêntica mensagem.

Um dos atos proféticos mais impressionantes de Jeremias ocorreu no ano de 594 a. C. (veja Jr 27). Embora Zedequias fosse vassalo de Nabucodonosor, havia constante agitação tendente à revolta. Emissários vindos de Edom, Moabe, Amom, Tiro e Sidom se reuniram em Jerusalém, para se aliarem ao Egito e a Judá em conspiração contra a Babilônia. Perante esses representantes Jeremias apareceu, trazendo cangas de madeira e anunciando que Deus entregara todas essas nações nas mãos de Nabucodonosor. Portanto, era sábio submeter-se aos babilônios. Para Zedequias havia uma palavra especial de advertência, no sentido de que não deveria ouvir aos profetas falsos. Jeremias também avisou aos sacerdotes e ao povo de que os vasos restantes do templo e seu mobiliário seriam levados embora pelos conquistadores. Os delegados estrangeiros foram alertados a não se deixarem enganar pelos profetas falsos. Submissão a Nabucodonosor é a ordem divina. A rebelião produziria destruição e exílio.

Pouco tempo depois disso o falso profeta Hananias lançou-se em atrevida oposição a Jeremias. Vindo de Gibeão, Hananias anunciou no templo que, dentro de dois anos, Nabucodonosor haveria de devolver os vasos e que retornariam os exilados levados para a Babilônia, em 597 a. C. Perante todos os circunstantes ele tomou a canga de madeira que Jeremias usava e quebrou-a em pedaços a fim de demonstrar que o povo quebraria o jugo babilônico. Jeremias entrou em reclusão por pouco tempo; mais tarde, entretanto, retornou com uma nova mensagem da parte de Deus. Hananias quebrara cangas de madeira, mas Deus as substituiria por cangas de ferro de servidão, colocando-as sobre a cerviz de todas essas nações. E Hananias foi avisado que devido à sua profecia falsa morreria antes de terminar aquele ano. No sétimo mês daquele mesmo ano o funeral de Hananias sem dúvida serviu de confirmação pública da veracidade da mensagem de Jeremias.

Até mesmo líderes entre os exilados não puseram fim às dificuldades de Jeremias. Seu interesse pelos cativos que estavam na Babilônia se expressou por meio

<sup>16</sup>Se Jeremias anunciou essa mensagem nos dias de Josias (cap. 7) e a repetiu durante os dias do reinado de Jeoaquim (cap. 26), então a reação tumultuada se deve a uma mudança no clima religioso e nas atitudes dos dois monarcas.



de uma missiva enviada por meio de Eleasá e Gemarias.<sup>17</sup> Esses proeminentes cidadãos de Jerusalém foram enviados por Zedequias a Nabucodonosor, sem a menor dúvida assegurando-lhe a lealdade de Judá, ao mesmo tempo que a rebelião era planejada em Jerusalém. Nessa carta, Jeremias avisou aos exilados para que não dessem crédito aos profetas falsos que prediziam pronto retorno. Lembrou-lhes que o cativeiro perduraria por setenta anos. Chegou mesmo a pre-dizer que Zedequias e Acabe, dois dentre os profetas falsos, seriam detidos e executados por Nabucodonosor.

A carta de Jeremias deu início a uma maior correspondência (veja Jr 29:24-32). Semaías, um dos líderes amotinados na Babilônia, e que estava planejando um retorno imediato para Jerusalém, escreveu a Sofonias, o sacerdote, superintendente do templo. Ele repreendeu a Sofonias por não ter impugnado a Jeremias, e aconselhou-o a confinar o profeta no tronco, por ter escrito aos exilados. Quando Jeremias tomou conhecimento dessa carta, denunciou a Semaías e indicou que nenhum de seus descendentes participaria das bênçãos da restauração.

### III. A promessa de restauração — 30:1 - 33:26

O remanescente restaurado - um novo pacto	30:1 - 31:40
Jeremias compra uma propriedade	32:1-44
Cumprimento do pacto davídico	33:1-26

Jeremias assegurou a Israel, especificamente, de que haveria restauração. Os exilados seriam trazidos de volta à sua própria terra, a fim de servirem a Deus sob um governante que é designado “Davi, seu rei” (Jr 30:9). Quando Deus destruir todas as nações, Israel será restaurado após certo período de punição. Deus, que espalhara a Israel, trará de volta para Sião tanto Judá quanto Israel, mediante um novo pacto (veja Jr 31:31). Nesse novo relacionamento, a lei será inscrita em seus corações, e todos eles conhecerão a Deus com a certeza de que seus pecados foram perdoados. Tão certo como existem as luminárias do céu, em suas ordens fixas, certa também é a promessa de restauração para a nação de Deus, Israel.

As futuras esperanças de restauração foram mui realisticamente gravadas nas impressões de Jeremias (veja Jr 32), durante o assédio dos babilônios contra Jerusalém, em 587 a. C. Enquanto estava detido no átrio da guarda foi divinamente instruído para comprar certa propriedade em Anatote, de seu primo, Hana-neel. Quando este último se apresentou propondo o negócio, Jeremias prontamente comprou o campo. Com meticuloso cuidado foi pesado o dinheiro, foi escrito o documento de compra em duplicata, para em seguida ser assinado e selado por testemunhas. Baruque foi em seguida instruído a colocar o original e a cópia em jarras de cerâmica, para que fossem preservados.<sup>18</sup>

<sup>17</sup>Veja Leslie, *op. cit.*, pág. 209. Eleasá era filho de Safã, secretário de estado de Josias. O irmão de Eleasá, Gemarias, estava encarregado da câmara do átrio superior do templo, onde Baruque leu publicamente a mensagem de Jeremias (veja 36:10). O outro representante enviado por Zedequias foi Gemarias, filho de Hilquias, o sacerdote no reinado de Josias.

<sup>18</sup>Quanto a uma descrição detalhada sobre o costume de escrever documentos em duplicata, no século IV a. C., de acordo com os papiros de Elefantina, veja Volz, *op. cit.*, e E. Sellin, *Kommentar zum Alten Testament*, págs. 306 s. Também citado em Laetsch, *op. cit.*, pág. 261.

Para as testemunhas e os observadores, essa transação deve ter parecido em extremo ridícula. Quem poderia ser tão tolo a ponto de comprar uma propriedade, quando a cidade estava às vésperas da destruição? O mais surpreendente de tudo era o fato de que Jeremias, que durante quarenta anos vinha predizendo a capitulação do governo nacional de Judá, agora quisesse adquirir os direitos atinentes a um terreno. Este ato profético revestiu-se de grande significação; transmitiu a promessa simples feita por Deus de que naquela terra ainda se haveriam de comprar casas e terrenos. O investimento de Jeremias simbolizava tão-somente a prosperidade futura de Judá.

Após ter completado essa transação, Jeremias orou (veja Jr 32:16-25). Espada, fome e pestilência eram uma negra realidade, enquanto prosseguia a fútil resistência contra o assédio babilônico. O próprio Jeremias estava perplexo acerca da compra que fizera, em uma ocasião em que o misericordioso Deus de Israel estava abandonando a nação para ser destruída e levada em cativeiro. O fiel profeta foi lembrado que Jerusalém havia despertado a ira e a indignação de Deus mediante a idolatria e a desobediência (veja Jr 32:26-35). Não obstante, o mesmo Deus que os dispersava haveria de trazê-los de volta, restaurando-lhes a boa sorte (veja Jr 32:36-44).

Enquanto se aproximava rapidamente a ruína nacional, Jeremias recebeu uma elaboração da promessa de restauração. Com uma admoestação para que invocasse a Deus, o Criador, o povo foi desafiado, por meio de Jeremias, a esperar coisas que desconhecia. Naquela terra, que agora estava nas fauces da destruição, haveria de aparecer um renovo justo proveniente de Davi, de tal maneira que retidão e justiça prevaleceriam uma vez mais. O governo davídico e o serviço dos levitas seriam restabelecidos. Jerusalém e Judá seriam uma vez mais, o deleite de Deus. Esse pacto é tão certo quanto os períodos fixados de dia e noite. Quando o grande juízo que Jeremias anunciara quase quarenta anos antes estava prestes a culminar na destruição de Jerusalém, o fiel profeta ficou vividamente impressionado com promessas e bênçãos relativas ao futuro.

#### IV. Desintegração do reino — 34:1 - 39:18

Os líderes infiéis são contrastados

com os recabitas

34:1-22

Advertindo aos leigos e aos líderes

35:1 - 36:32

A queda de Jerusalém

37:1 - 39:18

Os anos mais negros da existência nacional de Judá são sumariados de forma bem abreviada nestes capítulos. A destruição da cidade de Jerusalém foi o maior de todos os juízos narrados no Antigo Testamento. Os acontecimentos registrados em Jr 35 e 36 datam do reinado de Jeoaquim e sugerem base razoável para o juízo que se tornou uma realidade nos dias de Zedequias.

O rei Zedequias com freqüência fora advertido sobre o juízo vindouro. Agora que os exércitos babilônicos estavam realmente assediando Jerusalém (588 a. C.), Zedequias foi especificamente informado de que a capital de Judá seria incendiada. A única esperança que lhe restava pessoalmente era render-se às forças de Nabucodonosor (veja Jr 34). Recusando-se a anuir obedientemente ao conselho de Jeremias, Zedequias aparentemente traçou uma posição de transigência como substituição à obediência de todo coração. Em consonância com um pacto firmado entre o rei e seu povo, todos os escravos hebreus foram soltos em Jerusa-

lém.<sup>19</sup> O motivo desse ato dramático não é indicado. Talvez os escravos se tornassem um estorvo durante o assédio, pois sendo liberados teriam que sustentar-se; ou talvez lutassem melhor como homens livres. Com toda a probabilidade não muito deles estavam motivados por sincero desejo religioso de se moldarem à lei, porquanto revogaram o pacto assim que o cerco foi temporariamente suspenso, enquanto os babilônios perseguiram os egípcios (veja Jr 37:5). Em termos nada incertos Jeremias anunciou os temíveis juízos de Deus contra Zedequias e contra todos os homens que quebraram as condições de sua aliança (veja Jr 34:17-22). Os babilônios retornariam para incendiar a cidade de Jerusalém.

Nos capítulos 35 e 36 estão registrados incidentes históricos da época de Jeoaquim, indicando claramente que tal atitude de indiferença religiosa vinha prevalecendo desde há muito em Judá. Em certa ocasião, Jeremias introduziu no templo alguns recabitas que se tinham refugiado em Jerusalém, enquanto os babilônios ocupavam a Palestina.<sup>20</sup> Ofereceu-lhes vinho, mas repeliram o convite, por obedecerem ao mandamento de seu antepassado, Jonadabe, que viveu nos dias de Jeú, rei de Israel. Durante 250 anos eles se vinham mostrando fiéis a uma regra de criação humana, de que não tomariam vinho, não plantariam vinhas e nem morariam em casas, mas, sim, em tendas. Se os recabitas se dispunham a conformar-se a um juízo humano, quanto mais o povo de Judá deveria obedecer a Deus, que por repetidas vezes enviara Seus profetas a fim de adverti-los contra o culto aos ídolos. Em contraste com a maldição que Deus enviava contra Jerusalém, os recabitas seriam abençoados.

Joaquim, filho do piedoso Josias, não somente se mostrou desobediente, mas também atrevido para com Jeremias e sua mensagem. No quarto ano de seu reinado, Jeremias instruiu a Baruque para que registrasse as mensagens que lhe haviam sido dadas anteriormente. No ano seguinte, quando o povo se reuniu em Jerusalém, a fim de observar um jejum, Baruque leu publicamente a mensagem de Jeremias no átrio do templo, avisando ao povo para que abandonasse aos seus maus caminhos. Alguns dos príncipes ficaram assustados e deram notícias ao rei o qual ordenou que o rolo lhe fosse trazido à presença. Enquanto Jeremias e Baruque se ocultavam, o rolo foi lido perante Jeoaquim, o qual o cortou em pedaços e o queimou no brazeiro. Apesar do rei haver ordenado a detenção deles, não puderam ser encontrados em parte alguma. Por ordem de Deus, uma vez mais o profeta ditou suas mensagens ao seu escriba. Dessa vez foi proferido um julgamento especial contra Jeoaquim, por haver queimado o rolo (veja Jr 36:27-31). As condições por ocasião de sua morte seriam tais que ele não teria um sepultamento real, mas seu cadáver ficaria exposto ao calor do dia e ao orvalho da noite.

Alguns dos eventos durante o assédio de Jerusalém são registrados nos capítulos 37 - 39 do livro de Jeremias. Por amor à clareza, a ordem dos eventos pode ser assim tabulada:<sup>21</sup>

<sup>19</sup>Cf. Êx 21:2-11 e Dt 15:12-18.

<sup>20</sup>Os recabitas, que derivavam o nome de Recabe, cujo filho, Jonadabe, ajudou ativamente a Jeú no expurgo da adoração a Baal no reino do Norte, em 841 a. C. Eles traçavam sua origem a Hamate, um queeneu nos dias de Moisés. Cf. 1 Cr 2:55; Nm 10:29-32; Jz 1:16; 4:11,17; 1 Sm 15:6; 27:10 e 30:29.

<sup>21</sup>Quanto às datas dos eventos desse período, veja Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, págs 153-166.

O cerco começa a 15 de janeiro de 588	39:1 e 52:4
Advertência a Zedequias	34:1-7
Pergunta de Zedequias - resposta de Jeremias	21:1-14
O pacto de libertação dos escravos	34:8-10
O cerco é temporariamente suspenso	37:5
Os escravos são chamados de volta - repreensão de Jeremias	34:11-22
Jeremias é detido, espancado e encarcerado	37:11-16
O assédio é reiniciado	
Pergunta de Zedequias - Jeremias é transferido	37:17-21
Compra de uma propriedade por Jeremias	32:1 - 33:26
Jeremias lançado na cisterna	38:1-6
Ebede-Meleque resgata a Jeremias	38:7-13
Última entrevista entre Zedequias e Jeremias	38:14-28
Jerusalém é conquistada a 19 de julho de 586	39:1-18
Jerusalém é destruída a 15 de agosto de 586	2 Rs 25:8-10

Durante esse cerco de dois anos e meio, Jeremias aconselhou constantemente ao rei que se rendesse aos babilônios, o que lhe seria melhor. Por todo esse período Zedequias parece ter-se sentido frustrado, sem saber se aceitava os conselhos de Jeremias ou cedia ante à pressão do partido pró-Egito e continuava a resistência aos babilônios. Em vão esperava notícias melhores da parte de Jeremias. Finalmente as tropas babilônicas irromperam em Jerusalém. Zedequias conseguiu escapar até Jericó, mas foi capturado e levado à presença de Nabucodonosor, em Ribla. Depois de ter sido forçado a testemunhar a matança de seus próprios filhos e de numerosos nobres, Zedequias foi cegado e levado cativo para a terra do exílio. Dessa maneira se cumpriram as predições aparentemente contraditórias de que Zedequias não veria a terra para onde seria levado em cativeiro.<sup>22</sup>

V. A migração para o Egito — 40:1 - 45:5	
Instalação em Míspsa sob Gedalias	40:1-12
Derramamento de sangue e dissolução	40:13 - 41:18
Na rota para o Egito	42:1 - 43:7
Mensagens de Jeremias no Egito	43:8 - 44:30
A promessa a Baruque	45:1-5

Jeremias recebeu o tratamento mais cordial possível às mãos dos conquistadores babilônios. Embora algemado e conduzido a Ramá, foi solto por Nebuza-

<sup>22</sup>Cf. Ez 12:13; 17:16; Jr 32:4, 5 e 34:3-5.

radã, capitão do exército de Nabucodonosor. Sendo-lhe dado escolher entre alternativas, Jeremias preferiu ficar com o remanescente na Palestina, apesar de haver-lhe sido garantido um tratamento favorável se fosse para a Babilônia.

Enquanto Jerusalém fumaçava entre ruínas, o remanescente que ficara na Palestina se estabeleceu em Mispa, provavelmente na atual localidade de Nebi Samwil. Localizada a cerca de 16 km ao norte de Jerusalém, a cidade de Mispa tornou-se capital da província babilônica de Judá, sob o governo de Gedalias, o governador nomeado por Nabucodonosor. Espalhados por toda a Palestina havia numerosos grupos guerrilheiros dispersos pelos invasores babilônios. A princípio uniram-se em torno de Gedalias, apoiando-o, mas poucas semanas mais tarde Ismael, um daqueles capitães, foi usado por Baalis, chefe dos beduínos amonitas, em um conluio que visava à morte de Gedalias. Dentro de poucos dias Ismael já havia massacrado a setenta dentre oitenta peregrinos vindos do norte para Jerusalém, e forçou os cidadãos de Mispa a marcharem para o sul como seus reféns, na esperança de levá-los para Amom, depois de atravessar o rio Jordão. A caminho, porém, foram resgatados por Joanã, em Gibeom, e foram levados para Quimã, um caravançará próximo de Belém, enquanto Ismael conseguia escapar.

Alterações súbitas deixaram esse remanescente desabrigado e totalmente desencorajado. No espaço de poucos meses tinham visto Jerusalém não somente reduzida a ruínas, mas também seus habitantes haviam sido desalojados de suas novas moradias em Mispa. Em desesperadora necessidade de orientação, voltaram-se então para Jeremias.

Embora sua intenção fosse descer ao Egito, por temerem aos babilônios, conseguiram convencer a Jeremias que indagasse do Senhor acerca do futuro deles. Após um período de dez dias, o que lhes provou a paciência, Jeremias recebeu a resposta. Cumpria-lhes permanecer na Palestina (veja Jr 42:10). Se imigrassem para o Egito, sofreriam guerra, fome e morte. Em desobediência deliberada, e acusando Jeremias de não lhes haver transmitido a mensagem completa de Deus, Joanã e seus associados conduziram o remanescente ao Egito (veja Jr 43:1-7). Visto que o povo se mudava em massa, provavelmente não restou alternativa, a Jeremias e a Baruque, seu secretário, senão seguir com eles.

Encontrando-se em Tafnes, no Egito, Jeremias advertiu seu povo por meio de uma mensagem simbólica de que Deus também enviaria Seu servo Nabucodonosor até ao interior do Egito para executar julgamento (veja Jr 43:8-13). No capítulo seguinte, Jeremias esboça os eventos recentes através de uma mensagem final. Jerusalém achava-se em ruínas porque os israelitas haviam ignorado os avisos de Deus por intermédio dos profetas. O mal que lhes sobreviera era justo e certo, em face da desobediência deles. Israel tornou-se uma maldição e um sarcasmo entre todas as nações, por ter provocado Deus à ira. E agora o povo se mostrava apóstata e tão desafiador que as palavras de Jeremias não conseguiam conduzi-lo ao arrependimento. Ousadamente disseram-lhe que não obedeceriam, e ainda afirmaram que o mal viera sobre eles porque tinham deixado de adorar à rainha do céu. As palavras finais de Jeremias indicam claramente que o juízo divino pairava sobre eles, e que quando o mesmo desabasse, eles entenderiam que Deus estava cumprindo a Sua Palavra.

Embora o capítulo 45 relate uma ocorrência que se deu cerca de duas décadas

antes, nesta altura dos acontecimentos ela se revestia de especial significação no livro de Jeremias. Pouco depois do primeiro cativo, em 605 a. C., Baraque foi instruído a grafar as mensagens de Jeremias. Evidentemente Baraque se lamentou, descoroado, ao antecipar a terrível condenação e os julgamentos que aguardavam a Judá. Pessoalmente, ele nada via à frente senão melancolia, pobreza, fome, guerra e desolação. Baraque foi admoestado a não buscar grandes coisas, mas a entender que a própria vida era dom de Deus. Deus assegurou-lhe que sua vida lhe seria poupada como despojo de guerra. Ora, terminada a destruição de Jerusalém, Baraque continuava em companhia de Jeremias, implicando que Deus cumprira a Sua promessa.

#### VI. Profecias sobre nações e cidades — 46:1 - 51:64

Egito	46:1-28
Filístia	47:1-7
Moabe	48:1-47
Amom	49:1-6
Edom	49:7-22
Damasco	49:23-27
Quedar e Hazor	49:28-33
Elão	49:34-39
Babilônia	50:1 - 51:64

O quarto ano do reinado de Jeoaquim foi um ponto nevrálgico na história política de Judá. Quando da decisiva batalha de Carquemis, os babilônios puseram os egípcios em fuga de tal maneira que, subsequente, os exércitos de Nabucodonosor, em progressão, vieram a ocupar a Palestina. Enquanto os problemas internacionais se desenvolviam em conseqüências sérias para Judá, o profeta Jeremias proferiu certo número de mensagens apropriadas, datadas no quarto ano do reinado de Jeoaquim. Significantes entre elas são as profecias concernentes às nações.<sup>23</sup>

Não somente o Egito foi derrotado em Carquemis, mas finalmente Nabucodonosor haveria de avançar cerca de 800 km Nilo acima, para punir Amom, de Tebas (veja Jr 46). Em contraste, Israel seria consolado. A Filístia seria arruinada em face da invasão vinda do norte (veja Jr 47). A vida nacional de Moabe seria repentinamente destruída, e sua glória se transmutaria em opróbro. Devido à sua empáfia, aquela nação não escaparia à destruição, embora lhe tenha sido garantido o retorno do cativo, no fim (veja Jr 48). Amom seria sujeitado a juízo, passando a ser possuído por Israel, e disperso sem qualquer promessa de restauração (veja Jr 49:1-6). Edom também foi condenado. Subitamente perderia sua exaltada condição, de tal modo que os passantes assoviariam ante o espetáculo (veja Jr 49:7-22). Damasco, Qedar, Hazor e Elão, por semelhante modo, esperariam o julgamento (veja Jr 49:23-39).

A Babilônia é a nação que recebeu consideração mais extensa nas profecias contra as nações (veja Jr 50:1 - 51:64). Essa maior e mais poderosa de todas as nações durante as duas últimas décadas da vida nacional de Judá, seria humilhada por causa de seu orgulho. O Senhor dos Exércitos convocará os medos contra ela. Perante o Deus onipotente e grande Criador, a poderosa nação da Babilônia e seus ídolos enfrentarão a destruição. Com essas palavras de denúncia,

<sup>23</sup>Leslie, *op. cit.*, pág. 161, sugere que o título, em Jr 46:1, data a secção inteira de Jr 46:3-49:33, no ano de 605 a. C.

Jeremias enviou Seraías, irmão de Baruque, à Babilônia (veja Jr 51:59-64). Depois de haver lido essa mensagem de juízo em Babilônia, Seraías atou o rolo a uma pedra e o arrojou no rio Eufrates. Por semelhante modo, a condenação de Babilônia consiste em afundar para nunca mais erguer-se.

#### VII. Apêndice ou conclusão — 52:34

Conquista e pilhagem de Jerusalém	52:1-23
Condenação de oficiais	52:24-27
Deportações	52:28-34

Esse breve sumário sobre o reinado de Zedequias, sobre a queda de Jerusalém e sobre as deportações conclui apropriadamente o livro de Jeremias. Após quarenta anos de pregação, Jeremias foi testemunha do cumprimento das mensagens que havia anunciado fielmente. Zedequias e seus associados sofreram as conseqüências de sua desobediência. Os vasos e instrumentos do templo e seu átrio são enumerados nos versículos 17-23, como objetos levados para a Babilônia antes do templo ser arrasado, de conformidade com as predições de Jeremias. Joaquim, que se rendera, recebeu provisões generosas e, finalmente, foi solto no final do reinado de Nabucodonosor.

#### Lamentações

O tema do livro de Lamentações é a destruição e desolação que sobrevieram a Jerusalém em 586 a. C. Deus é reconhecido como justo por haver punido Sua nação escolhida, por causa da desobediência da mesma. Visto o fato de que Deus é fiel havia esperança na confissão do pecado e na fé implícita do Senhor.

O conteúdo desse livro é descrito pelo vocábulo hebraico “Qinoth”, isto é, “canto fúnebre”, no Talmude; pelo termo grego “threnoi”, ou “lamento”, na Septuaginta; e “threni”, ou “lamentações”, nas versões latinas. Os judeus costumavam ler esse livro no mês de Ab, em comemoração à destruição de Jerusalém. Os antigos rabinos, que atribuíam esse livro a Jeremias, agrupavam-no junto com os “Ketubim”, ou cinco rolos, que eram lidos em várias observâncias públicas.

No seu arranjo, os quatro primeiros capítulos formam acrósticos alfabéticos. Cada capítulo contém 22 versículos ou um múltiplo do mesmo. As 22 letras do alfabeto hebraico são usadas em sucessão, começando cada versículo no primeiro e no segundo capítulos. Os capítulos terceiro e quarto atribuem, respectivamente, três e dois versículos para cada letra do alfabeto hebraico. Embora o quinto capítulo contenha 22 versículos, não representa um acróstico alfabético. Esse esquema alfabético, também utilizado em numerosos Salmos, escapa à atenção do leitor das traduções.

O livro de Lamentações foi atribuído a Jeremias até poucos séculos atrás.<sup>24</sup> O Talmude, a Septuaginta, antigos pais da Igreja e líderes eclesiásticos do século XVIII consideravam que seu autor fora o profeta. Mas desde então numerosas sugestões têm atribuído o livro de Lamentações a diversos autores, desconhecidos e não-identificados, durante o período entre o VI e o III séculos a. C.<sup>25</sup>

<sup>24</sup>Em 1712, Herman von der Hardt, em publicação em Helmstaedt, atribuiu os cinco capítulos de Lamentações a Daniel, Sadraque, Mesaque, Abedenego e Joaquim. veja Laetsch, *op. cit.*, pág. 375.

<sup>25</sup>Quanto a discussões representativas sobre a autoria não jeremiana do livro de Lamentações, veja R. H. Pfeiffer, *Introduction to the Old Testament*, págs. 722-723.

A interpretação mais razoável e natural sugere que esse livro expressa os sentimentos e as reações de uma testemunha ocular. Entre aquelas de que se tem conhecimento na época, Jeremias parece a testemunha mais bem qualificada. Durante quatro décadas ele predissera a destruição de Jerusalém. Da passagem pela cidade, a caminho do Egito, ele deve ter dado uma última espiada nas ruínas de sua amada cidade, a qual por mais de quatro séculos representara a glória e o orgulho de sua nação de Israel. Quem teria tido um passado mais apropriado para escrever o livro de Lamentações do que o profeta Jeremias?

O livro de Lamentações pode ser subdividido da seguinte maneira:

I. Jerusalém passada e presente	1:1-22
Condições de desolação	1:1-6
Memórias passadas	1:7-11
Tristeza enviada por Deus	1:12-17
Reconhecida a justiça de Deus	1:18-22
II. Relações entre Deus e Sião	2:1-22
A ira de Deus é exibida	2:1-10
A busca pelo consolo	2:11-22
III. Análise do sofrimento	3:1-66
A realidade do sofrimento	3:1-18
Fidelidade de Deus para com os contritos	3:19-30
Deus é autor do bem e do mal	3:31-39
A única esperança está em Deus	3:40-66
IV. O pecado é a base do sofrimento	4:1-22
A sorte dos sofredores pacientes	4:1-12
Acusação de haver sido derramado sangue inocente	4:13-22
V. A oração dos sofredores	5:1-22
A confissão de pecado	5:1-18
Apelo final	5:19-22

Realisticamente, o autor sagrado contemplava Jerusalém em ruínas. No passado ela fora uma princesa, mas agora fora reduzida à vassalagem. Em confronto com seu passado de glória, encontrava-se atualmente em estado de sofrimento e aflição. Quem por ali passasse não poderia conceber os sofrimentos dela. Ninguém havia que a consolasse.

A ira de Deus fora exibida em Sião (veja Lm 2). O Senhor pusera ponto final à lei e a todas as observâncias religiosas, tendo removido os sacerdotes, os profetas e os reis, impelindo o inimigo a arrasar seus palácios e seu santuário. Expostas aos assovios e à derrisão de adversários circunvizinhos, as vítimas inquiriam chorosamente por consolo.

O sofrimento era uma amarga realidade. O próprio Jeremias pode ter experimentado tal tratamento, às mãos de seu próprio povo, conforme é descrito em Lm 3:1-18. Desaparecera a glória de Jerusalém - não havia esperança para ela à parte da intervenção divina. Para aqueles que buscavam a Deus - os contritos - o sofrimento era temperado pelas misericórdias sempiternas do Todo-poderoso. Sendo autor tanto do bem quanto do mal, Deus impõe julgamento contra



os ímpios (veja vv. 19-39). Mediante confissão do pecado e a fé em Deus estabelece-se a esperança de que o Senhor vindicará aos que assim fizerem (veja os vv 40-66).

A sorte de Sião parece ser pior que a de Sodoma. Parece preferível a destruição repentina, em contraste com o sofrimento contínuo por causa do pecado. Liderada por profetas e sacerdotes falsos, Jerusalém derramara o sangue inocente dos justos. Como resultado, fora sujeitada à sorte presente, enquanto aguardava perspectivas mais brilhantes (veja Lm 4:22).

O capítulo final exprime uma oração que roga pela misericórdia divina. O autor pinta vividamente a desgraça do povo de Deus, exilado em terras estrangeiras. Porventura o Senhor ter-se-ia olvidado de seu povo? Sião estava em ruínas e Israel parecia abandonado. O autor, com o coração partido, esmagado e avassalado pela tristeza, lança seu apelo lamentoso ao Deus que reina para sempre, implorando-lhe que restaure os que Lhe pertencem. Mediante confissão de pecado e fé implícita em Deus o profeta lança seu apelo final, pedindo restauração.

#### LEITURAS SELECIONADAS

Bright, John. **Jeremiah**. The Anchor Bible. Garden City, Nova Iorque: Doubleday, 1966.

Gottwald, N. K. **Studies in the Book of Lamentations**. Naperville, Ill.: Alec R. Allenson, 1962.

Jensen, I. L. **Jeremiah: Prophet of Judgment**. Chicago: Moody Press, 1966.

Laetsch, T. **Jeremiah**. St. Louis: Concordia Publishing House, 1952.

Leslie, Elmer. **Jeremiah**. Nashville: Abingdon Press, 1954.

## Capítulo XX

### **Ezequiel - Atalaia de Israel**

Ezequiel viu-se profundamente envolvido nos problemas de sua geração. Tendo começado seu ministério como profeta às vésperas da capitulação de Jerusalém, seis anos antes de Jerusalém haver sido destruída, ele não pôde escapar do que estava implícito no desastre nacional. Estava agudamente cômico da seriedade da situação, enquanto sua nação se aproximava da crise do terrível julgamento divino. Sua mensagem mostra-se específica, pertinente e concentrada sobre as questões com que se defrontavam seus companheiros de exílio. Quando a destruição de Jerusalém já se fizera história, ele voltou a sua atenção para as esperanças futuras de Israel como nação.

#### **Um Profeta entre os Exilados**

Ao tempo do nascimento de Ezequiel (622/621 a. C.),<sup>1</sup> Jerusalém estava bem desperta devido à maior celebração da Páscoa que houvera por séculos, quando o reino de Josias correspondia temporariamente a reformas de âmbito nacional. Não somente prevaleciam esperanças otimistas no campo religioso, mas a influência amortecida da dominação assíria sobre a área da Palestina dava origem a perspectivas futuras mais brilhantes no terreno político. Assurbanípal, cujo governo como monarca assírio terminara em cerca de 630 a. C., não havia sido sucedido por reis suficientemente fortes para resistir às agressões crescentes da Média e de Babilônia. As notícias sobre a queda de Nínive, em 612 a.C., sem a menor sombra de dúvida aliviaram Judá do temor que os exércitos assírios viessem novamente a ameaçar a sua independência.

Enquanto as atividades religiosas floresciam no templo, com apoio real, Ezequiel, membro de uma família sacerdotal, deve ter desfrutado de agradáveis associações com pessoas devotas de Judá. Sua casa talvez estivesse localizada sobre a muralha oriental de Jerusalém, pelo que os átrios exteriores devem ter sido seu local de folgedos infantis, ao passo que os recintos contíguos do templo devem ter constituído salas de aula onde recebera seu treinamento formal e edu-

<sup>1</sup> Quanto a um estudo recente sobre a data de Ezequiel, veja Carl Gordon Howie, **The Date and Composition of Ezekiel**, Journal of Biblical Literature Monograph Series, vol. IV (Filadélfia, 1950). Segundo o cap. II, "The Date of the Prophecy", págs. 27-46, ele data o ministério de Ezequiel entre 593 (1:2) e 571 a. C. (29:17), com base nos fatos e na tradição.

*Gráfico VIII – Ezequiel*

- 621 - Nascimento de Ezequiel.  
Reformas de Josias - ministério de Jeremias.
- 612 - Queda de Nínive.
- 609 - Morte de Josias.  
Jeoacaz governa por três meses - Jeoaquim feito rei.
- 605 - Batalha de Carquemis.  
Reféns levados de Jerusalém a Babilônia.
- 601 - Batalha egípcio-babilônica nas fronteiras do Egito.
- 598 - Jeoaquim se rebelava contra Babilônia.
- 597 - Joaquim e cerca de 10 mil pessoas, incluindo Ezequiel, levados em cativeiro.
- 594 - Embaixada de Zedequias enviada a Babilônia - Jr 29:3  
Zedequias aparece em Babilônia - Jr 51:59.
- 593 - Chamada de Ezequiel - 1:1,2 e 3:16.
- 592 - Tablete especificando razões para Joaquim.  
Os anciãos conferenciam com Ezequiel - 8:1 - 11:25
- 591 - Os anciãos conferenciam com Ezequiel - 20:1.
- 588 - O cerco de Jerusalém começa em janeiro.  
Mensagem enviada por Ezequiel - 24:1.
- 587 - Profecias enviadas por Ezequiel - 29:1; 30:20; 31:1.
- 586 - Os babilônios entram em Jerusalém - Zedequias foge - 19 de julho.  
O templo é incendiado - 15 de agosto.  
Profecia contra Tiro - 26:1.
- 585 - Chegam fugitivos - 8 de janeiro - Ez 33:21.  
Lamentações sobre o Egito - 32:1 e 17.
- 573 - A visão de Ezequiel - 40:1.
- 571 - Última profecia datada de Ezequiel - 29:17.
- 561 - Joaquim solto da prisão - 21 de março de 561 a. C. -  
2 Rs 25:27. (De acordo com Thiele, Ezequiel se utilizou de um cômputo de Nisã a Nisã, ao passo que os livros de Reis usam um cômputo de Tisri a Tisri; o primeiro começa em abril, o último, em outubro).

cação.<sup>2</sup> Esses primeiros anos, à sombra do templo de Salomão, familiarizaram-no com cada detalhe desse magnífico edifício, bem como com os ritos das ministrações diárias. Em adição a isso, Ezequiel deve ter ajudado a seu progenitor e a outros sacerdotes durante seus anos de meninice. Assim sendo, quando foi levado para Babilônia, carregou consigo vívidas memórias do templo e do papel desempenhado pelo mesmo na vida de seu povo.

Embora Ezequiel, como menino de nove anos de idade, talvez não tivesse ficado impressionado ante as notícias da queda de Nínive, os acontecimentos que se seguiram não podem ter deixado de produzir uma impressão indelével sobre ele, naqueles anos formativos. Após a repentina partida de Josias e seu exército para Megido, com o intuito de bloquear a passagem aos egípcios que marchavam para o norte, a fim de ajudarem aos assírios que retrocediam, Josias foi morto (609 a. C.). Todos os habitantes de Jerusalém devem ter recebido um choque diante das súbitas mudanças. Os funerais de Josias, a coroação de Jeocaz e o seu cativo e a coroação de Jeoaquim, como rei vassalo do Egito, no trono davídico - tudo isso sucedeu dentro de um período de três meses. Mais perturbadoras ainda, para a nação inteira, devem ter sido as notícias sobre a decisiva batalha de Carquemis, em 605 a. C., quando os babilônios se aproveitaram da vitória a fim de perseguirem aos egípcios que retrocediam, sob o comando de Neco, até às fronteiras mesmas do Egito. Talvez Ezequiel, como jovem de dezesseis ou dezessete anos de idade, se tenha reputado um feliz por ter podido escapar, tendo sido incluído, juntamente com Daniel e outros, no grupo de reféns levados para Babilônia, em 605 a. C.

Embora ele nunca mencione e nem faça alusão a Jeremias, é bem improvável que Ezequiel não tivesse consciência das mensagens daquele profeta, tão bem conhecido em Jerusalém. Sem dúvida Ezequiel fora testemunha da reação do populacho ao sermão que Jeremias fizera no templo (veja Jr 26), quando os príncipes se recusaram a permitir a sua execução pelo povo e por seus líderes religiosos. Talvez tivesse ficado perplexo ante o fato de que Jeoaquim pudera derramar o sangue de Urias, o profeta, e pudera queimar o rolo de Jeremias, sem ser atingido por juízo imediato.

Quando Ezequiel estava no começo da década dos vinte anos, os cidadãos de Jerusalém foram perturbados por causa da política externa de Jeoaquim. Em 605 a. C., quando os egípcios recuaram para suas próprias fronteiras, Jeoaquim tornou-se vassalo de Nabucodonosor, ao mesmo tempo que foram levados reféns para o exílio.<sup>3</sup> No ano seguinte, Jeoaquim e outros monarcas reconheceram Nabucodonosor como soberano, enquanto os exércitos babilônios marchavam sem encontrar oposição por toda a região da Síria e Palestina. Depois de três anos de subserviência, Jeoaquim rebelou-se e Nabucodonosor voltou à Palestina, em 601 a. C.<sup>4</sup> Ao que parece, Jeoaquim encontrou solução para esse problema mediante a diplomacia, e continuou a ser o governante no trono davídico, ao passo que babilônios e egípcios se engalinhavam numa batalha indecisa. Tendo vacilado em sua lealdade, finalmente Jeoaquim precipitou dificuldades seríssimas. Quiçá ele embalasse esperanças de que o Egito se lançaria em

<sup>2</sup>Veja Stephen L. Caiger, *Lives of the Prophets*, pág. 223.

<sup>3</sup>Quanto a uma discussão sobre esses acontecimentos, veja D. J. Wiseman, *Chronicles of the Chaldaean Kings*, págs. 23-32, e sua tradução do tablete B. M. 21946, págs. 67-74. Cf. também Dn 1:1.

<sup>4</sup>Cf. 2 Rs 24:1.

sua defesa, quando se rebelasse uma vez mais. Entretanto, antes que o contingente principal do exército babilônio chegasse, a morte de Joaquim abriu caminho a Joaquim para o trono. Quando os babilônios lançaram cerco a Jerusalém, a cidade foi poupada da destruição pela rendição de Joaquim. Aproximadamente dez mil dentre os principais cidadãos de Judá acompanharam o jovem rei até à terra do exílio.

Dessa vez Ezequiel não estava a um lado meramente para observar o que sucedia a outros. O exílio tornou-se parte de sua experiência pessoal. Quando estava com vinte e cinco anos de idade, foi subitamente transferido de Jerusalém e do templo, que eram seu centro de interesse como sacerdote, para o acampamento de exilados próximo às águas de Babilônia. Embora não houvesse sido destruído o templo, muitos dos vasos sagrados foram profanados pelos rudes invasores, que os levaram como despojos de guerra, para serem usados em seus templos pagãos.<sup>5</sup>

Nesse novo meio ambiente, Ezequiel e seus companheiros de cativo se instalaram em Tel-Abibe, às margens do rio Quebar, não longe de Babilônia. Aos exilados foram doados terrenos, e aparentemente viviam sob condições favoráveis. Organizações religiosas e civis foram permitidas, de tal modo que os anciãos foram capazes de estabelecer-se de modo bastante confortável, e, no curso do tempo, puderam desenvolver seus interesses comerciais. Portanto, os exilados gozaram de considerável liberdade e oportunidades para estabelecerem um respeitável padrão de vida.<sup>6</sup>

Aparentemente, o pior aspecto do cativo deles foi o fato de que não podiam retornar à Palestina. Porém, apesar de que isso era uma impossibilidade política, pois Nabucodonosor ia crescendo em poder e domínio, mostravam-se otimistas. Falsos profetas, entre os exilados, garantiam-lhes que em breve haveriam de regressar à sua terra natal.<sup>7</sup> Notícias chegadas de Jerusalém, onde Hananias predisse que a canga babilônica seria quebrada dentro de dois anos (veja Jr 18:1 ss.), encorajaram os exilados a embalar esperanças de imediato retorno. Quando Jeremias avisou-os por carta que deveriam estabelecer-se e preparar-se para um período de setenta anos de exílio, os falsos profetas tornaram-se ainda mais ativos (veja Jr 29). Semaías escreveu de volta a Jerusalém, acusando Jeremias de ser o responsável pelo cativo dos exilados, além de exigir que ele fosse confinado no tronco. Em carta aberta aos exilados, por sua vez, Jeremias identificou Semaías como um profeta falso. Evidentemente as atividades dos falsos profetas tornaram-se tão sérias que dois de seus líderes foram executados.

No quarto ano de seu reinado (594 a. C.), o próprio Zedequias fez uma viagem a Babilônia. Quer os exilados tenham tido permissão ou não de se juntarem na cidade de Babilônia a fim de contemplarem Zedequias, que passava em sua caruagem, é duvidoso que, excetuando a excitação inicial, o aparecimento de Zedequias em pessoa, para pagar tributo, tenha fomentado esperanças de pronto retorno. O mais provável é que isso tenha sido água fria na fervura de suas perspectivas de livramento; e isso deve tê-los tornado mais solenes em sua maneira de

<sup>5</sup>Cf. Dn 5:1-4.

<sup>6</sup>Veja C. F. Whitley, *The Exilic Age* (Londres, 1957). Veja igualmente os capítulos anteriores sobre Esdras, Neemias e Ester, neste volume.

<sup>7</sup>Cf. Jr 19:21 e Ez 13:3,16.

pensar a respeito das predições de Jeremias de que Jerusalém seria arrasada enquanto ele ainda estava vivo.

No ano seguinte, Ezequiel recebeu o chamamento para o ministério profético. Até que ponto ele compartilhou das falsas esperanças de seus colegas de exílio não é indicado. Mas foi comissionado para ser atalaia em favor de seus associados de cativo. Sua mensagem foi essencialmente idêntica à que Jeremias havia anunciado tão coerentemente consigo mesmo, a saber, a destruição de Jerusalém. Em oposição aos profetas falsos e a uma população que tinha a esperança de regressar prontamente a Jerusalém, Ezequiel foi chamado a advertir ao povo de que sua bem-amada cidade seria destruída. Não voltariam à sua terra natal no futuro imediato.

Em sua exposição, Ezequiel mostrou ser um mestre de alegorias. Simbolismo, experiências pessoais dramatizadas e visões foram mais intimamente interligadas, em sua vida e em seus ensinamentos, do que no caso de qualquer outro dos profetas dos dias do Antigo Testamento. Da época de sua chamada, em 593 a. C., até que chegaram notícias sobre a destruição de Jerusalém, Ezequiel envidou esforços no sentido de convencer sua gente de que Jerusalém estava esperando juízo divino. Em face das condições pecaminosas e idólatras que prevaleciam na terra de Judá, é razoável que se esperasse pela queda de Jerusalém. Em seu ministério público, bem como na resposta que deu à indagação feita pela delegação de anciãos, ele anunciou destemidamente que era impossível Jerusalém escapar do dia de retribuição que se avizinhava.

Após a queda de Jerusalém, Ezequiel voltou sua atenção para as esperanças do futuro. As perspectivas de restauração constituem o tema de sua nova mensagem. Tendo-se tornado realidade a destruição de Jerusalém e do templo, talvez os exilados tivessem ficado condicionados para dar ouvidos à mensagem de esperança. Pouco se sabe sobre os anos subsequentes do exílio de Ezequiel. A última referência datada em seu livro prolonga o seu ministério até ao ano de 571 a. C. (veja Ez 29:17). Além do fato de que ele era casado, nada se sabe acerca de sua família. Visto que ele tinha trinta anos quando de seu chamamento, ele talvez não tenha vivido o bastante para ver a queda de Babilônia e a volta dos exilados por determinação de Ciro, rei da Pérsia.

### **O Livro de Ezequiel**

Do ponto de vista literário, o livro de Ezequiel se distingue, juntamente com os livros de Ageu e Zacarias, como os livros proféticos mais bem datados.<sup>8</sup> As datas consecutivas do livro seguem uma ordem cronológica, com exceção de 29:17; 32:1 e 17. Essas ocorrem dentro das profecias atinentes às nações, datadas respectivamente em 589 a 571 a. C. O restante das datas se encontra em seqüência cronológica, de 593 a. C., em Ez 1:1, até 585 a. C., em 33:21, quando chegaram a seu conhecimento as notícias da triste sorte de Jerusalém. A data final aparece em Ez 40:1, o que situa a visão sobre o estado restaurado de Israel no ano de 573 a. C.

O livro de Ezequiel pode ser logicamente dividido em três porções principais. Os capítulos 1 - 24 elaboram o tema da iminente condenação de Jerusalém. A secção seguinte (capítulos 25 - 32) se concentra em profecias contra nações estrangeiras. Os capítulos restantes (33 - 48) assinalam completa mudança de ênfase, porquanto a crise antecipada na primeira secção se concretizou na destruição de Jerusalém. O novo tema é o reavivamento e a restauração dos israelitas à sua pró-

<sup>8</sup>Howie, *op. cit.*, pág. 46, reconhece as datas individuais por todo o livro como corretas, embora diga que nem todo o material entre duas datas pertencam necessariamente ali, cronologicamente falando.

pria terra. Quanto a uma análise mais detalhada desse livro, podem ser usadas as seguintes subdivisões.

I. Chamada e comissão de Ezequiel	1:1 - 3:21
II. A condenação de Jerusalém	3:22- 7:27
III. O templo abandonado por Deus	8:1 - 11:25
IV. Os líderes condenados	12:1 - 15:8
V. O povo escolhido de Deus é condenado	16:1 - 19:14
VI. A última medida completa	20:1 - 24:27
VII. Nações estrangeiras	25:1 - 32:32
VIII. Esperanças de restauração	33:1 - 39:29
IX. O estado restaurado	40:1 - 48:35

O conteúdo deste livro, conforme é considerado aqui, é tido como composição literária de Ezequiel.<sup>9</sup> O palco de seu ministério foi a Babilônia, estando ele entre seus companheiros de exílio. Embora Jerusalém seja o centro das discussões, nos capítulos 1 - 24, o contexto não requer que o autor estivesse na Palestina, após o chamamento de Ezequiel ao ministério profético.<sup>10</sup> Convém notarmos que ele discute a sorte de Jerusalém com os exilados, e em oportunidade nenhuma indica que dirigia a palavra aos residentes de Jerusalém em pessoa, conforme o fizera o profeta Jeremias.

I. Chamada e comissão de Ezequiel — 1:1 - 3:21	
Introdução	1:1-3
A visão da glória de Deus	1:3-28
O atalaia de Israel	2:1 - 3:21

A data era 593 a. C. No seu quinto ano em Babilônia, os cativos ainda não tinham qualquer perspectiva mais promissora de que retornariam prontamente à sua terra. Sentiam-se intranquilos e confusos, ao ouvirem os profetas falsos impugnarem os conselhos de Jeremias. A execução de dois profetas falsos, Acabe e Zedequias, por Nabucodonosor, evidentemente não nublou as esperanças populares de que regressariam a Jerusalém em futuro próximo. Em meio a essa confusão, Ezequiel foi chamado ao ministério profético.

O chamamento de Ezequiel foi deveras impressionante. Comparado com o majestoso espetáculo da visão de Isaías e com a comunicação simples feita a Jeremias, o chamamento de Ezequiel ao serviço profético pode ser descrito como fantástico. O meio ambiente era próximo ao rio Quebar nas circunvizinhanças da cidade de Babilônia. Não havia à vista qualquer templo com o qual ele pudesse associar a presença de Deus. Grande distância separava-o de Jerusalém, pelo que quando muito ele tinha memórias do santuário onde Deus manifestava Sua presença desde os dias de Salomão. Se a cidade de Babilônia estivesse ao alcance de sua vista, é possível que ele pudesse ver os grandes templos de Marduque e de outros deuses babilônios, honrados pelo conquistador triunfante, Nabucodo-

<sup>9</sup>Quanto a um sumário sobre várias teorias sobre a autoria do livro, veja Whitley, *op. cit.*, págs. 82 ss.

<sup>10</sup>Veja Howie, *op. cit.*, cap. I, "The Residence of Ezekiel", págs. 5-26, quanto a uma discussão sobre as diversas teorias acerca do local do ministério de Ezequiel. Howie conclui que o ministério inteiro de Ezequiel ocorreu na Babilônia. Whitley, *op. cit.*, págs. 94 ss., também aceita esse ponto de vista tradicional.

nosor. Naquele meio ambiente pagão, Ezequiel recebeu a vocação de ser porta-voz de Deus.

Ezequiel tomou consciência da presença de Deus por intermédio de uma visão (veja Ez 1:4-28). Inicialmente, sua atenção foi atraída por grande nuvem que relampejava com chamas de fogo. Surgiram quatro criaturas viventes que foram elaboradamente descritas, as quais zigue-zagueavam para frente e para trás como se fossem relâmpagos. Tais criaturas aparentemente tinham características naturais e sobrenaturais. Intimamente relacionada com cada criatura, havia uma roda que as acompanhava a cada movimento. Visto que o espírito das criaturas se encontrava nas rodas, sua conduta era espetacular, embora ordeira. Por meio de asas para cada criatura, elas se moviam por todo o firmamento. Ezequiel também viu um elevado trono, sobre o qual estava sentada uma figura que tinha a semelhança de forma humana, rodeada por um resplendor que era similar ao arco-íris. Sem explicar ou interpretar todas essas coisas, Ezequiel intitulou a manifestação inteira de aparição da semelhança da glória de Deus. Ali, em uma nação pagã, distante do templo de Jerusalém, Ezequiel tornou-se cômico da presença de Deus.<sup>11</sup>

Embora ele tivesse caído prostrado perante essa manifestação divina, Deus ordenou-lhe que se levantasse enquanto o Espírito o enchia e lhe permitia obedecer. Chamado de “filho do homem”, foi comissionado para ser mensageiro ao seu próprio povo, que se mostrava desobediente, obstinado e rebelde.<sup>12</sup> A mensagem lhe foi dada na forma de quadro simbólico. Foi-lhe ordenado que ingerisse um rolo de lamentações e ais, mas que tinha dulcíssimo sabor em sua boca. Avisado de antemão que o povo não lhe daria ouvidos e nem aceitaria sua mensagem Ezequiel recebeu a recomendação que não deveria temê-los. Quando afastou-se a glória de Deus, o Espírito tornou Ezequiel consciente da realidade literal que estava entre os exilados em Tel-Abibe, às margens do rio Quebar. Esmagado pelo que vira, ele ficou meditando sobre tais acontecimentos por sete dias.

Após uma semana de silêncio, Ezequiel foi comissionado para ser atalaia da casa de Israel (veja Ez 3:16-21). Vivendo entre seu povo, ele reconheceu sua própria responsabilidade de dar-lhes aviso. Se pusessem a despeito de suas advertências, ele não seria considerado culpado. Entretanto, se deixasse de avisá-los, e viessem a perecer, ele seria reputado o culpado pelo sangue deles. Ser atalaia fiel é uma questão de vida e morte.

## II. A condenação de Jerusalém — 3:22 - 7:27

A destruição é retratada	3:22 - 5:17
A idolatria atrai o juízo	6:1 - 7:27

Mediante ações simbólicas, Ezequiel não somente atraiu a atenção dos exilados, mas pintou vividamente a sorte iminente de Jerusalém. Sob ordens estritas de fazer-se mudo, falando a seus ouvintes somente quando fosse mandado pelo Senhor, Ezequiel traçou um esboço tosco de Jerusalém, em um tijolo de barro. Colocando máquinas de assédio e aríetes ao redor do tijolo, o profeta demons-

<sup>11</sup>A presença de Deus entre seu povo foi vividamente manifestada em uma nuvem, desde que foram livrados do Egito. Cf. Êx 14:19,20,24; Nm 10:11,12,34; etc. Quando Salomão dedicou o templo, a presença visível de Deus em uma nuvem foi identificada como a glória do Senhor. Cf. 2 Cr 5:14 e 7:3. Visto de Ezequiel era sacerdote, deve tê-lo surpreendido essa manifestação divina em um meio pagão tão afastado do templo.

<sup>12</sup>Tal designação foi usada, com exceção de Dn 7:13, exclusivamente acerca de Ezequiel, em todo o Antigo Testamento. Dava ênfase ao fato de que, na presença de Deus, o profeta era apenas um ser humano, um “filho de homem”.



trou a sorte futura imediata da cidade, a qual era tão bem conhecida e amada por seus ouvintes. Não havia necessidade de explicações verbais, porquanto estavam plenamente familiarizados com cada rua dessa cidade, de onde tão recentemente haviam sido removidos pelos babilônios conquistadores.

Por um período de 390 dias, Ezequiel ficou deitado de seu lado esquerdo, como representação simbólica da punição de Israel, o reino do Norte. Por 40 dias, ficou deitado de seu lado direito, dando a entender o julgamento que aguardava Judá, o reino do Sul. Durante esse tempo, as rações prescritas a Ezequiel, normais em períodos de cerco, se limitaram a cerca de 340 g de pão e menos de 100 g de água. Ao assar seu pão, Ezequiel foi instruído a usar excrementos humanos como combustível, retratando a imundícia de Israel. Isso pareceu tão abominável a Ezequiel que Deus permitiu que ele os substituísse por estrume comum de vacas. Uma interpretação razoável sugere que o profeta normalmente dormia a cada noite, mas durante o dia representava a sorte de Jerusalém, deitando-se de lado. Ele se recusava a conversar normalmente, e só falava quando isso lhe era determinado por Deus. Sem a menor dúvida, por causa de sua conduta, a comunidade inteira dos exilados, acabou vindo ver, numa e noutra oportunidade, a Ezequiel, em sua casa, para contemplar essa demonstração.<sup>13</sup>

Terminado esse período (veja Ez 5:1 ss.), quando o comportamento peculiar de Ezequiel já era conhecido por toda a colônia dos exilados, o povo deve ter ficado chocado ao vê-lo rapar a cabeça e a barba, dividindo criteriosamente os pelos em três partes iguais, por peso. Ao queimar uma terça parte, ao cortar em pedacinhos a outra terça parte com a espada, e ao espalhar o restante ao vento, Ezequiel demonstrou e anunciou realisticamente o que Deus faria com Jerusalém, no juízo. Um terço de sua população morreria de fome e pestilência, um terço cairia à espada, e um terço seria disperso pelos quatro ventos. Deus não teria misericórdia deles. Chegara o tempo de julgamento. A acusação contra eles é que tinham profanado o santuário de Deus com coisas abomináveis e detestáveis (veja Ez 5:11).

Os detalhes sobre a condenação iminente são claramente esboçados nos capítulos sexto e sétimo. Por onde quer que os israelitas tivessem adorado a ídolos, jazeriam espalhadas, por toda a parte, as vítimas da fome, da espada e da pestilência. Cadáveres caídos diante de seus altares serviriam de testemunhas silentes de que os deuses que tinham adorado não haviam podido salvá-los. Para efeito de ênfase, Ezequiel recebeu ordem de bater os pés no chão e bater palmas. Por meio desse severo julgamento Deus os obrigaria a reconhecerem ser Ele o Senhor.<sup>14</sup>

Uma destruição terrível se aproximava. A sentença divina, em todos os seus temíveis aspectos, estava prestes a ser executada contra Judá e Jerusalém. Injustiça, violência e orgulho seriam sujeitados à ira de Deus. Os negócios cessariam. Ninguém responderia ao brado de guerra da trombeta, que os convocava para a

<sup>13</sup>Veja H. L. Ellison, *Ezekiel: The Man and His Message* (Grand Rapids: Eerdmans, 1956), págs. 31-35, acerca de uma interpretação lógica. Em face das datas que aparecem em Ez 1:1 e 8:1, que permitem um intervalo de 413 dias, parece razoável a suposição de que os últimos 40 dias, do período de 390 dias relativos a Israel, e os 40 dias, atinentes a Judá, foram concomitantes, porquanto ambas as nações compartilharam do exílio. Para Israel, os 390 dias se estenderiam desde a divisão do reino, em 931 a. C., até aproximadamente 539 a. C., quando caiu a Babilônia. A Septuaginta diz 190, ao invés de 390, em Ez 4:5,9.

<sup>14</sup>A expressão "saibam que eu sou o Senhor" ocorre nessa forma simples por 54 vezes, havendo variações expandidas por outras 18 vezes. Deus se fazia conhecido através da graça ou do juízo, para que percebessem que Deus estava agindo. Quanto a uma discussão a respeito veja Ellison, *op. cit.*, págs. 37-39.

batalha. A espada os circundaria pelo lado de fora, ao passo que a inanição prevaleceria no interior de sua capital. Deus estava voltando para o outro lado o rosto, a fim de que profanassem abundantemente o Seu santuário e ladrões pudessem pilhá-lo. Por causa dos crimes de sangue praticados por eles, o Senhor traria contra eles os piores elementos dentre as nações. Profetas, sacerdotes, anciãos e o próprio rei haveriam de decepcioná-los, quando esse desastre se tornasse uma realidade em Judá. O Todo-poderoso estaria julgando-os verdadeiramente, com base em seus tremendos pecados.

### III. O templo abandonado por Deus — 8:1 - 11:25

O palco da visão	8:1-4
A idolatria em Jerusalém	8:5-18
O juízo executado	9:1 - 10:22
Misericórdia divina no juízo	11:1-25

No período de catorze meses, o espetacular ministério de Ezequiel despertou interesse e reação popular entre os exilados. O tema tão oportunamente apresentado da sorte de Jerusalém era a preocupação corrente entre aquele povo que anelava por voltar à sua cidade nativa na primeira oportunidade. Cultivavam a noção de que Deus não destruiria o templo, que representava a Sua glória e presença entre eles (veja Jr 7 - 12). No tempo devido (592 a. C.), veio conferenciar com o profeta uma delegação de anciãos. Enquanto os anciãos aparentemente aguardavam à sua frente, Ezequiel teve uma visão acerca das condições e dos acontecimentos próximos no templo (veja Ez 8:1 - 11:25). Essa mensagem foi relatada para eles, conforme é indicado pela declaração final da passagem.<sup>15</sup>

Qual é a análise sobre as condições que predominavam em Jerusalém, do ponto de vista divino, conforme foi revelado a Ezequiel? As condições religiosas estavam desesperadamente distantes da conformidade com a lei e com os padrões divinos. Embora a glória de Deus continuasse em Jerusalém, Ezequiel viu quatro horríveis cenas de prática idólatra, efetuadas nas sombras interiores do templo. Uma interpretação razoável consiste em reconhecer, juntamente com Keil, que nem todas essas práticas realmente tinham lugar no templo propriamente dito, mas que essa visão simboliza as condições idólatras prevalentes por toda a terra de Judá.<sup>16</sup>

Conspícua acima de tudo é a imagem do ciúme. Talvez se tratasse de uma representação do Deus de Israel, criada pelo homem - uma explícita violação do primeiro mandamento. Sem importar o que significasse tal coisa, a imagem do ciúme era horrenda provocação para o santo Deus de Israel.<sup>17</sup> Na qualidade de representantes de Israel, os setenta anciãos adoravam ídolos no interior do templo. Evidentemente tinham conceitos humanistas, destituídos da idéia de um Deus onisciente. À entrada do portão norte do templo, mulheres choravam por Tamuz, o deus da vegetação que supostamente morria no calor do verão e retornava à vida quando da estação chuvosa.<sup>18</sup> No átrio interior, entre o pórtico e o

<sup>15</sup>Ellison, *op. cit.*, Pág. 40, sugere que Ezequiel falava intermitentemente aos anciãos à sua frente.

<sup>16</sup>Veja C. F. Keil, *Commentary on Ezekiel*, na referência de Ez 8:1-4.

<sup>17</sup>Segundo G. E. Wright, *The Old Testament against its Environment*, págs. 24 ss., nenhuma imagem de Iahweh foi jamais encontrada pelos arqueólogos.

<sup>18</sup>Quanto a uma descrição mais completa, veja G. A. Cooke, *Ezekiel I*, págs. 96, 97. Ele apresenta um antigo rito religioso que data de cerca de 3000 a. C., na Babilônia. Na sua forma popular, esse mito era comum nos tempos vetero-testamentários, desde Canaã até a Babilônia.

altar, vinte e cinco homens estavam de rostos voltados para o oriente, adorando o sol, o que fora explicitamente proibido (veja Dt 4:19 e 17:3).<sup>19</sup>

Essa provocação levava Deus a descarregar Sua ira sob a forma de julgamento. Executores haviam sido convocados. A glória de Deus mudou-se de sobre os querubins para o limiar do templo. Entretanto, a misericórdia antecederia ao juízo, porquanto um homem vestido de linho assinalava a todos os indivíduos que porventura deplorassem a idolatria que prevalecia no templo. Começando pelos anciãos, no templo, os seis carrascos percorreram a cidade inteira de Jerusalém, matando a todos os que não trouxessem o sinal em suas testas. Dominado pela tristeza, Ezequiel rogou misericórdia da parte de Deus; mas foi lembrado que Jerusalém estava repleta de sangue derramado e injustiça. Era o tempo da ira - Deus havia esquecido aquela terra.

Quando o homem vestido de linho anunciou que já havia identificado e assinalado a todos os justos que havia na cidade, Ezequiel viu a manifestação da glória de Deus, a mesma que vira ao tempo de sua chamada. Nessa aparição, as criaturas vivas, de pé no lado sul do templo, são identificadas como querubins. O homem vestido de linho, em seguida recebeu uma ordem divina para que entrasse sobre as rodas que giravam e os querubins, a fim de retirar brasas acesas e as espalhasse por sobre a cidade de Jerusalém. A glória divina, ato contínuo, transferiu-se do átrio para o portão oriental do templo.

Pelo Espírito, Ezequiel foi conduzido para o portão oriental, onde estavam reunidos vinte e cinco homens, responsáveis pelo bem estar de Jerusalém (veja Ez 11:1-13). Sob a liderança de Jaazania e Pelatias, dois príncipes cuja identidade é incerta, aqueles homens interpretavam erroneamente as advertências e repousavam tranqüilos, na esperança de que Jerusalém haveria de protegê-los dos juízos divinos.<sup>20</sup> Tal falácia foi evidenciada para Ezequiel com a morte de Pelatias. Jerusalém não seria como caldeirão que os protegesse da vindoura condenação eles seriam julgados nas fronteiras de Israel. O povo de Deus havia desobedecido a Seus mandamentos, moldando-se ao padrão de comportamento das nações circunvizinhas.

Atônito, Ezequiel caiu rosto em terra diante de Deus, implorando-Lhe que salvasse um remanescente. Em resposta, foi-lhe assegurado que Deus, que dispersara o povo, haveria de recolhê-los de volta à sua terra de origem. Na terra de exílio, além disso, Deus seria um santuário para eles. Quando forem reconduzidos à terra de Israel, Deus lhes conferirá um espírito novo e um coração de carne, que os tornarão inclinados à obediência.

Em conclusão, Ezequiel contemplou, em sua visão, o afastamento da presença de Deus. A glória de Deus, que pairara por sobre Jerusalém, agora se transportou para as montanhas a leste da cidade. Jerusalém e seu templo haviam sido abandonados à mercê do juízo. A destruição iminente era agora questão de tempo.

Essa visão (veja Ez 8:11) revelou a Ezequiel as condições de Jerusalém, con-

<sup>19</sup>A posição desses homens parece justificar a inferência que eles representam o sacerdócio. Ellison, *op. cit.*, pág. 43, além de outros, identifica isso com a adoração de Samás, o deus-sol da Babilônia, acusando aqueles 25 líderes de reconhecerem que os deuses babilônios estavam derrotando o Deus Iahweh de Israel.

<sup>20</sup>Ellison, *op. cit.*, págs. 45-47, interpreta isso como uma predição sobre as condições existentes durante o cerco, poucos anos mais tarde. Os líderes pró-egípcios ignoraram os avisos de Jerusalém, na confiança de que Jerusalém poderia resistir, conforme indica sua fanática confiança no templo (veja Jr 7:4). Entretanto, esses líderes foram executados em Ribla (veja 2 Rs 25:18-21).

forme a concepção de Deus. Na qualidade de ex-cidadão de Jerusalém, Ezequiel estava familiarizado com a idolatria prevalecente; mas agora, que era atalaia comissionado para vigiar a casa de Israel, ele compartilhava da perspectiva divina. O cálice da iniquidade de Judá estava quase cheio. Essa revelação divina foi por ele compartilhada com os exilados (veja Ez 11:25).

#### IV. Os líderes condenados — 12:1 - 15:8

Demonstração do exílio	12:1-20
Os falsos líderes	12:21 - 14:11
As desesperadoras condições	14:12 - 15:8

As ações simbólicas de Ezequiel interpretaram, perante os seus ouvintes israelitas de Babilônia, as amargas experiências que aguardavam os residentes que ainda restavam em Jerusalém. Em extremo patética é a saída final de um cidadão que se viu forçado a abandonar seu lar, sabendo que sua cidade estava condenada e que ele mesmo se dirigia ao exílio. Ezequiel demonstrou isso simbolicamente, ao sair de sua casa através de um rombo feito na parede, levando nos ombros um embrulho que continha alguns poucos objetos necessários. Por semelhante modo, o príncipe de Jerusalém sairia por fim da capital de Judá (veja Ez 12:1-16). Retratando as condições durante os últimos dias do assédio, Ezequiel pôs-se a comer ansiosamente seu pão e a beber sua água com temor e tremor (veja Ez 12:17-20).

Os líderes religiosos eram os responsáveis pela ilusão em que vivia o povo, porquanto lhes haviam garantido a paz, embora a ira de Deus estivesse esperando por eles. As mulheres, por igual modo, eram culpadas de ter feito o povo acreditar em mentiras.<sup>21</sup> Todos quantos profetizavam falsamente foram condenados por suas palavras malignas. Ezequiel acusou ousadamente os anciãos, que compareceram à sua presença a fim de inquirir o Senhor, de guardarem ídolos em seus corações. E então exortou-os para que se arrependessem, a fim de que a ira de Deus não lhes sobreviesse.

Jerusalém se tornara tão pecaminosa que ninguém poderia salvá-la da destruição (veja Ez 14:12 - 15:8). Mui provavelmente o povo acreditava que devido à existência de um grupo de pessoas retas na cidade, Deus adiaría Seu juízo, conforme já o fizera no passado. Em aviso solene e final, Ezequiel revelou aos seus ouvintes que mesmo que Noé, Daniel e Jó se encontrassem em Jerusalém, Deus não pouparia a cidade. Esses homens de Deus poderiam tão-somente salvar a si mesmos. Qual vinha numa floresta prestes a ser incendiada, assim também os habitantes de Jerusalém esperavam o julgamento divino.

#### V. O povo escolhido de Deus é condenado — 16:1 - 19:14

A história espiritual de Israel	16:1-63
O rei infiel	17:1-24
A responsabilidade é individual	18:1-32
Lamentação pelos príncipes de Israel	19:1-14

<sup>21</sup>“Feiticeiras” seria termo moderno melhor do que “profetizas”, para as mulheres descritas em Ez 13:17-23, de conformidade com Ellison, *op. cit.*, págs. 56-57. As únicas outras “profetizas” mencionadas nas Escrituras são Miriã, Débora, Hulda e Noadiah.

Por meio de linguagem alegórica, Ezequiel descreveu a corrupção da religião dos israelitas. Quando Israel se encontrava impotente como um recém-nascido, fora escolhido por Deus e fora ternamente alimentado como o povo eleito pelo Senhor. Tendo desfrutado dessas bênçãos abundantes, a nação de Israel mostrou-se tão deliberada em sua apostasia como uma prostituta em seus caminhos pecaminosos. Ao invés de consagrar-se a Deus, ela havia abusado das possessões materiais que lhe tinham sido doadas tão abundantemente. Pais haviam oferecido seus próprios filhos em sacrifícios a ídolos. Com a passagem do tempo, chegaram a lisonjear nações pagãs, atrás de sua simpatia, como o Egito, a Assíria e a Caldéia. A queda de Samaria deveria ter sido interpretada como uma oportuna advertência.<sup>22</sup> A acusação formulada contra Judá foi concluída com uma promessa de restauração (veja Ez 16:53-63). Deus haverá de lembrar-se da aliança feita com eles, em reconciliação, após serem devidamente castigados por seus pecados.

Em outra alegoria ou enigma (veja Ez 17:1-24), Ezequiel expôs a condenação política de Judá, que ilustra especificamente o capítulo anterior. O rei da Babilônia, à semelhança de uma águia ou abutre que esvoaça por cima do topo de um cedro, decepou a dinastia davídica. O rei substituto, que obviamente foi Zedequias, haveria de romper seu acordo com a Babilônia, voltando-se para o Egito, atrás de ajuda, ao invés de confiar em Deus. Em consequência, seria levado cativo, para morrer na terra do seu exílio.

Evidentemente os exilados tinham chegado à conclusão de que estavam sofrendo por causa dos pecados de seus antepassados (veja Ez 18:1 ss.) Sem sombra de dúvida, o exílio servia de castigo coletivo (veja Ez 11:14-21); mas em termos claramente definidos, Ezequiel traçou uma linha demarcatória entre os justos e os injustos. Embora todos devam sofrer no presente, a distinção final entre eles é uma questão de vida ou morte. Os injustos perecerão - os justos sobreviverão. Da mesma maneira que as leis fundamentais do Pentateuco foram dirigidas a indivíduos, assim também Ezequiel ressalta aqui a responsabilidade de cada israelita.

Tendo cuidado do problema do indivíduo, Ezequiel reverte ao tema de importância primacial - a sorte de Judá e Jerusalém. Em uma lamentação (veja Ez 19:1-14), ele exprime uma patética cena, a qual pinta o príncipe de Judá como se fora um leão enjaulado e preso por ganchos, a fim de ser deportado para Babilônia. Ele lamenta que a destruição do reino venha a ser tão completa que não restará nem mesmo um tronco forte, e nem mesmo um cetro para algum governante.<sup>23</sup>

#### VI. A última medida completa — 20:1 - 24:27

O fracasso de Israel	20:1-44
Julgamento em processo	20:45 - 22:31
Consequências da infidelidade	23:1-49
Ezequiel temperado para o juízo	24:1-27

Por dois anos, o profeta, na qualidade de atalaia, advertira fielmente ao povo. Uma vez mais, no ano de 591 a. C., uma delegação de anciãos veio sentar-se dian-

<sup>22</sup>Cf. Jr 3:6-13.

<sup>23</sup>Cf. Is 6:13.

te dele para inquirir o Senhor. Zedequias continuava ocupando o trono, em Jerusalém.

Uma vez mais Ezequiel passou em revisão a história de Israel. Dessa vez ele destacou o fato de que Deus escolhera a nação de Israel no Egito, dando-lhe a lei e trazendo-a para a terra de Canaã. No entanto, tinham-No provocado constantemente com os seus ídolos, com seus ritos pagãos e com seus sacrifícios. Indignado, Deus haverá de dispersá-los, embora, por fim, volte a trazê-los por amor a Seu próprio nome, embora desta vez purificados (veja Ez 21:1-44).

Essa revisão salienta sobretudo o julgamento que ocorreria, como uma consequência natural. Deus estava acendendo uma fogueira que consumiria o Neguebe (veja Ez 20:45-49). Estava afiando a Sua espada, porquanto lançaria o rei da Babilônia em juízo contra Jerusalém (veja Ez 21 - 22). Os príncipes judeus haviam derramado sangue inocente, o povo judeu se tornara culpado de males sociais, transgredindo a lei e olvidando-se de Deus. Jerusalém tornar-se-ia, portanto, um cadinho ou fornalha que purificaria o povo, enquanto Deus derramasse a Sua ira.

O pecado das alianças estrangeiras é significativamente descrito no capítulo vinte e três, no qual Samaria, apelidada Oolá, e Jerusalém, alcunhada Oolibá, são acusadas de prostituição. As alianças estabelecidas com nações estrangeiras, que com freqüência envolviam o reconhecimento dado a divindades pagãs, constituíam ofensas sérias contra Deus.<sup>24</sup> Infelizmente, Judá não aceitou como um aviso a queda de Samaria (722 a. C.). Por motivo de seus pecados, Jerusalém foi advertida de que seus amantes caldeus se avizinhavam, trazendo contra os judeus o juízo divino.<sup>25</sup> O cálice da ira de Deus estava à mão.

No dia exato (15 de janeiro de 588 a. C.) em que os exércitos babilônios lançaram cerco a Jerusalém, Ezequiel recebeu uma outra mensagem (veja Ez 24).<sup>26</sup> Não é esclarecido, entretanto, se ele dramatizou a mesma por meio de ações simbólicas, ou se a expressou verbalmente, como uma alegoria. Tendo à sua frente um cordeiro selecionado na panela, que representava Jerusalém, Ezequiel retirou dali o conteúdo, para ser destruído. A panela, com manchas de ferrugem, que simbolizavam máculas de sangue, foi posta novamente sobre o fogo até dissolver-se. No processo de dissolução, foram removidas as máculas de sangue ilustrando claramente que os pecados sangüinários de Jerusalém só podiam ser removidos por meio da total destruição. No decurso dessa apresentação, faleceu a esposa de Ezequiel. A fim de servir de sinal significativo para seus ouvintes, a Ezequiel foi ordenado que não fizesse lamentações em público. Nem deveria o povo judeu lamentar, quando recebessem a notícia sobre a destruição do templo de Jerusalém. O Deus soberano assim fazia para mostrar e para que soubessem que Ele é o Senhor. Em conclusão, Deus garante a Ezequiel de que quando as notícias acerca da sorte de Jerusalém chegassem a seu conhecimento, terminaria seu mutismo.

<sup>24</sup>O pedido por um rei, nos dias de Samuel (veja 1 Sm 8:5), refletiu o fato de que os israelitas estavam impressionados com os reis pagãos. Salomão firmara aliança com o Egito (veja 1 Rs 3:1). No reino do Norte, Jeú pagara tributo ao monarca assírio, Salmaneser III, conforme é indicado no Obelisco Negro; veja Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, pág. 280. O reino de Judá foi envolvido de modo seríssimo com a Assíria, sob Acáz (veja 2 Rs 16:7 e Is 7:1-17), o qual desafiou a Isaias firmando um tratado com Tiglate-Pileser III. Note-se igualmente Zedequias e os babilônios, em Is 39:6.

<sup>25</sup>Note-se o aviso sobre a condenação de Jerusalém, que é anunciada por Isaias. Cf. Is 39:6 e 2 Rs 20:17.

<sup>26</sup>Ano nono, mês décimo e dia décimo - 15 de janeiro de 588 a. C. Cf. Parker e Dubberstein, *Babylonian Chronology*, pág. 26, e Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, pág. 164. Note-se também Jr 39:1 e 2 Rs 25:1.

## VII. Nações estrangeiras — 25:1 - 32:32

Amom, Moabe, Edom e Filístia	25:1-17
Fenícia	26:1 - 28:26
Egito	29:1 - 32:32

As profecias datadas, constantes desses capítulos, com exceção da de Ez 29:17-21, ocorreram entre os anos décimo e décimo segundo do cativeiro de Ezequiel. Isso se aproxima do período do assédio de Jerusalém por Nabucodonosor (588 - 586 a. C.). Visto que era iminente a capitulação de Jerusalém, sem dúvida foi levantada a indagação sobre qual seria o papel das outras nações, em relação ao plano divino para com Judá. Elas também seriam sujeitadas a juízo?

No capítulo inicial desta passagem, os amonitas, moabitas, edomitas e filisteus são denunciados em razão de seu orgulho e por causa de sua atitude de satisfação ante a sorte de Judá. Embora se tivessem aliado a Judá, quando do conluio contra a dominação babilônica (veja Jr 27:3), essas nações abandonaram os judeus para que sofressem sozinhos o peso da invasão de Nabucodonosor. A execução contra essas nações teria começo no período subsequente, mas o cumprimento completo desta predição terá de esperar pelo estabelecimento final da supremacia de Israel sobre suas próprias terras. Por intermédio de Israel Deus haveria de vingar-se de Edom (veja Ez 25:14).

As passagens mais longas são endereçadas contra as cidades fenícias de Tiro e Sidom, bem como contra o Egito. Enquanto as forças babilônicas se concentravam em Jerusalém, os exilados devem ter ficado admirados por qual razão a Fenícia e o Egito tinham escapado do assalto vingativo de Nabucodonosor.

Em análise mais extensa, Ezequiel aborda a sorte de Tiro e seu príncipe, mediante uma apropriada lamentação para cada qual (veja Ez 26:1 - 28:19). Sidom, que era de secundária importância, recebe consideração apenas superficial (veja Ez 28:20-23). Em contraste com isso, Israel será restaurada (veja Ez 28:24-26). A condenação de Tiro era certa, pois Deus haveria de lançar Nabucodonosor contra ela.<sup>27</sup> A lamentação sobre Tiro retrata a perda da glória e da supremacia de que ela gozava, devido à sua estratégica localização, à beleza de sua arquitetura, ao seu poder militar e, acima de tudo, às suas fabulosas riquezas comerciais.<sup>28</sup> Sidom, por igual modo, não escaparia à destruição (veja Ez 28:24-26).

Como paralelo da queda de Tiro, Ezequiel valeu-se da sorte do príncipe que governava a cidade e o reino de Tiro (veja Ez 28:1-10). Embora fosse um deus aos seus próprios olhos, o rei de Tiro era apenas um homem, até onde isso envolve a Deus. Por causa de suas vãs aspirações ele seria removido do trono.

O Egito, que usualmente desempenhava papel crucial nas relações internacionais de Judá, recebe extensa consideração nessas profecias (veja Ez 29 - 32). Em suas associações com Israel, a nação do Egito era como uma cana, tendo abandonado os judeus vitimados pelas conquistas estrangeiras quando isso lhe pareceu necessário. O Egito e seus governantes também foram acusados de orgulho-

<sup>27</sup>O assédio contra Tiro, 586 - 573 a. C., terminou quando Etbaal, rei de Tiro, reconheceu a supremacia dos babilônios. A cidade localizada na ilha não foi conquistada até que Alexandre o Grande construiu um caminho elevado, em 332 a. C., que a obrigou à total submissão.

<sup>28</sup>Quanto a um breve estudo sobre essa profecia, veja Ellison, *op. cit.*, págs. 99-116.

Faraó se vangloriava de que o rio Nilo, do qual o Egito dependia para existir, fora criado por ele.

Conquista e pilhagem aguardavam o Egito. Embora o Egito viesse a ser restaurado após um período de quarenta anos de desolações, nunca mais haveria de assumir sua anterior posição. Jamais haveria de servir novamente de motivo para falso senso de segurança para Israel. Deus enviaria Nabucodonosor ao Egito, o qual despojaria as riquezas dessa nação, ao mesmo tempo que homens perversos se apossariam de suas terras. Os atos de julgamento divino se evidenciariam na forma da destruição dos ídolos existentes em Mênfis e na forma da derrota das multidões de Tebas.

À guisa de advertência, o Egito foi comparado à Assíria, que se elevava qual cedro do Líbano, acima das demais árvores (veja Ez 31:1-18).<sup>29</sup> À semelhança do poderoso reino da Assíria, o Egito cairá. Ezequiel compara a destruição do Egito com sua descida ao hades. Um ano e dois meses mais tarde, depois que Ezequiel ouviu falar da queda de Jerusalém, ele lamentou uma vez mais a iminente humilhação do Egito (veja Ez 32:1-16). O cântico fúnebre (veja Ez 32:17-32), talvez datado do mesmo mês,<sup>30</sup> expande a lamentação, alistando seis nações que já se achavam no hades. O Egito, em sua desgraça, reunir-se-á a tão grandes potências mundiais quanto a Assíria, o Elão, Meseque-Tubal e outras nações próximas, como Edom, os sidônios e os príncipes do norte - sem dúvida uma alusão aos governantes sírios. Todas essas nações darão as boas vindas ao Egito, no hades, no dia de sua calamidade.

#### VIII. Esperanças de restauração — 33:1 - 39:29

O atalaia é recomissionado	33:1-33
Os pastores de Israel	34:1-31
Contraste entre Edom e Israel	35:1 -36:38
Promessa de restauração e triunfo	37:1 - 39:29

A mensagem de Ezequiel foi ajustada à época em que ele vivia. Desde o tempo de seu chamamento, em 593 a. C., ele vinha dando a entender, por meio da palavra falada e das ações simbólicas, qual seria a sorte de Jerusalém. Durante o assédio real de Jerusalém, foi-lhe dada uma mensagem concernente ao lugar das nações estrangeiras na economia do Deus de Israel. Estando consumada a destruição de Jerusalém, Ezequiel uma vez mais dirigiu a sua atenção para as esperanças nacionais de Israel.

Um fugitivo de Jerusalém anunciou a Ezequiel e aos exilados, em janeiro de 585 a. C., que a cidade verdadeiramente capitulara ante o exército babilônico. Sem dúvida alguma, relatos dados em Babilônia já haviam anunciado antes a conquista de Judá. Mui provavelmente, a data fixada (veja Ez 33:21, 22) está inti-

<sup>29</sup>Essa mensagem é datada em maio/junho de 587 a. C. Os exilados tinham esperanças de que o Egito salvaria Jerusalém da destruição pelos babilônios, os quais tinham dado início ao cerco em janeiro de 588 a. C.

<sup>30</sup>Keil, *op. cit.*, nessa referência, sugere que isso fora composto catorze dias mais tarde, no décimo segundo mês (cf. 32:1). Devido a um erro de copista, o mês foi omitido aqui. A RSV segue o grego e insere o primeiro mês. Visto que 32:1 é datado no décimo segundo mês, parece razoável datar isso no mesmo mês, dando margem à seqüência cronológica.



mamente relacionada ao conteúdo inteiro desse capítulo.<sup>31</sup> Deus, que havia revelado anteriormente, a Ezequiel, o fato da queda de Jerusalém, no dia da véspera da chegada desse mensageiro, agora ordenou ao profeta que falasse novamente. O fim de seu período de mutismo foi sinal de confirmação divina (veja Ez 24:27). Deus já havia condicionado Ezequiel ao lembrar-lhe que ele era o atalaia da casa de Israel (veja Ez 33:1-20). Endereçado novamente como “filho do homem”, ele tinha a responsabilidade de advertir ao seu povo.

Após a chegada do fugitivo, Ezequiel foi preparado para a mensagem de transição (veja Ez 33:24-33). O remanescente impenitente da Palestina, agora transferira sua confiança do templo arruinado para o fato de que eram descendentes de Abraão.<sup>32</sup> Estando Jerusalém arruinada, certamente nenhum dos ouvintes de Ezequiel era bastante tolo para pensar que podia arquitetar uma bem sucedida rebeldia contra Nabucodonosor. Ezequiel foi avisado de que o povo se mostraria curioso bastante para ouvir a sua mensagem, mas que não se mostraria obediente.

O tema da esperança começa com uma discussão sobre os pastores de Israel (veja Ez 34:1-31). Em contraste com os profetas falsos, que são condenados devido ao seu egoísmo, Deus é retratado como o verdadeiro Pastor de Israel.<sup>33</sup> Contemplando-se o futuro distante, os israelitas foram assegurados de que haveria restauração nacional. Estabelecendo uma aliança de paz com eles, Deus os estabelecerá na sua própria terra, para que desfrutem de bem-aventuranças ilimitadas, sob o pastor que é identificado como “meu servo Davi”.<sup>34</sup> Visto que a história não contém o cumprimento dessa promessa feita a Israel, parece razoável anteciparmos sua concretização ainda no futuro.

A tese da restauração de Israel é desenvolvida (veja Ez 35:1 - 36:38) em contraste com a antítese da destruição de Edom. Edom ou monte Seir foi acusado de inimizade, ódio sangüinário, cobiça pela terra de Israel, e até mesmo de blasfêmia contra Deus.<sup>35</sup> Edom, incluindo todas as nações (veja Ez 36:5), estava assinalado para a devastação. Contrastantemente, Israel será recolhido dentre todas as nações, e uma vez mais defrutará do favor de Deus em sua própria terra. Israel havia profanado o nome de Deus entre as nações, mas Deus agirá a fim de trazê-lo de volta a sua própria terra, por amor ao Seu nome. Por meio de íntima transformação, Deus haverá de conferir-lhe um novo coração e um novo espírito, purificando-o em preparação para vir a ser Seu povo.

É indubitável que tanto Ezequiel quanto seus ouvintes não tinham certeza sobre como isso sucederia. Com Jerusalém arruinada e o povo exilado, as perspec-

<sup>31</sup>Ellison, *op. cit.*, pág. 118, diz “décimo primeiro”, em 33:21, com base em oito manuscritos hebraicos, alguns manuscritos da Septuaginta e o siríaco, que identificam essa data como agosto de 586 a. C. Cf. também Doederlein e Hitzig, em comentários, nessa referência. G. A. Cooke, em *ICC ad loc.*, supõe que havia dois métodos de datar. De acordo com Thiele, em seu estudo completo sobre a cronologia, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, pág. 161-166, e o gráfico às págs. 74-75, Zedequias fugiu de Jerusalém a 19 de julho de 586 a. C., e a destruição final de Jerusalém começou a 15 de agosto de 585 a. C. Embora normalmente fosse uma jornada de três meses, esse fugitivo particular chegou entre os exilados em janeiro de 585 a. C.

<sup>32</sup>Cf. Jr 40-43 quanto à atitude do remanescente, que não se dispunha a seguir os conselhos de Jeremias.

<sup>33</sup>“Pastor” é termo usado aqui metaforicamente com o sentido de “rei”, de acordo com Ellison, *op. cit.*, pág. 121. Veja Sl 23 quanto ao pastor perfeito. Também João 10.

<sup>34</sup>Veja Ellison, *op. cit.*, págs. 119-122, quanto a um sumário dos governantes pasados e presentes de Israel, que indica que durante o período de governo persa e romano, nenhum indivíduo da linhagem de Davi foi jamais reconhecido rei.

<sup>35</sup>Esaú e seus descendentes, conhecidos como edomitas, se estabeleceram no monte Seir, ao sul do mar Morto (veja Gn 36). Note-se a contínua animosidade, nos dias do Antigo Testamento, entre Israel e Edom (Cf. Nm 21, etc.).

tivas para o futuro eram vagas. Em Ez 37:1 - 39:29, a restauração triunfal de Israel acima de todas as nações é desenvolvida e retratada. Por meio de revelação divina Ezequiel chegou a perceber que isso se concretizaria.

O Espírito do Senhor levou Ezequiel até o meio de um vale repleto de ossos secos. Deus deu ordem ao profeta para que falasse aos ossos. Para sua grande admiração, Ezequiel viu os ossos assumirem vida. Esse reavimento de ossos secos significava o reavivamento e a restauração da casa inteira de Israel - incluindo tanto o reino do Norte quanto o reino do Sul. Esses reinos serão reunidos, quando os Israelitas forem recolhidos dentre as nações, com a promessa específica de que um único rei governará sobre eles. Esse governante ou pastor, novamente chamado de "meu servo Davi", será príncipe para sempre ao mesmo tempo que o povo se ajustará aos estatutos e às ordenanças de Deus. Na terra de Israel Deus instalará uma vez mais o Seu santuário, de tal modo que todas as nações perceberão que ele santificou e purificou a Sua nação de Israel.

O estabelecimento de Israel não passaria sem ser observado e impugnado. Nações provenientes das porções mais extremas do norte, notavelmente Gogue e Magogue, amontoarão seus exércitos a fim de combater contra Israel nos últimos dias. Por estar vivendo em cidades sem muralhas e desfrutando de prosperidade sem precedentes, Israel tornar-se-á o objeto cobiçado pelos exércitos invasores vindos do norte. Todavia, aquele será um tempo de vindicação divina. As forças da natureza, na forma de terremoto, chuva inundante, saraiva, fogo e enxofre, cairão contra o feroz intruso. Confusão, derramamento de sangue e pestilência prevalecerão, enquanto as forças invasoras se destroçam mutuamente. Aves de rapina e feras devorarão os exércitos de Gogue e Magogue, e o inimigo será reduzido à impotência, o que permitirá o povo de Israel a recolher os despojos de guerra. Durante sete meses sepultarão os mortos e purificarão a sua terra.

Enquanto todas as nações tomarão consciência dos juízos divinos, Israel recebe a certeza da restauração de sua boa sorte. Os israelitas habitarão com segurança na sua terra, e ninguém jamais os assustará novamente. Nenhum israelita ficará entre as nações, quando Deus derramar sobre eles do Seu Espírito.

#### IX. O estado restaurado — 40:1 - 48:35

O novo templo	40:1 - 43:12
Regulamentos da adoração	43:13 - 46:24
A terra da bênção	47:1 - 48:35

A estação da Páscoa, durante o mês de Nisã (572 a.C.), indubitavelmente lembrou aos exilados o maior milagre que Deus jamais realizara em favor de Israel, quando livrou-os do poder da servidão egípcia. Durante os catorze anos que se haviam escoado desde a destruição de Jerusalém, os exilados provavelmente se ajustaram a seu novo meio ambiente, sumindo-lhes qualquer esperança de retorno imediato. Quando muito, se cria na predição de Jeremias acerca de um período de setenta anos de exílio; somente alguns dentre aquele povo tinham esperança de retornar a Jerusalém. É claro que a promessa de restauração final, feita por Ezequiel, assegurou-lhe o amor e o cuidado de Deus por sua nação de Israel.

Ezequiel teve outra visão. De maneira similar à revelação registrada nos capítulos 8 - 11, o profeta viu a realidade da restauração. Uma vez mais o ponto focal

foi o templo de Jerusalém, o que simbolizava a presença real de Deus entre Seu povo. Um homem de nome desconhecido, mui provavelmente um anjo do Senhor, conduziu Ezequiel em uma excursão dirigida pelo templo, suas cercanias e a terra da Palestina. A glória de Deus, que anteriormente havia abandonado o templo para ser destruído, agora retornava a esse sagrado santuário. Uma vez mais Deus habitará entre o Seu povo. Ezequiel foi instruído a tornar-se um observador, nesse roteiro dirigido pela restaurada nação de Israel. Tudo quanto ele viu e ouviu, compartilhou com seus companheiros de exílio (veja Ez 40:4).

Da posição vantajosa de uma alta montanha, Ezequiel contemplou uma estrutura semelhante a cidade, que representava o templo e suas proximidades.<sup>36</sup> Seu guia, trazendo uma vara de medir na mão, pesquisou cuidadosamente as muralhas da área do templo, bem como os diversos edifícios, enquanto conduzia Ezequiel nesse impressionantíssimo passeio. Como ponto culminante no trajeto pelo templo, houve o reaparecimento da glória de Deus, a qual Ezequiel identificou como a mesma revelação que lhe fora dada no canal do rio Quebar (cf. Ez 1 e 8 - 11). Ezequiel recebeu a certeza de que, nesse novo templo, Deus estaria estabelecendo Sua habitação eterna entre Seu povo. Nunca mais haveriam eles de profanar o nome de Deus com a idolatria. Essa mensagem de Ezequiel sobre o templo restaurado oferecia esperança aos penitentes e contritos entre os ouvintes de Ezequiel. Esses foram encorajados a moldar suas vidas em obediência aos requisitos divinos (veja Ez 43:10-13).

Novos regulamentos sobre a adoração aceitável são cuidadosamente prescritos (veja Ez 43:13 - 46:24). Ezequiel contemplou o altar e tomou nota das oferendas e sacrifícios que proverão ao povo uma base aceitável para aproximarem-se os homens de Deus. Quando chegou ao templo propriamente dito, Ezequiel prostrou-se, reconhecendo a glória de Deus que tomara conta do santuário. Uma vez mais foi instruído a ressaltar bem as instruções concernentes às ordenanças e aos indivíduos que terão permissão de officiar no novo templo. Por haver desobedecido à aliança e por ter profanado o templo com a idolatria, o sacerdócio será sujeitado a um severo castigo. Deus abençoará à nação de Israel com um sacerdócio restaurado e com um príncipe que ensinará ao povo, que estabelecerá a justiça e que observará festividades e estações.

A visão culmina no roteiro de Ezequiel pela terra de Israel (veja Ez 47:1 - 48:35). Começando pela porta do templo, ele percebeu um rio que fluía na direção sul de debaixo do limiar do templo e descia para o Arábá, provendo água fresca para uma abundante vida marinha e para irrigação da terra, visando à produção de frutos da terra. A região inteira adquiria vida nova, florescendo a indústria pesqueira e os pomares pela terra inteira. A terra de Canaã será criteriosamente dividida, com faixas de terreno para cada tribo, desde a entrada de Hamate, ao norte, até o rio do Egito, ao sul. O príncipe e os levitas receberão por partilha certa porção de terras contíguas à cidade onde estará localizado o templo.<sup>37</sup> Essa cidade, na qual a presença divina se manifestará com a glória de Deus, é identificada como “O Senhor está ali”.

<sup>36</sup>Quanto a um diagrama do templo e suas edificações, conforme esta descrição, veja F. Davidson, *O Novo Comentário da Bíblia*, sob o artigo “Ezequiel”, págs. 813-814.

<sup>37</sup>O tema básico de Ez 33 - 48, de que Israel será restaurado à sua própria terra, como potência suprema sob o governo de um príncipe, concorda com o mesmo tema em Isaías, que assegura para Israel um período de absoluta paz universal, quando Sião será o centro de todas as nações, debaixo do controle de seu governante ideal, o qual porá em execução retidão perfeita. Cf. Is 2, 4, 11, 35 e 65 - 66.

Israel restaurado à terra prometida - essa é a esperança que Ezequiel tinha para apresentar à sua geração, na terra do exílio. Deus recolherá Seu povo em triunfo, abençoando-os uma vez mais.

### LEITURAS SELECIONADAS

- Blackwood, A. W., Jr. **Ezekiel**. Grand Rapids: Baker Book House, 1965.
- Cooke, G. A. **Ezekiel** (ICC). Nova Iorque: Scribner's, 1937.
- Ellison, H. L. **Ezekiel: The Man and His Message**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1956.
- Fairbairn, P. **An Exposition of Ezekiel**. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1960.
- Gaebelein, A. C. **The Prophet Ezekiel**. Nova Iorque: Our Hope Press, 1921
- Howie, C. G. **The Date and Composition of Ezekiel**. Filadélfia: Journal of Biblical Literature Monograph series, vol. IV, 1950.
- Ironside, H. A. **Ezekiel**. Nova Iorque: Loizeaux Brothers, Inc., 1953.
- Whitley, C. F. **The Exilic Age**. Londres: Westminster Press, 1957.

## Capítulo XXI

### Daniel - Estadista e Profeta

Proeminente entre os exilados judeus na Babilônia, Daniel obteve a dupla distinção de ser político e profeta. Elevando-se do estado servil para a condição de estadista, ele prosperou na liderança política sob monarcas babilônios e medo-persas durante mais de seis décadas. Entretidas no livro que traz seu nome, encontram-se as experiências pessoais de Daniel, bem como as revelações proféticas concernentes a acontecimentos futuros.<sup>1</sup>

Daniel nascera no reino de Judá, durante o reinado de Josias, e provavelmente ainda era adolescente quando foi levado para o cativeiro em 605 a. C. No capítulo inicial de seu livro, ele reflete as convicções religiosas de Josias e de Jeremias, o qual certamente deve ter exercido influência sobre ele e sobre outros jovens judeus de sua época.

Embora as esperanças de Judá, acerca de uma independência contínua possam ter surgido ante a queda de Nínive, foram totalmente esmagadas quando Josias foi morto em Megido (609 a. C.). Judá tornou-se vassalo do Egito pouco depois disso, e Faraó Neco elevou Jeoaquim ao trono. Ante a batalha de Carquemis (605 a. C.), o domínio egípcio cedeu terreno ao controle babilônico. As ofertas de submissão de Jeoaquim a Nabucodonosor devem ter sido motivo de surpresa para Daniel e seus companheiros, que foram tomados como reféns para a capital da Babilônia.<sup>2</sup>

A familiaridade de Daniel com os idiomas hebraico e aramaico se evidencia em seus escritos.<sup>3</sup> Peculiar ao seu volume é o trecho mais extenso em aramaico, em todo o “cânon” do Antigo Testamento.

<sup>1</sup>Dois pontos de vista básicos prevalecem atualmente acerca da unidade e autoria deste livro: (1) Quanto à posição de que ele foi escrito pelo próprio Daniel, no século VI a. C., ou foi compilado pouco mais tarde, veja as discussões de R. K. Harrison, *Introduction to the Old Testament* (Grand Rapids, 1969), págs. 1105-1134. (2) Quanto à perspectiva de que esse livro apresenta literatura apocalíptica escrita ou compilada durante a era dos Macabeus, no século II a. C., veja G. A. Larue, *Old Testament Life and Literature* (Boston: Allyn e Bacon, 1968), págs. 402-409. O primeiro ponto de vista serve de base para a interpretação oferecida nesta análise.

<sup>2</sup>Veja D. J. Wiseman, *Chronicles of Chaldean Kings*, pág. 26. Cf. também o cap. XV deste volume.

<sup>3</sup>Daniel pode ter aprendido o aramaico em Jerusalém, antes de haver sido levado cativo. Tão cedo quanto o século VII a. C., o aramaico vinha sendo usado como idioma internacional no Egito, na Fenícia e na Síria. R. A. Bowman, “Arameans, Aramaic and the Bible”, *Journal of Near Eastern Studies*, 7 (1948), 71-73

Um esboço popular de Daniel é a dupla divisão que designa os primeiros seis capítulos como história, e os últimos seis como profecia. É digno de atenção o fato de que na primeira divisão Daniel alude a si mesmo na terceira pessoa do singular e age como agente da revelação. Na última porção ele escreve na primeira pessoa do singular, onde registrou as mensagens preditivas que lhe foram reveladas por meios sobrenaturais.

Por salientar os aspectos proféticos do livro de Daniel, este esboço é muito apropriado.<sup>4</sup>

A. Introduções históricas	1:1-21
B. Os reinos gentílicos	2:1 - 7:28
C. A nação de Israel	8:1 - 12:13

Esse esboço leva em conta sua composição bilingüe. A passagem em aramaico (veja Dn 2:4b - 7:28) se reveste de especial interesse para as nações pagãs, indicando sua ordem de sucessão, seu caráter e seu destino. Os capítulos redigidos em hebraico enfocam o papel particular de Israel nos acontecimentos internacionais.

Quanto a um estudo inicial sobre o livro de Daniel é essencial destacarmos a perspectiva histórica. As diversas revelações que foram conferidas a Daniel foram conseqüências dos eventos contemporâneos. Para que o livro seja posto dentro do seu arcabouço histórico, a seguinte análise cronológica pode ser útil:

I. O reinado de Nabucodonosor	
Judeus cativos na corte	1:1-21
Daniel e o sonho do rei	2:1-49
Os três amigos são testados	3:1-30
A humilhação do monarca	4:1-37
II. A era de Nabonido-Belsazar	
Natureza bestial dos impérios	7:1-28
Os impérios são identificados	8:1-27
Às vésperas da queda de Babilônia	5:1-30
III. Nos tempos medo-persas	
Preocupação de Daniel por seu povo	9:1-27
Testado por causa de sua religião	5:31 - 6:28
Revelação final de Daniel	10:1 - 12:13

### **Durante o Reinado de Nabucodonosor<sup>5</sup>**

Entre os reféns levados de Jerusalém encontravam-se Daniel e seus três amigos, Hananias, Misael e Azarias.<sup>6</sup> Seleccionados com o fito de serem especialmente treinados na universidade real, esses jovens judeus tiveram de enfrentar o problema da contaminação, quando lhes foi oferecido o abundante cardápio da corte pagã.

<sup>4</sup>Quanto a uma discussão sobre as passagens proféticas no livro de Daniel veja R. D. Culver, *Daniel and the Latter Days* (Westwood, N. J.: Revell Co., 1954). Quanto à análise e ao esboço, veja págs. 98-104.

<sup>5</sup>Os primeiros dez anos do reinado de Nabucodonosor têm sido grandemente iluminados pelo tablete n° 21946 do Museu Britânico, conforme lido e interpretado por D. J. Wiseman. Veja *op. cit.*, pág. 67-74 e 21-37.

<sup>6</sup>Os nomes babilônicos dados a Daniel e seus três amigos, foram: Beltessazar, Sadraque, Mesaque e Abedenego.

Daniel, na posição de porta-voz do grupo, corajosa mas cortesmente solicitou do mordomo-chefe que lhes servisse um cardápio da escolha deles, por um período de dez dias de experiência. Findo esse período, o mordomo ficou satisfeito ao notar que Daniel e seus amigos estavam em melhores condições de saúde do que os demais mancebos que eram treinados na corte. Não demorou muito para que se tornasse óbvio para os supervisores que aqueles jovens hebreus eram dotados de habilidade extraordinária e de grande sabedoria. Quando foram entrevistados pelo soberano, Daniel e seus três amigos receberam as maiores honrarias, tendo sido reconhecidos como muito superiores a todos os demais sábios da corte real (veja Dn 1:17-21).

A afinidade entre a religião e a política deve ter causado em Daniel uma impressão indelével. Em várias oportunidades, durante o ano da ascensão de Nabucodonosor ao trono, o que atingiu seu ponto culminante nas celebrações da festividade do Dia de Ano Novo, o rei prestou honras aos deuses Nabu e Marduque, conduzindo suas imagens em procissão pública que terminou no templo de Aqitu.<sup>7</sup> Daniel deve ter ficado perplexo quando viu Nabucodonosor expandir suas conquistas no nome daquelas divindades pagãs.

Durante o primeiro ano de seu reinado, o triunfal Nabucodonosor novamente fez seus exércitos marcharem para o ocidente, tendo cobrado tributo dos reis da Palestina.<sup>8</sup> De particular interesse para Daniel deve ter sido o registro do nome de Jeoaquim na lista dos reis tributários, bem como o fato de que Nabucodonosor reduziu Asquelom a ruínas, antes de regressar à Babilônia, em 603 a. C.

O cronista babilônico pouco registra dentre as atividades de Nabucodonosor durante seu segundo ano de reinado. Para Daniel, entretanto, a experiência mais destacada foi seu comparecimento pessoal diante desse maior dos monarcas de Babilônia (veja Dn 2:1-49).

O rei Nabucodonosor teve um sonho que o deixou perplexo. Convocando todos os sábios à sua presença, ele exigiu que eles lhe contassem o sonho e lhe dessem a interpretação do mesmo.<sup>9</sup> Sob ameaça de morte, os sábios imploraram frenética mas inutilmente ao monarca que lhes narasse o seu sonho. Daniel, tomando conhecimento do dilema, solicitou audiência com Nabucodonosor. Enquanto eram providenciados os arranjos, Daniel e os seus três colegas lançavam apelos ingentes a Deus, para que lhes revelasse o mistério. Em visão noturna, pois, Deus tornou conhecido de Daniel o sonho do rei, bem como a interpretação do mesmo. Introduzido à presença de Nabucodonosor, Daniel contou-lhe que Deus havia revelado ao rei os mistérios sobre o futuro.

Em seu sonho, Nabucodonosor vira uma resplendente imagem, cuja cabeça era de ouro, com o peito e os braços de prata, com as coxas de bronze, com as pernas de ferro e com os artelhos de ferro misturado com barro. Na sua presença, a imagem foi pulverizada por uma pedra, desintegrando-se totalmente a imagem.

Daniel informou a Nabucodonosor que ele mesmo era a cabeça de ouro, a

<sup>7</sup>Wiseman, *op. cit.*, pág. 27. Cf. S. A. Pallis, *The Antiquity of Iraq* (Copenhagen: Ejnar Munksgaard, 1956), cap. XIII, "Sacrifices and Festivals", pág. 688-711.

<sup>8</sup>Wiseman, *op. cit.*, BM21946, págs. 69 e 28. Cf. também 2 Rs 24:1

<sup>9</sup>"Uma cousa é certa", Dn 2:5. A interpretação preferível é que isso se refere à ordem do rei, e não ao seu sonho. Se estes lhe pudessem dizer o conteúdo de seu sonho, então ele poderia depender da interpretação que lhe dessem.

quem Deus dera aquele grande império. O segundo e o terceiro impérios, depois do seu, seriam inferiores. Mas o quarto império, representado pelo ferro, haveria de esmagar a todos os reinos anteriores; porém, a mescla de ferro e barro, nos pés e nos artelhos, indicava sua divisão final. Eventualmente, Deus haverá de estabelecer um reino que jamais será destruído. Assim como a pedra esmagou a imagem em sua inteireza, assim também esse reino porá fim aos reinos anteriores, quando for permanentemente estabelecido.

Ao ouvir a interpretação, Nabucodonosor prestou honras a Daniel, reconhecendo o fato de que Aquele que lhe relevara esse segredo era o Deus dos deuses e Senhor dos reis.<sup>10</sup> Daniel foi nomeado governador de toda a província da Babilônia, recebendo a mais elevada posição entre todos os sábios. A pedido seu, seus três amigos, cujos nomes babilônicos eram Sadraque, Mesaque e Abednego, receberam posições de responsabilidade noutras funções da província, enquanto o próprio Daniel permaneceria na corte real.

Durante o período de seu reinado, Nabucodonosor, erigiu uma grande imagem na planície de Dura (veja Dn 3:1).<sup>11</sup> Essa imagem pode ter tido o formato de um obelisco, com uma base de 2,75 m e com 27,5 m de altura, rebrilhante de ouro. Quando da inauguração da mesma, de todas as pessoas se esperava, sob ameaça da morte, que a adorassem, prostrados. Quando os três amigos de Daniel se recusaram a anuir, isso, naturalmente, foi prontamente notado.<sup>12</sup> Detidos e conduzidos à presença do soberano, foram lançados em uma fornalha ardente. Com grande espanto, o rei pagão observou que eles não sofriam dano e que estavam acompanhados por um quarto indivíduo.<sup>13</sup> Ordenando-lhes que saíssem, Nabucodonosor confessou que o Deus deles os havia livrado, expedindo um decreto público que proibia a todos de falarem contra o Deus de Sadraque, Mesaque e Abednego.

A humilhação e a restauração de Nabucodonosor (veja Dn 4: 1-37) também foi significativa de tal modo que ele baixou um edito oficial relatando a sua experiência.<sup>14</sup> Reconhecendo publicamente que Deus o havia humilhado e restaurado, ele reconheceu diante de todos que Deus é o governante de um reino eterno.

Nabucodonosor teve outro sonho perturbador. Novamente convocou os sábios, dessa vez relatando-lhes o seu sonho. Quando foram incapazes de dar sua interpretação, Daniel, conhecido também como Beltessazar, foi chamado para ser consultado. Nesse sonho, Nabucodonosor, viu uma árvore que se elevava até aos céus. Era tão gigantesca e frutífera que provia sombra, alimentos e abrigo para animais e pássaros. No devido tempo, um santo guardião dos céus baixou ordens para que fosse cortada a árvore, deixando-lhe apenas um toco.

<sup>10</sup>Uma interpretação razoável é o reconhecimento do protesto anterior, em Dn 2:27,28, feito por Daniel, e que conferiu a Deus todo o crédito (veja Dn 2:46,47). Cf. H. C. Leupold, *Exposition of Daniel* (Columbus, Ohio: Wartburg Press, 1949).

<sup>11</sup>A data não aparece no texto hebraico. Se o texto grego está certo, ao inserir o décimo oitavo ano de Nabucodonosor, então essa exibição de orgulho ocorreu em 586 a. C., o ano em que Jerusalém foi tomada pelos babilônios. Que se tratava de uma imagem representando Nabucodonosor parece ser uma inferência razoável.

<sup>12</sup>Onde se achava Daniel nesse tempo, não é indicado. Visto que a narrativa bíblica não o menciona, está sujeito a conjecturas o seu paradeiro. É extremamente irracional inferir, com base no caráter de Daniel, conforme é retratado neste livro, que ele adorou essa imagem.

<sup>13</sup>Nabucodonosor usou terminologia pagã ao identificar esse ser sobrenatural. Quanto à tradução "filho dos deuses", Dn 3:25, veja S. R. Driver, *The Book of Daniel* (Cambridge Bible Series, Cambridge University Press, 1900), na mesma referência. Cf. também Leupold, *op. cit.*, na referência, e E. J. Young, *The Prophecy of Daniel* (Grand Rapids: Eerdmans, 1949).

<sup>14</sup>Nem a data e nem a duração exata do tempo da humilhação de Nabucodonosor são esclarecidas nas Escrituras. Presumivelmente, isso ocorreu algum tempo durante as duas últimas décadas de seu reinado.



Daniel interpretou esse sonho da seguinte maneira: a árvore simbolizava Nabucodonosor como rei do grande império babilônico - e da mesma maneira que a árvore fora cortada, assim também Nabucodonosor seria removido de sua posição majestosa e seria reduzido a uma existência bestial por sete períodos de tempo, até que percebesse que não era supremo. Daniel informou ao rei que esse decreto fora determinado pelo Altíssimo, advertindo-o de que lhe cumpria corrigir seus caminhos, a fim de que seu reinado pudesse ser prolongado.

Parece, entretanto, que Nabucodonosor ignorou essa advertência. Sob sua supervisão, a cidade de Babilônia se tornara a mais magnificente capital dos tempos antigos. Muralhas maciças, com molhes ladeando o canal adjacente, circundavam a capital, protegendo os templos de Marduque e Istar. Diante da famosa porta de Istar, leões e dradões de cerâmica esmaltada assinalavam o início impressionante da avenida processional que conduzia ao luxuoso palácio real. Para sua rainha, natural da Média, Nabucodonosor construiu os jardins suspensos, que os gregos consideravam uma das sete maravilhas do mundo. Jactando-se de todas essas realizações, Nabucodonosor foi subitamente ferido de licantropia por juízo divino,<sup>15</sup> tendo sido privado do seu governo e sendo relegado à existência entre as feras do campo por um período designado como “sete tempos”. Quando lhe foi devolvida a razão, foi reintegrado à sua posição real. Por meio de uma proclamação oficial ele reconheceu que o Altíssimo é o Deus onipotente nas hostes celestes, bem como entre todos os habitantes da terra, tendo confessado, em meio a honras e louvores, que o Rei dos céus é justo e reto em todos os Seus caminhos, sendo capaz de abater aos altivos de coração.

### A Era de Nabonido-Belsazar

Certos anos da história de Babilônia passam em silêncio, pelo menos no que concerne ao livro de Daniel. O extraordinário reinado de Nabucodonosor, que durou quarenta e três anos, terminou quando de seu falecimento, em 562 a. C. Após um governo de dois anos, por Evil-Merodaque, e de um governo de quatro anos por Neriglissar, o império babilônico chegou ao fim sob Nabonido (556 - 539 a. C.). Belsazar, filho de Nabonido, cuja identidade como co-regente e administrador do império babilônico tem sido averiguado acima de qualquer disputa, é mencionado em três capítulos do livro de Daniel.<sup>16</sup> Os eventos do capítulo cinco estão especificamente vinculados aos dias finais de Belsazar, quando a cidade de Babilônia foi ocupada pelo exército medo-persa (outubro de 539 a. C.). A data exata dos capítulos sete e oito depende do ano em que Daniel fixou o começo do reinado de Belsazar, por haver ele sido co-regente de Nabonido. Os tablets contratuais, nos quais figura o nome de Belsazar, são datados no reinado de Nabonido. A crer nas crônicas babilônicas, Belsazar se associou a seu pai como co-regente desde 553 a. C.<sup>17</sup> Por conseguinte, a data dos capítulos sete e oito, atribuídos ao primeiro e ao terceiro anos do reinado de Belsazar, pode ser encaixada dentro do período de 553 - 539 a. C.

Os acontecimentos históricos contemporâneos, durante os dias de Belsazar e Nabonido, são significativos como pano-de-fundo das visões registradas nos

<sup>15</sup>Quanto a uma confirmação da exatidão histórica disso, veja Pfeiffer, *op. cit.*, pág. 758.

<sup>16</sup>Cf. H.H. Rowley, *The Servant of the Lord and Other Essays on the Old Testament* (Londres, 1952), pág. 262. Note-se o artigo de Rowley, “The Historicity of the Fifth Chapter of Daniel, em *Journal of Theological Studies*, XXXII (1930-1931), 12-31.

<sup>17</sup>J. Finegan, *Light from the Ancient Past*, págs. 189, 190.

capítulos sete e oito. Mais de meio século se passara desde que Daniel identificara claramente a Nabucodonosor como a cabeça de ouro, depois da qual se ergueria um reino de qualidade inferior (veja Dn 2). Por certo Daniel tinha plena consciência do levantamento de Ciro, o qual depois de ter subido ao trono da Pérsia e de Anã, em 559 a. C., obtivera o controle da Média (550 a. C.), o que, por sua vez, perturbou o equilíbrio de poder ao ponto de pôr a Babilônia em perigo. Por volta de 547 a. C., Ciro fez os seus exércitos marcharem para noroeste, derrotando decisivamente a Croeso, rei da Lídia. Por motivo de sua experiência política, Daniel deve ter ficado apreensivo ante a subida da Pérsia ao poder, ao mesmo tempo que se desintegrava o império babilônico debaixo dos sucessores de Nabucodonosor.

Nessa oportunidade, Daniel recebeu duas visões no espaço de três anos. Na primeira visão (veja Dn 7), ele viu quatro animais ferozes se levantarem do mar que era agitado pelos quatro ventos do céu. Um leão dotado de asas, as quais lhe foram arrancadas estando ele ereto sobre as patas trazeiras, ao qual foi dada mente humana. O segundo animal se assemelhava a um urso - que se levantava sobre um de seus lados e trazia três costelas na boca -, o qual recebeu ordens para devorar muita carne. Em seguida apareceu um leopardo, com quatro asas e quatro cabeças. O quarto animal feroz não podia ser descrito e estava dotado de dentes de ferro para devorar, ao mesmo tempo que pisava aos pés o que restava da destruição. Três de seus dez chifres foram substituídos por um único chifre, dotado de olhos humanos e de uma boca que proferia coisas incríveis. Em seguida apareceu um trono onde estava assentada uma pessoa vestida de branco, a qual é identificada como o Ancião de dias. Livros foram abertos - e fez-se o julgamento. O corpo dessa fera indescritível foi separado para ser queimado, ao passo que das feras restantes foi tirado o poder. O Ancião de dias, então, entregou o domínio de todos os reinos a alguém "como o Filho do homem", o qual estabeleceu de maneira permanente esse reino.

Daniel sentiu-se perturbado e procurou explanação. Em resposta, foi informado de que os quatro animais ferozes representavam quatro monarcas terrenos. Eventualmente, os santos do Altíssimo virão a possuir o reino sempiterno. O quarto animal feroz simboliza um quarto império que chegará a ampliar o seu domínio pelo mundo todo. Seus dez chifres representam dez reis - três dos quais serão substituídos por um líder que desafiará ao Altíssimo, chegando a fazer a tentativa de alterar estações e leis. Após três períodos e meio, ele será julgado e destruído. Os santos do Altíssimo tomarão posse do reino que perdurará para sempre. Embora Daniel tivesse ficado grandemente perplexo ante tal sonho e sua interpretação, ficou a ponderar sobre essas coisas em sua mente - talvez procurando relacioná-las com os acontecimentos correntes em sua época.

No terceiro ano de Belsazar, outra visão foi dada a Daniel (veja Dn 8:1-27). Embora dessa vez ele não esclareça onde residia no momento, o palco da visão foi a cidade de Susã, às margens do rio Ulai.<sup>18</sup> Essa cidade estava sob o controle persa, e posteriormente tornou-se importante capital de verão, na época de Dario o Grande (552 - 486 a. C.)

Diante de Daniel, às margens do rio, apareceu um carneiro com dois cornos desiguais. Esse carneiro exerceu predomínio absoluto até que foi atacado por um

<sup>18</sup>O Ulai é identificado com o Eulaeus, que atravessava Susã antes de unir-se ao rio Coaspes. Veja M. S. e J. S. Miller, *Harper's Bible Dictionary* (Nova Iorque, 1952), pág. 788.

velocíssimo bode que veio do ocidente. Depois que o bode destruíra ao carneiro, o chifre único do bode foi substituído por quatro cifres conspícuos. E dentre esses quatro cornos apareceu um menor, que avançava para os lados do sul, a fim de pisar aos pés o santuário, por um período de dois mil e trezentos dias.

Uma vez mais Daniel desejou receber esclarecimentos. O anjo Gabriel informou-o de que essa visão dizia respeito ao tempo do fim. O carneiro com dois chifres representava os monarcas da Média-Pérsia. O bode foi vinculado à Grécia, cujo chifre grande simbolizava seu primeiro rei. Os quatro reinos em que o império grego se dividiria não seriam fortes até que se levantasse um poderoso rei, de feroz catadura. Ele exibirá vastos poderes destrutivos contra o povo santo e contra o Príncipe do exército, mas será subitamente cortado, sem haver qualquer intervenção humana.

Daniel ficou tão perturbado ante essa visão que foi incapaz de tornar a ocupar-se dos negócios do rei por diversos dias. Sabendo que os medo-persas estavam prestes a absorver o reino da Babilônia, Daniel tinha razões para ficar preocupado. O cargo ocupado por Daniel, a serviço do governo babilônico, após a morte de Nabucodonosor, não é indicado; mas Belsazar voltou-se para ele, no dia da véspera de sua morte.

Corria o ano de 539 a. C. Confiando que a cidade de Babilônia era inexpugnável, Belsazar reuniu mil de seus oficiais, com suas respectivas esposas, para um banquete. Tomaram o seu vinho nos vasos de ouro e de prata que Nabucodonosor havia confiscado do templo de Jerusalém. Simultaneamente, foram livremente honrados os deuses criados pela arte humana. Enquanto bebia com seus nobres, sobre uma plataforma elevada, de conformidade com os costumes orientais, o monarca de repente notou uma mão que escrevia sobre a caiadura da parede. Tomado de terror, Belsazar mandou chamar os sábios de Babilônia, para que lessem e interpretassem o que ficara escrito, oferecendo como recompensa uma túnica de púrpura, uma corrente de ouro e o terceiro lugar de mando no reino.<sup>19</sup>

Ouvindo sobre o apuro em que se achava o soberano, a rainha entrou precipitadamente no salão do banquete. Relembrou então ao rei que havia no reino um homem a quem Nabucodonosor nomeara chefe dos sábios da Babilônia.<sup>20</sup> Imediatamente Daniel foi conduzido à presença de Belsazar. Sem interessar-se pela recompensa, Daniel assegurou ao rei que interpretaria a mensagem gravada na parede. Com linguagem simples, ele recordou ao rei que Nabucodonosor, a quem Deus confiara um grande reino, fora reduzido a condições animais até que reconheceu que o Deus Altíssimo governa sobre os reinos dos homens. Embora conhecedor de tudo isso, Belsazar não prestara honras a Deus. Aquela mão e seu escrito haviam sido enviados por Deus. A interpretação era clara. Deus pusera fim ao reino de Babilônia, dividindo-o entre os medos e os persas. Quanto a Belsazar, fora posto na balança e foi achado em falta.

Por ordem do rei, foram conferidas honrarias reais a Daniel, o qual foi aclamado como terceiro governante do reino. No entanto, as horas finais do reino

<sup>19</sup>Visto que Belsazar foi co-regente de Nabonido, o terceiro lugar no reino era o melhor que podia ser oferecido como recompensa.

<sup>20</sup>A rainha referiu-se a Nabucodonosor como “pai” de Belsazar, Dn 5:11. Nas línguas semitas, essa palavra é usada de oito maneiras diversas. Aqui pode ter sido usada no sentido de ancestral. Veja o artigo “Daniel”, por E. J. Young, em *O Novo Comentário da Bíblia* (F. Davidson, E.), pág. 823.

babilônico se escoavam rapidamente. Naquela mesma noite Belsazar foi morto e a cidade de Babilônia foi ocupada pelos medo-persas.

### **Nos Tempos Medo-Persas**

Os medo-persas conquistaram e ocuparam a grande capital, Babilônia, sem destruí-la. Pelos fins de outubro (539 a. C.), Ciro em pessoa entrou triunfalmente, tendo ficado nessa notável cidade a fim de celebrar a festividade anual do Ano Novo.<sup>21</sup>

Dario, o medo, que conquistou a cidade de Babilônia, aparentemente servia sob ordens de Ciro. Visto que jamais se encontrou uma inscrição ou um tablete que trouxesse seu nome, numerosas teorias têm sido postuladas quanto à sua identificação. Com base em novos fatos, sua identificação com Gubaru, o governador de Babilônia sob a liderança de Ciro, justifica-nos na conclusão que Dario o medo pode ser considerado uma personagem histórica.<sup>22</sup> De acordo com a narrativa de Daniel, Dario estava encarregado da ocupação de Babilônia, tendo se tornado o governante do reino caldeu. Embora fosse medo de nascimento, governava segundo as leis dos medos e persas.

As experiências pessoais de Daniel, registradas nos capítulos seis e nove, estão relacionadas ao reinado de Dario. O versículo final do sexto capítulo subentende que subsequente Daniel foi associado a Ciro. Sua revelação final é data-da no terceiro ano do reinado de Ciro. Quiçá, por essa altura dos acontecimentos, Dario já tivesse falecido; ou então Daniel fora transferido, tornando-se diretamente responsável perante Ciro. Na crise da ocupação babilônica pelos invasores, imediatamente Dario prestou honras a Daniel, nomeando-o como um dos três presidentes de seu governo. Com toda a probabilidade, esvaiu-se certo período de tempo antes que dois outros presidentes da província tivessem armado uma conspiração contra Daniel, na tentativa de removê-lo de seu ofício (veja Dn 6:1-28). Entrementes, Daniel pode ter passado pela experiência registrada no nono capítulo.

O fato de que os medo-persas substituíram aos babilônios como reino liderante do Oriente Próximo não ocorreu, para Daniel, como uma surpresa. No princípio de sua volta, no segundo ano do reinado de Nabucodonosor, em cerca de 603 a. C., Daniel explicou claramente ao maior dos monarcas de Babilônia que outros impérios haveriam de seguir-se ao dele, com a passagem do tempo. Durante o reinado de Belsazar foi revelada a identidade do próximo reino. Quando se apresentou ante o trêmulo soberano, na véspera da queda da cidade de Babilônia, Daniel afirmou em tons inequívocos que os medos e os persas estavam conquistando o seu reino.

Quando a crise já havia realmente ocorrido, sendo firmada a supremacia medo-persa, Daniel anelava por saber que significado teria tudo isso para com o seu próprio povo. Ao ler as profecias de Jeremias, observou cuidadosamente que fora predito um período de setenta anos de cativo.<sup>23</sup> Embora não mencione tal coisa. Daniel pode ter lido a respeito de Ciro no livro de Isaías (veja Is 44:28 - 45:1), onde Ciro é identificado como o pastor a quem Deus usaria para libertar Seu povo, para que este retornasse a Jerusalém. Ciro já se achava na

<sup>21</sup>Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, págs. 315-316.

<sup>22</sup>John C. Whitcomb, Jr., *Darius the Mede* (Grande Rapids: Eerdmans, 1959), 84 págs. CF também seu exame acerca de teorias alternativas, à luz das evidências bíblicas.

<sup>23</sup>Cf. Jr 25:11 e 29:10 com Dn 9:1,2.

cena internacional por diversas décadas. Porventura os judeus não teriam permissão de retornar? Evidentemente o edito para o retorno dos judeus ainda não fora baixado ou publicado.

Daniel ficou muito agitado acerca da predição dada por intermédio de Jeremias. Quase setenta anos se tinham passado desde que o primeiro grupo de judeus, incluindo o próprio Daniel, haviam sido tirados de Jerusalém, em 605 a. C. Percebendo que o tempo do cumprimento dessa profecia estava próximo Daniel pôs-se a confessar os pecados de Israel, em suas orações, reconhecendo que Deus era reto e justo em todos os Seus juízos.

Gabriel veio iluminar Daniel acerca do futuro de Israel. Uma previsão geral sobre a sucessão de impérios mundiais já lhe havia sido revelada. Neste ponto, a atenção se focaliza sobre a nação de Israel dentro do plano de Deus. Setenta semanas representam o período dentro do qual Israel veria o cumprimento das promessas divinas.<sup>24</sup> Os acontecimentos atribuídos a esse período, para o povo de Daniel e para sua cidade santa foram os seguintes:

- (1) pôr fim à transgressão
- (2) pôr fim aos pecados
- (3) fazer expiação pelo pecado
- (4) trazer a retidão eterna
- (5) selar a visão e a profecia
- (6) ungir o Santíssimo.

Dividindo-se o período total em unidades menores, uma era de sete semanas mais sessenta e duas semanas daria margem para o aparecimento do “Ungido”, e para que Ele fosse cortado. A cidade e o santuário seriam destruídos por um povo cujo príncipe surgiria a fim de estabelecer um acordo com muitos pelo prazo de uma semana. Esse acordo poria em foco a septuagésima semana, como o tempo e a duração dessa aliança. Entretanto, na metade dessa semana o tal príncipe romperá o pacto, fazendo com que cessem os sacrifícios e as ofertas, trazendo a desolação até que o destruidor seja consumido.

Sem importar as diversas interpretações acerca dessa explanação um tanto ambígua, conforme fica exemplificado nos numerosos livros escritos a respeito dessas profecias, o próprio Daniel recebeu a certeza de que sua nação, em favor de quem vinha orando, ocupa lugar definido dentro dos planos divinos. Indubitavelmente ele foi grandemente encorajado quando Ciro, pouco depois de haver subjugado a Babilônia, expediu uma proclamação que encorajava os judeus a retornarem à sua própria terra.

Quando Dario organizou o seu reino, Daniel passou a servir como um dentre três presidentes. Não demorou muito para que ele se destacasse como sábio administrador, de tal modo que os seus dois colegas se encheram de inveja. Não conseguindo achar quaisquer irregularidades em seus deveres oficiais, eles incriminaram Daniel quanto às suas práticas religiosas, em resultado do que foi lançado na cova dos leões. Quando Dario descobriu que Daniel não fora molestado pelas feras, reconheceu, em proclamação pública, que Deus havia libertado

<sup>24</sup>Quanto a um sumário das evidências de que cada uma dessas setenta semanas se refere a um período de sete anos, veja Alva J. McClain, *Daniel's Prophecy of the Seventy Weeks* (Grand Rapids: Zondervan, 1940). Quanto a uma discussão sobre a profecia das setenta semanas, Dn 9:24-27, veja Culver, *op. cit.*, págs. 135-160. Quanto a uma representativa interpretação amilenar, veja E. J. Young, *The Prophecy of Daniel*, naquela referência.

a Daniel - o Deus vivo que opera sinais e maravilhas nos céus e na terra, porquanto é governante de um reino eterno.

A revelação final de Daniel (veja Dn 10:1 - 12:13) é datada como pertencente ao terceiro ano do reinado de Ciro. Por essa altura, o profeta-estadista já estava bem firmado no governo medo-persa. Se Daniel estava ainda na adolescência quando foi tomado cativo, agora estaria na década dos seus oitenta anos. Do ponto de vista de sua idade e de suas responsabilidades pessoais no governo, não é provável que ele houvesse considerado seriamente a possibilidade de juntar-se ao êxodo de judeus que retornavam a Jerusalém. Não obstante, ele tinha interesse genuíno no bem estar das esperanças futuras do seu povo.

Daniel passou três semanas em jejum e lamentação. No vigésimo quarto dia do primeiro mês, estava ele de pé às margens do rio Tigre, quando tomou consciência da presença de um homem vestido de linho, dotado de características sobrenaturais. Ao ter essa visão, e ouvir o som da voz desse homem, Daniel caiu de rosto em terra, profundamente adormecido. Os homens que estavam em sua companhia, fugiram.

Daniel foi despertado, recebendo ordens para levantar-se. Então aquele homem assegurou-lhe de que a sua oração fora ouvida. Devido a interferências da parte do príncipe da Pérsia, a resposta fora adiada. Visto que Daniel era homem mui amado, e porquanto se humilhava em oração, o mensageiro divino tinha chegado com a ajuda de Miguel, um dos principais príncipes, a fim de revelar-lhe qual era o futuro de Israel. Embora enfraquecido e temeroso, Daniel recebeu forças sobrenaturais para que tivesse condições de receber aquela mensagem. O mensageiro informou-o de que estava prestes a reiniciar seu conflito contra o príncipe da Pérsia, e, subseqüentemente, teria de enfrentar o príncipe da Grécia. Antes de partir, compartilhou com Daniel o conteúdo do livro da verdade.

Quatro monarcas sucederiam a Ciro no trono da Pérsia - o último dos quais despertaria os gregos por motivo de suas riquezas imensas. Um monarca poderosíssimo, vindo da Grécia, haveria de impôr-se à sua vontade, mas subitamente seria cortado. Seu reino se dividiria em quatro porções (veja Dn 11:2-4). Por algum tempo rugiria feroz conflito entre o rei do Norte e o rei do Sul (veja Dn 11:5-20). Após isso, levantar-se-ia um indivíduo vil e desprezível, que desafiaria o rei do Sul por meio de repetidas batalhas. Em sua ira, ele profanaria o templo e faria cessar as ofertas queimadas contínuas, enquanto muita gente morreria em meio ao conflito (veja Dn 11:21-35).

Um rei voluntarioso, e mais atrevido que todos os demais, se exaltará acima de todos os deuses - chegando a desafiar ao Deus dos deuses (veja Dn 11:21-35). Por algum tempo ele ampliará seu controle até ao Egito, à Etiópia e à Líbia, mas, finalmente, encontrará seu fim em meio a furioso conflito.

O que sucederia ao povo de Daniel? Na época desse terrível conflito, Miguel, o príncipe de Israel, se levantará a fim de livrá-los. Ocorrerá uma ressurreição, quando muitos serão restaurados à vida eterna - mas outros serão reduzidos ao desprezo eterno. Com a garantia de que aqueles que forem sábios e se voltarem para a justiça, receberão as bênçãos divinas, Daniel é avisado a selar a mensagem que lhe fora revelada. No tempo do fim, muitos a leriam e aumentariam o seu conhecimento (veja Dn 12:4).

Daniel viu dois indivíduos, um em cada margem do rio. Voltando-se para o

homem vestido de linho branco, ele indagou acerca do término dessas maravilhas. Erguendo as mãos para os céus, o homem vestido de linho jurou por “aquele que vive para sempre” que essas maravilhas terminarão após três e meio períodos de tempo. Esse também seria o ponto terminal do poder do povo santo. Daniel continuava atônito. Ouviu as palavras, mas não as entendeu. Interrogando o homem vestido de linho ele foi aconselhado a seguir seu caminho - essas palavras estavam seladas e fechadas até ao tempo do fim. Muitos seriam purificados e compreenderiam, ao passo que outros darão prosseguimento à sua excessiva iniquidade, nada podendo entender. Embora os eventos vindouros não fossem claros para Daniel, foi-lhe prometido descanso e um lugar determinado no tempo do fim. Daniel foi instruído a selar seu livro.

### LEITURAS SELECIONADAS

- Anderson, R. **The Coming Prince**. Londres: Hodder & Stoughton, 1894.
- Archer, G. L. **Jerome's Commentary on Daniel**. Grand Rapids: Baker Book House, 1958.
- Culver, R. D. **Daniel and the Latter Days**. Chicago: Moddy Press, 1965.
- Ironside, H. A. **Lectures on Daniel the Prophet**. Nova Iorque: Loizeaux Brothers, 1946.
- King, Geoffrey R. **Daniel**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1967.
- Leupold, H. C. **Exposition of Daniel**. Columbus, Ohio: Wartburg Press, 1949.
- McClain, Alva J. **Daniel's Prophecy of the Seventy Weeks**. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1940.
- Montgomery, J.A. **Daniel (ICC)**. Londres: T. & T. Clark, 1927.
- Pusey, E. B. **Daniel the Prophet**. Nova Iorque: Funk & Wagnalls, 1885.
- Seiss, Joseph A. **Voices from Babylon**. Filadélfia: The Castle Press, 1879.
- Whitcomb, J. C., Jr. **Darius the Mede**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959.
- Wilson, R. D. **Studies in the Book of Daniel, Second Series**. Nova Iorque: Fleming H. Revell Co., 1938.
- Yamauchi E. **Greece and Babylon**. Grand Rapids: Baker Book House, 1966.

## Capítulo XXII

### **Em Tempos de Prosperidade**

Independência política, expansão e prosperidade caracterizaram a nação de Israel durante o clímax do sucesso de Jeroboão. Dos dias de derramamento de sangue e opressão, em 841 a. C., a dinastia de Jeú eventualmente conduziu o reino do Norte ao pico do prestígio econômico e político, durante a primeira metade do século VIII a. C. Eliseu continuou seu ministério, figurando como mensageiro de Deus durante aqueles primeiros anos tumultuados da dinastia de Jeú.

O sangue assinalou os passos de Jeú até ao trono de Samaria. Não satisfeito por haver assassinado os reis de Judá e de Israel, Jeú havia derramado sangue em abundância, ao exterminar a família real. Estimulado por fanatismo traçoeiro, ele reuniu todos os adeptos de Baal, a fim de assassiná-los em massa.

O êxito local de Jeú não demorou a ser sombreado por problemas internacionais. A morte cruenta de Jezabel certamente não contribuiu para a boa vontade da Fenícia para com Israel. Jerusalém, com seu rei vitimado pela revolução em Samaria, foi projetada em um sangrento redemoinho, sob o terror imposto por Atalia. Moabe rebelou-se contra Israel. Sediado em Damasco, Hazael pressiona ferozmente para o sul, apossando-se de território israelita a leste do rio Jordão. Jeú viu-se impotente - fraco demais para salvar o povo de Gileade e de Basã da opressão síria. Outrossim, ele viu ser necessário enviar tributo a Salmaneser III, a fim de evitar a ominosa ameaça de uma invasão assíria.<sup>1</sup>

Hazael veio a ser o inimigo mais perigoso de Israel. Durante todo o tempo em que ele governou na Síria houve dificuldades para Jeú e seus sucessores. Hazael não somente invadiu Basã e Gileade, mas também avançou para o Sul, tendo entrado na Palestina, a fim de capturar Gate. Outrossim, ele ameaçou conquistar Jerusalém (veja 2 Rs 12:17). Cercado e oprimido pelos sírios. Israel parecia ter de enfrentar um futuro sem brilho. Evidentemente os estados circunvizinhos se aproveitaram da impotência de Israel lançando reiteradas incursões (veja Am 6-12).

<sup>1</sup> J. B. Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament* (2ª ed.) , pág. 280. Cf. também os capítulos XII e XIII deste volume, quanto a maiores discussões.



Pouco antes do fim do século, começaram a rair possibilidades de esperança para Israel, devido ao falecimento de Hazael. Depois que a Assíria abocanhou Damasco, Israel teve a oportunidade de emergir, uma vez mais, no lusco-fusco internacional. Não demorou muito para que Joás reunisse forte contingente de combatentes, para desafiar o novo monarca sírio, Ben-Hadade, que controlava parte do território israelita. Na onda de sucessos, a morte de Eliseu, o veterano profeta de Israel, chegou como um golpe contra Joás.

O exército de Joás era tão numeroso que Amazias, rei de Judá, contratou cem mil homens que lhe pertenciam, para ajudá-lo na sujeição de Edom. O seu êxito, nessa aventura, tornou Amazias tão arrogante que devolveu as tropas de Israel lançando um desafio a Joás, para que viesse medir forças com os exércitos de Judá, em batalha. Quando sua advertência verbal foi ignorada, Joás invadiu Judá, tendo derrubado parte das muralhas de Jerusalém, pilhado o palácio e o templo, levando reféns para Samaria. Enquanto Judá foi conservado como vassalo de Israel, Amazias mui provavelmente foi mantido aprisionado, ou, pelo menos, destronado, por um extenso período de tempo.<sup>2</sup>

Jonas surgiu em cena mais ou menos por essa época.<sup>3</sup> Suas predições foram oportunas, e sem dúvida se tornaram populares. Ele declarou que Jeroboão estava prestes a recuperar os territórios perdidos para Hazael em dias passados. De fato, não se passou muito tempo antes de se tornarem uma realidade o sucesso militar, a expansão territorial e a prosperidade econômica, sob a liderança enérgica e agressiva de Jeroboão II (793 - 753 a. C.). Visto que a Síria fora enfraquecida pelas pressões exercidas por Adade-Nirari III, Jeroboão recuperou territórios de sua nação desde o mar Morto até à “entrada de Hamate” (o passo entre a cadeia do Líbano e o monte Hermom). Em consequência, Jeroboão II teve sob seu controle um domínio maior que o de qualquer de seus antecessores.

As relações comerciais se expandiram. O comércio internacional floresceu acima de qualquer coisa que Israel conheceria desde os dias de Salomão. Nessa era de êxitos comerciais e de expansão territorial, a cidade de Samaria fortificou-se ante a possibilidade de invasão estrangeira.<sup>4</sup> Contando com a Síria como estado tampão, os israelitas olvidaram-se complacientemente do perigo de uma ameaça assíria. Embora Judá começasse a exibir sinais de reavivamento econômico e político, o reino do Sul continuava sendo país secundário e comparativamente dormente, enquanto Jeroboão continuou governando em Samaria.

Quando Israel atingiu seu período culminante, apareceram dois profetas - Amós e Oséias. Cada um deles, por sua vez, procurou despertar os cidadãos de Israel de sua letargia espiritual, mas nenhum deles conseguiu desviar o povo da apostasia.

### Jonas — Sua Missão em Nínive<sup>5</sup> — Jn 1:1 - 4:11

Jonas tivera uma mensagem popular a ser anunciada em Israel. Em tempos de

<sup>2</sup>E. R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, págs. 68-72.

<sup>3</sup>Jonas vivia em Gate-Sefer, a cerca de cinco quilômetros ao norte de Nazaré.

<sup>4</sup>Cf. André Parrot, *Samaria, the capital of the Kingdom of Israel* (Londres: SMC Press, 1958).

<sup>5</sup>Um estudo popular corrente sobre o livro de Jonas pensa que se trata de uma historieta escrita como propagação da religiosa, talvez no século IV a. C. Cf. B. W. Anderson, *Understanding the Old Testament* (Englewood Cliffs) 1957), págs. 503-504. Quanto a um estudo mais elaborado, veja R. H. Pfeiffer, *Introduction to the Old Testament*, pág. 587 ss. Aage Bentzen, *Introdução ao Antigo Testamento*, vol. II (1ª ed., 1968), págs. 162-164, considera o livro uma parábola, juntamente com Bewer.

opressão, a promessa de dias mais prósperos era muito bem acolhida. Sem dúvida alguma o cumprimento de sua predição, na extensão do território de Israel sob Jeroboão, fomentou sua popularidade em sua terra natal. Não há qualquer indicação de que ele tivesse uma mensagem de advertência ou juízo, para ser entregue a seu próprio povo (veja 2 Rs 14:25).

O sermão de Jonas aos ninivitas esteve longe de ser bajulação. O juízo e a condenação contra essa cidade estrangeira foram sumariados no tema: “Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida”. Quando ele completou, finalmente, sua tarefa, registrou suas experiências no livro que traz o seu nome. Note-se a seguinte breve análise:

- |   |            |
|---|------------|
| I. A excursão em circuito de Jonas,<br>para oeste | 1:1 - 2:10 |
| II. Uma missão de pregação bem<br>sucedida        | 3:1-10     |
| III. A lição dada a Jonas                         | 4:1-11     |

Jonas foi divinamente comissionado para ir a Nínive - uma tarefa desagradável para um israelita. Durante os tempos de Jeú, Israel pagara tributo ao rei assírio Salmaneser III. Jonas conhecia bem os sofrimentos que haviam sobrevivendo à Síria, ao repelir os recentes ataques assírios. As atrocidades dos assírios, que mais tarde aterrorizaram as nações, submetendo-as a Tiglate-Pileser III, talvez já vinham sendo praticadas por esse tempo. Do ponto de vista humano, a Assíria era o último lugar onde um israelita gostaria de dirigir-se, em aventura missionária.

Jonas deu início a uma jornada na direção diametralmente contrária. Em Jope ele embarcou convenientemente em um navio que estava de partida para o porto de Társis, no Mediterrâneo ocidental. No trajeto, desabou uma tempestade de severidade tal que os corações dos tripulantes se encheram de alarma, apesar de não ser nenhuma novidade o mar empolado para eles. Estando Jonas profundamente adormecido no porão, os marinheiros aterrorizados descarregaram a embarcação e pediram socorro de seus deuses. Jonas recebeu ordem de levantar-se e unir-se à reunião de oração. Lançando sorte, seus colegas de viagem decidiram que Jonas era o responsável pela aflição por que passavam. Embora temendo a ira divina, eles o lançaram borda fora. Imediatamente cessou o temporal, e prevaleceu grande calma. Até onde isso envolvia aos marinheiros, o problema estava solucionado. Mas não para Jonas! Seus problemas haviam apenas iniciado. Ele fora engolido por um grande peixe.<sup>6</sup>

Por três dias e três noites Jonas ficou nas entranhas do monstro marinho. Ao pedir socorro a Deus, reconheceu francamente que estaria irremediavelmente

Quanto a uma defesa do livro de Jonas, como registro histórico, veja A. Ch. Aalders, *The Problem of the Book of Jonah* (Londres: Tyndale Press, 1948), e E. J. Young, *Introdução ao Antigo Testamento*, págs. 274-278. Quanto a interpretações históricas representativas, veja Frank E. Gaebelin, *The Servant and the Dove* (Nova Iorque: Our Hope Press, 1946), pág. 51-143. Keil e Delitzsch *Commentary on the Minor Prophets*, vol. I, págs. 379-417. E. B. Pusey, *The Minor Prophets*, vol. I. (Nova Iorque: Funk and Wagnalls, 1885), págs. 371-427.

<sup>6</sup>Não se tratava necessariamente de uma baleia, mas de um “grande peixe” (veja Jn 1:17), ou de um gigantesco monstro marinho (veja Mt 12:40). Quanto a uma moderna analogia da experiência de Jonas, note-se a narrativa de John Ambrose Wilson, onde uma baleia cachalote engoliu, perto das ilhas Falkland, um membro de uma tripulação, que foi resgatado três dias mais tarde, recuperou-se do seu estado de inconsciência e subsequentemente, viveu com boa saúde Cf. *Princeton Theological Review*, “The Sign of the Prophet Jonah” XXV (1927), 636. Quanto à possibilidade de que uma baleia poderia engolir a um homem, veja o artigo intitulado “How to Test the Story of Jonah”, por G. Macloskie, na *Biblioteca Sacra*, LXXII, 336s.

perdido, à parte da intervenção divina. E fez a promessa simples de que cumpriria seus votos, uma vez libertado. E assim sucedeu que por determinação divina, o grande peixe trouxe Jonas à terra seca.

Uma vez mais foi ordenado a Jonas que se dirigisse a Nínive. Dessa vez ele se encaminhou para leste, para a distante terra da Assíria, aproximadamente mil e trezentos quilômetros distante de Israel. Localizada na margem oriental do rio Tigre, Nínive era uma ampla cidade, com numerosos subúrbios fora de suas muralhas.<sup>7</sup> Foi ali que Jonas iniciou sua missão de pregação. Apesar de sofisticados e pecaminosos, seus habitantes deram ouvidos à advertência do profeta: “Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida”. Nem bem Jonas iniciara seu itinerário, e os ninivitas já reagiram favoravelmente. Penitenciando-se em cilício, jejuaram e voltaram-se para Deus, com fé.<sup>8</sup> E logo que a mensagem chegou ao palácio real, o monarca entrou em ação.<sup>9</sup> Trocando suas vestimentas reais por pano de saco, ele se sentou em um montículo de cinzas. Aos cidadãos de Nínive ele expediu uma proclamação real, admoestando-os para que abandonassem seus caminhos pecaminosos, por meio do arrependimento.<sup>10</sup>

Jonas ficou desconcertado por ver tão generalizados sinais de arrependimento. Para sua imensa surpresa, sua missão foi um sucesso. E para desapontamento seu, a cidade não foi destruída; ela foi poupada, por haver Deus atendido, misericordiosamente, às multidões arrependidas.<sup>11</sup> Talvez Jonas tivesse experimentando uma reação nervosa. A tensão mental e física, não apenas naquela viagem perigosa, mas também por haver pregado a um povo estrangeiro uma tão horrenda mensagem de julgamento, é algo difícil de avaliar. Seja como for, Jonas ficou terrivelmente perturbado.<sup>12</sup>

Insatisfeito com a resposta que Deus lhe deu ao adverti-lo, Jonas retirou-se para uma colina das proximidades, de onde se pôs a observar a cidade que fora destacada para a destruição. Aparentemente o período de quarenta dias ainda não havia terminado, pelo que ele continuava aventando a possibilidade da condenação iminente de Nínive. Abrigando-se em uma tenda, Jonas se sentiu encorajado quando Deus fez uma planta medrar rapidamente, provendo-lhe um dossel sombreado que o protegia do calor do dia.

Mas Jonas ainda tinha outra lição a aprender. Ao invés de ser testemunha da ruína da cidade, ele sofreu a inconveniência de ver um verme destruir a planta que lhe conferira tal deleite. Deus frisou que o profeta estava muito mais preocupado com seu próprio conforto do que com o bem-estar de 120 mil inocentes, que ainda não tinham chegado à idade do discernimento.<sup>13</sup> Para Deus, a conver-

<sup>7</sup>“Nínive, a grande cidade” - isso inclui a cidade propriamente dita e seus subúrbios. A partir de 1100 a. C., Nínive passou a ser usada como uma das residências reais. Depois de 722 a. C., Sargão II a tornou sua capital, e ela continuou a ser a principal cidade da Assíria, até sua queda, que ocorreu em 612 a. C.

<sup>8</sup>Quanto a uma discussão sobre a “fé” dos ninivitas, veja Pusey, *op. cit.*, pág. 415.

<sup>9</sup>Gaebelein arrisca a opinião de que o rei assírio em foco foi ou Adade-Nirari III (cerca de 811 - 782 a. C.) ou Salmaneser IV (cerca de 782 - 722 a. C.). Cf. *op. cit.*, pág. 119.

<sup>10</sup>Quanto a uma discussão sobre a reforma - embora ela não seja mencionada na história secular - veja Aalders, *op. cit.*, págs. 6 e 7.

<sup>11</sup>Cf. a maneira de Deus agir no passado. Deus garantira a Abraão que Sodoma e Gomorra seriam poupadas se ali houvessem dez homens justos (veja Gn 18). Cf. também Êx 32 e 1 Rs 21:29, onde Deus adiou o julgamento por sua misericórdia.

<sup>12</sup>Veja Gaebelein, *op. cit.*, pág. 129. Cf. também 1 Rs 19:4; Jr 20 e Jó 3.

<sup>13</sup>Pusey, *op. cit.*, pág. 426, calcula a população de Nínive em 600 mil habitantes.

são dos assírios era muito mais importante do que a preservação de uma planta para aprazimento de um só indivíduo.

O que finalmente sucedeu a Jonas não é relatado no livro que traz o seu nome. Aparentemente ele retornou à sua terra natal, a fim de registrar em forma escrita a sua missão entre os ninivitas.<sup>14</sup>

### Amós — Boiadeiro e Profeta — Am 1:1 - 9:15

Nos últimos anos do governo de Jeroboão, Amós proclamou a Palavra de Deus para o reino do Norte. Ele viera a Samaria da pequena aldeia de Tecoa, localizada a cerca de 8 km de Belém. Para ganhar a vida ele pastoreava ovelhas e podava sicômoros.<sup>15</sup> Quando se encontrava entre os pastores de Tecoa. Amós recebeu a chamada de Deus para ser profeta. Esse chamamento foi tão cristalinamente claro que quando o sumo sacerdote tentou impugnar a Amós, em Betel, o profeta se recusou a calar-se (veja Amós 7:10-17).

A mensagem de Amós refletia o luxo e o lazer dos israelitas durante o reinado de Jeroboão.<sup>16</sup> O comércio feito com a Fenícia, pedágios cobrados do tráfico de caravanas que atravessavam Israel e a Arábia, e a expansão para o norte, às expensas da Síria, foram proventos que aumentaram os cofres de Jeroboão. A rápida elevação do nível de vida entre os abastados aumentou as diferenças entre as classes sociais. Prevalciam os males sociais. Com agudo discernimento Amós observou a corrupção moral, o luxo pecaminoso e a opressão dos pobres, enquanto os ricos acumulavam maiores riquezas por meio da violência. Em linguagem simples mas vigorosa ele denunciou corajosamente os males que permeavam a vida social, econômica e política de Israel. A retidão não podia ser substituída pelos ritos religiosos, e sem aquela a nação de Israel não poderia escapar dos juízos de um Deus reto.

Por quanto tempo Amós profetizou? Visto que ele viera de Judá para os domínios de Jeroboão, a fim de denunciar a aristocracia abastada, é razoável supor-se que seu ministério foi tolerado apenas por bem breve período. Não ficou registrado o que sucedeu a Amós, depois que Amazias o enviou a Jeroboão. É possível que ele tenha sido aprisionado, expulso, ou mesmo martirizado.<sup>17</sup>

Com brilho literário e estilo excelente Amós expôs a mensagem de Deus para a sua geração.<sup>18</sup> Com simplicidade clássica ele retratou seu encontro com a geração pecaminosa que lhe era contemporânea. Quanto a uma breve análise do livro de Amós, note-se o seguinte:

I. Introdução	1:1,2
II. Denúncia contra as nações	1:3 - 2:16

<sup>14</sup>A tradição que diz Jonas foi sepultado no cômodo de Nebi Yunus, assinalado por um mosteiro no local de Nive, não tem confirmação histórica, D. W. B. Robinson, em seu artigo acerca de "Jonas", sugere que o livro pode ter sido escrito no reino do Norte, por Jonas, antes de 721 a. C., Cf. *O Novo Comentário da Bíblia*, pág. 872.

<sup>15</sup>Mediante um furo feito nessa fruta semelhante ao figo, os insetos em seu interior eram liberados, e o processo de maturação era acelerado.

<sup>16</sup>Concorda-se universalmente entre os eruditos que Amós profetizou durante os dias de Jeroboão II. Seu reinado terminou em 753 a. C., de acordo com E. R. Thiele, *op. cit.*, pág. 70. W. F. Albright, *The Biblical Period*, pág. 37, data o reinado de Jeroboão em cerca de 786 - 746 a. C. A última década do reinado de Jeroboão é uma data razoável para a missão de Amós. Bentzen, *op. cit.*, pág. 156, data Amós em aproximadamente 760 - 750 a. C.

<sup>17</sup>R. H. Pfeiffer, *The Books of the Old Testament* (Nova Iorque, 1957), pág. 300, sugere que o ministério de Amós limitou-se a alguns poucos meses. Amazias observou que a terra não podia suportar tão duras palavras (veja Am 7:10).

<sup>18</sup>Bentzen, *op. cit.*, pág. 155, sugere que o livro de Amós foi compilado em Judá, visto que Jeroboão é mencionado antes de Uzias, em Amós 1:1.

III. É expandida a acusação de Deus contra Israel 3:1-6:14

IV. O plano de Deus relativo a Israel 7:1-9:15

Observemos como Amós deu início à sua missão de pregação. Ao anunciar destemidamente o juízo que sobreviria às nações circunvizinhas, ele atraiu a atenção dos israelitas. A tirada do profeta provavelmente provocou uma alegria maliciosa em mais que uns poucos corações caleçados.

Damasco foi a primeira cidade a ser denunciada em juízo. Por certo alguns dos israelitas mais idosos ainda podiam lembrar-se de como Hazael lançara o caos entre eles, mediante a invasão, a ocupação e o cativeiro, durante o reinado de Jeú. Outros ainda, entre os ouvintes de Amós, foram desagradavelmente lembrados sobre os filisteus, que faziam negócios com os que eram levados cativos, em seu comércio com Edom. Tito se tornara culpada do mesmo negócio lucrativo. Os edomitas, que se notabilizavam por sua animosidade e ódio contra Israel, desde os dias de Jacó e Esaú, não haveriam de escapar do julgamento. As atrocidades dos amonitas e os feitos traiçoeiros de Moabe, igualmente, foram assinalados para receber julgamento.

Enquanto os israelitas ouviam a essas mordazes denúncias, feitas por Amós, sem dúvida se regozijam no fato de que o juízo divino fora determinado para seus pecaminosos vizinhos. Aquelas nações pagãs mereciam o castigo. Por essa altura, Amós vinha evitando aludir a Israel, acusando a seis nações, em derredor. O sétimo lugar na lista era ocupado por seu próprio reino, Judá. Talvez o povo de Jerusalém se sentisse orgulhoso por ser guardião da lei e do templo. Amós condenou-os sem medo, à vista da desobediência deles e por terem rejeitado a lei. Com toda a probabilidade isso foi extremamente agradável para os israelitas nacionais, que se ressentiam do orgulho religioso de Judá.

Tivesse Amós terminado sua mensagem neste ponto, e poderia ter gozado de grande popularidade; mas não foi isso que ocorreu. Em seguida, na lista das sentenças, encontravam-se os israelitas, a quem ele dirigia a palavra. Males sociais, opressão, imoralidade e profanação - essas coisas todas existiam em Israel. Deus jamais poderia negligenciar a tais pecados por parte do povo com quem estava ligado por aliança, a quem redimira do Egito. Se outras nações mereciam castigo, quanto mais a nação de Israel. Não, não poderiam escapar do escrutínio de Deus.

Verdadeiramente íntimas eram as relações entre Deus e Israel (veja Am 3:1-8). Dentre todas as nações da terra, Deus escolhera a Israel para ser o povo de Sua aliança. Entretanto, eles tinham transgredido. Restava uma única alternativa: Deus tinha de puni-los. O fracasso, por não estarem à altura de maiores privilégios e de mais abundantes bem-aventurações, por sua vez, atraiu a visitação julgadora de Deus.

Assim sendo, o juízo teria sobrevivendo por mero acaso? Mediante uma série de perguntas retóricas, para as quais a resposta óbvia era “Não”, Amós expressou a verdade máxima de que o mal ou a punição não sobrevém a uma cidade sem que Deus o saiba. Deus revela-o a seus profetas. E quando Deus fala com um profeta, quem pode deixar de profetizar? Por conseguinte, Amós não tinha alternativa. Deus lhe dirigia a palavra. Estava sob a compulsão divina para proferir a Palavra de Deus.

Convocando as nações pagãs vizinhas como testemunhas, Amós esboçou suas

acusações contra Israel (veja Am 3:9 - 6:14). Em Samaria, os ricos bebiam e festejavam às custas dos pobres. Persistindo nessas maldades, eles multiplicavam transgressões por meio de cerimônias e sacrifícios. Ao mesmo tempo, abominavam a repreensão, resistiam à verdade, aceitavam suborno, negligenciavam os necessitados e afligiam aos retos. Havia transmutado a justiça em um veneno virtual. A avaliação divina sobre as condições prevalentes em Israel deixava uma única alternativa. O exílio em massa fora decretado para os israelitas.

Entremeado com essas acusações, havia o explícito delineamento da condenação por vir. Um adversário haveria de circundar a terra. Nem a religião e nem a política poderiam salvar a nação de Israel, quando os altares de Betel e os palácios de marfim se esboroassem debaixo dos invasores. À semelhança de peixes apanhados com anzóis, os cidadãos de Israel seriam arrastados para o exílio. Deus estava trazendo contra eles uma nação, como castigo, a qual oprimiria a terra desde suas fronteiras nortistas, em Hamate, até ao rio do Egito.

A misericórdia antecederia ao juízo.<sup>19</sup> Deus enviara a seca, pragas e pestilências para chocar Israel e levá-lo ao arrependimento; mas Seu povo não havia reagido positivamente. Prosseguindo em seu curso de impiedade, eles agora antecipavam o dia em que o Senhor lhes traria bênçãos e vitória. Que trágica ilusão! Amós ressaltou que, para eles, haveria um dia de trevas, e não de luz. Tal como um homem que foge de um leão somente para encontrar-se com um urso, assim Israel teria de enfrentar uma calamidade inevitável no dia do Senhor. Deus já não conseguia tolerar as cerimônias religiosas, as festividades e os holocaustos deles, enquanto fossem culpados de pecados contra seus semelhantes. A única esperança de vida que lhes restava era buscarem a Deus, abominarem a maldade, amarem o bem e exibirem justiça em todo o seu padrão de vida. Mas, porquanto não tinham dado ouvidos a reiteradas advertências, o juízo de Deus agora era irrevogável. Deus não poderia ser subornado através de oferendas e sacrifícios, para que viesse a negligenciar a justiça. Total ruína - e não triunfo - esperava por eles no dia do Senhor.

O plano de Deus relativo a Israel foi claramente traçado. Eles haviam ignorado a misericórdia Dele. Agora o juízo era iminente. Por intermédio de cinco visões Amós previu os acontecimentos, que lhe proveram uma mensagem de aviso (veja Am 7 - 9). Essas visões retratavam vividamente a condenação vindoura. Em progressão ordenada, as primeiras quatro visões - os gafanhotos, o fogo, o prumo e o cesto de frutos de verão - conduziram à quinta visão, culminante, que simbolizava a destruição verdadeiramente dita.

Quando Amós viu a formação de enxames de gafanhotos, sentiu-se profundamente movido de compaixão por seu povo. Se esses gafanhotos fossem soltos pela terra, o povo perderia seu sustento alimentar, embora o rei contasse com sua ração, proveniente da produção vegetal da primavera. Imediatamente Amós exclamou: "Senhor Deus, perdoa, rogo-te!" E foi sustida a mão divina de julgamento.

Ato contínuo, o profeta tomou consciência de um fogo devorador, que Deus estava prestes a liberar em juízo contra Israel. Amós não podia tolerar a idéia de que o povo de Deus seria consumido pelo fogo. Uma vez mais fez intercessão e, em resposta, Deus desviou o julgamento.

<sup>19</sup>A exortação para preparar-se para o encontro com Deus (veja Am 4:12), não indica outra "oportunidade". Tendo menosprezado a misericórdia divina, foram solenemente advertidos a se prepararem para o castigo divino.

Na terceira visão, o Senhor apareceu com um fio de prumo na mão, a fim de inspecionar a muralha. Isso representava claramente o fato de que o Senhor inspecionava a Israel. Ninguém sabia, melhor do que Amós, que os israelitas não sairiam aprovados desse exame; mas o profeta foi advertido de antemão que Deus não passaria novamente com misericórdia. Ficou implícito o fato simples de que a intercessão de nada adiantaria. Por duas vezes Deus estendera a Sua misericórdia, mas agora os santuários só podiam esperar a ruína. A família real teria de enfrentar a espada.

Aparentemente, essa mensagem foi forte demais para alguns dos ouvintes, em Betel. Amazias, o sacerdote, voltou-se indignado contra Amós. Sem tardança enviou recado ao rei, e então confrontou o profeta com o ultimato que teria de retornar a Judá se quisesse escapar com vida. Com a firme convicção de que Deus o chamara, Amós anunciou corajosamente o triste fim de Amazias. Não somente ele seria morto e sua família ficaria exposta a sofrimentos, mas, em adição a isso, Israel seria desarraigado de sua terra e seria levado para o exílio.

Uma cesta com frutos do verão apareceu na quarta visão. Se o prumo simbolizava inspeção, os frutos de verão indicavam a iminência do julgamento. Tal como frutos podres, que só esperavam ser lançados no lixo, assim Israel se encaminhava célere para sua condenação. Aquilo seria o fim; Deus não passaria por meio deles jamais. Os opressores, os quebrantadores do sábado e os negociantes inescrupulosos foram chamados a prestar contas por causa de suas negociatas. Lamentações em breve substituiriam a música. As condições pendentes eram tais que o povo haveria de desejar ouvir a Palavra de Deus, mas não seria capaz de achá-la. Pereciam em meio aos julgamentos.

Na última visão, o Senhor apareceu de pé, ao lado do altar com a finalidade de executar a sentença contra Israel. Chegara o tempo de ferir os capitéis e fazer ruir a estrutura inteira do templo. Deus, que proporcionara a eles o bem, agora estava dirigindo pessoalmente a execução. Deus firmara a vista sobre eles para mal, e não para bem. Sem importar para onde fugissem, não escapariam ao cativoiro. Israel estava prestes a ser coada entre as nações, a fim de que o grão fosse separado da palha.

Todo profeta de Deus tinha uma mensagem de esperança. Em seu parágrafo final, Amós projetou uma promessa encorajadora (veja Am 9:11-15). A dinastia davídica, segundo ele, será restaurada - o reino será recuperado. Todas as nações "que são chamadas pelo meu nome" tornar-se-ão subservientes a Israel. Vigor e bom êxito uma vez mais prevalecerão, quando for restaurada a boa sorte de Israel. Avizinha-se o tempo quando Israel será estabelecido em sua própria terra, para dali nunca mais ser arrancado.

### **Oséias — O Mensageiro do Amor de Deus — Os 1:1 - 14:9**

Oséias, cujo livro ocupa o primeiro lugar na lista dos Profetas Menores, deu início a seu ministério na década final do governo de Jeroboão. Em contraste com Amós, cujo ministério aparentemente foi muito curto, Oséias continuou agindo por diversas décadas, até bem dentro do reinado de Ezequias. Mui provavelmente ele foi testemunha da queda de Samaria. Oséias não é mencionado em outros livros, sendo conhecido por nós exclusivamente pelo que ele registrou no livro que ostenta o seu nome. Embora pertencesse ao reino do Norte, seu ministério deve ter-se estendido a ambos os reinos (cf. Os 6:4).

Convém que se dê uma espiada nos tempos de Oséias. Ele nasceu e foi criado em uma região onde imperavam prosperidade e paz. Perto do fim desse período, quando Israel ocupava lugar liderante entre as nações da Palestina, Oséias começou o seu ministério anunciando o juízo divino contra a dinastia governante de Jeú. Antes de se passarem muitos anos, a nação lamentou a morte de Jeroboão, o notável rei do reino do Norte. O ano de 753/752 a. C. trouxe derramamento de sangue e assassinato ao palácio real. Zacarias governou somente por seis meses quando o assassino Salum pôs fim à dinastia de Jeú. Após ter governado por um mês apenas, Salum foi, por sua vez, assassinado por Menaém. Embora a capital tivesse ficado abalada, o reino do Norte manteve o **status quo** econômico durante os primeiros anos do reinado de Menaém.

Repentinamente, alterou-se a cena internacional. Tiglate-Pileser assenhoreou-se do trono assírio, em 745 a. C. Isso assinalou o reavivamento da agressão assíria na direção do ocidente, o que pôs o Crescente Fértil debaixo dos pés dos assírios, durante o século que veio em seguida. Finalmente, sob sucessivos monarcas, o cinturão comercial do mundo antigo, até à distante cidade de Tebas, passou a ser controlado desde a capital assíria.

As nações que teriam de ver-se a braços com o avanço ameaçador dos exércitos de Tiglate-Pileser, ficariam aterrorizadas. Havia motivos para tal pânico. De acordo com a nova política militar assíria, o nacionalismo era abafado mediante a remoção das populações dominadas de suas terras de origem para porções distantes do império. Por outro lado, eram trazidos estrangeiros para que se estabelecessem nas terras ocupadas, ficando assim evitadas as rebeliões subsequentes. Uma vez conquistada pela Assíria, era deveras difícil a uma nação libertar-se do jugo.

Tempos de turbulência perturbaram os reinos da Palestina durante a segunda metade do século VIII a. C. Inicialmente, Uzias, rei de Judá, encabeçou a coligação palestina para fazer frente ao avanço assírio, mas sem sucesso permanente.<sup>20</sup> Menaém só conseguiu reter seu trono cobrando impostos excessivos de seu povo, a fim de pagar o tributo exarado pelo monarca assírio.<sup>21</sup> Embora isso tenha dado solução temporária a seus problemas externos, Menaém despertou o ressentimento dos abastados cidadãos de Israel. Depois que ele morreu, seu filho, Pecaías, governou somente por dois anos, antes de ser assassinado, em levante contra a liderança que favorecia a política pró-assíria.

Peca, o assassino, tirou vantagem da concentração das tropas assírias por causa da campanha contra Urartu. Aliando-se aos sírios de Damasco, ele se preparou para quando os assírios retornassem. Essa tentativa abortada de livrar Israel da ameaça assíria, só serviu para piorar as coisas. Por volta de 732 a. C., Rezim, o monarca sírio, foi morto quando da ocupação de Damasco pelos assírios. Israel tinha bem poucas chances, porquanto Acaz, rei de Judá, firmara aliança com Tiglate-Pileser. Peca foi removido do trono por meio de assassinato, cedendo lugar a Oséias, o qual imediatamente assegurou ao rei assírio a sua lealdade e tributos pagos por Israel.

Oséias começou a reinar como vassalo da Assíria. Quando Salmaneser sucedeu a Tiglate-Pileser no trono da Assíria, em 722 a. C., os israelitas fizeram a ten-

<sup>20</sup>Veja G. E. Wright, *Biblical Archaeology*, pág. 161.

<sup>21</sup>Pritchard, *op. cit.*, pág. 283.



tativa de rebelar-se de novo. Mas dentro de poucos anos os exércitos de Salmanser V haviam cercado Samaria. Após um assédio de três anos capitulou a capital israelita, em 722 a. C. Três décadas depois da morte de Jeroboão o reino do Norte foi reduzido a posição de nação liderante entre os países da Palestina para tornar-se mera província assíria.

Essas décadas que sacudiram reinos quase obliteravam a voz do profeta Oséias. As coisas corriam tão bem, nos anos iniciais de seu ministério, que os israelitas não queriam ser perturbados por avisos proféticos. A dinastia de Jeú havia conseguido firmar-se com êxito no trono por quase um século. Antes de passar-se muito tempo, entretanto, as predições de Amós acerca do exílio de Israel assumiram um significado portentoso, quando começou a ser posta em prática a política militar assíria de desarraigar populações inteiras das terras ocupadas. Homicídios repetidos, que ocorreram no palácio, a invasão assíria, impostos pesados e tributos volumosos, alianças estrageiras vacilantes e, finalmente, a queda de Samaria, figuraram nos tempos do ministério de Oséias.

Em meio às tensões e pressões dos tempos em mutação, Oséias serviu fielmente à sua geração, como porta-voz de Deus. Nenhum detalhe é dado acerca de seu chamamento ao ministério profético, além do fato de que o Senhor falara com ele. Foi impelido a retratar o fato de que Deus continuava amando à desviada nação de Israel. Pacientemente, ele rogava a seu povo que se arrependesse, ao mesmo tempo que contemplava o reino escorregar de sua posição exaltada e arrogante, sob Jeroboão II, para o nível de uma província assíria ocupada.

Durante seu longo ministério, Oséias compartilhou das desgraças de sua gente, em um reino que cambaleava. Movido de amor e compaixão por seus semelhantes, ele manifestou sensível reação para com as necessidades de Israel, em suas condições pecaminosas. Alicerçado em suas experiências pessoais, ele expressou, em tons apaixonados, o amor de Deus por um povo que não correspondia à Sua bondade.

Nenhuma data específica nos é conferida no livro de Oséias. Visto que Jeroboão e Uzias são mencionados por nome no versículo inicial, geralmente se concebe que Oséias começou o seu ministério por volta de 760 a. C., nos anos finais do reinado de Jeroboão.<sup>22</sup> Por certo as suas predições concernentes à dinastia de Jeú, no primeiro capítulo, e quiçá as mensagens sucessivas, nos três primeiros capítulos, tenham sido anunciadas publicamente, antes da morte de Jeroboão. É razoável associarmos as mensagens dos capítulos 4 - 14 às ocorrências que projetaram as longas sombras da dominação assíria por sobre a terra da Palestina. Quanto a uma análise dessa mensagem em sua inteireza, conforme está registrado no livro que é chamado por seu nome, consideremos o esboço abaixo:

- |   |             |
|---|-------------|
| I. O casamento de Oséias e sua aplicação a Israel | 1:1 - 3:5   |
| II. As acusações de Deus contra Efraim            | 4:1 - 6:3   |
| III. Decisão divina de punir Efraim               | 6:4 - 10:15 |

<sup>22</sup>Por certo um período mínimo de três a dez anos deve ser permitido para o casamento e o nascimento dos três filhos de Oséias. Quanto desse período foi contemporâneo do reinado de Jeroboão não é indicado. Visto que a data final de Jeroboão foi 753 a. C., parece razoável datar o começo do ministério de Oséias em aproximadamente 760 a. C.

#### IV. Resolução divina, em julgamento e misericórdia

11:1 - 14:9

Singular entre as experiências dos profetas foi a experiência matrimonial de Oséias. Por compulsão divina ele se casou com Gômer. Com o tempo, nasceram três filhos - Jezreel, Lo-Ruama e Lo-Ami. Esse relacionamento doméstico tornou-se base para diversas mensagens que Oséias preferiu para seu povo, na primeira década de seu ministério.

A parcimônia de Oséias, quando fala sobre seu casamento e sua vida doméstica, cria certo número de problemas.<sup>23</sup> Apesar disso, o leitor não pode deixar de perceber a progressiva revelação da mensagem de Deus por intermédio de Oséias. Após o nascimento de cada filho seu, foi apresentada com maior vigor e com clareza mais cristalina a advertência sobre o juízo iminente.

O nome "Jezreel" evocava numerosas memórias de ominoso significado nas mentes dos israelitas. Na qualidade de cidade real de Israel, estava associada ao assassinato de Nabote por Jezabel. No momento, relembra aos israelitas que a poderosa dinastia governante de Jeú havia assinalado seu caminho para o trono com excessivo derramamento de sangue em Jezreel (veja 2 Rs 9 - 10). Por esse meio, Oséias avisava à sua geração que o reino do Norte estava se aproximando de seu fim. Seu poder seria extinto no vale de Jezreel.

Outra advertência foi feita a Israel, ante o nascimento da filha de Oséias, Lo-Ruama. O sentido desse nome, "não compadecida", transmitia aos israelitas a mensagem que Deus retiraria deles a Sua misericórdia. Nunca mais Ele haveria de perdoá-los plenamente.

O nascimento subsequente de um terceiro filho trouxe o anúncio mais grave de que Deus estava cortando seu relacionamento com Israel. Devido à aliança, havia um vínculo mútuo entre Deus e o Seu povo. Agora Oséias dava aviso a Israel de que esse vínculo fora dissolvido. Israel não era mais povo de Deus; Deus não era mais o Deus de Israel. A relação de pacto fora esticada a ponto de partir-se.

Não obstante, olhando para o futuro distante, Oséias injetou um raio de esperança sobre as perspectivas de que os israelitas seriam totalmente abandonados por Deus.<sup>24</sup> A sentença decretada contra Israel seria prontamente executada, embora estivesse surgindo no horizonte um dia em que tanto Israel quanto Judá seriam recolhidos sob um único governante, na sua própria terra. Essa inumerável multidão seria identificada pelo nome de "filhos do Deus vivo".

Oséias reverteu, em seguida, aos seus problemas contemporâneos. A esperança de restauração final precisava de pouca ênfase, uma vez que sua geração estava prestes a perder o favor divino. A fórmula legal de divórcio (veja Os 2:2) indica que o profeta desmanchava seu matrimônio com a adúltera Gômer. Por semelhante modo, Israel, devido ao seu registro terrível, era nação culpada de adultério. O trigo, o vinho, o azeite, a prata e o ouro de que Deus prouvera graciosamente a eles, foram utilizados pelos israelitas para fazer oferendas a Baal. Israel, conforme o demonstrava a sua conduta, não "conhecera" ou não percebera que Deus havia propiciado todas essas coisas boas para o povo com quem

<sup>23</sup>As duas interpretações fundamentais dessa passagem são a literal e a alegórica. Quanto a um breve sumário, veja Bentzen, *op. cit.*, págs. 146-149. Quanto a interpretações mais amplas, veja os comentários comuns.

<sup>24</sup>Quanto a uma esclarecedora discussão, veja C. F. Keil, *The Twelve Minor Prophets*, vol. I (Edinburgo, 1868), na referência de Os 1:10.

estava ligado por pacto.<sup>25</sup> Agora, entretanto, Deus estava prestes a visitá-los em julgamento. Todas as festividades religiosas cessariam. Israel seria castigado em razão de sua apostasia, sendo desarraigado e exilado - ficando abandonado por Deus.

Uma vez mais foi desvendado o futuro. No devido tempo, o Senhor mostraria-se gracioso, restaurando a nação de Israel (veja Os 2:14-23). Aproxima-se o dia quando será renovada a aliança, de modo que a nação uma vez mais desfrutará das bênçãos divinas, como povo de Deus. Esse compromisso foi confirmado pelas experiências do próprio Oséias (veja Os 3:1-5).<sup>26</sup> Ao profeta foi mandado que procurasse por sua esposa, a fim de reintegrá-la na sua família. Porém, onde estava ela? O que lhe teria sucedido? Aparentemente ela chegara a extremos de imoralidade, de maneira que ninguém a queria por esposa. Oséias a encontrou no mercado, onde era oferecida à venda para quem desse mais.<sup>27</sup> Ultrapassando em muito às suas obrigações legais e morais, ele pagou o preço e conferiu-lhe seu amor, renovando seus votos matrimoniais. Essa ação simbolizou a atitude de Deus para com a adúltera nação de Israel. A promessa simples de Deus é que Israel seria novamente restaurado nos últimos dias, sob o governo de Davi, seu rei.

Que censura Deus tinha contra Israel? Linguagem blasfema, mentiras, homicídios, furtos, adultérios e crimes de sangue - tudo isso servia de sintomas do fracasso de Israel, não querendo reconhecer nem honrar a Deus. O povo havia ignorado as leis de Deus;<sup>28</sup> em conseqüência, Deus os estava rejeitando. Em sua idolatria, Efraim se mostrava pior que uma prostituta.<sup>29</sup> Os sacerdotes e profetas, igualmente, tinham falhado, de modo que a própria nação de Judá foi advertida a não deixar-se contaminar por Efraim. Os sacerdotes, o rei e o povo foram alertados para o fato de que o julgamento se aproximava (veja Os 5:1). Enquanto trombetas soavam o alarma por toda a terra, Deus advertia a Israel que ele estava prestes a abandoná-lo. Essa nação não havia inquirido pelo Senhor, mas esperava socorro da parte da Assíria. Deus a estava abandonando até o tempo em que ela o buscasse de forma genuína (veja Os 6:1-3).

O que Deus faria com Efraim? Essa pergunta atingia em cheio a discussão objetiva apresentada no trecho de Os 6:4 - 10:15. Essa secção reflete a mensagem de Oséias durante as décadas durante as quais a nação de Efraim estava nos estertores da desintegração, debaixo do avanço esmagador da máquina de guerra dos assírios. Gradualmente, as nuvens do exílio projetavam uma sombra mais e mais negra sobre a terra de Efraim, até que, finalmente, extinguiu os últimos raios das esperanças nacionais de Israel.

Na relação de pacto o amor de Israel por Deus havia hesitado com freqüência.

<sup>25</sup>O vocábulo "conhecer" ou "conhecimento" é freqüentemente empregado por Oséias, não se referindo meramente à compreensão intelectual. O problema é que as pessoas não ajustam as suas vidas aos requisitos divinos.

<sup>26</sup>Quanto a uma discussão sobre essa mulher, no terceiro capítulo, e quanto à sua identificação com Gômer, veja Normam Snaith, *Mercy and Sacrifice* (Londres: SMC Press, 1953), págs. 27-38.

<sup>27</sup> Talvez ela se tivesse tornado escrava concubina de outro homem, ou talvez houvesse regressado para a casa de seu pai, a quem Oséias teve de pagar por novo noivado.

<sup>28</sup>Cf. Êx 19:1-6, onde a obediência figura como a chave para o correto relacionamento entre Deus e Israel como Seu povo santo.

<sup>29</sup>Com freqüência Oséias usa a palavra "Efraim" para designar o reino do Norte, em contraste com Judá. O pacto fora firmado nos tempos mosaicos, com a nação inteira. A divisão política, em 931 a. C., e que perdurava ainda nos dias de Oséias, não mais existirá quando da restauração. Cf. também Ez 37.

Por reiteradas vezes Deus tentara desviar Seu povo de seus caminhos errados por meio dos profetas enviados para chamá-lo à atenção. Noutras oportunidades Ele os visitara com calamidade e julgamentos. No entanto, persistiam, procurando substituir o verdadeiro amor e a lealdade por oferendas. Quando Deus viesse a revivê-los, após o castigo, o que acharia Ele? Más ações, engodo, furto e alcoolismo - essas coisas eram tão nauseantes para Deus como uma panqueca mal assada. Ninguém em Israel estava buscando a Deus verdadeiramente. Efraim era orgulhoso. Agindo como pomba que facilmente pode ser enganada, os oficiais da nação buscaram garantir ajuda da parte do Egito ou da Assíria, mediante a diplomacia, na esperança de que assim escapariam do juízo divino. Ao invés de dependerem de Deus, continuavam demonstrando que dependiam de Baal. Que mais poderia fazer Deus, senão executar a sentença contra aquele povo desviado?!

Outra acusação contra Israel era que reis haviam sido entronizados sem a aprovação de Deus. Ao fundir ídolos, o povo havia desconsiderado o decálogo, o que limitava claramente a lealdade e fidelidade deles a Deus, o qual os livrara da servidão egípcia.<sup>30</sup> Outrossim, a multiplicação de altares e sacrifícios não era agradável a Deus por não estar isso acompanhado pelas atitudes apropriadas. A hipocrisia religiosa dos dias de Oséias era patente aos olhos de Deus. Devido à iniquidade desmedida, morte e destruição estavam entesouradas para Israel. O rei seria completamente removido, quando do término do reino (veja Os 8:1 - 10:15).

Como ficaria resolvido o amor e a justiça eterna de Deus para com a desviada nação de Israel? Haveria Deus de abandonar e esquecer o Seu povo? A solução para esse problema aparece em Os 11:1 - 14:9.

Israel era filho de Deus.<sup>31</sup> No Egito, Deus confirmara Sua aliança com os israelitas, tendo-os redimido da escravidão. Assim como um pai cuida ternamente de seu filho que engatinha, provê para cada necessidade sua e lhe confere seu amor sem medida, assim Deus cuidara continuamente de Israel. Agora aquele povo havia transgredido e precisava ser disciplinado. Punição era necessária, mas não entrariam novamente no Egito. A Assíria foi designada como a terra de seu exílio.<sup>32</sup>

Ainda a braços com o problema do amor paternal e compassivo por um filho desviado, a mensagem profética estabelece a transição de uma ameaça para uma promessa, por meio da pergunta: “Como te deixaria, ó Efraim?” O dilema será resolvido mediante o envio de Israel para o exílio, mas sendo dada a certeza de que ele retornará do exílio. Tanto Judá quanto Efraim eram culpados de depender do Egito e da Assíria como seu socorro. Israel havia provocado Deus à ira, tornando-se um opróbrio diante de Deus. Por algum tempo o Senhor seria para aquela nação como um leão devorador, a fim de executar a sentença decretada contra ela. Isso não poderia ser alterado, mas no futuro o Senhor ajudará a Israel. Essa promessa proveu consolo e apoio a Israel, durante os negros dias de seu exílio.

Para seu povo Oséias apresentou a fórmula simples de retorno a Deus: o aban-

<sup>30</sup>Cf. os avisos dados por Moisés, em Dt 28:15-68.

<sup>31</sup>Aqui Deus é retratado como um pai compassivo, que ama a seu filho, ao passo que antes disso o pacto entre Deus e Israel fora expresso figuradamente como um laço matrimonial.

<sup>32</sup>Cf. Os 11:5 na ASV e na RSV. Na primeira dessas versões é seguido o texto hebraico, que diz: “Ele não retornará ao Egito”. A outra versão omite a negativa, seguindo assim o texto grego.

dono dos ídolos, a transferência da fé e da confiança da Assíria para Deus, e a confissão das iniquidades. Somente em Deus os órfãos encontrariam misericórdia (veja Os 14:1-4).

A esperança definitiva repousa na restauração de Israel. Chegará o dia quando os ídolos serão abandonados e quando a devoção a Deus será perfeita. Restaurada à sua própria terra, a nação de Israel desfrutará uma vez mais de prosperidade material e das bênçãos divinas.

### LEITURAS SELECIONADAS

Aalders, G. **The Problem of the Book of Jonah**. Londres: Tyndale House Publications, 1948.

Cripps, R. **A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Amos**. Nova Iorque: The Macmillan Company, 1955.

Feinberg, C. **Hosea: God's Love for Israel**. Nova Iorque: American Board of Missions to the Jews, 1949.

Harper, W. R. **Amos and Hosea (ICC)**. Nova Iorque: Scribner's, 1910.

Hillis, D. W. **The Book of Jonah**. Grand Rapids: Baker Book House, 1967.

Knight, G. A. F. **Hosea: God's Love**. Londres: SMC Press, 1960.

Logsdon, S. F. **Hosea: People Who Forgot God**. Chicago: Moody Press, 1959.

Morgan, G. C. **Hosea: The Heart and Holiness of God**. Nova Iorque: Fleming H. Revell Co., s.d.

Snaith, N. H. **Amos, Hosea, and Micah**. Londres: Epworth Press, 1956.

——— **Mercy and Sacrifice**. Londres: SMC Press, 1953.

Wolfe, R. E. **Meet Amos and Hosea**. Nova Iorque: Harper & Brothers, 1945.

## Capítulo XXIII

### Advertências a Judá

A quem Deus usou para dar aviso aos cidadãos de Judá acerca do julgamento vindouro? Distinguidos entre os profetas maiores encontravam-se Isaías e Jeremias, cada um dos quais serviu sua respectiva geração por mais de quarenta anos. Na qualidade de profetas menores Joel, Miquéias e Sofonias figuram como vozes liderantes no reino do Sul. Tendo recebido de Deus a responsabilidade de relacionar a mensagem profética aos acontecimentos contemporâneos, eles tiveram de fazer frente aos problemas com que se defrontavam suas respectivas gerações, concluindo com uma promessa de restauração.

#### **Joel — O Dia Crucial do Senhor — Joel 1:1 - 3:21**

O profeta Joel nos é desconhecido além dos limites do livro que traz o seu nome. E mesmo no livro a única informação que nos é dada é a do nome de seu pai. Seus pronunciamentos refletem um ministério público na terra de Judá.<sup>1</sup>

A data das atividades proféticas de Joel é difícil de ser determinada.<sup>2</sup> Ele faz alusão à Filístia, à Fenícia, ao Egito e a Edom como nações contemporâneas. O templo estava de pé em Jerusalém, havendo sacerdotes e anciãos que eram líderes proeminentes em Judá. Uma praga extremamente severa de gafanhotos conduziu Joel à cena que envolve uma mensagem escatológica. Nenhuma dessas referências mostra conclusivamente as datas do ministério de Joel. As datas sugeridas variam desde o reinado de Joás até aos tempos pós-exílicos (850 - 350 a. C.).<sup>3</sup>

A análise seguinte tenta mostrar o desenvolvimento da mensagem de Joel:

I. A praga de gafanhotos

1:1-12

<sup>1</sup>Arvid S. Kapelrud, *Joel Studies* (Uppsala, 1948), pág. 11. Cf. Jl 1:14 e outros versículos.

<sup>2</sup>*Ibid.*, págs. 181-192, onde há excelente análise sobre os problemas da data de Joel. Embora ele favoreça uma data aproximada de 600 a. C., admite que o mais difícil enigma é a data do ministério de Joel. Não existem alusões diretas ao tempo, pelo que as sugestões acerca de qualquer data dependem de evidências circunstanciais.

<sup>3</sup>Quanto a um brevíssimo sumário das datas sugeridas acerca de Joel, veja Aage Bentzen, *Introdução ao Antigo Testamento*, págs. 150-154. Quanto a uma data pós-exílica, veja R. H. Pfeiffer, *Introduction to the Old Testament*, pág. 575. Quanto a uma discussão sobre uma data antiga, veja E. J. Young, *Introdução ao Antigo Testamento*, págs. 265-268.

II. Admoestação e intercessão	1:13-20
III. Advertência e exortação	2:1-17
IV. A resposta e a promessa de Deus	2:18-32
V. Juízo e bênção universais	3:1-21

Qualquer praga de gafanhotos é motivo de alarma. Embora tais devastações não fossem sem precedentes na terra de Judá, essa praga pode ter-se pronunciado extremamente severa. As árvores são despidas de sua folhagem, os campos são desfolhados e o povo fica atônito quando subitamente se vê sem alimentos. Tão assolada ficara a nação de Judá que as oferendas prescritas não foram trazidas à casa do Senhor. Nessa desesperadora situação Joel, com uma mensagem apropriada e oportuna, pronunciou-se com convicção na qualidade de porta-voz de Deus.

Lamentações, luto em vestes de cilício e ajuntamentos públicos para finalidade de jejum - tudo isso fora ordenado por Deus. Na onda dessa praga de gafanhotos, que provocou até o perecimento das feras dos campos, foi mister que o povo reconhecesse que se tratava de um juízo divino. O profeta Joel, pois, sentiu-se impelido à oração intercessória.

Embora essa devastação tivesse sido aterrorizadora, um pior tipo de julgamento espera Sião, no dia do Senhor (veja Jl 2:1-11). Joel requereu que se tocasse a trombeta, soando o alarma. Fogo consumidor precederá e seguir-se-á ao exército destruidor que invadirá a cidade de Sião. O firmamento estremecerá, a terra baloiçará e as luminárias do céu perderão parte de sua luminosidade quando Deus descer para executar Seus juízos contra Sião. Melancolicamente, o profeta levanta a questão referente ao grande e terrível dia do Senhor - quem poderá resistir a ele?

Contudo, ainda havia tempo para os homens se arrependem e buscarem o perdão divino (veja Jl 2:12-17). Não haveria Deus de poupar àqueles que penitentemente Lhe pedem perdão? Não estenderia Deus a Sua misericórdia para evitar o opróbrio de Judá entre as nações?

A resposta divina traz a certeza de uma incomensurável bênção (veja Jl 2:18-27). Uma vez mais a terra se regozijará ante colheitas abundantes. As primeiras e as últimas chuvas retornarão, prevalecendo assim as estações frutíferas. Safras acima de todo cálculo farão Israel reconhecer a Deus, regozijando-se diante Dele.

Antes do fim do tempo, Deus derramará de Seu Espírito. Sonhos e visões serão multiplicados. Os homens invocarão ao nome do Senhor e serão libertados. Após esse período de refrigério, o sol será enegrecido e a lua se tornará qual sangue. Em parte alguma Joel indica por quanto tempo perdurará esse tempo de refrigério, sob o ministério do Espírito Santo; mas ele nos fornece a seqüência de acontecimentos. Prodígios celestiais seguir-se-ão a esse período de bênçãos.

No tempo da restauração de Judá, todas as nações serão reunidas no vale de Josafá, para serem julgadas.<sup>4</sup> Os pagãos dispersaram ao povo de Israel, dividiram a sua terra e lançaram sortes acerca do povo de Deus. A Fenícia e a Filístia são acusadas de terem escravizado cidadãos de Judá, a fim de vendê-los aos gregos; essas duas, juntamente com todas as outras nações, são convocadas a se

<sup>4</sup>Josafá significa "Yahweh julga". A identificação desse vale é incerta. Cf. Jl 3:14, que liga esse locativo ao vale da decisão.

prepararem para a guerra no vale de Josafá, onde Deus assentar-se-á em juízo sobre multidões inumeráveis. A iniquidade dessa gente terá atingido o limite da misericórdia divina. Ele descerá a Sião a fim de vingar o sangue de Seu povo. Os céus e a terra serão abalados, ao passo que o sol, a lua e as estrelas recusar-se-ão a dar seu brilho, quando os ímpios forem destruídos. Uma vez mais os israelitas possuirão Sião e reconhecerão que o Senhor é seu Deus. Brotará uma fonte no templo, irrigando a terra toda, conferindo-lhe tempos de prosperidade e bênção. Em contraste, o Egito e Edom ficarão desolados. Israel desfrutará de sua terra para sempre, quando o Senhor Deus vier habitar na Sua santa cidade de Sião, quando estrangeiros não mais atravessarão Jerusalém.

### Miquéias — Reformador em Tempos Turbulentos —

#### Mq 1:1 - 7:20

No auge do domínio assírio sobre a Síria e a Palestina, o profeta Miquéias surgiu no palco da vida de Judá. Desde os dias de Jotão (cerca de 740 a. C.) ele continuou o seu ministério até a virada do século. Durante o reinado de Ezequias, foi ofuscado por seu colega, Isaías.

O sol estava se pondo sobre a era de prosperidade e de prestígio internacional de Judá, quando Miquéias apareceu. Uzias, cujos interesses comerciais penetravam na Arábia e cujo poder militar poderia desafiar os exércitos assírios que avançavam do norte, faleceu em 740 a. C.<sup>5</sup> Jotão manteve o *status quo* por diversos anos mais, enquanto Peca desenvolvia uma política antiassíria em Samaria. Em cerca de 735 a. C., o partido pró-assírio, em Jerusalém, instalara Acáz no trono davidico. No espaço de poucos anos, esse jovem rei havia firmado uma aliança com a Assíria, o que, em essência, reduzia-o à posição de um rei vassalo de Tiglate-Pileser III. Durante as duas décadas desse relacionamento judaico-assírio, os reinos da Síria e de Israel entraram em colapso sob as forças assírias que avançavam.

Nesse período tísico - quiçá pouco depois da morte de Uzias - Miquéias respondeu ao chamamento profético. Crises repetidas abalaram o equilíbrio de poder entre as nações da Palestina e a Síria, enquanto os assírios ampliavam o seu império. Miquéias predisse a queda de Samaria, tanto quanto a destruição de Jerusalém em sua mensagem introdutória, dirigida aos cidadãos do reino do Sul. Embora os motivos específicos para sua prédica não tenham sido indicados, sem dúvida nenhuma o livro expõe a essência de suas mensagens durante os reinados de Jotão, Acáz e Ezequias. A predição concernente à cidade de Samaria pode ter sido anunciada tão cedo quanto o reinado de Jotão. As condições corruptas e idólatras, refletidas em todo o seu livro, podem ter estado relacionadas ao baixo nível de moralidade e de interesse religioso durante os dias de Acáz. Por quanto tempo Miquéias continuou a pregar, durante o reinado de Ezequias, é algo de que não se tem certeza.<sup>6</sup>

Com a ascensão de Ezequias ao trono, em 716 a. C., raiou uma nova era em Judá. O pagamento de tributo e adoração segundo moldes pagãos no templo, promovida por Acáz, por esse tempo se tinham tornado medidas muito impopulares. O novo rei pôs fim à política de apaziguamento dos assírios. Foi providen-

<sup>5</sup>Cf. W. F. Albright, *The Biblical Period*, págs. 39-40, e E. R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, págs. 75-98, e G. E. Wright, *Biblical Archaeology*, pág. 161.

<sup>6</sup>Bentzen. *op. cit.*, pag. 165, sugere cerca de 724 - 711 a. C., como o tempo do ministério de Miquéias.



cial que Sargão, com seus exércitos, estivesse profundamente envolvido em outras porções de seu extenso império. Juntamente com um espírito de nacionalismo, Ezequias desenvolveu poderoso programa de defesa. Além de ampliar e de fortificar as muralhas de Jerusalém (veja 2 Cr 32:5), ele garantiu adequado suprimento de água, com a construção do túnel de Siloé - que até nossos dias constitui uma atração turística.<sup>7</sup> A inscrição bem conhecida, existente nesse túnel, e que atualmente se encontra no museu de Istambul, dá testemunho quanto a esses esforços de Ezequias.

As normas religiosas, inauguradas por Ezequias, foram tão drásticas e eficazes que com justiça vieram a ser consideradas as mais notáveis reformas da história de Judá (veja 2 Rs 18). Altares, colunas sagradas e postes-ídolos foram demolidos. Até mesmo Neustã, a serpente de cobre feita por Moisés, foi destruída, porquanto fora transformada em objeto de veneração e adoração. Com toda a possibilidade, os objetos do culto assírio foram removidos do templo. Por intermédio de tais reformas, foi desimpedido o caminho para Israel retornar à adoração a Deus, conforme está prescrito na lei mosaica.

Foi numa época assim que Miquéias viveu na terra de Judá. Sua cidade natal era a vila de Moresete-Gate, aproximadamente a 32 km a sudoeste de Jerusalém.<sup>8</sup> É possível que ele tenha visto sua nação ser engolfada pelos assírios, sob Senaqueribe. A ameaça a Jerusalém, em 701 a. C., terminou abruptamente, através de notabilíssimo livramento, registrado nos livros de Isaías, Reis e Crônicas. Não se sabe, porém, até que ponto Miquéias se viu pessoalmente envolvido nesses cruciais acontecimentos.

Fora dos limites do livro que exhibe seu nome, o profeta Miquéias figura apenas por uma vez no Antigo Testamento. Quase um século mais tarde, Jeremias prestou testemunho acerca da declaração condenatória feita por Miquéias (veja Jr 26:18,19).

Enquanto ocorriam repetidas crises em Judá e nas nações próximas, Miquéias sem dúvida encontrou numerosos motivos para elevar sua voz como profeta. As implicações políticas e religiosas da deliberada e firme expansão do poder assírio Palestina a dentro, exigiam um intrépido ministério, de homens corajosos como Miquéias e Isaías. Embora eles não façam alusão um ao outro, sem dúvida alguma estiveram associados em seus deveres proféticos. Tão razoável é essa possibilidade que se tem conjecturado que Miquéias pode ter sido discípulo de Isaías. A passagem clássica sobre a restauração de Sião é comum a ambos os livros.<sup>9</sup> Também se tem conjecturado que Miquéias era um profeta rústico, cujo ministério era rural, ao passo que o cidadão Isaías devotava seus esforços proféticos à população e à corte de Jerusalém.

Nesses tempos de turbulência, Miquéias frisou corajosamente quais os males que prevaleciam em Samaria e em Jerusalém. À semelhança de Amós, ele não hesitou em denunciar os proprietários de terras e os governantes, porquanto opriam aos pobres. Juntamente com Isaías, ele anunciou a condenação vindoura, mas também as esperanças de restauração de Sião e da nação escolhida.

<sup>7</sup>Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, pág. 321.

<sup>8</sup>Essa aldeia estava localizada na Sepelá, cerca de 27 km de Tecoa, cidade natal de Amós. Os exércitos e as caravanas comerciais atravessavam essa planície com freqüência. Nos anos de 734, 711 e 701 a. C., bem como noutras datas, os assírios desceram até essa área.

<sup>9</sup>Cf. Mq 4:1-5 e Is 2:1-4.

Mais numerosos que em muitos outros livros proféticos destacam-se as predições específicas e seu cumprimento, no livro de Miquéias. Ele falou sobre a condenação de Samaria e Jerusalém, sobre o exílio imposto a ambos esses reinos, sobre a restauração de Israel, sobre o período de paz absoluta e sobre a vinda do rei-pastor, que nasceria em Belém. Algumas dessas predições já se tornaram história, mas outras ainda aguardam seu cumprimento.

O esboço seguinte serve de introdução a uma consideração mais específica acerca da mensagem de Miquéias:

I. Acusações contra Samaria e Jerusalém	1:1-16
II. Os líderes são condenados	2:1 - 3:12
III. A restauração de Sião	4:1 - 5:1
IV. O rei-pastor de Belém	5:2-15
V. Condições contemporâneas versus condições futuras	6:1 - 7:20

Miquéias preocupou-se com as capitais de Judá e de Israel, em sua introdução. Deus estava prestes a sair de Sua santa moradia a fim de impor juízo contra Israel, reduzindo Samaria a um montão de entulho. Imagens serão despedaçadas e ídolos destruídos (veja Mq 1:1-7). Percebendo que Jerusalém estava destinada a sorte similar, Miquéias levantou lamentação. Exibiu abertamente a sua tristeza, despindo-se de sua túnica externa e andando descalço. Visto que essa calamidade chegará até aos portões de Jerusalém, o povo de Judá foi advertido a preparar-se para o exílio (veja Mq 1:8-16).

Mediante incisiva análise, Miquéias desnuda os insidiosos esquemas usados pelos nobres, no exercício de seu poder e prestígio (veja Mq 2:1-9). Eles se assegnoreavam de campos e casas. Desconsideravam os direitos de herança.<sup>10</sup> Os turistas que porventura passassem por suas fronteiras eram assaltados. As viúvas, que não tinham ninguém para defendê-las, eram expulsas de suas propriedades.<sup>11</sup> Por causa dessas coisas, a destruição era inevitável, embora houvesse a esperança da restauração de um remanescente (veja Mq 2:10-13). Deus recolherá e cuidará de Seu próprio povo, tal como um pastor providencia o necessário para seu rebanho. A soltura dos exilados é algo resolvido, e se concretizará sob o poder e a força do Senhor, o qual marchará perante Seu povo como Rei.

Os governantes civis, em seguida, são convocados a prestar contas por motivo de seus atos iníquos. Odiando ao bem e amando ao mal, eles eram culpados de maltratar ao povo. Conseqüentemente, Deus não lhes dará ouvidos. Profetas faziam o povo desviar-se, popularizando a mensagem em troca de sua própria vantagem econômica. Chegaria o dia em que profetas, videntes e adivinhos cairiam na desgraça, por causa de sua incapacidade de obter reposta da parte do Senhor. Miquéias, em contraste, estava tomado pelo Espírito do Senhor, repreendendo e advertindo sua geração por causa de seus pecados.<sup>12</sup> Entrementes, os juízes davam sentenças em troca de subornos, e os sacerdotes ensinavam por causa de recompensas materiais. Prevalencia a injustiça por toda parte. Por todas essas ra-

<sup>10</sup>Cf. Num 27:11; Lv 25:8 ss. e Dt 27:17.

<sup>11</sup>Note-se o cuidado pelos órfãos e pelas viúvas, em Êx 22:22 e Dt 27:19. Cf. também Is 1:17.

<sup>12</sup>Veja C. F. Keil, *The Twelve Minor Prophets*, vol. I, na referência de Mq 3:8.

zões, Sião será arada como um campo, e Jerusalém será reduzida a um montão de escombros (veja Mq 3:1-12).

Terrível e certa é a condenação. Mas agora Miquéias volta a sua atenção para a restauração de Sião, nos últimos dias. É desse monte - Sião - que estava condenado por causa dos pecados de Judá, que a lei será expedida para todas as nações. Sião será não somente a capital de Judá, mas também o ponto axial de todas as nações. Prevalecerá um justo julgamento - espadas e lanças serão transformadas em implementos agrícolas. A paz universal tornar-se-á a ordem do dia, e Israel viverá isento de temores (veja Mq 4:1-5). O remanescente de Israel, embora espalhado por todas as nações, receberá consolo na esperança da restauração. Deus o resgatará do exílio na Babilônia.<sup>13</sup> A despeito da oposição feita por muitas nações, Sião será restaurada (veja Mq 4:6 - 5:1).

A esperança do vitorioso futuro de Sião repousa sobre o líder cujo local de nascimento é identificado como Belém (veja Mq 5:2-9). Dois aspectos de Seu caráter são retratados, em seu duplo papel de pastor e rei.<sup>14</sup> Na qualidade de pastor, Ele recolherá o Seu povo das terras do exílio e cuidará ternamente deles, provendo-lhes pasto e aprisco. Por outro lado, Ele exercerá o poder e a autoridade de um monarca, recolhendo o Seu povo de todas as nações e trazendo-o para uma habitação pacífica. Miquéias assegurou à sua própria geração de que haveria segurança quando os assírios entrassem na terra de Judá.<sup>15</sup>

Naquele dia, Israel será instalado com tal segurança que cavalos, carros de guerra e todos os meios de defesa serão destruídos. Feitiçarias, bruxarias e todas as formas de idolatria serão, por igual modo, removidas; porquanto Israel não mais depositará sua confiança nessas coisas. Naquele dia de vingança e ira, Deus executará julgamento contra todas as nações que se tornaram culpadas de desobediência (veja Mq 5:10-15).

Mas por essa altura, Miquéias acusa, Deus tinha uma controvérsia com Seu povo (veja Mq 6:1 ss.) Porventura Deus não os tinha libertado do Egito e não havia mostrado continuamente a eles atos miraculosos em defesa deles? Ele os tirara da terra da servidão e subseqüentemente os protegera, a fim de que conhecessem Seus atos de justiça, operados em favor deles. Qual desculpa podiam apresentar por haverem ignorado a Deus?

Em resposta a isso, é feita a seguinte pergunta: Como pode o homem agradar a Deus? Por acaso Deus se deleita na multiplicação de ofertas queimadas ou de sacrifícios humanos? Certamente não, quando essas coisas são apresentadas em substituição à justiça, atos de gentileza e de amor, e à atitude de humilde obediência, no relacionamento entre o homem e Deus.<sup>16</sup>

O que Miquéias podia observar no padrão de conduta de sua própria geração? Modos de proceder pecaminosos nos negócios, corrupção moral, idolatria, ódio, suborno, contendas, ludíbrios, desonestidade, engodo e até mesmo derrama-

<sup>13</sup> Trata-se de notável predição, visto que a Assíria era a grande potência militar dos dias de Miquéias. Veja o artigo de A. Fraser e L. E. H. Stephens-Hodge, intitulado "Micah", págs. 878-885, no *O Novo Comentário da Bíblia*, ed. por F. Davidson.

<sup>14</sup> Cf. Mq 2:11, 12.

<sup>15</sup> Cf. A. Fraser e Stephens-Hodge, *op. cit.*, pág. 883. Judá tinha razões para temer uma invasão assíria.

<sup>16</sup> Miquéias denuncia o sacrifício como substituto da obediência. Cf. Êx. 19:1-5, onde Deus requer obediência dentro dos laços do pacto. Os sacrifícios trazidos pelos obedientes e contritos de coração são aceitáveis (veja Sl 51:17-19).

mento de sangue - todas essas coisas, e ainda outras, prevaleciam na terra. Em vão Miquéias rebuscou misericórdia e justiça exemplificadas entre os israelitas. Percebeu ele incisivamente que nenhuma multidão de sacrifícios poderia substituir adequadamente a prática da retidão.

O profeta voltou-se para Deus mediante oração e intercessão (veja Mq 7:7-20). Sabia que Deus executaria juízo contra o Seu povo pecaminoso. Durante aquele período de sofrimentos, Israel será sujeitado à derrisão zombeteira de seus inimigos. Entretanto, Miquéias também estava afeito à promessa de restauração, na qual ele encontrava consolo e esperança. Chegará o dia em que os adversários sentir-se-ão envergonhados por terem perguntado: Onde está o Senhor Deus de Israel? Da mesma forma que Deus libertou Israel do Egito, assim também recolherá os israelitas de todas as nações, a fim de estabelecê-los seguramente na sua própria terra. Naquele dia, pois, as nações voltar-se-ão para Deus em temor e admiração profunda.

Miquéias termina sua oração com uma nota de louvor. Devido à Sua misericórdia, Deus perdoará o pecado de Seu povo, e o restaurará. Não admira, portanto, que o profeta haja exclamado: “Quem, ó Deus, é semelhante a ti...?!”

### Sofonias — O Dia de Ira e de Bênção — Sf 1:1-3:20

Em Judá, não somente foi declinando a religião verdadeira, após a morte de Ezequias, mas também foi ocupado o seu lugar por uma grosseira idolatria. Manassés erigiu altares a Baal, levantou postes-ídolos e adorou as hostes do céu, além de ter se utilizado do templo para essas práticas idólatras.<sup>17</sup> Por ter oferecido seus filhos em ritos sacrificiais, por ter se moldado a costumes pagãos e por haver derramado sangue inocente em Jerusalém, Manassés arrastou seu povo a pecados tão excessivos que Judá tornou-se muito pior do que as nações que o Senhor havia expulsado de Canaã, no passado.

Antes de passar-se muito tempo, foi silenciada a voz de aviso de Isaías. Não ficou registrado na narrativa bíblica se ele teve morte natural ou tornou-se mártir sob as ímpias medidas de Manassés. O Antigo Testamento também não identifica os profetas que tiveram a coragem de levantar a voz em oposição a esse iníquo monarca de Judá.<sup>18</sup> Seja como for, a religião de Judá ficara tão desmoralizada que o julgamento prometido haveria de ser executado com grande fúria - sobretudo porque o rei persistia em provocar a Deus.

O juízo divino sobreveio a Manassés quando ele foi levado cativo para a Babilônia, pelos assírios. Foi ali que ele se arrependeu, e tempos depois foi restaurado ao trono de Jerusalém. É difícil determinar quão eficaz ele se mostrou na correção dos erros cometidos por toda a nação de Judá, antes do fim de seu reinado. Amom, seu filho, reverteu às maldades praticadas por Manassés, e assim incorreu em culpa cada vez maior. Em menos de dois anos seu reinado terminou abruptamente, tendo ele sido assassinado (cerca de 740 a. C.).

Josias, herdeiro do trono, liderou Judá em uma reforma religiosa, ao mesmo tempo que o rei assírio, Assurbanipal, devotava os seus esforços na busca pela

<sup>17</sup>2 Rs 21:1-18 e 2 Cr 33:1-20.

<sup>18</sup>Cf. 2 Rs 21:11.

cultura e na supressão dos levantes na Babilônia. Ante a morte do soberano assírio (cerca de 633 a. C.) o espírito de intranquilidade irrompeu na forma de franca rebeldia por todo o Crescente Fértil, o que proveu para Josias a oportunidade de desvencilhar Judá da influência assíria. A morte prematura de Josias, em 609 a. C., entretanto, modificou subitamente o futuro político de Judá.

O ministério profético de Sofonias está associado à época de Josias (veja Sf 1:1). Não há qualquer data específica fora dessa, mas parece provável que ele agiu antes do começo da reforma encabeçada por Josias.<sup>19</sup> Sendo aparentemente um descendente de Ezequias, Sofonias pode ter sido criado sob a influência dos mesmos mestres que haviam instruído e orientado a Josias, nos primeiros anos de sua vida. Por certo não é descabido creditar a esse profeta a tarefa de estimular o movimento reformador liderado por Josias. A familiaridade de Sofonias com Jerusalém sugere a probabilidade de ter sido ele cidadão da capital de Judá. Falando ao seu próprio povo, ele fez soar o alarma que deve ter impellido à ação até mesmo os mais satisfeitos consigo mesmos.

Como se fora atroante trombeta, Sofonias ergueu a voz que abalou os complacentes cidadãos de Judá. O dia do Senhor estava próximo. Este seria um dia de julgamento. Mui provavelmente Sofonias conhecia a sorte de Jerusalém, predita por Amós, Isaías e outros profetas mais antigos. Mais de meio século se passara desde que Isaías havia advertido explicitamente a Ezequias de que seus descendentes e as riquezas de Jerusalém seriam levadas para a Babilônia. Além de indiciar Judá por causa de sua grosseira idolatria e derramamento de sangue, Sofonias apontou para as portentosas agitações internacionais da região dos rios Tigre e Eufrates. Tão penetrante mensagem deve ter causado preocupação para todo cidadão de Jerusalém. Estando tão próxima a condenação, o profeta não somente expôs o que estava implícito em plano imediato, mas também advertiu acerca do tempo de prestação de contas final, no dia do Senhor. Em breve mensagem, ele cobriu o escopo dos juízos que se extenderão por todo o mundo.

O livro de Sofonias pode ser esboçado como segue:

I. A iminente condenação de Jerusalém	1:1-18
II. O escopo do juízo divino	2:1 - 3:8
III. Restauração e bênção	3:9-20

Destemido, Sofonias iniciou seu ministério profético anunciando o dia do juízo final dos ímpios (veja Sf 1:2,3). Naquele dia, tanto homens quanto animais ferozes serão cortados da face da terra.

Dirigindo-se à sua geração, o profeta declarou que Jerusalém se defrontava com a destruição. A religião de Baal, que adorava a natureza, estava fadada à extinção. Advertiu solenemente a seu povo para que se submetesse humildemente aos juízos divinos que jaziam à espera deles. Ele retratou vividamente a Deus a sacrificar os líderes de Judá que eram os responsáveis pela fraude e pela violência. Nessa punição estava incluído o próprio povo comum, que ignorava a Deus e

<sup>19</sup>No presente, a maioria dos eruditos situa a data de Sofonias no reinado de Josias, antes de 621 a. C. Quanto a discussões representativas a respeito, veja E. J. Young, *op. cit.*, págs. 289-291, e R. H. Pfeiffer, *op. cit.*, págs. 600-601. Acerca da data de Sofonias no reinado de Jeoaquim, veja Eduardo König, *Einleitung in das Alte Testament* (Bonn, 1893), págs. 352-354, e J. P. Hyatt, em *Journal of Near Eastern Studies*, VII (1948), 25-29.

menosprezava a lei.<sup>20</sup> Não havia escapatória, nem para Jerusalém e nem para a terra inteira, no dia da ira de Deus (veja Sf 1:17-18).

Sofonias pleiteou ante seu povo que inquirese pela retidão e pela humildade, antes da chegada desse dia de ira (veja Sf 1:1,2). A própria advertência servia de sinal de misericórdia, provendo-lhes outra oportunidade para se voltarem para Deus, em atitude de arrependimento.

Por meio de uma visão panorâmica, o profeta apresentou os juízos de Deus contra as cidades da Filístia. Por haverem molestado a Judá, os moabitas e amonitas poderiam esperar o fim que tiveram as cidades de Sodoma e Gomorra. A Etiópia também estava destinada à destruição. A própria altiva cidade assíria de Nínive em breve ver-se-ia reduzida a ruínas, abandonada às feras. Quanto maior era o julgamento que sobreviria a Jerusalém (veja Sf 3:1-8). Ao invés de confiarem em Deus, os oficiais, os juízes, os profetas e os sacerdotes haviam feito o povo desviar-se. Sabendo da decisão divina de consumir todas as nações, em sua ira ciumenta, Sofonias uma vez mais procurou despertar Jerusalém, na esperança de impedir o iminente julgamento divino.

Foi contra este negro passado que Sofonias expressou a esperança de restauração. Aproximava-se o tempo quando povos de terras distantes invocarão o nome do Senhor, quando os orgulhosos e altivos serão banidos de Jerusalém. Os humildes e pequenos, juntamente com o remanescente de Israel, habitarão em paz e segurança, sob o governo do Senhor, seu Rei. Vitoriosamente triunfante sobre todos os seus adversários, Israel gozará, uma vez mais, das bênçãos abundantes de Deus, em sua própria terra, quando então prevalecerão a retidão e a paz.

### LEITURAS SELECIONADAS

- Archer, G. L., Jr. **Merece Confiança o Antigo Testamento**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1974.
- Bewer, J. A. **The Prophets**. Nova Iorque: Harper & Brothers, 1949.
- Copass, B. A., e Carlson, E. L. **A Study of the Prophet Micah**. Grand Rapids: Baker Book House, 1950.
- Eiselen, F. C. **Prophecy and the Prophets**. Nova Iorque: Methodist, 1919.
- . **The Minor Prophets**. Nova Iorque: Eaton & Mains, 1907.
- Ellicott, C. J. (E.). **Commentary on the Whole Bible**. Vol. V. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1954.
- Ellison, H. L. **Men Spake from God**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1958.
- Feinberg, C. L. **Joel, Amos, and Obadiah**. American Board of Missions of the Jews, 1948.
- Freeman, Hobart E. **An Introduction to the Old Testament Prophets**. Chicago: Moody Press, 1968.
- Gottwald, N. K. **All the Kingdoms of Earth**. Nova Iorque: Harper & Row, 1964.
- Heschel, Abraham J. **The Prophets**, Nova Iorque: Harper & Row, 1962.
- Kapelrud, A. S. **Joel Studies**. Uppsala: Lundequistaka Bokhandeln, 1948.
- Keil, C. F., e Delitzsch, F. **Biblical Commentary on the Old Testament**. Traduzido por James Martin. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1954.

<sup>20</sup>Cf. Dt 28:29,52.

- Kennedy, J. H. **Studies in the Book of Jonah**. Nashville: Broadman Press, 1956.
- Laetsch, T. **The Minor Prophets**. St. Louis: Concordia Publishing House, 1956.
- Lehrman, S. M. **The Twelve Prophets**. Bournemouth: Soncino Press, 1948.
- Lewis, Jack P. **The Minor Prophets**. Grand Rapids: Baker Book House, 1966.
- Margolis, Max. **Micah**. Filadélfia: Jewish Publication Society, 1908.
- Orelli, C. von. **Old Testament Prophecy**. Edinburgo: T. & T. Clark, 1885.
- Robinson, G. L. **The Twelve Minor Prophets**. Grand Rapids: Baker Book House, 1962.
- Scott, R. **The Relevance of the Prophets**. Nova Iorque: The Macmillan Co., 1953.
- Smith, G. A. **The Book of the Twelve Prophets**. 2 vols. Nova Iorque: Harper & Brothers, 1928.

## Capítulo XXIV

### **As Nações Estrangeiras na Profecia**

Três dos profetas menores focalizar am sua atenção sobre uma nação estrangeira cada: Obadias sobre Edom; Naum sobre a Assíria, Habacuque sobre a Caldéia. Diferentes de Isaías, de Amós e de outros profetas, os autores desses oráculos praticamente não aludem a outras nações. Oferecem encorajamento ou repreensão para seu próprio povo somente através de contrastes e comparações.

Esses três livros não provêem qualquer informação capaz de satisfazer à curiosidade acerca das vidas pessoais dos profetas em apreço. Ao mesmo tempo, as referências limitadas a eventos contemporâneos tornam impossível que cheguemos a qualquer certeza acerca das datas de suas respectivas carreiras. Portanto, existem problemas relativos a esses homens e à época em que viveram.

#### **Obadias — O Orgulho de Edom — Ob 1-21**

O menor livro do Antigo Testamento é o de Obadias. Não dispomos de quaisquer meios que nos permitam saber sobre esse profeta, excetuando seu nome; e não há como se possa identificá-lo com qualquer outra pessoa do mesmo nome. As datas que têm sido sugeridas para o ministério de Obadias, com base no conteúdo de seu oráculo, variam desde os dias de Amós até à porção final dos tempos de Jeremias.<sup>1</sup> Essa profecia se divide em quatro secções:

- |                                    |           |
|------------------------------------|-----------|
| I. A segura posição de Edom        | vv. 1-9   |
| II. Os infortúnios de Jerusalém    | vv. 10-14 |
| III. A sorte de Edom               | vv. 15,16 |
| IV. O triunfo de Israel sobre Edom | vv. 17-21 |

Edom era orgulhoso. Seguro em suas fortalezas inexpugnáveis, escavadas na rocha, o povo edomita refletia a idéia de que estavam acima de qualquer perigo de invasão ou conquista. Não somente se jactavam de sua segurança, dentro

<sup>1</sup> Quanto a uma data mais antiga para Obadias, veja E. B. Pusey, *The Minor Prophets I*, pág. 343-369, e C. F. Keil, *The Twelve Minor Prophets, I*, págs. 337 - 378. Quanto a uma discussão sobre uma data após 600 a. C., veja R. H. Pfeiffer, *Introduction to the Old Testament*, págs. 584 - 586, e Aage Bentzen, *Introdução ao Antigo Testamento II*, págs. 160-161. Este último admite uma data tão tardia quanto 312 a. C., quando Petra estava sob controle dos árabes, de acordo com Deodoro Sículo.



de suas fortificações naturais, mas também se vangloriavam de sua sabedoria. Mas, apesar de se mostrarem complacentes, na crença de que nada de mal lhes sucederia, Deus estava prestes a humilhá-los. Talvez os ladrões só roubem o que lhes basta, e os colhedores de uvas costumavam deixar respigas, mas Edom só poderia esperar ser pilhado por povos confederados que sabiam de seus tesouros escondidos. Enganados por aliados e amigos, os edomitas terminariam por entender que nem sua sabedoria e nem suas fortificações poderiam salvá-los (veja Ob 1-9).

Teria razão esse julgamento contra Edom? As acusações contra ele são claramente delineadas. Nos dias de calamidade de Jerusalém,<sup>2</sup> os edomitas haviam exultado malignamente, chegando ao extremo de entregar fugitivos judeus ao inimigo, tornando-se assim culpados de flagrante injustiça (veja Ob 10-14).

O dia do Senhor será um período de prestação de contas para todas as nações. Obadias, contudo, preocupava-se especialmente com Edom e seu relacionamento com o estado final de Judá. Edom será julgado por causa de seus atos. Beberá do cálice de ira e desaparecerá como se jamais houvesse existido (veja Ob 15-16).

Em confronto com isso, será estabelecido firmemente o monte Sião. Ao passo que Edom desaparecerá sem deixar sobreviventes, os israelitas serão restaurados, com toda a segurança, à sua própria terra - desde o Neguebe, ao sul, até Sarepta, ao norte - ao mesmo tempo que o Senhor será o seu rei. Até mesmo exilados em Sefarade retornarão, a fim de compartilharem da recuperação das cidades do Neguebe.<sup>3</sup> O monte Esaú, ex-representante do orgulho e da altivez dos edomitas, será governado desde o monte Sião (veja Ob 17-21).

### Naum — A Sorte de Nínive — Na 1:1 - 3:19

Índicios internos, existentes no livro de Naum, oferecem evidências fidedignas que nos capacitam a datar esse profeta na metade final do século VII a. C. A alusão de Naum à queda de Tebas, faz do ano 661 a. C. o **terminus a quo**, ao passo que a queda de Nínive sugere o ano de 612 a. C. como o **terminus ad quem** para o período de sua carreira. Dentro desses limites, naturalmente, é impossível fixar-se qualquer data mais exata para o seu ministério.

A conquista de Tebas, sob Assurbanípal, foi o ponto mais distante do avanço assírio, cerca de oitocentos quilômetros rio Nilo acima.<sup>4</sup> Não demorou muito, entretanto, até que rebeliões começaram a sacudir o império de Assurbanípal. Seu próprio irmão, Samassumuquim - que fora nomeado governador de Babilônia por Esaradom - encabeçou uma insurreição que não alcançou êxito, e terminou perecendo no incêndio da cidade de Babilônia, em 648 a. C.<sup>5</sup> Quando

<sup>2</sup>Note-se as numerosas ocasiões em que Jerusalém foi invadida, nos tempos do Antigo Testamento:

(1) 1 Rs 14:25,26 - Sisaque, nos dias de Reoboão.

(2) 2 Cr 21:16,17 - Filisteus e árabes, nos dias de Jeorão.

(3) 2 Rs 14:13,14 - Joás, de Israel, nos dias de Amazias.

(4) 2 Rs 24:1 ss. - Nabucodonosor, em 605 - 586 a. C. Keil, *op. cit.*, e outros, datam Obadias nos dias de Jeorão.

D. W. B. Robinson, *O Novo Comentário da Bíblia*, pág. 867, e outros datam Obadias após a queda de Jerusalém.

<sup>3</sup>Provavelmente isso alude a Saparda, distrito a sudoeste da Média, para onde Sargão exilou os israelitas (veja 2 Rs 17:6). Cf. Julius A. Bewer, *Obadiah and Joel* no *International Critical Commentary* (Nova Iorque: Scribner's Sons, 1911), págs. 45, 46. Quanto à sua identificação com Sardes, *Cparda*, nos monumentos persas, a capital da Lídia na Ásia Menor, onde havia uma colônia judaica tão antiga quanto o reinado de Artaxerxes (464 - 424 a. C.), veja o *Interpreter's Bible* nessa referência (vol. 6, pág. 867). Cf. também C.C. Torrey, "The Bilingual Inscription from Sardis", *American Journal of Semitic Languages and Literature*, XXXIV (1917 - 1918), págs. 185-198.

<sup>4</sup>Tebas era conhecida pelo nome de No ou No-Amom (veja Na 3:8).

<sup>5</sup>Veja D. J. Wiseman, *Chronicles of Chaldaean Kings*, págs. 6e7.

Assurbanípal morreu, por volta de 633 a. C., rebentaram levantes sucessivos em várias áreas, tudo o que prevenia aos assírios do fim próximo de seu império. Ciaxares assumiu o reino na Média, e em menos de uma década Nabopolassar já se encontrava bem firmado no trono da Babilônia. Aliando entre si as suas forças, os medos e os babilônios convergiram sobre a Assíria, efetuando a destruição de Nínive, em 612 a. C.<sup>6</sup> No espaço de poucos anos, o império assírio foi absorvido pelos vencedores.

Por certo Naum estava familiarizado com alguns desses eventos. Embora Elcós, cidade natal de Naum, jamais tenha sido identificada com certeza, é provável que ele fosse cidadão da nação de Judá.<sup>7</sup> Ele estava familiarizado com as dificuldades que Judá havia experimentado durante o século de dominação assíria. Não há que duvidar que ele tenha consciência da opressão assíria, mediante a qual Manassés, o rei de Judá, fora levado para o exílio por algum tempo.

A análise seguinte sugere os temas principais, conforme são elaborados no livro de Naum:

- |  |             |
|--|-------------|
| I. A majestade de Deus, em julgamento e misericórdia | 1:1-14      |
| II. Cerco e destruição de Nínive                     | 1:15 - 2:13 |
| III. Razão da queda de Nínive                        | 3:1-19      |

A majestade de Deus é o tema introdutório de Naum. Soberano e onipotente, Deus governa supremo a natureza. Os ímpios - inimigos de Deus por seus feitos - recebem permissão de continuar porque Deus é tardio em irar-se. Mas no tempo devido desabará a vingança de um Deus que tem ciúmes. Aqueles que Nele confiam, serão salvos no dia de Sua ira; mas os adversários serão completamente extirpados (veja Na 1:1-8).<sup>8</sup>

É claro que alguns, dentre ou ouvintes de Naum, duvidavam do cumprimento dessa predição (veja Na 1:9). Com toda a segurança da certeza o profeta declara que o juízo divino é algo tão final que jamais precisarão temer novamente aflições impostas por Nínive. As tribulações que a Assíria impusera a Judá não mais se repetiriam (veja Na 1:12,13). Dirigindo-se aos assírios, Naum predisse que essa destruição seria tal que impedia o nome deles de ser perpetuado.

Para Judá, a destruição de Nínive significava o alívio da opressão. De modo bastante pitoresco o profeta fala acerca do mensageiro que terá as boas novas (veja Na 1:15). O povo judeu é admoestado a renovar sua devoção religiosa, em ato de gratidão por esse livramento. Em contraste com essa breve exortação, endereçada a Judá, a mensagem acerca de Nínive contém uma solene advertência. Naum pintou vividamente o assédio, a conquista e a ruína total da capital dos assírios (veja Na 2:1-13). Essa orgulhosa cidade assíria, que fora qual praga para os habitantes de Jerusalém, agora seria sujeitada a uma aflição horrenda, em um cerco onde prevaleceria confusão generalizada. O inimigo entrará na cidade, pilhará e reduzirá Nínive a escombros, deixando-a totalmente desolada.

Os cidadãos de Nínive é que haviam precipitado a catástrofe - são acusados de comercialismo inescrupuloso e de pilhagens brutais. Descrevendo vividamente

<sup>6</sup>Veja Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, págs. 303 - 305.

<sup>7</sup>Elcós pode ter sido uma aldeia entre Gaza e Jerusalém, perto de Beit-Jibrin. Veja *O Novo Comentário da Bíblia*, F. Davidson, E., pág. 727, quanto a diversas tradições concernentes a Elcós.

<sup>8</sup>No hebraico, esse poema de abertura é um acróstico alfabético.

uma das mais dramáticas cenas de batalha de toda a literatura do Antigo Testamento, Naum retratou os carros de guerra que avançavam e os cavaleiros que carregavam, ao mesmo tempo que eram esmagados os cadáveres dos defensores de Nínive. Utilizando-se da símile de uma prostituta, Naum descreveu o vergonhoso desmascaramento de Nínive aos olhos das nações que ela tão violentamente havia oprimido. Essas nações contemplarão Nínive com desprezo, sem lançar um único suspiro por causa de sua ruína.

A destruição da cidade de Tebas é citada à guisa de comparação (veja 3:8-15). A despeito de suas vastas fortificações, essa populosa cidade egípcia foi conquistada e pilhada pelos assírios, em 661 a. C.<sup>9</sup> Nínive, porventura, seria melhor do que Tebas? Forte, fortificada e apoiada por Pute e Líbia, a cidade de Tebas não pudera resistir ao assalto dos assírios. E nem Nínive resistirá no dia em que for atacada. Suas fortificações mostrar-se-ão ineficazes sob o ataque esmagador do inimigo, que avançará qual fogo consumidor.

Em sua descrição final sobre a sorte de Nínive, Naum emprega o símbolo dos gafanhotos, tão familiar para as mentes orientais. Comparando a população de Nínive com gafanhotos, o profeta predisse que ela se amontoaria na cidade, buscando refúgio, mas que seria dispersa por toda parte e se dissolveria. Diferente de Judá, a nação da Assíria não tinha esperança alguma de sobrar-lhe um remanescente. Outrossim, todos se regozijavam ante sua destruição, porquanto que povo escapara incólume dos ataques da máquina de guerra da Assíria?

### **Habacuque — O Uso que Deus Fizera dos Caldeus — Hc 1:1-3:19**

Com toda a probabilidade, Habacuque foi testemunha do declínio e da queda do império assírio, durante sua vida. Em sincronia com o amortecimento da influência assíria sobre Judá, ocorreu o reavivamento sob a liderança de Josias. De maneira simultânea a essas ocorrências, houve o soerguimento da Média e da Babilônia, ao poder, na extremidade oriental do Crescente Fértil. A queda de Nínive pode ter sucedido antes de Habacuque ter surgido como porta-voz de Deus. O quadro de violência, contendas e apostasia, tão generalizadas em Judá na época de Habacuque (veja Hc 1:2-4), parece caber dentro do período que se seguiu imediatamente após a morte de Josias, em 609 a. C. Os caldeus ainda não se tinham firmado de modo suficiente para constituir uma ameaça contra Judá, porquanto o controle egípcio se ampliou até às margens do Eufrates, o que continuou até à batalha de Carquemis (605 a. C.)<sup>10</sup> Em resultado disso, os anos entre 609 e 605 a. C. provêem um apropriado pano-de-fundo para a mensagem de Habacuque.<sup>11</sup>

O diálogo entre Habacuque e Deus é digno de nota. O profeta faz a pergunta filosófica acerca da aparente discrepância entre os fatos da história e da revelação divina. Finalmente, resolveu sua dificuldade expressando sua fé em Deus. Em toda essa discussão, um ponto fundamental foi o emprego que Deus fazia de uma nação pagã para castigar ao Seu próprio povo.

<sup>9</sup>Homero (*Iliada* ix.383) descreveu Tebas, com seus templos, obeliscos, esfinges e cem portões, como uma das mais belas cidades do mundo antigo.

<sup>10</sup>Veja Wiseman, *op. cit.*, págs. 19-23.

<sup>11</sup>A maioria dos eruditos data o livro de Habacuque perto do fim daquele século. Quanto a uma discussão a respeito, veja Pfeiffer, *op. cit.*, págs. 597-600, e Young, *Introdução ao Antigo Testamento*, págs. 286-288.

Como guia para maiores considerações sobre a mensagem de Habacuque, presta-se bem este esboço:

- |   |          |
|---|----------|
| I. Por que Deus permite a violência?            | 1:1-4    |
| II. Deus desperta os caldeus para castigar Judá | 1:5-11   |
| III. Por que os ímpios puniriam os retos?       | 1:12-2:1 |
| IV. Os retos vivem pela fé e pela esperança     | 2:2-4    |
| V. Denúncia contra a injustiça                  | 2:5-20   |
| VI. Um salmo de louvor <sup>12</sup>            | 3:1-19   |

Habacuque sentia-se perturbado pelos males que predominavam em sua geração. A injustiça prevalecia, a violência e a destruição tinham prosseguimento, a Torah (lei) era ignorada - quanto a isso, o profeta apelou, impaciente, para Deus; todavia, não havia mudanças no povo. Por quanto tempo Deus ainda ignoraria sua oração e toleraria tais condições?

A resposta de Deus se avizinhava. Os duros e impetuosos caldeus já se aproximavam. Velozes em seu avanço, distribuíam o terror, apossando-se de novas terras, destruindo fortalezas e derrubando reis. Deus estava despertando esses ferozes conquistadores para trazerem a justiça sobre Judá (veja Hc 1:5-11).

Deus se utilizaria de ímpios para castigar aos infiéis de Judá? Os ofensores entre o povo de Deus - sem importar quão culpados fossem - não eram melhores que os brutais idólatras da Babilônia? Habacuque indagava, admirado, se a natureza divina, revelada como santa e reta, bem como as condições reais dos invasores pagãos, realmente justificavam a suposição de que Deus permitiria tal estado de coisas. Preocupado e perplexo, por ter Deus determinado que os caldeus executassem o julgamento, Habacuque esperava pela resposta com ansiedade (veja Hc 1:12-2:1).

Ao profeta foi ordenado que registrasse a revelação. Essa mensagem divina era tão importante que deveria ser preservada para consideração futura. A predição era certa quanto ao seu cumprimento - embora a ocasião da mesma não tivesse sido precisada. Simples, mas profundo, é o princípio fundamental aqui expresso: O justo viverá pela sua fé.<sup>13</sup> Em contraste, a nação opressora seria visitada pela maldição. A fé em Deus é a pedra-de-toque da perseverança, em uma vida caracterizada pela infidelidade.

Contemplando ao seu redor, Habacuque via vívida demonstração dos males prevalecentes. Ele enumera aqueles que eram orgulhosos e se sentiam seguros em seus próprios caminhos:

- (1) Os injustos agressores - 2:6-8
- (2) Os que se justificam em seus maus caminhos - 2:9-11

<sup>12</sup>Quanto a uma discussão sobre Hc 3, como uma unidade separada, veja Pfeiffer, *op. cit.*, págs. 597-600. O comentário nos Papiros do Mar Morto discutem apenas sobre os dois primeiros capítulos. Quanto a um estudo a respeito, veja W. F. Albright, que considera o livro inteiro como "substancialmente a obra de um único autor", em seu artigo intitulado "The Psalm of Habakkuk", em *Studies in old Testament Prophecy*, H. H. Rowley, E. págs. 1-18.

<sup>13</sup>O pronome hebraico é ambíguo. A LXX diz "por minha fidelidade", o que sugere que os justos viverão por causa da fidelidade de Deus. O uso neo-testamentário estreita a "fidelidade" à "fé". Cf. Rm 1:17; Gl 3:11 e Hb 10:38.

(3) Os que derramam sangue em troca de vantagens pessoais - 2:12-14

(4) Os que enganam o próximo - 2:15-17

(5) Os que confiam em ídolos - 2:18,19

Observando com espírito crítico a essas múltiplas manifestações de presunção ao seu derredor, Habacuque se consolava na percepção que o Senhor está em Seu santo templo. E imediatamente brada a solene advertência de que toda a terra deveria calar-se diante do Senhor.

Esses pensamentos evocam um salmo de louvor dos lábios do profeta. Não desconhecia ele as obras poderosas de Deus no passado. Juntamente com um apelo no sentido que Deus se lembre da misericórdia na execução de Sua ira, Habacuque implora-lhe que torne conhecidos, uma vez mais, seus feitos extraordinários. Deus manifestara a Sua glória e lançara mão da natureza, a fim de conceder salvação ao Seu povo de Israel, quando os trouxera ao deserto e os instalara na terra prometida. Habacuque se dispunha a sofrer as presentes adversidades, no conhecimento de que o dia da tribulação imposto por Deus sobrevirá contra o agressor. E ainda que os campos e os rebanhos fracassassem em suas provisões materiais, mesmo assim ele se regozijaria no Deus de sua salvação. Por intermédio de uma viva fé em Deus, o profeta reúne forças para enfrentar o futuro incerto.

#### LEITURAS SELECIONADAS

Feinberg, G. L. **Jonah, Micah, and Nahum**. Seattle: Pacific Meridian Publishing Co., 1951.

Lloyd-Jones, D. M. **From Fear to Faith**. Chicago: Inter-Varsity Press, 1953.

Maier, Walter A. **The Book of Nahum**. St. Louis: Concordia Publishing House, 1959.

## Capítulo XXV

### Para Além do Exílio

Após terem sido despedaçadas as esperanças nacionalistas de Judá, ante o incêndio de Jerusalém, em 586 a. C., o profeta Jeremias acompanhou o remanescente dos judeus até ao Egito, e ali encerrou o seu ministério. Ezequiel, um profeta entre os exilados na Babilônia, devotou a sua mensagem às perspectivas futuras de uma restauração final à terra pátria. Seu ministério profético provavelmente terminou por volta de 570 a. C. Com o retorno dos judeus à sua terra natal, Ageu e Zacarias passaram a exercer uma eficaz influência, estimulando os judeus em seus esforços para reconstruir o templo. Antes que se escoasse outro século, Malaquias surgiu em cena, em Judá, como profeta do Senhor.

#### **Tempos de Reconstrução de Jerusalém<sup>1</sup>**

As predições escritas de Jeremias, concernentes ao período de setenta anos do cativeiro judaico, circulavam entre os exilados na Babilônia (veja Jr 25:11; 29:10 e Dn 9:1,2). Enquanto os governantes babilônios continuassem no poder, eram mínimas as esperanças judaicas de retorno à sua terra natal. Para aqueles que estavam familiarizados com a mensagem de Isaías (veja Is 44:28 - 45:1), deve ter raiado uma nova esperança quando Ciro, o persa, emergiu como líder político e militar (559 a. C.) Tendo ele conquistado a Babilônia, em 539 a. C., a profecia de Jeremias procovou renovado interesse entre os piedosos e devotos (veja Dn 9:1,2).

Dias momentosos jaziam à frente para os judeus. Pouco depois da queda de Babilônia Ciro decretou um edito pertinente. Revertendo a política de desarraigar povos conquistados de suas respectivas terras de nascimento - prática seguida pelos assírios e pelos babilônios durante dois séculos e mais -, Ciro favoreceu aos judeus e outros povos cativos com uma proclamação, permitindo-lhes que retornassem às suas terras de origem. Aproximadamente cinquenta mil judeus ajuntaram-se na trilha que ia de Babilônia a Jerusalém, com o intuito de restaurarem as condições normais de sua vida nacional, sob a liderança de homens como Zorobabel e Josué (veja Ed 1 - 3).

Os judeus, tomados de otimismo, deram início à gigantesca tarefa de reconsti-

<sup>1</sup> Quanto a uma discussão mais completa sobre os tempos de Zacarias e Ageu, veja o capítulo XVI.

tuir sua pátria. Erigiram um altar e instituíram de novo a adoração em Jerusalém, segundo a lei de Moisés. Entusiasmados, renovaram a observância das festividades e oferendas prescritas. Corajosamente lançaram-se à tarefa de reedificar o templo, no segundo ano após seu regresso. Mas enquanto muitos davam brados de alegria, outros choravam, ao recordarem a belíssima estrutura de Salomão que fora totalmente reduzida a escombros pelos exércitos babilônicos, cerca de cinco décadas antes.

O otimismo não demorou a ceder lugar ao desencorajamento. Recusando-se a aceitar a ajuda da população mista da província de Samaria, os judeus tornaram-se o alvo do ódio da mesma. Tão hostis mostraram-se esses vizinhos do norte que o projeto de construção ficou completamente abandonado por cerca de dezoito anos.

Foi somente no segundo ano do reinado de Dario (520 a. C.) que os judeus foram capazes de renovar os seus esforços. Nessa ocasião, os profetas Ageu e Zacarias excitaram os sentimentos de zelo e patriotismo em uma nova geração.<sup>2</sup> Menos de um mês depois que o profeta Ageu apareceu em público pela primeira vez o povo reiniciou o programa de construção. Esse incentivo foi intensificado, poucas semanas mais tarde, quando Zacarias juntou-se a Ageu, em uma mensagem de reprimenda, consolo e encorajamento. Zorobabel e Josué prestaram a seu povo uma liderança corajosa, nesse nobre esforço, a despeito da oposição de Tatenai (veja Ed 4 - 6). Quando este último valeu-se do rei persa, Dario mandou fazer investigação e baixou veredito favorável aos judeus. No lapso de cinco anos, o povo de Judá viu suas esperanças se cumprirem, com a dedicação do novo templo.

Ageu e Zacarias são escassamente mencionados no livro de Esdras (veja Ed 5:1,2 e 6:14), como profetas que ajudaram a Zorobabel e Josué. A eficácia de seu ministério profético e o impacto que causaram sobre o povo de Deus podem ser melhor vistos em seus escritos.

### **Ageu — Promotor do Programa de Construção — Ageu 1:1 - 2:23**

Pouco se sabe acerca de Ageu, além de sua identificação como profeta. Mui provavelmente, nasceu na Babilônia e retornou quando da migração para Jerusalém, em 539-538 a. C. Sua tarefa específica foi a de induzir os judeus a renovarem sua obra no templo.

Começando no fim de agosto de 520 a. C., Ageu entregou quatro mensagens ao povo, antes do fim daquele ano. A brevidade de seu livro talvez indique que ele registrou mero sumário de suas mensagens orais. O esboço que segue do livro se baseia sobre esses quatro oráculos:

- |                                   |         |
|-----------------------------------|---------|
| I. O povo é repreendido e reage   | 1:1-15  |
| II. A glória maior do novo templo | 2:1-9   |
| III. Uma certeza de bênção        | 2:10-19 |
| IV. Uma mensagem pessoal          | 2:20-23 |

Esvaía-se rapidamente a segunda década desde que fora adicionada alguma

<sup>2</sup>Revoluções generalizadas ocorreram durante os primeiros anos do reinado de Dario. Quer tenham tido ou não alguma ligação com as atividades desses dois profetas, é algo que não é indicado em seus escritos, embora Pfeiffer, *Introduction to the Old Testament*, págs. 602-607, interpreta Ageu 2:6-9 e Zc 2:6ss. como uma alusão às condições de inquietação que havia em sua época. Cf. também Albright, *The Biblical Period*, pág. 50. Por certo Esdras 5 apresenta Dario como monarca mais favoravelmente inclinado para os judeus.

pedra ao templo. O entusiasmo religioso, expresso quando o alicerce foi lançado, havia sido decisivamente apagado pelos hostis samaritanos. Nesse interim, o povo judeu se ocupara na construção de suas próprias moradias.

Ageu dirigiu suas palavras iniciais a Zorobabel, o governador, e a Josué, o sumo sacerdote. Ele declarou destemidamente que não era correto o povo adiar a construção do templo. Voltando-se para o corpo laico ele relembrou-lhes de que o Senhor dos exércitos é o originador e controlador de todas as bênçãos materiais. Ao invés de devotarem seus esforços a esse santo projeto, haviam construído casas forradas de painéis de madeira para si mesmos. Conseqüentemente, havia recebido seca e safras deficientes (veja Ag 1:1-11).

Até então nenhum profeta obtivera tão prontos resultados em Judá. Entusiasmado, o povo correspondeu à exortação de Ageu. Dentro de vinte e quatro dias, ele teve a satisfação de ver a renovação dos trabalhos de construção (veja Ag 1:12-15).

A construção do novo templo prosseguiu com presteza pelo espaço de quase um mês, antes de Ageu trazer outra mensagem. A oportunidade da mesma foi o último dia da festa dos Tabernáculos.<sup>3</sup> Porquanto houvera colheita muito pobre, essa celebração foi marcadamente medíocre, em confronto com as elaboradas festividades no átrio do templo, nos tempos pré-exílicos. Provavelmente ainda havia alguns poucos, entre os anciãos, que tinham visto o templo anterior - em menor número, entretanto, do que em 538 a. C., quando haviam sido lançados os novos alicerces. Comparando as perspectivas correntes com a glória da estrutura salomônica, esses tornaram-se pessimistas e descoroçados. A obra foi diminuindo de ritmo, à proporção em que o desânimo foi permeando o grupo inteiro.

A oportuna mensagem de Ageu redimiu a situação. Admoestando aos judeus para que renovassem os seus esforços, o profeta assegurou-lhes que Deus, por meio de Seu Espírito, estava entre eles. Em adição, veio o seguinte recado da parte do Senhor dos Exércitos: Deus abalará às nações. Deus fará a glória daquele templo exceder à glória do templo anterior, Deus providenciará paz e prosperidade para aquele lugar. Embora a promessa tenha sido inequívoca e específica, o tempo de seu cumprimento é velado em meio a palavras ambíguas: "... dentro em pouco..." Para a geração de Ageu, essa promessa foi motivo de encorajamento para a tarefa que tinham de concretizar.

Após dois meses de rápido progresso no programa de construção, Ageu recebeu outra mensagem da parte de Deus.<sup>4</sup> O povo havia experimentado anos de escassez durante o período em que o templo fora negligenciado em sua construção, mas agora que essa edificação fora reiniciada, Deus os abençoaria abundantemente. Apesar de que ainda não fora lançada à terra a semente, deveriam

<sup>3</sup>Essa festividade foi observada no sétimo mês, entre os dias 14 e 21. Cf. Lv 23:34

<sup>4</sup>Por esse tempo, Zacarias já entregara sua mensagem de abertura sobre o arrependimento. Note-se a cronologia referente a esses dois profetas:

Durante o segundo ano de Dario:	
1ª mensagem de Ageu (1:1)	- 6º mês, 1º dia
Reinício da construção (1:15)	- 6º mês, 24º dia
2ª mensagem de Ageu (2:1)	- 7º mês, 21º dia
1ª mensagem de Zacarias	- 8º mês
3ª e 4ª mensagens de Ageu	- 9º mês, 24º dia
Visões noturnas de Zacarias (1:7)	- 11º mês, 24º dia
Durante o quarto ano de Dario (7:1)	- 9º mês, 4º dia.



assinalar aquele dia como o começo de bênçãos materiais mais abundantes.<sup>5</sup> Safras melhores esperavam-nos no futuro.

Naquele mesmo dia Ageu tinha uma palavra a ser dirigida pessoalmente a Zorobabel. Na qualidade de descendente da linhagem real e de governador de Judá, ele representava o trono de Davi. No dia em que Deus sacudir os céus e a terra, derrubar troncos e destruir a força das nações pagãs, então o Senhor dos Exércitos fará de Zorobabel um sinete. Visto que esses acontecimentos não ocorreram nos dias de vida de Zorobabel, é claro que essa promessa foi-lhe dirigida como representante da linhagem davídica, através da qual essa promessa espera cumprimento.<sup>6</sup> A declaração que esclarece que ele fora escolhido pelo Senhor dos Exércitos provê o encorajamento necessário para uma liderança eficaz, numa época em que os governadores persas daquela área ameaçavam interromper a construção que se fazia em Jerusalém.

### Zacarias — Israel no Palco do Mundo — Zc 1:1 - 14:21

Jerusalém enxameava de atividade e excitação quando Zacarias anunciou sua mensagem apocalíptica. Nos dias de hesitação que se seguiram à segunda mensagem de Ageu, Zacarias prestou inspiração de reforço para o grupo de esforçados judeus. Com toda a probabilidade ele era sacerdote da linhagem de Ido, que retornara à Palestina (veja Ne 12:1,4,16). Se ele é o mesmo sacerdote aludido em Ne 12:16, então ainda era homem jovem, em 520 a. C., quando deu início a seu ministério.

As mensagens constantes nos capítulos primeiro a oitavo do livro de Zacarias estão definitivamente vinculadas ao tempo da reconstrução do templo. O resto de seu livro pode ser razoavelmente datado nos últimos anos de sua vida, e após a dedicação do templo. Observemos a análise abaixo sobre o livro de Zacarias:<sup>7</sup>

I. A chamada ao arrependimento	1:1-6
II. As visões noturnas	1:7 - 6:8
III. A coroação de Josué	6:9-15
IV. O problema do jejum	7:1 - 8:23
V. O rei-pastor	9:1 - 11:17
VI. O governante universal	12:1 - 14:21

As palavras iniciais de Zacarias seguem bem de perto a mensagem encorajadora de Ageu, quando da festa dos Tabernáculos. Citando a desobediência de seus antepassados, como advertência, Zacarias apoiou os esforços de seu colega de ministério em ativar os judeus. Somente a mudança genuína de coração traria o favor divino (veja Zc 1:1-6).

O segundo oráculo de Zacarias lhe foi proporcionado através de uma seqüên-

<sup>5</sup>Embora as chuvas do nono mês tivessem decisivo efeito sobre a colheita do ano seguinte, note-se que Ageu fez essa predição quando a semente ainda estava armazenada.

<sup>6</sup>Cf. C. F. Keil, *The Twelve Minor Prophets*, vol. II, na referência de Ag 2:20-23. O anel de sinete era a possessão mais prezada e era sinal de autoridade no Oriente. Cf. também E. J. Young, *Introdução ao Antigo Testamento*, pág. 294.

<sup>7</sup>Quanto a um estudo representativo sobre Zacarias, que atribui os capítulos 9 - 14 ao período helenista, veja Pfeiffer, *op. cit.*, pág. 607-612. Quanto a uma discussão sobre as várias teorias sobre os supostos dois Zacarias, veja Young, *op. cit.*, págs. 296-301. Quanto a uma interpretação do livro de Zacarias como uma unidade, veja *O Novo Comentário da Bíblia*, págs. 914-932. Cf. também C. L. Feinberg, *God Remembers* (Wheaton, Ill.: Van Kampen Press, 1950). Note-se a bibliografia seleta de Feinberg, com sua aquilatação acerca de estudos posteriores, págs. 281-283.

cia de visões noturnas.<sup>8</sup> Em rápida sucessão, foram retratados por intermédio do profeta os acontecimentos e os problemas correntes com que seu povo se defrontava. Juntamente com cada aspecto dessa revelação veio a provisão divina encorajadora. Embora cada visão mereça um estudo especial, em relação ao seu significado para o futuro, o efeito geral do panorama foi vitalmente significativo para os ouvintes de Zacarias, em sua nobre luta, durante aqueles meses marcados pela ansiedade.

Quatro cavaleiros aparecem na primeira cena. Tendo retornado de uma missão de patrulha, eles anunciavam que tudo estava em repouso. Em resposta a uma indagação concernente à sorte de Jerusalém, o Senhor dos exércitos anunciou que Sião será consolada quando da restauração do templo de Jerusalém (veja Zc 1:7-17).

Quatro chifres e quatro ferreiros são apresentados, em seguida, ao profeta. A destruição daqueles por estes últimos indica a ruína das nações responsáveis pela dispersão de Judá, Israel e Jerusalém (veja Zc 1:18-21).

Diante de Zacarias apresentou-se um agrimensor. Tão populosa e próspera se tornará Jerusalém, uma vez restaurada, que será necessário que ela se espraie para além de suas muralhas. E quando o Senhor aparecer como a glória da cidade, Ele será qual muralha de fogo protetor para ela. Ao recolher Israel, o Senhor aterrorizará as nações, de modo que elas se tornarão um despojo para o povo que antes fora mantido cativo. Judá será novamente a herança de Deus, quando o Todo-poderoso, novamente, escolher Jerusalém como lugar de Sua habitação (veja Zc 2:1-13).

Ainda numa outra visão, Zacarias viu Josué vestido em trajes imundos. Satanás, o acusador do sumo sacerdote de Israel, foi repreendido pelo Senhor, que selecionara a Jerusalém. Josué, ato contínuo, foi vestido com vestimentas limpas. Sob a condição de sua obediência, Josué recebe a certeza de que agora podia ser aceito como representante de Seu povo na presença de Deus. A promessa referente ao futuro é então investida no servo que é identificado como o Renovo.<sup>9</sup> Em um único dia, o Senhor dos Exércitos purificará a terra de sua culpa, a fim de que retornem a paz e a prosperidade (veja Zc 3:1-10).

Especialmente digna de atenção foi a visão do candelabro de ouro, com as duas oliveiras. O anjo desperta Zacarias para perceber a importância disso. A taça que servia de reservatório para o candelabro, aparentemente era alimentada incessantemente de azeite pelas duas oliveiras. Por meio dessa visão foi assegurado a Zorobabel que Deus, por meio de Seu Espírito, cumpriria o Seu propósito. Zorobabel havia dado início à ereção do templo, e haveria de completá-lo. Mantendo a vigília, o Senhor da terra inteira era assessorado por dois ungidos que, obviamente, eram Josué (veja Zc 3:1-10) e Zorobabel (veja Zc 4:1-14 e Ag 2:20-23).

Deveras dramática foi a visão seguinte. Zacarias viu um rolo que voava - cujas dimensões eram fantásticas (cerca de 4,50 m x 9 m) - e que anunciava uma maldição contra o furto e o perjúrio. Essa maldição partiria do Senhor com o fito de consumir a todos os culpados da terra (veja Zc 5:1-4).

Imediatamente em seguida, fala-se da provisão para remoção da iniquidade

<sup>8</sup>Zacarias deu início a seu ministério cerca de dois meses depois de Ageu, quando o programa de construção já fora plenamente ativado.

<sup>9</sup>Cf. Is 4:2e 11:1; Jr 23:15; Zc 6:12. Cf. também Is 42:1 e 52:13.

Uma mulher, que simbolizava a iniquidade da terra, foi removida para a Babilônia, em uma medida de nome efa (veja Zc 5:5-11).

Na visão final, partem carros puxados a cavalo para os pontos cardeais, a fim de patrulharem o globo terrestre. Uma vez mais o Senhor de toda a terra exercerá controle universal, da mesma maneira que o fazia, segundo a visão inicial dos cavaleiros (veja Zc 6:1-8).

A situação, em Jerusalém, avizinhava-se rapidamente de seu estágio crítico quando Zacarias anunciou a série de mensagens que lhe fora dada por meio de visões noturnas. Tinham-se passado exatamente cinco meses desde que fora reiniciada a construção do templo, em reação à mensagem de Ageu. Entrementes, Tatenai e outros oficiais persas tinham vindo a Jerusalém com o intuito de investigarem as ocorrências, querendo dar a entender que os judeus estavam se rebelando contra a Pérsia (veja Ed 5 - 6). Embora não houvesse exigido que se ordenasse a interrupção imediata das obras, alistaram os nomes dos líderes judeus e fizeram uma queixa formal escrita endereçada a Dario. Não é indicado, entretanto, quanto tempo se passou até que essas autoridades persas receberam resposta da parte de Dario. É provável que os judeus desconhecessem o veredito do monarca persa quando Zacarias começou a profetizar. Sem dúvida, muitos havia que perguntavam por quanto tempo seriam ainda capazes de prosseguir em seu programa de construção. Já haviam sido forçados a parar uma vez; e isso poderia suceder segunda vez. O problema de seu futuro imediato, que dependia do decreto exarado pelo rei persa, não perturbou pouco à comunidade dos judeus.

Para aqueles dias de incerteza, pois, o profeta tinha uma mensagem confortadora. Através dessa série de visões noturnas veio a certeza renovada de que Deus, que mantém vigilância sobre o mundo inteiro, havia prometido a restauração de Jerusalém. As nações sob cujas mãos os israelitas haviam sofrido seriam destruídas, da mesma maneira que os quatro ferreiros haviam despedaçado os quatro cornos. Paz e abundância foram garantidas na promessa sobre a expansão de Jerusalém para fora de suas muralhas. Visto que nos tempos do Antigo Testamento as muralhas de uma cidade lhe conferiam segurança contra ataques inimigos, o fato de que haveria ocupação de áreas fora dessas muralhas deixou entendido que não haveria ataques. Dentro da visão de Josué havia provisão para que se fizesse intercessão adequada em favor de Israel. Imediatamente depois, foi garantida a Zorobabel que ele seria dotado pelo Espírito de Deus a fim de completar o projeto de construção. Apesar de que maldição tivesse aplicação aos procrastinadores e aos pecadores, a iniquidade foi verdadeiramente removida da terra. Em conclusão, a patrulha composta de carruagens, sob as ordens do Senhor de toda a terra, trouxe consolo para os reedificadores do templo. Para aqueles que davam boa acolhida à mensagem do profeta e exerciam fé em Deus, essa tão oportuna palavra deve ter servido de real encorajamento, numa ocasião em que havia tanta ansiedade a respeito do veredito de Dario.

O ato simbólico do profeta foi ao mesmo tempo preditivo e elevado (veja Zc 6:9-15). Com uma coroa de prata e ouro, e acompanhado por três judeus vindos de Babilônia, Zacarias coroou a Josué como sumo sacerdote.<sup>10</sup> Extrema-

<sup>10</sup>A palavra "coroas", no plural, no hebraico, denota uma única coroa, com enfeites torcidos de ouro e de prata, ou vários diademas. Veja Keil, *op. cit.*, no seu comentário sobre Zc 6:11.

mente significativa foi a escolha de Josué para simbolizar o Renovo que edificará o templo que será construído quando nações remotas prestarem ajuda.<sup>11</sup> Glória, honra e paz acompanharão a esse vindouro soberano, que enfeixará em Si mesmo a combinação singular da realeza e do sacerdócio. Essas funções eram distintamente separadas em Judá, mesmo nos dias de Zacarias.

A coroa simbólica seria colocada no interior do templo, a fim de servir de memorial. A mensagem do profeta seria vindicada pela ajuda outorgada no porvir (veja Zc 6:15).

Quão prontamente chegou às mãos deles a decisão de Dario, é algo que não nos é informado. Porém, ao chegar, o veredito era favorável aos judeus. Dario, o monarca persa, não somente anulou a tentativa de Tatenai e seus colegas governadores de tolher a construção, mas também baixou ordem para que ajudassem aos judeus com material de construção e rendimentos (veja Ed 6:6-15).

Dois anos foram gastos no programa de construção. Chegou a Jerusalém uma delegação enviada de Betel, trazendo uma indagação referente ao jejum<sup>12</sup> Zacarias relembrou-lhes que a ira de Deus recaíra sobre Jerusalém porquanto seus antepassados não tinham obedecido à lei e nem haviam dado ouvidos aos profetas que lhes tinham sido enviados para dar-lhes aviso (veja Zc 7:4-14). O Senhor dos Exércitos zela por Sião e restaurará a Jerusalém. Seu remanescente será reunido, vindo do Oriente e do Ocidente, de modo tal que um vínculo mutuamente satisfatório, do qual ambos possam depender, será forjado entre o Senhor e Seu povo (veja Zc 8:1-8).

A aplicação imediata dessa mensagem aos ouvintes de Zacarias é indicada em Zc 8:9-19. A admoestação de Zacarias visava à duplicação de esforços no programa de construção. Deus havia feito Israel tornar-se motivo de motejo entre as nações, mas agora Ele se propunha a fazer o bem ao Seu povo. Que reinassem entre eles a verdade, a justiça e a paz. Que o jejum se tornasse em ocasião de regozijo.<sup>13</sup> Quando Deus for honrado em Jerusalém, os povos cobiçarão o favor divino. Os judeus serão procurados pelos habitantes das demais nações, porquanto estes reconhecerão que Deus estará entre o Seu povo (veja Zc 8:20-23).

Não há qualquer data alusiva à porção final do livro de Zacarias. Visto que não há ali qualquer referência ao projeto de construção, é provável que essa mensagem tenha sido anunciada após a dedicação do templo. Presume-se que isso apresente a mensagem de Zacarias durante o período posterior de sua carreira profética.

Se, por um lado, as nações circunvizinhas serão alcançadas pela ira divina (veja Zc 9:1-8), Jerusalém se defrontava com perspectivas de um rei triunfante (veja

<sup>11</sup>Normalmente, a coroa real era dada ao governante político. R. H. Pfeiffer, *op. cit.*, págs. 605-606, mudou o texto para que diga "Zorobabel", em lugar de "Josué", em 6:11, além de declarar que Zorobabel deve ter sido coroado em segredo, embora fosse removido da governança pelos persas. Não há evidências que apoiem essa teoria. Cf. *O Novo Comentário da Bíblia*, pág. 921. Albright, *op. cit.*, pág. 50, não vê qualquer indicação de que Zorobabel se houvesse deslealmente, em qualquer sentido, à coroa.

<sup>12</sup>Veja o texto da RSV, que diz "Betel", em Zc 7:2. Cf. também Keil, *op. cit.*, na discussão sobre essa referência.

<sup>13</sup>Note-se os dias de jejum e os eventos comemorados pelos judeus, durante seu cativeiro:

4º mês, 9º dia -

5º mês, 10º dia -

7º mês, 3º dia

10º mês, 10º dia.

Nabucodonosor entra pelos portões de Jerusalém -

Jr 39:2,3; 52:6,7

O templo é incendiado - Jr 52:12,13.

Gedalias é assassinado - 2 Rs 25:22-25

Começa o cerco de Jerusalém - 2 Rs 25:1

Zc 9:9,10). Embora humilde e de mansa aparência, esse soberano é justo e trará a salvação. Em Seu domínio universal ele falará e trará paz às nações.

Agraciando a cidade de Jerusalém, o Senhor dos Exércitos exercerá Seu poder protetor contra o inimigo (veja Zc 9:11-17). Ele salvará aos que Lhe pertencem, pois são rebanho de Seu povo. Os israelitas perambulavam quais ovelhas sem pastor, mas Deus haverá de resgatá-los. Punindo aos falsos pastores, Deus recolherá seu rebanho - Efraim juntamente com Judá. Esses virão dentre as nações, até de terras mui distantes, ao mesmo tempo que a altivez dos pagãos será abatida (veja Zc 10:1-12).

Os infieis pastores de Israel em breve seriam consumidos em meio a temível julgamento (veja Zc 11:1-3). Por meio de um segundo ato simbólico, Zacarias recebe ordem de tornar-se o pastor de Israel (veja Zc 11:4-17).<sup>14</sup> Em certo sentido, esse profeta agia na capacidade do Senhor dos Exércitos, o qual é o verdadeiro pastor de Israel.<sup>15</sup> Ao assumir ele esse papel, Deus retratou a terrível desgraça de Israel às mãos dos falsos pastores. Israel estava condenado. Em vão o pastor procurava salvar o seu rebanho, mas eles O detestavam. Patética era a sorte do rebanho entre os traficantes de ovelhas, cujos pastores não cuidavam delas. Por semelhante modo, Deus sujeitará o povo de Israel ao sofrimento, entre as nações, por ter esse povo rejeitado ao verdadeiro Pastor.

Embora entregue à mercê das nações para ser julgado, Israel tem lugar no plano divino. Chegará o dia quando Jerusalém tornar-se-á qual pedra pesada para as nações. Sião receberá forças novas e Judá surgirá vitorioso sobre todas as nações que vierem contra ele (veja Zc 12:1-9).

Naquele dia de vitória, os israelitas voltar-se-ão, com atitude de graça e de súplicas, para Aquele a quem antes haviam rejeitado (veja Zc 12:10-14).<sup>16</sup> O povo de Jerusalém valer-se-á de uma fonte para purificação do pecado e da impureza. Serão purificados não somente o povo, mas também a própria terra. Os ídolos serão banidos da memória de todos, e os profetas falsos cairão no ostracismo (veja Zc 13:1-6).

Quando for ferido o verdadeiro pastor, o resultado disso será que as ovelhas serão dispersas. Mas, apesar de que dois terços do povo virão a perecer, sobreviverá um remanescente às chamas refinadoras. Esse remanescente voltar-se-á para Deus e reconhecerá que o Senhor é Deus (veja Zc 13:7-9)

No dia do Senhor, todas as nações serão reunidas em torno de Jerusalém, em batalha. No monte das Oliveiras, o Senhor resistirá a todos os inimigos e tornar-se-á o rei da terra inteira. Jerusalém, então dotada de sobrenatural suprimento de água, será firmemente estabelecida. Em pânico, as forças opositoras se desintegrarão de tal maneira que as riquezas de todas as nações serão coligidas sem qualquer interferência. Todos os sobreviventes subirão a Jerusalém a fim de adorarem ao Rei, o Senhor dos Exércitos, e a fim de observarem a festa dos Tabernáculos. Estando Jerusalém firmada como eixo de todas as nações, a adoração a Deus será expurgada de todos os elementos impuros, de modo tal que a vida, em todos os seus aspectos, redundará em sua magnificação.

<sup>14</sup>Quanto a um sumário sobre as muitas interpretações desta passagem, veja Feinberg, *op. cit.*, págs. 197-217.

<sup>15</sup>Cf. Ez 34:11-31; Is 40:10,11 e outros trechos, que identificam claramente esse verdadeiro pastor de Israel com o Messias, um conceito surgido posteriormente. Cf. também Sl 23 e Jo 10.

<sup>16</sup>Cf. Zc 11:8, onde se diz que o verdadeiro pastor é detestado.

## Malaquias — A Advertência Profética Final — Ml 1:1-4:6

A única ocorrência do nome de “Malaquias” se acha no primeiro versículo deste livro. Posto que Malaquias significa “meu mensageiro”, a Septuaginta traduz esse vocábulo como um substantivo comum. O fato de que todos os demais livros desse grupo são associados a nomes de profetas favorece o reconhecimento de Malaquias como um substantivo próprio.

É difícil determinar o tempo do ministério de Malaquias. O Segundo templo estava de pé, o altar de sacrifícios vinha sendo usado, e a comunidade judaica estava debaixo da jurisdição de um governador persa. Isso situa suas atividades em depois dos tempos de Ageu e Zacarias, quando o templo já havia sido reconstruído. Tão pouco se sabe sobre as condições do estado de Judá, desde a dedicação do templo até à chegada de Esdras, que é impossível fixar uma data conclusiva para a profecia de Malaquias. O conteúdo do próprio livro tem levado alguns a associarem Malaquias aos dias de Neemias.<sup>17</sup> Mas outros estudiosos preferem uma data anterior à viagem de Esdras a Jerusalém, em cerca de 460 a. C.<sup>18</sup>

Malaquias tem a distinção de haver sido o último profeta hebreu.<sup>19</sup> Ele chegou como um mensageiro final de advertências a uma geração apóstata. Com clareza e vigor ele esboça a vida e a esperança final dos justos, o que faz contraste com a maldição que aguarda aos ímpios. Sua mensagem pode ser analisada segundo as seguintes divisões.

I. Israel como nação favorecida por Deus	1:1-5
II. O desrespeito de Israel por Deus	1:6-14
III. Repreensão contra os sacerdotes infiéis	2:1-9
IV. A infiel Judá	2:10-16
V. As exigências de Deus	2:17-3:15
VI. O destino final dos justos e dos ímpios	3:16-4:6

O relacionamento peculiar entre Israel e Deus é o tema introdutório da mensagem de Malaquias. O Senhor dos Exércitos escolheu a Jacó. Os edomitas, descendentes de Esaú, irmão gêmeo de Jacó, nunca mais conseguiram sobrepujar a Israel. O domínio do Senhor se estenderá para além das fronteiras de Israel, incluindo a subjugada terra de Edom (veja Ml 1:2-5).

No entanto, Israel havia desonrado a Deus. Ao oferecerem animais imperfeitos ou furtados como sacrifício, demonstraram o desrespeito que tinham por Deus. Jamais ousariam tratar suas autoridades daquela maneira. O nome de

<sup>17</sup>C. F. Keil, *op. cit.*, págs. 423-429, segue Vitranga ao ligar Malaquias com Neemias. E. J. Young, *op. cit.*, pág. 302, apóia essa posição.

<sup>18</sup>Cf. R. H. Pfeiffer, *op. cit.*, pág. 614, e J. T. H. Adamson, “Malaquias”, *O Novo Comentário da Bíblia*, págs. 933-937.

<sup>19</sup>Quanto a profetas datados posteriormente por certos eruditos do Antigo Testamento, veja a representativa discussão de Anderson, *Understanding the Old Testament*, pág. 449 quanto a Joel, 503-504 a. C. quanto a Jonas, e 515-520 a. C. quanto a Daniel. Nenhuma evidência histórica é disponível que nos permita fixar uma data precisa quanto a Joel. Jonas e Daniel não são considerados personagens históricas por Anderson.

Deus era reverenciado entre as nações, mas não em Israel. Mas Ele não se deixaria tratar daquele modo por Seu povo escolhido. O ludíbrio atrai certamente a maldição divina (veja MI 1:6-14).

Os sacerdotes são destacados dentre os demais israelitas para receberem retribuição. Deus estabeleceu um pacto com a tribo de Levi, com o propósito de serem transmitidos ao povo o conhecimento e a instrução. Por se terem mostrado infiéis nessa sua responsabilidade, serão desprezados pelo povo que antes lideravam (veja MI 2:1-9).

O povo de Judá profanara ao santuário mediante casamentos mistos com povos pagãos. Esposas estrangeiras haviam introduzido a idolatria. Acusado da mania do divórcio, igualmente, o povo não podia ser aceito nas oferendas que traziam perante o Senhor dos Exércitos (veja MI 2:10-16).

Acima de tudo isso, Malaquias lembrou bruscamente, aos seus ouvintes, de que haviam cansado a Deus com sua teimosia em não buscar os caminhos retos do Senhor. Deus estava às vésperas de enviar Seu mensageiro ao Seu templo, para que julgasse, refinasse, purificasse Seu povo, enfim. As acusações feitas contra eles, foram: bruxaria, adultério, juramentos falsos, negação dos dízimos e injustiça social contra os assalariados, as viúvas, os órfãos e os estrangeiros. Com seu comportamento, eles menosprezavam a sabedoria de servir a Deus com fidelidade (veja MI 2:17-3:15).

Deus conhece aqueles que O temem; e esses são Sua possessão especial, particular. Registrados como estão num livro de memórias, os justos estão destinados à salvação no dia da ira de Deus. Mas aqueles que tiverem sido presunçosos e houveram promovido a iniquidade perecerão como a palha em um campo que é queimado pelo fogo após a colheita. Os que temem a Deus, por outro lado, tornar-se-ão cada vez mais fortes (veja MI 3:16-4:3).

Em conclusão, Malaquias exorta à sua própria geração para que obedeça aos preceitos mosaicos (veja MI 4:4-6). Iminente como está o terrível dia do Senhor, Malaquias lembra a seus ouvintes que esse julgamento será antecedido por um período de misericórdia, inaugurado pela vinda de Elias. Dotado de sentido preditivo, o nome “Elias” sugere um tempo de reavivamento que terá lugar pela agência de um indivíduo enviado por Deus. Tal indivíduo já havia sido prometido (veja MI 3:1). E cerca de quatro séculos mais tarde, esse mensageiro foi identificado (veja Mt 11:10,14).

### LEITURAS SELECIONADAS

Baron, D. *The Vision and Prophecies of Zechariah*. Londres: Hebrew Christian Testimony, 1951.

Feinberg, C.L. *God Remembers: A Study of the Book of Zechariah*. Wheaton, III.: Van Kampen Press, 1950.

*Habakkuk, Zephaniah, Haggai, and Malachi*. Seattle: Pacific Meridian Publishing Co., 1951.

Logdson, S. F. *Malachi: Will a Man Rob God?* Chicago: Moody Press, 1961.

Unger, M. F. *Commentary on Zechariah*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1962.

Wolff, R., *The Book of Haggai*. Grand Rapids: Baker Book House, 1967.

# Índice de Referências Bíblicas

## ANTIGO TESTAMENTO

		32	364	28:26	70
		38:8	108	29:1—6	67
		38:26	74	29:7—11	70
		40:1—33	75	32	98
				35:9—34	82
				35:31	132
<i>Gênesis</i>		<i>Levítico</i>		<i>Deuteronômio</i>	
1:1—11:32	11—18	1:1—27:34	55—72	1:1—34:12	82—84
3	294	17:3—7	83	1:2	77
3:15	130	18:20—23	90	1:13—17	181
3:19	278	18:24—28	90	2	80
10:15—19	25	19:31	123	3:14	114
11:28—31	31	20—23	90	4:2	278
12:1—50:26	19—41	20:2	108	4:19	338
14:18	61	20:6,27	123	5:12—15	67
15:13	48	23:23—43	258	5:14	75
15:16	90	23:34	244,393	8:9	146
17:5	17	23:39—43	259	10:2—4	58
17:1—27	92	25:8	379	10:3—5	61
18	364	25:4:2,55	144	10:18	75
19:5	90			11:4	175
25:15	227	<i>Números</i>		12:1	278
32:22—32	151	1:1—36:13	73—82	12:6—7	64
36	344	1	82,136	12:15,2 <sup>1</sup>	81
36:12	116	3:5—13	61	12:17—18	64
36:31—39	116	4:16	66	12:20—24	59
41:52	151	5:5—10	66	12:31	90
44:7	151	6:1—21	107	14:29	75
47:11	47	6:10—14	65	15:1—11	67
		6:24—26	71	15:12—18	67, 321
<i>Êxodo</i>		7:89	61	16:1	69
1:1—19:2	43—54	8:17	61	16:7	69
3	92	9:1—5	68	16:9	70
5:1—3	64	9:9—12	69	16:13	69
12:2	68	9:13—14	69	16:13—15	70
12:6	247	10:2—4	61	16:13—15	70
12:19	76	10:10	55,67	18:18—20	181
12:48	68	10:11—12,34	335	17:3	338
13:3	247	10:29	49	17:14—20	145
13:3—4	69	10:29—32	322	17:17	133, 147
13:21—22	76	11:12—28	108	18:10—11	123
14:19—20	76, 335	13—14	90	18:14—22	292
14:21	92	15:1—13	66	20:17—18	90
14:24	335	15:5,10	66	23:4—6	261
17	78	15:27—31	65	23:8	75
17:8—16	90	15:32—36	67	23:22—25	278
18:12	64	17:10	61	25	38
18:21—22	181	18:1—7	198	26:5	31
19:1—5	380	18:7	257	27:17	379
19:1—6	372	21	344	27:19	379
19:3—40:38	55—72	21:27	273	28:15—68	373
19:5	316	21:4—9	201	28:29,52	382
19:6	144	22:28	14	29:1	57
20	148	22:2	261	31:9—13	70
20:10	76	26	136	31:10—31	67
20:11	13	26:59	48	31:25—26	212
21:2—11	321	27:11	399	31:26	61
22:22	379	27:21	62	32:44	78
27:6—14	106	28:3—8	64	33:8	62
29:38	244	28:9,19	67		
30:7	198	28:11—15	67		
30:11	74	28:19—23	69		
30:13	260				



## ÍNDICE DE REFERÊNCIAS BÍBLICAS

<i>Josué</i>		12:1—13	272	2:55	322
1:1—24:33	90—100	12:27	116	3:18	244
5:6	69	13:37	116	5:26	188
9:3	132	14:4	249	6:31	271
12:5	114	18:28	249	15—16	271
12:24	166	19:42—43	177	24:12	253
13:11	114	21:11	124	26:13—16	143
15:14,19	102			28:1	139
15:63	102				
18:1	101	<i>I Reis</i>		<i>II Crônicas</i>	
20:1—9	82	1:1—11:43	138—149	1:1—9:31	138—149
24:2	33	1:9, 19, 25	81	1:3	130
		2:3	212	5:14	335
<i>Jutzes</i>		2:9	277	7:3	335
1:1—21:35	100—111	3:1	341	8:1	145
1:16	77—322	3:3—28	274	8:14	261
1:22—26	94	4:29—30	274	9:1—24	274
3:11	116	5:9—13	277	10:1—36:23	151—217
4:11	77,322	5:12	274	18:2	81
4:17	322	6:1	47, 101	21:16—17	386
6—7	47	7:1—12	145	28	292
8:1—3	177	8:46	278	30:17	247
11:26	48	8:65	260	32:5	378
12:1—6	177	10:1	277	33:1—20	381
		12:1—22:58	151 ss	35:11—14	247
<i>Rute</i>		13	211	35:25	310
1:1—4:22	110	14:25—26	113, 386		
1:1	109	18:19	90	<i>Esdras</i>	
4:18—22	37	19:4	364	1—3	391
		19:21	81	1:1—6:22	241—247
<i>I Samuel</i>		21:29	364	2:5	257
1:1—31:13	113—124	<i>II Reis</i>		2:3—67	258
1	108	1:1—25:30	151—217	2:36—39	253
1:3	101	9—10	371	3:4	259
2:22	108	12:17	361	4—6	392
2:27—37	140	14:13—14	386	4:8—6:18	2
3:19—20	131	14:25	363	5	392
8:5	341	15:19	286	5—6	396
10:12	273	16:5	292	5:1—2	392
11:8	151	16:7	341	6:1	232
13:14	133	17:5—6	37	6:14	392
14:3—4	140	17:6	386	6:6—15	397
14:47	131	17:24	291	7:1—10:44	241, 251—253
15:6	322	18:17—27	238	7:12—26	2
15:22	278	18	378	8:15, 17	237
17:45	294	20:17	341	10:18—22	253
27:10	322	21:1—18	381		
28:24	81	21:7	90	<i>Neemias</i>	
30:26—31	126	21:11	381	1:1—13:31	241, 254—262
30:29	322	23:13	148	7:5	244
		23:20	81	7:61	237
<i>II Samuel</i>		24:2	236	12:1, 4, 16	394
1:1—24:25	125—138	24:1	223, 331, 351, 386	13:4—9	247
2:9	177	24:10—17	236		
3:3	116	25:1	341, 397	<i>Ester</i>	
7:12	139	25:8—10	323	1:1—10:3	241, 247—251
8:3—9	114	25:17	143	1:19	230
8:4	146	25:18—21	338		
8:14	116	25:27—30	225, 239	<i>Jó</i>	
8:5—11	159	25:22—25	397	1:1—42:17	265—271
				3	364
10	116	<i>I Crônicas</i>		6:19	227
10:8—10	116	1:1—29:30	125—138	17:6	273

## ÍNDICE DE REFERÊNCIAS BÍBLICAS

20:2	297	3:6—13	340	34:3	81
<i>Salmos</i>		7:4	338	34:11—31	398
1:1—150:6	271—273	7—10	214	35:1—15	79
23	344, 398	7:12—24	118	37	372
32	134	10:11	2	<i>Daniel</i>	
51	134	13:1—11	214	1:1—12:13	349—359
51:17—19	380	19:1—20:18	214	1:1—7	238
78:60	118	19:8	239	1:1	215, 222, 235, 331
106:36—37	206	20	268, 364	1—5	236
<i>Provérbios</i>		22:11—12	214	2:4—7:28	2
1:1—31:31	273—277	22:18—19	215	4:30	224
<i>Eclesiastes</i>		23:5	395	5:1—4	332
1:1—12:14	277—280	24	216	5:28	230
<i>Cântico dos Cânticos</i>		24:9	273	7:13	335
1:1—8:14	280—282	25:11	216, 356, 391	9:1—2	391
6:4	166	25:12	216	9:16	239
<i>Isaías</i>		26	214, 331	<i>Oséias</i>	
1:1—66:24	285—306	26:6—9	118	1:1—14:9	368—374
1:17	379	26:18—19	378	1—3	282
2	346	27	216	<i>Joel</i>	
2:1—4	379	27:3	342	1:1—3:21	375—377
6:13	340	28	237	2:10—11	296
4	346	28:1	332	<i>Amós</i>	
4:2	395	29	237, 332	1:1—9:15	365—368
7:1	200	29:2	238	1:6—12	361
7:1—8:8	189	29:10	216, 356, 391	1:6—15	186
7:1—17	341	29:21	332	<i>Obadias</i>	
9:12	186	30:10	144	1—21	385—386
11	346	32	217	<i>Jonas</i>	
11:1	395	32:4—5	323	1:1—4:11	362—365
14:4	273	34:3—5	323	1:1	187
20:1	161, 202	36:1—32	214	<i>Miquéias</i>	
21:4	227	36:27—32	215	1:1—7:20	377—381
34:1—17	79	37	216	4:1—4	290
35	346	39:1	341	<i>Naum</i>	
36—39	201, 204	39:2—3	397	1:1—3:19	386—388
37—38	318	39:3, 13	226	<i>Habacuque</i>	
38:4—6	204	40—43	344	1:1—3:19	388—390
39:6	240, 341	40:14	236	<i>Sofonias</i>	
40—50	11	49:7—22	79	1:1—3:20	381—383
40:10—11	398	52:6—7	397	<i>Ageu</i>	
41:8	33	52:12—13	397	1:1—2:23	392—394
42:1	395	52:13	395	1:1	232
44:28	240	52:21	143	1:1—15	246
44:28—45:1	391	52:31—34	225	<i>Zacarias</i>	
45:1—4	244	<i>Lamentações</i>		1:1—14:21	394—398
44:28—45:1	356	1:1—5:22	326—328	1:1	246
50:1	282	3:54	175	2:6	392
52:13	395	<i>Ezequiel</i>		6:12	395
54:4, 5	282	1:1—48:35	329—347		
65	346	1:1	237		
66	346	3:15	237		
<i>Jeremias</i>		8:1	238		
1:1—52:34	309—326	11:1	143		
1—20	213	12:13	323		
2—4	213	13	237		
3:1—20	282	14:1	238		
		16	282		
		17:16	323		
		20:1	238		
		23	282		
		25:12—14	79		



# Índice dos Mapas

- Acade, 21  
 Adão, 95  
 Adulão, 112  
 Afeque, 164  
 Ai, 95  
 Aijalom, 95  
 Alepo, 221  
 Amalequitas, 127  
 Amargos, Lagos, 51  
 Amom, 95, 127, 164, 203, 243  
 Arã (Siria), 127, 164  
 Arábia, Deserto da, 127, 164  
 Arbana, Rio, 164  
 Arbela, 229  
 Arnom, Rio, 95, 99  
 Arpade, 203, 221  
 Arvade, 221  
 Asdode, 112, 127, 203, 221, 243  
 Aser, 99  
 Asquelom, 95, 112, 127  
 Assíria, 203  
 Assur, 21, 203  
 Atenas, 229  
 Babilônia, 21, 203, 211  
 Basã, 99  
 Belém, 112, 127  
 Benjamim, 99  
 Berseba, 21, 95, 112, 127, 164  
 Betel, 21, 95, 127, 164, 243  
 Bete-Maaca, 127  
 Bete-Seã, 95, 112  
 Bete-Semes, 95  
 Bete-Zur, 243  
 Biblos, 21, 127  
 Cades (no Orontes), 127  
 Cades ou Cades-Barnéia, 51  
 Carcar, 164  
 Carmelo (cidade), 112  
 Carmelo, Monte, 95  
 Carquemis, 203, 221  
 Cáspio, Mar, 21, 203, 221  
 Cilícia, 221  
 Cítia, 229  
 Dã, 99  
 Damasco, 21, 127, 164, 203, 221  
 Debir, 95  
 Dibom, 51  
 Dor, 243  
 Dotã, 21, 164  
 Ebal, Monte, 95  
 Ecbatana, 221, 229  
 Ecrom, 112, 208  
 Edom, 51, 95, 127, 164, 203  
 Efraim, 99  
 Egípcio, 21, 51, 203, 221  
 Eglom, 95  
 Elão, 221  
 El-Amarna, 51  
 Elate, 51, 203, 221  
 Elefantina, 229  
 Elim, 51  
 Endor, 112  
 Engedi, 112  
 Esparta, 229  
 Etã, 51  
 Eufrates, Rio, 21, 203, 221  
 Eziom-Geber, 51, 127, 164  
 Farfar, Rio, 164  
 Fenícia, 127, 164, 203  
 Filístia, 127, 164  
 Gade, 99  
 Gate, 99, 112, 127  
 Gaza, 95, 112, 127  
 Gerar, 21  
 Gerizim, Monte, 95, 243  
 Gesur, 127  
 Gibeá, 95, 112, 127  
 Gibeom, 127, 243  
 Gilboa, 112  
 Gilgal, 95, 112, 164  
 Gósen, 21  
 Grécia, 229  
 Hamate, 127, 164  
 Haquilá, 112  
 Harã, 21, 221  
 Nazerote, 51  
 Hazor, 95  
 Hebron, 95, 127, 164, 208, 243  
 Heliópolis, 51  
 Hesbom, 51  
 Hor, Monte, 51  
 Iduméia, 243  
 Israel, 127, 164  
 Issacar, 99  
 Jabes-Gileade, 112  
 Jaboque, Rio, 21, 95, 99  
 Jarmuque, Rio, 99  
 Jarmute, 95  
 Jericó, 95, 164, 208, 243  
 Jerusalém, 399 e 21, 95, 112, 127, 164, 203, 208, 221, 243  
 Jezreel, 164  
 Jordão, Rio, 95, 99  
 Judá, 99, 127, 164, 203, 208, 243  
 Judá, Deserto de, 112  
 Laís, 99  
 Laquis, 95, 127, 164, 203, 243  
 Libna, 95  
 Lídia, 221, 229  
 Manassés, 99  
 Maom, 112  
 Mar, Morto (mar Salgado), 21, 51, 95, 112, 208  
 Mara, 51  
 Mari, 21  
 Média, 203, 221, 229  
 Mediterrâneo, Mar (em todos os mapas)  
 Megido, 127, 164, 208, 221  
 Mênfis, 21, 203, 221  
 Micmãs, 112  
 Midiã, 51  
 Migdol, 51  
 Mispa, 112  
 Moabe, 51, 95, 127, 203, 243  
 Naftali, 99

- Nebo, Monte, 95  
Negro, Mar, 21, 203, 221  
Nilo, Rio, 21, 51, 203, 221  
Nínive, 203  
Nipur, 203, 221  
Nobe, 112  
Nuzu, 21  
Ogue, Reino de, 95  
Padã-Arã, 21  
Parã, Deserto de, 51  
Pasargade, 229  
Persépolis, 229  
Pérsia, 229  
Pérsico, Golfo, 21, 203, 221  
Pitom, 51  
Quedes (em Naftali), 99  
Queila, 112  
Quinerete, Mar de, 95  
Quir-Heresete, 164  
Quiriate-Jearim, 112  
Quisom, Rio, 99  
Rabate-Amom, 127  
Ramá, 112  
Ramote de Gileade, 127, 164  
Ramsés, 51  
Refidim, 51  
Ribla, 221  
Rúben, 99  
Samaria (cidade), 164, 203, 208, 243  
Samaria (país), 243  
Sardes, 229  
Sarepta, 164  
Seir, Monte, 21  
Seom, Reino de, 95  
Sidom, 21, 127, 164  
Silo, 95, 112, 164  
Sim, Deserto de, 51  
Simeão, 99  
Sinai (Horebe), 51  
Siquém, 95, 127, 164, 243  
Suméria, 21  
Sur, Deserto de (Etã), 51  
Susã, 221  
Tabor, Monte, 99  
Tanis, 51  
Tebas, 203, 221, 229  
Tecoa, 112  
Tigre, Rio, 21, 203, 221  
Timna, 99  
Tiro, 127, 164, 221  
Tirza, 164  
Tisbe, 164  
Tobe, 127  
Trácia, 229  
Ugarite, 21  
Ur, 21  
Urtu, 221  
Urmia, Lago, 203  
Vã, Lago, 203  
Vermelho, Mar, 21, 51, 203, 221, 229  
Zaretã, 95  
Zebulom, 99  
Zerede, Riacho, 51  
Ziclague, 112  
Zife, 112  
Zim, Deserto de, 51  
Zobá, 127  
Zorá, 99

# Índice de Nomes e Assuntos

- Abargi, Túmulo de, 22  
 Abdom (juiz), 101, 108  
 Abedenego (Azarias), 350, 352  
 Abel, 15  
 Abel-Bete-Maaca, 135  
 Abiã, 167, 178, 179  
 Abias, filho de Jeroboão, 165, 166  
 Abiatar, 122, 140  
 Abidos, 24  
 Abigail, 123  
 Abimeleque,  
     Sacerdote, 122  
     Filho de Gideão, 106  
 Abinadabe, 129  
 Abirão, 78  
 Abisague, 140  
 Abiú, 61  
 Abner, 128, 140  
 Abraão (Abrão), 12, 17, 24, 26, 28, 29, 33, 90, 94,  
     100, 137, 301, 302  
 Abraâmico, Pacto, 33  
 Absalão, 115, 134, 137, 139  
 Acã, 93  
 Acabe,  
     Falso profeta, 312, 320  
     Rei de Israel, 150, 158, 160, 168-173, 176, 181, 184  
 Acade, 119  
 Acaz, 159, 161, 189, 199, 200, 201, 202, 286, 287, 293,  
     296, 377  
 Acazias  
     Filho de Acabe, 150, 152, 173, 181, 182  
     Filho de Jeorão, 176, 183, 184  
 Adade-Nirari II, 187  
 Adade-Nirari III, 159, 161, 362  
 Adão, 14  
 Adonias, Filho de Davi, 139, 140  
 Adonirão, 141  
 Adulão, 122  
 Afeque, 171, 172  
 Ageu, 245, 333, 391, 392, 399  
 Ageu, Livro de, 392—394  
 Agur, 277  
 Ai, 93, 94  
 Aias,  
     Profeta, 148, 165, 166  
 Aicão, 214, 311, 313, 319  
 Aitofel, 134, 136  
 Albright, William Foxwell, 47, 153, 237  
 Alexandre o Grande, 22, 44, 152, 235  
 Aliança,  
     Abraâmica, 32, 33  
     Mosaica, 57—58, 66, 83  
     Noaica, 16  
 Amaleque, 53, 81, 90  
 Amalequitas, 78, 104, 105, 115, 121, 123, 126, 131  
 Amarna, 44, 45  
 Amarna, Cartas de, 36, 88  
 Amarias, o sacerdote, 181  
 Amasis (Faraó), 224, 227, 228, 231  
 Amazias  
     Sacerdote, 365, 368  
     Filho de Joás, 150, 153, 187, 195—196, 197, 285, 362  
 Amenêmope, Sabedoria de, 274  
 Amenotepe I, 44  
 Amenotepe II, 44, 48  
 Amenotepe III, 44  
 Amenotepe IV (Aquenatom), 44  
 Amnon, 134, 135, 137, 139  
 Amom, 29, 47  
 Amom (rei de Judá), 150, 207, 212, 309  
 Amon, Sacerdócio de, 44, 45  
 Amon, Culto de, 46  
 Amonitas, 80, 101, 103, 104, 107, 108, 115, 120,  
     131, 133  
 Amorreus, Liga dos, 94, 96  
 Amós, 150, 188, 286, 362, 378, 382, 385  
 Amós, Livro de, 365—368  
 Anate, 90  
 Anatote, 140, 213, 312  
 Ansã, 354  
 Aoliabe, 59  
 Apuasú, 226  
 Aquenatom, 44, 45, 46  
     (Amenotepe IV)  
 Aquis, 122, 123  
 Arã, 17, 114  
     Descendentes, 158  
 Arameus, 113, 114, 115, 131, 133, 146, 148  
 Arão, 50, 57, 61, 63, 74, 75, 77, 79  
 Ararate, Monte, 16  
 Arca da Aliança, 61, 94, 118, 246  
 Arianos, 87  
 Artabano, 235  
 Artatama, 88  
 Artaxerxes I (Longimanus), 218, 235, 245, 251, 252,  
     254, 256  
 Artaxerxes II, 218, 235  
 Artaxerxes III, 235  
 Asa, 150, 158, 167, 179—180  
 Asafe, 271  
 Asurdã III, 161  
 Asdode, 114  
 Asenate, 38  
 Aser, 74, 98, 105  
 Asera, 90, 170, 179, 206  
 Asquelom, 109, 114  
 Assíria, 103, 113, 291, 292, 297, 302, 362  
 Assírio, Império, 114, 115, 160—162  
 Assuro (Xerxes), 245, 247  
 Assur, 17, 23, 88, 160, 161, 220  
     Deus assírio, 160  
 Assur, Queda de, 209  
 Assurbanipal, 162, 206, 220, 226, 329, 381, 386  
 Assurnasirpal II, 150, 160, 172  
 Assur-Nirari, 161  
 Assur-Rabi II, 113, 114  
 Assurubalite, 222  
 Astarte (Astorete), 90, 147  
 Astiages, 230  
 Astorete, 90, 147  
 Atalia, 150, 169, 183, 184, 193, 194, 361  
 Atom, 44  
 Auramazda, 233  
 Autorizada, Versão (King James Version), 4

- Avaris (Zoã), 25  
 Avel-Marduque (Evil-Merodaque), 218, 225, 353  
 Azarias  
   Abedenego, 350  
   Sumo sacerdote, 198  
   Rei (Uzias), 150, 161, 196—198  
   Profeta, 179  
 Baal (Hadade), 90, 103, 105, 107, 118, 169  
 Baalate, 145  
 Baasa, 158, 167, 168, 176, 179  
 Babel, Torre de, 16  
 Babilônia, 24  
 Babilônia, Império da, 87, 89, 220—228, 294  
   Supremacia sobre Judá, 213—217  
 Balaão, 80, 81  
 Balaque, 80, 81  
 Baraque, 103, 105  
 Baruque, 312, 313, 324, 326  
 Basã, 29  
 Bate-Seba, 133, 139  
 Beemote, 270  
 Beistum, Inscrição de, 234  
 Belém, 36, 98, 109, 119, 365  
 Bel-Ibni, 202  
 Belsazar, 227, 228, 238, 353—355, 356  
 Benaia, 136, 139  
 Ben-Adade, 150, 158, 159, 160, 167, 169, 171, 175,  
 176, 180, 184, 187, 362  
 Benjamim  
   Filho de Jacó, 36  
   Tribo, 74, 98, 102, 124  
 Berkeley, Versão, 4  
 Beroso, 235, 236  
 Berseba, 27, 32, 33, 77, 119  
 Betel, 28, 32, 35, 36, 93, 110, 119, 165, 173  
 Bete-Horom, 145, 195  
 Bete-Seã, 28, 124, 131  
 Bete-Semes, 131, 145, 196  
 Bezalel, 59  
 Bezer, 98  
 Bíblia Grande, A, 4  
 Bildade, 267, 268, 269  
 Bogazcói, 88, 89  
 Bronze, Serpente de, 79  
 Cades no Orontes, 88, 89  
   Batalha de, 89  
 Cades ou Cades-Barneia, 28, 73, 76, 77, 79, 97  
 Caftor, 26, 34  
 Caim, 14, 15  
 Calá, 161  
 Calcolítico, 19  
 Calebe, 78, 98  
 Cambises, 231, 232, 245  
 Canaã (filho de Cão), 17  
 Canaã, 26, 29, 31, 33, 34, 35, 38, 47, 52, 53, 58, 59,  
 61, 69, 73, 77, 80, 88, 89, 90, 91  
 Conquista de, 82, 92—97  
   Entrada em, 91—92  
   Geografia de, 26—29  
   Religião, 90  
 Cananeus, 78, 79, 103, 145  
 Candalanu, 220  
 Cântico dos Cânticos, 1, 265, 280—282  
 Cão, 16  
 Carcar, a Batalha de, 152, 158, 172, 186  
 Carmelo, Monte, 27, 170  
 Carnaque, 44, 46, 113  
 Carnaque, Lista de, 178  
 Carquemis, 89, 114, 131, 162, 222, 331, 349  
 Ciáxares, 220, 228, 387  
 Cilícia, 147, 226, 228  
 Circuncisão, 92  
 Ciro, 218, 227, 228—231, 239, 241, 242, 244, 301,  
 302, 354, 356, 357, 358, 391  
 Citas, 220  
 Coatitas, 74, 77  
 Codornizes, 53, 77  
 Coluna de Nuvem, 53  
 Conias (veja Joaquim)  
 Coré, 78  
 Coverdale, Versão de, 4  
 Criação, 11, 12—13  
 Croeso, 227, 230, 354  
 Crônicas. Livro I, 125—138  
 Crônicas, Livro II, 138-217  
 Dã,  
   Cidades, 110, 166  
   Tribo, 59, 74, 77, 98  
 Dalila, 109  
 Damasco, 114, 132, 158, 159, 176  
 Daniel (Beltessazar), 238  
 Daniel, Livro de, 349—360  
 Dario I, 218, 232-234, 356, 392, 396, 397  
 Dario II, 218, 235  
 Dario III, 152, 235  
 Datã, 78  
 Davi, 37, 96, 101, 102, 110, 114, 115, 119, 121, 122,  
 123, 125—138, 158, 165, 177, 201, 245, 271  
 Debir (Quiriate-Sefer), 28, 97, 131  
 Débora, 103, 105, 109  
 Decálogo, 57, 58, 61, 66, 103, 148, 191  
 Deuterônimo, Livro de, 43, 82—84  
 De—Vaux (padre), 47  
 Dia da Expação, 61, 62, 67, 70—71, 246, 258  
 Dilúvio, 15—16  
 Dotã, 26, 28, 37, 175  
 Ebal (monte), 91, 94  
 Ecbátana, 233  
 Eclesiastes, Livro de, 1, 265, 277—280  
 Eclesiástico, 96  
 Êcrom, 114  
 Ed Damieh, 92  
 Edom, 47, 79, 81, 114, 115, 174, 183, 195, 385, 386  
 Edom, Conquista de, 131  
 Edomitas, 36, 115  
 Efraim  
   Filho de Jacó, 62  
   Tribo, 74, 98, 151  
 Egipto, 19, 24—25, 29, 30, 32, 37, 38, 43, 44, 45,  
 47, 48, 50, 58, 59, 68, 69, 75, 78, 83, 87, 90, 103,  
 113, 297  
 Egipto, Religião de, 45—46, 58  
 Eglom (Teel el Hesi), 94, 96  
 El, 90  
 Elá (vale de), 96  
   Filho de Baasa, 150, 167, 168  
 Elão  
   Pais, 17  
   Povo, 24  
 Elcós, 385  
 Eleazar, 61, 79, 81, 82, 98  
 Eli, 101, 114, 116—119, 140  
 Eliaquim, (veja Jeaquim)  
 Elias. 90. 150, 170—172, 173, 176, 183, 400

- Eliasibe, 258, 262  
 Eliezer,  
   Profeta, 150, 173, 182  
   Servo de Abraão, 32  
 Elifaz, 267, 268, 269  
 Eliseu, 150, 173—176, 182, 186, 187, 361, 362  
 Elim, 53  
 Eliú, 270  
 Elom, 101, 108  
 Endor, Bruxa de, 123  
 English Revised Version, 4  
 Enos, 15  
 En-Rogel, 139  
 Esagila, (templo de Marduque), 226, 234  
 Esaradom, 150, 162, 206, 220, 386  
 Esaú, 35, 36, 115  
 Esdras, 218, 235, 245, 258—260, 301  
 Esdras, Livro de, 242, 244, 245, 246, 241—253, 254  
 Esfinge, 24, 44  
 Ester, 239  
 Ester, Livro de, 247—251  
 Et Tell, 93  
 Etbaal, 158  
 Éude, 86, 100, 102, 103, 104  
 Eva, 13  
 Evil-Merodaque (veja Avel Marduque)  
 Exílio, 235—240  
 Êxodo, 43, 52  
 Êxodo, Livro de, 43-72  
 Êxodo, Data do, 46—49  
 Expição, Dia da, 61, 62, 67, 70—71  
 Ezequias, 150, 193, 200—205, 274, 287, 288, 294,  
   299, 300, 377, 378, 381  
 Ezequiel, 150, 237, 238, 240, 282, 391  
 Ezequiel, Livro de, 329—347  
 Eziom-Geber, 80, 146, 182  
  
 Fenícios, 26, 89, 113, 114, 115, 131, 141, 144, 146,  
   158, 169  
 Festa dos Tabernáculos, 68, 70, 258, 259  
 Festa das Trombetas, 67, 258  
 Festa dos Pães Asmos, 68, 69, 70  
 Festa das Semanas, 67, 68, 70  
 Festas, 66, 68—71  
 Filisteus, 34, 38, 103, 107, 108, 109, 118, 119, 121,  
   122, 123, 124, 126, 128, 131, 133  
 Filístia, 34, 114  
 Finéias, 81, 98, 110  
  
 Gaal, 106  
 Gade  
   Profeta, 119, 122, 137  
   Tribu, 74, 82, 91, 98  
 Garstang, John, 47, 97, 101, 104, 145  
 Gate, 114, 121, 131  
 Gaumata, 232  
 Gaza, 25, 27, 109, 114  
 Geazi, 174, 175  
 Gedalias, 236, 323  
 Genebra, Bíblia de, 4  
 Gênesis, Livro de, 11—39, 43, 66  
 Gerar, 34  
 Gerizim, Monte, 91, 94, 106  
 Gersonitas, 74, 77  
 Gesem, 256, 257  
 Gesur, 114, 131, 133, 134  
 Gezer, 96, 145, 146  
 Gibeá, 110, 119, 121, 128, 129, 139  
  
 Gibeom, 94, 96, 137, 138  
 Gideão, 103, 105, 106, 109  
 Gileade, 29, 128  
 Gilgal, 92, 94, 119, 120, 174  
 Glueck, Nelson, 47, 146  
 Gobrias, 228  
 Golã, 98  
 Goliás, 96, 121, 126  
 Gômer, 369, 370  
 Gomorra, 32, 33, 295  
 Gosen, 39, 44,  
 Great Bible, The, 4  
 Gregos, 05, 25  
 Gubaru, 354  
 Gutí, 23  
  
 Habacuque, Livro de, 385, 388—390  
 Hadade  
   Um edomita, 148, 177  
   Um deus, 90  
 Hadadezer, 115, 132, 148, 158, 172  
 Hagar, 32  
 Hamã, 249, 250, 251  
 Hamate, 25, 114, 132, 144, 158, 172, 187, 222, 346  
 Hamurabi, 23, 30  
   Código de, 32, 87, 233  
 Hananeel, 320  
 Hanani  
   Irmão de Neemias, 258  
   Um profeta, 150, 180, 181  
   Sadraque, 350  
 Hananias, 216, 237, 258, 312, 319, 332;  
 Harã, 31, 32, 87, 162, 213, 220, 227  
 Hatsepsute, 44  
 Hatina (Teel Tainate), 144  
 Hatusil, 89  
 Hazael, 150, 159, 160, 171, 176, 184, 185, 186, 194, 361  
 Hazor (Teel el-Qedah), 86, 97, 104, 145  
 Hebrom, 32, 33, 34, 36, 37, 94, 97, 98, 102, 109, 122,  
   126, 128, 131, 134, 137  
 Heveus, 88, 103  
 Hicsos, 25, 45, 48, 49, 87, 97  
 Hilquias, 211  
 Hirão, 86, 141, 144, 146  
 Hititas, 26, 35, 38, 45, 87, 88, 89, 103, 104, 114,  
   133, 146  
 Hobabe, 77  
 Hor, Monte, 79  
 Horebe (veja também Sinai), 83, 171  
 Horeus (Hurrianos), 23, 30, 87  
 Hormá, 79  
 Horus, 45  
 Hulda, 150, 210, 310  
 Hurrianos (Horeus), 23, 30, 87  
 Husai, 134  
  
 Ibzã, 101, 108  
 Icabode, 118  
 Ido, 150, 394  
 Iom, 90  
 Isaías,  
   Autoria de, 288, 289  
   Livro de, 239, 282, 285-306  
   Pessoa, 150, 193, 200, 202, 206, 283—288, 375  
   377, 382  
 Isaque, 30, 33—36, 137  
 Isbosete (Isbaal), 128  
 Ismael, 33



- Israel, 39, 46, 47, 49, 50, 52, 53, 55, 58, 61  
 Jacó, 36  
 Reino, 126, 151—176, 185—191  
 Nação, 36  
 Religião de, 55—71  
 Sob Davi, 125
- Issacar,  
 Tribo, 74, 98
- Itamar, 61
- Jaazania, 338
- Jaaziel (um levita), 182
- Jabes (Jabes de Gileade), 115, 120, 124, 128
- Jabim, 97, 104
- Jacó, 30, 33—36, 37, 38, 48
- Jael, 105
- Jafé, 16
- Jair, 101, 106, 107
- Jarmute, 94
- Jebuseus, 102, 103, 129, 137
- Jeconias (veja Joaquim)
- Jefé, 101, 103, 107, 108
- Jeoacaz,  
 Filho de Jeú, 150, 159, 183, 186  
 Filho de Josias, 150, 213, 310
- Jeoquim (Eliaquim), 150, 214, 215, 222, 223, 235, 310, 312, 321, 325, 331, 351
- Jeorão (rei de Judá, também conhecido como Jorão), 150, 153, 169, 183, 184
- Jeoseba, 193
- Jeremias, 118, 150, 213, 214, 215, 216, 217, 225, 236, 237, 239, 240, 282, 331, 333, 349, 356, 375, 385, 391  
 Livro de, 309—326
- Jericó, 26, 28, 46, 47, 91, 92, 93, 94, 98, 169, 173
- Jericó, Conquista de, 93
- Jeroboão I, 148, 149, 150, 153, 165—167, 169, 176, 177, 178, 191, 211
- Jeroboão II, 150, 159, 187, 196, 197, 285, 362, 365, 368, 370
- Jerônimo, 3
- Jerusalém, 28, 32, 94, 97, 102, 121, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 141, 142, 147, 151, 162, 178, 219, 333, 335, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345
- Jetro (Reuel), 49, 53
- Jeú,  
 Rei, 150, 152, 159, 160, 171, 176, 184, 185—188, 185,—186, 193, 361, 369, 370  
 Profeta, 150, 167, 181
- Jezebel, 90, 158, 168, 170, 176, 183, 184, 361
- Jezreel, 27, 105, 124, 174, 371
- Jó, Livro de, 1, 265—271
- Joabe, 128, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 139, 140, 148
- Joanã, 257
- Joaquim (Jeconias), 150, 224, 225, 236, 244, 318, 326, 332
- Joás (rei de Judá, também conhecido como Jeoás) 150, 159, 194, 195, 375
- Joás (rei de Israel), 150, 153, 186, 187, 195, 197, 362
- Joel, 375—377
- Joiada, 150, 193, 194
- Jonas, 187, 362  
 Livro de, 362—365
- Jonatã, 121, 122, 126, 132
- Joque, 162
- Jorão (rei de Israel, também conhecido como Jeorão) 150, 152, 159, 174, 176, 182, 184
- Jordão, Rio, 26, 27, 28, 76, 91, 92
- Josafá, 150, 169, 172, 180—182, 183
- José, 30, 36—39, 43, 48, 49, 62
- Josefo, 58, 225, 237, 246, 248  
 Antigüidades de, 223, 248, 258, 262
- Josias, 150, 209—213, 247, 309, 310, 311, 314, 329, 331, 349, 382
- Josué,  
 O sacerdote, 244, 253, 391, 393, 395, 396  
 Filho de Num, 46, 53, 59, 78, 81, 82, 84, 87, 89, 90, 101, 102, 103  
 Livro de, 90—100, 89
- Jotão  
 Rei, 150, 161, 199, 285, 377  
 Filho de Gideão, 106
- Jubileu, o Ano de, 67—68
- Judá,  
 A nação, 126, 151, 177—184, 193—217  
 A tribo, 38, 59, 74, 77, 98, 102, 104, 125
- Juizes, Livro de, 100—110, 116
- Kenyon, Kathleen, 47
- Kohelet, 277
- Labão, 35
- Labasi-Marduque, 226
- Lameque, 15
- Lamentações, Livro de, 239, 326—328
- Laquis (Teel ed-Duweir), 28, 94, 96, 145  
 Cartas de, 236
- Latim Antigo, 3
- Lemuel, 277
- Levi, 36, 79, 98
- Levitas, 61, 62, 74, 75, 78, 82, 125, 143, 247
- Levitico, Livro de, 43, 55—72
- Lia, 35
- Libna, 28
- Lo-Ami, 371
- Lo-Ruama, 371
- Ló, 31, 32, 33, 80
- Lua Nova, 67
- Lugal-Zagisi, 22
- Lutero, Bíblia em Alemão de, 4
- Luxor, 46
- Maaca, 114, 131, 133, 179
- Macabeus, 246, 248
- Macpela, 26, 33
- Malaquias, Livro de, 399—400
- Manã, 53, 92
- Manassés, 38, 62  
 Rei, 90, 150, 201, 205, 206, 210, 212, 288, 300, 309, 381, 387  
 Tribo, 14, 82, 91, 98, 105
- Mar Morto, 28, 80, 92
- Mar Vermelho (Mar de Juncos), 52
- Mara, 53
- Mardoqueu, 248, 249, 250, 251
- Marduque, 23, 226, 227, 230, 231, 242, 351
- Mari, 23, 30
- Mashal, 274
- Massoretas, 2, 3
- Matanias (Zedequias), 150, 215—217
- Mateus, Bíblia de, 4
- Média, 87, 209, 228
- Medos, 209, 219, 220, 227, 356—359

- Mefibosete, 132  
 Megido  
   Cidade, 88, 103, 106, 145, 209, 310, 331, 349  
   Planície, 27  
 Melquisedeque, 61  
 Menaém, 161, 188, 285, 286, 369  
 Menes, 24, 45  
 Mênfis, 24, 44  
 Meraritas, 74, 77  
 Merneptá, 89, 104  
 Merodaque-Baladã, 202, 299  
 Mesa, 174  
 Mesaque (Misael), 350, 352  
 Mesopotâmia, 19, 22—24, 26, 31, 32, 37, 38, 39, 80,  
   81, 103, 104, 132  
 Mesulão, 258  
 Mica (idólatra), 109, 110  
 Micaías, 172  
 Mical, 128, 133  
 Mícale, Cabo (batalha de), 234  
 Midiã, 33, 49, 80  
 Midianitas, 33, 37, 81, 103, 105, 106  
 Miquéias  
   Livro de 377—381  
   Profeta, 214, 319, 375  
 Miriã, 77, 79  
 Misael (Mesaque), 350  
 Míspa, 110, 119, 236, 323, 324  
 Mitani, 44, 87, 88, 104  
 Moabe, 29, 47, 57, 79, 80, 81, 104, 122, 131, 169, 174  
 Moabitas, 80, 81, 103, 104, 115, 168  
 Moabita, Pedra, 168  
 Moisés, 29, 38, 48, 49—91, 74, 87, 90, 91, 101, 103,  
   118, 137  
 Moloque, 148, 205  
 Moresete-Gate, 378  
 Moriã, 137, 145  
 Mote, 90  
 Mutvatalis, 89  
 Naamá, 174, 176  
 Nabal, 123  
 Nabonido, 226—228, 238, 353—356  
 Nabopolassar, 150, 220, 222, 235, 387  
 Nabote, 171, 176  
 Nabu, 351  
 Nabucodonosor, 150, 222—225, 235, 236, 237, 238,  
   318, 319, 323, 332, 342, 343, 351, 352, 353, 354, 356  
 Nadabe  
   Sacerdote, 61  
   Filho de Jeroboão I, 167  
 Naftali, 74, 98, 105  
 Nanar, 22  
 Naor, 31  
 Narã-nin, 23  
 Natã, 1, 9, 130, 133, 135, 139  
 Naum, Livro de, 385, 386—388  
 Nazireado, Voto de, 75, 108  
 Neco II (Faraó), 213, 223, 310, 349  
 Neemias, 218, 235, 245, 254—262, 301, 399  
 Neemias, Livro de 241, 262  
 Negro, Obelisco, 185  
 Neguebe, 32  
 Nergalsarezer (Neriglissar), 225, 226, 228  
 Nilo, Rio, 19, 50, 89  
 Nínive, 161, 187, 209, 329, 331, 363, 364, 386—388  
 Nínive, Queda de, 209, 329, 331  
 Nin-Gal, 23  
 Nodias, 257  
 Noé, 15, 16  
 Novo Reino, 25, 43, 46, 49, 50  
 Números, Livro de, 43, 73—82  
 Nuzu, Tabletes de, 23, 29, 30, 31, 35  
 Obadias, Livro de, 385—386  
 Obede-Edom, 129  
 Odede, 150, 190  
 Oferendas,  
   Queimadas, 64  
   Manjares, 66  
   Pacíficas, 64  
   Pecado, 65  
   Transgressão, 65  
 Ofertas Pacíficas, 64—65  
 Ofertas pelo Pecado, 65  
   Ofertas Queimadas, 64  
 Ogue, 80  
 Onri, 150, 158, 176, 187  
 Onri, Dinastia de, 167—176, 185  
 Oolá, 341  
 Oolibã (Jerusalém), 341  
 Orígenes, 3  
 Osasquém I, 179  
 Oséias, 154, 188, 282, 286, 362  
 Oséias, Livro de, 368—374  
 Oséias, rei de Israel, 154, 161, 190, 286, 369  
 Osiris, 46  
 Otoniel, 101, 103, 104, 109  
 Paês Asmos, festa dos, 68  
 Papiros do Mar Morto, 2  
 Paralelismo  
   Antitético, 275  
   Sinônimo, 275  
   Sintético, 275  
 Parã, Deserto de, 77, 123  
 Páscoa, 43, 52, 68, 69, 70, 75, 92, 210, 247  
 Pasur, 214  
 Patriarcas, 19—39  
 Peca, 150, 159, 189, 190, 199, 286, 291, 369, 377  
 Pecaías, 150, 189, 286  
 Pelatias, 338  
 Pelegue, 31  
 Peregrinações no Deserto, 76—80  
 Perizeus, 103  
 Persépolis, 233  
 Pérsia, 152, 219, 230—235, 241, 242, 356—359  
 Pirâmides, 24, 46  
 Pitom, 47, 49  
 Platéia, Batalha de, 234  
 Potifar, 37, 38  
 Provérbios, Livro de, 1, 265, 273—277  
 Psamético II, 216  
 Psamético III, 232  
 Ptá-Hotepe, 24  
 Ptolomeu, 152  
 Purim, Festa de, 248, 251  
 Quedes de Naftali, 98, 105  
 Quemós, 148, 174  
 Quileabe, 139  
 Quiraserete (moderna Querá), 174  
 Quiriarte-Jearim, 118, 129  
 Raabe, 91, 93  
 Rabate Amom, 115, 132

- Ramá, 118, 158, 167  
 Ramsés (cidade), 47, 49  
 Ramsés II, 45, 86, 89, 104  
 Ramsés III, 86, 89, 113  
 Ramsés IV—XII, 86, 113  
 Ramote de Gileade, 98, 172, 184  
 Raquel, 35, 36, 37  
 Ras Shamra, 36, 38, 89  
 Rawlinson, Sir Henry, 234  
 Ré, 44, 46  
 Rebeca, 33, 35  
 Recabitas, 322  
 Refaim, 26  
 Refidim, 53, 90  
 Refúgio, Cidades de, 82  
 Reino Antigo, 24, 25  
 Reino Médio, 25, 26, 44, 46  
 Reino Novo, 25, 43, 46, 49, 50  
 Reis, o Primeiro Livro de, 138—151  
 Reis, o Segundo Livro de, 151—219  
 Reisner, George, 168  
 Religião egípcia, 45—46  
 Reobão, 113, 150, 158, 165, 166, 177—178  
 Retorno, o, 241—247  
 Revised Standard Version, 4  
 Rezim, 150, 159, 189, 199, 286, 291, 369  
 Rezom, 148, 150, 158  
 Ríbla, 222, 323  
 Rowley, 47  
 Rúben, 36, 74, 77, 82, 91, 98  
 Rute, 102, 109, 110  
     Livro de, 110  
  
 Sabá, Rainha de, 147  
 Sabaco, 202, 287  
 Sábado, 66—67, 260, 261  
 Sabático, Ano, 67  
 Sacerdócio, 61—63  
 Sadraque (Hanania), 350, 352  
 Salamina, Batalha de, 234  
 Salmamezer III, 150, 152, 159, 160, 172, 185, 186, 363  
 Salmamezer IV, 161  
 Salmamezer V, 150, 166, 190, 370  
 Salmos, Livro de, 1, 239, 265, 271—273  
     Alfabéticos, 273  
     Históricos, 273  
     Messiânicos, 273  
     Penitenciais, 272  
     de peregrinação, 272  
     de Louvor, 272  
     de Orações dos justos, 272  
     Títulos dos, 271  
 Salomão, 47, 101, 125—149, 165, 177, 178, 274  
     Projetos de construção, 145  
     Templo, 141—145  
 Salomão, Cantares de,  
     Teoria de Adonis-Tamus, 280  
     Ponto de vista alegórico, 280  
     Livro de, 1, 265, 280—282  
     Teoria dramática, 280  
     Teoria do ciclo matrimonial, 280  
 Salum (Jeoacaz), 188, 214, 369  
 Samaria  
     Cidade de, 168, 169, 175, 188, 377  
     País, 27  
 Samassumuquim, 162, 220, 386  
 Sambalate, 256, 257, 262  
 Samsi-Adade I, 23, 160  
 Samsi-Adade V, 161  
 Samuel, 101, 116—124  
 Samuel, Primeiro Livro de, 113—124  
 Samuel, Segundo Livro de, 125—138  
 Sangar, 101, 103, 104  
 Sansão, 101, 103, 108, 109, 114  
 Santuário, 59—61  
 Sara (Sarai), 32  
 Sardes, 229  
 Sarduris III, 198  
 Sargão I, 22, 23  
 Sargão II, 161, 190, 201, 202, 287, 377  
 Satrapias, 233  
 Saul, 101, 114, 119, 120—124, 126, 128, 130, 131  
 Saussatar, 88  
 Seba (benjamita), 135  
 Sebitco (Sabataca), 204  
 Secanias, 257  
 Sem, 17  
 Semaías  
     um cativo, 312, 320, 332  
     um profeta, 150, 178  
 Semanas, Festa das, 70  
 Senaqueribe, 161, 162, 204, 205, 299, 300, 378  
 Seom, 17  
 Septuaginta, 3, 33  
 Seraías, 326  
 Sete, 15  
 Seti I, 45  
 Sião (Jerusalém), 128, 145, 289, 290, 293, 295, 303,  
     304, 305  
 Sidom, 137, 141, 158, 161, 319  
 Siló, 98, 110, 117, 118, 166, 319  
 Siloé, Túnel de, 287  
 Simeão, 36, 74, 98  
 Simei, 140  
 Sinai, 55, 58, 59, 66, 73, 74, 75, 76, 83  
 Sinar, 17  
 Siquem, 28, 32, 36, 37, 91, 98, 106, 165, 166, 177  
 Síria, 26, 87, 88, 89, 113, 132, 158—159, 361, 362  
 Siro-Efraimita, Guerra, 189, 200, 291  
 Sisaque, 86, 165, 178  
 Sisera, 104  
 Sodoma, 32, 295  
 Sofonias,  
     Sacerdote, 312, 320  
     Profeta, 375  
     Livro de, 381—383  
 Soncino, 2  
 Sucote, 36, 52  
 Sumérios, 19, 22, 23  
 Supilulíume, 88  
 Sur, Deserto de, 53  
 Susa, 24, 233, 248, 255  
  
 Tabernáculo, 55, 59, 69, 75, 76, 79, 118, 137, 143  
     Festa dos Tabernáculos, 70, 144, 244, 278, 393, 394  
 Tabor, Monte, 105  
 Taharqa (Tiraca), 162, 204, 206  
 Tamar, 38, 145  
 Tamuz, 335  
 Tanaque, 103  
 Tanis, 45  
 Tapanes (Tel Dafenneh), 313, 324  
 Társis, 363  
 Tatenai, 246  
 Tebas, 24, 25, 44, 45, 113, 386  
 Tecoa, Mulher de, 134

- Templo  
   Construção do, 141—145  
   Reconstrução do, 245—247  
 Terá, 17, 31  
 Termópilas, Batalha de, 234  
 Thiele, Edwin C., 152, 153, 183, 189, 196  
 Tibni, 168  
 Tiglate-Pileser I, 86, 113, 160  
 Tiglate-Pileser III, 150, 159, 161, 188, 189, 190, 198, 199, 200, 201, 242, 286, 297, 363, 377  
 Tiraca, 162, 204, 206  
 Tiro, 115, 137, 141, 169, 319  
 Tirza, 166  
 Tobe, 114  
 Tobias, 256, 257, 258, 261  
 Tola, 101, 106,  
 Transgressão, Ofertas pela, 66  
 Trombetas, Festa das, 67  
 Tutancanon, 45, 103  
 Tutmés I, 44  
 Tutmés II, 44  
 Tutmés III, 44, 88  
 Tutmés IV, 44, 88  
 Tyndale, William, 4  
  
 Ugarite (Ras Shamra), 36, 38, 89  
 Unger, Merrill F., 94, 189  
 Ur, 22, 31  
 Urartu, 222  
 Urias,  
   o heteu, 133  
   o profeta, 214, 319  
   o sacerdote, 200  
 Ur-Namu, 23  
 Uzá, 129  
 Uzias, 150, 189, 196, 196—198, 285, 369, 370, 377  
  
 Vasti, 248  
 Velho Reino (Egito), 24, 25  
 Vincent, Padre H., 47, 93  
 Vulgata, 3  
  
 Washshukanni, 88  
 Wen-Amom, 113, 114  
 Wolley, C. Leonard, 22  
 Wright, G. Ernest, 93  
 Wycliffe, John, 4  
 Xerxes (Assuero), 234, 235, 248, 249, 250  
  
 Zacarias,  
   Livro de, 394—398  
   Rei de Israel, 188, 369  
   Profeta pós-exílico, 246, 286, 333, 391, 392, 399  
   Profeta do reino do Sul, 198  
   Filho de Jeoiada, 194  
 Zadoque, 139  
 Zebulom, 74, 98, 105  
 Zedequias,  
   Profeta de Acabe, 172  
   Falso profeta, 312, 319  
   Rei de Judá (Matanias), 150, 215—217, 224, 236, 311, 318, 321, 326, 332  
 Zelofeade, Filhas de, 81  
 Zerá, 179  
 Ziclague, 115, 123, 129  
 Zife, 122  
 Zinri, 167, 188  
 Zinri-Lim, 23  
 Zipora, 49  
 Zobá, 114, 158  
 Zofar, 267, 268  
 Zorobabel, 244, 245, 246, 253, 257, 260, 301, 391, 392, 393, 394, 395, 396